NOVAFCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

As ânforas do sítio romano de Almoínhas (Loures, Portugal): Análise tipológica, crono-estratigráfica e económica (sécs. II-VI d.C.).

Martim Afonso Timóteo Tomé Rocha Lopes

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

(versão corrigida e melhorada após defesa pública)

Abril, 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor José Carlos Quaresma e Doutor Josep Anton Remolà Vallverdú.

Agradecimentos

O meu agradecimento, em primeiro lugar, ao Professor Doutor José Carlos Quaresma, pela introdução ao sítio de Almoínhas e pela sua pronta disponibilidade na orientação deste trabalho e a constante transmissão de conhecimentos durante todo o percurso.

Ao Professor Doutor Josep Anton Remolà Vallverdú, por ter aceite ser o meu co-orientador e pela calorosa recepção aquando da minha visita a Tarragona. Obrigado pelo apoio prestado e prontos conselhos.

Um agradecimento à Arqueóloga Ana Cristina Oliveira, do museu municipal de Loures, pela disponibilidade para me ceder os dados das intervenções camarárias, bem como pelas proveitosas conversas sobre os antecedentes do sítio arqueológico e da ocupação romana de Loures.

Agradecemos também à Arqueóloga Ana Raquel Silva, do museu municipal de Loures, pela cedência de informação e bibliografia quanto aos sítios de Frielas e Unhos, bem como por nos possibilitar o acesso à colecção anfórica de Frielas.

Queremos igualmente deixar um agradecimento ao Doutor Alejandro Quevedo pela sua opinião quanto à ânfora atípica recolhida em Almoínhas e os seus comentários quanto à sua possível origem.

Um obrigado ao Paulo pela amizade e preciosa ajuda com o árduo trabalho de inventariar as ânforas e as longas conversas sobre romanos e o propósito de Almoínhas.

Por fim, um agradecimento à minha família pelo apoio constante e pela paciência de todas as horas em que me ouviram a falar de cerâmica, romanos e economia antiga, incentivando-me constantemente.

Resumo

O presente trabalho tem como objectivo principal desenvolver o conhecimento sobre os contentores anfóricos exumados nas intervenções arqueológicas no sítio das Almoínhas, a cargo do MML (1995-2002) e da empresa ERA-Arqueologia (2005/2006), o qual está sito no concelho de Loures, com uma ocupação comprovada entre o inicio do século II e o século VI d.C..

Trata-se de um sítio com uma arquitectura complexa, com diferentes espaços cujo carácter alterna entre funções habitacionais e produtivas, contando com três fornos de produção cerâmica. Importa esclarecer o papel que este sítio teve na sua zona de implantação, actualmente parcamente conhecida, com excepção da *villa* de Frielas, situação que se procura clarificar através da sequenciação cronológica da evolução dos fenómenos comerciais de importação obtidos através das ânforas.

Analisar-se-á assim a estratigrafia em paralelo com os materiais, de forma a estabelecer uma crono-estratigrafia que possa ser utilizada para compreender cronologicamente a evolução do espaço, bem como a sua relação com a sua região de implantação, adoptando-se uma perspectiva económica.

Palavras-chave: Lusitânia; centros de consumo; rotas comerciais; Antiguidade Tardia.

Abstract

The present work has the main objective of advancing the existing knowledge about the *amphora* retrieved on the archaeological excavations on the site of Almoínhas by the municipality of Loures (from 1995 to 2002) and by the private company ERA-Arqueologia (2005/2006), which has revealed a roman occupation between the beginning of the II century A.D and the VI A.D..

This a site with a complex architectural layout, with different areas with distinct functionalities, either residential or productive, even counting with three ovens for ceramic production. It is of great importance to clarify the role that this archaeological site played on the region in which was installed, since until now, with the exception of the *villa* of Frielas, little is known about the roman occupation on the area of Loures, situation that we aim to alter with the study of the amphora and the systematic analyse of the chronological stratigraphy and the comercial phenomena contained within it.

Therefore, the stratigraphy will be analysed alongside the ceramic evidences in order to establish a crono-stratigraphy that may be employed to comprehend the chronological evolution of the site and its relation with the area where it is situated, specifically on the economical relations established by this roman site and its surroundings.

Keywords: Lusitania; consumption centres; trade routes; Late antiquity.

Índice

1. Introdução 1

2. Metodologia 3

3. As escavações arqueológicas do sítio de Almoínhas 6

4. Estado do conhecimento das evidências arqueológicas das Almoínhas 8

5. Breve estado da arte da arqueologia romana em Portugal, economia antiga e consumo anfórico na *Lusitania* e *Ager Olisiponensis* 10

6. Conjunto anfórico de Almoínhas – análise formal.....14

6.1. Produções Lusitanas.....14

6.2. Produções Béticas 29

6.3. Produções Gálicas 37

6.4. Produções Itálicas.....39

6.5. Produções Africanas.....40

7. Análise evolutiva e económica intra-sítio, regional e provincial (séculos I a VI d.C.)45

7.1. A evolução do sítio segundo a sua crono-estratigrafia.....45

7.2. Ritmos económicos do sítio das Almoínhas – Análise integrada do espólio de *terra sigillata*, Cerâmica africana de cozinha e ânforas (crono-tipologia e crono-estratigrafia)95

7.3. Comparação com o *Ager Olisiponensis* 105

7.3.1. Zona da várzea do rio de Loures.....105

7.3.2. Comparação com a cidade de *Olisipo* e restante *ager* 109

7.3.3. Comparação com outros contextos da província da *Lusitania* 115

8. Considerações Finais.....117

9. Bibliografia 119

Anexo I – Descrição pormenorizada das intervenções arqueológicas nas Almoínhas

Anexo II – Diagramas estratigráficos das intervenções

Anexo III – Material gráfico

Anexo IV – Tabelas de quantitativos gerais e de fases estratigráficas

Anexo V – Tabelas de espólio por unidade estratigráfica

Anexo VI – Estampas

Anexo VII – Plantas

Anexo VIII – Grupos de fabrico das ânforas das Almoínhas

Anexo IX – Inventário

Lista de abreviaturas

U.E. – unidade estratigráfica

NMI – número mínimo de indivíduos

ENP – elementos não plásticos

TSI – *terra sigillata* itálica

TSSG – *terra sigillata* sudgálica

TSAf – *terra sigillata* africana

TSHT – *terra sigillata* hispânica tardia

TSFT – *terra sigillata* foceense tardia

CAC – cerâmica africana de cozinha

VVP – verniz vermelho pompeiano

DSP – dérivées des sigillées paléochrétiennes

MML – museu municipal de Loures

1. Introdução

Esta dissertação foca-se numa análise do espólio anfórico do sítio romano de Almoínhas, o qual tem uma cronologia balizável entre o final do século I/início do século II d.C. e o primeiro quartel do século VI d.C., tendo surgido na sequência da nossa participação numa campanha de triagem dos materiais anfóricos no decorrer do ano de 2018/2019.

A várzea de Loures, dada a sua proximidade à cidade de Lisboa tem sido alvo de uma pressão urbanística crescente, situação que resultou, desde finais da década de 90 do século XX, na intervenção de dois significantes contextos romanos e tardo-romanos na área de Loures (Almoínhas e *villa* de Frielas), sendo que no caso do sítio em estudo este sofreu intervenções arqueológicas mais profundas em área aquando da construção de uma superfície comercial e acessos viários, uma vez que já tinha sido anteriormente aferida por intervenções municipais a existência de uma ocupação romana naquele local.

Dada a dimensão da intervenção, com uma área de cerca de um hectare de vestígios e centenas de milhares de fragmentos cerâmicos exumados, este é um espaço que, como foi comprovado pelo estudo das cerâmicas finas (Quaresma, 2018, 2018-2019, 2019 e 2020a, no prelo a), apresenta uma estratigrafia com uma larga diacronia e contextos fiáveis para a realização de estudos com ênfase em questões crono-estratigráficas e comerciais, levantando-se também a hipótese de se tratar de um *vicus* (Quaresma, 2018: 199; 2019: 301), situação que seria inédita no contexto da península de Lisboa. Destaca-se também o espólio anfórico de dimensão considerável e com o qual se poderá contribuir para o estudo do *ager Olisiponensis*, o qual, a nível das ânforas, ainda se encontra parcamente conhecido para além da realidade de *Olisipo*.

Assim, é objectivo principal da dissertação proceder ao estudo e divulgação em âmbito científico do espólio anfórico exumado no sítio das Almoínhas na totalidade das intervenções realizadas entre os anos 1995 e 2006 (Oliveira, 1998b, 2000, 2001a, 2001b e 2002; Coelho, 2007) com a classificação e estudo dos fragmentos cerâmicos.

Procura-se igualmente compreender a relação existente entre o conjunto anfórico e o conjunto de cerâmicas finas e de cozinha já estudado (Quaresma 2018, 2018-2019, 2019, 2020a, no prelo a), através da comparação entre os dados crono-tipológicos e crono-estratigráficos de ambos os conjuntos, assim comprovando ou não a existência de

um padrão coeso nas importações do sítio arqueológico. A par disto tem-se também como objectivo a percepção da dinâmica económica de Almoínhas a nível interno e regional, com a análise da sua relação com o sítio de Frielas, cujo espólio anfórico e de cerâmicas finas já se encontra estudado (Policarpo, 2010; Quaresma, 2017b) e é possível de comparação com o de Almoínhas, perspectivando-se assim que seja possível compreender em maior profundidade as dinâmicas comerciais que caracterizam a área geográfica onde os sítios se encontram à época romana.

Por fim procura-se igualmente aprofundar a compreensão da evolução do edificado das Almoínhas, bem como as suas possíveis funcionalidades. Pretende-se alcançar o objectivo através da análise do conjunto em estudo e da estratigrafia do sítio arqueológico, com o mapeamento dos fenómenos e a sua interpretação estratigráfica.

2. Metodologia

De forma a cumprir os objectivos propostos, foram definidas duas fases de trabalho, sendo que a primeira pressupõe o inventário e classificação do espólio, seguindo-se a segunda fase com o processamento dos dados anteriormente obtidos.

No respeitante ao inventário e classificação do espólio anfórico do sítio das Almoínhas, existe a necessidade da definição de uma metodologia de abordagem aos materiais. Esta consistiu, em primeiro lugar, na lavagem dos materiais que ainda não tenham sido intervencionados aquando da escavação (espólio quantitativamente reduzido), estando também parte já marcado (espólio das intervenções camarárias).

Em seguida deu-se início ao registo informatizado dos fragmentos através de um inventário em suporte digital com recurso ao programa *Microsoft Access*, criando-se para tal um formulário para preenchimento com os devidos campos referentes a número de inventário; informações estratigráficas (U.E e área; camada, quadrícula e sector); descrição dos fragmentos (classificação, cozedura e medições); campos destinados a informações de desenho e fotografia; e por fim, um campo destinado a outras observações pertinentes. A descrição dos fragmentos consiste no registo da porção existente (bordo, fundo, asa ou bojo); bem como da sua classificação formal (ex: Lusitana 3), do seu fabrico (ex: Tejo-Sado, Bético). Registar-se-á ainda neste âmbito as medidas relacionadas com diâmetro e espessuras dos fragmentos, bem como possíveis decorações, grafitos e marcas de fogo.

No decorrer do inventário foram identificados mais alguns fragmentos de *Terra Sigillata*, tendo estes sido registados numa base de dados individual e posteriormente integrados no presente trabalho aquando da análise comparativa entre o espólio anfórico e de cerâmica fina.

Durante a elaboração do inventário foi também efectuado o registo gráfico e fotográfico dos fragmentos, sendo que os critérios utilizados para a selecção dos materiais foram as condições de preservação dos mesmos, havendo preferência pelos perfis mais completos, bem como a sua inserção na estratigrafia do sítio.

O registo gráfico foi efectuado com recurso a desenho à escala 1:1 da secção dos fragmentos em papel milimétrico. Este foi depois processado em *Adobe Illustrator*, procedendo-se à vectorização das secções, com o devido espelho para a vista externa, com a adição de uma escala virtual conforme as várias reduções aplicadas aos desenhos

(1:2 para os desenhos mais pequenos – escala cinzenta; 1:3 para os perfis mais completos).

Quanto ao registo fotográfico, este foi feito sobre um fundo branco ou de cor contrastante, com uso de escala na fotografia. Foi efectuada fotografia de pormenor nos casos em que existia alguma decoração ou marca que requeresse especial registo.

O registo das amostras arqueométricas foi efectuado através de um microscópio digital *Levenhuk* DTX 90 com uma ampliação de 22,31. A escala gráfica empregue na totalidade das fotografias das amostras corresponde a 0.996mm.

Na sequência da recolha de amostras arqueométricas foram definidos, ainda que sem um grande aprofundamento, fabricos cerâmicos para as várias origens de produção das ânfôras de Almoínhas, informação que se encontra sintetizada no anexo VIII.

No processamento estatístico dos dados obtidos adoptou-se as metodologias de contabilização propostas pelo protocolo de *Beauvray* (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998), seguindo os princípios do Número Mínimo de Indivíduos (NMI), contabilização que foi utilizada para a totalidade da análise, apenas sendo feita referência ao número de fragmentos nos casos explicitamente indicados.

Nos casos em que uma unidade estratigráfica apenas apresentava um fragmento de bojo este foi contabilizado como um indivíduo, ainda que indeterminado, de forma a representar a presença dos vários fabricos nas U.E.

Nas situações em que ocorreu a existência de casos onde era possível verificar que dois fragmentos não pertenceriam à mesma ânfora, mas o protocolo consideraria a sua contabilização como um só individuo foi efectuada por nós uma alteração à metodologia proposta, contabilizando os dois fragmentos como dois indivíduos.

Seguiu-se a reconstrução das matrizes estratigráficas das várias intervenções arqueológicas, bem como a elaboração de uma planta geral de sítio para o enquadramento dos fenómenos elaborada em software de sistema de informação geográfica (SIG), sendo estas subdivididas de acordo com as fases estratigráficas definidas pela análise crono-estratigráfica efectuada no âmbito desta dissertação.

No decorrer da reconstrução das matrizes estratigráficas verificou-se que no relatório das intervenções apenas existiam já elaboradas as matrizes dos sectores de menores dimensões, estando por reconstruir as matrizes das áreas 1 a 4, tendo por nós

sido consultadas as fichas individuais das 1096 U.E. referentes estas zonas (719 U.E. da área 1; 10 U.E. da área 2; 320 U.E. da área 3; e 47 U.E. da área 4) para a elaboração das respectivas matrizes (anexo II).

No que respeita às plantas do sítio, estas elaboradas sobre a base cartográfica anteriormente produzida pelas intervenções da CML e da ERA-Arqueologia, sendo que todas as plantas foram manualmente vectorizadas em software georefenciado, tendo, no caso das intervenções da ERA, sido posteriormente adicionados alguns dados às plantas a partir das ortofotografias entretanto disponibilizadas pela ERA-Arqueologia.

Por fim, cruzou-se os dados estatísticos das ânforas com as cerâmicas finas, utilizando as contabilizações estatísticas e a divisão dos NMI pelas décadas de produção/circulação de ambas as categorias cerâmicas, de forma a constituir gráficos de importação à década que pudessem ser sobrepostos para a retirada de elações quanto à análise comercial.

Tendo existido constrangimentos relativos a espaço na presente tese, a descrição mais detalhada das intervenções arqueológicas no sítio arqueológico das Almoínhas, bem como as figuras e gráficos ilustrativos, tiveram de ser remetidos para anexo, tendo sido apenas deixado no corpo do texto os dados indispensáveis para a leitura da dissertação.

3. As escavações arqueológicas do sítio de Almoínhas

O arqueossítio das Almoínhas[1] localiza-se na freguesia e concelho de Loures, no distrito de Lisboa, com as coordenadas geográficas: Lat. 38º49'25'',9 Norte; Long. 9º09'57'',9 Oeste, segundo o meridiano de Greenwich (Oliveira, 2001a: 69). Insere-se numa área entre a povoação da Mealhada e a cidade de Loures, na encosta Este da Serra de Montemor. Esta é uma região de algumas elevações e linhas de água que fazem parte da bacia hidrográfica do Tejo, de onde se destaca o rio de Loures como curso de água principal das proximidades (Brazuna e Coelho, 2012: 103).

As zonas mais baixas de Loures apresentaram-se, antigamente, cobertas por enormes braços de água que tinham penetrado o vale do tejo, sendo que estes permitiriam a circulação fluvial até Almoínhas até ao século XVI (Oliveira, 2001a: 70). Isto possibilitaria o papel de Almoínhas enquanto um importante ponto comercial, não só devido aos acessos fluviais, mas também devido à sua proximidade da via romana entre *Olisipo* e *Bracara Augusta* (Silva, 2012: 93), e ainda à proximidade de *Olisipo*, o maior porto do ocidente da *Lusitania*, estando inserida no território do *ager Olisiponensis* e assim beneficiando, com relativa proximidade, de um grande mercado de consumo para os seus bens (Quaresma, 2018: 2).

A sua implantação geográfica, com terrenos de elevada fertilidade e proximidade a linhas de água, bem como a disponibilidade de matéria prima em abundância para a edificação de estruturas e o fornecimento de argilas para os seus fornos, dado o sítio encontrar-se numa área de formação de conglomerados, arenitos e argilas da calçada de Carriche, confrontando o "Complexo basáltico de Lisboa" a Sul, constituído por uma sucessão de derrames lávicos (Brazuna e Coelho, 2012: 104) tornaram este espaço numa zona ideal para a implantação de um aglomerado urbano romano.

Foram efectuadas escavações arqueológicas por duas entidades entre 1995 e 2007, sendo as primeiras intervenções realizadas ficarão a cargo do MML, que intervencionou o sítio anualmente de 1995 a 2001, seguindo-se nova intervenção em 2005/2006 pela empresa ERA-Arqueologia, dado que o sítio iria ser afectado pela construção de uma superfície comercial.

[1] A terminologia Almoínhas remete em época medieval para a designação de hortas, motivo que poderá justificar em parte o estado de conservação das estruturas, que se apresentam relativamente mal conservadas, com pouca cota murária conservada e reduzida potência estratigráfica observável sobretudo na área 3.

As intervenções municipais intervencionaram uma área relativamente vasta, anteriormente prospectada em 1990, sendo que devido à metodologia de escavação escolhida, com a realização de pequenas sondagens (maioritariamente designadas de sectores), o conhecimento existente é parcial.

Foram assim intervencionadas um total de sete zonas (Sectores I, II, III, IV, V=Sondagem 1, VI e sondagem 2), que permitiram identificar uma zona edificada (sector IV), uma área de necrópole (sector II) e uma área de lixeira (sector V). A par disto foram identificados vários troços de muro junto à área de necrópole, no entanto, não ficou clara a sua relação nem natureza.

Em 2005/2006 ocorre nova intervenção, após a aquisição do terreno por parte da empresa Lidl, com vista à construção da superfície comercial actualmente existente sobre o sítio e seus acessos viários. No final do ano de 2004, tiveram lugar trabalhos arqueológicos de diagnóstico e minimização, os quais prolongaram-se até ao ano de 2006, visto ter sido efectuada uma intervenção após o acompanhamento revelar vestígios arqueológicos (Coelho, 2007).

Com uma intervenção marcada por uma escavação em área, foram inicialmente efectuados trabalhos de diagnóstico com 27 sondagens, a partir das quais foram identificadas as zonas que necessitavam de intervenção arqueológica em área.

A maioria dos dados existentes está afecta às grandes áreas de intervenção (Áreas 1 a 4, fornos e escadaria), onde se exumaram contextos arquitectónicos complexos, com pelo menos uma estrutura residencial (Área 1), uma lixeira (Área 4), uma nova (?) área de necrópole (escadaria) e três estruturas produtivas (fornos).

A par disto, formas detectadas algumas zonas com vestígios arqueológicos, que dado não afectados pelas construções contemporâneas a efectuar, não foram intervencionados.

4. Estado do conhecimento das evidências arqueológicas das Almoínhas

A ocupação romana em Loures tem sido progressivamente identificada desde os finais do século XIX, no entanto, apenas havendo um efectivo mapeamento dos vestígios no ano de 2000 com a redacção da primeira carta arqueológica de Loures, entretanto revista e publicada em 2009. Estão assim contabilizados para o concelho de Loures um total de 27 sítios com ocupação romana, estando apenas 6 situados na várzea de Loures (VV. AA., 2009), onde se enquadra o sítio das Almoínhas.

O sítio tem sido tradicionalmente conotado como *villa* (Oliveira, 2001a: 86; Brazuna e Coelho, 2012: 103-114), no entanto, dadas as análises mais recentes efectuadas por José Carlos Quaresma aquando do estudo das cerâmicas finas, coloca-se a hipótese de se tratar de um *vicus* ao invés de uma *villa* (Quaresma, 2018: 199-230).

As primeiras escavações deram-se entre os anos de 1995 e 2002, pelo MML, sob a direcção da arqueóloga Ana Cristina Oliveira (Oliveira 1998b, 2000, 2001b e 2002; Oliveira, 2001a: 70-73). Em 2005, com a compra do terreno pela empresa Lidl, foi contratada a empresa ERA-arqueologia para efectuar escavações arqueológicas de emergência. Como tal, foi efectuada uma sondagem de diagnóstico em 2005 e escavações em 2006 (Coelho, 2007: 8).

Dos primeiros trabalhos arqueológicos (CML) foram sendo efectuadas publicações pontuais e uma exposição entre os anos de 1998 e 2011, onde foram dadas a conhecer algumas das estruturas do sítio (Oliveira, 1998 e 2001), parte do espólio anfórico (Deus, 1998), e parte do espólio faunístico, especificamente as evidências de mamíferos e aves no sector V (lixeira), tendo, no entanto, sido notada também a presença de répteis e peixes (Costa, 2011; Nabais e Costa, 2018). De realçar que a realização da exposição em 1998 resultou na publicação de um catálogo com quatro capítulos onde se abordaram as diversas tipologias de materiais exumadas até então em Almoínhas (Oliveira, 1998; Deus, 1998; Fernandes, 1998; Ruivo, 1998).

Na sequência da publicação do catálogo da exposição "Da vida e da morte: os Romanos em Loures", publicado em 1998, foram escritos mais dois artigos pela arqueóloga Ana Cristina Oliveira, sobre um conjunto de estruturas das Almoínhas, tendo sido um apresentado no 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (2000), e o outro publicado com uma súmula dos trabalhos desenvolvidos entre 1995 e 1996 (2001).

Já em 2007 é concluída a intervenção da ERA-arqueologia cuja escavação revelou uma ocupação que excede a área de 1 hectare, com dois núcleos principais (Áreas 1 e 3); uma zona de lixeira (Área 4); a continuação da necrópole camarária; e uma zona de produção cerâmica com três fornos de câmara circular (Coelho, 2007), sendo que houve uma publicação sumária destes resultados em 2012 por Sandra Brazuna e Manuela Coelho.

No entretanto, foram elaborados três trabalhos finais de licenciatura sobre o sítio de Almoínhas versando o aterro da Área 1 (Fernandes, 2007), os marcos miliários e cerâmica comum associada recolhidos na Área 4 (Pais, 2007) e o forno 3 (Silva, 2007). Estes trabalhos, ainda que desenvolvendo o conhecimento sobre o sítio arqueológico em relação a estes contextos em particular, não permitiram estabelecer qualquer diacronia para o sítio, nem fornecer uma perspectiva integrada do espaço.

Até 2018 o sítio permaneceu sem qualquer outra iniciativa de estudo ou publicação, tendo até esse momento sido dada predominância à temática das estruturas. Com a publicação da primeira análise da crono-estratigrafia do sítio com base no estudo da *terra sigillata* e lucernas por José Carlos Quaresma (2018) foram conhecidas as fases de ocupação do sítio entre 100 e 320 d.C.. Seguiu-se o estudo das fases entre 320 e 525 d.C., bem como das cerâmicas africanas de cozinha e as suas imitações (Quaresma, 2018-2019 e 2020 a).

Os estudos das cerâmicas finas permitiram balizar de forma mais definitiva a datação do sítio entre o inicio do século II d.C. e o século VI d.C., com cronologias fixadas para as Áreas 1, 3 e 4 (Quaresma, 2018 e 2018-2019).

Em 2021 foram publicados dois novos artigos no âmbito do Projecto Lisboa Romana, um versando apenas a evolução diacrónica do espaço onde se inserem as Almoínhas entre a pré-história e a época contemporânea, e outro versando o conjunto de IEV das Almoínhas (Oliveira, 2021; Quaresma, 2021a).

5. Breve estado da arte da arqueologia romana em Portugal, economia antiga e consumo anfórico na *Lusitania* e *Ager Olisiponensis*

Os estudos do período romano no actual território português observaram um grande desenvolvimento na pessoa de D. Fernando de Almeida, no decorrer do século XX, tendo sido responsável pelo incremento dos trabalhos em Idanha-a-Velha, Santiago do Cacém, Tróia e S. Miguel de Odrinhas, bem como o relançar da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Encarnação, 2002: 196).

A partir deste momento observou-se, sobretudo nas décadas de 50 e 60, uma transição para uma metodologia mais científica, tendo nos anos 80 ocorrido o desenvolvimento de campos como a epigrafia e a numismática, os quais tinham até então tinham sido relegados para segundo plano. Neste momento foi defendida também a primeira tese de doutoramento com uma temática exclusivamente arqueológica, com a abordagem por Jorge Alarcão às cerâmicas comuns de Conimbriga. Esta cidade romana afirmou-se então como uma das escolas principais da arqueologia romana nacional, culminando na publicação das *Fouilles de Conimbriga* (Alarcão e Etienne, 1974), onde se compilam pela primeira vez todos os resultados obtidos nas escavações dos vestígios romanos de Conimbriga em oito volumes com vasto catálogo e descrição dos materiais exumados (Encarnação, 2002, p. 197).

Foi também em 1973 editada a obra *Portugal Romano* (Alarcão, 1973), a qual seria revista e novamente publicada em português em 1988 por Jorge Alarcão, e onde se procura efectuar uma recolecção das evidências de época romana no território Português. Em período mais recente, foi editada pelo mesmo autor uma nova recolecção, a qual se encontra agora dividida por província (Lusitânia e Galécia), de forma a cobrir todo o actual território Português (Alarcão, 2018).

A nível europeu, desenvolveram-se em paralelo grandes investigações ceramológicas, as quais produziram trabalhos de índole eminentemente morfológica, dando origem a tipologias ainda utilizadas nos trabalhos mais recentes como referenciais datantes (Quaresma, 2015: 9), apenas tendo sofrido pequenos ajustes cronológicos, como ocorre por exemplo com o caso da tese de Michel Bonifay (2004), que revê algumas datações anteriormente propostas por John Hayes em 1972, tendo por base os centros produtores ao invés dos centros de consumo.

Quanto ás teorias que abordam a dinâmica económica do período romano estas são possíveis de distinguir em duas correntes principais a partir do século XX, as quais têm como ponto de ruptura com a corrente clássica e a corrente histórica a mudança do foco nas cidades para outras estruturas como a agricultura e o comércio.

A corrente primitivista, assente sobre a teorias defendidas originalmente por M. Finley (1973) defende modelos essencialmente baseados em estudos sociológicos e antropológicos, onde não é aceite a existência de um conceito de um mercado único, considerando que, em face de profundas dificuldades de transporte, o mundo romano teria como sustentáculo a agricultura, com a existência de diversos mercados de pequena escala sem algum tipo de interdependência, onde a produção seria apenas direccionada ao abastecimento e consumo das populações locais. Este pensamento teve grande implantação no meio anglo-saxónico, tendo tido continuidade com os contributos de Duncan-Jones (1974 e 1990), Hopkins (1980) e Whittaker, passando a ser estimada uma autarcia entre os 50 e 80/85%, onde se reconhece o papel da administração central, ainda que de forma generalista, na distribuição de bens e se considera que os impostos apresentam um estímulo ao comércio.

A corrente modernista, baseada nas ideias de M. Rostovtzeff (1926) considera a economia romana como pré-capitalista, onde se reconhece a existência de mercados mais abrangentes, com o comércio a longa distância a ganhar importância, e onde se reconhece o financiamento das elites no comércio. Esta escola de pensamento terá continuidade com destaque, na escola italiana, dos trabalhos de Carandini; e dos trabalhos de Remesal Rodríguez (1986), onde se destaca o conceito da *annona*, como marca da presença da administração romana na gestão e regulação (de preços) do comércio, provando a existência de uma lógica racional e complexa nas trocas comerciais.

A perspectiva mais actual procura uma conciliação entre ambas as correntes, de onde se destaca, com ênfase nos contentores anfóricos, os trabalhos de Peacock e Williams (1986).

No que respeita à economia romana na província da Lusitânia são escassos os trabalhos que abordem a temática de uma forma lata, sendo que os estudos referentes ao mundo romano têm estado focados sobretudo em "(…) avaliar-se o comportamento tipológico e geo-económico dos materiais estudados em estratigrafia e com isso

fornecer novas pistas sobre o comércio em território lusitano." (Quaresma, 2012, p. 9), estando os dados existentes dispersos por vários artigos e teses de mestrado e doutoramento, de onde se destacam, a nível dos estudos anfóricos, os contributos de Catarina Viegas (2011) e Vitor Filipe (2019), e também, a nível do comércio através de contentores anfóricos, o trabalho de Sónia Bombico (2016).

A nível tipológico, nos contentores anfóricos ocorre uma dispersão das tipologias por várias obras de referência, das quais se destacam os trabalhos de Dressel (1899); Keay (1984); Peacock e Williams (1986); Martin-Kilcher (1987); Bonifay (2004); e, no caso das produções lusitanas, António Dias Diogo em 1987, onde se estabelecem algumas formas características deste território (Ex: Lusitana 3 e 9). Estas tipologias contam, no entanto, com obras sintéticas que condensam numa só obra as várias tipologias, como é o caso da obra *Lattara* 6 (1993); os volumes mais recentes de *Las Cerámicas Hispanorromanas* (2008 e 2012), bem como o trabalho de Bertoldi (2012).

No respeitante à ocupação tardo-antiga de Loures, os dados são ainda incipientes, limitados às análises crono-estratigráficas mencionadas superiormente, havendo também para a península de *Olisipo*, como contextos de referência para esta cronologia, o caso da *villa* da Bolacha, na Amadora (Quaresma, 2017c) e os casos do Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros (Grilo, Fabião e Bugalhão, 2013); do Palácio dos Condes de Penafiel (Silva e De Man, 2012); e das escadinhas de São Crispim (Quaresma, 2020b).

Considerada a situação da dificuldade em comparar os vários contextos, acresce como já mencionado, a escassez de contextos anfóricos com grande espólio publicados na integra para o território lusitano, de onde o trabalho de Catarina Viegas permite estabelecer algum padrão para a região do actual Algarve, e o de Victor Filipe permite compreender um pouco mais da realidade vivida em *Olisipo*, sendo que este trabalho está circunscrito cronologicamente aos séculos I-III d.C., e por tal não acompanha a totalidade da diacronia de Almoínhas e não poderá servir na integra como meio de comparação.

A dificuldade de comparação de contextos nas fases mais tardias poderá também ser associada a eventos históricos, com a data de 411 d.C. a marcar um ponto de mudança, já que é neste momento que se dá a entrada de Suevos, Vândalos e Alanos na

Península Ibérica. Em termos materiais, observa-se também, a partir de cerca de 425 d.C. uma dificuldade em atribuir cronologicamente os materiais finos.

Esta situação implica que, associada a uma destabilização económica e política na Península Ibérica, que provoca alterações na ocupação, acresce o problema da dificuldade em caracterizar os fenómenos e, por tal, os contextos mais tardios onde se recolhem contentores anfóricos não estejam tão bem definidos e sejam mais escassos na bibliografia, situação que se tem vindo a alterar no caso do conhecimento sobre *Olisipo*, com o exemplo dos casos dos contextos do Palácio dos Condes de Penafiel e das Escadinhas de S. Crispim (Silva e De Man, 2012; Quaresma, 2020b).

6. Conjunto anfórico de Almoínhas – análise formal

O conjunto anfórico exumado em Almoínhas é constituído por um total de 1503 fragmentos, com um número mínimo de indivíduos total de 603, dos quais apenas 476 indivíduos são classificáveis (anexo IV – tabela 1).

Quantos às produções representadas estas são possíveis de distinguir em sete origens distintas: Lusitânia, Bética (Vale do Guadalquivir e área litoral), Tarraconense, Baleares, Gália Narbonense, Itália (costa tirrénica/Campânia e costa adriática) e Norte de África (Zeugitana - Nabeul, Bizacena - *Sullecthum*). Destaca-se a ausência de produções oriundas do Mediterrâneo Oriental.

As produções Lusitanas detêm o predomínio com 87,4% dos indivíduos, seguidas das Béticas, com 9,3%, em especial da região do Guadalquivir (7,1%). Segue-se o Norte de África (2,1%) e a Gália Narbonense (1,5%). Com 0,2% encontram-se os fabricos Itálicos, Baleares, Tarraconenses e uma ânfora completa de proveniência indeterminada, podendo estas produções ser consideradas enquanto residuais no conjunto.

Cronologicamente é possível enquadrar o conjunto em estudo, considerando a cronologia de produção dos materiais, entre o final do século I d.C. e V/VI d.C., uma vez que estão presentes as produções de ânforas dos tipos Dressel 2-4, Haltern 70, Gauloise 4 e as versões da Dressel 20 a partir de 70 d.C., que remetem o conjunto para as últimas décadas da centúria; e as formas da Almagro 51C tardia/ Lusitana 10, Almagro 51A-B, Lusitana 9 e Dressel 23 que remetem para as fases mais avançadas na cronologia até ao máximo de 600 d.C..

Estão assim representados os tipos mais comuns lusitanos (Dressel 14, Almagro 50 e Keay XVI, Almagro 51A-B, Almagro 51C, Lusitana 3 e Lusitana 9), as formas béticas do Vale do Guadalquivir (Haltern 70, Dressel 20, Dressel 23 e Almagro 51A-B), os tipos da fachada costeira da Bética (Almagro 50, Keay XVI, Dressel 28 e Almagro 51A-B), as produções da Gália Narbonense (Gauloise 4), as produções itálicas das costas tirrénica (Dressel 2-4) e as produções oriundas do Norte de África (Africana I e II e Keay XXV/Africana III).

6.1. Produções Lusitanas

Este grupo corresponde à maioria dos exemplares exumados em Almoínhas, com 87,4% do total de indivíduos.

Estão englobadas neste conjunto pelo menos duas zonas produtivas – vales do Tejo e Sado e Peniche(?). Quanto às produções Algarvias estas não estão representadas no conjunto exumado. É possível que um dos fragmentos de fundo, inclassificável, possa pertencer às produções da região de Sines, dada a abundante presença de mica dourada no seu fabrico (anexo VIII – fabrico A 1.4).

Quanto aos grupos de fabrico definidos para as produções lusitanas definimos quatro variantes principais. De facto, o conjunto lusitano é aquele com maior heterogeneidade das produções na qual poderíamos criar várias sub-variantes, dada a grande variação de cozeduras, concentrações de ENP e resistências (dureza) das pastas.

A nível do conteúdo comercializado é possível de identificar, quer em indivíduos como litragem, um absoluto predomínio das ânforas associadas a conteúdos piscícolas face às ânforas vinárias.

Optou-se, dada a sua reduzida presença no conjunto (1 indivíduo), por não individualizar em secção própria os tipos Dressel 2-4 Lusitana. No caso das produções penichenses esta decisão é derivada também da incerteza na classificação do fragmento, uma vez que não temos certezas quanto ao seu tipo dado o seu estado de conservação.

Dressel 14

Este tipo, primeiramente categorizado em 1899 por Heinrich Dressel no volume XV do *Corpvs Inscriptionvm Latinarvm*, foi identificado no seu tipo 14, mantendo a mesma designação até ao presente, tendo-lhe sido atribuído o conteúdo de preparados piscícolas, situação que foi quimicamente comprovada mais recentemente (Oliveira, Morais e Araújo, 2015).

O seu fabrico foi atribuído à Bética em 1970 por M. Beltrán Lloris, no seu tipo IV, posteriormente sendo criado o subtipo IVB por A. Parker em 1977 de fabrico Lusitano, ainda que sendo considerada como uma imitação da congénere bética (Parker, 1977: 37-39; Filipe, 2019: 343). Na década de 80 foi enquadrada na Classe 21 de D. Peacock e D. Williams, e no tipo Lusitana 2 de António Manuel Dias Diogo (Diogo, 1987).

Com os trabalhos de Françoise Mayet e Carlos Tavares da Silva (1998 e 2002) este tipo foi diagnosticado como sendo primeiramente originário da Lusitânia e posteriormente replicado nas oficinas béticas (Filipe, 2019: 343-344).

Esta ânfora retira inspiração formal das suas predecessoras Haltern 70 e Dressel 7-11, sendo caracterizada por um bordo de secção triangular ou arredondada, os quais têm uma espessura variável e estão destacados da parede do colo. O colo é habitualmente alto, cilíndrico, com uma transição para o ombro mais ou menos acentuada, dando lugar a um corpo cilíndrico que termina num bico fundeiro alongado que pode ser oco ou preenchido com uma bola de argila. As suas asas são de secção ovalizada com um sulco longitudinal acentuado, arrancando de baixo do bordo e terminando sobre o ombro (Filipe, 2019, p. 344-346; Fabião e Carvalho, 1990: 47; Mayet e Silva, 1998: 62; Raposo e Viegas, 2016).

A produção desta forma está enquadrada entre meados do século I d.C. e a primeira metade do século III, ainda que a partir de finais do século II a produção entre em progressivo declínio face à Almagro 50 e 51C (Mayet e Silva, 1998: 123; Almeida et al., 2014: 416; Raposo e Viegas, 2016). Esta conheceu ao longo da diacronia uma grande variação formal, com a variante A a corresponder aos modelos mais antigos, de época Flávia; seguida da variante B, produzida no decorrer do século II d.C.; sendo a variante C a mais tardia, designada frequentemente como Dressel 14 tardia, com uma cronologia entre finais do século II e a primeira metade da centúria seguinte.

A sua produção está atestada nas diversas áreas produtivas da Lusitânia, entre a *figlina* do Morraçal da Ajuda em Peniche (Peniche tipo 10), as olarias dos vales do Tejo e do Sado, e a costa algarvia, tendo especial relevância os centros produtores do vale do Tejo e do Sado (Fabião, 2004). Destacam-se os centros produtores do Morraçal da Ajuda (Cardoso e Rodrigues, 2005; Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006; Cardoso, Rodrigues, Sepúlveda e Ribeiro, 2015), Porto dos Cacos (Raposo, 1990; Raposo e Duarte, 1996; Raposo, 2017), Pinheiro (Mayet e Silva, 1998), Abul (Mayet e Silva, 2002), Zambujalinho (Fernandes 1992; Fernandes e Carvalho, 1996), Quinta da Alegria (Coelho-Soares e Silva, 1979; Fabião, 2004), Enchurrasqueira e Vale da Cepa (Diogo, 1990; Fabião, 2004), Manta Rota (Fabião, 2004) e S. Bartolomeu de Castro Marim (Fabião, 2004).

No que respeita ás produções béticas, esta forma foi individualizada por alguns autores enquanto tipo Beltán IV, sendo defendido que a morfologia de bordo será mais arredondada que a congénere lusitana. A sua produção está atestada na área gaditana, com uma distribuição maioritariamente circunscrita à bética, sendo encontrada em

pequena quantidade na costa litoral lusitana (Viegas, 2011: 216-217). A sua cronologia será semelhante à da produção lusitana.

Quanto aos centros de consumo, esta forma está difundida pela qual totalidade do território do império romano, tendo especial relevância no território lusitano e na bacia mediterrânica (Filipe 2019: 343-349). Está atestada, ainda que em diminutas quantidades na costa do actual Líbano (Reynolds, 2001: 1057), na Cilícia (Ferrazzoli, 2010: 43), e no Norte da costa adriática da península itálica (Bombico, 2016, Vol. I, Tab. 25; Gaddi e Degrassi, 2016: 437-442). Surge mais representada na vertente tirrénica, com volumes significativos na capital, Roma (Rizzo, 2016), e no seu porto principal, Óstia (Panella, 1992: 190; Rizzo, 2012: 92; Rizzo, 2016: 409-414; Panella, 1973: 519-521; Rizzo, 2014: 240-242).

Quanto ao território Lusitano esta é uma forma amplamente representada na totalidade do território (para uma lista mais pormenorizada veja-se o trabalho de Victor Filipe – 2019), sendo que no *ager Olisiponensis* é de destacar os dados recentemente avançados quanto aos padrões de consumo da cidade de *Olisipo*, os quais poderão ser reveladores da dinâmica comercial do *ager*, com mais de 50% dos contentores lusitanos a corresponderem somente a esta forma entre o século I e III d.C. (Filipe, 2019: 349).

Em Almoínhas esta forma está representada por um total de 41 indivíduos, quatro dos quais são referentes à variante B e dois à sua variante tardia. Esta encontra-se maioritariamente representada através de fragmentos de asa, motivo pela qual não foi classificada nas suas variantes na maioria dos casos.

A sua baixa representatividade no conjunto face às ânforas baixo-imperiais (em termos de NMI), sobretudo o tipo Almagro 51C, parece reflectir o desenvolvimento acentuado das Almoínhas nas fases finais do século II d.C. e na primeira metade do século III d.C., momento em que a circulação desta tipologia já se encontra em declínio (Mayet e Silva, 1998: 123; Almeida et al., 2014: 416; Raposo e Viegas, 2016).

Lusitana 3

Esta forma corresponde a uma produção exclusivamente lusitana, herdeira da morfologia das ânforas vinárias gálicas, em particular da forma Gauloise 4 (Filipe, 2019: 350), tendo sido individualizada por António Dias Diogo em 1987 (Diogo, 1987), no seu tipo 3. Esta pode também ser considerada como afim da Dressel 30 (Raposo,

1990), ou inserida na variante A da Almagro 51C das produções do Sado, com base nos dados de Abul e Pinheiro (Mayet e Silva 1998; Mayet e Silva 2002).

Em termos morfológicos, esta ânfora caracteriza-se pelo seu bordo em fita, de tendência vertical, com uma asa que nasce sob o bordo e termina sobre o ombro, não tendo colo muito desenvolvido em comprimento. O seu corpo é caracterizado por uma forma piriforme, terminando em pé de anel (Diogo, 1987: 184; Mayet e Silva, 1998: 122; Fabião, 2008: 733; Quaresma e Raposo, 2016a).

A sua capacidade é estimada entre os 18 e 23 litros, com um conteúdo que é geralmente atribuído a produtos vinícolas, ainda que, no caso dos centros de Abul e Pinheiro sugiram um conteúdo piscícola dado existirem alguns fundos resinados (Quaresma e Raposo, 2016a).

Cronologicamente a sua produção é possível de recuar, pelo menos, até ao início do século II d.C., tendo decorrido até cerca de meados do século III, com a sua hegemonia a ocorrer entre meados do século II e as primeiras décadas do século III d.C. (Diogo, 1987: 184; Fabião, 2008: 733-735; Mayet e Silva, 2016: 68; Quaresma e Raposo, 2016a).

A sua produção está atestada nos vales dos rios Tejo e Sado, com evidências provenientes dos centros produtores do Porto dos Cacos (Raposo, 1990; Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995; Raposo e Duarte, 1996; Raposo, 2017), na Quinta do Rouxinol (Duarte, 1990; Raposo *et al*., 1995; Duarte e Raposo, 1996; Filipe e Raposo, 2009; Raposo, 2017), no Pinheiro (Mayet e Silva, 1998), Abul (Mayet e Silva, 2002), na Enchurrasqueira (Mayet, Schmitt e Silva, 1996; Quaresma e Raposo, 2016a), e, possivelmente, na Quinta da Alegria (Fabião, 2004; Quaresma e Raposo, 2016a).

No que respeita aos centros de consumo, esta forma adquire uma circulação de âmbito mediterrânico e atlântico, estando presente em contextos itálicos, gálicos, tunisinos (Bombico, 2016: 247; Long e Duperron, 2011: 45; Bonifay, 2004: 150; Bertoldi, 2012: 62), bem como no Sul da Hispânia (região da Bética) (Filipe, 2019: 352).

A nível lusitano, este contentor adquire também uma vasta circulação chegando a quase igualar os valores de Almagro 51C em vários sítios arqueológicos, tal como ocorre no caso das Almoínhas; tendo uma concentração bastante considerável na região

entre Sines e Coimbra (para uma lista em detalhe dos centros de consumo veja-se a súmula em Filipe, 2019: 352).

Enquanto que se defenda que esta é uma forma se encontra parcamente representada em parte da estratigrafia lusitana, sobretudo na região algarvia (excepção para a Foz do Arade, onde foram recolhidos alguns exemplares – Viegas, 2011) (Filipe, 2019: 350-353), parece-nos, como ocorre em alguns casos por nós analisados a nível de estampas, como em Freiria (Cardoso, 2015) e São Cucufate, Monte da Cegonha e Tourega (Pinto e Lopes, 2006), que estas formas tenham sido inseridas entre a tipologia Almagro 51C, seguindo as tendências de classificação sugeridas pelos ateliers do Sado, e por tal possa aqui surgir uma justificação para esta anomalia estatística, hipótese que ainda carece de uma investigação mais aprofundada em futuros estudos.

Este tipo representa em Almoínhas o segundo maior conjunto de indivíduos com um total de 125. A sua presença está atestada entre os contextos do século II/III d.C., onde iguala ou suplanta a presença de Almagro 51C, indo até ao século V d.C. (residual), onde diminui de forma significativa, passando a ser largamente sub-representada em relação ao conjunto de Almagro 51A-B e Almagro 51C, com o predomínio do consumo de preparados piscícolas em relação aos produtos vinícolas a ser absoluto, ainda que se detecte a presença de alguma importação vinícola com a Lusitana 9.

Almagro 50

Primeiro identificada em 1955 na necrópole de Ampúrias, esta ânfora deve a sua designação ao trabalho de Almagro (Almagro, 1955: 295 e 302), que a enquadrou no seu trabalho com o número 50, tendo posteriormente, com os trabalhos de Beltrán Lloris sobre evidências anfóricas de Ampúrias, sido confirmada como uma forma inédita e de produção hispânica (Raposo e Almeida, 2016), posteriormente sendo dada como de origem Lusitana ainda que como uma variante tardia da forma Béltran II (Parker, 1977: 39-40). Pode igualmente ser referenciada na bibliografia com as designações de Keay 22, e Lusitana 6 (Keay, 1984; Diogo, 1987).

Formalmente caracteriza-se por possuir um bordo envazado de secção tendencialmente triangular, com uma asa de secção elíptica que parte do bordo até ao ombro, e um corpo cilíndrico alongado que termina num pivot cónico e com uma moldura pronunciada (Raposo e Almeida, 2016). Esta forma tem sido também

confundida com o tipo Keay XVI, uma vez que partilham semelhanças formais, sendo que no caso da Keay XVI esta apresenta um bordo e asas mais espessadas que a Almagro 50, bem como um corpo menos cilíndrico (Keay, 1984). Esta é uma ânfora com cerca de 90-100 cm de altura e 22-25 cm de largura máxima, bem como entre 13 e 16 cm de diâmetro de bordo e uma capacidade em torno aos 22 litros (Raposo e Almeida, 2016).

O seu conteúdo será de preparados piscícolas, uma vez que foram recolhidas evidências destes conteúdos em Port-Vendres I e Sud-Lavezzi I (restos de fauna) (Chevalier e Santamaria, 1971: 32; Fabião e Guerra, 1993: 1005-1006), bem como restos de conchas em Planier VII (Benoit, 1962: 159). Outro factor que tem sido avançado como justificativo para este conteúdo é a proximidade dos centros produtores anfóricos das oficinas de salga (Fabião e Carvalho, 1990).

A sua cronologia de produção está enquadrada entre o início do século III e meados do século V d.C., proposta já avançada nos trabalhos de Almagro (Almagro, 1955), e confirmada, nos casos dos centros produtores, com os exemplos do Porto dos Cacos (Raposo, 1990; Raposo e Duarte, 1996; Fabião, 2004 e 2008; Filipe e Raposo, 2009), Quinta do Rouxinol (Duarte, 1990; Duarte e Raposo, 1996; Fabião, 2004 e 2008) e Pinheiro (Mayet e Silva, 1998).

Quanto aos seus centros produtores, a sua produção na Lusitânia está atestada nas *figlinae* do estuário do rio Tejo – Quinta do Rouxinol (Santos, 2011; Quaresma, 2017a) e Porto dos Cacos (Raposo, 1990; Raposo e Duarte, 1996; Fabião, 2004; 2008); do estuário do Sado – Abul (Mayet e Silva, 2002), Pinheiro (Mayet e Silva, 1998), Quinta da Alegria (Coelho-Soares e Silva, 1979), Enchurrasqueira/Xarrouqueira e Vale da Cepa (Diogo, 1990) (Raposo e Almeida, 2016).

O seu consumo, de origem lusitana e bética, está atestado, entre outros, nos sítios de *Olisipo* (Amaro, Manso e Sepúlveda, 2013; Pinheiro, Santos e Rebelo, 2017; Quaresma et al., 2017), Faro, Balsa, Foz do Arade (Viegas, 2011), Freiria (Cardoso, 2015), concelho de Fronteira (Alves e Carneiro, 2011), Tróia (Almeida, Pinto, Magalhães e Brum, 2014) Monte da Cegonha, Tourega, São Cucufate (Pinto e Lopes, 2006) e Évora (Basílio, 2017).

A sua distribuição também chega aos contextos mediterrânicos, estando presente em contextos de Roma (Rizzo, 2016), bem como na Gália (Bertoldi, 2012: 64) e na

Tarraconense, da qual se destacam as evidências de *Tarraco* (Remolá Vallverdú, 2000: 189).

Nos contextos de Almoínhas está presente com um total de 28 indivíduos (25 lusitanos e 3 béticos). Acrescenta-se também um indivíduo classificado enquanto Almagro 50/Keay XVI uma vez que apesar da sua morfologia remeter para uma Almagro 50, o seu diâmetro parece remeter para a classificação de Keay XVI.

Como acontece com as restantes ânforas de preparados piscícolas do baixo-império volta-se a denotar o predomínio da importação destes produtos, marcando-se uma certa estabilidade da importação, quer em NMI, quer em litragem, no decorrer da segunda metade do século III e IV d.C. no sítio arqueológico.

Keay XVI

Este tipo deve o seu nome aos trabalhos de Simon Keay (1984), onde foi primeiramente distinguida da tipologia Almagro 50 (Keay XXII), partilhando entre si uma morfologia semelhante, havendo ainda publicações que optam pela designação de Almagro 50/Keay XVI, já que esta designação ainda não é consensual entre os investigadores (Almeida e Raposo, 2016), ainda que tenha sido comprovada a sua origem na província da Bética, com posterior produção no território lusitano, esta ainda é vista em alguns casos como uma mera variante da Almagro 50 (Fabião, 1997, 2000 e 2004; Mayet e Silva, 1998).

Morfologicamente, esta ânfora caracteriza-se por ter um diâmetro de boca largo (16,5-18 cm), um bordo mais robusto que a forma Almagro 50, de tendência triangular. O seu colo é relativamente curto, com cerca de 6 cm de altura, podendo ter uma pequena moldura junto ao bordo (Raposo, 1990; Raposo e Duarte, 1996) e não tendo quase ombro, visto que este é apenas uma ligeira curvatura para o corpo, e sobre o qual assenta a asa.

A asa apresenta uma secção elíptica e desenvolve-se numa tendência verticalizante a partir do bordo até ao ombro. O corpo é tendencialmente piriforme e alongado, tendo o seu diâmetro máximo na parte inferior, o que justifica a sua transição acentuada para um fundo em pivot, oco, e caracterizado pela existência de um "anel" bastante pronunciado (Almeida e Raposo, 2016).

O seu conteúdo, à semelhança da Almagro 50, com a qual partilha centros produtores, seriam os preparados piscícolas (Almeida e Raposo, 2016).

Quanto à sua cronologia, esta está balizada entre finais do século II ou início do III d.C. e o final do século IV ou a primeira metade do século V d.C., tendo uma cronologia semelhante à sua congénere bética, que apenas previverá até ao início da centúria seguinte (Fabião, 2008, 738; Santos, 2011; Quaresma, 2017a).

A sua produção na Lusitânia está atestada nos centros produtores do Tejo e do Sado, na Quinta do Rouxinol (Santos, 2011), Porto dos Cacos (Raposo, 1990; Raposo e Duarte, 1996; Fabião, 2004 e 2008; Filipe e Raposo, 2009), Quinta da Alegria (Coelho-Soares e Silva, 1979), Pinheiro (Mayet e Silva, 1998) e Abul (Mayet e Silva, 2002). Não parecem haver vestígios que comprovem a sua produção no Algarve (Almeida e Raposo, 2016).

Com uma dispersão maioritariamente hispânica, chegando até à Gália e península Itálica (Bertoldi, 2012: 57), a forma Keay XVI, sobretudo na sua produção de origem lusitana está representada nos contextos lusitanos (frequentemente com a designação de Almagro 50/ Keay XVI) nos sítios de *Olisipo* (Almeida e Filipe, 2013; Quaresma et al., 2017), Castro Marim, Faro, Balsa, Foz do Arade (Viegas, 2011), Freiria (Cardoso, 2015), Concelho de Fronteira (Alves e Carneiro, 2011), Tróia (Almeida, Pinto, Magalhães e Brum, 2014) Monte da Cegonha, Tourega e São Cucufate (Pinto e Lopes, 2006).

Em Almoínhas, à semelhança dos contextos lusitanos mencionados *supra*, o tipo Keay XVI, é dominado pelas produções regionais (4 lusitanas e 2 béticas), surgindo como secundário quando comparado com a Almagro 50.

Almagro 51C

Esta forma deve a sua primeira individualização aos trabalhos de Almagro (1955), sendo integrada no seu tipo 51, variante C. Posteriormente foi classificada sob as designações Keay XXIII (Keay, 1984) e Lusitana 4 (Diogo, 1987), ainda que o nome original seja o mais recorrente na bibliografia arqueológica (Viegas, Raposo e Pinto, 2016).

Esta ânfora, habitualmente considerada como a forma com maior volume de produção no Baixo-Império, corresponde a um contentor de corpo piriforme ou fusiforme, com um bordo com grande variação formal entre forma triangular e arredondada, por vezes sendo também quase um bordo em banda vertical (assemelhando-se à Lusitana 3). As suas asas são em fita, habitualmente com uma ou

mais caneluras longitudinais, arrancando do bordo até ao ombro (Viegas, Raposo e Pinto, 2016). O seu diâmetro de bordo enquadra-se entre os 8,5 e os 11/12 cm, sendo que no caso deste trabalho considerou-se que fragmentos com um diâmetro de bordo superior a 13 cm pertenciam ao tipo Almagro 50 ao invés de Almagro 51C.

Quanto ao seu fundo, em pivot, este pode variar grandemente, com duas tendências dominantes, entre um fundo cilíndrico e um cónico, embora o último corresponda tendencialmente às fases mais tardias desta forma.

Para as produções lusitanas deste tipo, ocorre em alguns trabalhos que a classificação englobe também a tipologia Lusitana 3, uma vez que na investigação das produções do Sado (Mayet, Schmitt e Silva, 1996; Étienne e Mayet, 2002), esta produção foi subdividida nos tipos A, B e C, sendo que no caso do tipo A este corresponde à dita Lusitana 3, com características morfológicas muito semelhantes. No caso do tipo C, este poderá ainda ser associado à forma Lusitana 10 (variante tardia deste tipo), sendo tida como uma variante de menores dimensões (Étienne e Mayet, 2002: 185; Viegas, Raposo e Pinto, 2016).

Cronologicamente a sua produção estará enquadrada entre o final do século II/início do III d.C. e o século V d.C.. A sua cronologia é atestada nos centros produtores da Quinta do Rouxinol (Tejo) e Pinheiro (Sado), onde as datações crono-estratigráficas permitem recuar o seu início para o final do século II, bem como o seu término em torno no século V d.C. (Santos, 2011; Quaresma, 2017a; Mayet e Silva, 1998; Viegas, Raposo e Pinto, 2016).

O seu conteúdo tratar-se-á de preparados piscícolas, os centros encontram-se geralmente próximos a oficinas de salga, bem como a recolha de vestígios de escamas de peixe no interior de um exemplar no naufrágio Cabrera III (Bost et al, 1992) e alguns exemplares apresentarem revestimento interno com pez, tendo uma capacidade de cerca de 20 litros (Viegas, Raposo e Pinto, 2016).

Quanto às zonas de produção, na Lusitânia, esta está atestada nos centros dos vales do Tejo e Sado na Quinta do Rouxinol (Santos, 2011; Quaresma, 2017a), Porto dos Cacos (Raposo, 1990; Raposo e Duarte, 1996), Abúl (Mayet e Silva, 2002), Pinheiro (Mayet e Silva, 1998), Zambujalinho (Fernandes, 1992; Fernandes e Carvalho, 1996), Quinta da Alegria (Coelho-Soares e Silva, 1979) e Enchurrasqueira (Mayet, Schmitt e Silva, 1996: 50). Na região Algarvia a sua produção foi comprovada nos

sítios da Quinta do Lago (Arruda e Fabião, 1990), Martinhal (Silva, Coelho-Soares e Correia, 1990; Bernardes, Morais, Pinto e Dias, 2013), Manta Rota (Viegas, 2006) e S. Bartolomeu de Castro Marim (Alves, Diogo e Reiner, 1990).

A sua distribuição é maioritariamente mediterrânica (Bertoldi, 2012: 66), com evidências de se estender até ao Norte da Península Ibérica, em *Bracara Augusta* (Morais, 2006: 295-312), o que também comprova a sua existência em rotas atlânticas (Viegas, Raposo e Pinto, 2016).

No que respeita aos seus centros de consumo na Lusitânia, esta forma foi identificada um pouco por todo o território, destacando-se as evidências de *Olisipo* (Almeida e Filipe, 2013; Pimenta, 2005; Clementino, Manso e Sepúlveda, 2013; Quaresma et al, 2017; Clementino, Amaro e Sepúlveda, 2015), *Scallabis* (Arruda, Viegas e Bargão, 2006: 264-247), Castro Marim, Faro, *Balsa*, Foz do Arade (Viegas, 2011), *villa* do Ervedal (Gadanho, 2019), *villa* de Freiria (Cardoso, 2015), Tróia (Almeida, Pinto , Magalhães e Brum, 2014), São Cucufate, Monte da Cegonha e Tourega (Pinto e Lopes, 2006), Quinta das Longas (Almeida e Carvalho, 1998), concelho de Fronteira (Alves e Carneiro, 2011) e Paço dos Lobos da Gama – Évora (Basílio, 2017).

O conjunto, constituído por um total de 185 ou 186 indivíduos[2] (185 lusitanos e 1 bético de Granada?), sendo o grupo mais bem representado em Almoínhas. É possível contabilizar mais dois indivíduos que, devido à sua morfologia mais grosseira, bem como fabricos menos comuns, com menor depuração e colorações castanhas, foram enquadrados enquanto Almagro 51C/Lusitana 10, dado poderem tratar-se de formas de transição.

É de realçar que esta forma está presente em Almoínhas desde o início da sua produção no final do século II d.C. e ao longo da restante diacronia de ocupação, até ao final do século V.

No entanto, deste conjunto, 12 indivíduos foram classificados enquanto Almagro 51C tardia, os quais poderão não ser residuais, uma vez que, correspondendo às fases mais tardias da produção e com base nas cronologias dos centros produtores, poderão

[2] A incerteza quanto ao número de indivíduos é devida ao facto de um fragmento de bordo, de possível produção de Granada, não ser certo enquanto Almagro 51C, embora partilhe afinidades morfológicas com esta tipologia.

ainda permanecer em circulação comercial no século V d.C. e VI d.C. (Mayet e Silva, 1998; Viegas, Raposo e Pinto, 2016).

Almagro 51A-B

Esta forma foi primeiramente identificada nas variantes A e B do tipo 51 de Almagro (1955) e posteriormente no tipo Keay XIX (Keay, 1984), bem como enquadrada na designação Lusitana 7 (Diogo, 1987).

Esta forma caracteriza-se por um bordo com lábio destacado, podendo ser liso ou moldurado, com um colo curto. A asa arranca na transição do bordo para colo, sendo uma asa em orelha, tendencialmente de secção circular/elíptica. O seu corpo é alongado, terminando num fundo cónico, em pivot, que se caracteriza por ser maciço (Pinto e Magalhães, 2016).

O seu bordo tem um diâmetro em 9 e 11 cm e esta ânfora teria uma capacidade em torno aos 10 litros. O seu conteúdo seriam os preparados piscícolas, já que foram recolhidas evidências de cavala em congéneres béticas (Pinto e Magalhães, 2016; Keay, 1984: 160).

Dadas as evidências exumadas nos centros produtores, onde esta forma se distingue por ser habitualmente minoritária nos conjuntos, terá uma cronologia de produção entre o final do século IV e meados do século V d.C.. Alguns contextos de Lisboa poderão sugerir o seu prolongamento no tempo até ao final da centúria ou inicio do século VI, no entanto, esta hipótese ainda não foi comprovada com uma amostra mais diversificada de contextos arqueológicos (Pinto e Magalhães, 2016).

A sua produção é até ao momento desconhecida nas olarias do vale do Tejo, estando atestada no vale do Sado nos centros produtores da Quinta da Alegria, Pinheiro e Abul II (Cardoso, 1978; Coelho-Soares e Silva, 1979; Cardoso, 1986; Diogo e Faria, 1990). No Algarve é conhecida a sua produção no sítio do Martinhal (Dias, 2009).

Quanto à sua presença nos centros de consumo, esta forma está sempre contabilizada numa pequena proporção, tendo uma distribuição eminentemente mediterrânica, com evidências no território itálico, gálico e norte africano (Bertoldi, 2012: 65). A nível lusitano, ainda que alguns autores destaquem a sua preponderância nos contextos a Sul do Sado (Pinto e Magalhães, 2016), em locais como a Ilha do Pessegueiro (Silva e Soares, 1993), Faro, Balsa (Viegas, 2011), São Cucufate, Monte da Cegonha, Tourega (Pinto e Lopes, 2006) e Tróia (Almeida, Pinto, Magalhães e Brum,

2014); também se encontra representada a Norte do Sado, nomeadamente, nos contextos de Freiria (Cardoso, 2015), Frielas (Policarpo, 2010) e *Olisipo* (Almeida e Filipe, 2013), ainda que tenha níveis pouco expressivos nestes contextos, parecendo, à falta de contextos estudados que a contrariem, seguir a proposta de maior preponderância comercial na parte Sul do território lusitano.

Quanto aos exemplares das Almoínhas, contabilizando um total de 17 indivíduos (12 lusitanos e 5 béticos – 2 da costa litoral e 3 do vale do Guadalquivir), estes fragmentos representam as fases mais tardias de importação de preparados piscícolas no sítio arqueológico entre o último quartel do século IV e o século VI d.C..

Embora ainda acompanhem o ligeiro crescimento das importações do final do século IV e primeiras décadas da centúria seguinte em Almoínhas, estas vão ser o único dado da importação destes bens após 450/460 d.C., um momento cronológico que, a nível de cerâmica fina, é bastante parco em dados e marcado por uma residualidade muito elevada com materiais cuja cronologia remete para a primeira metade da centúria ou inclusive o final do século IV d.C. (Quaresma, 2019: 324-325, 2020b).

Lusitana 9

A primeira identificação desta forma ocorreu com em 1987 com os trabalhos de Dias Diogo, surgindo identificada no seu tipo 9, sendo que nos casos do Sado os trabalhos desenvolvidos optaram por designar a forma como tipo Sado 2 (Mayet e Silva, 1998).

Morfologicamente esta é uma ânfora que se caracteriza pela sua dificuldade de classificação, uma vez que é frequentemente confundida com cerâmica comum. A nível de corpo este caracteriza-se pela sua longa altura (50-60 cm) em relação à sua largura (22-26 cm), adoptando um perfil barrilóide, não possuindo ombro. Em alguns casos o seu perfil poderá adoptar uma tendência mais piriforme, ainda que pouco pronunciada (Quaresma e Raposo, 2016b).

O seu bordo é extrovertido, podendo por vezes ser espessado e em aba, com uma ligeira depressão na face exterior, tendo um diâmetro variável entre 12 e 16. A asa assenta na parte superior do corpo, tendo uma secção em fita podendo apresenta um ou mais sulcos longitudinais. Termina com um pé em anel pouco pronunciado, com um diâmetro entre 7 e 12 cm (Quaresma e Raposo, 2016b). A sua capacidade estará situada

entre os 12 e 16 litros, tendo um conteúdo indeterminado, com um debate quanto a este ser vinícola ou piscícola (Fabião, 1998: 191-192; Mayet e Silva, 1998, 2002 e 2016).

A sua cronologia foi primeiramente enquadrada entre o século III/IV e meados do V (Diogo, 1987: 183-184), sendo que contextos arqueológicos mais recentes sugerem uma cronologia no Tejo com maior produção a partir do século IV (Santos, 2011), e no Sado, enquanto tipo Sado 2, uma cronologia para meados do século III, estando atestada em contextos de consumo entre o século III e o V (Quaresma, 2012; Bugalhão e Sabrosa, 1993: 386; Bugalhão, 2001, Pinto, Magalhães e Brum, 2012; Pinto e Lopes, 2006).

Até ao momento a sua produção apenas se encontra atestada para os vales dos rios Tejo e Sado, com produções na *figlinae* do Porto dos Cacos, Quinta do Rouxinol, Pinheiro e Abul A (Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995; Raposo e Duarte, 1996; Filipe e Raposo, 2009; Mayet e Silva, 1998 e 2002).

Quanto aos centros de consumo está identificada até ao momento em *Olisipo* (Filipe, 2019; Almeida e Filipe, 2013), *villa* de Freiria (Cardoso, 2015), Tróia (Almeida, Pinto, Magalhães e Brum, 2014) e Monte da Cegonha (Pinto e Lopes, 2006).

No respeitante ao sítio das Almoínhas, foram identificados um total de 13 indivíduos.

À semelhança do que ocorre com as ânforas mais tardias de preparados piscícolas e de azeite, esta forma representa as últimas importações de vinho lusitano no sítio arqueológico, sendo a única importação deste produto após 400 d.C., quando cessa a importação da Keay 25.1/Africana IIIA.

Ainda que o seu valor seja muito inferior à da predecessora Lusitana 3, as importações desta forma vão ser o garante da continuidade da importação vinícola (partindo do pressuposto que se venha a confirmar o conteúdo desta ânfora), mantendo-se assim uma estabilidade de importação até ao último terço do século V d.C..

Esta realidade permite-nos avançar a hipótese de o consumo deste produto estar sub-representado, sobretudo pela ausência de duas outras tipologias de contentores – barris e odres, que poderão ter contribuído para aproximar os valores de importação dos preparados piscícolas, à semelhança do ocorrera nos séculos anteriores, sobretudo no início do século III d.C..

Lusitana 10

Produção primeiro identificada por Dias Diogo em 1987, correspondendo a uma versão tardia da forma Almagro 51C, ainda que de menores dimensões (Fabião, 2008: 518). É identificada nas produções do vale do rio Sado enquanto o tipo Sado 3 (Mayet e Silva, 2017: 236; Gadanho, 2019: 77), onde pode ser considerada como uma variante maior da Lusitana 10, com um diâmetro de bordo entre 11 e 14 cm, ao invés dos cerca de 8,5 cm da forma Lusitana 10.

A ter em consideração os dados avançados pelo atelier do Pinheiro (Mayet, Schmitt e Silva, 1996; Mayet e Silva, 1998), Tróia (Almeida, Pinto, Magalhães e Brum, 2014; Santos, 2018) e Almoínhas, onde surge em níveis do século IV, não nos parece que a cronologia proposta por Dias Diogo (1987: 183-184) para um começo no século III seja a mais correcta, parecendo-nos que esta deverá estar seguramente enquadrada entre o século IV (talvez ainda no final do século anterior) e V d.C., dada a existência de um bom contexto na U.E. [519] da oficina 1 de Tróia, datado do último quartel do V d.C. (Santos, 2018), possivelmente prolongando-se a difusão deste tipo pelo primeiro quartel do século VI d.C., inclusive podendo chegar a meados da centúria, ainda que esta última hipótese ainda careça de mais dados, já que nos baseamos na presença de fragmentos desta forma em 525-550 d.C. em Setúbal (Silva e Coelho-soares, 2014; Quaresma, 2021b:197); em cerca de 530 d.C. em Cartago (Quaresma, 2021b); e de uma possível Lusitana 10 em *Olisipo* nas Escadinhas de São Crispim em níveis de 525-550 d.C. (Quaresma, 2020b).

A nosso ver, esta tipologia poderá ser associada à variante C dos fornos do Pinheiro, na produção da forma Almagro 51C (Mayet, Schmitt e Silva, 1996: 111), uma vez que partilha afinidades morfológicas com o exemplar desenhado por Dias Diogo (1987: 190), com um bordo que já não conserva a sua morfologia triangular/arredondada, agora sendo em banda (Diogo, 1987: 184), asas de curvatura menos acentuada, verticalizando-se, e um gargalo sem um estreitamento tão abrupto como a forma canónica da Almagro 51C.

Considerando a sua morfologia, que nos parece remeter para uma derivação da Almagro 51C, não nos parece ser irreflectida a sua consideração enquanto uma ânfora destina ao comércio de preparados piscícolas, ainda que esta afirmação careça de mais evidências arqueológicas que a reforcem.

A sua produção, como já sugerira Dias Diogo (1987: 184), está até ao momento circunscrita ao vale do Sado, nomeadamente ao centro produtor do Pinheiro (Mayet, Schmitt e Silva, 1996; Mayet e Silva, 1998), sendo que a sua presença bastante significativa nos vales do Tejo e Sado, nomeadamente em Tróia (17 NMI de Lusitana 10 e 9 NMI de Sado 3) (Almeida, Pinto, Magalhães e Brum, 2014) poderá sugerir uma dinâmica comercial maioritariamente focada no âmbito regional.

Quanto aos seus centros de consumo esta ainda se encontra parcamente diagnosticada, havendo evidências nos sítios de Tróia (Lusitana 10 e Sado 3) (Almeida, Pinto, Magalhães e Brum, 2014; Santos, 2018), *Scallabis* (Arruda, Viegas e Bargão, 2006: 247-248); *Olisipo* (Quaresma, 2020b)*; Caetobriga* – Setúbal, Travessa de João Galo (Silva e Coelho-soares, 2014; Quaresma, 2021b: 197); e sítio do Ervedal (Fundão) – enquanto tipo Sado 3 (Gadanho, 2019). Fora do contexto lusitano, está diagnosticada pelo menos em Cartago num contexto de cerca de 530 d.C., com um indivíduo (Quaresma, 2021b: 197).

Esta forma está representada em Almoínhas com apenas dois indivíduos, um proveniente de um nível de superfície dos trabalhos municipais e outro proveniente do contexto de lixeira [4018], com uma datação contextual para 350+ d.C..

Ambos os fragmentos apresentam uma pasta característica lusitana, inserida no nosso fabrico A 1.2.2, com pastas de coloração acastanhada, medianamente depuradas e com pouca resistência, fracturando-se muito facilmente.

6.2. Produções Béticas

Estão englobadas nas produções béticas duas zonas de produção, nomeadamente a área do vale do Guadalquivir (formas Dressel 20 e 23 e Haltern 70) e a zona litoral da Bética, sobretudo na sua fachada ocidental (formas Dressel 28 e Almagro 50).

De origem bética definimos seis variantes de fabricos, três afectas à área do vale do Guadalquivir e três à fachada litoral, sendo que os fabricos do Guadalquivir caracterizam-se, no âmbito geral, por uma menor depuração em relação à fachada litoral.

Dressel 20

Este tipo anfórico deve o seu nome aos trabalhos de Dressel (1899), tendo sido inserida no seu número 20, com um conjunto largamente baseado nas evidências

exumadas no monte Testaccio. Na década de 80 do século XX, foi realizado um dos trabalhos mais exaustivos de sistematização da evolução desta forma com base nos dados de Augst (Martin-Kilcher, 1983), aos quais se juntaram posteriormente os trabalhos de Berni Millet (Millet, 1998 e 2008).

Esta forma distingue-se das ânforas béticas prévias, destinadas ao transporte de azeite, com um corpo globular/esférico de paredes espessas, bordo triangular com um diâmetro reduzido (18 a 20 cm), asas maciças e de secção circular, bem como um fundo em botão de pequenas dimensões, não sobressaindo muito do corpo da ânfora. A sua capacidade é de cerca de 70 a 75 litros, com um peso de tara de cerca de 30 kilos (Millet e García Vargas, 2016).

Esta é possível de classificar, tendo por base as evoluções propostas por Berni Millet (1998 e 2008) em seis momentos de evolução, designados com as letras A a F, que representam as alterações morfológicas (evolução de bordo e asas) sofridas entre o início da produção em cerca de 30 d.C. até 270 d.C. (Millet e García Vargas, 2016).

O tipo A corresponde a uma forma júlio-cláudia (30-50 d.C.), caracterizada por um bordo espesso de perfil semicircular e parede interna côncava, com asas robustas e de perfil arqueado. O seu corpo é esférico com um pequeno pivot de base plana a termina (Millet e García Vargas, 2016).

A variante B, produzida nos principados de Nero-Vespasiano (50-80 d.C.), possui agora um bordo que desenha um quarto de círculo, sendo aplanado na parte superior, o que provoca a existência de um ligeiro lábio para a superfície interna. O corpo assume agora uma forma plenamente esférica, mantendo o fundo em pivot pouco acentuado. Destaca-se nas asas o facto de adquirirem um perfil ligeiramente mais arqueado, bem como uma espessura mais uniforme (Millet e García Vargas, 2016).

Quanto ao tipo C, produzido na dinastia flávia e até ao principado de Trajano (80-120 d.C.), é nesta fase que o bordo adquire um perfil mais triangular, com um vértice arredondado, mas pronunciado para o exterior. O lábio é engrossado, com uma ligeira inclinação para o interior, o que forma uma carena interna com o intuito de segurar o fecho da ânfora. O corpo torna-se mais regular, ainda que o seu diâmetro máximo deixe de ser no seu centro, começando a evidenciar a tendência de alongamento denotada nos tipos posteriores, sendo fechado com um pivot em botão quase inexistente (Millet e García Vargas, 2016).

O tipo D corresponde a uma produção das primeiras fases da dinastia Antonina (120-160 d.C.), com um bordo triangular, cujo vértice corresponde ao seu meio, quando visto em relação à sua altura total. O corpo permanece igual ao da fase anterior, no entanto, o colo diminui em altura, ficando mais robusto, a par das asas que encurtam, com uma tendência mais circular, diminuindo o espaçamento entre o colo e asa em cerca de 2/3 em relação ao momento anterior (Millet e García Vargas, 2016).

A variante E corresponde a uma produção das fases mais tardias da dinastia Antonina (160- 200 d.C.), sendo tipo de transição entre as formas D e F, com um bordo triangular (próximo do tipo D) e uma morfologia interna que se aproxima da variante F (Millet e García Vargas, 2016).

Por fim, o tipo F, corresponde à designada Dressel 20 do século III (200-270 d.C.), onde o bordo, ainda que de tendência triangular, torna-se arredondado, podendo também em vários casos assentar na parte inferior sobre o arranque da asa, situação que é descrita enquanto um maior "descuido" no fabrico destes contentores que poderá estar associado a um crescimento económico e subsequente aumento da procura derivada das políticas económicas da dinastia Severa (Millet e García Vargas, 2016).

O seu corpo apresenta agora uma morfologia mais ovalizada, com a progressiva descida da zona de diâmetro máximo, agora próxima do fundo. O espaço entre asa e colo volta a diminuir, ficando reduzido a cerca de 5-6 cm, passando a asa a desenhar um perfil praticamente circular. O seu término em pivot, anteriormente em botão, é agora quase inexistente (Millet e García Vargas, 2016).

Quanto aos seus centros produtores, estes estão concentrados sobretudo nos rios Guadalquivir e Genil, conhecendo cerca de uma centena de oficinas (Millet, 2008; Millet e García Vargas, 2016).

No que respeita aos seus centros de consumo, este é um contentor bastante representado no Mediterrâneo, estando grandemente associado ao transporte de azeite, destacando-se a cidade de Roma (monte Testaccio) enquanto grande centro de consumo.

Na Lusitânia é recorrente a sua presença nos contextos arqueológicos, dos quais destacamos os sítios de *Olisipo* (Filipe, 2019), Faro, Balsa e Castro Marim (Viegas, 2011), Monte Molião (Viegas e Arruda, 2013), sítio do Ervedal (Gadanho, 2019), *villa* de Freiria (Cardoso, 2015), São Cucufate, Monte da Cegonha e Tourega (Pinto e Lopes, 2006) e Évora – Paço dos Lobos da Gama (Basílio, 2017).

Em Almoínhas, sendo a ânfora de transporte oleário mais bem representada, com 24 indivíduos (1 indivíduo do tipo C, 2 do tipo D-E, 3 do século III e 18 variante definida), é possível, tendo por base a crono-tipologia desta forma, recuar as importações destes produtos até ao século I d.C..

Ainda que estas ânforas sejam as responsáveis pela maioria das importações béticas no século I d.C., estas vão ser particularmente expressivas no início do século II e nas primeiras décadas do século III, momento em que as importações oleárias atingem os seus máximos, coincidindo com os dois primeiros momentos de grande crescimento das importações globais em Almoínhas.

No caso do fragmento de Dressel 20 C, cuja cronologia de produção está remetida para o intervalo entre 80 e 120 d.C. (Millet e García Vargas, 2016), este é proveniente do nível de base [604] do forno 3, podendo avançar as datações da edificação da estrutura anteriormente propostas para o século I-III para o início do século II d.C. (Brazuna e Coelho, 2012: 106).

Dressel 23

Esta forma deve a sua individualização aos trabalhos de Heinrich Dressel (1899), com dados provenientes de Roma (Monte Testacio), tendo sido associada ao tipo 20 enquanto uma forma afim, mas evolucionada, com uma cronologia mais tardia. Posteriormente, na década de 1970, foi proposto que a Dressel 23 fosse a sucessora do comércio oleário bético no Baixo-Império (Millet e Díaz, 2017). Mais tardiamente, Simon Keay (1984) isolou a forma no seu tipo XIII, referência que ainda pode ser utilizada na bibliografia arqueológica.

A sua existência poderá estar também relacionada com a continuidade formal da Dressel 20 *parva*, uma vez que este contentor tem uma capacidade menor, o que o torna mais fácil de transportar e comercializar (Millet, 1998: 57). Esta situação parece ter sido comprovada com o naufrágio Cabrera III, onde convive com a Dressel 20 e 20 *parva* (Bost et al, 1992).

Morfologicamente este tipo é caracterizado por possuir alguma semelhança formal com a Dressel 20, com um corpo tendencialmente esférico ou alongado, mais marcado nas variantes mais tardias – incluindo o tipo Tejarillo 1 (sobre esta forma veja-se Millet, 2016; Millet, 1998: 55-57). O seu bordo apresenta um perfil variável (triangular, semi-circular, ou de tendência rectilínea), com um colo muito curto, sem um

ombro que marque a transição para a pança. O seu fundo é muito pequeno, podendo corresponder a um pivot pouco pronunciado. As suas asas são geralmente de perfil semi-circular com uma secção arredondada (Millet e Díaz, 2017). A sua capacidade é estimada em cerca de 3 litros.

Com base na ligação da asa ao colo/bordo é possível distinguir quatro variantes – A, B, C e D (Millet e Díaz, 2017).

A variante A (século III-IV) é a que partilha maiores afinidades com a Dressel 20, com um colo curto, asas de secção elíptica que arrancam por debaixo do bordo triangular. Alguns bordos podem apresentar uma reentrância no seu interior.

A sua cronologia poderá estender-se até ao século V, visto que está documentada, em pequena quantidade em alguns contextos dessa cronologia em *Tarraco* (Remolá Vallverdù, 2000: 176). A sua maior representatividade está nas centúrias anteriores (Millet e Díaz, 2017).

Já quanto ao tipo B (século IV até meados do V d.C.), apenas é distinguível da variante A pelo seu bordo, que é muito irregular, com um perfil afastado do tradicional nas Dressel 20, mantendo a mesma forma de asa do tipo A (Millet e Díaz, 2017).

No que respeita ao tipo C (século III-IV) é distinguível pela sua asa de perfil circular que arranca directamente do bordo (Millet, 1998: 61). O bordo apresenta alguma variação formal, podendo remeter para os tipos Keay XIIIA e Tejarillo II, com bordos de forma entre o triangular e rectangular (Millet e Díaz, 2017).

A variante D (final do século IV até meados do V d.C.) é a mais distinta das anteriores, uma vez que o seu perfil semicircular agarra em ambas as extremidades ao ombro da ânfora, tendo uma secção arredondada. O bordo é espessado com um ressalto vincado no interior, ligando a um colo quase inexistente (Millet e Díaz, 2017).

A sua produção, à semelhança da sua predecessora, é atribuível ao vale do Guadalquivir, nomeadamente nas áreas dos rios Guadalquivir e Genil, ainda que sejam conhecidos poucos ateliers produtores. A sua produção está atestada em El Tejarillo e na Isla de la Barqueta (Millet e Díaz, 2017). A sua produção também ocorre na costa litoral, ainda que com pastas distintas, sendo desconhecidos os ateliers (Fantuzzi, Corredor e Millet, 2017).

A sua distribuição nos centros de consumo é mediterrânica (Bertoldi, 2012: 43) e atlântica, com uma maior concentração na Hispânia. Na Lusitânia destacam-se os sítios de *Olisipo* (Almeida e Filipe, 2013), Faro e *Balsa* (Viegas, 2011), sítio do Ervedal (Gadanho, 2019), *villa* de Freiria (Cardoso, 2015) e concelho de Fronteira (Alves e Carneiro, 2011).

Em Almoínhas esta tipologia está representada por 2 indivíduos, marcando o acentuado declínio da importação dos bens oleários béticos no entre as últimas décadas do século III e o início do IV d.C., situação que parece ser comprovada pela sua presença na estratigrafia.

Destaca-se a presença, no que respeita às formas classificáveis na sub-variante de um bordo do tipo Dressel 23C-D/Keay XIII C-D, ainda que o fabrico (B 2.2) pareça remeter para as produções mais características da Keay XIII A[3], que associámos à costa de Málaga.

Os dados estratigráficos para estes fragmentos são escassos, visto um deles ter sido recolhido em nível de superfície e o outro no contexto de lixeira [4018], parecendo enquadrar-se como coevo com o contexto, numa cronologia de 350+ d.C..

Dressel 28

Esta forma, identificada primeiramente por Dressel no seu tipo 28 (Dressel, 1899), parece corresponder à evolução morfológica das ânforas tipo *Urceus*, podendo ter convivido ambos os tipos nas primeiras fases da Dressel 28 (Carrera Monfort e García Vargas, 2016; Filipe, 2019: 390).

Caracteriza-se por ser um contentor de pequena dimensão, não ultrapassando os 75 cm de altura, com um corpo arredondado no extremo superior e convergente para um fundo em ônfalo. O seu bordo é característico, sendo moldurado, com um sulco entre acentuado entre as duas molduras, podendo em alguns casos a moldura inferior projectar-se em maior extensão quando comparada com a superior. As suas asas arrancam sob o bordo, sendo verticalizadas, com secção elíptica ou sub-rectangular, apresentando frequentemente três sulcos na sua face externa. A sua capacidade está situada entre os 20 e 25 litros, com um conteúdo vinário (Carrera Monfort e García Vargas, 2016; Filipe, 2019: 390-391; Bertoldi, 2012: 36).

[3] Agradecemos a informação quanto ao fabrico deste fragmento gentilmente cedida pelo Dr. Josep Anton Remolà.

A sua produção remonta às primeiras fases do principado, no entanto, a sua comercialização é particularmente expressiva a partir de meados do século I d.C., cessando em torno a meados da centúria seguinte (Carrera Monfort e García Vargas, 2016; Filipe, 2019: 391).

A sua produção está diagnosticada na área do Guadalquivir e na zona litoral da Bética (Carrera Monfort e García Vargas, 2016; Filipe, 2019: 391), nomeadamente, no atelier do Hospital de las Cinco Llagas – Parlamento de Andalucía (García Vargas, 2000) e em Venta del Carmen (Bernal Casasola, 1998).

Quanto à sua difusão comercial esta é particularmente documentada na metade ocidental do império, sobretudo nas províncias mais próximas da Bética (Carrera Monfort e García Vargas, 2016; Bertoldi, 2012: 36).

Na Lusitânia, destaca-se a sua presença nos sítios de *Olisipo* (Almeida e Filipe, 2013; Filipe, 2019), *Conimbriga* (Buraca, 2005 *apud* Filipe, 2019: 391), Ponta do Mato (Raposo, Santos e Henrique, 2014), Vila Franca de Xira – recolhas no rio Tejo (Quaresma, 2005), Monte dos Castelinhos (Pimenta, Mendes e Norton, 2008), concelho de Fronteira (Alves e Carneiro, 2011) e *Balsa* (Viegas, 2011).

Em Almoínhas a sua presença já tinha sido anteriormente catalogada (Brazuna e Coelho, 2012: 108), sendo que neste momento é possível confirmar a presença de pelo menos 2 indivíduos de fabrico na zona costeira da Bética.

A presença no sítio arqueológico, à semelhança do que ocorre nos contextos lusitanos mencionados *supra*, é bastante reduzida no conjunto global, o que poderá mostrar, considerando sobretudo que partilha parte da sua cronologia de difusão com a Lusitana 3, uma fraca difusão dos produtos vinícolas béticos face às produções regionais lusitanas, que, a considerar a representatividade da Lusitana 3 nos centros de consumo lusitanos, terá dominado o mercado a partir do século II d.C..

Estes exemplares poderão remeter, a par da presença da Dressel 2-4 itálica e Haltern 70 bética, para uma possível fase de ocupação de final do século I e primeiras décadas do século II d.C. em Almoínhas, na qual ainda se observam algumas importações exógenas mais características do século I d.C., podendo ilustrar o momento prévio ao crescimento exponencial das produções vinícolas regionais.

Haltern 70

O tipo Haltern 70 deve a sua primeira identificação a Loeschcke (1909) no acampamento romano de Haltern, onde lhe foi atribuído o número 70. Apesar da sua consolidação enquanto um tipo formal individualizado na década de 1970 (Remesal Rodríguez e Carreras Monfort, 2004: 19) e dos trabalhos sistemáticos dos anos 90, com a obra de S. Martin-Kilcher (1994) actualmente ainda ocorre uma discussão no meio científico quanto ao seu conteúdo e evolução morfológica, com investigadores a defendem a sua inspiração na forma Dressel 1 ou nas ânforas ovóides tardo-republicanas do Sul da Hispânia (Filipe, 2019: 405-406).

Formalmente caracteriza-se pelo seu bordo em banda, ainda que de altura variável, com um ressalto na ligação ao colo longo, tendo asas de secção circular a nascer logo abaixo do bordo e assentando no ombro, de tendência vertical, as quais apresentam geralmente uma digitação no fim onde unem ao ombro. O seu corpo é de tendência ovóide ou cilíndrica, terminando num fundo maciço em pivot, sendo este proveniente dum abrupto estreitamento no corpo da ânfora (Carreras Monfort e Millet, 2016).

Quanto à sua cronologia as mais recentes propostas de evolução tipológica por Berni Millet dividem a sua produção em quatro fase. A primeira corresponde ao momento entre meados do séc. I a.C. e o início do Principado de Augusto (década de 30 do século I a.C.), á qual se segue uma fase atribuível a Augusto, Tibério e Calígula (entre 27 a.C. e 41 d.C.), uma terceira aos reinados de Cláudio e Nero (41-68 d.C.) e uma última fase correspondente à dinastia Flávia (68/69 d.C. até cerca do inicio do século II) (Millet, 2011, p. 87; Carreras Monfort e Millet, 2016).

Este contentor tem uma grande difusão de produção, entre o Vale do Guadalquivir (Bertoldi, 2012: 33-34; Millet, 2011; Carreras Monfort e Millet, 2016) e a área costeira da Bética (García Vargas, 1998), bem como o litoral Lusitano (Filipe, 2016; Cardoso, Rodrigues, Sepúlveda e Ribeiro, 2015).

O seu conteúdo deverá tratar-se de produtos vinícolas, variando entre o vinho e outros derivados, nomeadamente o *defructum*, o *mulsum e sapa* (Fabião, 1998: 179; Filipe, 2019: 409).

A sua distribuição comercial está comprovada na região ocidental do Império, entre a bacia do mediterrâneo e a *Brittania*, ocorrendo uma particular concentração no eixo Ródano-Reno (Filipe, 2019: 406-407). Está atestada também na parte oriental,

ainda que em menores quantidades (*Idem*, 2019: 406-407). Quanto ao território actualmente português está representada na sua quase totalidade, tendo a distribuição desta forma sido mapeada em trabalhos recentes (Filipe, 2019: 409-411), dos quais se destacam os sítios, pela maior proximidade geográfica a Almoínhas, de *Olisipo* (Filipe, 2019) e Freiria (Cardoso, 2015). A dispersão pela região litoral é significativa, com uma vasta lista que ultrapassa os objectivos do presente trabalho (para uma síntese dos centros de consumo em território português vejam-se os trabalhos de – Morais, 1998; Filipe, 2019: 410-411).

No caso das Almoínhas, esta forma está representada por dois bordos lusitanos e um fragmento de bordo de produção bética (vale do Guadalquivir), infelizmente impossível de classificar numa sub-variante visto estar preservado numa pequena extensão. Este último foi recolhido na U.E. [1015], nível para o qual está proposta uma datação de 500+ d.C., pelo que a sua presença no sítio será devida a um contexto mais antigo, infelizmente não preservado ou ainda por intervencionar.

O seu fabrico corresponde ao fabrico tipicamente originário do vale do Guadalquivir (fabrico B 1.1), com uma pasta pouco depurada, com muitos ENP metamórficos, bem como uma coloração de pasta de tonalidade creme de fractura irregular.

Este tipo integra os conjuntos com pouca representação, surgindo enquanto material residual em unidades estratigráficas com cronologias do século IV em diante, remetendo eventualmente para um resquício das fases mais recuadas do sítio.

6.3. Produções Gálicas

Gauloise 4

Esta ânfora foi primeiramente identificada nos trabalhos de Laubenheimer (1985), estando inserida no seu tipo 4, tendo sido o contentor anfórico mais bem-sucedido de proveniência narbonense, estando particularmente presente na metade ocidental do império, espelhando a importância comercial desta província durante a dinastia Júlio-Cláudia (Laubenheimer, 1985: 261-293; Mauné, 2013: 355; Laubenheimer e Schmitt, 2009: 11).

A sua versatilidade enquanto contentor, e dada a sua pouco elaborada, resultou na sua reprodução (imitações e inspirações) nas restantes províncias, com produções nas províncias da *Baetica* e *Tarraconensis* (Revilla Calvo, 1995: 52-55; Morais, 2005: 133-

140; Mullor e Menéndez, 2008: 710-711; García Vargas, 1998: 116-118; Bernal Casasola, 2008 e 2016), na Lusitânia – tipo Lusitana 3 (Diogo, 1987), na *Brittania* (Rizzo, 2014, p. 175), e no Norte de África – tipo Dressel 30 (Bonifay, 2004: 148-151).

Quanto às suas características morfológicas estas são possíveis de descrever como uma ânfora de paredes pouco espessas e corpo piriforme, com dimensões relativamente pequenas (altura máxima de 69 cm). O seu bordo é espessado e arredondado, com um colo estreito que transita para um ombro largo, sobre o qual repousa a asa, que arranca do meio do colo, sendo de secção elíptica e com uma depressão central acentuada. O seu fundo é em pé de anel, sendo uma base estreita, que poderá por vezes possuir uma depressão no fundo (Laubenheimer, 1985: 361; Viegas, 2011: 221).

A sua morfologia remete para um conteúdo vínico (Filipe, 2019: 452), situação que é reforçada pela existência de *tituli picti* que remetem para este conteúdo (Panella 1973: 547; Liou e Marichal, 1978: 147; Tchernia, 1986: 283), bem como documentação historiográfica que associam plantações vinícolas à Gália (Panella 1973: 548; Brun, 2001: 69-89; V.V.A.A., 2001).

A sua cronologia de produção está enquadrada entre meados do século I d.C. e os finais do século III/primeiras décadas do século IV d.C., sendo o século II o seu pico de comercialização (Laubenheimer, 1985: 390-392; Long e Duperron, 2011: 37-56; Mauné, 2013: 362- 363; Filipe, 2019: 451-452).

A sua produção (gálica) está concentrada junto a cursos de água, com especial concentração nas regiões de Sallèles d'Aude e Lattes; no baixo vale do Ródano; entre Marselha e Istres; e no território de Fréjus e Mandelieu, com mais de cinquenta olarias identificadas (Laubenheimer, 1985: 267-290; Laubenheimer e Schmitt, 2009: 154-158; Mauné, 2013: 357-360).

O seu comércio está centrado em torno ao eixo dos rios Ródano-Saône-Reno, com o objectivo de atingir os mercados da *Brittania* e do *limes* germânico, tendo também uma distribuição, ainda que em menor escala para os mercados mediterrânicos (Filipe, 2019: 453; Bertoldi, 2012: 79).

Quanto à província da Lusitânia (para uma lista mais extensiva veja-se – Filipe, 2019: 453-454), destaca-se enquanto centros de consumo os sítios de *Olisipo* (Filipe, 2019), *villa* de Freiria (Cardoso, 2015), Tróia (Almeida, Pinto, Magalhães e Brum,

2014), Monte da Cegonha e Tourega (Pinto e Lopes, 2006), *Mirobriga* (Quaresma, 2012), Faro e *Balsa* (Viegas, 2011).

No que respeita ao sítio arqueológico em análise, esta tipologia está representada por um total de 7 indivíduos, todos afectos ao nosso fabrico C. Para além da produção gálica, o tipo Gauloise 4 está também presente com uma asa de imitação tarraconense (fabrico E).

A cronologia desta forma vai ser a responsável pelo ligeiro aumento das importações vinícolas na primeira metade do século II d.C. nas Almoínhas, bem como pela relativa estabilidade de importação nas centúrias anteriores.

6.4. Produções Itálicas

Dressel 2-4

Inicialmente enquadrada nos números 2 a 4 da tabela de Heinrich Dressel (1899), esta forma foi posteriormente enquadrada como um só tipo designado Dressel 2-4 (Zevi, 1966), sendo considerada como uma das formas mais imitadas/reproduzidas no espaço de domínio romano (Peacock e Williams, 1986).

Morfologicamente é uma ânfora com algumas particularidades bastante características, sobretudo a sua asa bífida elaborada através da junção de dois rolos de argila.

O seu bordo é arredondado, com espessamento para o exterior, sob o qual arranca a asa, que se prolonga verticalmente até ao ombro da ânfora. O seu colo é alongado, ligando ao corpo, que pode ser fusiforme ou cilíndrico através de um ombro carenado bastante acentuado. O seu fundo é em pivot maciço e alongado (Peacock e Williams, 1986: 105; Filipe, 2019: 460; Bertoldi, 2012: 99).

Sendo considerada enquanto sucessora da Dressel 1, transportando também um conteúdo vinícola (Fabião, 1989), esta foi produzida nas costas tirrénica e adriática da Península Itálica desde o segundo quartel ou meados do século I a.C. até ao final do século II d.C. (Zevi, 1966: 217; Rizzo, 2014: 108-113; Filipe, 2019: 460).

A sua difusão está atestada sobretudo no Mediterrâneo ocidental, atingindo as restantes zonas do império com menor expressão comercial (Peacock e Williams, 1986; Bertoldi, 2012: 99-101). 461

Quanto à sua importação no território lusitano, esta é particularmente recorrente nos contextos cronologicamente mais recuados, sobretudo tardo-republicanos e alto-imperiais, dos quais destacamos os sítios de *Olisipo* (Filipe, 2019), concelho de Fronteira (Alves e Carneiro, 2011), Monte da Cegonha e Tourega (Pinto e Lopes, 2006), *Balsa* (Viegas, 2011), e foz do rio Arade (Viegas, 2011) (para uma lista mais exaustiva veja-se Filipe, 2019: 461-462).

Sobre a sua importação em Almoínhas os dados são deveras escassos, já que a representação deste fabrico (fabrico D), com uma pasta proveniente da zona da Campânia, com abundante inclusão de piroxenas, é efectuada somente por um indivíduo, o qual se encontra claramente enquanto residual nos níveis da segunda metade do século III d.C.. A par da produção itálica, surge também um bordo de produção lusitana no conjunto.

6.5. Produções Africanas

Quanto às produções anfóricas africanas de Almoínhas realça-se a existência de uma relativamente pequena variedade formal, com formas cuja difusão se concentra sobretudo no século III d.C..

Quanto aos fabricos, a maioria possui pastas que remetem para as produções de Nabeul (Bonifay, 2004), com apenas um fragmento de asa a representar as produções de *Sullecthum.*

Africana I

Primeiramente identificado enquanto "tipo africano pequeno" (Zevi e Tchernia, 1969:174) devido às suas reduzidas dimensões (96 a 99 cm de altura e diâmetro máximo de 30-33 cm), este tipo foi posteriormente divido em três subtipos nos trabalhos de *Ostia* (Panella, 1973: 575-579) – Africana IA = Ostia III, 262/Ostia IV, 432-433; Africana IB = Ostia I, 526-529; e Africana IC = Ostia IV, 169 (Bonifay, 2004: 107).

A variante A é caracterizada por um bordo com uma face externa convexa e interior plano, distinguindo-se da variante B por esta ter uma superfície interna côncava e um exterior muito convexo. O tipo C, possível de caracterizar enquanto uma variante tardia, apresenta uma versão de bordo mais simplificada, sendo ligeiramente proeminente (Bonifay, 2004: 107).

Quanto ao seu corpo, esta possui um formato cilíndrico e alongado, com um colo curto e um fundo em pivot de pequena dimensão. A sua asa é de secção oval, assentando sobre o colo e a parte superior do ombro (Filipe, 2019: 494).

A sua cronologia está enquadrada de forma geral entre o final do século II e o IV d.C. (Variante A e B – final do século II até meados do III; C – segunda metade do III até IV d.C.). O seu conteúdo, ainda que ocorram raros exemplares com revestimento em pez, estará associado ao transporte de azeite (Bonifay, 2004:107, 465 e 474).

A sua produção está atestada para o território tunisino (antiga Bizacena e Zeugitana), nos ateliers de Hr el-Kebir, Nabeul (*Neapolis)*, *Hadrumetum*, *Leptiminus*, Salakta (*Sullecthum), Acholla, Thenae* e Oued el Akarit (Bonifay, 2004: 8).

Com uma distribuição fundamentalmente mediterrânica, estando bem representada nos contextos itálicos de Roma e *Ostia* (Panella, 1973: 574-579; Manacorda, 1977: 156-159; Rizzo, 2014: 283), a forma Africana I chega também à Gália e Hispânia, bem como às costas orientais do Mediterrâneo, com exemplares na Grécia, Egipto e Roménia (Bertoldi, 2012: 179; Filipe, 2019: 495).

A sua presença é registada também na fachada atlântica, havendo inclusive exemplares na *Brittania* (Bertoldi, 2012: 179; Filipe, 2019: 495-496), bem como nos contextos litorais da Lusitânia, tais como os sítios de Pedras d'El Rei, Tavira e Faro (Viegas, 2011: 187; Viegas e Dinis, 2010: 248), foz do Rio Arade (Viegas, 2011), Sines (Silva e Coelho-Soares, 2006: 111), Tróia (Diogo e Trindade, 1998: 199), *villa* de Freiria (Cardoso, 2015: 365), e *Olisipo* (Filipe, 2019).

Contabilizando um total de 3 indivíduos, um dos quais oriundo da região de *Sullecthum* (Bonifay, 2004), este tipo representa o segundo maior conjunto de ânforas africanas.

É possível associar estas importações, quando vistas da perspectiva da sua litragem, a uma retoma das importações oleárias no século III d.C., algo que também se denota com as produções béticas, suplantando ligeiramente os níveis do início do século II d.C..

Africana II

Esta ânfora é primeiramente identificada nos contextos da Península Itálica, com destaque para os trabalhos de Zevi e Tchernia (1969) que a denominam como "tipo

Africano grande", e de Panella no porto de *Ostia* que a subdivide nos tipos A a D (Panella, 1973; Panella 1982). Deve o seu primeiro nome ao seu comprimento entre 95 e 120 cm e largura entre 28 e 45 cm (Bonifay, 2004: 107). Adquire a denominação Africana II (tipos 22 a 26) nos trabalhos de Michel Bonifay sobre as produções tunisinas (Bonifay, 2004), havendo actualmente a utilização de ambas as designações na bibliografia.

Morfologicamente esta encontra-se dividida nos tipos A, B, C e D, os quais apresentam diferenças de âmbito morfológico e cronológico. Destes só os tipos A e B estão presente em Almoínhas, pelo que só se descreveram em detalhe os dois primeiros.

O tipo II A corresponde a uma ânfora com um bordo espessado e arredondado no exterior, com um perfil amendoado (Panella, 1973: 581 apud Bonifay, 2004: 107-115), um colo troncocónico com asas em orelha (Panella, 1982: 175 apud Bonifay 2004). O seu corpo representa a sua particularidade, dada a sua mais reduzida altura, mas maior largura, terminando num pivot troncocónico com a ponta arredondada. Alguns autores utilizam também a distinção introduzida por Manacorda (1977: 160), com a distinção entre bordos com e sem "*gradino*", ainda que alguns defendam que esta técnica se encontra sempre presente nesta variante, podendo ser mais ou menos pronunciado (Bonifay, 2004).

O conteúdo destas, visto haver evidências do seu revestimento interno com pez, não será oleário, tratando-se, provavelmente de uma ânfora para preparados piscícolas, tendo as suas variantes A1 e A2 uma cronologia de produção entre o final do século II d.C. e a primeira metade do século III, e a variante A3 uma datação entre para meados ou a segunda metade do século III d.C. (Bonifay, 2004).

Quanto ao subtipo IIB, este é uma tipologia de difícil caracterização, não tendo ficado clara qual a sua morfologia aquando dos trabalhos de *Ostia* (Panella, 1973: 582 e 585-586), tendo por vezes sido utilizado como quando não era perceptível se a forma correspondia aos tipos A, C ou D (Bonifay, 2004: 111).

Os exemplares identificados na Tunísia por Bonifay (respeitantes aos centros de produção), a par de um outro identificado nos trabalhos de Simon Keay (1984), permitem identificar este tipo como uma ânfora de grande porte (cerca de 110 cm de altura e 40 cm de largura nos ombros), com um bordo em banda (de tendência

quadrangular) com cerca de 3 cm de altura sobre um pescoço alongado. O seu fundo é em pivot maciço ligeiramente saliente na base (Bonifay, 2004: 114).

A sua cronologia está proposta para o século III d.C., tendo um conteúdo até agora indeterminado (Bonifay, 2004: 114).

A dispersão desta forma é, à semelhança das formas Africana I e III, maioritariamente mediterrânica, estando atestada na península itálica, Gália, Hispânia, e Mediterrâneo oriental, com uma muito diminuta presença no Mar Negro (Bertoldi, 2012: 185-186), e na Lusitânia nos contextos de Boca do Rio (Bernardes e Medeiros, 2016) *Olisipo* (Filipe, 2019; Quaresma et al, 2017) Faro (Almeida, Viegas, Beja e Teixeira, 2014; Viegas, 2011), Balsa (Viegas: 2011), São Cucufate (Pinto e Lopes, 2006), Monte da Cegonha (Pinto e Lopes, 2006), Foz do Arade (Viegas, 2011).

Este tipo contabiliza um total de 3 indivíduos em Almoínhas (2 da variante A e 1 da variante B). Estas evidências representam o comércio africano que não nos é possível analisar em relação ao conteúdo transportado não deixando, no entanto, de remeter (como ocorre com a Africana I) para um *floruit* das importações anfóricas africanas no final do século II e décadas centrais do III d.C..

Keay 25.1/ Africana IIIA

Este tipo é habitualmente classificado segundo a designação estabelecida por Simon Keay (1984), estando inserida no seu tipo 25, variante 1. Pode igualmente ser classificado enquanto Africana III A (Bonifay, 2004) ou *Ostia* IV, 138-144 e 146 (Manacorda, 1977: 258).

Morfologicamente esta é uma ânfora de bordo em banda com cerca de 4 cm de altura, possuindo um muito ligeiro *gradino* no exterior. O seu colo é troncocónico com cerca de 15 cm de altura, com um corpo cilíndrico relativamente uniforme em largura, com uma ligeira diminuição no início da transição para o fundo, que é em pivot alongado, ainda que característico, uma vez que apresenta frequentemente um estreitamento abrupto a cerca de meio do pivot, criando um efeito de ressalto. As suas asas são curtas, de tendência em "orelha", arrancando sob o bordo e ligando até ao ombro, com uma secção semi-circular (Bonifay, 2004: 119)

Esta tem uma datação proposta para o final do século III d.C. (variantes precoces) e século IV (variante clássica). O seu conteúdo permanece indeterminado, sendo apontado como possíveis produtos vinícolas, ainda que em algumas evidências

tenham sido detectados resíduos de preparados piscícolas, o que dificulta a interpretação do seu conteúdo (Bonifay, 2004: 122, 465 e 474).

A sua produção está diagnosticada no território da actual Tunísia, nomeadamente em Nabeul (*Neapolis*), Salakta (*Sullecthum*), Oued el-Akarit, *Thaneae* e *Leptiminus* (Bonifay, 2004: 119).

O seu comércio é essencialmente mediterrânico, estando atestada na península Itálica, Gália, Hispânia, e em menor expressividade no Mediterrâneo oriental (Bertoldi, 2012: 173-174).

Na Lusitânia foi exumada nos contextos de *Olisipo* (Almeida e Filipe, 2013; Quaresma et al, 2017; Filipe 2019), Faro (Viegas, 2011; Almeida, Viegas, Beja e Teixeira, 2014), Balsa (Viegas, 2011), Boca do Rio (Bernardes e Medeiros, 2016), Évora (Paço dos Lobos da Gama) (Basílio, 2017, anexo 2, gráfico 7.1) e Foz do Arade (Viegas, 2011).

Quanto à sua importação em Almoínhas, esta contabiliza um total de 4 indivíduos, representando, a par das produções lusitanas, as mais tardias importações de produtos vinários no sítio arqueológico.

De realçar que no caso de um dos fragmentos, proveniente do nível [3024], este está inserido já enquanto Keay 25.1, ainda que, tendo por base os trabalhos de Bonifay (2004: 117) este bordo deva corresponder ao momento de transição entre os tipos IID e IIIA/Keay 25.1.

Se analisada da perspectiva da litragem, a Keay 25.1/Africana IIIA irá quase igualar em quantidade do consumo lusitano, marcando uma continuidade e crescimento da importância do mercado africano enquanto centro abastecedor de Almoínhas no século IV d.C., momento em que se observa o declínio das importações do restante império com um muito ligeiro crescimento das produções lusitanas.

7. Análise evolutiva e económica intra-sítio, regional e provincial (séculos I a VI d.C.)

7.1. A evolução do sítio segundo a sua crono-estratigrafia

A partir do nosso trabalho de classificação e estudo do espólio anfórico, bem como da remontagem completa das matrizes estratigráficas das intervenções da ERA-Arqueologia (anexo II), foi possível, integrando também os materiais finos (*terra sigillata*, cerâmica africana de cozinha, lucernas, vidros, almofarizes e cerâmica comum importada) anteriormente publicados por José Carlos Quaresma em 2018, 2019 e 2020, proceder à análise mais aprofundada dos fenómenos estratigráficos e comerciais, mantendo-se algumas propostas anteriores e sendo possível rever outras.

No que respeita à cronologia do sítio das Almoínhas, como já mencionado *supra*, remetemos a sua fundação para o final do século I/ início do II d.C., como já anteriormente havia sido proposto (Brazuna e Coelho, 2012), ainda que, como já mencionado posteriormente, os dados estratigráficos desta fase sejam bastante escassos (Quaresma, 2018: 200-201), estando circunscritos a níveis fundacionais de um reduzido conjunto de muros da área 1; ao possível *horreum* e *ustrinum* da área 3; e ao contexto fundacional do forno 3, estando o último em linha com os dados publicados (Brazuna e Coelho, 2012: 105).

Como apresentaremos de seguida, cremos que o sítio não deverá ser uma *villa* dadas as evidências arqueológicas exumadas a nível arquitectónico, ainda que, a nível de implantação geográfica esteja numa zona fértil, com abundância de água e próxima da via, como atestado pela presença dos marcos miliários, assim estando em condições próximas das ideais para esse tipo de ocupação (Quaresma, no prelo).

É possível que estejamos perante um *vicus*, já que como apontado no trabalho de Vasco Mantas (2012: 127-128) "(…) não podemos esquecer a vizinhança quase simbiótica que muitos destes estabelecimentos (*villae*) tiveram com *vici* e *castella*, onde vivia a maior parte da força de trabalho necessária.", o qual propomos que estabeleça relações com a malha de *villae* que cremos existir na várzea de Loures, das quais já se conhece a *villa* de Frielas e a possível *villa* de Unhos.

A estratigrafia sugere que para as fases iniciais entre o século II e cerca de meados do III d.C. haja um foco produtivo associado aos fornos, cujos contextos de abandono remetem já para o século IV d.C., sendo possível crer na sua desactivação

ainda no século III. A par disto, as áreas 1, 2 e 3 parecem sofrer uma reorganização profunda em 250-300 d.C., sendo o muro da área 2, construído nesta fase, o possível resultado da necessidade de uma divisão física entre espaços de diferentes naturezas (área residencial e área produtiva).

Os contextos da lixeira da área 4 (350-400 d.C.) vão desactivar estruturas prévias, de carácter indeterminado, parecem afirmar uma nove dinâmica de ocupação com remodelação de espaços na segunda metade do século IV, sendo que voltam a surgir contextos estratigráficos numa cronologia de 400+ nas Áreas 1 e 3, alguns associáveis já a aparentes fenómenos de *squatting*.

O século V e VI d.C. corresponderá, como já apontado nas médias ponderadas das importações, ao lento declínio da ocupação do sítio arqueológico, entrando as estruturas lentamente em colapso, havendo inclusive, nos séculos IV/V d.C., reocupações de algumas divisões sobre os níveis de derrube aplanados, bem como sub-compartimentação de espaços.

Esta fase, associável a uma nova dinâmica de ocupação, tendo em conta as alterações geopolíticas sofridas na Hispânia a partir da chegada de Vândalos, Suevos, Visigodos e Alanos (Arce, 2005), parecem ter alguma reflexão no sítio através da aparente perda das funcionalidades anteriormente associadas aos espaços, sobretudo marcada na área 3, onde os contextos parecem alterar-se para um âmbito habitacional em detrimento das funções produtivas.

Sectores I, II, IV e VI

Os contextos intervencionados pelos agentes municipais não forneceram, com excepção do sector V (correspondente à área 4 da ERA), um numeroso espólio anfórico, sendo a leitura estratigráfica possível de efectuar bastante reduzida, destacando-se o sector I pela ausência de qualquer espólio anfórico, daí que não se teçam comentários quanto à estratigrafia já anteriormente trabalhada (Quaresma, 2018; 2019).

Sector II

No que respeita ao sector II este é passível, tendo por base o estudo das *sigillatas* por José Carlos Quaresma, de subdividir em duas fases – c. 300 d.C. (Camada 2) e 390+ (Camada 1). Permanece com uma cronologia mais vaga de século IV a camada 1C que assenta directamente sobre a 2.

Assim, os materiais classificáveis são as ânforas, dado que no conjunto de *terra sigillata*, de exclusividade africana, todos os fragmentos são inclassificáveis.

O conjunto anfórico não permite grandes conclusões, dado que para cerca de 300 d.C. há um indivíduo de Almagro 51C, e no século IV um de Almagro 50, amostra que consideramos demasiado diminuta para tentar efectuar qualquer paralelismo com o restante sítio arqueológico, à qual acresce o facto dos materiais exumados terem sido exumados de várias quadrículas, em alguns casos sem relação entre si, dado que este sector corresponde a uma vasta área de sondagens.

Sector IV

No que respeita ao sector IV, estão propostas actualmente duas fases de c. 300 d.C. (Camadas 2 a 4) e 390+ (Camada 1) (Quaresma, 2018; 2019), sendo que no âmbito deste trabalho optou-se por ver se existiam alguns numismas no contexto e é assim possível de contestar a cronologia de 390+ para a camada 1, uma vez que nesta camada foi recolhida uma moeda de 10 centavos da Primeira República Portuguesa, inviabilizando, a nosso ver, qualquer leitura cronológica para este nível. Já as restantes camadas são dotadas de numismas romanos, infelizmente até ao momento sem uma leitura possível.

Arquitectonicamente este sector revelou mais evidências de edificado (Anexo VII – planta 2), com um possível piso conservado, no entanto, pelas evidências materiais recolhidas, cremos que este edificado deverá pertencer, no máximo, ao século III d.C., podendo inclusive estar associado à fase de remodelação e renovação dos espaços evidenciada na área 1 para 250-300 d.C..

A nossa proposta cronológica está assente sobretudo nas evidências anfóricas, já que o único fragmento de *terra sigillata* classificável, um indivíduo de Hayes 50 A/B, atribuível a 300+, é proveniente já da camada 2, que vai sobrepor os níveis de edificado após estes já se encontrarem em estado de ruína, marcando a desactivação deste espaço algures no século V ou V d.C.. No entanto, a exclusividade das produções bizacenas de *sigillata*, ainda que inclassificáveis, sugere também a datação da Hayes 50.

O conjunto anfórico apresenta alguma diversidade, com os tipos lusitanos Almagro 51C (3 NMI) e Dressel 14, a última fracamente representada (1 NMI), o que parece não invalidar a proposta cronológica. As produções do Guadalquivir surgem com

alguma representatividade, que por comparação com outros sectores do sítio, está bastante bem representada, com um terço dos indivíduos.

Sector VI

Quanto ao sector VI, este também não forneceu nenhum contexto arqueológico preservado passível de interpretação, pelo que os materiais recolhidos, totalmente provenientes da camada 2, com excepção de um fragmento indeterminado do Guadalquivir que não possui informação estratigráfica, correspondem a um conjunto de *terra sigillata* e ânforas.

A *terra sigillata*, como já ocorrera com os casos dos sectores II e IV, é somente da produção C africana, neste caso com um indivíduo de Hayes 50 A/B.

O conjunto anfórico apresenta alguma diversidade, com um equilíbrio na produção lusitana de Almagro 50 e Almagro 51C (1 NMI cada) e um indivíduo de Keay 25.1 africana, dados que, em conjunto com a cerâmica fina, parecem todos remeter a datação contextual para um período entre 300 e 400 d.C., sendo que optámos por englobar estes vestígios na fase geral de 300+.

Área 1

A remontagem estratigráfica efectuada no decorrer do presente trabalho permitiu uma profunda complexificação das primeiras matrizes apontadas para este sítio (Quaresma, 2018, 2018-2019 e 2019), existindo, com base nas evidências anfóricas, uma revisão das propostas cronológicas anteriores, que é marcada pela diminuição da quantidade de fases propostas para a área 1.

Fase de 100+ d.C.

Quanto à edificação do edifício, esta pode ser remetida para os momentos iniciais do século II d.C. (fase de 100+), não ultrapassando, a nosso ver, os meados da centúria, já que os contextos que se irão sobrepor datam já de 175+ d.C.. No entanto, como discutiremos no que respeita à arquitectura no final do texto, até ao início do século III d.C. o edifício aparenta sofrer recorrentes remodelações internas.

A nível material a expressividade deste momento cronológico é reduzida (12 NMI), ainda que aparentemente sem residualidade, onde o conjunto de *terra sigillata* é incipiente, com um fragmento inclassificável de *terra sigillata* africana A.

A ausência de materiais deste momento mais recuado, tais como a *terra sigillata* sudgálica e hispânica, poderá, a nosso entender, resultar de duas situações – casualidade estratigráfica, já que vários indivíduos destas produções irão estar presentes nas fase posteriores onde são residuais; ou a mera sobrevivência destas formas em uso, ou seja, um tempo de "vida" que ultrapassa as realidades comerciais, fenómeno que cremos que não deva ser de descurar, como voltaremos a salientar na fase de 500+ d.C..

O conjunto vítreo, com um equilíbrio entre a tonalidade incolor-verde e verde, alcança aqui alguma proeminência com a presença de um indivíduo de perfil cerâmico, cuja crono-tipologia remete para esta cronologia, bem como uma possível Isings 38 (Cruz, 2009: 133-134; 145-146; 342).

Quanto às evidências anfóricas, estas são relativamente reduzidas, sendo o único tipo classificável a Lusitana 3, com 5 indivíduos, situação que cremos revelar em Almoínhas um consumo de produtos vinícolas desde cedo na diacronia. É de realçar a aparente ausência de consumo de preparados piscícolas ou azeite, produtos que incorporam a dieta romana e que estão plenamente atestados na metrópole mais próxima, *Olisipo*, já antes do século II d.C. (Filipe, 2019).

Fase de 175+ d.C.

Igualmente parca em espólio, mas de residualidade aparentemente nula, a fase de 175+, volta a apresentar apenas um indivíduo indeterminado de *terra sigillata* africana A, bem como um individuo de cerâmica comum importada da Bética de tipo indeterminado.

O conjunto anfórico apresenta mais alguma variedade formal em relação ao início da centúria, com a introdução do consumo de preparados piscícolas representados pela ânfora Almagro 51C, que suplanta a Lusitana 3 numa relação próxima de 1:3.

Estes dados, parcialmente em linha com a anterior proposta de uma fase de 150+ para Almoínhas (Quaresma, 2018: 206), parecem, sobretudo no conjunto anfórico, reforçar um consumo de bens alimentares ainda maioritariamente endógenos[4], no que poderá ser um estado mais letárgico do sítio arqueológico, que começará, no dealbar do

[4] Não podemos, no entanto, afirmar um comércio de bens alimentares exclusivamente lusitano dado que, noutros sectores do sítio arqueológico, tais como o forno 3, surge espólio anfórico associável a esta cronologia (100-175 d.C.), bem como em níveis posteriores surgirão materiais residuais associáveis a esta fase, tal como a Haltern 70 bética que surge na U.E. [1015] datada de 500+ d.C..

século III d.C., a atingir o seu desenvolvimento pleno, como já havia sido proposto (Quaresma, 2018: 201).

Fase de 190/200+ d.C.

A fase de 190/200+, difícil de distinguir a nível estratigráfico, é marcada por um aumento exponencial do espólio com 59 fragmentos e 21 indivíduos.

Como abordaremos posteriormente, esta é também uma fase associada a um re-estruturamento/renovação arquitectónica, que será, em princípio, responsável por parte da residualidade do conjunto (23,8 %), onde surge a *terra sigillata* sudgálica expectável nas fases anteriores, as paredes finas béticas e de *Augusta Emerita*, cuja datação é aproximável ao principado flávio (Mayet, 1975), bem como um bordo da ânfora tipo Dressel 28 da Bética litoral bastante bem conservado.

Quanto ao conjunto de *terra sigillata* coeva este é constituído pelas produções hispânicas de La Rioja numa relação com a produção africana de 1/2 ao invés do 1/3 anteriormente apontados para 190+ (Quaresma, 2018: 207). Nas produções africanas a Zeugitânia é predominante com 3 indivíduos de Hayes 14, seguida da Bizacena com um indivíduo de Hayes 44, mantendo-se, como já avançado, o começo da importação do fabrico C logo no início da sua difusão (Quaresma, 2018: 207-209).

O conjunto anfórico permanece dominado, quanto aos NMI, pelas produções lusitanas, com o consumo de preparados piscícolas a suplantar os produtos vinícolas (144 litros para 20 litros). As importações, no entanto, quando analisadas pela litragem, dão o predomínio ao azeite Bético que dominará o conjunto com 210 litros, ou seja, 56% do total de bens alimentares consumidos, no que aparenta ser uma agora reforçada importância dos produtos béticos na dieta alimentar dos residentes de Almoínhas.

De facto, no que respeita ao conjunto de *terra sigillata* e ânforas, os dados representam uma rotura com as fases prévias, havendo um crescimento acentuado da diversidade de origens dos bens importados, quer sejam do Ebro, da Zeugitânia ou Bizacena, ou quer sejam Lusitanos ou Béticos. Esta tendência parece reforçar a nossa proposta anterior de um reforço da dinâmica, pelo menos a nível comercial, de Almoínhas no início do século III d.C..

Fase de 250-300 d.C.

Os meados e a segunda metade da centúria (fase de 250-300 d.C.) correspondem, com excepção dos contextos de 500+, ao maior conjunto de informação disponível para a área 1, com 147 indivíduos e uma residualidade assaz baixa, entre 9,5% e 11%.

Quanto ao espólio de *terra sigillata* as produções alto-imperiais representam uma minoria do conjunto, com 13,8%, em princípio devendo ser todos os vestígios residuais. A maioria das evidências pertence à produção zeugitana de *sigillata*, que suplanta a Bizacena em quase seis vezes, com os tipos Hayes 14 (15 NMI), Hayes 15 variante precoce e clássica (6 e 8 NMI) e Hayes 16 (7 NMI) a dominarem o conjunto, onde se integra também a Hayes 27 (4 NMI), a qual encontrará também nesta cronologia uma imitação local/regional, talvez do atelier da Quinta do Rouxinol, parecendo agora enquadrados nas fases mais recuadas da produção no terceiro quartel do século III d.C. desse atelier (Quaresma, 2017a).

Contrariamente ao já publicado para as imitações de engobe vermelho não vitrificado (IEV) e imitações locais/regionais de cerâmica africana de cozinha (Quaresma, 2018: 207-208; 2020a: 284-285), os dados agora revistos em conjugação com a complexificação da matriz estratigráfica, avançaram a cronologia das U.E. onde foram recolhidos os fragmentos, remetendo o início de ambos os fenómenos de imitação para o século III d.C., momento cronológico que representa um crescimento destas produções noutros sítios arqueológicos da península Ibérica (veja-se sobre isto a discussão em Quaresma, 2020a: 279-283).

A nível da *terra sigillata* africana C, esta apresenta somente os tipos Hayes 50 A e A/B, formas habituais nos contextos desta cronologia. Denota-se também a ausência do fabrico D1, situação que parece reforçar a datação proposta para os contextos, visto que a intrusão anteriormente identificada (Quaresma, 2018: 215) foi revista como pertencendo a um contexto de 350+ d.C..

Nesta fase surge novamente um indivíduo de paredes finas do tipo Mayet 37, seguramente residual, no que deverá ser, a par da já mencionada *terra sigillata*, um revolvimento dos níveis anteriores.

No que respeita à cerâmica africana de cozinha (CAC) e imitações locais/regionais, que começam agora o seu consumo, o conjunto apresenta um

predomínio das importações exógenas, com 13 indivíduos para 4 indivíduos de imitação.

Quanto à CAC, a patine cinzenta domina sobre a creme, sendo as formas associadas às tampas as mais bem representadas, com os tipos Hayes 195 (6 NMI), 196 A (2 NMI) e Ostia III, 170 (1 NMI).

As marmitas surgem com os tipos Hayes 197 (3 NMI) e Sidi Jdidi 7 variante D ou Fulford 5.1 (Mukai, 2016: 34; Fulford e Peacock, 1984: 183), sendo que a última levanta algumas questões quanto à sua cronologia de difusão, dado não haverem dados para o território lusitano e uma vez que o grupo episcopal de Sidi Jdidi remete a datação para, pelo menos, os meados do século V d.C. e as evidências de Cartago para os séculos III/IV, mais em linha com a fase em análise. Devemos realçar que as evidências de Sidi Jdidi (Bonifay, 2004; Mukai, 2016) remetem para exemplares com decoração externa, enquanto os contextos mais recuados dos séculos III/IV em Cartago (Fulford e Peacock, 1984: 180), apresentam exemplares sem decoração como o que surge em Almoínhas, daí que nos pareça credível uma datação para os séculos III/IV d.C. do exemplar em análise.

O conjunto de lucernas é marcado por alguma residualidade através da presença de um exemplar de lucerna de volutas, talvez itálico, bem como por uma lucerna hispânica do tipo Denauve VII. Quanto aos tipos coevos, a Bética surge agora com o tipo Dressel 30, anteriormente afecto à fase de 200+ (Quaresma, 2018: 209), bem como a nível local/ regional surge uma Lucerna de Disco.

As evidências vítreas são reduzidas e de baixa leitura, sendo apenas coevo o bordo de Isings 50 azul e um unguentário, talvez afecto ao tipo Isings 15, que cremos ser já residual no contexto.

No que respeita ao conjunto anfórico observa-se agora a maior diversidade de origens, de onde se destaca, contrariamente aos dados fornecidos pelas médias ponderadas das importações, um comércio afecto somente às costas da Bética e da Gália, com a ausência de ânforas africanas no conjunto, as quais, pelo menos na Área 3, estarão a ser importadas pelo menos a partir de 280+ d.C..

O conjunto lusitano é dominado pelos tipos Lusitana 3 (31 NMI) e Almagro 51C (11 NMI), não sendo de descurar os quantitativos de Dressel 14 (7 NMI + NMI da variante tardia), ainda que parte destes números possa ser já residual. Característicos do

século III d.C. em diante surgem também os tipos Almagro 50 e Lusitana 9 (2 NMI cada).

A par disto, o vale do Guadalquivir está representado pelo tipo Dressel 20 (4 NMI); a área litoral da Bética pelo tipo Keay XVI (1 NMI) e a Gália Narbonense por um indivíduo de Gauloise 4.

Quanto ao consumo de bens alimentares, é possível estabelecer aqui uma das poucas análises quanto ao conjunto, sendo que, no total de litros consumidos, os preparados piscícolas são ligeiramente suplantados pelos produtos vinícolas, com 634 litros de preparados para 674 de vinho, ocupando o azeite bético um papel secundário, com 280 litros.

As importações continuam a ser dominadas pelos produtos lusitanos, no qual denotamos uma superioridade um pouco inesperada dos produtos vinícolas, situação que poderá estar inflacionada no que relaciona com os quantitativos de Lusitana 3, já que esta cessa a sua produção em torno a 250 d.C., tornando assim difícil determinar se parte do conjunto não será já residual. Se não se optar pela explicação da possível residualidade, parece que em Almoínhas o papel do barril poderá não ter sido tão significante, já que este meio de envasamento é por vezes apontado como a resposta para a diminuição dos numerais de ânforas vinícolas nos finais do século II d.C. em diante (veja-se sobre esta questão Pereira, 2017: 143-170).

Fase cerca de 300 d.C.

Seguindo-se à fase da segunda metade do século III, surgem algumas U.E. que poderão ser associadas a cerca de 300 d.C.. No global, estes níveis apresentam uma residualidade crescente em relação aos momentos anteriores, com um total de 50%, níveis elevados que fazem eco das propostas publicadas para o conjunto de cerâmica fina com uns possíveis 97% de residualidade (Quaresma, 2018: 221).

O conjunto de *terra sigillata* é diminuto e espelha em pleno a residualidade, com um indivíduo de Drag. 15/17 de Andújar e uma Hayes 14 B do fabrico A africano. Os únicos materiais coevos são dois NMI de Hayes 58B em fabrico D1.

Como na fase anterior, mantêm-se a importação de cerâmica africana de cozinha, agora restrita ao tipo Hayes 182, variante D (Bonifay, 2004), cuja crono-tipologia é coeva com a datação proposta.

O conjunto anfórico é todo ele residual, surgindo um fabrico ausente na restante totalidade do sítio arqueológico, associado às produções itálicas da costa adriática, ainda que não seja classificável. De origem lusitana, surge um NMI de Lusitana 3, podendo este em parte reafirmar a nossa proposta quanto à residualidade da forma anteriormente discutida para a fase de 250-300 d.C..

Após um hiato de informação para a primeira metade do século IV, os dados ressurgem em 350+, com uma residualidade menor, de 25%, que atribui alguma fiabilidade ao conjunto, ainda que, como já notado, esta seja uma fase deveras mal representada (Quaresma, 2019: 320).

A *terra sigillata* apresenta uma diminuição da amostra, agora reduzida apenas a produções residuais. Associada às imitações locais/regionais de *terra sigillata* surge um bordo de Hayes 67 B.

Do conjunto anfórico é proveniente a maioria das evidências atribuíveis à segunda metade do século, sobretudo com o tipo Almagro 51 A-B (3 NMI).

As produções lusitanas apresentam residualidade com os tipos Dressel 14 (1 NMI) e Lusitana 3 (2 NMI), que deverão pertencer às fases anteriores e integrar os contextos posteriores através das renovações urbanas sofridas neste período, da qual se encontrará um reflexo na lixeira da área 4. A Almagro 51C ainda é relevante no contexto, com um pouco mais de um terço dos indivíduos lusitanos (38%).

Quanto aos bens importados coevos, a exclusividade pertence aos preparados piscícolas dos centros produtores béticos do vale do Guadalquivir que, após a remodelação sofrida no final do século III e que ditou o fim da produção de Dressel 20 em torno a 270 d.C. (Reynolds, 2010: 24-31), surgem agora associados ao tipo Almagro 51A-B, parecendo, no que respeita aos contextos de Almoínhas, substituir o primado do azeite pelos preparados piscícolas, podendo representar uma transição de uma lógica comercial assente na iniciativa estatal para uma lógica privada no seguimento do "declínio" da produção oleária bética (Reynolds, 2010: 39).

Fase de 400+ d.C.

A fase seguinte remete já para o início do século V d.C. (400+), momento a partir do qual se observará o progressivo crescimento da residualidade até ao início do século VI, sendo agora de 36,4%.

O conjunto de *terra sigillata* é dominado pelas produções africanas da Bizacena (4 NMI), ainda que, dado o conjunto ser constituído somente por Hayes 50 (A, A/B e B) a sua coevidade possa ser posta em causa para as variantes A e A/B, ocupando a Zeugitânia uma aparente posição secundária com a produção D1 associada ao tipo Hayes 67B (2 NMI), típica do período 400-500 d.C. (Bonifay, 2004).

Até agora inédita no sítio arqueológico era a produção de DSP, conhecida com bastante representatividade na *villa* de Frielas (Silva, 1998; 2016; Quaresma, 2017b), da qual surge um fragmento do tipo Rigoir 1 de produção do Languedoc na fase de 400+, podendo o contexto de proveniência, dado ser um enchimento de uma canalização, ter, no entanto, uma cronologia um pouco posterior até à fase de 425+ d.C.

Este contexto parece apontar que no mesmo momento, ou seja, no primeiro quartel do século V d.C., começa o consumo desta produção cerâmica na actual área da várzea de Loures, relembrando a presença de um indivíduo de Rigoir 18 do Languedoc na fase de cerca 410-425 d.C. em Frielas (Quaresma, 2017b: 447), mas a qual, no caso de Almoínhas, não parece ter sucesso comercial sendo preterida face à *sigillata* foceense, que surgirá bem representada nas fases posteriores de ocupação.

Do universo característico do século V, surge também uma imitação local/regional do tipo Hayes 61A/B1, parecendo que, no que respeita às olarias lusitanas, a forma deverá começar a ser imitada logo no início da sua cronologia de difusão.

O espólio vítreo apresenta também agora uma novidade, que encontrará eco na Área 3, com a presença do tipo Isings 116/ taça campanulada, confirmando-se as questões já levantadas para a sua tonalidade incolor/verde oliva para os inícios do século V (Quaresma, 2019: 321).

No que respeita ao conjunto anfórico este é maioritariamente residual (50%), onde as únicas importações exógenas, residuais, estão afectas ao tipo africana I (1 NMI), provavelmente sendo o fragmento proveniente de uma perturbação nos contextos mais antigos dos séculos III/IV d.C..

O conjunto lusitano apresenta também alguns tipos característicos das fases do século II/III d.C., com 2 NMI de Dressel 14 e 1 NMI de Lusitana 3. Neste total, apenas os cinco indivíduos de Almagro 51C hão de ser coevos no contexto.

É possível que os dados da *terra sigillata* e das ânforas, com menor diversidade formal e de conteúdos alimentares, possam estar a representar uma diminuição do poder económico dos ocupantes do sítio, não sendo de descurar, como se verá a partir das evidências arquitectónicas das áreas 1 e 3, que o século V é marcado pelo início dos *squattings* dos espaços através de sub-compartimentações e introdução de lareiras.

Fase de 425+ d.C.

O segundo quartel da centúria é marcado por uma continuidade com a fase anterior, com uma residualidade ainda superior, de 52 %.

As evidências materiais fornecem poucos dados analisáveis a nível sectorial, sendo que a *terra sigillata* coeva é constituída apenas pelo fabrico D1 africano, com os tipos Hayes 67, 76 e 81B, em linha com os comentários já previamente efectuados (Quaresma, 2019: 323) para a ausência dos tipos Hayes 82 a 86 e 91, formas que são típicas deste período.

No que respeita ao conjunto anfórico, as informações disponíveis apresentam uma continuidade com o início da centúria, onde apenas a Almagro 51C deverá ser coeva. Posto isto, mantêm-se ainda elevados os níveis de Lusitana 3 (5 NMI), o que reforça a nossa anterior proposta dos revolvimentos dos contextos mais antigos, talvez na sequência das novas ocupações do tipo *squatting* (veja-se *infra* a nossa discussão da evolução arquitectónica das fases 1 e 2 de 425+).

Fase de 500+ d.C.

O último momento do núcleo habitacional é o início do século VI d.C. (500+), associável em grande parte a contextos de derrube dos telhados e, por vezes, de algumas paredes. A residualidade atinge nesta fase os numerais mais elevados (64%), o que retira alguma fiabilidade à análise possível de efectuar, ainda que a amostra seja a maior de todas as fases (815 fragmentos – 296 NMI).

Em parte, os materiais residuais poderão de facto pertencer à dita cronologia dos derrubes, uma vez que para além dos períodos de comercialização ainda deve ser tido em conta o período de uso de uma determinada peça (veja-se, por exemplo, as considerações tecidas sobre o tema por Peña, 2007: 40-46, 58-60), sobretudo no que respeita à loiça de mesa, como é o caso da *terra sigillata*. Também é possível que, tendo em consideração a elevada residualidade, possamos estar perante material que foi utilizado ocupação interna do espaço que ocorreu após 425+ d.C., como se verá através

da análise arquitectónica *infra*, proposta que poderá ser suportada pela presença de vários fragmentos enquadráveis crono-tipologicamente nessa fase, dos quais destacamos o tipo Hayes 3C de *terra sigillata foceense*.

Neste sentido, não é clara uma diferença estratigráfica nos derrubes que permita diferenciar a existência de um rés-do-chão e primeiro andar, como sugerido pelas interpretações elaboradas aquando da escavação sobre as evidências arquitectónicas (Coelho, 2007).

Quanto aos quantitativos de *terra sigillata* a primazia é das produções foceenses de Hayes 3E e 3F, seguindo-se as produções africanas de D1 com o surgimento da Hayes 91, moderadamente bem representada com três indivíduos, e o estilo decorativo C-D, associável à cronologia proposta (Hayes, 1972).

Com um indivíduo foi também exumado um fragmento de bordo de *terra sigillata* hispânica tardia do tipo Palol 4 (Paz Peralta, 2008), o qual não foi possível de determinar se é proveniente das oficinas do Ebro ou do Douro, ainda que, pelos dados mais recentes de sistematização do consumo destas produções na Lusitânia (Quaresma, 2021b: 199), sejamos tentados a crer que se deva tratar de uma produção do Ebro.

O material residual é largamente dominante no conjunto de *terra sigillata* (89%), com uma baixa quantidade (5 NMI) de materiais alto-imperiais, nomeadamente o tipo Drag. 18 sudgálico e Drag. 36 hispânico de La Rioja.

As produções africanas residuais constituem a maioria do conjunto, com o fabrico A a dominar o C (44 para 31 NMI), de onde se destacam os tipos Hayes 14, 15, 16, 45 e 50, à semelhança do que já acontecera nas fases anteriores. O conjunto de D1, ainda que comercialmente residual, poderá ainda dever parte dos seus quantitativos ao tempo de uso das peças, como já discutimos anteriormente, sobretudo no que respeita ao tipo Hayes 61 A/B3 que conta três indivíduos e que cuja difusão deverá cessar em torno a 480 d.C. (Bonifay, 2004), bem como nos tipos Hayes 58 e 59 que remetem, no geral, para meados do século V d.C..

Ressurgem nesta fase as cerâmicas locais/regionais de imitação de formas de *terra sigillata*, com alguns perfis afectos às formas mais antigas das produções africanas de Hayes 14A e Hayes 27=L9a, em princípio residuais. Atribuíveis a esta cronologia deverão ser as imitações de perfis do tipo Hayes 3 e 3C foceense, marcando-se assim uma aparente continuidade da "tradição" de imitação de formas de loiça de mesa de

grande difusão nas olarias locais/regionais em torno a *Olisipo*. Neste universo, agora nas imitações de engobe vermelho, surge também uma imitação da Hayes 61 B1.

A cerâmica africana de cozinha, bem como as suas imitações, ressurge com quantitativos elevados (34 NMI), ainda que provavelmente sendo totalmente residuais. Posto isto, levanta-se uma questão quanto à possível cronologia de difusão dos tipos Hayes 181D, representado com 3 NMI, bem como, no que já anteriormente notado para estes contextos (Quaresma, 2019: 329), para o caso da Hayes 196 (13 NMI) e da Hayes 195, parecendo-nos que se possa propor a continuidade até ao século VI d.C., ainda que esta proposta ainda careça de mais contextos para a sua confirmação.

O conjunto de imitação da CAC permanece igual ao já publicado (Quaresma, 2019), mantendo-se as questões então levantadas em relação aos tipos Fulford 20.1 e 20.6, tendo o conjunto de cerâmica africana de cozinha, como mencionado *supra*, reforçado, a nosso ver, as anteriores propostas cronológicas de produção.

Quanto ao conjunto anfórico este apresenta a maior amostra do sítio arqueológico (107 NMI), ainda que tenhamos algumas reservas quanto ao posicionamento estratigráfico da totalidade dos materiais, uma vez que, como constatámos no decorrer da reconstituição da ânfora nº 1-2, quase completa, proveniente das U.E. [1018] e [1484], esta deverá ser totalmente proveniente do contexto de 200+ da U.E. [1484], tendo erroneamente, aquando da escavação, sido atribuída à fase abandono.

Ainda no que respeita às questões de índole estratigráfica, é também possível que possam ter ocorrido fenómenos de ocupação durante o processo de derrubes, já que, no caso da U.E. [1015=1018] foi recolhido um grande número de fragmentos, com colagem, pertencentes a uma ânfora africana de Nabeul, que poderá ter estado associada a uma re-ocupação do espaço entre o derrube da [1015] e o da [1018], daí que as duas unidades pareçam equivaler.

Posto isto, cremos que a maioria dos materiais, dado o seu elevado estado de fragmentação, deverá corresponder efectivamente aos contextos de abandono, devendo em parte ser provenientes de revolvimentos das fases mais antigas, como parece ser comprovado pela residualidade (41%).

No que respeita às origens das importações apenas a Lusitânia e o litoral da Bética parecem ser coevos, ainda que com residualidades de conjunto elevadas.

As restantes origens estão maioritariamente afectas a uma datação para o início da ocupação do sítio, com a Haltern 70 e Dressel 20 do Guadalquivir e uma Africana grande = Africana II (bojo) de Nabeul, devendo a sua presença a fenómenos de revolvimentos de contextos anteriores ainda em época romana ou com os trabalhos agrícolas dos séculos mais recentes.

O conjunto anfórico lusitano que considerámos enquanto coevo é dominado pelo tipo Almagro 51C, sendo que nos parece possível, em face da quantidade de espólio (55 NMI), bem como pela presença de alguns fundos das variantes mais tardias (6 NMI) e um bordo que se encontra já na transição para o tipo Lusitana 10, que a cronologia de difusão da forma possa ir até ao século VI d.C., especialmente tendo em consideração que este tipo também está moderadamente representado, entre outros, nos contextos de 500+ da Área 3; em Frielas na fase de 475-500 d.C., a par da Lusitana 10 (dados inéditos); na Quinta da Bolacha na transição do século V para o VI d.C. (Quaresma, 2017c); e nos contextos tardo-antigos das Escadinhas de São Crispim (Quaresma, 2020b).

A par da Almagro 51C a outra forma coeva é a Almagro 51A-B, com 3 NMI lusitanos e um da costa litoral bética. A nível lusitano, tal como a presença de dois NMI do tipo Sado 1, as olarias do Sado parecem sofrer um crescimento das suas produções nos séculos IV/V e início do VI d.C, parecendo as evidências da área 1 de Almoínhas em linha com anteriores propostas para a sua dinâmica comercial (Quaresma, 2017d).

Evolução arquitectónica da Área 1

Quanto à evolução arquitectónica do núcleo urbano da Área 1 optou-se por abordar as evidências em conjunto, ao invés de analisar junto com as evidências materiais em cada fase cronológica, dado a complexidade da evolução do edificado afecta a constantes alterações arquitectónicas.

A fundação, como já mencionado *supra*, ocorrerá em torno ao início do século II d.C., sendo que a planta do espaço existente nesta fase é pouco clara (Anexo VII – planta 3), dada a escassez de informações. Apesar disto, podemos afirmar que aparentemente o edifício primitivo seguiria um modelo de *domus* com peristilo, dado existir uma datação de 100+ para o muro [1084] e sua base [1123] (delimitador da fachada a Sudoeste do peristilo) e um depósito que poderá ser um piso em seixo, [1161], no que deverá ser o corredor de circulação.

Associada a esta fase surgem alguns estruturas, fossas [1250, 1256 1280], cuja funcionalidade não é clara, ainda que duas delas estejam associadas a um bloco de edificado mais a Sudoeste, cuja cronologia e funcionalidade não são claras. É possível que, dado a maioria das UEs corresponderem aos enchimentos das fossas, estas possam corresponder a algum tipo de instalação prévia à plena construção do edifício.

Ainda no início do século II d.C. surgem as primeiras canalizações, nomeadamente a [1196/1203], no sector mais a sul do edificado, infelizmente mal conservado, mas que permite, no entanto, avançar que logo na fundação parece haver preocupação com o escoamento de águas, talvez associado ao facto de o sítio estar implantado em vertente e acumular águas de escorrência, problema que parece ser recorrente e poderá motivar as constantes remodelações de canalizações nas fases subsequentes.

No último quartel da centúria, em torno a 175+ d.C. (Anexo VII – planta 4), os dados disponíveis não permitem discutir uma profunda reorganização arquitectónica, apenas comprovando as propostas do início do século II d.C., já que vários dos depósitos cobrem algumas dessas realidades, como é o caso da U.E. [1139], localizada no corredor de circulação do peristilo, cobrindo o nível [1161] de 100+; e um depósito no interior da canalização [1205], provavelmente associada ao escoamento das águas pluviais no interior do peristilo e que passa por debaixo ou através do muro [1084] da fase de 100+, logo cremos que a canalização deverá ser contemporânea à fundação do edifício.

O final do século II e a transição para o século III (190/200+) (Anexo VII – planta 5) observa uma nova remodelação urbana, com a construção de algumas estruturas, bem como renovação ou reparos em muros pré-existentes.

A nível murário, ocorre uma renovação profunda dos muros do peristilo, com um aparente reparo (muro [1025]) do muro prévio [1122] de 100+ d.C., provavelmente associado à construção do novo muro [1039], que alarga a Norte o peristilo, desactivando o muro [1185].

Não é clara em nenhuma evidência murária da Área 1 uma explicação para o alargamento do peristilo, já que não parece haver alterações nos restantes muros, no entanto, dado que as evidências arqueológicas da parte Norte do núcleo habitacional remetem na para uma cronologia a partir de 190/200+ d.C., é possível que o edifício

tenha sido refeito, destruindo evidências anteriores, ou o projecto inicial apenas tenha sido finalizado neste momento com uma correcção do traçado do peristilo através do muro [1039].

Para além da alteração do peristilo, vão surgir, através dos depósitos [1568=1636=1659] e [1454], que são cobertos pelos muros [1395], [1396], [1623] e [1580], as primeiras evidências da edificação da parte Norte do edifício, à qual se deverá associar o muro de fachada a Norte (infelizmente sem qualquer datação possível e por tal representado por linha tracejada na planta). Os níveis de depósito no compartimento do canto superior Norte vão selar depósitos seguramente mais antigos, nomeadamente o enterramento [1668] e o depósito [1669], de onde é proveniente o exemplar de ânfora completa, de origem indeterminada afim da Keay IB.

A par disto, sob os muros [1031] e [1702], delimitadores do corredor Este do peristilo, voltam a ser exumados níveis de 190/200+, bem como sob o piso do Tanque 2 (Anexo VII – planta 6), o que parece confirmar toda a edificação desta zona em finais da centúria.

Incertas quanto à cronologia de edificação, mas seguramente no período entre o século II e o início do III d.C., ocorrem mais algumas edificações (Anexo VII – planta 7), como a estrutura no canto Nordeste, interpretada como uma cisterna para acumulação de água, ainda que não tenha sido integramente intervencionada (Coelho, 2007); os muros [1014] e [1212] na zona a Sul; a canalização [1053] que atravessa o compartimento oposto ao tanque 2; e a estrutura a cinzento, que parece romper o muro [1043], cuja datação de fundação não deverá exceder 250 d.C., dado que será encostado por estruturas da fase de 250-300.

Estratigraficamente a fase seguinte diz respeito à segunda metade do século III (250-300 d.C.), momento no qual o conjunto de edificado sofre algumas reestruturações, sobretudo no que respeita à gestão de águas (pluviais?) e à zona mais a sul da estrutura.

Neste sentido detectámos duas fases do edificado entre 250-300 d.C., sendo que a primeira fase poderá ainda remeter para evidências do segundo quartel do século III d.C (225-250 d.C.).

A primeira fase relaciona directamente com a parte sul do edifício (Anexo VII – planta 8), não sendo claro se anteriormente esta era uma zona exterior com baixa

urbanização, ou se as evidências, pelo seu mau estado de conservação, não permitem uma leitura mais clara.

Este momento cronológico está associado a duas deposições funerárias de indivíduos infantis (U.E. [1373] e [1413]), que são cobertos por um depósito, interpretado aquando da escavação como um possível resto de taipa, cuja datação remete para a fase de 250-300 d.C., sendo que a deposição terá sido efectuada num momento em que ainda existiria um compartimento constituído pelos muros [1036] e [1476], sendo este último destruído para a construção do piso [1047] na segunda metade da centúria.

A par disto, a canalização [1302/1303], situada por detrás do muro [1423] do corredor Sul do peristilo, possui evidências nos seus muros de apoio [1085] e [1282], que sustentam a sua construção ou algum tipo de trabalho de reparo, também nesta primeira fase do século III d.C.. Neste contexto, no interior do compartimento, surge também o depósito [1175 = 1226], que poderá corresponder a uma reparação do piso de base do compartimento.

Na segunda metade da centúria (Anexo VII – planta 9) o edifício parece continuar a padecer de dificuldades no escoamento de águas, motivo que levará à edificação de um grande canal [1234] forrado a *opus signinum*, o qual destruirá parte do muro [1036] e cobrirá os enterramentos infantis.

Para a nova configuração da área a Sul surge o pavimento [1047] que encosta ao muro [1044], delimitador do canal. Nesta zona vão também ser edificados os dois muros adossados à estrutura indefinida do canto Noroeste, com uma concentração cerâmica entre os muros, que parece remeter para a existência de uma zona coberta, ainda que de reduzidas dimensões naquela área.

A parte Norte do edifício apresenta evidências de ocupação na canalização [1489, 1490, 1503, 1507, 1561, 1587]. Esta canalização pode ser apontada como cronologicamente mais próxima a meados da centúria, devendo a canalização estar a remover águas pluviais do interior do peristilo, escoando-as para a Área 4, onde se situa a lixeira. O tipo de estrutura empregue, sobretudo na parte reforçada com as tampas em laje pétrea, parece estar conforme com o canal em *opus* na parte Sul, na medida em que parece ter existido um grande empenho, e uma certa monumentalidade, quando comparado com as canalizações anteriores, na resolução do problema das águas.

Ainda nesta fase ocorrem mais alguns depósitos que parecem sugerir o início da desassociação do edifício da sua funcionalidade original, nomeadamente através de deposições no interior do peristilo (U.E. [1134]) e no corredor de circulação (U.E. [1544]). É possível que as sub-compartimentações do tanque 2 (Anexo VII – planta 6) também sejam deste momento cronológico, no entanto, faltam evidências arqueológicas que o permitam confirmar em absoluto.

As evidências do início do século IV (300+ d.C.) são muito diminutas, reduzidas às unidades [1030] e [1126] (Anexo VII – planta 10).

A primeira U.E. cobrirá a fossa [1552], datável para os séculos II ou III, que se encontra no compartimento oposto ao tanque 2. Ao encostar aos muros [1087] e [1108], é possível também afirmar que estes muros, de funcionalidade pouco clara, mas que pensamos corresponderem já a fenómenos de re-ocupação do tipo *squatting*, serão pelo menos ainda do final do século III d.C.

O nível [1126] irá encostar ao depósito [1226], podendo corresponder, à semelhança daquele a que encosta, a um restauro do piso no interior do grande compartimento a Sul do peristilo.

Após uma primeira metade do século IV sem alterações arquitectónicas, voltam a surgir alterações em 350+ (Anexo VII – planta 12), as quais se vão prolongar até ao primeiro quartel da centúria seguinte, podendo-se considerar que a Área 4, enquanto zona de descarte de material, será um reflexo das reestruturações entre 350 e 400+ d.C..

A segunda metade do século IV vai corresponder ao último momento do uso do edifício correspondente à planta herdada do século II d.C., ou seja, com o edificado estruturado em torno a um peristilo central, uso que parece ser comprovado pelo remendo de piso [1133] no canto Sudeste do corredor de circulação.

Aparentemente também desta fase será o primeiro derrube de telha identificado no edifício, que vai sobrepor-se ao revestimento em *opus* do tanque 2, marcando assim o seu período de funcionamento entre 200+ e 300-350 d.C..

A par destas evidências, surge um depósito sob a lareira [1450], remetendo esta evidência e o muro [1572] para as fases posteriores, no que apenas podemos afirmar ser uma fase indefinida entre 350+ e o século V d.C. (Anexo VII – planta 11).

O início do século V é parco em novas estruturas, ficando sobretudo resumido a níveis de derrube de telhado e de muros, situação que poderá apontar que o edifício terá sofrido um período de abandono, talvez relativamente prolongado, entre 350 e 400 d.C..

Quanto aos derrubes de telha estes vão corresponder às U.E. [1021=1028] e [1029] que irão cobrir as evidências existentes no compartimento do muro [1572], oposto ao tanque 2, cujo telhado colapsara ainda em 350+.

Também na canalização por detrás do muro [1123] na parte Sul do peristilo, vão surgir alguns níveis de 400+, nomeadamente com a presença do único fragmento de DSP, o que levanta alguma interrogação quanto ao estado de conservação do pavimento nesta fase, devendo os materiais tratar-se de lixo que caiu na canalização aquando dos remeximentos no nível de [1100], que poderá corresponder a um novo reparo do piso no interior do compartimento.

Em 425+ d.C. (Anexo VII – planta 13) encontramos uma profunda remodelação do espaço, sendo em definitivo desactivado o peristilo, que será substituído por um edificado complexo, cuja organização não é completamente perceptível, talvez em virtude de algumas afectações pelas actividades agrícolas dos períodos contemporâneos.

Ainda que pouco clara, como já ocorrera com os níveis de 250-300, esta fase parece ser divisível em dois momentos de edificação, sendo que cremos que a segunda fase poderá estar mais próxima de meados da centúria, ainda que a nível material faltem evidências a comprovar esta afirmação, para além da *terra sigillata* foceense que surgirá nos níveis de 500+ d.C..

A primeira fase de 425+ d.C. é respeitante aos níveis de edificação do tanque 1, localizado no interior do peristilo, que nesta fase já deverá ter perdido a sua funcionalidade primitiva. Ainda que não haja dados datantes para os muros [1147], [1149] e [1326] do tanque 1, estes foram construídos sobre os depósitos anteriores, tais como o [1134] da fase de 250-300 d.C. e o [1053] de 425+ d.C., sobre os quais assenta a vala de fundação [1158].

Neste primeiro momento, o compartimento Sul do peristilo parece ter novamente uma renovação do piso, com o depósito [1129], voltando a haver remeximentos na canalização por detrás do muro [1123], com os depósitos [1174] e [1283].

A segunda fase (Anexo VII – planta 14) corresponde a apenas duas U.E., no entanto, pela lógica do edificado foi possível perceber um conjunto mais largo de evidências contemporâneas entre si.

Começando pelas vestígios da primeira fase, o tanque 1 será destruído pelo muro [1055], o qual virá a ser encostado pelo depósito [1052], talvez da fase ocupação, e pelo nível de abandono [1058], que deverá corresponder já a uma fase de pelo menos 450+ d.C..

O dito depósito de níveis de circulação [1052] vai também cobrir o muro [1033=1155], que delimitava a oeste o peristilo, marcando a sua desactivação como segura já no segundo quartel do século V d.C..

Associadas a estas evidências, o muro [1055] *supra* mencionado está integrado num conjunto murário ([1054], [1056], [1119], [1131], [1164], [1165], [1610], [1611], [1612] e [1613]) que corresponde à criação de pequenos compartimentos, os quais cremos serem destinados a uma ocupação de pequenas unidades familiares, já que esta situação ocorre noutros contextos com datações próximas, como é exemplo em *Olisipo* da construção de uma habitação tardo-antiga no interior do teatro (Fernandes, 2020: 486).

A par disto, o anterior corredor de circulação será fechado com os muros [1076] e [1117], de forma a transformá-los em compartimentos. Fundamentalmente o edifício parece ter sido divido em duas partes (Este e Oeste), sem ligação directa, estruturados em torno de um eixo central.

Estes contextos habitacionais deverão estar associados às lareiras [1450] (figura 11) e [1509], que ainda que não tenhamos unidades estratigráficas que o comprovem, parecem enquadrar-se na nova organização dos espaços.

O término da ocupação do edificado da Área 1 está já no início do século VI d.C. (500+), não devendo ultrapassar o primeiro quartel da centúria. Neste sentido, dada a ausência de novas estruturas e de registo gráfico da dispersão dos derrubes, optámos por considerar como planta desta fase (Anexo VII – planta 15) a totalidade das evidências arqueológicas, incluindo todas aquelas às quais não conseguimos atribuir uma datação mais precisa.

Os últimos momentos do edifício não apresentam níveis de edificado, correspondendo na totalidade a unidades de derrubes de telhado (U.E.

[1018=1015=1199], [1027=1075] e [1038], e a uma unidade interpretada aquando da intervenção como um nível de abandono ou destruição no interior do compartimento a Sul do peristilo, dado que cobre a grande canalização em *opus* de 250-300 d.C. e o muro [1019] que corresponde à lateral Este do compartimento.

Como discutimos anteriormente na análise das evidências materiais, estes níveis vão colmatar as últimas ocupações, que aparentemente, continuaram com as estruturas edificadas em 425+ até, no máximo, 500 d.C.. Dada a complexidade dos derrubes, com várias unidades estratigráficas diferenciáveis, é possível que estes níveis reflictam o proposto 1º andar do edifício.

Área 2

Quanto ao espaço designado de área 2, este é caracterizado pela escassez de vestígios de edificado, resumindo-se a um possível troço de muro muito desestruturado (Anexo VII – planta 16).

A matriz produzida pela intervenção executada não permite uma vasta interpretação crono-estratigráfica, sobretudo devido ao facto de apenas ser identificável um momento cronológico (250-300 d.C.), tendo sido excluída a proposta anterior de uma fase também em 460+ d.C. (Quaresma, 2018: 202, 215), dado os materiais afectos a essa cronologia serem provenientes de outra zona do sítio arqueológico.

A análise estratigráfica permite apenas identificar unidades negativas (valas) e vestígios do que seria um muro (U.E. [2003] e [2004]), entretanto muito danificado. A conjugação com os vestígios materiais datáveis permite apontar a cronologia desta estrutura para a segunda metade do século III (fase de 250-300 d.C.), tratando-se, provavelmente, de um muro edificado com o intuito de dividir o espaço entre a Área 1 (núcleo habitacional) e a área 3 (núcleo não habitacional – produtivo/transformador).

No que respeita às evidências materiais recolhidas, esta fase (250-300 d.C.) apresenta uma baixa residualidade (37,5%), estando sobretudo concentrada no espólio de *terra sigillata*, onde a presença da forma Drag. 15/17 hispânica e as formas Hayes 6, 9 e 27=L9a de produção africana de fabrico A, remetem ainda para a primeira metade da centúria.

Quanto ao conjunto anfórico os materiais residuais estão representados através da presença de um indivíduo da Dressel 14B lusitana e um individuo do tipo Dressel 2-4 de produção itálica (costa do Tirreno). Ainda que a Dressel 14B partilhe uma cronologia

em comum com o espólio residual de *terra sigillata*, a presença de uma Dressel 2-4, por sua vez, remete para uma fase mais antiga, sendo um elemento único no conjunto. Não deve ser ignorado o facto de que, devido ao sítio estar implantado em vertente, a presença de materiais mais antigos neste contexto poderá resultar de fenómenos deposicionais naturais e não espelhar uma efectiva ocupação humana mais antiga neste sector das Almoínhas.

Ainda que a presença da forma Hayes 50A/B do fabrico C da *terra sigillata* africana pudesse remeter a cronologia já para o final do século III ou inicio do IV d.C., o facto de esta apenas estar representada por um só indivíduo entre 7 indivíduos coevos com a datação de 250-300, bem como pelo facto de nesses indivíduos o fabrico C apenas suplantar o A por um NMI, levou-nos a recuar a cronologia proposta.

No que respeita ao conjunto anfórico, realça-se o domínio das produções lusitanas com 66% dos indivíduos. Optou-se nos fabricos exógenos, no caso das produções béticas (Vale do Guadalquivir – 1 NMI e bética indeterminada – 1 NMI) por considerar os bojos recolhidos enquanto não residuais.

Assim, no conjunto lusitano, os materiais são coevos com a proposta de datação, ainda que possamos considerar que o conjunto possa ter uma valoração cronológica mais próxima de meados da centúria, já que o tipo Lusitana 3 é ligeiramente superior às restantes formas (1 NMI de Keay XVI e 1 NMI de Almagro 51C). É de realçar ainda a presença de um individuo da forma Lusitana 9, a qual remete-nos para um início do consumo desta forma em Almoínhas já nas fases iniciais da produção anfórica, o que, em conjunto com a Lusitana 3, parece representar uma tendência de igualização no consumo entre produtos vinícolas e preparados piscícolas (cerca de 52 litros de produtos vinícolas para cerca de 70 litros de preparados piscícolas).

Não foram considerados nesta fase os materiais aparentemente recolhidos no nível geológico, pois a nosso ver não há segurança estratigráfica para uma análise, ainda que o conjunto, com um NMI de Hayes 50A/B, dois de almagro 51C e uma Lusitana 3, seja coevo com a cronologia dos níveis superiores.

Área 3

Esta zona da intervenção é aquela que apresenta as menores concentrações dos conjuntos de *terra sigillata* e ânforas, o que nos levantou, à partida, questões quanto à possível funcionalidade do espaço, sendo a nosso ver uma área funcional e não

residencial em face das evidências que analisaremos de seguida, sobretudo quando, comparativamente com a Área 1 que é nitidamente de carácter habitacional, denotamos a ausência de espólio de cerâmica de cozinha (CAC e imitações locais/regionais) e baixa quantidade de loiça de mesa (*terra sigillata*) nas fases mais antigas, excluindo-se a fase tardo-antiga.

É de realçar que a interpretação da crono-estratigrafia a efectuar nesta área do sítio tem de ser subdividida nos núcleos Norte e Sul da Área 3, ou seja, nos dois edifícios identificados pelas intervenções da ERA, os quais não possuem uma ligação física entre si, devendo por tal tratar-se de duas estruturas individualizadas.

No que respeita ao edifício do núcleo Norte este é o que contempla a arquitectura mais complexa, ainda que destruída na sua metade Nordeste pela implantação de estufas na contemporaneidade.

A sua planta sugere a existência de duas torres quadrangulares avançadas em relação à restante fachada da construção, no que poderia eventualmente ter constituído uma fachada "monumental". Quando observamos a estratigrafia, denota-se que a fundação apresenta dados aparentemente fiáveis para a edificação ter ocorrido no século II d.C., sendo que a existência de torres, nomeadamente nos casos de *villae*, está associada a habitações de tradição greco-romana, não tendo de ser necessariamente tardo-antigas (Arnau, 2007: 104), sendo que a evidência das Almoínhas também se afasta dos modelos tradicionais, não havendo uma ligação directa ao edifício.

Também os contextos exumados nas duas torres parecem negar a possibilidade de uma *villa* fortificada, nomeadamente com a presença de estruturas que se poderão associar a uma funcionalidade de armazenamento, sendo que no compartimento Norte foi exumada uma fossa quase no centro da estrutura.

Já a estrutura quadrangular Sul é dotada de uma estruturação interna mais complexa, no que os relatórios da intervenção sugerem ser uma possível câmara de combustão (Coelho, 2007), com um corredor de acesso que rompe os muros [3098] (muro delimitador da torre) e [3100], [3102] e [3103] (muros paralelos no interior da estrutura). Esta realidade parece-nos, no limite, que se deverá tratar de uma reutilização mais tardia do espaço, renovado para uma nova funcionalidade, ainda que a estratigrafia não nos permita confirmar a hipótese, somente sendo possível de afirmar que a edificação terá ocorrido no mesmo momento da construção do restante núcleo Norte em

100+ d.C., uma vez que o muro [3098] prolonga-se, em parte, na fachada Sudoeste do edifício.

Quanto à primitiva função desta estrutura quadrangular, parece-nos plausível avançar com uma funcionalidade de *horreum*, aqui, ao contrário dos exemplos conhecidos nos territórios mais próximos, como na *villa* de Freiria (Cardoso, 2015), tratando-se de uma pequena estrutura, provavelmente de carácter privado talvez associado a uma família, não parecendo ter uma funcionalidade de armazenamento relacionada com uma ocupação de âmbito agrícola, como acontece com as *villae*.

A tratar-se efectivamente de um *horreum*, é possível estabelecer uma aproximação ao tipo I de Salido Domínguez (Salido Domínguez, 2008: 700), sendo uma estrutura sobreelevada, ainda que, neste caso seja possível efectuar uma aproximação aos seus dois subtipos B e D, já que parece existir uma zona assente sobre muros paralelos ([3100], [3102] e [3103]) e uma outra sem qualquer apoio murário, talvez tratando-se de uma estrutura com dois patamares (associados a um armazenamento que ultrapassa o âmbito cerealífero?). A organização interna da estrutura parece reforçar o seu carácter enquanto de um uso eminentemente doméstico, talvez unifamiliar.

Fase de 100+ d.C.

Crono-estratigraficamente, a edificação de ambas as estruturas desta zona é possível de remeter para o início do século II d.C. (fase de 100+). É de realçar que nesta fase surgem 3 indivíduos (2 NMI – núcleo Norte; 1 NMI – núcleo Sul), residuais, da forma Conspectus 22 em *terra sigillata* itálica nas unidades estratigráficas associadas aos muros delimitadores das estruturas.

No caso do edifício Norte (Anexo VII – planta 17), abundam as unidades desta fase, havendo uma residualidade de apenas 18%, em contextos coevos dominados pelas produções de *terra sigillata* hispânica (38%) sobre as sudgálicas (13%), com a superioridade das produções hispânicas de Andújar (2 NMI – Drag. 33) face às do Ebro (1 NMI – Drag. 18), contradizendo, a nível sectorial, os dados anteriormente apresentados para as Almoínhas (Quaresma, 2019: 309), parecendo seguir o padrão de sítios mais a Sul, como a Ilha do Pessegueiro e *Mirobriga*.

A nível das produções africanas de *terra sigillata*, a fase de 100+ da área 3 segue a tendência já anteriormente enunciada para o sítio (Quaresma, 2019: 309-310), com uma presença incipiente com apenas um bojo inclassificável da produção A.

No que respeita ao conjunto anfórico, este é assaz diminuto, com a presença de apenas um indivíduo classificável de Dressel 14 lusitana e um indivíduo inclassificável de origem bética no vale do rio Guadalquivir.

Quanto ao núcleo Sul (Anexo VII – planta 18), a quase ausência de materiais datantes nas U.E. intervencionadas, permite apenas atribuir a datação de 100+ ao muro [3093], que ainda que possa ser rebatida pelo facto de apenas ter como espólio um indivíduo de Conspectus 22, cuja crono-tipologia é de 20 a.C. a 30 d.C., esta datação é confirmada pelos níveis [3276] e [3291], correspondentes a dois enchimentos da fossa [3296] que apontamos para uma cronologia entre 100 e no máximo 175 d.C., dado que estes níveis são seguramente colmatados por uma UE do último quartel do século II d.C..

Fase de 175+ d.C.

Na fase seguinte de 175+ d.C. (Anexo VII – planta 19), com residualidade é de 25%, observamos a existência de uma só U.E., correspondente ao nível [3135] que colmata as fossas [3296 e 3277] existentes no primitivo edifício do núcleo sul. Esta fase será posteriormente coberta pelos níveis de 250+ d.C.

A nível do espólio, a *terra sigillata* é agora diminuta, com a exclusividade das produções hispânicas do Ebro, nas formas de tigela (1 NMI) e Drag. 27 (1 NMI), sendo de realçar a ausência das produções africanas.

O conjunto anfórico é aquele que fornece dados cronológicos, sendo que a presença entre as produções lusitanas do tipo Almagro 51C permite avançar a datação deste contexto para o último quartel da centúria, sendo a presença de um indivíduo de Dressel 14 coevo com a cronologia proposta.

Fase de 190+ d.C.

O final do século II (fase de 190+) está representado exclusivamente no núcleo Norte (Anexo VII – planta 20) por quatro U.E. [3158, 3177, 3208 e 3251], sendo que três destas unidades irão colmatar a possível estrutura do *ustrinum* (U.E. [3158], [3208] e [3251]), colocando o seu funcionamento seguramente no século II d.C., sendo esta datação aparentemente justificada pela presença de um bordo de *terra sigillata* africana Hayes 14A, com uma crono-tipologia entre 190 e 200 d.C. (Hayes, 1972), bem como por um indivíduo de Almagro 51C.

Surge nestes níveis um bordo Drag. 15/17 em *terra sigillata* hispânica de Andújar, que seguramente será residual no contexto, não sendo, no entanto, nesta fase clara a expectável transição entre o primado dos centros produtores de Andújar e Ebro, como já anteriormente fora notado (Quaresma, 2019: 311).

Quanto ao nível [3177] este corresponde a um depósito de natureza indeterminada onde apenas se encontra um indivíduo de *terra sigillata* africana Hayes 14B, cuja crono-tipologia aponta seguramente para o último decénio da centúria (Hayes, 1972; Bonifay, 2004).

A residualidade desta fase, como tem ocorrido com os níveis anteriores, é ligeiramente superior à já anteriormente conhecida para Almoínhas (Quaresma, 2019: 313 – Figura 9), passando de 10% para 16.6%, ainda que apenas um dos seis indivíduos seja residual.

Fase de 250+ d.C.

Após uma ausência de dados materiais para a primeira metade do século III d.C. nos edifícios da Área 3, a próxima fase de ocupação respeita ao momento de 250+ d.C., fase esta que se encontra bem comprovada em Almoínhas pelos contextos funerários (Quaresma, 2018: 210-215) e pelo período de 250-300 na Área 1. A par de uma baixa quantidade de espólio na área 3 (6 NMI), é de notar uma baixa residualidade (12,5%), subindo para 25% na fase de finais da centúria (280+ d.C.).

Quanto ao espólio fino, o conjunto é deveras diminuto, com um fragmento inclassificável de *terra sigillata* hispânica de Andújar, que cremos ser residual no conjunto, e um fragmento de *terra sigillata* africana A, igualmente inclassificável.

O conjunto anfórico adquire agora mais expressividade contextual, com o domínio das produções lusitanas (83%) face às béticas do vale do Guadalquivir (17%).

Quanto aos tipos lusitanos, observa-se o domínio da Almagro 51C (3 NMI), surgindo já um fundo muito cónico característico das produções do século III avançado em diante, bem como um bordo de Lusitana 9, parecendo que Almoínhas começará a importar este tipo anfórico logo no início da sua produção. No que respeita à Lusitana 3 o contexto está dotado de apenas um exemplar, representando uma proporção de 1:3 face à Almagro 51C (que aumenta a sua expressividade contextual a partir do século III), podendo eventualmente representar o começo do declínio deste tipo anfórico e a substituição pela sua sucessora Lusitana 9.

Contextualmente, a fase está representada em ambos os núcleos edificados, sendo que no núcleo Norte as UEs [3053 e 3085] correspondem a depósitos de propósito indefinido, sendo no contexto [3053] que se observa a presença em simultâneo de um 1 NMI de Almagro 51C, Lusitana 3 e Lusitana 9.

Para o núcleo Sul, observamos alguns contextos com maior informação estratigráfica, nomeadamente, o nível [3285] que corresponde ao segundo enchimento da fossa [3276] da fase entre 100 e 175 d.C.. Sobre estes níveis irá sobrepor-se a U.E [3135] com um fragmento de *terra sigillata* hispânica de Andújar, agora podendo ser afirmada com segurança a sua residualidade no contexto.

As evidências arqueológicas detectadas no núcleo Sul, levam-nos a considerar que na segunda metade do século III d.C., a estrutura ainda não teria sofrido alterações na sua parte primitiva, talvez só tendo até então sido ampliada com um compartimento exterior, no entanto, dada a ausência de materiais, esta é somente uma hipótese não confirmada.

Fase de 280+ d.C.

A fase dos últimos decénios do século III d.C (280+) está apenas representada no núcleo Norte (Anexo VII – planta 21), associando-se às primeiras remodelações dos compartimentos desta estrutura que, pelo tipo de organização, já nos parece ter perdido parte da sua original funcionalidade.

É neste momento que ocorre uma reestruturação do que poderá ser entendido como um corredor de circulação, com o muro [3070] a selar a passagem e a dar somente acesso aos ambientes 19/32. O muro [3088], que encosta ao [3070], vai criar um espaço entre si e o vão de acesso ao compartimento, e no século V d.C. criará também com o muro [3060] um novo espaço cujas funções poderão ser as de um pequeno compartimento de apoio dadas as suas reduzidas dimensões (1m por 1,5m).

Ainda que não haja dados materiais para apontar uma cronologia, é possível que a divisão dos ambientes 19 e 32 (com pelo menos a construção dos muros [3061] e [3121]) tenha ocorrido também no mesmo período da construção dos muros [3070 e 3088], já que estes parecem ter um efeito directo nos ditos compartimentos.

A nível material, como já mencionado *supra*, a residualidade volta a subir, para 25%. Quando comparamos estes dados com as propostas já existentes para o sítio (Quaresma, 2018: 215-221; 2019: 319), é possível efectuar uma aproximação a duas

fases (250-300 d.C. e c. 300 d.C.), sendo que para o caso da fase da segunda metade do século III d.C., a nossa residualidade é mais elevada, no entanto, a diferença pode ser devida à diferença da dimensão dos conjuntos em análise. No caso da fase de cerca de 300 d.C., o contexto da Área 3 afasta-se da residualidade proposta de 97%, sobretudo tendo em consideração que o espólio anteriormente analisado é totalmente proveniente das Áreas 1 e 4.

O conjunto de *terra sigillata* é maioritariamente residual, com a presença das produções sudgálicas (1 NMI) e hispânicas do Ebro (1 NMI). Quanto às produções africanas, apenas se encontra representado o fabrico A, com um individuo da forma Hayes 27 = Lamboglia 9a2, sendo de realçar a ausência dos fabricos C e D, entretanto já presentes na fase de 250-300 d.C. noutros sectores de Almoínhas (Quaresma, 2019: 317-319).

No que respeita ao conjunto anfórico, observa-se agora uma maior diversidade de origem de produtos importados, sendo que o comércio lusitano apenas representa 20% do conjunto, com um individuo de Almagro 51C.

O azeite bético encontra-se representado por um indivíduo de Dressel 20, estando agora nos estágios finais da sua difusão. Os conteúdos vinícolas parecem dominar as importações, com um total de 55 litros, com um indivíduo de Gauloise 4 (Gália Narbonense) e de Keay 25.1 (África), isto assumindo que o conteúdo da ânfora africana seja vinho, situação que ainda se encontra em debate (Bonifay, 2004: 465 e 474). É de realçar que a residualidade entre as ânforas aparenta ser nula, apenas sendo questionável a residualidade ou não da Dressel 20 neste contexto.

Fase de 400+ d.C.

Após um hiato no decorrer do século IV, marcado por uma ausência de evidências arqueológicas na Área 3 e restante sítio (Quaresma, 2019: 320), com excepção da lixeira da Área 4, observa-se uma retoma no século V d.C. (fase de 400+), com uma residualidade de 25%, quantitativo que consideramos assaz baixo e minimamente fiável, quando se observava uma proposta de uma residualidade total de 42,1% para esta cronologia em Almoínhas (Quaresma, 2019: 322).

As evidências estratigráficas desta fase são exclusivas do núcleo Norte (Anexo VII – planta 22), onde parece ocorrer uma dinâmica ocupacional já enquadrável nos fenómenos de *squatting* tardo-antigo¸ com as U.E. [3015, 3016, 3017] a representarem

o colapso de parte da estrutura, nomeadamente o muro [3019] e parte do telhado nos níveis [3015] e [3017]. A par disto, observa-se a edificação de novos muros, que parecem requalificar o centro do edifício, nomeadamente os muros [3060] (assente sobre o nível [3003] datado de 400+) e [3134], bem como a desactivação de estruturas anteriores, nomeadamente o tanque 3, coberto agora pela U.E. [3014]. É também, nesta fase, aberta ou cheia a fossa [3283].

No que respeita às evidências materiais, observa-se agora a exclusividade do consumo de *terra sigillata* africana, com a presença dos fabricos A (1 NMI indeterminado e residual) e D1 (2 NMI – 1 Hayes 61 A/B1 e 1 Hayes 61 A/B4 coevos (Bonifay, 2004: 171)); o consumo de lucernas de origem local/regional, ainda que não se tenha conseguido determinar qual o tipo; bem como uma nova classe de materiais, nomeadamente, o vidro, onde surgem dois indivíduos do tipo Isings 116/taça campanulada, cuja tonalidade incolor/verde oliva parece confirmar uma cronologia de início do século V d.C. (veja-se a discussão em Quaresma, 2019: 321).

Quanto ao conjunto anfórico observa-se uma diminuição da diversidade de origens, agora reduzidas à Lusitânia e Bética – vale do Guadalquivir, com a presença de apenas um indivíduo classificável de Almagro 51C lusitana. É de notar que os vestígios béticos nestes contextos deverão ser já residuais.

Fase de 460+ d.C.

A estratigrafia avança de seguida para a fase do último terço da centúria (460+ d.C.), surgindo aqui novas evidências de ocupação no núcleo Sul (Anexo VII – planta 23), agora, como ocorrera no início do século V no núcleo Norte, o qual parece alterar a sua funcionalidade para um âmbito residencial.

Quanto aos níveis detectados no núcleo Norte, apenas há materiais nas U.E [3076] e [3179], sendo que no caso do depósito [3076] as suas relações estratigráficas não permitem inferências quanto à sua formação.

Já o muro [3179], que pertence à fachada da estrutura do possível *horreum*, fornece materiais que apontam para uma cronologia entre meados do século IV e o início do século V d.C.. Esta unidade é problemática, uma vez que o registo efectuado aquando da escavação não clarifica qual a relação dos materiais com o muro, pelo que estes poderão ser provenientes do seu derrube, encontrar-se sobre o muro destruído ou integrar a estrutura. Parece-nos, no entanto, que estes materiais deverão ser provenientes

da destruição da estrutura, talvez contemporâneos ao rasgar do muro [3098], já que estruturalmente cremos ser plausível que a estrutura [3179] compartilhe a datação de 100+ d.C. com os restantes muros do *horreum*.

Materialmente, a U.E. [3076] apresenta um espólio bastante coevo, com uma relativamente baixa residualidade (33%), onde surgem pela primeira vez os fabricos foceenses de *terra sigillata* com um indivíduo do tipo Hayes 3C (Hayes, 1972: 329), a par dos tipos africanos Hayes 61A e Hayes 69B (residuais).

O conjunto anfórico apresenta diversidade quanto às origens representadas, ainda que parte do conjunto seja residual, com o domínio lusitano com 5 indivíduos de Almagro 51C, 1 NMI indeterminado da Bética – Vale do Guadalquivir (residual?), 1 indeterminado da Bética litoral, 1 NMI de Gauloise 4 (residual) e 1 indivíduo do Norte de África impossível de classificar.

No que respeita ao muro [3129], com o contexto anteriormente datado de 525+ d.C. (Quaresma, 2018, 2019) e por nós revisto como de 460+ d.C., os únicos materiais presentes são os vidros e ânforas (1 NMI de Almagro 51C lusitana), sendo que a cronologia proposta tem como base os dados conhecidos para as produções vítreas do Noroeste peninsular, nomeadamente da taça campanulada baixa e funda (Cruz, 2009: 165-167; 173-175) que remetem já para meados do século V d.C..

No conjunto vítreo denota-se o domínio da tonalidade verde oliva e a presença da decoração por incisões na Isings 116/taça campanulada, as quais parecem rebater a questão da manutenção do estilo decorativo de linhas incisas no século VI d.C. (Quaresma, 2019: 330 e 333), estando, a nosso ver, em linha com as propostas para da Bolsa de Marselha (Bonifay, Carre e Rigoir, 1998: 373) e reforçando mais o papel deste estilo decorativo em finais do século V em Almoínhas do que o previamente conhecido (Quaresma, 2019: 340).

Quanto à estratigrafia do núcleo Sul, mais abundante nesta fase, é possível analisar o depósito [3086], que cobre o nível [3089], o qual é datável de 450-500 d.C. pela presença de uma Hayes 87A do atelier de *Sidi Khalifa* (Hayes, 1972: 135-136; Bonifay, 2004: 173-175) e pela relação que estabelece com o muro [3070], ao qual encosta, e cuja datação é de 250+ d.C.. A U.E. [3089] é também coberta pelos muros [3083], [3079] e pelo reforço [3148].

De realçar que na unidade [3089] foi ainda recolhido um fragmento de Almagro 50 bética, a qual deverá corresponder aos estágios finais desta produção, sendo que nesta cronologia ainda parece existir algum consumo de preparados piscícolas béticos num mercado que aparenta ser dominado pelas produções endógenas (veja-se Quaresma, 2017d: 136, 145; Pereira, 2021).

Desta fase é também a lareira [3167], a sua delimitação [3080+3081] e a sua base interna (lajeado?) [3185], unidades estratigráficas estas que encostam ao muro [3083], corroborando a sua datação para o último terço do século V d.C..

No que respeita ao espólio arqueológico da unidade [3086], esta apresenta alguma residualidade, com o espólio de *terra sigillata* a corresponder a um fragmento inclassificável da produção africana A, sendo as ânforas o único espólio coevo, com um indivíduo de Almagro 51C lusitana. É possível que esta unidade estratigráfica, a par dos materiais de *terra sigillata* africana D1 da [3076], possa estar a representar as tendências económicas já anteriormente teorizadas para Almoínhas, com ênfase no espólio da Área 1 (Quaresma, 2019: 325), sendo as produções foceenses as principais formas coevas no contexto (Hayes 3C).

Fase de 500+ d.C.

O início do século VI (fase de 500+) marca o começo do declínio acelerado do sítio, que conhecerá o seu aparente fim no segundo quartel da centúria (525+ d.C.).

A maioria dos níveis exumados nesta fase correspondem, no núcleo Norte (Anexo VII – planta 24), a derrubes e reocupações de espaços em estado de ruína e, no núcleo Sul, ao colapso da estrutura que aparentemente já se encontra desactivada, visto a U.E. [3072] corresponder ao derrube do muro [3022] que aparentemente, pela sua relação com o muro [3093], foi edificado no início do século II d.C., tendo o edifício estado em funcionamento por cerca de quatro séculos.

Paralelo a esta edificação fica o muro [3028=3320] onde surgem materiais arqueológicos que poderão remeter a sua edificação ou ruína para esta centúria, não sendo, no entanto, claro o contexto em que os materiais foram recolhidos.

No que respeita ao núcleo Norte, através da U.E. [3048] é possível apontar ou uma remodelação ou destruição do tanque 4, já que surgem vestígios de *opus*, no entanto, não é claro o seu estado de conservação nem funcionalidade.

A par disto, no ambiente 40, junto a onde outrora estivera implantado o *ustrinum*, irá ocorrer um derrube, que, a julgar pelo tipo de materiais e pelo facto de posteriormente vir a ser coberto pelo derrube do telhado, poderá eventualmente corresponder a um piso de um 1º andar ou derrube de parte de uma parede, sendo que até ao início do século VI, houve uma regularização dos destroços, de forma a criar o piso de circulação [3037], bem como a construção das lareiras [3038] e [3055]. Estas UEs ainda que sem evidências materiais datantes, serão cobertas pela unidade [3056] que se prolonga pelos ambientes 33, 40 e 45 e que é datável de 500+ pela presença de Hayes 3 foceense.

Talvez possa ser associável a estes contextos a UE [3052], que respeita a uma canalização criada para aparentemente retirar água do interior do compartimento 40, através da abertura de uma passagem no cruzamento dos muros [3013] e [3066]. Pelas evidências materiais este nível ainda poderá, eventualmente, ser recuado aos finais século V pela presença de um fragmento de *terra sigillata* africana D1 com decoração do estilo Aii-iii (Hayes, 1972). É possível que o período de efectivo funcionamento da canalização seja o decorrer do século V, estando as evidências materiais associadas à sua desactivação.

Sobre estes níveis vai assentar o derrube do telhado do núcleo Norte [3024], sendo que a U.E. [3023] poderá corresponder, a nosso ver com base na descrição da ficha de campo, a uma compactação do topo do derrube [3024] talvez relacionada com algum hipotético nível de circulação, o que provaria que, pelo menos durante algum tempo, o edifício continuou a ser ocupado apesar de perder a cobertura.

Assim, a fase de 500+ da Área 3 de Almoínhas, apresenta a nível material uma residualidade (64,1%) em linha com os níveis gerais do sítio (Quaresma, 2019: 327, 331).

No que respeita à *terra sigillata* a residualidade é elevada, estando presentes alguns NMI das produções alto-imperiais, bem como entre os fabricos africanos, apenas poderão ser considerados como coevos o tipo Hayes 91 e, com alguma reserva, o tipo Hayes 67. Ainda que não sendo maioritária no conjunto (22% do total), será a produção foceense de Hayes 3 a dominar o conjunto datante, suplantando as formas coevas do fabrico D1 africano.

O conjunto vítreo é de reduzidas dimensões, estando presente apenas a Isings 116/taça campanulada que cremos ser coeva com a datação.

Como ocorrerá na fase seguinte, surge um numisma em bronze com leitura possível no derrube [3024], associável ao principado de Constantino I (307/308 d.C.) com origem na oficina de Trier, sendo seguramente residual no contexto, mas atestando a longa sobrevivência em circulação das moedas romanas.

Quanto ao conjunto anfórico este apresenta um conjunto de NMI bastante elevado em comparação com fases anteriores (24 NMI), tendo igualmente uma residualidade elevada (50%), onde os únicos tipos coevos serão a Almagro 51C lusitana, a Almagro 51A-B lusitana e bética do vale do Guadalquivir. Parece existir uma remobilização de materiais mais antigos, com a presença: nas produções lusitanas, de Almagro 50, Lusitana 3 e Lusitana 9; nas produções do Guadalquivir com a Dressel 20; da bética litoral a Almagro 50; e, do Norte de África, a Africana IIA e a Keay 25.1 de transição entre IID e IIIA (Bonifay, 2004: 117).

Os dados anfóricos permitem verificar que parece existir uma ligeira retoma do consumo de azeite bético em Almoínhas no final do século V e início do VI d.C., a par de um domínio absoluto dos preparados piscícolas lusitanos.

Fase de 525+ d.C.

A fase do segundo quartel do século VI d.C. (525+), como já mencionado anteriormente, é exclusiva da Área 3, estando circunscrita a uma reduzida quantidade de unidades estratigráficas ([3001], [3026+3027], [3029], [3067]), associadas sobretudo a contextos de abandono dos espaços. Estas unidades, após a análise do espólio anfórico, cresceram na residualidade anteriormente proposta de 31,3% para 50,8 % (Quaresma, 2019: 332-334).

A nível geral foi exumada a U.E. [3001], a qual corresponderá ao depósito de abandono geral da Área 3, cobrindo todas as evidências arqueológicas anteriores e sendo cortada pelas valas contemporâneas [3043] e [3074].

No Núcleo Norte (Anexo VII – planta 25) surge no interior do edifício a U.E. [3067] que corresponderá ao derrube de telha da estrutura do possível *horreum*. No exterior detectou-se a fossa [3026+3027], que deverá, provavelmente, corresponder a um contexto de descarte do século VI d.C., não parecendo existir qualquer outro tipo de estrutura associada a este contexto.

Materialmente as evidências indicam uma elevada residualidade no núcleo Norte, com bastante material a aparentar ser remobilizado de fases anteriores, inclusive um fragmento de *terra sigillata* itálica do tipo Conspectus 18, cuja crono-tipologia remete para a 1ª metade do século I d.C., fase até agora inexistente em Almoínhas. As produções africanas de *terra sigillata* do tipo D1 estão moderadamente representadas (25%), ainda que apenas os tipos 70 e 99A possam ser coevos. Serão as produções foceenses, como virá a ocorrer também no núcleo Sul, que dominam o conjunto (36%) com os fabricos 1 e 3 (Quaresma, 2019), sendo as variantes Hayes 3F e F/G superiores à E (3 NMI para 1 NMI).

O espólio vítreo volta a surgir, com alguma expressividade no conjunto (10%), com a exclusividade do tipo Isings 116/taça campanulada. A par disto, foi também recolhida uma imitação em cerâmica comum do tipo Hayes 3E de *terra sigillata* foceense.

O conjunto anfórico é maioritariamente residual, sendo de destacar a presença do tipo Almagro 51A-B, o qual poderá ainda estar em contexto. Se estas evidências forem coevas é de denotar o domínio das importações exógenas face às lusitanas (2 NMI béticos para 1 NMI lusitano), situação que poderá dever-se a uma anomalia da amostra, ou a um papel de ainda alguma relevância do comércio das produções béticas na fachada atlântica apesar das profundas alterações geopolíticas sofridas na Península Ibérica (Arce, 2005).

Quanto ao núcleo Sul, apenas existe uma U.E. atribuível a esta fase [3029], sendo que esta corresponde ao derrube do telhado do edifício. A residualidade desta unidade é elevada (60%), no entanto, o contexto aparenta ser fiável, com a presença da Hayes 91A em *terra sigillata* africana D1, em fim de vida; e das produções foceenses de Hayes 3F e 3F/G com exclusividade do fabrico 2 (Quaresma, 2019).

O conjunto anfórico é também ele maioritariamente residual, podendo, eventualmente, ser um indivíduo de Almagro 51A-B a única forma coeva, isto se aceitarmos que ainda possa previver nas primeiras décadas do século VI d.C..

Como na fase anterior, ressurge um numisma em bronze passível de leitura, residual, do principado de Alexandre Severo, com uma cronologia de 228 d.C..

No que respeita aos níveis de superfície não é possível efectuar uma análise crono-estratigráfica devido à falta de contextos. No entanto, entendemos ser relevante

uma anotação quanto ao espólio exumado já que aparenta reflectir parte das tendências de ocupação do espaço.

O espólio de *terra sigillata* representa sobretudo as fases entre o século II e III d.C., com os tipos Drag. 27 sudgálica, Drag. 15/17 hispânica de La Rioja, Hayes 6 e Hayes 15 (variante precoce) africanas em fabrico A. O século V e primeiras décadas do VI d.C. estão representados por apenas um fragmento de Hayes 91.

Quanto ao conjunto anfórico, este é exclusivamente lusitano, estando presente o comércio entre o século II d.C., com o tipo Dressel 14, e o século V d.C., com a presença da Almagro 51A-B. A maioria das evidências, no entanto, remete para um consumo mais intenso entre meados do século II e o século III pleno, com o tipo Lusitana 3 a igualar a Dressel 14 (2 NMI cada) em detrimento da Almagro 51C (1NMI), forma que se irá consolidar no século III. A presença da Almagro 50, da Lusitana 9 e da Sado 1A=Keay LXXVIII parecem igualmente reforçar uma cronologia focada em 250-300 d.C (Raposo e Almeida, 2016; Pinto e Almeida, 2016; Quaresma e Raposo, 2016b), como já havia sido anteriormente apontado para os conjuntos de *terra sigillata* (Quaresma, 2019: 335).

Globalmente, a evolução urbanística/arquitectónica dos dois núcleos da Área 3 pode ser dividida em cinco momentos – início do século II – fundação; séculos II-III – funcionamento; final do século III e século IV (décadas iniciais?) – reformulação; séculos IV/V d.C. – re-ocupação com *squatting*; final do século V/ 1º quartel do VI d.C. – abandono e colapso em definitivo das estruturas.

Área 4/ Sector V

Quanto ao espólio exumado na área 4, este é maioritariamente proveniente do contexto de lixeira detectado no decorrer das intervenções arqueológicas, quer inicialmente no sector V do MML, onde se encontrou o que deverá ser o efectivo limite da lixeira, e onde os dados são mais antigos, ainda de cerca de 300 d.C.; como na escavação da área 4 da ERA-arqueologia.

A estratigrafia existente nesta zona é mais parca que a das áreas 1 e 3, visto que o dito contexto da lixeira (Anexo VII – planta 26) parece ter afectado profundamente as pré-existências, restando apenas um pequeno edificado, de leitura impossível, visto que deverá ter correspondido a um compartimento de uma estrutura maior, possivelmente

prolongando-se para a sondagem camarária localizada a Norte (Sector IV) onde foram identificados vestígios de muros (Oliveira, 2001a).

Também o relevo, como mencionado aquando da descrição da escavação, afectou a conservação dos vestígios, tendo parte das evidências sido obliterada pelas escorrências da pendente e pela decapagem levada a cabo pela ERA-arqueologia (a qual destruiu parcialmente o enterramento infantil [4018] nos seus membros inferiores).

A julgar pelos limites propostos para a lixeira é possível que esta não tenha destruído muito do edificado, ocupando um espaço que se poderia encontrar vazio, tese que poderá ser sustentada pela existência de uma canalização (U.E.s [4036 a 4038]) que faria o escoamento da água em excesso armazenada no interior da cisterna da Área 1 para o espaço da lixeira, demonstrando um possível planeamento do espaço que considerou as pré-existências ou o carácter funcional do edificado.

Assim, ainda que só seja possível identificar em matriz estratigráfica uma sequenciação até cerca de 300 d.C., mantendo-se maioritariamente a proposta anterior para as cerâmicas finas (Quaresma, 2018: 220-223), parece-nos que, à semelhança do que ocorre na quase totalidade do restante sítio arqueológico, haverá uma fase mais antiga do século II ou III d.C. nos vestígios de edificado identificados pelas intervenções municipais e da ERA.

Fase de cerca de 300 d.C.

A fase de cerca de 300 d.C. da Área 4, que corresponde, como já mencionado, à fase mais antiga deste sector, tem desde logo uma residualidade elevada (66,7%), ainda que em linha com os quantitativos apresentados pelas fases posteriores.

O conjunto material, proveniente das UEs [4013; 4024 e 4031], correspondente a diminuta amostra (6 NMI), contêm apenas um bordo de *terra sigillata* coeva do tipo Hayes 58B africano, sendo a Hayes 14B, também africana, e a Drag. 18 de La Rioja residuais. As ânforas são no global residuais, dado que a forma Lusitana 3 (1 NMI) e a Dressel 20 do Guadalquivir (1 NMI), terão o término de produção antes de 300 d.C. (Quaresma e Raposo, 2016a; Millet e García Vargas, 2017) e por tal enquadram-se enquanto materiais residuais no conjunto.

Fase de 320+ d.C.

Externo à lixeira, já na fase de 320+ d.C., foi exumado o contexto [4046], anteriormente datado de cerca de 300 d.C. (Quaresma, 2018:203, 2019:308), o qual foi por nós revisto para a fase posterior, visto ter sido identificado um bordo de *terra sigillata* africana D1 Hayes 59 (dado inédito), cuja cronologia remeterá já para um momento a partir 320 d.C. (Hayes, 1972), sendo esta datação coeva com a presença de um indivíduo de ânfora do tipo Almagro 51C.

Esta fase apresenta uma residualidade já algo elevada (50%), podendo inclusive ser ainda superior, visto que o fragmento de *terra sigillata* C e o fragmento de ânfora bética são indeterminados na sua forma e não permitem elaborar quanto à sua datação. Os materiais residuais apresentam uma continuidade com as já mencionadas evidências da fase de 300 d.C., com a presença de um indivíduo de *terra sigillata* hispânica Dragendorff 15/17 e africana A Hayes 15 (variante precoce) e um indivíduo da ânfora lusitana tipo Dressel 14. Neste contexto apenas o fragmento de *terra sigillata* itálica Conspectus 26.4 parece ser o único elemento não coevo com as propostas cronológicas já anteriormente expostas, sendo por nós encarado como uma evidência mais antiga remobilizada de outro contexto desconhecido às escavações arqueológicas realizadas até ao momento em Almoínhas (talvez ainda remetendo para a possível fase do final do século I d.C.?).

No que respeita ao contexto da lixeira, esta engloba níveis entre 350+ e 400+ d.C., sendo que neste contexto optou-se por considerar também a U.E. [4012], visto que este nível sela a lixeira, ainda que não seja claro se este depósito ainda integra os níveis de descarte ou não, motivo pelo qual é apresentada em conjunto com as unidades inferiores, com as quais partilha cronologia.

No global a lixeira é possível de subdividir em dois momentos cronológicos – Fase de 350+ d.C. ([4021], [4002], [4005] e [4016] e [4018]) e fase 400+ d.C. ([4008] e [4012]).

No que respeita ao conjunto anfórico, a maioria do espólio é de fabrico lusitano, havendo nos contextos [4002; 4012; 4016; 4018 e 4021] materiais de origem exógena provenientes da Bética (vale do Guadalquivir, costa litoral e área de Granada/Málaga), de África (região indeterminada).

<u>Fase de 350+ d.C.</u>

A fase de 350+, com uma residualidade elevada (54,4%), apresenta algumas semelhanças contextuais, a nível de diversidade de categorias cerâmicas, com a área 1, o que nos leva a considerar que deva efectivamente existir uma relação entre os dois espaços.

O conjunto de *terra sigillata* que espelha a elevada residualidade do contexto, ainda contêm alguns indivíduos das produções alto-imperiais de La Rioja, bem como um conjunto significativo (5 NMI) de africana A. A par disto, a africana C domina o contexto, com a Hayes 50 (5 NMI), surgindo também um fragmento de bojo de *sigillata* luzente, produção inédita em Almoínhas e na costa ocidental lusitana.

Este dado, ainda dado tratar-se de um pequeno fragmento inclassificável parece sugerir que possa ter efectivamente existido algum comércio desta produção sudgálica na costa ocidental da província, em aparente contradição com alguns dados recentemente publicados (Quaresma, 2021b: 178), ainda que consideremos que, com base na amostra das Almoínhas, este comércio possa ser residual na dinâmica comercial desta região.

Foi também recolhido um fragmento de cerâmica de cozinha do tipo Hayes 197, a qual apenas nos reforça a percepção da dita ligação entre a Área 1 e 4, dado que esta produção cerâmica está ausente dos restantes núcleos urbanos do sítio.

Quanto ao conjunto anfórico, este é dominado pelas produções lusitanas, ainda que maioritariamente residuais, sendo a Almagro 51C a forma coeva mais representada (6 NMI), seguindo-se a sua variante tardia – Lusitana 10 (1 NMI) e a Almagro 50/Keay XVI (1 NMI). A Bética ocupa um lugar secundário, ainda com a presença de alguma Dressel 20 (2 NMI), mas marcando-se já a transição para a sua sucessora Dressel 23 (1 NMI), que surgem a par da produção litoral de Almagro 50 (1 NMI) e de uma possível Almagro 51C da área de Granada.

Fase de 400+ d.C.

A última fase da lixeira e do sector corresponde ao momento de 400+, o qual mantém uma residualidade próxima da fase anterior.

As evidências de *terra sigillata* coeva estão agora afectas aos tipos C e D africanos, sendo que apenas foi possível classificar um indivíduo de Hayes 50 A. A este conjunto acresce uma imitação de engobe vermelho em polimento de uma forma característica deste período, imitando a Hayes 61 A/B4 africana.

O conjunto vítreo é reduzido e pelo seu estado de conservação sem grande leitura possível, apenas sendo possível avançar o domínio da tonalidade verde.

No que respeita às ânforas, a amostra coeva está agora reduzida à Almagro 51C lusitana, diminuindo-se drasticamente a diversidade formal da fase de 350+ d.C..

Quanto aos contextos exumados no sector V das intervenções camarárias, que deverá corresponder a um prolongamento do contexto da lixeira, com excepção da camada 1, cuja datação remete já para meados do século V d.C., num momento em que a lixeira aparentemente já não estará em funcionamento.

As restantes camadas corresponderão ao efectivo limite da lixeira, já que no decorrer da intervenção foi detectado o interface negativo deste contexto, não presente na intervenção da ERA devido ao facto do limite de pendente ter sido afectado por uma decapagem mecânica (a qual danificou pelo menos o enterramento da U.E. 4018).

No que respeita à camada 2, o surgimento de um numisma de 5 centavos da Primeira República Portuguesa, cunhado em 1927, levanta algumas questões quanto à cronologia de cerca de 300 d.C. proposta para este nível. Dada a quantidade e coerência do espólio romano desta camada avançamos que este numisma deverá tratar-se de uma intrusão no contexto, no entanto, fica ainda assim alguma dúvida quanto à absoluta fiabilidade dos dados obtidos.

A fase mais recuada, de cerca de 300 d.C., num nível onde a residualidade atinge 17,7% e a intrusibilidade 1%, fornecendo a nosso ver alguma fiabilidade à análise, é basta rica em espólio (96 NMI), com conjuntos de *terra sigillata*, CAC, cerâmica comum fina e ânforas.

Quanto à *terra sigillata* as importações são exclusivamente norte africanas, com os fabricos A e C quase equivalentes (25 para 29 NMI), e onde a Hayes 15 e 50 A/B detêm um papel preponderante. Pouco expressivo no conjunto são os fabricos A/D e D1 com os tipos Hayes 31 e 58 B.

A cerâmica africana de cozinha corresponde a um diminuto conjunto com os tipos Hayes 197 (2 NMI) e Ostia I, 261 (1 NMI).

No que respeita às ânforas, há variedade de origens, ainda que com o habitual domínio das produções endógenas. Quanto às importações está representada a Bética

(Guadalquivir e costa litoral); a Tarraconense; e o Norte de África-Bizacena, com uma produção afecta a *Sullecthum*.

Dado a amostra é possível tecer alguns comentários quanto aos bens alimentares consumidos em Almoínhas, nesta fase, segundo este nível. A nível lusitano e bético observa-se a exclusividade dos preparados piscícolas, largamente dominantes no conjunto, seja por NMI ou litragem.

Quanto às evidências do Norte de África, a presença de uma Africana I neste contexto, ainda que seja no fim da sua cronologia de difusão (Bonifay, 2004), parece atestar que após o fim da exportação de azeite bético em Dressel 20, o sítio terá importado, pelo menos até ao surgimento da Dressel 23 em 350+ d.C., como vimos anteriormente, azeite africano, o qual parece ocupar, neste hiato entre o final do século III e meados do IV, o vazio comercial decorrente da reorganização bética (sobre esta questão veja-se Reynolds, 2010).

A fase de 350+ d.C. do sector V espelha a realidade vista na Área 4, com uma residualidade semelhante (52,2%) e um conjunto de *terra sigillata* e ânforas complementar, onde o único dado diferenciador está associado à presença de produtos vinícolas norte africanos (Keay 25.1) nesta fase, possivelmente, substituindo em parte o comércio anteriormente exercido pela Lusitana 3.

O período de 400+ manter-se-á em linha com os níveis da lixeira, sendo a fase de 450+ d.C., ausente na Área 4, a que acrescentará algumas modificações aos contextos, ainda que mantenha as mesmas tendências de elevada residualidade (55%).

A nível das cerâmicas finas, o conjunto de *terra sigillata* apresenta algum material residual africano, do qual se destaca os 5 NMI do fabrico A. Até então ausente surgem as produções foceenses, com um NMI de Hayes 3, o que, cremos, marcará a importação destes bens desde cedo no sítio arqueológico.

O conjunto anfórico é diminuto, com as únicas formas coevas a serem a Almagro 51C, dominante, e a Almagro 50, que com 2 NMI poderá já ser residual no contexto, dado que cessa a sua produção nesta fase.

Fornos

No que respeita aos contextos exumados nos três fornos, com uma cronologia já anteriormente proposta para os séculos I a III d.C. (Brazuna e Coelho, 2012: 106), é

difícil efectuar uma valorização crono-estratigráfica com base nos elementos datantes analisados no presente trabalho, uma vez que, nos fornos 1 e 2 não foi recolhida nenhuma ânfora ou *terra sigillata*, pelo que, a atribuição de uma datação só é possível para o forno 3, uma vez que neste foram recolhidas ânforas que permitem atribuir uma cronologia à estrutura, bem como à sua desactivação, através da datação do contexto funerário [904] implantado no corredor do forno e que marcou a sua efectiva desactivação.

As datações para o forno 3 (sectores 6 e 9) é fornecida pelas U.E. [902] e [604], através da presença de um bordo de Dressel 20C ([604]) e de um bordo de Almagro 51A-B ([902]). Estes dois fragmentos permitem estabelecer um intervalo entre 80/130 e 350/375+ para as diversas realidades contextuais do forno, descritas em maior pormenor de seguida.

A unidade [604] corresponde ao desmonte do forno, sendo que este bordo de Dressel 20C foi exumado sob o pavimento da estrutura, pelo que, necessariamente, o forno terá de ser posterior a 80 d.C. (Millet, 1998; Millet e García Vargas, 2016), sendo que propomos que se considere a última década do século I d.C., ou os primeiros anos da centúria seguinte para a construção da estrutura.

Quanto ao seu funcionamento este terá decerto ocorrido no século II, ainda que não consigamos precisar o momento do término da sua laboração, situação que, apesar das condicionantes, e com base no facto de estas estruturas, devido à sua exposição a altas temperaturas, terem geralmente um tempo de "vida" relativamente reduzido, não cremos que deva ultrapassar o século III d.C. enquanto período pleno de funcionamento.

Já o nível [902], afecto a um contexto do exterior da estrutura, que cobre parcialmente o corredor do forno e a sepultura ([904]) aí instalada, permite afirmar que a desactivação do forno, talvez até o seu completo abandono e desassociação do restante sítio das Almoínhas ocorre já no final do século IV d.C., datação que corresponde ao início da produção da forma Almagro 51A-B (Pinto e Magalhães, 2016), representada por um indivíduo neste contexto.

Parece-nos, no entanto, que a datação que aqui deve ser atribuída esteja mais próxima ao final do século IV e não já no século V d.C., pois como a lixeira da área 4 parece indiciar, existe uma fase de remodelação/reorganização no decorrer do século IV, especialmente em torno a meados da centúria, uma vez que é desses níveis que

provêm os maiores volumes de dados da lixeira, os quais se vão tornar muito menos expressivos, quantitivamente, nos níveis de 400+ d.C..

Sondagens arqueológicas

Quanto às sondagens arqueológicas, quer da parte do MML como da ERA, os dados existentes para as evidências materiais e estratigráficas são assazmente reduzidos e de baixa leitura, ainda que em alguns casos sejam possíveis estabelecer algumas propostas cronológicas.

Materialmente as evidências são reduzidas, com conjuntos que aparentemente apresentam residualidades nulas ou muito baixas, com níveis enquadrados entre 100+ e 350+, onde os conjuntos de *terra sigillata* apenas apresentam produções africanas (fabricos A e D), e as evidências anfóricas estão afectas sobretudo aos tipos Dressel 14 e Almagro 51C.

A única sondagem para a qual se pode tecer um comentário mais elaborado corresponde à sondagem 8, onde foi exumada junção de dois muros, que poderiam delimitar dois compartimentos (Anexo VII – planta 27).

O conjunto material analisável é proveniente da U.E. [801], que encosta a ambos os muros, que dada a sua datação para 200+, com um NMI de Almagro 51C e um fragmento de Almagro 50 ou Keay XVI, leva-nos a considerar a hipótese de esta estrutura, próxima da área de necrópole, possa ter relação com os outros muros detectados na zona, o que poderia sugerir a edificação destas estruturas algures ainda no século II d.C..

Perspectiva global da estratigrafia das Almoínhas

No geral os vários sectores intervencionados do sítio partilham entre uma cronologia comum, ainda que em alguns casos haja fases exclusivas de algumas zonas, ou ausência de parte da estratigrafia geral, como ocorre, por exemplo, no caso da lixeira da área 4/sector V, onde os níveis de 100 a 300 d.C. não existem. Foram definidas um total de 14 fases crono-estratigráficas (100+; 175+; 190/200+; 250+; 280+; 250-300; c. 300/300+; 320+; 350+; 390/400+; 425+; 450/460+; 500+; 525+), às quais acrescem os materiais sem registo estratigráfico ou de superfície (anexo IV – tabelas 4 a 18).

Assim, a fundação e a cristalização das principais estruturas das Almoínhas ocorre entre 100 e cerca de 200 d.C., sendo que a nível material há a apontar as baixas residualidades destas fases (entre 10 e 15%).

Quanto aos conjuntos de *terra sigillata*, lucernas e vidros, no global as questões levantadas permanecem as já abordadas na análise sectorial. Só quanto ao conjunto anfórico é possível estabelecer mais alguns apontamentos.

Quanto à dinâmica dos contentores cerâmicos, independentemente do seu conteúdo, observa-se um papel maior da Dressel 14 no início do século II, que vai rapidamente ser substituída pela Almagro 51C enquanto contentor para preparados piscícolas, sendo que no dealbar do século III ocorre a introdução da Almagro 50, ainda que sempre numa posição secundária.

A nível do consumo vinário, os quantitativos de Lusitana 3 em 100+ são bastante expressivos, mantendo-se relativamente estáveis até 200+, momento em que surgirão mais alguns tipos anfóricos exógenos que reforçarão a importação destes bens alimentares, nomeadamente a Gauloise 4 gálica e a Dressel 28 bética.

O consumo de azeite no século II é estável, com a Dressel 20, ainda que sempre, em NMI e litragem, numa posição secundária. A partir da fase de 190/200+ o consumo oleário parece, como com os restantes produtos, sofrer um crescimento acentuado, em paralelo com o que podemos afirmar ser o momento do efectivo estabelecimento das Almoínhas estável com o edificado terminado e um crescimento económico sustentado até à segunda metade do século III d.C..

Os meados e a segunda metade do século III (fases de 250+, 280+ e 250-300), correspondem à segunda maior amostra material (com residualidades entre 25 e 30%), somente sendo suplantados pelas fases de abandono do século VI d.C.. É também nestas fases que ocorrem mais algumas reorganizações arquitectónicas que deverão resultar da necessidade de adaptação dos espaços às necessidades funcionais decorrentes do uso, quer na área habitacional, como no sector produtor.

O conjunto de *terra sigillata* ainda contêm alguma quantidade de material alto-imperial, ainda que não sejam quantitativos muito elevados. Quanto às evidências coevas, a Zeugitânia domina sobre a Bizacena, que ainda se encontra numa fase embrionária, com cerca de um terço de NMI em relação à produção A coeva.

O conjunto anfórico é aquele que permite uma análise global mais detalhada, dado que pela dimensão da amostra parece haver alguma fiabilidade nas conclusões obtidas.

No que respeita às produções lusitanas, serão nestas que vão surgir alguns dados inovadores. Quanto à Almagro 51C, que está presente desde cerca de 175+ d.C. em Almoínhas, esta ocupa uma posição secundária nesta fase, surgindo também alguns dos fundos cónicos que associámos às variantes mais tardias (2 NMI), sendo que esta forma é largamente suplantada pela Lusitana 3, que tem aqui um problema quanto à sua cronologia final de difusão, tradicionalmente apontada para 250 d.C. (Quaresma e Raposo, 2016a).

O consumo de Lusitana 3, com um total de 33 indivíduos em 250-300 d.C., levanta algumas questões quanto ao término da produção desta forma, ainda que a nível contextual possamos levantar a hipótese de grande parte destes materiais poder ser residual e proveniente das várias remodelações arquitectónicas. Na verdade, quanto à litragem total este conteúdo ultrapassa os preparados piscícolas quase pelo dobro (813 litros de vinho para 464 de preparados piscícolas e 350 de azeite), o que sugere a sua continuidade até esta cronologia contextual.

Aceitando-se a não residualidade da maioria do conjunto de Lusitana 3 e acrescendo a existência nestes contextos de 4 NMI de Lusitana 9, 2 NMI de Gauloise 4 e 1 NMI de Keay 25.1, todas ânforas associadas a conteúdos vinários, parece ter existido um consumo muito forte destes produtos nesta fase, sendo que propomos, ainda que careçamos de mais contextos em linha com estes dados, que a datação final da Lusitana possa estar em mais próxima do final do século III do que de meados da centúria, o que poderia perspectivar uma transição sem ruptura cronológica para a sucedânea Lusitana 9.

A fase do início do século IV (c. 300/300+), ainda que apresente um consumo de cerâmica fina em continuidade com o período anterior, mas onde a Bizacena reforça o seu papel e começa a surgir de forma tímida o fabrico D1, é o conjunto anfórico que marca alguma ruptura com a segunda metade do século III d.C., sobretudo no que respeita às importações de Lusitana 3 e Almagro 51C.

Ainda que seguramente residual no contexto, ainda surge uma quantidade significativa de Lusitana 3 (12 NMI), o que a nosso ver, parece sustentar a nossa

anterior proposta crono-tipológica desta forma. Já quanto à Almagro 51C, esta retoma agora a sua predominância, ainda que em relação à fase anterior mantenha uma estabilidade de importação.

O azeite bético, representado em 250-300 ainda com alguma expressividade será em 300 d.C. residual, sendo aparentemente complementado pela produção norte africana com o tipo Africana I.

A fase de 350+ marca o início da progressiva subida das residualidades nos contextos de Almoínhas, bem como uma fase de transição entre a ocupação prévia e uma nova forma de utilizar o espaço no século V d.C..

A nível de cerâmica fina, observa-se ainda um papel secundário da produção africana D1 face à C, ainda que com a cerâmica local/regional de imitação de *sigillata* se denote um consumo já centrado no fabrico D, dado os oleiros locais estão a imitar o tipo Hayes 67 B típico desta cronologia. Associado a estas evidências surge um fragmento de *sigillata* luzente, que não tem qualquer paralelo no sítio, nem nas proximidades, como já anteriormente foi discutido.

Ainda que não tenhamos conseguido efectuar uma distinção nas fases anteriores, a partir de meados do século IV com o tipo Almagro 51A-B, conseguimos identificar a presença das olarias do Sado em Almoínhas com 3 NMI, sendo de questionar se parte do conjunto de Almagro 51C e a Lusitana 10 não poderá ser do Sado ao invés do Tejo.

A nível de bens alimentares, o consumo de preparados piscícolas é dominante (de onde ainda se destaca um papel interessante da bética com 3 NMI), seguido dos produtos vinícolas, aparentemente de exclusividade africana; e por fim o azeite bético, agora com a Dressel 23 que sucede à Dressel 20.

O final do século IV e início do V (390/400+) é marcado por uma continuidade com a fase anterior, crescendo o consumo de *terra sigillata* D1, bem como as imitações em cerâmica comum e IEV dos modelos africanos da Hayes 61.

Nesta fase, como já anteriormente mencionado, foi recolhido um fragmento de DSP do tipo Rigoir 1, a qual parece indicar pelo menos nesta fase o vale de Loures parece partilhar rotas comerciais comuns, dado que em Frielas também surgem DSP (Silva, 2012, 2014; Quaresma, 2017b), ainda nesse contexto estas sejam muito mais expressivas do que em Almoínhas, onde detêm, nas evidências conhecidas até agora, um papel muito secundário.

O espólio vítreo apresenta uma novidade, com a introdução do tipo Isings 116/ taça campanulada com um 1 NMI para cada uma das variantes (alta, baixa e ampla), onde a tonalidade incolor verde ainda domina sobre a incolor verde-oliva, a última estando afecta à taça campanulada ampla, a qual, seguindo-se as propostas avançadas para a Noroeste peninsular (Cruz, 2009), será uma forma e tonalidade típica do século V d.C., proposta que parece ser observada nos contextos posteriores de Almoínhas.

Quanto ao conjunto anfórico este mantém parte das tendências anteriores, agora com uma exclusividade dos preparados piscícolas a partir das formas coevas, sendo que está ausente o tipo Almagro 51A-B introduzido com alguma expressividade em meados do século IV em Almoínhas. O conjunto é assim dominado pela Almagro 51C que mantém os níveis de consumo estáveis desde cerca de 300 d.C., tendo a Almagro 50 e Keay XVI como complementos ao consumo, sempre numa posição secundária.

A fase de 425+ d.C. é bastante parca em material, com uma residualidade também elevada (52,4%) que vai afectar sobretudo a leitura do conjunto anfórico, onde 70% dos indivíduos são residuais. A nível da *terra sigillata* denota-se já o predomínio da africana D1, já antevisto nas fases prévias.

A fase de meados do século V d.C. (450/460+), com uma residualidade ligeiramente inferior (40,5%) aos momentos cronológicos prévios e posteriores, corresponde à cristalização de algumas tendências comerciais anteriores e ao surgimento de algumas novidades.

O conjunto de *terra sigillata* ainda contêm alguma cerâmica africana, da qual somente um indivíduo de Hayes 87A parece ser coevo, tipo também presente em baixa quantidade nesta fase na costa meridional da Lusitânia em Tróia, *Mirobriga*, *Ossonoba* e *Balsa* (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994; Viegas, 2011; Quaresma, 2012). A predominância é agora das produções foceenses com o tipo Hayes 3C, típico desta cronologia (Hayes, 1972).

O espólio vítreo apresenta agora a exclusividade da tonalidade verde-oliva na Isings 116/taça campanulada, a qual é agora representada pelas variantes baixa e funda.

No que respeita às evidências anfóricas, mantêm-se a estabilidade de consumo de preparados piscícolas, com os níveis de Almagro 51C a manterem-se estáveis, aos quais acresce o tipo Almagro 50 que surge agora com mais alguma expressividade do

que nas fases anteriores, não sendo perceptível se estamos perante alguma residualidade ou as últimas importações desta forma.

O início do século VI (500+) vai corresponder no global ao abandono da maior parte das estruturas das Almoínhas, com um nível de residualidade global que consideramos bastante elevado (64,3%), o que nos leva, como já tivemos oportunidade de constatar, a questionar as condições de formação destas unidades estratigráficas, sobretudo devido ao facto de surgir, no material residual, uma grande quantidade de evidências associáveis aos séculos II/III d.C., dados que já rareavam nos contextos desde o século IV d.C., sendo possível que tenha ocorrido alguma perturbação pós-deposicional das evidências decorrentes do uso agrícola dos solos.

Quanto à cerâmica fina, o conjunto coevo à cronologia tem alguma diversidade, surgindo a única evidência do consumo de *terra sigillata* hispânica tardia em Almoínhas, dado que, como já mencionámos, também é inédito para a região em torno de *Olisipo*. A par disto, surge ainda alguma africana D1 desta fase. No caso da Hayes 67 e o estilo decorativo C-D (Hayes, 1972) estes estão no fim da sua cronologia de difusão, e aqui encontra-se com alguma expressividade o tipo Hayes 91 (4 NMI).

A maioria do conjunto é, no entanto, da *sigillata* foceense, onde o tipo Hayes 3F (3 NMI) é dominante sobre as restantes variantes, surgindo três indivíduos de Hayes 3C que ainda serão remanescentes da fase da segunda metade do século V.

As cerâmicas de imitação de formas de *sigillata* deverão nesta fase ser totalmente residuais, já que imitam tipos do século II/III d.C., com excepção do estilo Aii (Hayes, 1972) que ainda poderá ser coevo dada a cronologia de fim da versão em *sigillata* estar apontada para 420 d.C..

No que respeita à cerâmica de cozinha africana e às suas imitações locais/regionais, consideramos o conjunto de CAC residual, sendo que quanto às imitações é difícil determinar a residualidade do conjunto, especialmente no caso dos tipos Fulford 20.1 e 20.6, como já havia sido anteriormente notado (Quaresma, 2020a: 284).

Por fim, quanto ao conjunto anfórico as inferências possíveis são reduzidas, já que há que considerar a residualidade elevada do contexto, motivo que levará, na nossa opinião, à aparente inflacionação dos quantitativos de Almagro 51C (62 NMI), também

visível nos casos das ânforas residuais Dressel 14, Lusitana 3, Almagro 50 e Lusitana 9, que atingem níveis na grande maioria recorde, da qual se exclui apenas a Lusitana 3.

No consumo de bens alimentares mantêm-se uma exclusividade dos preparados piscícolas, onde notamos a presença novamente dos fundos muito cónicos das variantes tardias da Almagro 51C, a par de um bordo que estará na transição para a Lusitana 10. A Almagro 51A-B ressurge, com importantes quantidades (6 NMI), na qual se destaca a Bética com metade do valor em relação à Lusitânia, o que poderá revelar nesta fase ainda uma certa capacidade de exportação nesta província.

Com a presença do tipo Sado 1 = Keay 78 (2 NMI) e da Almagro 51A-B, também nos parece que se esteja aqui a reflectir o possível papel reforçado das olarias do Sado nas fases mais tardias, como já havia sido proposto por outros estudos (Quaresma, 2017d: 146, 2021: 195-197).

Por fim, a nível da diversidade de origens, pela amostra existente, cremos que o comércio alcançado por Almoínhas nesta fase tenha perdido a sua vertente de longo alcance, passando a consumir preferencialmente bens de produção local, talvez derivado das reestruturações políticas que estavam a ocorrer na Lusitânia e no restante território do império.

A última fase estratigráfica de Almoínhas corresponde a 525+ d.C., sendo exclusiva da área 3, como analisado anteriormente, pelo que não há outros comentários para lá dos já efectuados na análise sectorial.

Assim, este contexto é marcado por uma elevada residualidade (50,8%) onde 46% da *terra sigillata* é de origem foceense, havendo ainda alguma cerâmica alto-imperial, sendo de notar a ausência da produção A africana que surge com grandes quantidades nas fases anteriores do sítio.

O conjunto vítreo é formalmente pouco diverso, com a presença de cinco indivíduos de Isings 116/taça campanulada, quantitativo mais elevado de toda a diacronia, o qual poderá invocar a questão da residualidade ou um aparente reforço das importações numa fase de abandono do sítio, situação que nos parece contraditória. É igualmente possível que este espólio reflicta o método de iluminação utilizado neste momento e que parte das evidências ainda possa pertencer à fase de 500+ ou até anteriormente ainda no século V d.C..

O conjunto anfórico por sua vez é quase na totalidade residual, sendo que a crono-tipologia proposta para o tipo Almagro 51A-B, uma forma que considerámos coeva no contexto, ainda que seja apontado o seu fim de produção em 499 (Pinto e Magalhães, 2016) considerámos que, vendo também a presença desta forma em contextos do século VI d.C. como na fase de 500-525 e 525-550 das Escadinhas de S. Crispim e nos níveis do século VI dos armazéns Sommer em Lisboa (Quaresma, 2017d: 146, 2020b: 116, 126) e na fase V do século VI d.C. na travessa de João Galo em Setúbal (Silva e Coelho-Soares, 2014: 324, 336), a sua crono-tipologia se possa estender, pelo menos, pelas primeiras décadas da centúria.

Por fim, quanto aos materiais sem fase estratigráfica atribuível, temos apenas a apontar que o conjunto recolhido abrange a totalidade do espectro de ocupação, parecendo fazer eco, sobretudo no conjunto de *terra sigillata*, do momento de *floruit* no século III d.C. e da continuação da ocupação, sendo os materiais mais tardios menos representados no conjunto, que não ultrapassa, crono-tipologicamente, o final do século V d.C..

7.2. Ritmos económicos do sítio das Almoínhas – Análise integrada do espólio de *terra sigillata,* Cerâmica africana de cozinha e ânforas (crono-tipologia e crono-estratigrafia)

Em termos globais (não considerando os dados estratigráficos, mas sim as médias ponderadas a partir das crono-tipologias) são possíveis de efectuar duas análises quanto ao espólio anfórico (e da restante cerâmica datante) das Almoínhas, nomeadamente, com base nos NMI e na litragem dos contentores. Esta análise tem por base o coeficiente das importações (NMI ou litros) por intervalos de 10 anos (década).

Os gráficos gerados por estes dados apresentem dados muito semelhantes, quando vistos na perspectiva global sem considerar os conteúdos ou origens, sendo que a análise das litragens (anexo III - gráficos 2 e 3) parece sugerir uma acentuação dos fenómenos de crescimento do final do século I d.C. e os decréscimos do final do século III e V d.C. em relação aos dados dos indivíduos (anexo III - gráfico 1).

Assim, podemos estabelecer um total de dez momentos distintos nas importações de Almoínhas, as quais optámos por designar de fases e que foram caracterizadas a partir da análise conjunta dos dados obtidos a partir dos vários conjuntos cerâmicos (anexo III - gráfico 4), bem como dos dados transmitidos pela estratigrafia.

Fase 0 – 20 a.C. a 80 d.C.

Considerando que os dados anteriores a 20 a.C. se tratem de anomalias resultantes do tratamento estatístico dos dados (denote-se que alguns tipos cerâmicos têm crono-tipologias bastante longas), o período que considerámos como fase 0 é o momento que consideramos como mais questionável, uma vez que, como foi sugerido pelas cerâmicas finas, a ocupação não deverá recuar a um momento anterior ao final do século I ou início do II d.C. (Quaresma, 2018: 200 e 2019: 302).

Esta situação deve-se em parte aos dados fornecidos pelas importações de ânforas gálicas e tarraconenses (anexo III - gráfico 9) do tipo Gauloise 4/Gauloise 4 *similis*, cuja cronologia de difusão se enquadra entre 50 a.C. e 270/280 d.C., podendo a média ponderada estar a representar dados mais tardios nas primeiras fases cronológicas, sobretudo considerando que a Gauloise 4 só surge em estratigrafia a partir da fase de 190/200+ d.C. e a imitação Tarraconense surge residual em 525+ d.C. (veja-se as tabelas do anexo IV).

Não nos parece, no entanto, que seja de descartar a possibilidade, para os casos da Haltern 70 e da Dressel 2-4 (embora esta ainda atinja o século II d.C.), da existência de um fenómeno de reutilização dos contentores anfóricos em momentos para lá da sua função primária, já que se conhecem evidências, por exemplo no caso de Pompeia, de reutilização de contentores romanos, sobretudo destinados a produtos vinícolas, como é o caso destas duas tipologias em análise (Peña, 2007: 61-118).

De realçar que para esta fase são nulos os dados para a importação de preparados piscícolas, com o domínio dos contentores de azeite (quer em NMI como em litragem) sobre os produtos vinícolas (anexo III - gráfico 9).

Cremos, no entanto, que como já mencionámos para os casos da Gália e da Tarraconense, as curvas de consumo neste momento possam ser fictícias, sendo, quanto aos produtos vinários, o domínio da Lusitânia e Bética (tipos Haltern 70 e Dressel 2-4), seguindo a península Itálica em posição secundária. Os dados do azeite bético fazem crer que o início embrionário do consumo deva estar na realidade em torno às décadas de 30-40 até 80 d.C.

É nesta fase que consideramos encontrarem-se os dados crono-tipológicos mais controversos (anexo III - gráfico 8) fornecidos pelas cerâmicas finas, pois ainda que o conjunto de *terra sigillata* alto-imperial não pareça remeter estratigraficamente para um momento anterior a 100+ (Quaresma, 2018: 200 e 2019: 302), o papel da *sigillata* itálica e sudgálica na 1ª metade do século I d.C. poderá ser um período do qual não restou, na área intervencionada, nenhum vestígio arqueológico preservado, ou como já mencionámos, poderemos estar perante peças que previveram em uso para lá da sua cronologia de difusão comercial.

Fase 1 – 80 a 100 d.C.

A nossa fase 1, coincidente estratigraficamente com os primeiros vestígios do sítio arqueológico (estruturas dos fornos), representa uma certa continuidade com os dados anteriores (anexo III - gráficos 5 a 9), ainda que aqui, dada a existência de contextos arqueológicos com uma baixa residualidade estratigráfica (15%), as conclusões obtidas detenham uma fiabilidade mais elevada.

Este período corresponde a um crescimento do conjunto material, que terá uma estabilização da curva de importação média entre 80 e 100 d.C. (anexo III - gráfico 5), onde, a nível de *terra sigillata* (anexo III - gráfico 6 e 8), cessa o consumo das

produções itálicas, diminui acentuadamente a presença da produção sudgálica e são introduzidos os centros hispânicos de La Rioja e Andújar, o primeiro destes podendo já estar presente em Almoínhas ainda na fase 0.

Quanto ao conjunto das ânforas, os dados são menos expressivos (anexo III - gráfico 9) que os da *terra sigillata*, onde se mantêm estáveis as importações, dada a reduzida amostra existente, onde os preparados piscícolas ainda são inexistentes. Somente o azeite bético parece sofrer um crescimento, com a presença de um bordo da ânfora Dressel 20C, com uma cronologia de produção da dinastia flávia até ao principado de Trajano (Millet, 1998; Millet e García Vargas, 2016).

Fase 2 – 1ª metade do século II d.C.

A fase 2, que corresponde ao efectivo estabelecimento do edificado das Almoínhas, com a construção das estruturas das Áreas 1 e 3 e possivelmente dos restos de paramentos encontrados na Área 4, é marcada pelo crescimento exponencial das importações em Almoínhas até cerca de 120 d.C., momento após o qual se segue um período de decréscimo até meados do século (anexo III - gráfico 11). Considerando a nossa hipótese do edifício da Área 1 ter sido construído em dois momentos distintos é possível que a quebra do segundo quartel do século II d.C. vista na curva de importações possa ser um reflexo do dito hiato entre os dois períodos de construção.

O conjunto de *sigillata* reflecte em pleno a dinâmica da primeira metade da centúria (anexo III - gráfico 10), com as últimas importações sudgálicas e hispânicas de Andújar, ficando até meados da centúria La Rioja como a única origem das importações, ainda que, a nível estratigráfico só encontremos reflexo destes dados na fase de 175+ d.C..

A média ponderada sugere que neste período comece também o consumo, ainda que muito diminuto, de cerâmica africana de cozinha, nomeadamente do tipo Hayes 23, dados que, infelizmente, a estratigrafia não permite comprovar, já que os exemplares surgem em contextos do século V e VI d.C., e as imitações locais/regionais deste tipo na fase de 250-300 d.C..

Contrariamente ao que ocorrerá nas fases posteriores, no que respeita às ânforas, as importações de produtos vinícolas, com a presença de quatro áreas geográficas de produção – Lusitânia, Bética (que não ultrapassará 150+ d.C.), Gália e Itália, são agora

superiores às de preparados piscícolas que surgem timidamente nesta fase associadas ao tipo Dressel 14, que já se encontra moderadamente representada na fase de 100+ d.C..

Destaca-se o predomínio lusitano sobre as restantes regiões ainda que aparentemente mantendo níveis estáveis ao longo de toda a primeira metade do século II d.C.. O caso do azeite Bético é o único onde não se observa uma estabilidade constante, já que em 120/130 d.C. sofre uma quebra de 14,5% no volume de litros consumidos, podendo eventualmente ser o reflexo da quebra do segundo quartel da centúria evidenciado pela *sigillata*.

Fase 3 – 2ª metade do século II d.C.

Após o crescimento do início do século II d.C. e a quebra sofrida até cerca de 120 d.C., a segunda metade do século II d.C. é marcada por um acentuado crescimento da curva global das importações (anexo III - gráfico 4) até ao *floruit* do século III d.C., estando as fases de 175+ d.C. e 190/200+ d.C. bastante bem representadas a nível contextual e com baixas residualidades (entre 10 e 12%), que parecem conferir fiabilidade aos dados da média ponderada, dado serem maioritariamente coincidentes entre si (veja-se as tabelas do anexo IV).

É nesta fase que assistimos claramente à introdução da *terra sigillata* africana A em Almoínhas (anexo III - gráficos 6 e 10), com um crescimento que se desenvolverá rapidamente segundo a média ponderada, mas sobre o qual temos algumas reservas dada a ausência de formas preservadas nos contextos de 175+d.C.. E uma aceleração da importação no final do século, em linha com os dados transmitidos pela fase de 190/200+ d.C., onde esta produção é maioritária e se parece confirmar a posição secundária da produção de La Rioja, conforme sugere também a curva das importações.

No que respeita ao conjunto de cerâmica africana de cozinha e imitações locais/regionais (anexo III - gráfico 7) os dados crescem igualmente a partir de meados do século II d.C. para uma estabilização no século III d.C., estando o crescimento associado aos tipos Hayes 23, 182, 195 e 196 e às imitações da Hayes 23 e 196, materiais que só surgirão estratigraficamente na fase de 250- 300 d.C., mas que cremos, em parte, que possam estar associados também a esta fase, tendo uma possível sobrerrepresentação na segunda metade do século III d.C..

O conjunto anfórico (anexo III - gráfico 11) marca agora o começo da aparente primazia dos preparados piscícolas, com a adição de África enquanto nova região de

onde se importam bens, indo reforçar o azeite bético, estável desde a fase anterior. Neste conjunto está representado também um conteúdo africano indeterminado.

Mais relevante é o crescimento abrupto dos preparados piscícolas lusitanos, indústria que crescerá bastante no século III d.C. (Quaresma, 2017d), estando Almoínhas em concordância com essa proposta. Destes bens surgem também importações béticas, ainda que com uma expressividade muito reduzida.

Se compararmos as evidências estratigráficas com as médias ponderadas, denota-se o surgimento da Almagro 51C em força no último quartel do século II d.C., em detrimento da Dressel 14, tendo um reforço da sua importância comercial em 190/200+ d.C., espelhando a evolução da curva da média ponderada para os preparados piscícolas lusitanos (mencione-se também a presença da Almagro 50/Keay XVI em pequena quantidade).

Os produtos vinícolas também mantêm estratigraficamente a estabilidade de consumo demonstrada pela curva de importações, não sendo ainda aparentemente perceptível um papel importante do barril (Pereira, 2017) enquanto contentor para estes bens.

Fase 4 – 1ª metade do século III d.C.

Quanto a esta fase, praticamente ausente da estratigrafia das Almoínhas entre 200 e 250 d.C., sendo somente representado por contextos funerários (Quaresma, 2019: 313), a primeira metade do século III d.C. é caracterizada por uma estabilização do consumo anfórico e de cerâmica africana de cozinha (anexo III - gráficos 1 a 3, 7 e 13), com as importações de *terra sigillata* a aparentarem ter uma quebra rápida entre 200 d.C. e cerca de 220/230 d.C. com uma retoma igualmente acentuada até meados do século.

O conjunto de *terra sigillata*, sendo aquele onde as crono-tipologias de prolongam por menos tempo, permite uma leitura mais fina do que os dados das ânforas, ainda que, como veremos na curva de consumo anfórico, haja algumas dinâmicas económicas em alteração.

A primeira metade do século III d.C. vai assistir, em Almoínhas, à exclusividade do consumo de *sigillata* africana, onde o conjunto do fabrico A perde a dinâmica que detinha no final do século II d.C. com uma quebra de cerca de 50%, e surge o fabrico C com um crescimento sustentado até à sua estabilização em 250 d.C., seguindo as

propostas do seu crescimento nos centros produtores da Bizacena (Bonifay, 2004: 478, 486: fig. 269-2).

Quanto às evidências anfóricas (anexo III - gráfico 13) observa-se nesta fase a manutenção estável das tendências já evidenciadas no final do século II d.C. para os bens lusitanos, béticos e africanos, bem como a curva estável dos bens gálicos e tarraconenses evidenciada desde o século I d.C., ainda que esta última não seja certa, conforme já discutido.

Fase 5 – 2ª metade do século III d.C.

A segunda metade do século III d.C. é uma fase de grande contradição entre os dados das médias ponderadas e a estratigrafia, havendo, segundo as curvas de importação, uma quebra acentuada no consumo de ânforas e cerâmica africana de cozinha e uma estabilidade na *terra sigillata* após a retoma em 250 d.C. (anexo III - gráfico 12), dados que encontram paralelo nas fases estratigráficas de 250, 280 e 250-300 d.C., onde todas as classes materiais se encontram bem representadas, excedendo inclusive os dados das fases estratigráficas prévias, com residualidades entre 20 e 30% que ainda dão fiabilidade às interpretações possíveis.

Quanto à *sigillata*, as fases estratigráficas da segunda metade do século III d.C. estão em linha com as curvas da média ponderada (anexo III – gráficos 4 e 5), não sustentando uma dinâmica de crescimento da produção bizacena de *sigillata* que poderia ser esperada (Bonifay, 2004: 478), onde as produções A e C mantêm a estabilidade alcançada em 250 d.C., com a Zeugitânia a ser ligeiramente superior à Bizacena, como é bem claro na fase estratigráfica de 250-300 d.C. É ainda de apontar que nas últimas décadas do século, surge também o fabrico C3 de relevos aplicados, ocupando uma posição muito secundária nos conjuntos de difícil leitura, já que os dados estratigráficos, onde a produção surge na fase de 500+ d.C., impossibilitam aprofundar qualquer hipótese cronológica mais pormenorizada.

O declínio acentuado entre 250 e 270 d.C. do conjunto anfórico (anexo III – gráficos 3 e 13) pode ser apontado sobretudo aos produtos vinícolas, com o desaparecimento das produções gálicas (Gauloise 4) e o declínio das produções lusitanas com a transição da Lusitana 3 para a Lusitana 9, a qual marca, para além de uma menor representatividade em NMI, um decréscimo na capacidade de envasamento da ânfora Lusitana 9 (Quaresma e Raposo, 2016b). No final da centúria, a litragem total

dos produtos vinícolas vai ser reforçada com a importação de vinho oriundo de África, ainda que seja em pequena quantidade.

No caso dos preparados piscícolas, também desce a quantidade importada, com o término da produção de Dressel 14, que parece encontrar reflexo nas fases estratigráficas de 250+ e 280+, onde se encontra totalmente ausente, sendo substituída em pleno pela Almagro 51C.

Por fim, quanto aos contentores oleários observa-se o declínio da Bética a partir de cerca de 270 d.C., com o progressivo declínio da Dressel 20 e a sua substituição pela Dressel 23. Acresce a este declínio o fim da importação de azeite africano. No final da centúria.

Fase 6 – 1ª metade do século IV d.C.

A primeira metade do século IV d.C. é novamente um período de diminuição das importações nas Almoínhas (anexo III - gráfico 4) após a retoma sentida até 300 d.C., conforme encontramos reflexo na estratigrafia, onde os níveis de 300+ d.C. ainda detêm a dinâmica vista em 250-300 d.C. ao invés da tendência da fase de 320+ d.C. onde o espólio é muito diminuto.

No que respeita às evidências anfóricas, a "crise" da primeira metade do século não é muito evidente com uma estabilização dos fenómenos da centúria anterior, onde a maioria dos conteúdos anfóricos surge em baixa quantidade (anexo III – gráficos 3 e 14), sendo a única excepção os preparados piscícolas, que surgem muito bem representados, podendo a fase estratigráfica de 320+ d.C., onde surge apenas uma Almagro 51C, ser um reflexo do domínio dos preparados sobre os restantes conteúdos. É de realçar, quanto aos preparados piscícolas lusitanos, que este momento cronológico parece ser de uma dinâmica comercial relativamente forte, já que se encontram ânforas lusitanas em contextos mediterrânicos desta cronologia (Quaresma, 2017d: 136, 141-143).

Quanto ao conjunto de *terra sigillata*, é neste que se observam as maiores alterações comerciais (anexo III - gráfico 15), com o declínio da produção africana de *terra sigillata* C e o crescimento do fabrico D, curiosamente seguindo tendências iguais, ainda que inversas.

Estratigraficamente os fenómenos económicos apontados pela curva da média ponderada estão perfeitamente representados, com o fabrico C a exceder largamente o

D1 em cerca de 300 d.C. e a alterar-se a dinâmica já em 320+ d.C., quando a A é residual no conjunto e a D1 iguala a C, havendo, em parte como nas curvas das importações, uma tendência para a convergência.

Fase 7 – 2ª metade do século IV d.C.

O período da segunda metade do século IV d.C., para o qual há uma fase estratigráfica (350+ d.C.) com uma boa amostra material, ainda que com uma residualidade já um pouco elevada (45,7%), parece ser um momento de retoma económica em todos os conjuntos materiais (anexo III - gráfico 5), prolongando-se até ao início do século V d.C., ainda que este fenómeno seja pouco expressivo no conjunto anfórico, onde se mantêm as tendências anteriores com um muito ligeiro crescimento do peso dos preparados piscícolas, onde é introduzido agora o tipo Almagro 51A-B (anexo III – gráficos 3 e 14).

O conjunto de *terra sigillata* (anexo III - gráfico 15) é aquele onde as dinâmicas comerciais em alteração são mais explícitas com o fabrico africano de D1 a crescer devagar, mas de forma sustentada, acentuando-se em 390/400+ d.C.; e o C a diminuir ligeiramente em meados do século até uma estabilização que perdurará até ao término da sua difusão no início do século V d.C..

As evidências estratigráficas de 350+ d.C e de 390/400+ d.C. são importantes para a comparação com as médias ponderadas, já que a dinâmica dos fabricos africanos C e D1 está bem representada nestes contextos, onde em 350+ d.C. a C domina sobre a D1 (ainda incipiente) e em 390/400+ d.C. a C estabiliza o número de indivíduos e a D1 apresenta um crescimento para o triplo, não chegando, no entanto, a igualar a C, conforme demonstrado pelas curvas das importações (anexo III - gráfico 15).

A par disto surgem duas novas produções (Africana E e Hispânica Tardia), mal representadas quanto a indivíduos, que são de difícil comparação entre a dinâmica comercial e estratigráfica, já que surgem nos níveis de 500+ d.C..

Quanto à CAC e às suas imitações locais/regionais (anexo III - gráfico 7), observa-se um novo crescimento das importações africanas, ocupando as imitações uma posição residual até cerca de 370 d.C., quando desaparecem. A nível da CAC, para além da Hayes 23 e 197 que têm crono-tipologias prolongadas, encontramos também a Ostia I, fig. 261, ainda que quantitativamente mal representada, e a Hayes 181 D (Bonifay, 2004), cuja proposta para o início da sua difusão coincide com este período.

A estratigrafia desta fase cronológica (350+ d.C.) parece reflectir os dados das curvas de importação, com a presença da Hayes 197 e 181 D.

Fase 8 – 1ª metade do século V d.C.

A 1ª metade do século V, sendo um período de declínio comercial em Almoínhas, é marcada, nas evidências anfóricas (anexo III - gráfico 16), por uma aparente preferência pelos produtos intra-provinciais com a quase exclusividade dos produtos lusitanos, mantendo a elevada quantidade de preparados piscícolas e os baixos níveis de vinho. O azeite bético, sendo agora o único bem alimentar exógeno, é quase inexistente.

No que respeita à estratigrafia, nas fases de 390/400+ e 425+ d.C., níveis onde a residualidade já é relativamente elevada com mais de 50%, os conjuntos anfóricos são diminutos, mas reflectem a tendência de domínio pelos preparados piscícolas já que, com excepção da presença de Lusitana 3, seguramente residual em 425+ d.C., a exclusividade da amostra pertence aos tipos Almagro 51C, Almagro 50 e Keay XVI.

É de notar que com as instabilidades geradas pela entrada de Vândalos, Suevos, Alanos e Visigodos na Península Ibérica (Arce, 2005), esta situação não parece ter afectado a capacidade comercial inter-provincial da Lusitânia, que até poderá ter crescido pelo desaparecimento das produções concorrentes exógenas.

O conjunto de *terra sigillata* (anexo III - gráficos 6 e 17) apresenta uma dinâmica distinta da estabilidade visível no conjunto anfórico, sendo um período caracterizado por um declínio comercial acentuado.

É interessante que este momento de declínio corresponde, nas evidências estratigráficas, a um período de renovação do edificado com a construção de novas estruturas, como a sub-compartimentação da Área 1, podendo ser teorizado que ainda que o sítio esteja a ser reocupado. Parece que o poder de compra dos habitantes diminui ou as rotas comerciais "atrofiam", perdendo vigor e diversidade de bens.

Neste sentido, a primeira metade do século V d.C. ainda tem uma presença muito residual da Africana E, bem como da Hispânica Tardia, à qual se junta um fragmento de DSP do Languedoc, que surge na fase estratigráfica de 400+ d.C., não devendo, na realidade, a curva de importação desta última produção ultrapassar os meados do século.

A produção africana de D1, dominante nesta fase vai sofrer um declínio acentuado nas primeiras décadas da centúria, com uma estabilização temporária em torno a 450 d.C., quando começará a perder vigor para a produção foceense de *terra sigillata.* Estratigraficamente, a tendência de queda da D1 não é muito evidente já que estes fragmentos representam uma reduzida base empírica com algum material residual, estando também vários materiais desta cronologia representados nas fases seguintes do final do século V e VI d.C. (Quaresma, 2019: 323).

Fase 9 – 2ª metade do século V e século VI d.C.

As décadas centrais do século V correspondem a um momento de desaceleração do declínio no consumo em Almoínhas (anexo III - gráficos 1 a 7), que irá continuar com uma curva descendente, ainda que esta seja prolongada no tempo e sobretudo afecta ao conjunto de *terra sigillata*.

O conjunto anfórico observa um declínio acentuado dos preparados piscícolas Lusitanos (anexo III – gráficos 3 e 16), desaparecendo mesmo em torno a 500 d.C., ainda que com a presença da Almagro 51A-B nos contextos estratigráficos de 525+ d.C. seja possível pensar que estes bens alimentares ainda possam ter perdurado ainda nas décadas iniciais do século VI d.C..

A presença do azeite bético nesta fase parece-nos não corresponder à realidade, devido à sua ausência nos contextos estratigráficos dos séculos V e VI d.C..

Quanto à *terra sigillata* (anexo III - gráfico 17), a segunda metade do século V continua com o declínio da produção africana de D1, surgindo agora o fabrico foceense que, como ocorre na evolução da curva das médias ponderadas, aparece desde logo nas fases estratigráficas de 450/460 + d.C. de Almoínhas, indo reforçar o seu papel no início do século VI d.C. após um período de aparente desaceleração em que a produção africana de D1 parece dar sinais de uma ligeira retoma antes do seu colapso acelerado até cerca de 530 d.C..

Esta fase no século VI d.C., que, como já debatemos na análise da crono-estratigrafia, corresponde na sua maioria a contextos de abandono das estruturas, possui os materiais respectivos fora dos seus contextos de uso, situação que leva a que tenhamos algumas reservas quanto às verdadeiras dinâmicas de consumo nas Almoínhas durante as suas fases finais.

7.3. Comparação com o *Ager Olisiponensis*

7.3.1. Zona da várzea do rio de Loures

No que respeita à zona mais próxima da implantação das Almoínhas, nomeadamente a várzea do actual rio de Loures, é possível estabelecer uma comparação com um outro sítio de ocupação romana, nomeadamente a *villa* de Frielas, na margem oposta do rio de Loures, sendo que estabeleceriam, pelo menos, um contacto visual entre si (Oliveira, 2001a: 74).

Nesta área seria também possível estabelecer paralelo com o sítio de Unhos (*villa?* e necrópole), no entanto, na ausência de um estudo aprofundado do espólio exumado e com os dados que já se encontram publicados, não nos é possível comparar dados em face da diminuta quantidade de cerâmicas finas e ânforas nas áreas intervencionadas (um indivíduo de *terra sigillata* sudgálica Drag. 15/17 e 24/25 e um indivíduo da ânfora Almagro 51C) (Silva e Santos, 2009).

No que respeita a Frielas, um sítio com uma ocupação que perdurou para lá da Época Romana, a comparação, dado já existirem estudos quanto ao espólio fino (Quaresma, 2017b) e anfórico[5] (Policarpo, 2010) com um enquadramento estratigráfico, permitem estabelecer uma comparação mais directa com as fases de evolução de Almoínhas (anexo III - gráfico 22).

Tendo em conta as propostas anteriores de faseamento da *villa* de Frielas (Silva, 2012; Quaresma, 2017a), parece-nos confirmar-se, quanto aos dados crono-tipológicos, o faseamento proposto com uma cronologia de desenvolvimento do espaço a começar no último terço do século I d.C. (Quaresma, 2017a: 432).

A anteriormente designada «fase inicial» (Silva, 2012), ainda que não tendo vestígios arqueológicos significativos conservados (contextos), parece-nos ser um momento de desenvolvimento económico, especialmente concentrado na 1ª metade do século III d.C..

Entre cerca de 250/260 d.C. e 340/350 d.C. observa-se um momento de acentuado declínio das importações, o que poderá representar o momento de transição entre a primitiva *villa* e a nova estrutura, sendo, a nosso ver, de recuar a anterior

[5] Foi por nós revisto o conjunto anfórico para a adição dos materiais recuperados nas intervenções posteriores à tese de mestrado existente (Policarpo, 2009), daí que os dados apresentados nas tabelas em anexo compreendam um maior número de exemplares.

proposta de um período de reorganização urbana até 410-425 d.C. (Quaresma, 2017b: 432) para o século IV d.C. pleno, como sugerem as evidências arquitectónicas e numismáticas (Fernandes, 2004; Ruivo, 1998).

Observa-se a partir deste momento o progressivo aumento das importações no sítio, com o *floruit* a ser atingido em torno a 410/420 d.C.., momento após o qual se observa uma quebra, provavelmente motivada pelas denominadas «invasões bárbaras» de Suevos, Vândalos, Alanos e Visigodos em 409-411 d.C., conforme já anteriormente havia sido apontado para as *villae* de Frielas e Bolacha (Quaresma, 2017b: 433).

Os meados da centúria assistem a uma aparente estabilização do sítio, com uma possível ligeira retoma que apenas se prolongará até ao início do século VI d.C., fase em que o sítio entra em acentuado declínio até a curva de importação atingir valores próximos de zero em 550/560 d.C..

No que respeita às importações de *terra sigillata* de Frielas, denota-se uma quase ausência de dados para os séculos I e II d.C. (anexo III - gráfico 19), ainda que a bibliografia mencione a existência de alguns fragmentos de produção sudgálica e hispânica (Silva, 1998; 2012), estando o contexto marcado pelo domínio das produções africanas, sobretudo do fabrico D, situação que se justifica pela presença de contextos preservados apenas para as cronologias mais avançadas – século V em diante (Quaresma, 2017b: 432).

As evidências para estes momentos cronológicos mais recuados correspondem somente ao conjunto anfórico (anexo III - gráficos 20 e 21) que, dada a lata cronologia das várias formas, é de menor fiabilidade para uma leitura da evolução das importações face à cerâmica fina. No entanto, dada a expressividade das formas Dressel 14 (19 indivíduos) e Lusitana 3 (16 indivíduos) parece-nos fiável afirmar que o sítio tem uma capacidade de importação bastante grande no século II d.C. e 1ª metade do III d.C., quando o consumo cai acentuadamente e as únicas formas lusitanas a serem consumidas com alguma expressividade são a Almagro 51C (11 indivíduos), Almagro 51A-B (3 indivíduos) e Almagro 50 (4 indivíduos).

A nível das importações, o conjunto é constituído por um relativamente reduzido número de indivíduos (12 indivíduos), com ânforas béticas (Haltern 70, Dressel 20 e 23, Keay XVI, Almagro 50 e Dressel 14), africanas (Africana IIB e Keay XXXV B) e orientais (LRA 1).

Quanto à cerâmica africana de cozinha é completamente impossível de estabelecer qualquer paralelo com os contextos de Frielas, uma vez que o número de fragmentos totaliza três indivíduos (Quaresma, 2017b), tornando-se pouco fiável para uma interpretação do consumo.

A nível comparativo entre os dados dos sítios de Almoínhas e Frielas (anexo III - gráfico 22), é possível observar que os dois contextos apresentam dinâmicas comerciais, em termos de NMI, semelhantes, ainda que com quantitativos substancialmente diferentes, com Almoínhas a suplantar Frielas. Esta diferença poderá estar relacionada com a própria natureza dos sítios arqueológicos, ou dever-se à grande diferença de área intervencionada entre ambos (c. 9000 m^2 em Almoínhas; c. 700 m^2 em Frielas).

Apesar das diferenças em quantidade, as curvas de consumo seguem padrões semelhantes entre si, nomeadamente com o aparente desenvolvimento de ambos os sítios no final do século I/início do século II d.C. e pico no final do século II até meados do III, ao qual se segue uma quebra até meados do século IV, quando se assiste a uma retoma que durará um século.

A diferença entre os sítios parece estar nos momentos em que atingem o seu *floruit,* sendo que Almoínhas atinge este momento no final do século II e Frielas somente no século IV d. C. (ainda que esta ocorrência possa ser derivada dos palimpsestos ocorridos em Frielas). Esta situação conjuga-se igualmente com os conjuntos de cerâmica fina, uma vez que a nível anfórico, as evidências existentes remetem para as fases alto- imperiais.

Ainda que as evidências existentes não permitam traçar um grande plano das tendências económicas dos sítios romanos da várzea de Loures, é possível avançar que as duas margens apresentam, à partida, algumas diferenças económicas, sendo que são apenas perceptíveis nas fases do século V, talvez influenciadas pelos já mencionados acontecimentos de 409-411 d.C..

Denota-se em Almoínhas a quase ausência de DSP (1 indivíduo) em face do seu predomínio em Frielas (14 indivíduos), assim como o papel das produções foceenses que encontram em Almoínhas o seu mercado principal (28 indivíduos para 13 de Frielas). Quanto à DSP, a presença elevada parece ser uma situação atípica, uma vez que considerando este sítio como afecto à influência comercial de *Olisipo*, é de realçar

que o contexto urbano da cidade não tenha uma representação desta produção como ocorre em Frielas, sendo que a posição atípica é reforçada quando se compara este contexto com outras evidências do *ager*, onde a DSP é sempre diminuta – Quinta da Bolacha (1 indivíduo); *villa* do Alto da Cidreira (2 indivíduo) (Quaresma, 2017a; Sepúlveda, Bolila e Santos, 2015).

A nível anfórico, denota-se também a ausência de produções do Mediterrâneo oriental em Almoínhas, representadas por um individuo de LRA 1 em Frielas.

Assim parece-nos possível levantar a hipótese de que no início do século V, a várzea de Loures tenha sofrido uma reorganização da ocupação, com vários circuitos comerciais de pequena dimensão a surgirem, o que poderá explicar as diferenças entre ambos os sítios.

7.3.2. Comparação com a cidade de *Olisipo* e restante *ager*

Quanto à integração económica dos dados de Almoínhas na dinâmica comercial do *Ager Olisiponensis*, no estado actual do conhecimento apenas é possível estabelecer paralelo com um reduzido número de casos, nomeadamente com *Olisipo* (anexo III - gráfico 23), cujas publicações existentes não permitem uma sistematização completa da realidade vivida na cidade, dados os contextos conhecidos corresponderem a pequenas janelas de dados; a Quinta da Bolacha (Quaresma, 2017c) e o sítio do Alto do Cidreira (Sepúlveda, Bolila e Santos, 2014-2015).

No que respeita a *Olisipo*, foram consideradas para análise apenas as mesmas morfologias anfóricas exumadas em Almoínhas, de forma a que se possa tentar criar similitudes entre as bases empíricas comparadas. Os dados recolhidos são provenientes da bibliografia referente aos vários conjuntos anfóricos exumados em Lisboa, com a maioria da base empírica anfórica a provir do trabalho de Victor Filipe sobre as fases alto-imperiais desta cidade (Filipe, 2019), motivo que justifica a baixa representatividade dos momentos após meados do século III d.C., cronologia a partir do qual as publicações reflectem apenas pequenos sectores da cidade ao invés de um panorama de âmbito mais geral, impossibilitando uma leitura precisa da evolução comercial da cidade a partir dessa fase.

Quanto aos momentos mais recuados, nos séculos I a.C. e I d.C., observa-se alguma diferença entre os dois sítios, sobretudo em *Olisipo*, onde se denota alguma flutuação na curva das importações, a qual sugere um período tardo-republicano com algum vigor económico, que deverá estar associado ao carácter portuário e mercantil de *Olisipo*, ainda que a nível dos conjuntos de *terra sigillata*, o século I a.C. aparente ser menos expressivo do que nos conjuntos anfóricos (Silva, 2013: 753, fig. 252). Levanta-se a questão se esta situação poderá relacionar-se com uma funcionalidade militar em detrimento de habitacional durante este período cronológico, em linha com as sugestões das evidências conhecidas para a zona do actual Castelo de S. Jorge (Pimenta, 2005).

Um novo pico ocorrerá nas décadas centrais do século I d.C., ainda que este seja temporário, com um declínio entre 70 e 90 d.C. ao qual sucederá então o crescimento abrupto do século II, tal como ocorre em Almoínhas (Quaresma, 2018, 2018-2019, 2020a, no prelo a).

A partir de cerca de 120/130 d.C. a curva de importações começa a diminuir, ainda que a um ritmo lento que manterá até meados do século III d.C., mostrando-se aqui o momento, a nosso ver, em que os dados de Lisboa apresentam uma sub-representação do comércio baixo imperial.

Já o declínio na segunda metade do século III d.C. parece conjugar-se com os dados de Almoínhas, com um decréscimo acentuado e rápido, ao qual se segue em ambos os sítios uma ligeira estabilização em níveis baixos.

A partir do século IV e no decorrer do século V os dados que possuímos para *Olisipo* marcam uma capacidade de importação muito baixa nas mesmas categorias anfóricas de Almoínhas, ainda que Lisboa possua outros dados, sobretudo com tipologias orientais (Quaresma, 2020b), que cremos que deverão colmatar em parte as diferenças registadas.

Já a nível de conteúdos consumidos é de assinalar algumas outras diferenças, por comparação com Almoínhas, em todos os tipos de conteúdo (anexo III - gráfico 24).

No que respeita aos conteúdos oleários, em *Olisipo* estes apresentam uma dinâmica anterior ao século II d.C. bastante forte, entrando num progressivo declínio após 120 d.C. até ao seu término no início do século IV, enquanto que em Almoínhas as importações crescem a partir desse momento até 260/270 d.C. quando o decréscimo registado parece coincidir com os dados actualmente disponíveis para *Olisipo*.

Já nos conteúdos vinários, regista-se valores relativamente estáveis até ao século II d.C., onde, a par do registado em Almoínhas, cresce o consumo destes bens, estabilizando até meados do século III d.C. quando sofre uma quebra abrupta.

Quanto aos preparados piscícolas, estes não apresentam qualquer valor antes do início do século II d.C., momento no qual se vão tornar no produto mais importado em *Olisipo,* aumentando ligeiramente as suas importações até meados do século III d.C., quando registamos também uma diminuição abrupta no consumo.

Deveras relevante neste contexto é o contraste existente no século II na relação entre o nível de importação de vinho e preparados piscícolas entre os dois sítios em comparação, sendo que em Almoínhas os preparados piscícolas só suplantam as importações vinícolas pouco após os meados do século II, contrariamente ao que ocorre em *Olisipo,* onde estes são dominantes desde o princípio.

O conjunto de *terra sigillata* para os contextos de *Olisipo* (anexo III - gráfico 25) tem os séculos I a.C. e I d.C. próximos das realidades apresentadas pelas ânforas, com um crescimento nas primeiras décadas do século II d.C.

A partir de meados do século II d.C. assiste-se a um decréscimo acentuado da base empírica, à semelhança do que ocorre com o conjunto anfórico no início do século III d.C., mas onde a produção de africana A está apesar de tudo bem representada, surgindo as suas sucedâneas C e D com menor expressividade em indivíduos, tal como parece ser a tendência sentida nas Almoínhas.

O conjunto de DSP actualmente conhecido para *Olisipo* segue a tendência denotada em Almoínhas, ocupando uma posição secundária no conjunto. Com maior expressividade em *Olisipo*, o final do século V e a primeira metade do VI d.C. tem quantitativos elevados de *terra sigillata* foceense (Quaresma e Silva, 2019) que parecem seguir tendências semelhantes entre a *civitas* e o sítio arqueológico das Almoínhas.

Quanto a outros contextos de comparação no *ager*, o caso da Quinta da Bolacha será o geograficamente mais próximo das Almoínhas para o qual existe um estudo aprofundado do espólio fino e de ânforas (Quaresma, 2017c).

Começando pelas importações anfóricas (anexo III – gráfico 26), os dados entre os dois sítios são bastante similares, ainda que o fenómeno actualmente conhecido para a Bolacha seja menos expressivo, denotando-se, na litragem total consumida, uma fase embrionária de final do século I d.C., com um crescimento acentuado na primeira metade do século II d.C., que terá novo aumento até meados do século III d.C., quando sofre uma quebra abrupta, com uma estabilização até meados do século V d.C., quando a curva de importação deixa de ser fiável, dada a diminuta amostra afecta apenas ao tipo Dressel 23.

Já em termos de conteúdos alimentares consumidos (anexo III – gráfico 27), os dados entre os dois sítios são relativamente díspares, sobretudo no que respeita ao consumo de azeite.

Começando pelos produtos vinícolas, os níveis do século I d.C. seguem em linha com Almoínhas, tendo níveis residuais, sendo que ocorre um vazio de dados no início do século II d.C., assistindo-se de seguida a um crescimento semelhante ao sentido na

área da várzea de Loures, destacando o contexto da Bolacha pela ausência de dados referentes ao período de crescimento e declínio do consumo de bens vinícolas.

Quanto ao consumo de preparados piscícolas, na Bolacha este ainda deverá ter começado no final do século I d.C., tendo um crescimento acentuado na transição para o II d.C., como sentido nos restantes contextos analisados até agora, seguindo um crescimento sustentado até meados do século III d.C.. A partir do momento de quebra sentido no pós 250 d.C., a diferença entre os dois sítios começa a ser notada, já que Almoínhas irá crescendo lentamente as suas importações até ao final do século V d.C., que cessarão no início do século VI d.C., o caso da Bolacha parece ter uma estabilização no mesmo período, não sendo claro quando é o fim das importações anfóricas.

Por fim, os dados com maior discrepância entre ambos os contextos respeitam ao azeite, na medida em que este bem alimentar, bem representado em *Olisipo*, como já mencionado, não parece ter tido uma grande importância na dieta alimentar dos habitantes do sítio da Bolacha, já que as importações são estáveis, mas em baixa quantidade, o que contrasta com Almoínhas, onde seguem as tendências de crescimento dos restantes bens alimentares.

Já para o conjunto de *terra sigillata*, os dados existentes (Quaresma, 2021b: 186 – figura 123) ainda que globalmente em linha com os das Almoínhas, com os séculos II e III d.C. a partilharem os mesmos fenómenos, encontramos no século IV d.C. uma retoma económica aparentemente mais forte do que a sentida nas Almoínhas.

Quanto ao sítio do Alto do Cidreira, geograficamente mais distante, no que deverá ser a realidade costeira a Oeste de *Olisipo*, os dados existentes (Sepúlveda, Bolila e Santos, 2014-2015; Cardoso, 2018) são distintos daqueles disponíveis em Olisipo ou na *villa* da Bolacha, já que são o único destes contextos com o qual podemos comparar melhor as dinâmicas do século IV em diante com as de Almoínhas.

No que respeita ao conjunto anfórico, tema principal em análise, a amostra é bastante inferior ao conjunto de *terra sigillata* (anexo III – gráfico 28), concentrando-se a informação disponível entre o início do século II d.C. e meados do V d.C..

O período entre o início do século III d.C. e meados do III d.C., reflecte a tendência já vista nos contextos anteriores, com um período de crescimento ao qual se segue uma quebra económica acentuada. No caso do Alto do Cidreira o momento após a quebra é onde os dados são distintos, uma vez que no início do século IV, após uma

ligeira retoma, vai existir uma estabilidade do consumo até meados do século V d.C., momento em que decresce, mas continuará a existir até ás últimas décadas do século VI d.C. (anexo III – gráficos 29 e 30).

Quanto aos conteúdos consumidos observa-se na fase alto-imperial um comportamento semelhante ao sentido em Almoínhas, sendo que é o século IV d.C que parece ter os dados mais interessantes, visto que, numa fase onde os conteúdos vinícolas estão em fase de decréscimo, desaparecendo em Almoínhas a partir de 450 d.C. e na Quinta da Bolacha ainda no século III d.C., no panorama do Alto do Cidreira (Cardoso, 2018), como também parece ser o caso de *Olisipo* (Quaresma, 2020b), o comércio vinário assiste a uma retoma impulsionada pelas ânforas orientais (LRA 1).

O caso do Alto do Cidreira ainda se afasta mais do de Almoínhas no sentido em que os preparados piscícolas parecem ter uma estabilização no consumo a partir de meados do século III d.C., não reflectindo o restante crescimento sentido no sítio entre os séculos IV e V d.C. A par disto, o conjunto das Almoínhas fornece a sensação de que durante os séculos IV e V os preparados piscícolas reforçam o seu papel comercial, tendência aparentemente menos notada na faixa litoral onde se insere o Alto do Cidreira.

No que respeita ao conjunto de *terra sigillata* os dados existentes (anexo III – gráfico 28) seguem a tendência mostrada pelas ânforas, com fenómenos mais expressivos. As importações têm desde o século I d.C. alguma relevância, com um aparente pico no início do século III d.C., momento após o qual se dá a quebra económica, sentida nas ânforas apenas em meados da centúria.

A retoma do século IV d.C. é evidente na *sigillata,* que após os um período mais letárgico em torno a meados do século V d.C., vai ter um crescimento muito elevado associado ao consumo das produções foceenses, fenómeno também existente nas Almoínhas e em *Olisipo* (Quaresma e Silva, 2019), sendo que no final do século VI d.C. as produções foceenses farão a transição para uma exclusividade das cipriotas, que vão ter menos vigor económico.

No global os sítios do *ager* de *Olisipo*, e a própria metrópole, parecem partilhar dinâmicas conjuntas, ainda que se tenha que considerar que cada um dos sítios arqueológicos terá tido condicionantes próprias que afectaram a sua evolução e que justificam as diferenças existentes entre si.

De facto, tirando a existência de dados significativos para as fases republicanas de *Olisipo*, o desenvolvimento do *ager* parece começar a partir de meados do século I d.C., momentos após a elevação a *civitas* de *Olisipo* por Augusto (Pérez Centeno, 1999: 296), intensificando-se no século II d.C., evolução espelhada pelos vários contextos anteriormente analisados.

O século III d.C. é marcado por um período de crise, sendo pouco clara quanto ao seu começo, já que vários dos contextos apontam uma estabilidade até meados da centúria, com uma quebra que aparenta ter sido bastante acentuada e rápida, assistindo-se a uma recuperação no século IV d.C. que se manterá até ao século V.

Enquanto que na fase alto-imperial o comércio parece ter uma dinâmica comum entre sítios, as fases baixo-imperiais e tardo-antigas são de desestruturação dos circuitos comerciais onde, como observado no caso de Frielas, há vários circuitos comerciais de nível regional a funcionar no mesmo período (talvez associados a diferentes *mercatores*), com a existência de tendências comerciais fortes a ser novamente visível no final do século V e VI d.C., afecto ao comércio da *sigillata* foceense, já que as ânforas, contextualmente pouco expressivas, não dão dados claros para estas fases.

7.3.3. Comparação com outros contextos da província da *Lusitania*

A nível provincial, os dados de Almoínhas vão geralmente em linha com as propostas existentes para o comportamento das zonas mais litorais, afastando-se em parte das tendências do interior da província.

Desta forma, como comparação, utilizámos gráficos de quantificação já publicados (Quaresma, 2021b) e sistematizámos os dados existentes para Alter do Chão – Casa da Medusa (anexo III - gráfico 31), contexto para o qual existe informação quanto aos conjuntos de *terra sigillata* e ânforas, ainda que a *sigillata* alto-imperial dos contextos tardo-antigos não tenha sido quantificada (Quaresma e António, 2017).

No que respeita ao conjunto de Alter do Chão – Casa da Medusa, a informação existente permite avançar que o comportamento deste sítio (anexo III – gráfico 31) é próximo do de Almoínhas (anexo III – gráfico 5), exceptuando-se uma clara diferença entre os picos de consumo de *terra sigillata* no final do século II d.C. e a inexistência de uma quebra acentuada após 250 d.C. nas ânforas em Alter do Chão.

As semelhanças globais começam a desvanecer-se quando se observam os conjuntos em pormenor.

Quanto às ânforas, estas têm uma dinâmica distinta da sentida em Almoínhas e no território de *Olisipo*, mais litoral, quanto ao azeite (consumido em ânfora), o qual parece ser inexistente até ao início do século IV d.C., altura em ocupa uma posição muito secundária entre os restantes bens alimentares.

Os produtos vínicos surgirão a partir do século II, com quantitativos elevados, entretanto em declínio em meados do século III d.C., mantendo-se então um consumo diminuto até meados do século V d.C.. Já quanto aos preparados piscícolas observa-se uma situação muito idêntica à das Almoínhas, com um consumo inferior ao vinho na primeira metade do século II d.C., momento no qual se observa um rápido crescimento, com um período estável de consumo até meados do século V d.C..

No que respeita à *terra sigillata*, as tendências são no global semelhantes, havendo apenas a partir do final do século IV uma diferença quanto à produção que virá substituir a *sigillata* africana, entretanto em declínio em Alter do Chão, onde a Hispânica Tardia surge com importância, que manterá até ao início do século VI d.C.. No caso das Almoínhas, a produção africana no século IV ainda estará afecta à D1, com

uma presença quase residual de Hispânica Tardia, à qual se juntará no século V d.C. a DSP. O final do século V e o século VI d.C. assistem à introdução da *sigillata* foceense, produção que aparentemente não chegará à zona interior da província onde se situa Alter do Chão, sendo o seu papel comercial substituído pela dita Hispânica Tardia.

Para além deste contexto, poderemos estabelecer paralelo entre as Almoínhas e alguns outros contextos provinciais quanto aos conjuntos de *terra sigillata*, nomeadamente, com os sítios de São Cucufate, Represas, Tróia, *Mirobriga*, *Ossonoba* e *Balsa* (Quaresma, 2021b: 169 – figura 113), onde se denota um século I d.C. forte, com uma diminuição no século II d.C., e uma quebra em meados do século III d.C., tal como em Almoínhas, seguindo-se a retoma do século IV d.C.

Já no que respeita aos conjuntos anfóricos de *Balsa*, *Ossonoba* e São Cucufate (anexo III – gráficos 34, 35 e 36) estes seguem uma dinâmica comercial similar no que respeita ao consumo de preparados piscícolas e azeite, sendo no consumo de produtos vinícolas que os dados são mais complexos.

Assim, em primeiro lugar há que apontar que os dados de São Cucufate são parciais, já que cremos que parte do espólio apontado como Almagro 51C possa na verdade corresponder à Lusitana 3. Quanto aos contextos de *Balsa* e *Ossonoba* estes dão elevadas quantidades de consumo destes bens nas fases tardo-republicanas, com uma quebra acentuada entre o século II d.C. e o final do III d.C., momento em que assiste a uma retoma do consumo, em linha com a dita retoma do século IV d.C., afecta ao comércio africano. No caso de *Ossonoba*, o consumo deverá previver para o século V d.C. com o comércio oriental, ausente dos nossos gráficos.

Por fim, Almoínhas parece estar enquadrado nas dinâmicas comerciais da zona litoral da província da Lusitânia, num comércio marcadamente endógeno, onde, como se pode inferir bastante bem pela comparação com *Ossonoba*, são consumidos menos bens mediterrânicos em comparação com os produtos lusitanos, de onde se destaca o peso da indústria de preparados piscícolas lusitanos a partir do século II d. C..

8. Considerações Finais

Almoínhas é um sítio arqueológico com uma ocupação comprovada pelo espólio anfórico e de cerâmica fina entre o século II e o inicio do século VI d.C., passível de ser subdividida em 10 fases evolutivas. É ainda possível que a ocupação possa remontar inclusive às últimas décadas do século I d.C..

O espólio anfórico é dominado pelas produções lusitanas, às quais se seguem as béticas. Nos restantes centros de origem das importações os dados existentes remetem para realidades de pequena duração temporal, nunca atingindo a totalidade de diacronia do sítio.

Quando abordada a questão da evolução comercial do consumo anfórico foi possível constatar que o desenvolvimento dos preparados piscícolas está relacionado sobretudo com a Almagro 51C, reflexo de uma dinâmica produtiva da província da Lusitânia, que ganha relevo face à Bética.

De realçar que após 450/460 d.C. a forma da Almagro 51A-B passará a representar a única importação de preparados piscícolas do sítio, num momento cronológico que, a nível de cerâmica fina, é bastante parco em dados e marcado por uma residualidade muito elevada com materiais cuja cronologia remete para a primeira metade da centúria ou inclusive o final do século IV d.C. (Quaresma, 2019: 324-325).

Já quanto às importações de produtos vinícolas, a Gauloise 4 marcará o início das importações, estas que virão a ser dominadas pela Lusitana 3, que se encontra representada entre os contextos do século II/III, e com a sua sucessora Lusitana 9 até ao século V d.C..

Quanto às importações de azeite, surgem somente duas áreas de fornecimento, a bético e a africana, em que o domínio pertence na maioria da diacronia à Bética, sendo que no momento em que esta regista um decréscimo acentuado nos seus níveis de importação, as importações africanas surgem como, a nosso ver, compensação pela escassez destes produtos béticos.

De realçar quanto às importações africanas que estas foram sempre secundárias no sítio, no entanto, remetem para a dinâmica comercial deste espaço entre os séculos III (2ª metade) e IV, que deverá ter observado uma reorganização interna com novos desenvolvimentos, conforme se observa pelas alterações arquitectónicas realizadas nas Áreas 1 e 3.

Concluindo, o conjunto anfórico, com excepção dos momentos anteriores ao século I d.C., parece possuir uma coerência estatística que encontra eco na metrópole mais próxima, *Olisipo*, e que parece, com excepção do momento após 500 d.C., seguir as tendências já enunciadas pela cerâmica fina (Quaresma, 2019).

9. Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (1973) – *Portugal Romano.* Lisboa: Editorial Verbo.

ALARCÃO, Jorge de (1988) – *O Domínio Romano em Portugal.* Lisboa: Publicações Europa-América.

ALARCÃO, Jorge de (2018) – *A Lusitânia e a Galécia – Do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (1974) – *Fouilles de Conimbriga.* Paris: Diffusion E. de Boccard, vol. I-VIII.

ALMAGRO, Martín (1955) – *Las necrópolis de Ampurias*. Barcelona: Ed. Seix y Barral.

ALMEIDA, Fernando; ROCHA, António (1998): *Villa Das Almoínhas, Loures. Ensaios de Resistividade Eléctrica – Relatório final.* Aveiro: UNAVE – Associação para a Formação Profissional e Investigação da Universidade de Aveiro.

ALMEIDA, Maria; CARVALHO, António (1998) – Ânforas da uilla romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): resultados de 1990-1998. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, número 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 137-163.

ALMEIDA, Rui; FILIPE, Victor (2013) – 50 anos depois: as ânforas romanas da Praça da Figueira. In *Arqueologia em Portugal: 150 anos.* Lisboa: AAP, p. 737- 740.

ALMEIDA, Rui; PINTO, Inês; MAGALHÃES, Ana; BRUM, Patrícia (2014) - Ânforas piscícolas de Tróia: contextos de consumo versus contextos de produção. In *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia.* Monografias Ex Officina Hispana II, tomo I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 405-423.

ALMEIDA, Rui; RAPOSO, Jorge (2016) – *Keay 16 (Western Lusitania).* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/keay-16-western-lusitania).

ALMEIDA, Rui; VIEGAS, Catarina; BEJA, Nuno; TEIXEIRA, Nuno (2014) – Ânforas do Mediterrâneo Oriental em Faro (*Ossonoba*). Novos dados para equacionar o comércio durante a Antiguidade Tardia. In *As produções cerâmicas de imitação na*

Hispânia. Monografias Ex Officina Hispana II, tomo II. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 151-160.

ALVES, Francisco; DIOGO, António; REINER, Francisco (1990) – A propósito dos fornos de cerâmica lusitano-romanos de S. Bartolomeu do Mar. In *Ânforas Lusitanas: Tipologia, produção, comércio. Actas das jornadas de estudo realizadas em Conimbriga em 13 e 14 de Outubro de 1988*, Coimbra/Paris: Museu Monográfico de Conimbriga/ Diffusion E. De Boccard, p. 193-198.

ALVES, Vera; CARNEIRO, André (2011) – Ânforas romanas no concelho de Fronteira. Exemplares recolhidos entre 1999 e 2002. In *Arqueologia do Norte alentejano. Comunicações das 3as jornadas.* Fronteira/Lisboa: Câmara Municipal de Fronteira/ Edições Colibri, p. 163-192.

AMARO, Clementino; MANSO, Cláudia; SEPÚLVEDA, Eurico (2013) – Complexo industrial romano de preparados de peixe da baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In *Arqueologia em Portugal: 150 anos.* Lisboa: AAP, p. 755-763.

AMARO, Clementino; SEPÚLVEDA, Eurico (2015) – Presença da ocupação romana no Aljube de Lisboa. In *I Encontro de Arqueologia de Arqueologia: uma cidade em escavação,* p. 272-285.

ARCE, Javíer (2005) – *Barbaros y romanos en Hispania. 400-507 AD.* Marcial Pons Historia.

ARCELIN, Patrice; TUFFREAU-LIBRE, Marie (coord.) (1998) – Protocole de quantification dês céramiques. In *La quantification des céramiques. Conditions et protocole, Actes de la table ronde du Centre archéologique européen du Mont Beauvray*. Glux-en-Glenne: centre archéologique européen du Mont Beauvray, Collection Bibracte, p. 141 - 157.

ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia (2006) – Ânforas lusitanas da Alcáçova de Santarém. In *Setúbal Arqueológica,* volume 13. Setúbal: Museu distrital de Setúbal, p. 233 - 252.

ARRUDA, Ana; FABIÃO, Carlos (1990) – Ânforas da Quinta do Lago (Loulé). In *Ânforas Lusitanas: Tipologia, produção, comércio. Actas das jornadas de estudo*

realizadas em Conimbriga em 13 e 14 de Outubro de 1988, Coimbra/Paris: Museu Monográfico de Conimbriga/ Diffusion E. De Boccard, p. 199-213.

BASÍLIO, Eva (2017) - *Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na urbs.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Ambiente. Évora: Universidade de Évora – Escola das Ciências Sociais.

BELTRÁN LLORIS, Miguel (1970) – *Las ánforas romanas de España.* Zaragoza: Institución Fernando el Católico.

BENOIT, Fernand (1962) – Nouvelles épaves de Provence (III). In *Gallia*, número 20, p. 147-176. Paris: CNRS.

BERNAL CASASOLA, Dario (1998) – *Excavaciones arqueológicas en el alfar romano de la Venta del Carmen. Los Barrios (Cádiz).* Madrid: Universitat Autonoma de Madrid.

BERNAL CASASOLA, Dario (2008) – Vinos tarraconenses más allá de las Columnas de Hércules. Primeras evidencias en la Baetica, Lusitania y Tingitana. In *La producció i el comerç de las àmfores de la Provincia Hispania Tarraconensis. Homenatge a Ricard Pascual i Guasch.* Monografies del Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 319-352. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

BERNAL CASASOLA, Dario (2016) – Lusitanian Amphorae in the Strait of Gibraltar: Interprovincial Food Supply. In *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution.* Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, número 10, Archaeopress Series, p. 299-310.

BERNARDES, João; MEDEIROS, Ismael (2016) – Boca do Rio (Budens, Vila do Bispo): novos dados de uma villa piscícola romana. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 19. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 265-286.

BERNARDES, João; MORAIS, Rui; PINTO, Inês; DIAS, Rita (2013) – A olaria baixo-imperial do Martinhal, Sagres (Portugal). In *Actas do I Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antígua S.E.C.A.H (Cádis, 4 de Março de 2011)*, Tomo II. Cádiz: S.E.C.A.H, p. 317-330.

BERTOLDI, Tommaso (2012) – *Guida alle anfore romane imperiale-Forme, impasti e distribuzione.* Roma: Edizione Espera.

BOLILA, Catarina (2011) – *A Terra Sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa).* Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

BOMBICO, Sónia (2016) – *Economia marítima da Lusitânia romana: Exportação e circulação de bens alimentares.* Tese de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Évora: Universidade de Évora.

BONIFAY, Michel (2004) – *Etudes sur la céramique romaine tardive d'Afrique.* BAR International Series, número 1301. Oxford: BAR.

BONIFAY, Michel; CARRE, Marie-Brigitte; RIGOIR, Yves (dirs.) (1998) – *Fouilles à Marseille. Les Mobiliers (Ier-VIIe siècles ap. J.-C.).* Travaux du Centre Camille-Julian, 22/ Études Massaliètes, 5. Paris/Errance: Centre Camille-Julian.

BOST, Jean-Pierre.; CAMPO, Marta; COLLS, Dalli; GUERRERO, Victor; MAYET, Françoise (1992) – *L'épave Cabrera III (Majorque).* Publications du Centre Pierre Paris, volume 23. Paris: CNRS.

BRAZUNA, Sandra; COELHO, Manuela (2012) – A Villa das Almoínhas (Loures). Trabalhos arqueológicos de diagnóstico e minimização. In *Cira Arqueologia – Atas Mesa Redonda "De Olisipo a Ierabriga",* número 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 103-114.

BRUN, Jean-Pierre (2001) – La viticulture antique en Provence. In *Gallia*, volume 58. Paris: CNRS, p. 69-89.

BUGALHÃO, Jacinta (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Trabalhos de Arqueologia, volume 15, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BUGALHÃO, Jacinta; SABROSA, Armando (1993) – O complexo Industrial Romano da Baixa – uma unidade de salga de peixe na Rua Augusta (Lisboa). In *Actas do 1º congresso de arqueologia peninsular*. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35:3. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p. 379-406.

BURACA, Ida (2005) - *Civitas Conímbriga: Ânforas romanas*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia – especialização em Arqueologia Regional. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CABAÇO, Nelson; SARRAZOLA, Alexandre; SILVA, Rodrigo; CARVALHO, Liliana; LOURENÇO, Marina (2017) – O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão.* Lisboa: AAP, p. 1243-1254.

CAPELLI, Claudio (2015) – Caractérisation en microscopie optique des pâtes des ateliers d' Henchir ech Chekaf et Salakta. In *La production de la céramique antique dans la region de Salakta et Ksour Essef (Tunisie),* anexo 2, Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 8. Oxford: Archaeopress.

CARDOSO, Guilherme (1978) – Ânforas romanas no Museu do Mar (Cascais). In *Conimbriga*, volume 17, p. 63-78.

CARDOSO, Guilherme (1986) – Fornos de ânforas romanas na bacia do rio Sado: Pinheiro, Abul e Bugio. In *Conimbriga*, volume 25, p. 153-173.

CARDOSO, Guilherme (2015) – *Estudio arqueológico de la Villa romana de Freiria.* Tese de Doutoramento em Arqueologia. Espanha: Universidad de Extremadura, Departamento de Historia.

CARDOSO, Guilherme (2018) – As ânforas da *villa* romana do Alto do Cidreira (Alcabideche – Cascais). In *CIRA arqueologia*, nº6. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 231 - 242.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2005) – Olaria romana do Morraçal da Ajuda. In *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste.* Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral, p. 83-102.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico (2006) – A olaria romana de Peniche. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica*. Setúbal Arqueológica, volume 13. Setúbal: Museu distrital de Setúbal, p. 253-278.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico; RIBEIRO, Inês (2015) – A figlina do Morraçal da Ajuda, Peniche - última fase de produção. In *Contextos estratigráficos na Lusitania (do Alto-Império à Antiguidade Tardia)*. Monografias AAP, volume 1. Lisboa: AAP, p. 105-116.

CARRERAS MONFORT, Cèsar; GARCÍA VARGAS, Enrique (2016) – *Dressel 28 (Guadalquivir Valley)*. Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-28-guadalquivir-valley).

CARRERAS MONFORT, Cèsar; MILLET, Piero (2016) – *Haltern 70 (Guadalquivir Valley).* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/haltern-70-guadalquivir-valley).

CARVALHINHOS, Marina; MOTA, Nuno; MIRANDA, Pedro (2017) – Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço oriental entre a alcáçova do castelo e o miradouro de Santa Luzia. In *I Encontro de arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação.* Lisboa: Câmara municipal de Lisboa/ Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 298 – 337.

CASIMIRO, Sílvia; SILVA, Rodrigo (2013) – Enterramentos infantis Tardo-antigos na Rua de São Nicolau (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 150 anos.* Lisboa: AAP, p. 859 - 864.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra (2007) – *El final de las villae en Hispania (siglos IV-VII d.C.),* Bibliothèque de l'Antiquité tardive 7. Paris: Association pour l'antiquité tardive.

CHEVALIER, Yves; SANTAMARIA, Claude (1971) – L'épave de l'anse Gerbal à Port-Vendres. In *Rivista Studi Liguri*, volume 1 (13). Itália: Centro internacional de estudos Ligures, p. 7-11.

COELHO, Manuela (2007) – *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos: Intervenção Arqueológica de diagnóstico e minimização – Área de protecção da Villa de Almoínhas (Loures*). Lisboa: ERA-Arqueologia. Policopiado.

COELHO-SOARES, Antónia; SILVA, Carlos (1979) – Ânforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal). In *Setúbal Arqueológica*, volume 5. Setúbal: Museu Distrital de Setúbal, p. 205-216.

COSTA, Cláudia (2011) – A fauna mamalógica da *villa* romana das Almoínhas (Loures). In *O Arqueólogo Português*, série V, número 1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 561-589.

CRUZ, Mário (2009) – *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta. Volume II – Manual de formas. Vidros Romanos do*

Noroeste Peninsular. Tese de doutoramento em Arqueologia. Braga: Universidade do Minho.

DEUS, Maria Manuela de (1998): As ânforas da Estação Romana das Almoínhas. In *Da vida e da morte. Os romanos em Loures*. Loures: Museu municipal de Loures, p. 57-64.

DIAS, Rita (2009) – As ânforas do Centro Oleiro Romano do Martinhal (Vila do Bispo – Algarve). Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

DIOGO, António Dias (1987) – Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. In *O Arqueólogo Português,* Série IV, nº 5, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 179-191.

DIOGO, António; FARIA, João (1990) – Fornos de cerâmica romana no vale do Sado. Alguns elementos. In *Ânforas Lusitanas: Tipologia, produção, comércio. Actas das jornadas de estudo realizadas em Conimbriga em 13 e 14 de Outubro de 1988*, Coimbra/Paris: Museu Monográfico de Conimbriga/ Diffusion E. De Boccard, p. 173-186.

DIOGO, António; TRINDADE, Laura (1998) – Uma perspectiva sobre Tróia a partir das ânforas. Contribuição para o estudo da produção e circulação de ânforas romanas em território português. In *O Arqueólogo Português,* série IV, número 16. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 187-220.

DRESSEL, Heinrich (1899) – *Corpus Inscriptionum Latinarum XV, 2: Inscriptiones Urbis Romae Latinae. Instrumentum domesticum. Partis posterioris fasciculus I.* Berolini: G. Reimerum.

DUNCAN-JONES, Richard (1974) – *The economy of the Roman Empire. Quantitative studies.* Cambridge: Cambridge University Press.

DUNCAN-JONES, Richard (1990) – *Structure and Scale in the Roman Economy*. Cambridge: Cambridge University Press.

ENCARNAÇÃO, José d' (2002) – "Um Século de Arqueologia Romana em Portugal." In *Arqueologia & história*, Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, volume 54, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 195-202.

ÉTIENNE, Robert, MAYET, Françoise (2002) – *Salaisons et sauces de poisson hispaniques.* Paris: Diffusion E. De Boccard.

ÉTIENNE, Robert; MAKAROUN, Y; MAYET, Françoise (1994) – *Un gran complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: E. de Boccard.

FABIÃO, Carlos (1997) – Duas notas sobre ânforas lusitanas. In *Al-Madan*, número 6, 2ª série. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 55-68.

FABIÃO, Carlos (1998) – O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. In *Revista Portuguesa de arqueologia*, volume 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 169-198.

FABIÃO, Carlos (2000) – O sul da Lusitânia (Algarve português) e a Baetica: concorrência ou complementaridade?. In *Congreso Internacional. Ex Baetica amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el imperio romano: Actas*. Volume 2. Ecija: Editorial Graficas Sol, p. 717-730.

FABIÃO, Carlos (2004) – Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - IV d.C.)*. BAR International Series, volume 1266. Oxford: BAR International Series, p. 379-410.

FABIÃO, Carlos (2008) – Las ánforas de Lusitania. In *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 725- 745.

FABIÃO, Carlos; CARVALHO, António (1990) – Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva. In *As ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio (actas da mesa-redonda de Conímbriga, 1988)*. Coimbra: Museu Monográfico de Conimbriga; Paris: Diffusion de Boccard, p. 37-63.

FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (1993) – Sobre os conteúdos das ânforas lusitanas. In *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*, Coimbra, IAFLC/IECFLC, p. 995-1016.

FANTUZZI, Leandro; MATEO CORREDOR, Daniel; MILLET, Piero (2017) – *Dressel 23 (Baetica coast).* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-23-baetica-coast).

FERNANDES, Ana (2007) – *O arqueossítio romano das Almoínhas (Loures). Aterro da área 1 – Cerâmicas da 1ª fase de ocupação.* Relatório final de licenciatura em

História variante Arqueologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

FERNANDES, Isabel (1992) – Escavações Arqueológicas na Herdade do Zambujal (Palmela). In *Al-Madan*, 2ª série, volume 1. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 94.

FERNANDES, Isabel; CARVALHO, António (1996) – Trabalhos arqueológicos no Zambujalinho (Herdade do Zambujal) – primeiros resultados. In *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado.* Seixal/Lisboa: Câmara Municipal do Seixal/Publicações Dom Quixote, p. 73-106.

FERNANDES, Lídia (1998) – Elementos Arquitectónicos de Época Romana do Concelho de Loures. In *Da vida e da morte. Os romanos em Loures*. Loures: Museu municipal de Loures, p. 93-106.

FERNANDES, Lídia (2004) – Decoração Arquitectónica da villa Romana de Frielas: Capitéis e Bases. In *Arqueologia como Documento*. Loures: Câmara Municipal de Loures / Museu Municipal de Loures, p. 21-36.

FERNANDES, Lídia (2020) – Reconversión de espácios monumentales: El caso del teatro romano de Lisboa / *Felicitas Iulia Olisipo*. In *Exemplum et Spolia. La reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas.* MYTRA, 7, vol. II. Mérida: CSIC – Junta de Extremadura, p. 483-492.

FERRAZZOLI, Adele (2010) – Economy of Roman Eastern Rough Cilícia: Some Archaeological Indicators. In *Proceedings of the 17th International Congress of Classical Archaeology, Rome 22-26 sept. 2008*, Bolletino di Arqueologia online, Roma: Direzione Genérale per le Antichità, p. 39-50.

FILIPE, Graça; RAPOSO, Jorge. (coord.) (2009) – *Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios, Seixal)/Roman Kilns in the Tagus Estuary (Corroios, Seixal)*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal.

FILIPE, Iola (2011) – C*asa do Governador da Torre de Belém: o caso de uma unidade de produção de preparados de peixe no âmbito da economia romana.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras.

FILIPE, Victor (2016) – *Haltern 70 (Western Lusitania).* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/haltern-70-westernlusitania).

FILIPE, Victor (2019) – *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado.* Tese de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras.

FULFORD, Michael; PEACOCK, David (éd.) (1984) – *Excavations at Carthage: the British Mission. I, 2 The avenue President Habib Bourguiba, Salammbo. The pottery and other ceramic objects from the site.* Londres: The British Academy.

GADANHO, André (2019) – *Consumo de cerâmicas finas e suas imitações, vidros e ânforas no sítio romano da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão) – análise tipológica e estratigráfica.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

GADDI, Dario; DEGRASSI, Valentina (2016) – Lusitanian Amphorae in Northern Adriatic Italy: The Eastern Part of Decima Regio. In *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution.* Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, número 10, Archaeopress Series, p. 437-444.

GARCÍA VARGAS, Enrique (1998) - *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en Época Romana (siglos II A.C. - IV D.C.)*. Ecija: Gráficas Sol.

GARCÍA VARGAS, Enrique (2000) – Ánforas romanas producidas en *Hispalis*. Primeras evidencias arqueológicas. In *Habis*, número 31, p. 235-260.

Gaspar, Alexandra; Gomes, Ana (2007) – As Muralhas de Olisipo: troço junto ao Tejo. In *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 685-698.

GOMES, Sofia; PONCE, Mónica; FILIPE, Victor (2017) – A intervenção arqueológica no âmbito do projecto de arquitectura "apartamentos pedras negras" (Lisboa). In *I Encontro de arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação.* Lisboa: Câmara municipal de Lisboa/ Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 348 – 365.

GRILO, Carolina; FABIÃO, Carlos; BUGALHÃO, Jacinta (2013) – Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), Lisboa. In *Arqueologia em Portugal. 150 anos,* p. 849-857. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

HAYES, John (1972) – *Late Roman Pottery*. Londres: The British School at Rome.

HOPKINS, Keith (1980) – Taxes and trade in the Roman Empire (200 B.C. – A.D. 400). In *Journal of Roman Studies*, 70, p. 101-125.

KEAY, Simon (1984) – A typology and economic study: The Catalan evidence. In *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean*, BAR Internacional Series 196. Oxford: BAR.

LAUBENHEIMER, Fanette (1985) – *La production des amphores en Gaule Narbonnaise*. Colecção Institut des sciences et techniques de l'Antiquité, Paris: CNRS.

LAUBENHEIMER, Fanette; SCHMITT, Anne (2009) – *Amphores vinaires de Narbonnaise, Production et grand commerce, Création d'une base de données géochimique des ateliers*. Travaux de la Maison de l'Orient et de la Méditerranée, número 51, Lyon: MOM Éditions.

LIOU, Bernard; MARICHAL, Robert (1978) – Les inscriptions peintes sur amphores de l'anse Saint- Gervais a Fos-Sur-Mer. In *Archaeonautica*, número 2, Paris: CNRS, p. 109-181.

LOESCHKE, Siegfried (1909) – Keramische funde in Haltern. Ein Beitrag zur Geschichte der augusteischen Kultur in Deutschland. In *Mitteilungen de Altertumskommission fur Westfalen*, número 5. Bonn: Altertumskommission für Westfalen, p. 103-322.

LONG, Luc; DUPERRON, Guillaume (2011) – Le mobilier de la fouille de l'épave romaine Arles-Rhône 7. Un navire fluvio-maritime du IIIe siècle de notre ère. In *Actes du Congrès d'Arles*. Marseille: SFECAG, p. 37-56.

LÓPEZ MULLOR, Alberto; MARTÍN MENÉNDEZ, Albert (2008) – Las ánforas de la Tarraconense", In *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidade de Cádiz, p. 689-724.

MANACORDA, Daniele (1977) – Le anfore. In *Ostia IV*, p. 117-285.

MANTAS, Vasco (1998) – Vias Romanas do Concelho de Loures. In *Da vida e da morte. Os romanos em Loures*. Loures: Museu municipal de Loures, p. 17-28.

MANTAS, Vasco (2012) – A romanização da paisagem na lusitânia. In *Espaços e Paisagens. Antiguidade clássica e heranças contemporâneas,* Vol. III. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 121 – 134.

MARTIN-KILCHER (1987) – *Die römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst, I: Die südespanischen Ölamphoren.* Augst.

MARTIN-KILCHER, Stefanie (1994) – *Die römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst II e III*. Augst: Augusta Raurica.

MAUNÉ, Stéphane (2013) – La géographie des productions des ateliers d'amphores de Gaule Narbonnaise pendant le Haut-Empire. Nouvelles données et perspectives. In *Revue Archéologique de Narbonnaise*, número 46, Montpellier: Presses universitaires de la Méditerranée, p. 335-373.

MAYET, Françoise (1975) – *Les céramiques a paróis fines dans la Péninsule Ibérique.* Publications du centre Pierre Paris, 1. Talence: Université de Bordeaux III.

MAYET, Françoise; SCHMITT, Anne; SILVA, Carlos (1996) – *Les amphores du Sado, Portugal. Prospection des fours et analyse du matériel.* Paris: Diffusion E. De Boccard.

MAYET, Françoise; SILVA, Carlos (1998) – *L'atelier d'amphores de Pinheiro.* Portugal. Paris: Diffusion E. De Boccard.

MAYET, Françoise; SILVA, Carlos (2002) – *L'atelier d'amphores d'Abul.* Paris: Diffusion E. De Boccard.

MAYET, Françoise; SILVA, Carlos (2016) – Roman Amphora Production in the Lower Sado Region. In *Lusitanian Amphorae: production and distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, número 10, Archaeopress series, p. 59- 71.

MAYET, Françoise; SILVA, Carlos (2017) – Olarias Romanas do Sado. In *Olaria Romana.Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental.* Lisboa: UNIARQ/CMS/CAA, p. 221-238.

MILLET, Piero (1998) – *Las ánforas de aceite de la Bética y su presencia en la Cataluña Romana*. Col.lecció Instrumenta, número 4. Barcelona: Universitat de Barcelona.

MILLET, Piero (2008) – *Epigrafía anfórica de la Bética. Nuevas formas de análisis*. Col·lecció Instrumenta, volume 29. Barcelona: Publicacions i Edicions UB.

MILLET, Piero (2011) – Tipología de la Haltern 70 bética. In *Ánforas romanas de Lugo*, Traballos de Arqueoloxía, volume 3. Lugo: Consello de Lugo, p. 80-107.

MILLET, Piero (2016) – *Tejarillo I (Guadalquivir Valley)*. Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/tejarillo-i-guadalquivir-valley).

MILLET, Piero; DÍAZ, Juan (2017) – *Dressel 23 (Guadalquivir Valley)*. Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-23-guadalquivir-valley).

MILLET, Piero; GARCÍA VARGAS, Enrique (2016) – *Dressel 20 (Guadalquivir Valley)*. Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-20-guadalquivir-valley).

MORAIS, Rui (1998) – *As ânforas da zona das Carvalheiras. Contribuição para o estudo das ânforas romanas de Bracara Augusta*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Braga: Universidade do Minho – Instituto de ciências sociais.

MORAIS, Rui (2005) – Autarcia e Comércio em Bracara Augusta: contribuição para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial. In *Bracara Augusta, Escavações arqueológicas*, volume 2. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho/ Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho.

MORAIS, Rui (2006) – Consumo de Preparados Piscícolas em Bracara Augusta Durante a Época Romana. In *Setúbal Arqueológica*, volume 13. Setúbal: Museu distrital de Setúbal, p. 295-312.

MUKAI, Tomoo (2016) – *La céramique du groupe episcopal D'Aradi/Sidi Jdidi (Tunisie)*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 9. Oxford: Archaeopress.

NABAIS, Mariana; COSTA, Cláudia (2018) – Birds of the Roman uilla of Almoinhas (Loures, Portugal). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 21. Lisboa: DGPC, p. 131-139.

OLIVEIRA, Ana Cristina (1998a) – A *villa* romana das Almoínhas (Loures) no contexto da presença romana no Concelho de Loures. In *Da vida e da morte: Os romanos em Loures.* Loures: Museu municipal de Loures, p. 29-41.

OLIVEIRA, Ana Cristina (1998b): *Relatório da 3ª campanha de escavações na villa romana das Almoínhas (Loures) - 1997.* Loures: Museu Municipal de Loures.

OLIVEIRA, Ana Cristina (2000): *Relatório da 4ª campanha de escavações na estação romana das Almoínhas - 1999.* Loures: Museu Municipal de Loures.

OLIVEIRA, Ana Cristina (2001a) – A *villa* das Almoínhas (Loures, Portugal). Apresentação dos trabalhos desenvolvidos entre 1995 e 1996. In *O Arqueólogo Português,* Série IV, 19, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 65-94.

OLIVEIRA, Ana Cristina (2001b): *Relatório da 5ª campanha de escavações na estação romana das Almoínhas - 2000.* Loures: Museu Municipal de Loures.

OLIVEIRA, Ana Cristina (2002): *Relatório da 6ª e da 7ª campanhas de escavação na estação romana das Almoínhas - 2001*. Loures: Museu Municipal de Loures.

OLIVEIRA, Ana Cristina (2021) – O sítio romano das Almoínhas (Lisboa, Loures, Portugal) e o case study "Loures nos séculos XIV e XV". In *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. A cidade produtora (e consumidora),* volume VI. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, p. 167 – 180.

OLIVEIRA, César; MORAIS, Rui; ARAÚJO, Alfredo (2015) - Application of gas cromotography coupled with mass spectrometry to the analysis of ceramic conteiners of Roman Period. Evidence from the peninsular northwest. In *ArchaeoAnalytics. Chromatography and DNA analysis in archaeology*. Esposende: Câmara Municipal de Esposende, p. 193-212.

PAIS, Liliana (2007) – *O espólio cerâmico associado aos marcos miliários das Almoínhas (Loures). Contribuição para o estudo da estrutura viária olisiponense.* Relatório final de licenciatura em História variante Arqueologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

PANELLA, Clementina (1973) - Le anfore. In *Ostia III. Le terme del Nuotatore. Scavo dell'ambiente V e di un saggio nell'area SO,* Studi Miscellanei, número 21. Roma: De Luca, p. 460-633.

PANELLA, Clementina (1982) – Le anfore africane della prima, media e tarda età imperiale, tipologia e problemi. In *Actes du colloque sur la céramique antique (Carthage, 23-24 Juin 1980)*, CEDAC, Dossiers 1, p. 171-186.

PANELLA, Clementina (1992) - Mercato di Roma e anfore galliche nella prima età imperiale. In *Les Amphores en Gaule. Production et circulation. Table ronde internationale*. Collection de l'Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité, Paris: CNSR; Ministère de la Culture et de la Communication; Service Régional de l'Archéologie de Lorrain, p. 185-206.

PARKER, Antony (1977) - "Lusitanian Amphoras". In *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'étude des amphores (Colloque, Rome, 1974)*. Roma: EFR, p. 35-46.

PAZ PERALTA, Juan (2008) – Las producciones de terra sigillata intermedia y tardia. In *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de la Cuestión*. Cádiz: Universidade de Cádiz, p. 497 – 539.

PEACOCK, David; WILLIAMS, David (1986) – *Amphorae and the Roman Economy*. Londres e Nova Iorque: Longman.

PEÑA, John Theodore (2007) – *Roman Pottery in the Archaeological Record.* New York: Cambridge University Press.

PEREIRA, Pedro (2017) – *O vinho na Lusitânia.* Colecção Teses Universitárias, nº 8. Porto: CITCEM/Edições Afrontamento.

PEREIRA, Ronaldo (2021) - *As Oficinas de Preparados de Peixe da Lusitânia: arquiteturas e dinâmicas económicas da sua produção (séculos I – VI d.C.).* Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

PÉREZ CENTENO, María del Rosario (1999) – *Ciudad y território en la Hispania del siglo III D.C.* Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, Universidad de Valladolid.

PIMENTA, João (2005) – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa).* Trabalhos de Arqueologia, número 41. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

PIMENTA, João; MENDES, Henrique e NORTON, José (2008) – O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos – Vila Franca De Xira. In *Al-madan*, Série II, número 16. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 26-37.

PINHEIRO, Helena; SANTOS, Raquel; REBELO, Paulo (2013) – Contextos romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa. In *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão.* Lisboa: AAP, p. 1293-1304.

PINTO, Inês; ALMEIDA, João (2016) – *Sado 1 (Western Lusitania).* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/sado-1-western-lusitania).

PINTO, Inês; LOPES, Conceição (2006) – Ânforas das villae romanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Monte da Cegonha (Selmes, Vidigueira) e Tourega (Nossa Senhora da Tourega, Évora). In *Setúbal Arqueológica (Actas do Simpósio Internacional "Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica: homenagem a Fraînçoise Mayet")*, volume 13, Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 197-224.

PINTO, Inês; MAGALHÃES, Ana (2016) – *Almagro 51A-B (Western Lusitania.* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-51a-b-western-lusitania).

PINTO, Inês; MAGALHÃES, Ana; BRUM, Patrícia (2012) – Un dépotoir du Ve siècle dans l'officine de salaisons 1 de Tróia, Portugal. In *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, volume 42, Belgrad: RCRF, p. 397-406.

POLICARPO, Raquel (2010) – *As ânforas da villa romana de Frielas, contributo para o estudo dos contentores anfóricos no Ager Olisiponensis.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

QUARESMA, José (2005) – Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 8, número 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 403-428.

QUARESMA, José (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra Sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?).* Estudos e Memórias, volume 4. Lisboa: UNIARQ.

QUARESMA, José (2015) – Introdução. Um estímulo ao estudo de contextos. In *Contextos estratigráficos na Lusitania (Do alto império à antiguidade tardia)*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 9-12.

QUARESMA, José (2017a) – A evolução crono-estratigráfica do atelier da Quinta do Rouxinol (Seixal): segundo quartel do século III aos inícios do segundo quartel do século V. In *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental (17 a 20 de Fevereiro de 2010, Seixal).* Seixal: Câmara Municipal do Seixal, p. 275-306.

QUARESMA, José (2017b) – A villa de Frielas na Antiguidade Tardia: evolução estratigráfica entre c. 410 e 525-550 d.C.. In *Mediaeval Sophia*, nº 19, pp. 425-448.

QUARESMA, José (2017c) – Quinta da Bolacha (Amadora, Lisbonne). La céramique de la villa (dernier tiers du III^e siècle au premier quart do VI^e siècle). In *Late Roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean*, LRCW, nº 5, volume 1, p. 43-89.

QUARESMA, José (2017d) – Thoughts on lusitania's economic interaction between c 50 and c 550+ a.D.: An analysis of exportable goods. In *SPAL*, 26. Sevilha: Facultad de Geografía e Historia de la Universidad de Sevilla.

QUARESMA, José (2018) – Transição estratigráfica em Almoínhas (Loures, Portugal): evolução das importações finas na Lusitânia entre c.100 e c.320 d.C. In *CIRA arqueologia*, nº6. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 199-230.

QUARESMA, José (2018-2019) – From Late Roman to Suevic-Visigothic period at Almoínhas (Loures, Portugal): evolution of fine wares imports and regional imitations between c.350 and 525+ AD. In *Oppidum*, 18-19, p. 255-294.

QUARESMA, José (2019) – Almoínhas: evolução crono-estratigráfica das importações num sítio de consumo da Península de Lisboa, entre c.100 e 525-550 d.C..

In *La Cerámica de mesa romana en sus ámbitos de uso. Terra Sigillata Hispánica. I encuentro de investigadores en Andújar.* Andújar: Ayuntamento de Andújar.

QUARESMA, José (2020a) – African cooking ware imports and regional imitations between c.100+ and 500+ AD at Almoínhas (Loures, Portugal*)*.In *Anejos de Oppidum*, 7, p. 277-291.

QUARESMA, José (2020b) – Late contexts from Olisipo (Lisbon, Portugal): Escadinhas de São Crispim. In *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard. International Symposium*. Newcastle Upon Tyne: Newcastle University, p. 108-134.

QUARESMA, José (2021a) – Almoínhas, na periferia de *Olisipo*: produção regional de Imitações de Engobe Vermelho não vitrificado (IEV) entre 190+ e 500+ d.C.. *In Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. A cidade produtora (e consumidora), volume VI.* Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, p. 181 – 188.

QUARESMA, José (2021b) – *Le commerce de céramiques fines à ammaia, une ville du sud de la Lusitanie (50-550 apr. J.-c.).* Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 16. Oxford: Archaeopress.

QUARESMA, José (no prelo) – Comércio no mundo romano e tardo-antigo: uma análise diacrónica, entre Arqueologia, História e Clima, para os séculos I a VII d.C.. In *Experiências com a Escrita no Mundo Antigo (14 e 15 de Abril de 2021).* Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

QUARESMA, José; ANTÓNIO, Jorge (2017) – Importações cerâmicas no interior da *Lusitania* durante a Antiguidade Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*). In *Pyrenae*, vol. 48, nº 2. Barcelona: Universitat de Barcelona, p. 53-122.

QUARESMA, José; RAPOSO, Jorge (2016a) – *Lusitana 3 (Western Lusitania).* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/lusitana-3- western-lusitania).

QUARESMA, José; RAPOSO, Jorge (2016b) – *Lusitana 9 (Western Lusitania).* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/lusitana-9-western-lusitania).

QUARESMA, José; SILVA, Rodrigo (2019) – An overview on oriental commerce in the Tagus estuary region: 5th and 6th century AD late Phocaen (lrc) and Cypriot (lrd) tableware. In *Res Antiquitatis,* 2ª série, vol. 1, p. 82-103.

QUARESMA, José; SILVA, Rodrigo; BETTENCOURT, José; FONSECA, Cristóvão; SARRAZOLA, Alexandre; CARVALHO, Rui (2017) – As ânforas romanas da nova sede da EDP (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão.* Lisboa: AAP, p. 1305-1316.

RAPOSO, Jorge (1990) – Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no Vale do Tejo. In *As ânforas lusitanas: tipologia, produção, comércio (Actas das jornadas de estudo de Conímbriga de 13 e 14 de Outubro de 1988).* Conímbriga: Museu Monográfico; Paris: Diffusion De Boccard, p. 117-151.

RAPOSO, Jorge (2017) - As Olarias Romanas do Estuário do Tejo. Porto dos Cacos (Alcochete) e Quinta do Rouxinol (Seixal). In *Olaria romana, Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental.* Lisboa: UNIARQ, Câmara Municipal do Seixal e Centro de Arqueologia de Almada, p. 113-138.

RAPOSO, Jorge.; DUARTE, António (1996) – O forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In *Ocupação romana nos estuários do Tejo e do Sado (Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e Sado, Seixal, 1991).* Lisboa: Câmara Municipal do Seixal/Publicações Dom Quixote, p. 249-267.

RAPOSO, Jorge; ALMEIDA, Rui (2016) – *Almagro 50 (Western Lusitania)*. Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-50-westernlusitania).

RAPOSO, Jorge; SABROSA, Armando; DUARTE, Ana (1995) – Ânforas do Vale do Tejo. As olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete). In *1º Congresso de arqueologia peninsular (Porto, 1993) - Actas VII.* Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto. 35: 3, pp. 331-352.

RAPOSO, Jorge; SANTOS Cézer; HENRIQUE José (2014) – Ponta do Mato (Seixal): geoarqueologia e ocupação humana da frente ribeirinha. In *Actas do 2º encontro sobre o Património de Almada e do Seixal*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 17-29.

RAPOSO, Jorge; VIEGAS, Catarina (2016) – *Dressel 14 (Western Lusitania).* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-14- western-lusitania).

REMESAL RODRÍGUEZ, José (1986) – *La annona militaris y la exportación del aceite bético a Germania.* Madrid: Universidad Complutense.

REMESAL RODRÍGUEZ, José; CARRERAS MONFORT, Cèsar (2004) – Historia de la recerca. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70,* Monografies del Casc, número 5. Girona: CASC, p. 19-23.

REMOLÀ VALLVERDÚ, Josép (2000) – *Las ánforas tardoantiguas en Tarraco (Hispania Tarraconensis). Siglos IV-VII d.C.*. Col.lecció Instrumenta, número 7. Barcelona: Univesitat de Barcelona.

REVILLA CALVO, Victor (1995) – Producción cerámica, viticultura y propiedad rural en Hispania Tarraconensis (siglos I a.C.-III d.C.). In *Cuadernos de arqueología*, volume 8, Barcelona: Edicions Servei del Llibre L'Estaquirot.

REYNOLDS, Paul (2001) – Baetican, Lusitanian and Tarraconensian amphorae in classical Beirut: some preliminary observations on trends in amphora imports from the western Mediterranean in the anglo-lebanese excavations in Beirut (BEY 006, 007 and 045). In *Actas congreso internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el Império Romano,* volume III. Écija: Gráficas Sol, p. 1035-1060.

REYNOLDS, Paul (2010) – *Hispania and the Roman Mediterranean, AD 100-700 (Ceramics and Trade).* London: Bristol Classic Press.

RIBEIRO, Inês (2010) – *A terra sigillata hispânica da Praça da Figueira.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

RIZZO, Giorgio (2016) – Lusitanian Amphorae in Rome. In *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution,* Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, número 10, Archaeopress Series. Londres: Archaeopress, p. 409-418.

RIZZO, Giorgio. (2012) – Roma e Ostia, un binomio ancora possibile? Di alcuni generi trasportati in ânfora in età tardo-Antonina. In *Rome, Portus and the Mediterranean*, Monographs of the British School at Rome, número 21. London: Cambridge University Press, p. 87-103.

RIZZO, Giorgio. (2014) – Le anfore, Ostia e i commerci mediterranei. In *Ostia VI. Le Terme del Nuotatore*. Roma: L'Erma di Bretscheider, p. 65-440.

ROSTOVTZEFF, Mikhail (1926) – *Social and economic history of the Roman Empire*. Oxford.

RUIVO, José (1998) – Subsídios para o Estudo da Numismática Romana do Concelho de Loures. In *Da vida e da morte. Os romanos em Loures*. Loures: Museu municipal de Loures, p. 65-74.

SALIDO DOMÍNGUEZ, Javier (2008) – Los sistemas de almacenamiento y conserveción de grano en las *villae* hispanorromanas. In *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio. Arquitectura y función,* IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón. Gijón: Ediciones Trea, p. 693-706.

SALIDO DOMÍNGUEZ, Javier (2011) – El almacenamiento de cereal en los establecimientos rurales hispanorromanos. In *Horrea d'hispanie et la Méditerranée romaine*, Collection de la casa de Velázquez, vol. 125. Madrid: Casa de Velázquez, p. 127-142.

SANTOS, Ana (2015) – *A Terra Sigillata e a Cerâmica de Cozinha Africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa).* Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras.

SANTOS, Cézer (2011) – *As Cerâmicas de Produção Local do Centro Oleiro Romano da Quinta do Rouxinol.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras. Policopiado.

SANTOS, Filipa (2018) – *A cerâmica comum da oficina de salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): Contextos da primeira metade do século V.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras.

SEPÚLVEDA, Eurico de; BOLILA, Catarina; SANTOS, Raquel (2014-2015) – LRC (PRSW) e LRD (CRSW) provenientes da escavação de emergência efectuada na *villa* romana do Alto do Cidreira (Cascais). In *O Arqueólogo Português*, Série V, 4/5. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 357-393.

SEPÚLVEDA, Eurico; VALE, Ana; SOUSA, Vitor; SANTOS, Vitor; GUERREIRO, Natalina (2002) – A cronologia do circo de *Olisipo*: a *terra sigillata*. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5, nº 2. Lisboa: DGPC, p. 245 - 275.

SILVA, Ana Raquel (1998) – A *Terra Sigillata*. In *Da vida e da morte. Os romanos em Loures*. Loures: Museu municipal de Loures, p. 49-55.

SILVA, Ana Raquel (2012) – *Villa* Romana de Frielas. In *Cira Arqueologia – Atas Mesa Redonda "De Olisipo a Ierabriga",* número 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 90-102.

SILVA, Ana Raquel (2014) – A presença de cerâmica tardia gaulesa na *villa* de Frielas (Loures). In *Antrope*, nº 1. Tomar: Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar, p. 171-198.

SILVA, Ana Raquel; SANTOS, Suzana (2009) – Acompanhamento de Obra Revela Eventual *Uilla* e Assentamento Proto-histórico (Via T5 – Unhos a Sacavém) Loures. In *Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português, Actas das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, em Território Português, realizadas entre os dias 3 e 6 de Março de 2008*. Lisboa: Centro Português de Geo-História e Arqueologia, p. 13-27.

SILVA, Bruno (2007) – *A implantação Romana nas Almoínhas (Loures). Forno 3: Contribuições para a compreensão da produção oleira romana.* Relatório final de licenciatura em História variante Arqueologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

SILVA, Carlos; COELHO-SOARES, Antónia (2006) – Produção de preparados piscícolas na Sines romana. In *Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal Arqueológica*, número 13. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 101-122.

SILVA, Carlos; COELHO-SOARES, Antónia (2014) – Preexistências de Setúbal. A ocupação da Época Romana da Travessa de João Galo, nºs. 4-4B. In *Setúbal Arqueológica*, vol. 15. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 305-338.

SILVA, Carlos; COELHO-SOARES, Antónia; CORREIA, Vasco (1990) – Produção de ânforas romanas no Martinhal (Sagres). In *Ânforas Lusitanas: Tipologia, produção, comércio. Actas das jornadas de estudo realizadas em Conimbriga em 13 e 14 de Outubro de 1988*, Coimbra/Paris: Museu Monográfico de Conimbriga/ Diffusion E. De Boccard, p. 225-246.

SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (1993) – *Ilha do Pessegueiro – Porto romano da costa Alentejana.* Setúbal: Instituto da Conservação da Natureza.

SILVA, Rodrigo Banha da (2013) – *As «Marcas de Oleiro» na Terra Sigillata e a circulação dos vasos na península de Lisboa.* Tese de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

SILVA, Rodrigo Banha da (2018) – O sítio do Cemitério dos Prazeres (Lisboa): um assentamento romano no espaço rural de Olisipo. In *CIRA Arqueologia*, nº 6. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 179-198.

SILVA, Rodrigo Banha da; DE MAN, Adriaan (2012) – Palácio dos Condes de Penafiel. A significant late antique context from Lisbon. In *Actas do X Congresso Internacional A cerâmica Medieval no Mediterrâneo.* Mértola e Silves: Campo Arqueológico de Mértola, p. 397-402.

TCHERNIA, André (1986) – *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores.* Paris: Diffusin E. De Boccard.

V.V.A.A. (2001) – La viticulture antique en Aquitaine. In *Gallia*, número 58. Paris: CNRS, p. 129-164.

V.V.A.A. (2009) – *Carta Arqueológica do Município de Loures*. Loures: Câmara Municipal de Loures.

VIEGAS, Catarina (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano.* Estudos & memórias, nº 3, Lisboa: UNIARQ.

VIEGAS, Catarina; ARRUDA, Ana (2013) – Ânforas romanas de época imperial de Monte Molião (Lagos): as Dressel 20. In *Arqueologia em Portugal – 150 anos.* Lisboa: AAP, p. 727-736.

VIEGAS, Catarina; DINIZ, Tânia (2010) – Pedras d'el Rei (Tavira): villa suburbana de Balsa. In *XELB – Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*, número 10/. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 238-250.

VIEGAS, Catarina; RAPOSO, Jorge; PINTO, Inês (2016) –*Almagro 51C (Western Lusitania).* Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-51c-western-lusitania).

ZEVI, Fausto (1966) – Apunti sulle anfore romane I. La tavola tipologica de Dressel. In *Archaeologia Classica*, número 18, p. 208-247.

ZEVI, Fausto; TCHERNIA, André (1969) – Amphores de Byzacène au Bas-Empire. In *AntAfr*, número 3, p. 173-214.

Anexo I

Descrição pormenorizada das intervenções arqueológicas nas Almoínhas

As escavações arqueológicas do sítio das Almoínhas

O arqueossítio das Almoínhas[1] localiza-se na freguesia e concelho de Loures, no distrito de Lisboa, com as coordenadas geográficas: Lat. 38º49'25'',9 Norte; Long. 9º09'57'',9 Oeste, segundo o meridiano de Greenwich (Oliveira, 2001a: 69). Insere-se numa área entre a povoação da Mealhada e a cidade de Loures, na encosta Este da Serra de Montemor. Esta é uma região de algumas elevações e linhas de água que fazem parte da bacia hidrográfica do Tejo, de onde se destaca o rio de Loures como curso de água principal das proximidades (Brazuna e Coelho, 2012: 103).

As zonas mais baixas de Loures apresentaram-se, antigamente, cobertas por enormes braços de água que tinham penetrado o vale do tejo, sendo que estes permitiriam a circulação fluvial até Almoínhas até ao século XVI (Oliveira, 2001a: 70). Isto possibilitaria o papel de Almoínhas enquanto um importante ponto comercial, não só devido aos acessos fluviais, mas também devido à sua proximidade da via romana entre *Olisipo* e *Bracara Augusta* (Silva, 2012: 93), e ainda à proximidade de *Olisipo*, o maior porto do ocidente da *Lusitania* (**Erro! A origem da referência não foi encontrada.**), estando inserida no território do *ager Olisiponensis* e assim beneficiando, com relativa proximidade, de um grande mercado de consumo para os seus bens (Quaresma, 2018: 2).

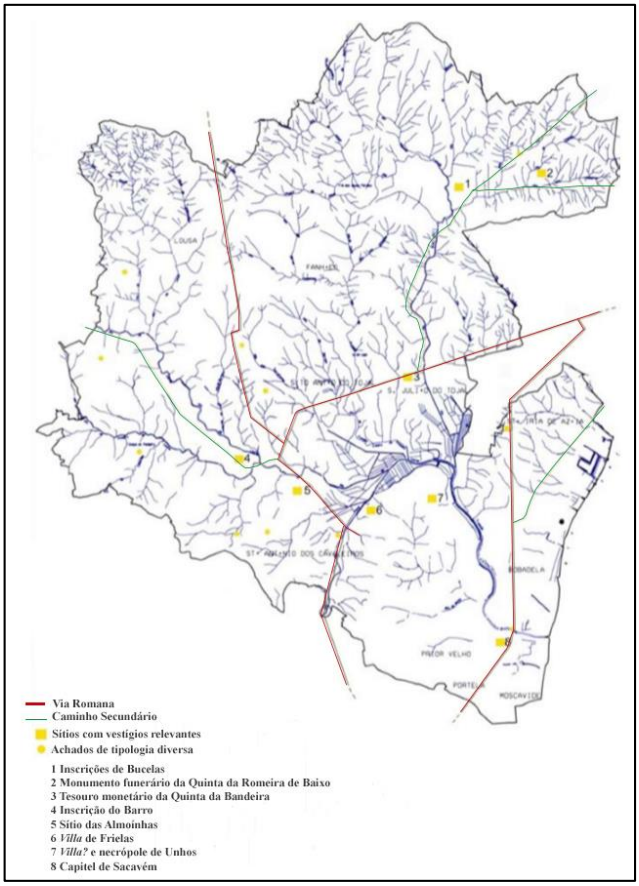


Figura 1: Mapa de implantação dos vestígios romanos identificados no concelho de Loures e traçado das vias romanas (Adaptado de Silva, 2012: 93).

A sua implantação geográfica, com terrenos de elevada fertilidade e proximidade a linhas de água, bem como a disponibilidade de matéria prima em

[1] A terminologia Almoínhas remete em época medieval para a designação de hortas, motivo que poderá justificar em parte o estado de conservação das estruturas, que se apresentam relativamente mal conservadas, com pouca cota murária conservada e reduzida potência estratigráfica observável sobretudo na área 3.

abundância para a edificação de estruturas e o fornecimento de argilas para os seus fornos, dado o sítio encontrar-se numa área de formação de conglomerados, arenitos e argilas da calçada de Carriche, confrontando o "Complexo basáltico de Lisboa" a Sul, constituído por uma sucessão de derrames lávicos (Brazuna e Coelho, 2012: 104) tornaram este espaço numa zona ideal para a implantação de um aglomerado urbano romano.

Intervenções municipais (1995-2001)

Foram realizadas no ano de 1990 as primeiras prospecções, com recolha de material de superfície, por parte dos técnicos de Arqueologia da Câmara Municipal de Loures na área de implantação do sítio de Almoínhas, primeiramente designado como Estação Romana de Loures. Os achados, que englobam cerâmica de construção, cerâmica fina, ânforas e cerâmica comum, foram complementados com informação transmitida pelos proprietários do terreno no momento (Quinta da Areeira), com a entrega de uma base e capitel de coluna, um quadrante de coluna e um tijolo, e um fundo de ânfora com um tesouro de moedas de bronze (Oliveira, 2001a: 67-69), tendo sido parcialmente publicados em 1998 no catálogo da exposição "*Da vida e da morte: Os romanos em Loures"* (Ruivo, 1998; Fernandes, 1998; Deus, 1998).

No âmbito do Plano Director das Acessibilidades Municipais (PDAM), em 1994/95, com a planificação da construção da "via T2" a coincidir com a jazida arqueológica, e uma vez que a equipa municipal já sinalizara o local como de interesse arqueológico, foi requisitado um pedido de intervenção arqueológica de emergência, tendo sido dado início aos trabalhos no ano de 1995 (Oliveira, 2001a: 69).

A metodologia utilizada para a selecção das áreas a intervencionar foi baseada na localização dos achados de superfície já recolhidos e no facto das práticas agrícolas e a existência de algumas construções parecerem ter afectado a dispersão dos materiais. Assim, foi implementado um sistema de eixos ortogonais com base na rede geodésica nacional, onde se definiu uma malha quadriculada de 2x2m sobre o terreno (Oliveira, 2001a: 74).

As quadrículas foram então identificadas através de um sistema alfanumérico, com uma letra e um número. Foram igualmente definidos diferentes sectores com base nas limitações físicas impostas no sítio (tais como vedações) e que separavam as diferentes zonas a intervencionar. A escavação dos quadrados foi efectuada através da definição de

camadas naturais, utilizando apenas camadas artificiais quando as condições de escavação o requereram, como foi o caso do interior de estruturas (Oliveira, 2001a: 74).

Entre 1995 e 1996 foram abertas sondagens nos sectores I, II e III (Oliveira, 2001a: 75). Nos anos de 1997 e 1999-2001 foram intervencionados os sectores IV e V, bem como efectuadas as sondagens 2 e 3 da Mimosa (Palácio de Justiça), espaço que se relacionará com Almoínhas (Oliveira, 1998b; 2000; 2001b e 2002).

Sector I

O espaço deste sector corresponde a uma área livre anexa aos muros da propriedade da Quinta da Areeira, estando limitado a poente por um conjunto de estufas, a sul pelo pátio da vivenda do proprietário, a nascente por um estaleiro da empresa MECI e, a norte, por um silvado que delimita o sector I do II. Esta área foi também, previamente à escavação, aquando da construção das estufas, área de depósito de terras provenientes do nivelamento dos solos de forma a adequar o declive natural O-E para essas estruturas, tendo estas terras condicionado os resultados da intervenção arqueológica (Oliveira, 2001a: 75).

Foram intervencionados até ao nível geológico os quadrados A3, Cl, C3 e G2. A escavação foi iniciada com uma primeira decapagem superficial para remoção da cobertura vegetal, tendo de seguida sido intervencionada a camada 1, que se revelou como profundamente revolvida com materiais de cronologia contemporânea, romana e pré-histórica. Os quadrados A3, C1 e C3 são constituídos somente pela camada 1, estando esta directamente assente no substrato geológico (Oliveira, 2001a: 75-76).

O quadrado G2 forneceu ainda a camada 2 antes de se atingir o nível geológico, na qual foram recolhidos materiais romanos, e onde não aparenta ter ocorrido qualquer intrusão ou revolvimento de cronologia mais recente (Oliveira, 2001a: 76).

Dada a reduzida potência arqueológica do sector este foi abandonado após a conclusão da escavação das quatro quadrículas (Oliveira, 2001a: 76).

Sector II

Estando orientado no sentido SE-NO, em conformidade com o declive do terreno, este sector encontra-se na área para ocidente e para norte do sector I. Está limitado a nascente por um canavial que o separa da estrada principal que atravessa Loures; a poente encosta

à área urbanizada da Mealhada; a norte, por uma divisão de propriedade caracterizada por um socalco e uma vedação (Oliveira, 2001a: 76).

Foram abertas três quadrículas (B7, B2 e H5), com o objectivo de atingir os pontos mais próximos de uma das entradas da Quinta da Areeira, tendo obtido resultados relativamente modestos, tendo decorrido durante a totalidade da campanha de 1995, apenas sendo interrompida com devido a más condições climatéricas e sendo retomada em 1996 (Oliveira, 2001a: 76).

Dado que os níveis superiores intervencionados (camada 1) se encontravam remexidos, com materiais contemporâneos e romanos, e a o nível imediatamente inferior revelou ser estéril, os trabalhos foram interrompidos antes de se alcançar o substrato geológico. Foi então tomada a opção abrir sondagens mais distantes, tendo sido escavado o quadrado L24, o qual apresentou características semelhantes, com baixa potência arqueológica.

No sentido do extremo Este do sector, afastando-se da área onde ocorreu o achado do tesouro monetário e do capitel de coluna, foi aberta nova sondagem, correspondendo ao quadrado I34 (Oliveira, 2001a: 77).

Foi na camada 2 que foi identificada a primeira estrutura da intervenção (Estrutura 1), com um aparelho construtivo em basalto e calcário, no entanto, esta estrutura encontra-se muito destruída, não tendo sido possível caracterizar em maior pormenor. No canto sudeste surgiram mais vestígios de estruturas (Estrutura 2), em igual estado de conservação e de difícil leitura. A escassez de material de cronologia romana e a presença de uma quantidade significativa de lamelas em sílex poderá indiciar um nível pós-abandono do espaço, não tendo sido preservado mais nenhum contexto, visto ter sido atingido de seguida o substrato geológico (Oliveira, 2001a: 77).

Em face da escassez de dados, optou-se por ampliar para sul a área escavada, de forma a revelar mais da estrutura, tendo sido aberta a quadrícula I33, a qual revelou mais uma parte da estrutura 1 e o prolongamento da estrutura 2, bem como nova aglomeração de material de construção no extremo sudeste do quadrado, tendo sido denominado de estrutura 3. Foi então compreendido que a estrutura 2 se tratava de uma caixa construída com material pétreo sem argamassa ligante assente directamente sobre o nível geológico, tendo sido recolhido no seu interior espólio osteológico e contas de colar, compreendendo-se então que a estrutura 2 se tratava de uma sepultura (figura 2) (Oliveira, 2001a: 78-79).

Dada as evidências a área foi alargada com a escavação dos quadrados I34 e J35, tendo sido exumadas as estruturas 4 e 5, as quais apresentam um aparelho construtivo semelhante ás demais (com blocos de basalto), com a particularidade da estrutura 4 corresponder a um alinhamento orientado no sentido Noroeste/Sudeste, onde foi recolhido um fundo completo de *dolium* (Oliveira, 2001a: 77-78).

A estrutura 5, que não foi possível definir na sua totalidade, está situada junto aos cortes Norte e Este, tendo um perfil cónico e uma funcionalidade indeterminada, não tendo qualquer vestígio preservado de edificado (Oliveira, 2001a: 79).



Figura 2: Pormenor da estrutura 2 (foto de MML).

Dada a compreensão de as quadrículas intervencionadas no sector II estarem a revelar uma área necrópole (figura 3), foram distribuídas, de forma aleatória, novas sondagens, na tentativa de enquadrar melhor as estruturas já exumadas, com a escavação das quadriculas V 33, G 21, Q 29, A 37, I/J 32, F 36, G 37, B 34, C 39, B 49/50 (Oliveira, 2001a: 80-83).



Figura 3: Fotografia geral do sector 2 (foto de MML).

No respeitante ao quadrado V33, foi detectada nova estrutura em fossa (estrutura 6), na qual foram recolhidos, no topo do enchimento da estrutura, três recipientes completos, o que poderá sugerir um depósito intencional destes recipientes. Após o final da escavação foi possível de percepcionar que a estrutura assentava sobre um nível de negativo, interpretado como um possível vestígio da existência de uma linha de água, sendo que permanece a questão se esta ainda teria caudal (permanente ou sazonal) em período romano (Oliveira, 2001a: 80).

Quanto às quadrículas G21 e Q29, estas não forneceram vestígios arqueológicos preservados, apenas sendo recolhidos alguns fragmentos cerâmicos, motivo pelo qual se abandonou as sondagens, focando-se as sondagens nos pontos anteriormente intervencionados (Oliveira, 2001a: 80).

Foi então detectada a estrutura 7 no quadrado A37, correspondente a um troço de muro, de aparelho construtivo em basalto e fragmentos de imbrice, sem evidências de uma argamassa ligante para além de terra compactada. O lado do muro virado para o interior do quadrado encontra-se revestido com ímbrice nos seus 67 cm de altura, tendo na sua base, adossados à estrutura, uma fila de imbrices bastante fragmentados (Oliveira, 2001a: 80), evidência que poderá corresponder a um vestígio de canalização semelhante às evidências encontradas em abundância nas intervenções da ERA-Arqueologia na área 1 (Coelho, 2007).

Assim deu-se a intervenção das quadrículas I/J 32, correspondendo ao alargamento da área da concentração das estruturas 1-5, acabando por ser detectada a estrutura 8, correspondente a uma caixa em tijoleira, dentro da qual foi recolhido espólio arqueológico, no entanto, apesar de o espólio e a estrutura sugerirem uma sepultura não foi recolhido espólio osteológico. As suas paredes encontram-se desfasadas da sua posição original, estando a cabeceira destruída, aparentemente para a implantação da estrutura 3, que será posterior, e onde foi recolhido espólio osteológico, uma vez que a abertura destes quadrados permitiu a escavação na totalidade da estrutura e a sua determinação como sepultura (Oliveira, 2001a: 81-82).

As estruturas 9, 10 e 11, correspondem a troços de muros que foram exumados, respectivamente nas quadrículas F36/G37 (estrutura 9), com uma orientação SO-NE, sendo construído com blocos basálticos. A sudoeste, no quadrado B34, onde foi detectado um outro troço de muro (estrutura 10), com aparelho construtivo semelhante ao da

estrutura 9, aparentando estar forrado, no que se supõe ser a face interna, por fragmentos de imbrice, situação que se repete na estrutura 11, na quadrícula C39 (Oliveira, 2001a: 82-83).

Foi ainda aberta uma sondagem na base da encosta (B49/50), onde só se intervencionou uma unidade estratigráfica (camada 1), tendo sido abandonada com uma profundidade de 1,36, onde se recolheu material de várias cronologias, aparentando ser proveniente de sucessivas escorrências na colina, tendo igualmente ser revolvidos pelas práticas agrícolas (Oliveira, 2001a: 83).

Sector III

Na área mais próxima á Quinta da Areeira, e uma vez que foi nesta zona que ocorreram os primeiros achados fortuitos do sítio (Oliveira, 1998b: 34-35), foram marcadas duas sondagens na zona contígua à vinha da quinta onde era possível intervir. Os trabalhos apenas foram iniciados no quadrado N45, tendo sido abandonado após os meios manuais não terem conseguido ultrapassar a camada 1 devido à dureza do solo (Oliveira, 2001a: 83).

Sector IV

Este sector foi aberto em 1997, sendo proposta a intervenção das quadrículas L24 e M23, sendo que o L 24 revelou a estrutura T, sendo que esta se encontra na camada 3, estéril do ponto de vista arqueológico e onde foi interrompida a escavação (Oliveira, 1998b: 1), bem como, no canto Sudeste foi identificado o muro M7 que se prolongou para a quadrícula M 23.

A estrutura T (figura 4) pode ser identificada como um aparelho calcário de médias dimensões com três paredes (espessura de cerca de 30 cm) a formarem um “u”, com um fundo em *opus signinum*, no que aparenta ser um tanque, sendo estratigraficamente mais recente que o muro M7 (Oliveira, 1998b: 2).



Figura 4: Pormenor da estrutura T do sector IV (foto de MML).

Em 2000 foram retomadas as intervenções iniciadas neste espaço em 1997 (Oliveira, 2001 b: 1), com a limpeza das estruturas já conhecidas e a intervenção das quadrículas L 23, K 23/24.

No quadrado K23, o primeiro nível intervencionado revelou um revolvimento, com a presença de materiais romanos e contemporâneos, sendo que após o aprofundamento da intervenção foi atingida a estrutura P = camada 3 (figura 5), que é caracterizada por se assemelhar a um piso elaborado através da colocação e prensa de pequenos fragmentos calcários, prolongando-se para a camada 3 da quadrícula K24 e L23 (Oliveira, 2001b: 2-3).



Figura 5: Estrutura P (pavimento em seixo) e muro M7 (foto de MML).

Foi ainda exumado no quadrado K24 e L23 a continuação do muro M7 (Oliveira, 1998b), bem como no topo da estrutura T na K24. Detectou-se ainda que o muro M7, superior em cota ao tanque, colapsou em parte para o seu interior, danificando o fundo em *opus signinum* (Oliveira, 2001b: 2-3).

Em 2001 deu-se uma ampliação do sector intervencionado, com a abertura dos quadrados J22 e J25 (Oliveira, 2002: 2).

O quadrado J22 revelou na sua camada 3, o muro M8, surgindo também um nível de areão com um tijolo em cutelo que foi designado de estrutura X. No canto norte, já na camada 5 foi detectada a estrutura P, delimitada a sudoeste pela estrutura M8. Aparentemente os muros M7 e M8 delimitarão a estrutura P (Oliveira, 2002: 2-3).

Já a quadrícula J25 permitiu identificar o muro M9, aparentando estar paralelo aos muros M7 e M8. Foi ainda nomeada a estrutura D, que deverá corresponder ao derrube, num nível mais superficial, do muro M7, proveniente do quadrado K24 e que se prolonga até esta quadrícula (Oliveira, 2002: 3-4).

Sector V

As escavações neste sector foram iniciadas em 1997 (anteriormente planeado como sondagem 1 no âmbito das sondagens de emergência do Palácio de Justiça de Loures

(Oliveira, 1998b), com a intervenção das quadrículas T 15/16 e U 15/16 e a sua posterior ampliação para os quadrados T 17 e S 16 (escavação que só se concluiu na campanha seguinte) (Oliveira, 1998b: 3).

Os quadrados T 15/16 e U 15/16 não revelaram contextos arqueológicos preservados. Recolheu-se, no entanto, no canto Norte uma associação de blocos basálticos que se prolongou pela quadrícula T 17 (Oliveira, 1998b: 2-3).

Ainda no T 17 surgiram também dois muros não convergentes, aparentemente assentes sobre o nível geológico, tendo prolongamento para a quadrícula S 16, na qual foi também recolhido um crânio de bovídeo assente sobre telha e rodeado de basaltos (Oliveira, 1998b: 3-4), situação que remete para uma hipótese de ritual fundacional.

O espaço foi então identificado como uma área de lixeira, com a hipótese de os vestígios de muros poderem corresponder a delimitações da sua área de implantação (Oliveira, 1998: 3). Foi neste espaço recolhido espólio arquitectónico (fragmentos de estuque) e abundante espólio malacológico, com as espécies *Venerupis decussata*, *Cerastoderma edule*, *Ostrea edulis* e caracóis terrestres (Oliveira, 1998b: 4).



Figura 6: Pormenor da estrutura O-E identificada no sector V (foto de MML).

O sector foi retomado em 1999 onde foram concluídas as quadrículas R/S 19, S/U 18 e U17, bem como a escavação da metade norte do quadrado T 17 e oeste do S 16 (Oliveira, 2000: 1).

Os quadrados R 19, S 18, U 17/18, S 16 e T 17 não revelaram novos contextos, situação distinta da S 19, onde se detectou um esbatimento das camadas arqueológicas detectadas a sul, sendo avançada a hipótese de se poder tratar do limite norte da Lixeira, sendo que o seu nível

de base apresenta uma inclinação no sentido N-S (Oliveira, 1999: 2). Destaca-se também a quadrícula U 17, onde foi identificada uma estrutura muito danificada, elaborada com blocos de basalto e alguma cerâmica de construção, que se assemelha a um muro/alinhamento, sendo que não assenta sobre o substrato geológico, tendo uma orientação O-E (figura 6) (Oliveira, 2000: 3-4).

Quanto a espólio recolhido destaca-se a presença de um caroço de azeitona e um braço de balança em bronze na camada 4 do quadrado T17, nível se caracteriza pela presença de bastante material arqueológico, incluindo fragmentos de *dolium* em conexão, com ossos no seu interior (Oliveira, 2000: 3-4).

Intervenções da ERA-arqueologia (2005-2006)

Com a aquisição do terreno por parte da empresa Lidl, com vista à construção da superfície comercial actualmente existente sobre o sítio e seus acessos viários, no final do ano de 2004, tiveram lugar trabalhos arqueológicos de diagnóstico e minimização, os quais prolongaram-se até ao ano de 2006, visto ter sido efectuada uma intervenção após o acompanhamento revelar vestígios arqueológicos (Coelho, 2007).

Foram assim, primeiramente, intervencionadas um total de 27 sondagens com escavação mecânica, sendo que 23 sondagens tinham cerca de 15m x 1m e as restantes 4 cerca de 10m x 1m. Os contextos revelados pelas sondagens levaram à realização de mais 7 sondagens, desta feita manuais, correspondendo a tentativas de alargar e compreender as realidades exumadas (Coelho, 2007: 6).

À parte destas, foram realizadas duas sondagens de maiores dimensões (sondagens 1 e 2) com 60 e 80 metros de comprimento, estando implantadas no futuro acesso viário (Rua A). Todas as sondagens, marcadas e cartografadas de acordo com o sistema WSGP 84 (Coelho, 2007: 11), foram intervencionadas de forma mecânica até se atingir o substrato geológico ou contextos arqueológicos preservados, momento no qual se procedeu a um alargamento das intervenções com a definição de nove sectores (sectores 1 a 9) (Coelho, 2007: 6).

Quanto à Rua H, esta foi primeiramente intervencionada de forma mecânica para a remoção dos depósitos de formação recente (aterros e terras agrícolas). A intervenção desta zona permitiu identificar quatro zonas de concentração de edificado, divididas então em Área 1, 2, 3 e 4. A Área 1 correspondeu a um total de 617.03 m² com um posterior alargamento de 268.58 m²; a Área 2 de 145.86 m², a Área 3 de 1908.56 m² e a Área 4 de

215.63 m² (Coelho, 2007: 6-7).

Os trabalhos, autorizados pelo Instituto Português de Arqueologia, decorreram entre os dias 11 de Outubro e 30 de Novembro de 2005 e entre 30 de Dezembro de 2005 e 2 de Outubro de 2006, seguindo as metodologias por propostas por Barker-Harris (Coelho, 2007: 8-11). O registo das realidades arqueológicas foi efectuado através de desenho à escala 1:20, bem como através de registo fotográfico, com o registo pormenorizado das estruturas exumadas ao longo das diversas fases da intervenção.

O sistema utilizado para a numeração das unidades estratigráficas é baseado na numeração de base das sondagens (ex: Sondagem 3 – U.E. 300, 301, 302 …) (Coelho, 2007: 12). Nos casos em que a sondagem mecânica teve posterior intervenção manual, foi mantido o sistema de numeração, ainda que a designação da sondagem tenha alterado para numeração romana, de forma a diferenciar os métodos de escavação (ex: Sondagem 2 = Sondagem II) (Coelho, 2007: 18).

Assim foram realizadas sondagens manuais de 2x2 metros implantadas junto às sondagens mecânicas 4, 10 e 35, sendo designadas de IV, X e XXXV. As sondagens manuais de 2x4 metros foram implantadas perpendicularmente às sondagens mecânicas 8 e 33, sendo designadas VIII e XXXIII. Junto à sondagem mecânica 37 foram implantadas duas sondagens de 2x1 metros junto ao corte nordeste e canto sudoeste da sondagem no intuito de serem feitos alargamentos que permitissem a exposição das estruturas já conhecidas, com as designações de XXXVIIA e XXXVIIB (Coelho, 2007: 18-19).

Relacionadas com os contextos identificados nas valas mecânicas 1 e 2 (Rua A), as sondagens manuais foram implantadas tendo em consideração o traçado a ser afectado pela construção da estrada, tendo como objectivo abranger a totalidade das estruturas anteriormente postas a descoberto. A sondagem IA caracterizou-se pela intervenção numa área de 6.50m x 3.25m, a sondagem IIA numa área de 6m x 10m e a sondagem IIB numa área de 3.50m x 2.50m (Coelho, 2007: 19).

Na maioria das sondagens realizadas não foram identificados contextos arqueológicos de cronologia romana preservados, havendo apenas nalguns casos a presença de valas associadas às práticas agrícolas, bem como antigas delimitações de terrenos (com marcos em cimento) e entulheiras/aterros contemporâneos. Estas sondagens correspondem aos números 5, 6, 11, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 28, 30, 32, 34, 40, 41, 42 e 43 (Coelho, 2007: 19-

22).

Dada a recolha de materiais romanos nos níveis de superfície da sondagem 4, optou-se também aqui por uma intervenção manual, a qual, após a remoção das U.E. [400] e [403] detectou-se o nível [401] correspondente a uma acumulação de materiais de construção, maioritariamente fragmentos de telha, sem se ter, no entanto, detectado qualquer outra estrutura, uma vez que após a remoção desta U.E. foi atingido o substrato geológico (Coelho, 2007: 26-27).

No caso da sondagem 7 esta não revelou a presença de estruturas preservadas, havendo apenas níveis com materiais romanos, ainda que não sendo possível de os enquadrar numa estratigrafia completa, visto tratar-se de uma unidade estratigráfica directamente assente sobre o substrato geológico (Coelho, 2007: 24-25).

Já no caso da sondagem 8, foram detectadas algumas estruturas durante a sua intervenção no seu sector Este, onde após a remoção (parcial) da unidade de superfície [801] foram reveladas duas estruturas (Coelho, 2007: 27).

Estas estruturas [803 e 804] correspondem a dois muros perpendiculares (um de orientação NO-SE e o outro SO-NE), possivelmente representando o canto de um compartimento, tendo um aparelho construtivo em basalto de tamanho irregular, com terra compacta enquanto ligante (Figura 7).



Figura 7: Estrutura exumada na sondagem 8 aquando do fim da intervenção (Coelho, 2007: 29).

A este desta estrutura foi identificada a U.E. [805], caracterizada por uma concentração blocos basalto dispersos com fragmentos de telha, podendo tratar-se de um derrube, situação que não foi confirmada dado que não foi levantada a totalidade do depósito [801] e a intervenção do [805] não foi efectuada na restante potência arqueológica vertical e horizontal, tendo apenas sido atingido o substrato geológico na zona a Oeste da Sondagem (Coelho, 2007: 28-29).

Destaca-se também a sondagem 9 pela abundância de material de cronologia romana, inclusive na unidade de superfície, tendo sido recolhida no topo de depósito [901] uma ânfora praticamente completa (Figura 8**Erro! A origem da referência não foi encontrada.**), tendo-se optado por não intervir na restante sondagem com o intuito de preservar os possíveis contextos arqueológicos aí localizados (Coelho, 2007: 25).



Figura 8: Ânfora quase completa do tipo Almagro 50 exumada no depósito [901] da sondagem 9 (Coelho, 2007:25).

Sondagem IA/11 e sectores 6/9

Sondagem IA/11

Esta sondagem correspondia no seu topo a um nível de aterro para a estrada em terra batida de acesso ao local, o qual, após ter sido removido, revelou um contexto contemporâneo com abundante lixo doméstico e restos de uma estrutura, provavelmente desactivada pela construção da estrada em terra batida. Após o aprofundamento da intervenção foi possível identificar realidades de cronologia romana nas áreas próximas à sondagem 16 e na zona entre as sondagens 11 e 40, com a identificação de muros que não foram identificados na sua completa extensão, prolongando-se para lá da área a intervencionar (Coelho, 2007: 59-60). A detecção destes contextos levou à sua intervenção manual (Coelho, 2007: 61).

Sobre o substrato geológico foi possível identificar dois contextos ([108] e [109]) que corresponderão a níveis de aluvião referentes à linha de água outrora existente na várzea de Loures. A cortar estes depósitos encontram-se as valas de fundação das estruturas [110] e [112], dois muros imbricados entre si que formam um compartimento, não tendo, no entanto, sido recolhido nenhum contexto arqueológico preservado no seu interior. Estas estruturas apresentam uma largura de cerca de 70 cm e 6,50 metros de comprimento (muro [110]) por 3, 25 metros (muro [112]), denotando-se na sua construção que os

alicerces consideram a diferente altimetria do espaço, compensando a pendente com um alicerce a ser mais profundo que o outro (Figura 99) (Coelho, 2007: 61-63).

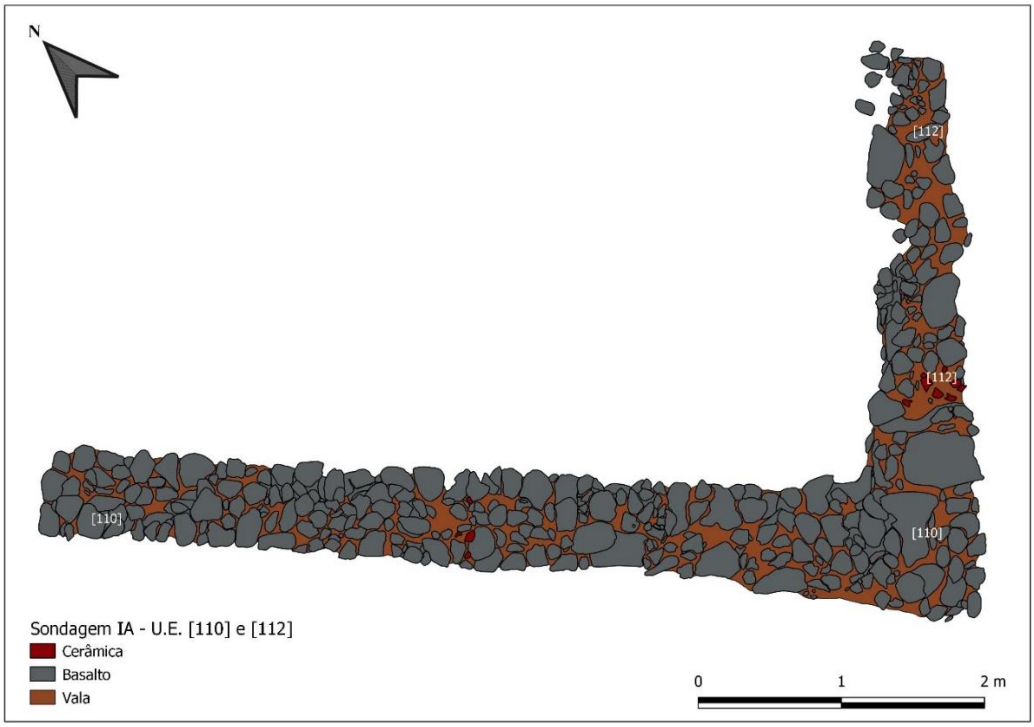


Figura 9: Planta das estruturas exumadas na sondagem IA (Vectorizado a partir do registo da ERA).

Sobre este contexto foi identificada uma U.E. sem contextos arqueológicos que revelou efectuar a transição entre o contexto das estruturas e as evidências contemporâneas (Coelho, 2007: 63-64).

A restante sondagem não produziu mais evidências, tendo somente na zona de intersecção com a sondagem 11 aflorada contextos argilosos, que ainda que estéreis viriam a indiciar os dados posteriormente recolhidos nos sectores 6/9, contíguos a estas evidências (Coelho, 2007: 63-64).

Sectores 6/9

Estes sectores estão localizados no limite Sul da "Rua A", correspondendo à área de implantação do forno 3 e zona de limpeza, tendo sofrido afectação nas estruturas através da decapagem mecânica efectuada no sítio. Posteriormente, após a desactivação do forno este foi utilizado como espaço funerário (Coelho, 2007: 64).

A remoção das unidades remexidas ([600], [601] e [900]) permitiu determinar que o sector 6 correspondia maioritariamente ao forno 3 e o sector 9 a uma zona de lixeira contígua (Coelho, 2007: 65).

Esta zona (enquanto sondagem 10) já tinha sido previamente intervencionada no final 2005, no entanto, nessa intervenção apenas fora abordada parcialmente e então não percepcionada enquanto forno (Coelho, 2007: 65).

A remoção do sedimento de topo permitiu identificar uma estrutura subcircular ([604]) com cerca de 2,40 metros de diâmetro interno, bem como um depósito ([603]) com frequente cerâmica de construção que se encontra sobre e no interior da estrutura, situação que foi interpretada como possível momento de abandono/destruição da estrutura. É, a nosso ver, possível de considerar que este contexto possa também remeter para a existência de uma cobertura (telheiro) sobre o forno que poderá ter colapsado já após a ruína da estrutura que protegeria, visto que foram recolhidos dois estratos ([609] e [610]) por debaixo destas evidências correspondentes ao derrube das paredes do forno (Coelho, 2007: 66).

A remoção do derrube das paredes possibilitou a identificação de quatro muretes adossados ao interior do forno que deveriam pertencer ao sistema de sustentação da grelha do forno (Figura 10). A selar a câmara foram identificados dois grandes blocos de basalto, que, considerando a sua estratigrafia, foram colocados após a ruina da estrutura (Coelho, 2007: 66). A remoção destes depósitos permitiu igualmente determinar que o aparelho construtivo é constituído por blocos de basalto e calcário com sedimento argiloso enquanto ligante (Coelho, 2007: 70).

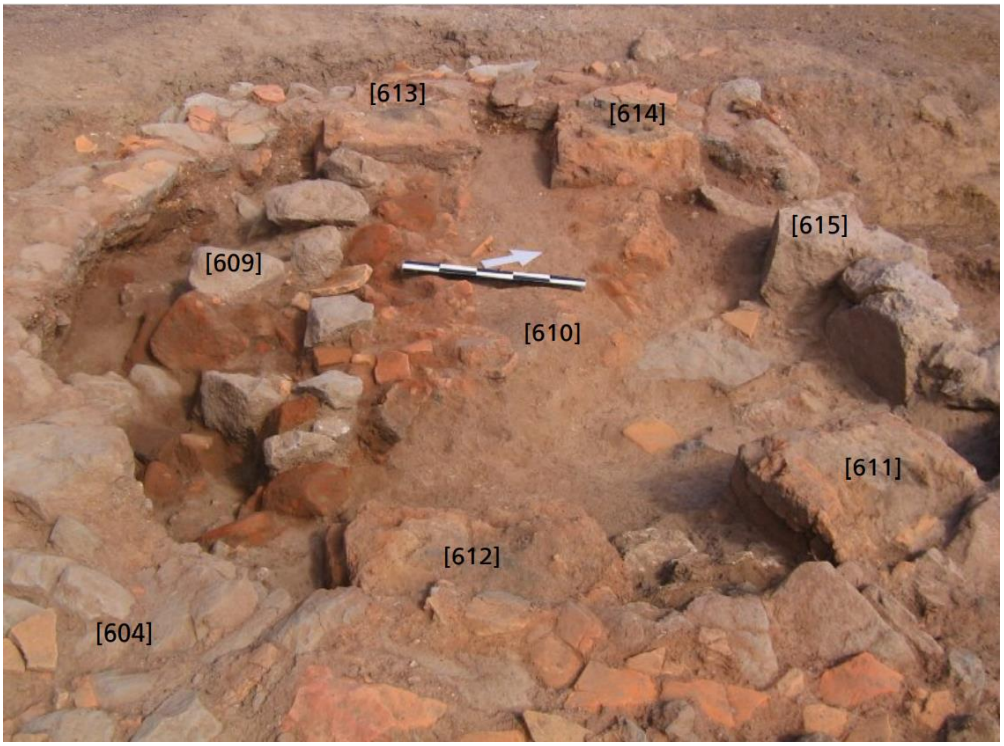


Figura 10: Vestígios de topo do forno 3 (sectores 6/9). São já visíveis os pilares no interior do forno, bem como parte do nível [609], correspondente ao derrube que preenche o interior do forno (Coelho, 2007: 67).

Sob o derrube foi recolhido um nível argiloso ([616]) que deverá corresponder aos últimos vestígios da grelha, uma vez que sobre este foram recolhidos recipientes cerâmicos. Por debaixo disto foi ainda identificado um nível de cinzas ([620]), de potência estratigráfica baixa, onde foram recolhidos fragmentos de cerâmica comum e que deverá corresponder aos vestígios da última produção do forno 3.

A área designada enquanto lixeira, correspondente ao sector 9 (situada a Norte da estrutura) foi posteriormente confirmada como uma fossa de limpeza do forno, estando ligada a este através do corredor de acesso à câmara, no entanto, a sua escavação na permitiu a identificação de contextos arqueológicos relevantes, com os seus níveis de mais superficiais bastante remexidos (Coelho, 2007: 71).

Foi ainda detectada a meio do corredor do Forno 3, num contexto referente ao momento posterior ao seu abandono, uma sepultura de incineração ([904]) em caixa constituída por *lattarae*, no interior da qual foi recolhido espólio metálico e vítreo. Este depósito corta a vala de fundação do forno, sendo necessariamente posterior ao contexto de uso deste espaço (Coelho, 2007: 72-74).

Sondagens IIA e IIB/ Rua A

Sondagem IIA

Estas sondagens correspondem às intervenções definidas em 2005 para a designada "Rua A", tendo resultado na detecção de dois fornos, distando cerca de 1 metro entre si (fornos 1 e 2) (Figura 14). Posteriormente, com a intervenção do Sector 6 foi detectado um terceiro (forno 3) estando mais recuado e apresentando uma tipologia ligeiramente distinta dos restantes, com um formato piriforme ao invés do formato circular dos fornos 1 e 2 (Coelho, 2007: 64-65).



Figura 11: Planta final do forno 2 (Coelho, 2007: 40).

Quanto à área da Rua A após a remoção mecânica de um nível de aterro efectuado durante os trabalhos foi nomeada a U.E. [200], que deverá corresponder no seu topo à estratigrafia prévia ao aterro (Coelho, 2007:31).

Com remoção desse depósito bastante heterogéneo foram identificadas na zona mais próxima à sondagem 16, duas estruturas negativas de planta aparentemente circular,

motivo que levou à sua posterior intervenção manual (sendo doravante designada como Sondagem IIA) (Coelho, 2007: 32-34).

A intervenção dos fornos permitiu a sua sequenciação estratigráfica, à qual poderá ser conferido, ainda que sem datações precisas, um valor cronológico.

O nível de base de implantação das estruturas corresponde ao substrato geológico, que se caracteriza por ser plástico e compacto, com uma coloração amarela esbranquiçada (Coelho, 2007: 35).

O primitivo edificado (Fase 1) corresponde ao muro [228] e a sua vala fundacional, com uma orientação SE-NO, tendo cerca de 80 cm de largura e 10,20 m de comprimento, prolongando-se em ambas as extremidades para além dos limites intervencionados (Coelho, 2007: 36).

A fase seguinte (Fase 2), nomeadamente no que respeita à estrutura 2 (forno 2) permitiu confirmar que a construção dos fornos rompeu o muro [228] (Figura 12). Para além da edificação das duas estruturas de planta circular, com um corredor de acesso encaixado no muro, foram igualmente identificadas duas estruturas negativas (uma fossa e uma possível vala de drenagem) que se propõe serem contemporâneas aos fornos (Coelho, 2007: 36-37).



Figura 12: Topo do muro [228], sendo visível o imbricamento do corredor de forno na estrutura (Coelho, 2007: 36).

As técnicas construtivas das estruturas 1 e 2 variam bastante entre si, com o uso de um aparelho em alvenaria no forno 1, com a câmara e corredor edificados com blocos de basalto, enquanto no forno 2 a câmara foi construída com recurso a uma parede em tijolo (Coelho, 2007: 37).

O forno 1 (Figura 13) apresenta uma câmara com cerca de 2,15 metros de diâmetro e 70 cm de altura conservada, com um corredor de acesso com 1,40 metros de comprimento e 70 cm de largura (Coelho, 2007: 38).



Figura 13: Planta final do forno 1 (Coelho, 2007:37).

Quanto ao forno 2 este apresenta maiores dimensões, com uma câmara de combustão com cerca de 3 metros de diâmetro e 75cm de altura preservada e um corredor com 1,90 metros de comprimento e 80 cm de largura. A parede da câmara apresenta a partir de cerca de metade da sua altura uma curvatura, que correspondem ao arranque da abóbada da câmara, com onze zonas de depressões nas paredes, com 40-45 cm de largura entre si e 16-12 cm de largura, podendo servir para apoio da grelha do forno, assim como o pilar central que foi identificado, constituído pela sobreposição de *latterae* (Figura 11). A parede apresenta também um revestimento interno que cobre parcialmente as depressões, motivo que levou a que a autora do relatório considerasse, sendo a nosso ver a hipótese mais provável, que estas depressões pudessem tratar-se de apoios para uma estrutura em

madeira utilizada aquando da edificação da câmara, sendo posteriormente revestidos com o ligante argiloso que cobre a parede (Coelho, 2007: 41-43).



Figura 14: Implantação das duas estruturas produtivas, onde é visível a sua proximidade, bem como o muro comum a ambas [228] (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Segue-se o período de utilização dos fornos (Fase 3), parcamente preservado no forno 2, mas com abundantes evidências no forno 1, que, para além de ter o seu solo de base enegrecido e com a presença de alguns carvões, apresenta na U.E. [237], imediatamente assente sobre o piso, uma unidade resultante da degradação do reboco das paredes, com inclusão mais abundante de fragmentos de carvão, bem como bastantes vestígios artefactuais, estando alguns inclusive em conexão, com fracturas efectuadas *in situ* pelas acumulações posteriores. Este nível é imediatamente sobreposto por uma unidade constituída por abundantes carvões, alguns dos quais ainda foram possíveis de identificar como restos de lenha que poderão corresponder a uma última fornada (Coelho, 2007: 45-46).

Sobreposta a estes vestígios de laboração encontra-se uma unidade ([234)] caracterizada pela presença de cerâmica de construção aparentemente mal cozida, sendo avançada a hipótese por quem intervencionou a estrutura de que se trate de um nível de descarte de materiais defeituosos (cozeduras irregulares e deficientes), tendo com vista a ocupação da estrutura, entretanto em processo de desactivação, integrando assim a fase posterior (Coelho, 2007: 47-48).

A quarta fase corresponde ao momento de abandono das estruturas. No caso do forno 1 esta pode ser identificada a partir do nível [221], correspondente a um contexto de

derrube, ainda que o seu estado de preservação, com a presença de nódulos de argila cozidos em desagregação, não permitam compreender em pleno se se trata das paredes laterais do forno ou da parte positiva da estrutura (Coelho, 2007: 49-50).

O forno 2 é o que fornece maiores evidências quanto ao seu abandono, com acumulações de sedimento e alguns detritos no corredor (U.E. [233]) e, a nível da câmara de combustão, variadas acumulações de derrubes, destacando-se a U.E. [234] na qual foi identificado um recipiente cerâmico praticamente completo e bastante material construtivo das paredes do forno e o nível que o sobrepõe ([227]) com a presença de tijolos alinhados de forma concêntrica, correspondendo provavelmente ao colapso da abóbada do forno (Coelho, 2007: 50-53).

Segue-se o momento (Fase 5) em que as realidades arqueológicas foram sobrepostas por unidades arqueológicas que não apresentam relação se uso com os níveis prévios, uma vez que sobre o forno 1 acumulou-se a U.E. [207], onde foi recolhida cerâmica romana a par de material lítico e um fragmento de cerâmica campaniense (Coelho, 2007: 55), materiais que serão provenientes de outra estação arqueológica localizada em cota superior ao sítio[2]. O forno 2 apresentou um contexto semelhante ao da estrutura 1, ainda que este contenha fragmentos de nódulos de argila, bem como restos de faiança, denotando um remeximento de cronologia mais recente (Coelho, 2007: 56).

Sondagem IIB

No respeitante à sondagem IIB, esta corresponde à escavação manual do canto SE da sondagem 2, após terem sido recolhidos abundantes materiais arqueológicos de cronologia romana e aflorados alguns blocos de basalto. A sua intervenção não permitiu obter resultados conclusivos uma vez que os blocos pétreos revelaram encontrar-se dispersos e o contexto arqueológico detectado corresponder ao preenchimento de uma vala natural formada pela escorrência de águas pluviais. O espólio recolhido comprovou que não se tratava de um depósito conservado, tendo sido recolhido espólio romano a par de plástico contemporâneo, resultando na compreensão de este depósito tratar-se efectivamente de escorrências provenientes de cotas superiores (Coelho, 2007: 57-59).

Sondagem III

[2] Agradecemos à Arqueóloga Ana Cristina Oliveira a cedência da informação quanto à existência de um sítio arqueológico pré-histórico em cota superior e de onde provêm as escorrências detectadas em Almoínhas.

Esta sondagem, localizada a norte da sondagem IIb, numa zona que fora identificada ainda no decorrer do acompanhamento arqueológico, resultou na única zona que desrespeita o sistema numérico das U.E. utilizado em Almoínhas.

Após a limpeza de um conjunto de blocos pétreos foram identificados dois muros, o [400], de orientação este-oeste e o [404] que tinha uma orientação noroeste-sudeste, formando entre si um canto. Associado a este contexto exumou-se igualmente um derrube de blocos de granito e telha, o qual poderá corresponder a uma fase de destruição e abandono destas estruturas (Coelho, 2007: 88).

Ainda que as responsáveis da intervenção remetam a natureza das estruturas para uma função de contenção de terras, com o argumento de se encontrarem num sítio de vertente, este motivo não explica o porquê da presença de material cerâmico (telhas) no contexto derrube, o que, a nosso, ver poderá sugerir que este espaço poderá ter tido também uma outra utilização, não sendo meramente uma estrutura de contenção.

Sondagem 16

Quanto às realidades arqueológicas detectadas na sondagem 16 foram identificadas no topo da estratigrafia três unidades correspondentes à utilização contemporânea do espaço, com dois depósitos de aterro e uma estrutura parcialmente conservada, de orientação Este-Oeste, construída com blocos de basalto irregulares ligados por argamassas de cor amarela esbranquiçada, fazendo parte de uma construção de apoio doméstico (Coelho, 2007: 81-82).

Sob o nível [1602], onde se recolheram alguns materiais de cronologia romana, foi exumada uma estrutura do tipo muro, edificada com grandes blocos de basalto a constituir os paramentos Noroeste e Sudoeste, com sedimento de base enquanto ligante. O seu comprimento é indeterminado, visto estender-se para lá dos limites da intervenção, tendo cerca de um metro de largura, motivo pelo qual os responsáveis da intervenção creiam que não se trate de uma estrutura de cariz habitacional (Coelho, 2007: 82).

Sectores

<u>Sector 1</u>

Este sector estava localizado no limite Norte da mancha de vestígios arqueológicos da Rua A/C, tendo sido identificada, aquando dos trabalhos de acompanhamento, uma estrutura preserva que, devido à cota a que esta se encontrava, não seria afectada em

contexto de obra, tendo somente sido limpa e registada, com posterior cobertura com tela geotêxtil (Coelho, 2007: 89).

Esta estrutura, exumada sob um nível de terras remexidas, é de natureza dúbia, entre muro ou alicerce, uma vez que a estrutura não ficou totalmente visível, prolongando-se para fora dos limites da intervenção, e não foi intervencionada em profundidade. Caracterizava-se por apresentar uma construção em alvenaria bruta com blocos de basalto e calcário, bem como seixos rolados, ligados por sedimento muito compacto e argiloso. Foi possível constatar que apresentava, pelo menos, duas fiadas de pedras no seu alçado (Coelho, 2007: 90).

É possível que se tratasse de um alicerce, uma vez que a sua vala de implantação parece cortar o substrato geológico que é arqueologicamente estéril (Coelho, 2007: 90).

Sector 2

Quanto ao sector 2, sob o depósito de superfície revolvido, foram identificadas duas estruturas do tipo muro.

Foi assim identificado um muro de alvenaria bruta em basalto, com uma muito reduzida presença de calcário, interligados por sedimento argiloso, tendo cerca de 80 cm de largura. Paralelo a esta estrutura encontra-se o segundo muro, de aparelho construtivo semelhante ao anterior (Coelho, 2007: 91).

Sob estes contextos foram detectados contextos de cronologia moderna ou contemporânea, com o depósito [203], com uma concentração de materiais arqueológicos recentes, tais como porcelana e faiança, num contexto que poderá ter destruído uma realidade anterior, visto ter bastantes blocos de basalto. Sob este nível foi ainda exumado um tubo em fibrocimento, devendo estas realidades ([203] e tubo) estas associadas ao mesmo momento de perturbação (Coelho, 2007: 91-92).

Por fim, foi atingido o substrato geológico, estéril e caracterizado por conglomerados de argilas brancas e vermelhas (Coelho, 2007: 92).

Sector 3

O sector 3, no topo da sua estratigrafia, corresponde também às realidades habituais em Almoínhas, com níveis de revolvimento recentes, neste caso incluindo valas contemporâneas ([300], [301] e [302]), uma de apoio a uma estrutura recentes e duas

resultantes das sondagens mecânicas 1 e 16, tendo todas sido preenchidas com lixo contemporâneo e algumas evidências de cronologia romana entre a realização das sondagens e a intervenção do sector 3 (Coelho, 2007: 85).

Sob estes contextos recentes foi exumado o depósito [304], no qual se encontraram alguns blocos pétreos, bem como cerâmica romana e fauna mamalógica, podendo, segundo a interpretação dos responsáveis, corresponder ao solo agrícola (de cronologia recente) que existiria anteriormente à intervenção resultante das escavações arqueológicas composto por sedimento castanho claro areno-argiloso, homogéneo e moderadamente compacto, com inclusão de alguns blocos de basalto. Neste depósito foram identificados alguns materiais de cronologia romana (cerâmica comum) cerâmica de construção e fragmentos de fauna mamalógica. Poderá corresponder ao depósito da superfície original utilizado como solo agrícola. Já nos depósitos de cronologia romana que se encontravam sob este nível, identificou-se a U.E. [310], correspondente a um alinhamento pétreo que poderá corresponder a uma estrutura de sustentação de terras, uma vez que acompanha o declive do terreno (Coelho, 2007: 85-86).

Para além da realidade [310] é também possível de isolar os contextos [307] e [303], onde se encontram fragmentos de reduzidas dimensões de cerâmica de construção e cascalho de pequeno tamanho. Estas realidades poderão corresponder a reparações do que poderá ser um piso [311], o qual deverá sob si ter a U.E. [312], caracterizada por uma grande concentração de cascalho, como preparação para assentar o piso (Coelho, 2007: 86). Estes contextos deverão corresponder aos vestígios mais bem preservados da realidade que foi identificada no canto do sector 4, bem como nas sondagens mecânicas 1 e 16 (Coelho, 2007: 87).

Sector 4

Quanto ao sector 4 este encontrava-se no seu topo com um depósito proveniente das movimentações de terras dos trabalhos realizados aquando do primeiro acompanhamento arqueológico do sítio, sob o qual se detectou a unidade negativa corresponde à vala da sondagem mecânica 1. Sob estes contextos foi identificada uma estrutura que continua a identificada na sondagem 16 (U.E. [1606]), nomeadamente um alicerce de muro construído em basalto e orientação nordeste-sudoeste, a qual tem uma vala de fundação mais larga que o alicerce (Coelho, 2007: 83). No canto nordeste deste sector foi detectada uma realidade que poderá corresponder a um derrube, não tendo nesta zona sido atingido

o substrato geológico, tendo ficado as respectivas interpretações para o sector 3, onde se encontra o resto do contexto (Coelho, 2007: 84-85).

Sector 5

No que respeita ao sector 5, este evidenciou no topo da estratigrafia um depósito de baixa compactação com materiais recentes, dos quais bastante cerâmica de construção, provenientes das afectações da obra.

Sob o nível recente exumou-se um alinhamento de blocos de pedra de formas irregulares ligados por sedimento compacto. Este alinhamento, ainda que sem uma funcionalidade clara, apresentava uma orientação Norte-Sul e era composto apenas por uma fiada de pedras, estando por vezes interrompida, sem que tenha sido detectada ligação a qualquer estrutura ou realidade arqueológica (Coelho, 2007: 93)

Sob alinhamento pétreo, na zona a Nordeste, foi identificado também um depósito de sedimento arenoso com saibros e cascalho de quartzito, assim como pequenas bolsas de argilas esverdeadas encostando a um corte no substrato geológico. Este corte, de forma linear apresentava orientação Norte-Sul, podendo ter sido criado para originar uma plataforma nesta área (Coelho, 2007: 94), para a implantação de uma estrutura que não se encontra preservada, para além do alinhamento pétreo, o qual, a julgar pelas outras realidades existentes em Almoínhas poderá, na nossa opinião, ter correspondido a uma possível canalização.

Já nas realidades do substrato geológico foram identificados dois depósitos sedimentares de características diferentes, nomeadamente um depósito compacto e argiloso de cor castanha e castanha-esverdeada e outro areno-argiloso, compacto e de cor alaranjada, com alguns nódulos esbranquiçados (Coelho, 2007: 94).

Sector 7

Após a remoção de um depósito pouco homogéneo no topo da estratigrafia, foi exposta uma estrutura em alvenaria do tipo muro, a qual foi construída com blocos de basalto com um ligeiro afeiçoamento nas faces externas, interligados através de um sedimento arenoso e de cor castanha. A estrutura apresentava uma orientação Noroeste-Sudeste, podendo corresponder à parede nordeste de um compartimento, talvez unindo a outro muro [703]. (Coelho, 2007: 79-80).

O muro [703], de orientação Sudoeste-Nordeste, era constituído por apenas uma fiada de pedras, prolongando-se para além do limite da área intervencionada. Este encostava a um outro muro [702], o qual corresponde à parede Sudoeste do compartimento. É de realçar que de todas as estruturas, apenas o muro [703] conservava os seus alicerces, que assentavam directamente sobre o substrato geológico (Coelho, 2007: 80-81).

Sector 8

Este sector revelou a presença de uma sepultura sob os níveis [800] e [801], o último difícil de definir nos seus limites devido a ter sido truncado pela decapagem mecânica.

A sepultura formava uma caixa, com recurso a tijoleiras, excepto no seu fundo que assentava directamente sobre a vala de implantação da estrutura. No nível [802], que corresponde aos restos de vestígios da tampa, compreendeu-se que o estado de preservação do contexto não era o ideal, com difícil distinção entre a tampa e as paredes da estrutura. Após o seu desmonte foi perceptível uma preparação com pedra miúda entre as tijoleiras da parede e a superfície da vala aberta para a construção da sepultura (Coelho, 2007: 76-77).

O interior não revelou nenhum espólio osteológico preservado, contando-se apenas a recolha de alguns rebites de metal e fragmentos de cerâmica comum, bem como três recipientes completos (depósito votivo), com um prato e dois potinhos (Coelho, 2007: 77-78; Quaresma, 2018).

Área 1

Quanto à designada Área 1 (vejam-se as plantas do anexo VII) esta correspondeu a uma das quatro zonas intervencionadas manualmente após a realização de uma decapagem mecânica para a remoção dos depósitos mais recentes. Esta era delimitada a Este e Oeste pelos limites da rua a ser construída, a Nordeste com um muro de cimento da Quinta da Areeira e a Sul/Sudeste com os depósitos removidos mecanicamente, já no seu substrato geológico (Coelho, 2007: 96). A escavação realizada pela ERA dividiu as diversas ocorrências estratigráficas em sete fases distintas

Os depósitos mais recentes, de formação contemporânea, foram designados enquanto a fase 7 do espaço. Estes são constituídos por um pavimento em gravilha que sobrepõe a três níveis de aterro, onde surgiram alguns blocos de basalto e calcário, bem como fragmentos dispersos de cerâmica de construção e alguma cerâmica comum, no que se

tratará, provavelmente, de um remeximento nos depósitos mais antigos (Coelho, 2007: 96).

A fase 6, ainda que não possua estrutura passíveis de interpretação, é somente representada por uma vala subcircular com paredes e base irregulares e o seu enchimento, no qual foi recolhida alguma cerâmica de construção e comum de época romana (Coelho, 2007: 96).

Quanto à quinta fase deste espaço, esta foi apontada como um momento após o abandono do espaço, numa fase de sedimentação bastante prolongada no tempo, onde se recolheu alguma cerâmica de construção a par de *terra sigillata,* vidros, espólio metálico e cerâmica comum. Este momento pode ser enquadrado na U.E. [1001] (Coelho, 2007: 97).

Sob o nível [1001], no que perfazerá a fase 4, correspondente ao momento de colapso das estruturas, foi intervencionada a U.E. [1015], a qual permitiu avançar a hipótese de o colapso das estruturas ter-se devido a um incêndio, já que foram recolhidos bastantes carvões e cinza no sedimento deste nível (Coelho, 2007: 98).

Este momento é caracterizado por vários depósitos, individualizáveis, que correspondem a derrubes, com presença abundante de cerâmica de construção (*imbrex*) e blocos pétreos, tendo sido percepcionada a ausência de *tegulae* entre os materiais de construção, situação que poderá remeter para uma técnica construtiva distinta da habitual nas realidades de cronologia romana. No entanto, é possível levantar a hipótese do edificado possuir um primeiro andar, visto ter sido recolhida bastante *lattarae* entre os derrubes, estando este material frequentemente associado à existência de pisos, não sendo também de ignorar a existência de algum tipo de estrutura (suporte?) em madeira no edifício, uma vez que se recolheu igualmente abundante espólio metálico que remete para esse efeito (pregos/cavilhas) (Coelho, 2007: 98-99).

Estes derrubes apresentam uma forte componente artefactual, situação cuja natureza permaneceu por clarificar, assim como a detecção de construções, mal preservadas, em taipa, assentes sobre base em alvenaria (Coelho, 2007: 100).

Algumas zonas do edificado são possíveis de realçar pela ausência de quaisquer derrubes, situação que poderá ser devida a duas ocorrências – perturbações posteriores em época contemporânea com nivelamentos de terrenos e existência de estruturas sem cobertura.

Estas zonas sem cobertura poderão corresponder a áreas de circulação, tais como arruamentos, corredores ou pátios sem cobertura (Coelho, 2007: 101).

Após o levantamento dos contextos anteriores, foram definidas as três últimas fases de ocupação do sítio, as quais correspondem somente às alterações ocorridas nas estruturas edificadas entre o seu último uso (fase 3) e a sua fundação (fase 1), tendo ocorrido uma profunda reutilização das estruturas pré-existentes entre cada reestruturação do espaço. Foi igualmente possível de confirmar algum uso doméstico do espaço, nomeadamente através da detecção de recipientes de armazenamento (*dolium*) nos seus contextos de uso (figura 10), bem como de possíveis áreas de dispensa (Coelho, 2007: 102-138).



Figura 15:Fundo de *dolium in sito* em fossa no ambiente 8 da Área 1 (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Quanto à fase de ocupação mais recente (fase 3), esta permitiu identificar várias realidades distintas de carácter doméstico.

Destaca-se no ambiente 67, a existência de um compartimento de pequenas dimensões, que reaproveita um pavimento em *opus signinum*, com a existência de uma outra estrutura de pequenas dimensões, podendo tratar-se de um vestígio de uma dispensa (Coelho, 2007: 103).

De carácter doméstico, ainda que nos pareça que estes contextos devam remeter para um momento de pré-abandono das estruturas ou re-ocupação destas (fenómenos de *squatting*), foram detectadas duas lareiras ([1450] e [1509]), elaboradas com tijoleiras, e sob as quais foi detectada uma preparação de base em fragmentos de cerâmica de construção (Coelho, 2007, 104).

Permanece, a nosso ver, a questão se essa preparação terá sido efectuada com materiais que já se encontravam dentro das estruturas (restos de derrubes) ou foram efectuados com materiais provenientes de reestruturações noutras áreas do sítio arqueológico.

Em alguns dos ambientes (6, 7, 8 e 18) foram também detectados, ainda que muito mal preservados (em alguns casos restando apenas rodapés junto ás paredes), vestígios de pavimentos em cerâmica triturada, sem vestígios preservados do seu ligante (Coelho, 2007: 104-105). No caso de estes pavimentos tratarem-se de revestimento em *opus signinum*, não nos parece impossível que estes espaços possam estar ligados a alguma actividade produtiva/transformadora que requira pisos com maior teor hidrófugo, especialmente considerando que envolva líquidos (tais como tinturas ou processamento de carnes, entre outros).

No caso do ambiente 7, este apresentou ainda, na área de entrada do compartimento, um piso em gravilha de calcário com sedimento argiloso como ligante, parecendo-nos que este se possa tratar de um "remendo" no piso primitivo em cerâmica (Coelho, 2007: 105).

Poderão, noutros casos, ocorrer pavimentos em tijoleira, como no ambiente 72, onde restos de tijoleira dispostas paralelamente poderão evidenciar essa realidade. Esta situação não ficou completamente comprovada, uma vez que esta realidade se encontrava em mau estado de preservação (Coelho, 2007:106).

De carácter mais dúbio, surgem estruturas de armazenamento e transporte de água, com dois tanques, uma possível cisterna e canalizações (Coelho, 2007: 107).

Quanto aos tanques, foi identificado no ambiente 18 uma estrutura rectangular em muros de alvenaria com basalto e calcário e revestidos interiormente em *opus signinum* (figura 16), sendo de realçar que no seu interior foi recolhido um bocal para a entrada de água. Ainda que tenha sido considerado como uma estrutura exclusiva da fase 3, este sofreu várias remodelações durante a diacronia, sendo que os dois tanques inicialmente existentes (divididos somente por um muro interior) foram transformados num só com a remoção do dito muro interno, com uma emenda em *opus* a revestir a área afectada. (Coelho, 2007: 107-108).



Figura 16: Resto de tanque revestido a *opus signinum* (Coelho, 2007: 107).

Posteriormente, este tanque observou a construção de um novo muro interno (com revestimento em *opus*) para redução da área da estrutura. O espaço depois foi novamente reformulado já após a desactivação da estrutura da sua funcionalidade primária, com o seu reaproveitamento para a construção de um muro em alvenaria à base de basalto (Coelho, 2007: 108).

O segundo tanque, identificado no ambiente 6, correspondendo a uma estrutura sobreelevada em relação ao piso de circulação, construída em basalto com um revestimento interno em cerâmica triturada, ligada por sedimento argiloso. Sob o revestimento foi ainda possível comprovar a existência de uma preparação com fragmentos de cerâmica de construção e pequenos fragmentos pétreos. Não foi possível interpretar na totalidade a funcionalidade da estrutura, visto que se encontrava em mau estado de conservação (Coelho, 2007: 108-109).

No que respeita à possível cisterna (figura 17), situada no canto Nordeste da área 1, na zona de transição para a área 4, esta foi identificada no ambiente 68, tendo no topo do depósito vestígios de um reboco ou revestimento em argamassa rosada, sob os quais de encontrou ladrilhos de cerâmica quadrangulares/rectangulares dispostos obliquamente,

no que poderá ter sido um tecto em abóbada ou em arco. Esta situação parece ser comprovada pelo facto de sob estas evidências ter sido intervencionado um sedimento muito solto que poderá remeter para um enchimento bastante demorado de um espaço vazio (Coelho, 2007: 109). O pavimento da divisão onde esta se encontra estava revestido a laje de calcário unidas com argamassa de alto teor de cal (Coelho, 2007: 111).



Figura 17: Vestígios dos níveis superiores da estrutura apontada como cisterna, sendo visível na parte inferior o lajeado de acesso em pedra (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Esta estrutura é ainda reforçada num dos muros que a delimitam, situação que se poderá dever à necessidade de conferir robustez para a contenção de um grande volume de água. Posteriormente observou-se uma reorganização do espaço com o fecho do acesso à cisterna, o que poderá revelar que num determinado momento esta terá deixado de ter relevância para os habitantes de Almoínhas, sendo desactivada (Coelho, 2007: 110-111).

Ainda nas estruturas relacionadas com água, destacam-se as canalizações existentes na quase totalidade da área 1 (prolongando-se num dos casos até á área 4). Estas apresentam diversas orientações, ainda que maioritariamente SO-NE, seguindo a inclinação natural do terreno. A sua organização e inclinação (seguindo a pendente do terreno) levaram a que fossem interpretadas enquanto estruturas para drenagem de águas, ao invés de estruturas associadas a funcionalidades de esgotos, situação que nos parece plausível, especialmente tendo em consideração a diminuta dimensão de algumas e a sua variabilidade de aparelhos construtivos (Coelho, 2007: 112).

No que respeita aos aparelhos construtivos estes variam entre meras depressões lineares/valas no substrato geológico, valas cobertas com lajes de pedras, valas com cerâmica de construção (*imbrex* e *lattarae*) a formar canalização e sistemas mistos, com uso de pedra e cerâmica de construção, em alguns casos com paredes em tijolo. Denota-se em vários casos um alinhamento destas canalizações com os muros dos compartimentos, comprovando a sua idealização no momento da edificação do sítio, bem como uma preocupação em garantir que estas não afectavam a colocação dos pavimentos dos compartimentos (Coelho, 2007: 112-113 e 118). Ocorre um caso, na canalização 15, onde se observa o reaproveitamento para base da canalização de um muro pré-existente, confirmando a desactivação das realidades anteriores (Coelho, 2007: 121).

Para além destas canalizações, foi ainda exumada outra realidade de escoamento de águas, nomeadamente com um canal com cerca de 40 cm de largura (figura 18), revestido na base e parede Nordeste (sentido da inclinação natural do terreno) com uma preparação de cerâmica triturada com sedimento argiloso, sobre a qual foi identificada outra preparação (*rudus*) com fragmentos de cerâmica de construção e blocos de basalto. Denotava-se uma pequena pendente na base aplanada na direcção Nordeste, com intenção de forçar a escorrência de água para junto da parede revestida (Coelho, 2007: 123-124).



Figura 18: Grande canal de escoamento de água construído no extremo Sudoeste da Área 1, com um revestimento em *opus signinum* (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Dada a quantidade de água que o sítio deveria receber proveniente das escorrências da colina onde estava implantado, foram ainda identificados vários muretes, de pequena altura e largura, em alguns casos coincidentes com canalizações (caso da canalização 15 e do canal), que fariam o reforço das estruturas face a infiltrações de água que pudessem afectar os seus alicerces (Coelho, 2007: 121-123).

Quanto aos paramentos do edificado estes representam uma realidade estratigraficamente complexa, com compartimentos de largas dimensões. A análise das estruturas não é possível de efectuar na totalidade visto estas prolongarem-se para lá das áreas a intervencionar. É, no entanto, possível avançar que alguns contextos poderão possuir um uso doméstico (talvez inclusive habitacional) ou, dada a quantidade de evidências relacionadas com transporte e acumulação de água, como uma área de uso para algum tipo de transformação de bens ou com funcionalidades de âmbito colectivo para um aglomerado urbano (funcionalidades enquanto área comercial?) (Coelho, 2007: 125).

No que respeita ao momento de edificação das estruturas em uso na fase 3, observa-se a construção de novos paramentos e a reutilização de partes do edificado das fases mais antigas, bem como realça-se que, ainda que o seu uso seja minoritário, ocorre o uso de argamassas à base de cal nos novos paramentos, inclusive sendo usada esta argamassa para revestimento de alguns muros, que, a crer nos restos de estuque recolhidos nos derrubes, poderiam ter algumas divisões decoradas com frescos. Denota-se um cuidado na manutenção de larguras de muros regulares, sendo todos muito semelhantes nas suas espessuras, com excepção do muro de divisão entre a área 1 e 4, que é reforçado para conter as terras utilizadas no aterro prévio à edificação da área 1, já que a área 4 está implantada numa zona de forte pendente (Coelho, 207: 125-127).

É de apontar, no que respeita aos materiais empregues nas construções, a realização de uma triagem. O basalto surge enquanto o elemento pétreo mais frequente, justificado pela abundância nessa região, seguido do calcário, o qual apresenta muitas vezes algum afeiçoamento para o seu uso enquanto cantaria (Coelho, 2007: 128).

Ocorre ainda um uso frequente de cerâmica de construção, com recurso a *imbrex* (pequenos fragmentos) e *lattarae*, dispostos entre as pedras dos muros ou paralelos entre si, na horizontal, a separar fiadas de elementos pétreos ou marcar o fim dos muros, criando um remate. No caso de algumas soleiras de portas, foram também utilizados tijolos sobrepostos, bem como a reforçar os vãos verticais dessas aberturas. Destaca-se que em

alguns casos, os vãos de passagem foram posteriormente selados com recurso a aparelhos em blocos pétreos ou em cerâmica (figura 19), os últimos sendo os mais frequentes (Coelho, 2007: 128-130).



Figura 19: Entaipamentos de vãos em duas passagens da Área 1, utilizando um aparelho maioritariamente em cerâmica ou elementos pétreos (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

No que respeita à fase 2, esta é difícil definição visto tratarem-se de realidades intermédias entre os primeiros vestígios e os níveis mais recentes. Esta é, no entanto, uma fase de relevância para este espaço, sendo marcada por profundas remodelações arquitectónicas, com a substituição das divisões de menores dimensões por espaços mais amplos, com espaços planificados com vista a interligarem-se e onde se estabelecem as bases das estruturas existentes na fase 3. De realçar que é a partir deste momento que se denota o uso recorrente de argamassas à base de areia e cal, ainda que as estruturas exumadas estejam em muitos dos casos apenas preservadas nos seus alicerces (Coelho, 2007: 131-132).

É neste momento que ocorre a construção de um grande compartimento no sector central, de forma quadrangular, reaproveitando estruturas anteriores, bem como é elaborado de raiz nas zonas sem edificado prévio (Coelho, 2007: 131).

Denota-se igualmente que nesta fase o muro de contenção (junto à área 4) já se encontra em uso, bem como esta é reforçada na sua parede Sudoeste, com acrescento de altura, bem como é construído um novo compartimento junto a este, no centro do qual foi detectada uma fossa com um preenchimento que sugere o seu uso enquanto área de lixeira doméstica. Foram igualmente detectados contextos de entulhamento sobre alguns contextos da fase anterior, com vista a um alteamento da superfície de circulação e construção de novos paramentos (Coelho, 2007: 132-133).

Para além dos contextos murários, foi ainda identificado um piso de circulação em lajeado, maioritariamente construído à base de calcário. Este pavimento marcou o abandono de vários compartimentos da fase anterior e viria a ser desactivado pela construção de um muro (afecto a um canal de escoamento de águas) na fase mais recente da ocupação (Coelho, 2007: 133-134).

A fase 1 corresponde ao momento mais antigo da ocupação, com a particularidade de as áreas compartimentadas possuírem menores dimensões e surgirem em maior frequência estruturas negativas (fossas) associadas a contextos de índole doméstica (Coelho, 2007: 134).

É possível que parte das estruturas deste momento tivesse sido edificada com recurso a taipa, visto ter sido detectado um derrube de taipa, com a particularidade de neste contexto terem sido exumados dois contextos de enterramentos infantis ([1373] e [1413]) (figura 20), bem como outros vestígios osteológicos, ainda que dispersos, situação que levou a responsável da intervenção a considerar a possível existência anterior de uma área necropolar (Coelho, 2007: 134-135).



Figura 20: Enterramentos infantis [1373] e [1413], envoltos num possível derrube de taipa, sobre o qual foi edificado um lajeado em pedra (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Nesta fase é ainda possível de enquadrar uma estrutura do tipo tanque (figura 21), elaborada em alvenaria elaborada com pequenos calhaus de calcário ligados por sedimento argiloso, tendo um formato rectangular, sendo, a partir dos vestígios preservados em dois dos cantos, aparentemente forrado com uma preparação à base de cerâmica triturada, provavelmente tratando-se de *opus signinum.* Ainda na mesma fase, que associámos ao século V d.C., esta estrutura foi desactivada e utilizada para embasamento de um muro (Coelho, 2007: 135-136).

Foi também construído, no que os responsáveis consideraram como a mesma fase, um grande muro de delimitação/contenção no sopé desta área (na transição para a área 4), com grandes blocos de basalto ligeiramente afeiçoados nas faces e interligados por sedimento argiloso. Ao contrário do que ocorre nas fases mais recentes, o aparelho construtivo é predominantemente de basalto, com escasso emprego de calcário ou cerâmica de construção. As estruturas encontram-se maioritariamente reduzidas aos seus alicerces, na sua maioria devido aos remodelamentos efectuados pelas fases posteriores (Coelho, 2007: 137-138).



Figura 21: Resto de tanque em calcário com vestígios de argamassa ainda preservados. É visível parte da fundação em basalto que serve de base para o muro que desactivará o tanque (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Sob isto foi detectado ainda um nível prévio ao substrato geológico, no entanto, esta unidade estratigráfica é de formação natural, apresentando fragmentos de líticos provenientes do sítio pré-histórico localizado em cota superior, pelo que este depósito deverá corresponder ao solo do sítio antes da primitiva edificação da área 1 (Coelho, 2007: 138-139).

Área 2

Situada entre as áreas 1 e 3, este sector foi amplamente afectado já na contemporaneidade através de uma terraplanagem efectuada no local, a qual terá destruído eventuais evidências arqueológicas preservadas (Coelho, 2007: 139).

O seu nível de superfície foi alvo de remoção por meios mecânicos, uma vez que apresentava bastantes materiais atribuíveis às épocas moderna e contemporânea, com cerâmica comum e vidrada. Sob esta unidade foram então intervencionadas as U.E.

[2000] e [2001], com a presença de blocos de basalto e alguma cerâmica comum e de construção romanas, sendo de realçar o facto da [2000] preencher uma vala escavada no geológico, cuja função não foi determinada, já que se prolonga para além da área intervencionar e a [2001] apresenta remeximentos contemporâneos (Coelho, 2007: 139-140).

Por debaixo de [2001] foi exumado o contexto [2003], correspondente a possíveis vestígios de uma estrutura (figura 22), orientada no sentido SE/NO, edificada com blocos de basalto e cerâmica de construção. Este conjunto preenchia uma vala com cerca de 60/70 cm de largura, não tendo sido clarificado se este contexto corresponderá ao alicerce de um muro ou ao entulhamento de uma canalização desactivada (Coelho, 2007: 140).



Figura 22: Vestígios exumados na U.E. [2003]. O estado de conservação infelizmente não permite uma leitura clara da funcionalidade deste espaço, especialmente considerando que não foram encontrados outros contextos de ocupação associados (Coelho, 2007: 140).

Atingiu-se então o substrato geológico sem terem sido identificadas quaisquer outras estruturas, apesar da detecção de uma concentração de blocos de basalto e cerâmica de construção envoltos em sedimento argiloso, não tendo, no entanto, ficado clara a sua natureza (Coelho: 2007: 141).

Área 3

Esta área, estando localizada no extremo mais a Sul das quatro áreas, era limitada a Nordeste por um muro de cimento que delimitava uma zona de construções ligadas à produção hortícola e no restante perímetro pelos limites da implantação da via. É de realçar que em grande parte desta área, após a remoção mecânica dos depósitos recentes foi logo atingido o substrato geológico. Foram assim apenas possíveis de identificar dois núcleos de construção, distinguidos entre Norte e Sul (vejam-se as plantas do anexo VII).

Os resultados obtidos foram divididos pelos responsáveis da intervenção em sete fases estratigráficas (Coelho, 2007: 141).

As fases 7 e 6 deverão corresponder aos níveis contemporâneos, sendo que se estima que a fase 6 possa ter resultado de uma deposição sedimentar alargada no tempo, talvez começada após o abandono das estruturas romanas. Estes níveis apresentam materiais de cronologia contemporânea, com destaque para a faiança, bem como alguns fragmentos de cerâmica romana e alguma fauna, a última sendo difícil de precisar na sua cronologia (Coelho, 2007: 141-142).

Na quinta fase foram identificados depósitos de derrube, os quais, ainda que com variações nos seus contextos, encontravam-se bastante destruídos, talvez por meio de acções antrópicas relacionadas com as práticas agrícolas dos séculos mais recentes nas Almoínhas. Estes derrubes apresentam fragmentos de telha, algum tijolo e material pétreo (maioritariamente em basalto), assim como alguns fragmentos de cerâmica comum e alguns metais, maioritariamente correspondentes a pregos/cavilhas (Coelho, 2007: 142).

Sob os derrubes foi possível de determinar que os dois núcleos urbanos apresentam diferenças entre si a nível de faseamento, com a fase 4 a estar ausente do núcleo Norte.

Núcleo Norte da área 3

O momento mais recente destas estruturas é representado pela fase 3, as quais dada a sua proximidade á área 2 e existência de um muro em cimento contemporâneo, infelizmente, danificaram bastante os vestígios, possibilitando apenas a identificação de compartimentos de difícil interpretação, ainda que se considere que algumas realidades, tais como vestígios de *dolium*, possam remeter para algum uso doméstico (Coelho, 2007: 143).

Assim, é possível realçar dos achados a presença de uma lareira (figura 23) construída com tijolos e delimitada por blocos pétreos e com marcas de exposição a fogo. Esta estrutura associa a um nível de pavimento em lajes de basalto e calcário e fragmentos de

tijolos dispostos na horizontal (figura 24), com uma preparação sob este com fragmentos de telha e algum tijolo.



Figura 23: Lareira exumada no núcleo Norte da Área 3 construída com restos do que deverá ter sido parte do derrube das estruturas (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

O pavimento encontrava-se interrompido no lado Nordeste, ainda que permaneça a questão se este teria continuidade ou não (Coelho, 2007, p. 143-144). A nosso ver, do que nos é dado a entender pelas fotografias da intervenção, parece-nos que também possa ser aventada a hipótese de este pavimento se tratar de um fenómeno de *squatting*, com a reutilização de materiais das estruturas que se encontrariam pelo menos em parte colapsadas, ocorrendo assim uma re-ocupação do espaço, ainda que este estive um uso distinto daquele para o qual fora concebido. A preparação com restos de cerâmica poderia corresponder efectivamente ao derrube do telhado que foi colmatado pelo derrube das paredes e que posteriormente foi então alisado para pavimento.

Destacam-se ainda mais dois pavimentos neste núcleo, nomeadamente nos ambientes 35 (este estando muito mal preservado – figura 25) e 40 (compartimento contíguo ao da lareira), com pisos em *opus signinum*, os quais, no caso do ambiente 40, conserva também uma preparação prévia ao pavimento, neste caso com o uso de basalto disposto na horizontal de forma a criar uma plataforma (Coelho, 2007: 144-145).



Figura 24: Pavimento em laje pétrea e restos cerâmicos, sendo observável no extremo direito a lareira contemporânea do piso (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).



Figura 25: Resto de piso em basalto do ambiente 35, sendo visível no vão de entrada restos de uma ânfora completa abandonada *in sito* (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

evidências de estruturas relacionadas com água, nomeadamente tanques e canalizações.

As evidências de tanques correspondem nesta fase ao tanque 4 (figura 26), que no decorrer da fase 3 será sujeito a reformulações, tendo sido possíveis de quantificar quatro níveis de revestimento em *opus signinum* no seu interior, correspondentes a reparos efectuados numa estrutura que, seguramente, tinha bastante uso (Coelho, 2007: 145).



Figura 246: Resto de *opus* do tanque 4 do núcleo Norte da Área 3 (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Associado ao transporte de água foi exumada uma canalização escavada no geológico, a qual, apesar de não conter nada preservado, poderia ter sido construída com telha a canalizar a água, visto terem sido recolhidos abundantes fragmentos de telha. Este canal, ainda que não tenha sido detectado o seu início e fim, deveria dirigir-se para o ambiente 34 (Coelho, 2007: 145-146).

Esta primeira fase foi um período marcado pela continuidade do uso dos espaços já previamente existentes, denotando-se a edificação de alguns pavimentos e de um muro na extremidade Este do núcleo, com a preocupação da manutenção do traçado arquitectónico pré-existente (Coelho, 2007: 146).

Quanto à fase 2 deste núcleo, esta corresponde a um momento de pequenas remodelações do espaço, com a compartimentalização de algumas das divisões anteriores, criando área de menores dimensões, como é o caso do ambiente 45, subdivido em ambiente 33 e 34 com a construção de um muro a meio do compartimento, ainda que com uma abertura para permitir a circulação. Para além destas subdivisões, este momento não marcou

nenhuma alteração significativa no edificado, tendo ocorrido apenas o reforço de alguns muros (Coelho, 2007: 146-147).

Já a fase 1, correspondente à primitiva edificação do núcleo norte, pode ser caracterizada, de forma geral, a estrutura como tendo uma planta quadrangular, de orientação distinta da área 1 e do seu núcleo sul, com dois compartimentos nos cantos oeste e norte que se encontram avançados em relação ao restante edifício, paralelos entre si e que poderiam ser interpretados como algum tipo de torre (Coelho, 2007: 147-148). A nosso ver, a estrutura quadrangular do canto Oeste (figura 27) pode ser interpretada como um possível *horreum* (sobre a natureza deste espaço veja-se a nossa discussão na página 69).



Figura 27: Estrutura do canto Oeste. Os vestígios de paramentos paralelos no interior da estrutura poderão remeter para as estruturas de suporte de um estrado em madeira, característica comum nos *horrea* (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

As funcionalidades do espaço podem ser associadas ao carácter doméstico/ armazenagem, visto terem sido detectadas um total de seis fossas. A possuírem caracter doméstico, estas estavam preenchidas por material de construção, alguma cerâmica comum e alguma fauna, no entanto, nenhuma das evidências permitiu compreender em pleno a sua funcionalidade (Coelho, 2007: 148).

Para além do já descrito tanque 4, foi identificado um segundo tanque (figura 28), melhor preservado que o outro, de forma quadrangular, revestido na base e paredes por *opus* em

brita, ainda que se tenha determinado que o revestimento do fundo é estratigraficamente anterior ao das paredes. O fundo apresentava ao centro uma ligeira depressão que poderá estar associada à acumulação de detritos, de forma a facilitar a limpeza da estrutura (Coelho, 2007: 149-150).



Figura 28: Segundo tanque identificado no núcleo Norte da Área 3 (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Foi exumada uma estrutura de difícil interpretação (figura 29) na zona mais central do núcleo, escavada no substrato geológico, com uma forte concentração de cinzas e carvões. No seu interior foram identificados vários blocos de cerâmica de forma paralelepipédica dispostos na vertical e com profundas marcas de exposição a elevadas temperaturas, inclusive tendo em algumas zonas um aspecto vítreo. Entre o sedimento deste depósito foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica comum e algumas esquírolas de osso (ainda que pouco frequentes) com marcas de exposição a calor. Dadas as evidências foi avançado que este vestígio possa estar associado à existência de um *ustrinum* (Coelho, 2007: 152-154), situação que consideramos ser plausível.



Figura 29: Possível resto de *ustrinum* exumado na parte tardoz do núcleo Norte da Área 3 (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

<u>Núcleo Sul da área 3</u>

Ao contrário da zona a Norte, este núcleo apresenta as únicas evidências da fase 4 desta área, uma vez que sob os restos dos derrubes de telha e pedra foi intervencionado um depósito, cuja extensão cobria quase a totalidade da estrutura, com muitos carvões e vestígios de cinza, podendo corresponder aos últimos vestígios de um incêndio que terá destruído este núcleo (Coelho, 2007: 155).

Este último momento correspondia à existência de uma estrutura sub-rectangular, com vários compartimentos a serem reformulados, uma vez que, ainda que se preservem os paramentos anteriores, observou-se a divisão de um dos compartimentos de maiores dimensões em dois menores com a construção de outro muro interior, o qual anula algumas dos espaços prévios. Os muros agora em uso, talvez por fragilidades arquitectónicas, foram também reforçados com a construção de alguns muretes para o alargamento das suas bases (Coelho, 2007: 155-156).

Poderá ainda ser possível de atribuir a um dos compartimentos uma funcionalidade de dispensa/armazenamento (ambiente 46), uma vez que foi detectada uma pequena estrutura rectangular adossada aos muros pré-existentes, interpretada pelos responsáveis da intervenção como área doméstica (Coelho, 2007: 156).

Segue-se a fase 3 do núcleo Sul, onde ocorre um grande reaproveitamento do edificado anterior, ainda que sejam criados novos muros para uma maior compartimentação do interior da estrutura (Coelho, 2007: 156).

Associados à construção de dois muros no exterior do paramento de delimitação Sul foram identificados vestígios de uma possível lareira, resultante do alinhamento de fragmentos de tijolo e telha, com uma delimitação de calhaus de basalto e calcário (Coelho, 2007: 157).

Foi identificada mais uma lareira nesta fase, também associada à construção de um muro, sendo que esta se encontrava sob um depósito delimitado entre lajes de calcário dispostas em cutelo, parcialmente aproveitando as delimitações da própria lareira. É possível considerar que após a construção da lareira esta tenha sido deixado de ser utilizada, passando o seu espaço, dada a sua boa delimitação, a ser utilizado enquanto zona de descarte de detritos domésticos, justificando assim a presença de cerâmica comum, *terra sigillata*, vidros, escória e alguma cerâmica de construção que a cobriam (Coelho, 2007: 157-158).

Para além destas estruturas, foram ainda isoladas duas fossas, possivelmente associadas a um carácter doméstico, sendo que uma estava preenchida com material de construção, talvez proveniente de um entulhamento, e a outra apresentava vestígios de se tratar de uma estrutura de armazenamento. No caso da segunda fossa esta tinha restos de um fundo de *dolium in sito*, bem como um lajeado em cerâmica de construção de acesso a este contentor (figura 30) (Coelho, 2007: 158-159).



Figura 30: Lajeado de acesso ao *dolium* e vista do fundo do contentor após escavação (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Já na fase 2 observa-se a construção, a par da fase prévia (fase 1), da maioria das estruturas alvo de remodelação nas fases mais recentes. Este núcleo deveria ser maior que o identificado, no entanto, parte encontra-se em mau estado de preservação na zona Este por afectações recentes no sítio, em parte devidas a trabalhos agrícolas (instalação de estufas), o que não permite a percepção da real dimensão do edificado (Coelho, 2007: 160).

É nesta fase que se observa o alargamento para Sul e Oeste das construções, com novos muros delimitadores e compartimentação de novas áreas, o que anula a planta de menores dimensões da fase 1. Reaproveita-se, no entanto, parte das estruturas da fase mais antiga, nomeadamente através da reutilização de um derrube pétreo para a criação de uma plataforma de base para o piso, sendo aberta no derrube uma vala para o escoamento de água (Coelho, 2007: 160-161).

Ainda no reaproveitamento de estruturas prévias, foram abertas duas fossas sobre contextos anteriores, bem como construído um tanque (tanque 5) sobre um muro pré-existente, o qual foi mantido enquanto parede do tanque, sendo o interior desta estrutura

revestido a *opus signinum*, tendo, à semelhança de outro tanque no núcleo Norte, uma depressão central para a acumulação de detritos. É ainda de realçar que, ainda que mal preservado, um dos muros de apoio do tanque foi construído com recurso a taipa (Coelho, 2007: 161-163).

Por fim, na fase 1, encontram-se os contextos referentes à primeira fase de construção do núcleo Sul. Inicialmente esta estrutura deveria corresponder a um só compartimento, no interior do qual foi identificada uma lareira, no seu centro, e quatro fossas (Coelho, 2007: 164).

Quanto à lareira esta foi construída em tijolos, com a particularidade de corresponder ao fecho de uma estrutura negativa, preenchida com blocos de basalto, o que pode sugerir o seu entulhamento para a construção da lareira, uma vez que das três fossas identificadas é a única que foi preenchida com materiais de construção (Coelho, 2007: 165-66).

No que respeita às técnicas construtivas empregues, denota-se a clara preferência pelo basalto, surgindo a cerâmica de construção e o calcário em casos pontuais, sobretudo associados a estruturas de pavimento ou lareiras (preparação/delimitação destas).

Os muros recorrem a sedimento argiloso enquanto ligante e não existem evidências de qualquer tipo de reboco nas paredes, ainda que o não afeiçoamento dos blocos de basalto das paredes possam remeter para a sua existência. Algumas das estruturas pétreas correspondem somente a níveis de alicerce, com vestígios do desenvolvimento de paramentos em altura ter sido efectuado com taipa (Coelho, 2007: 166).

Sob as estruturas foi identificado um nível de escorrências (arqueologicamente estéril), sob o qual, a cerca de um metro de profundidade, foi atingido o substrato geológico, o qual, dada a sua profundidade, não foi alcançado na totalidade da área intervencionada (Coelho, 2007: 167).

Área 4

No que respeita à área 4, esta estava situada entre a zona de talude relacionada com o parque de estacionamento do Tribunal de Loures e o muro de alvenaria de acesso à Quinta da Areeira, contígua à área 1, numa plataforma estreita (vejam-se as plantas do anexo VII) onde já anteriormente fora realizada uma sondagem mecânica, bem como uma intervenção camarária (Sector V) (Coelho, 2007: 167 e 169).

Dada a proximidade com a área 1 foram aqui exumados contextos que se relacionam directamente com esta, nomeadamente através da detecção de uma unidade de derrube referente a um grande muro de contenção existente na área 1, estando encostado à dita estrutura e assente directamente sobre o substrato geológico (Coelho, 2007: 167). Destaca-se igualmente a exumação de uma canalização parcialmente preservada, em vala aberta no substrato geológico, com paramentos em basalto e cobertura em tijolo, a qual estaria interligada à cisterna da área 1, uma vez que esta, na sua extremidade Norte, termina na direcção de uma das aberturas em "V" da cisterna (figura 31) (Coelho, 2007: 168).



Figura 31: Abertura para o escoamento de água na Área 4 a partir do interior da cisterna da Área 1 (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

No que respeita aos contextos exclusivos da área 4, após a decapagem mecânica identificou-se, na zona sem afectação, uma estrutura em argila de difícil definição, não tendo sido intervencionada em profundidade. Assim, os trabalhos focaram-se sobretudo na área da lixeira detectada pelos trabalhos camarários. Foi então percepcionado que esta lixeira era constituída por várias estruturas negativas ovóides e de grande dimensão (figura 32), sendo que estas correspondem a uma sobreposição de valas, com uma diacronia apontada entre o final dos séculos IV d.C. e V d.C. (Coelho, 2007: 169; Quaresma, 2018: 220 e 226; 2019: 304).

Seguindo da realidade mais recente para a mais antiga, o primeiro enchimento [4008] era caracterizado por possuir abundante fauna mamalógica e malacológica, bem como carvões. Este nível apresentou evidências materiais coevas com a funcionalidade de lixeira, com cerâmica (*Terra Sigillata,* ânforas e cerâmica comum), vidros, numismas, pregos e cerâmica de construção. Este contexto cortava realidades mais antigas como o [4002] e a sua vala [4028], os quais apresentavam realidades muito semelhantes a [4008] (Coelho, 2007: 170).



Figura 32: Negativos da escavação dos níveis de lixeira da Área 4 (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Sob estes, no nível [4018] surgem alguns dos dados mais distintos desta lixeira, nomeadamente com o aparecimento de um enterramento infantil em ânfora (figura 33), ao qual faltavam os membros inferiores devido a uma decapagem mecânica vertical para a limpeza do talude do sítio a intervir (Coelho, 2007: 170). Também nesta U.E. e na que se encontrava por debaixo, visto que estes marcam a transição entre ambas, foram exumados dois marcos miliários epigrafados (figura 34) (Coelho, 2007: 171).



Figura 33: Enterramento infantil do nível de lixeira [4018] (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Estes marcos, ambos em calcário, poderão estar relacionados com a via *Olisipo-Bracara Augusta*, podendo, dado possuírem uma protuberância na extremidade, ter sido utilizado



Figura 34: Marcos miliários exumados no decorrer da escavação da lixeira da Área 4 (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

como colunas antes de serem transformados em marcos miliários. Dos campos epigráficos apenas um permite a sua leitura, tendo sido interpretada pelo Dr. Amílcar Guerra enquanto uma inscrição honorífica a *Valerivs Licinianvs Licinivs*, imperador entre os anos de 313 e 324 d.C. (Coelho, 2007: 171-172).

Dada a dimensão das valas e o facto de se encontrar fora de uma área edificada, bem como a significativa quantidade de espólio recolhida nestas U.E., com bastante cerâmica e fauna, foi considerado pelos arqueólogos responsáveis que as valas poderão ter servido enquanto uma lixeira comunitária (Coelho, 2007: 173).

Sob os contextos de lixeira surge um compartimento do qual apenas se preservaram, em mau estado de conservação, os alicerces. Esta estrutura (figura 35), ainda que não tenha fornecido contextos de uso, foi possível de estabelecer como anterior à lixeira, podendo tratar-se de uma ocupação relacionada com actividades "limítrofes", talvez de carácter industrial e por tal afastadas das áreas domésticas, ou tratar-se de uma ocupação prévia que foi abandonada e substituída pelos núcleos urbanos das áreas 1 e 3 (Coelho, 2007: 173).



Figura 35: Vista geral da Área 4, observando-se a relação existente entre as estruturas prévias e a lixeira do século IV d.C. (Fotografia de ERA-Arqueologia, 2007).

Parece-nos correcto afirmar que estas estruturas deverão corresponder às fases mais antigas do sítio, sendo abandonadas numa fase precoce, posteriormente sendo requalificadas, incluindo a demolição dos vestígios, para efeitos de lixeira, uma vez que não foram detectados quaisquer derrubes na intervenção, o que poderá denotar uma remoção programada das estruturas, com a limpeza de quaisquer entulhos/derrubes que se encontrassem neste espaço.

Sepulturas

No decorrer de ambas intervenções (CML e ERA) foram identificados vários contextos funerários, representados através enterramentos (com e sem estruturas) em diversos locais do sitio arqueológico.

A maior concentração, no que deverá corresponder à efectiva área de necrópole, localiza-se a Norte das áreas 1/4 e a Sudoeste dos fornos 1 e 2 (Acompanhamento arqueológico da área da escadaria de acesso à superfície comercial – ERA; sector II – CML). Surgem deposições, sem qualquer estrutura, no interior da área 1, com dois enterramentos infantis e um adulto. Denota-se também o fecho do forno 3 com uma deposição de uma

incineração com espólio metálico, bem como a presença em níveis do século IV na lixeira da área 4 de uma deposição de um individuo infantil em ânfora (tipo Almagro 51C) (Oliveira, 2001a; Coelho, 2007).

Foram detectados um total efectivo de dez indivíduos, cinco intervencionados pelas escavações camarárias (Oliveira, 1998a: 35) e os restantes cinco intervencionados pela ERA (Coelho, 2007), existindo uma possível sexta sepultura que não foi intervencionada por se encontrar fora da cota de afectação, mas cujo aparelho construtivo aparenta ser constituído por *lattarae*. Ocorre ainda um outro caso, corresponde à U.E [805], onde apenas foi encontrada a estrutura da sepultura, sem a existência de qualquer espólio osteológico.

As datações existentes para estes contextos, onde se denota a ausência de ânforas, remetem, até ao momento para uma cronologia entre o século II e III d.C., sendo a única zona onde são conhecidos contextos preservados para meados do século III d.C. (Brazuna e Coelho, 2012; Oliveira, 1998a: 35; Quaresma, 2018: 210-211).

Destaca-se também o contexto [1668], este que corresponde a um individuo adulto com uma idade inferior a 40 anos (Coelho, 2007, p. 179) sem espólio votivo. Este está, no entanto, associado directamente com o contexto que o sobrepõe [1669], no qual foi recolhida uma ânfora quase completa cuja forma consideramos afim do tipo Dressel 30/Keay 1B. Estes dois contextos compreendem ao único preenchimento de uma fossa que se encontra no interior de um dos compartimentos da área 1.

Estruturas sem afectação

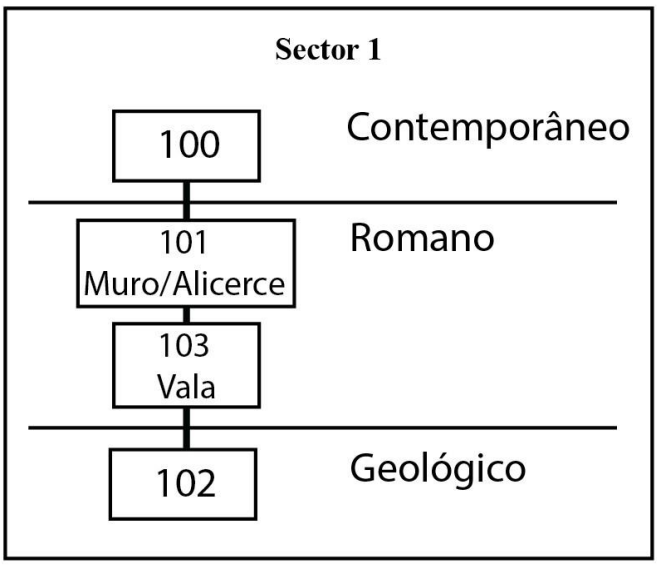
Durante a realização da decapagem mecânica foram expostas algumas estruturas que, após verificar-se que não seriam sujeitas a afectação pela obra, foram apenas limpas, descritas sumariamente e registadas gráfica e fotograficamente (Coelho, 2007: 94).

Nestas estruturas contabilizam-se dois muros (um já previamente intervencionado pela Câmara Municipal de Loures) e uma sepultura constituída com *lattarae*, semelhante à do sector 8, ainda que com a tampa ainda *in situ*. Esta sepultura está associada a vestígios de uma estrutura que a delimitaria, formando um compartimento em seu redor, talvez podendo tratar-se de um mausoléu (Coelho, 2007: 94).

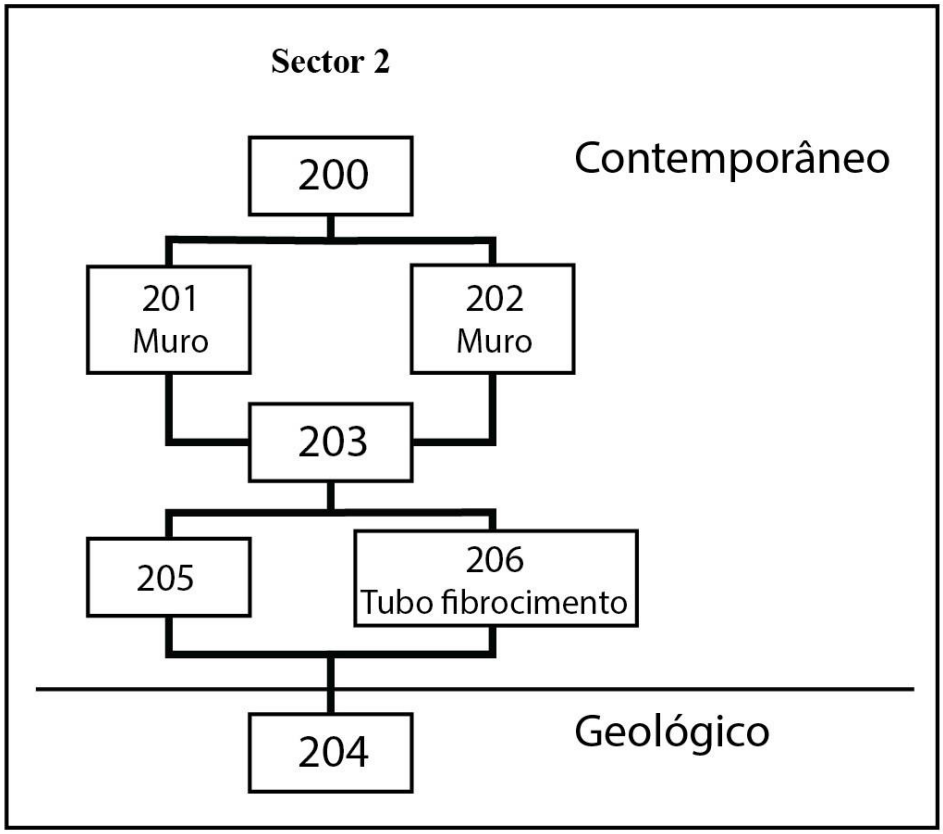
As realidades arqueológicas foram então cobertas com geotêxtil sem qualquer outra intervenção.

Anexo II

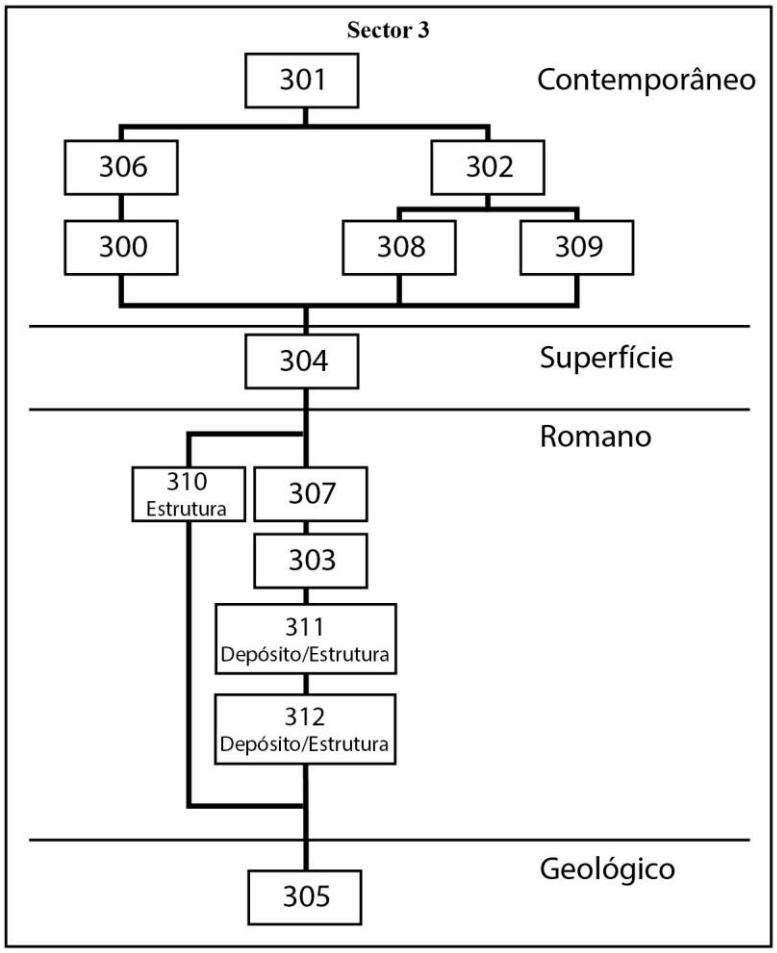
Diagramas estratigráficos das intervenções arqueológicas da ERA-Arqueologia



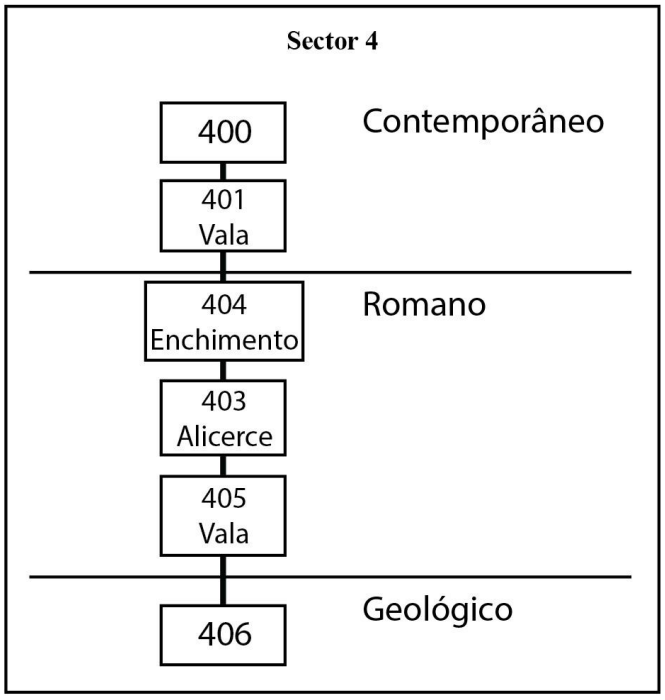
Matriz 1: Matriz estratigráfica do sector 1.



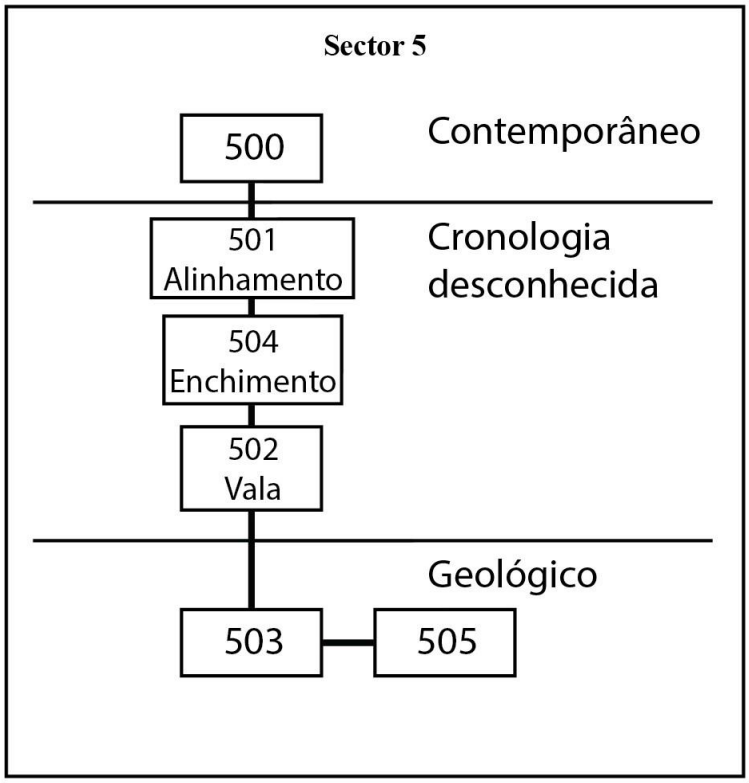
Matriz 2: Matriz estratigráfica do sector 2.



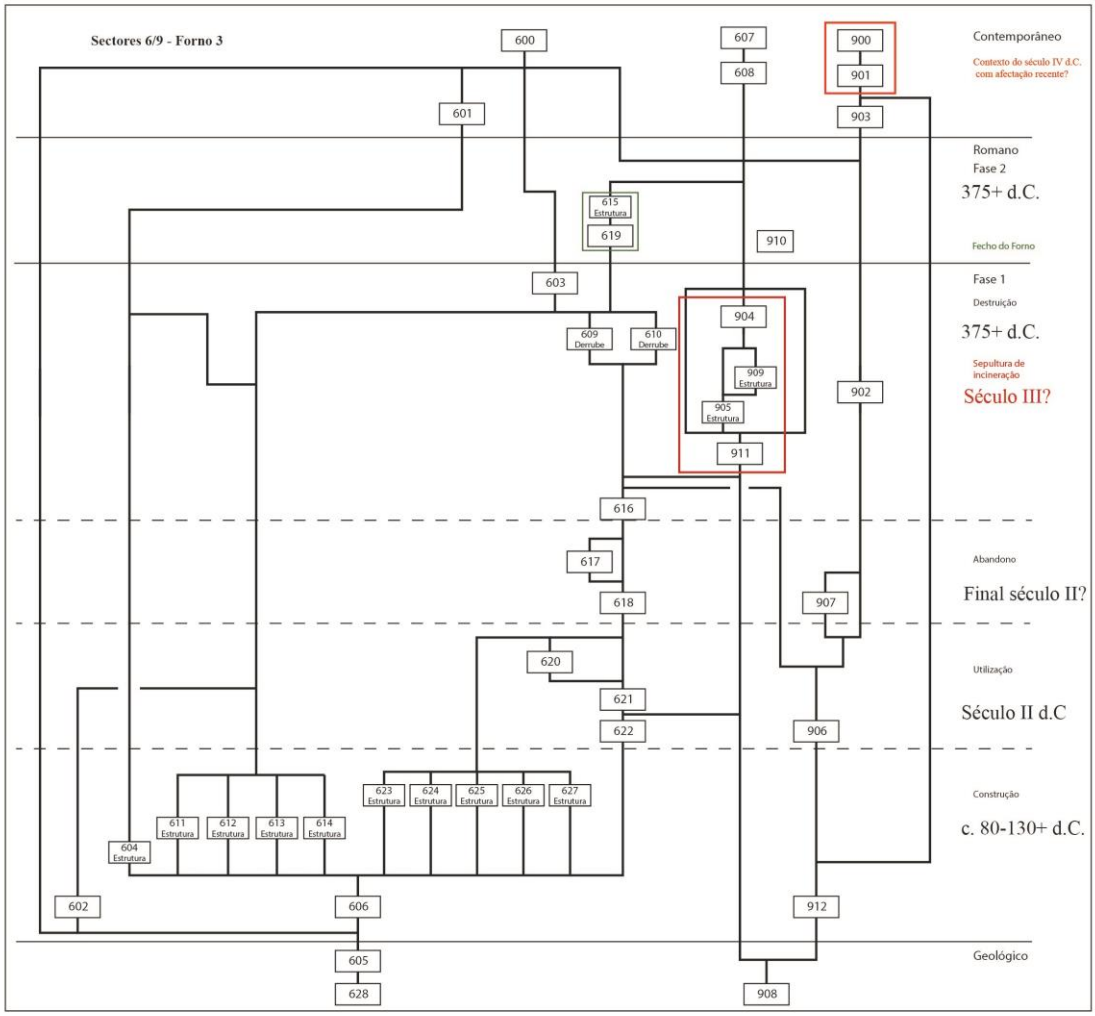
Matriz 3: Matriz estratigráfica do sector 3.



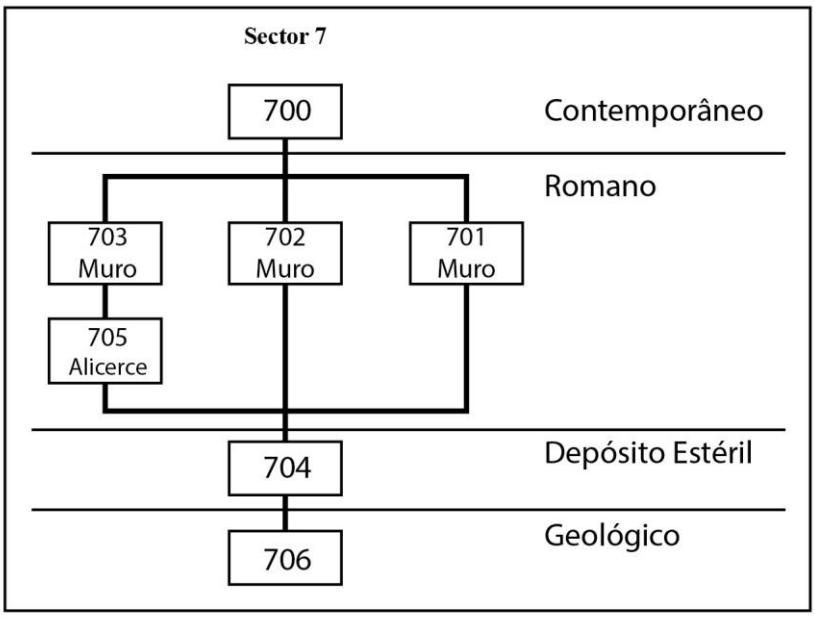
Matriz 4: Matriz estratigráfica do sector 4.



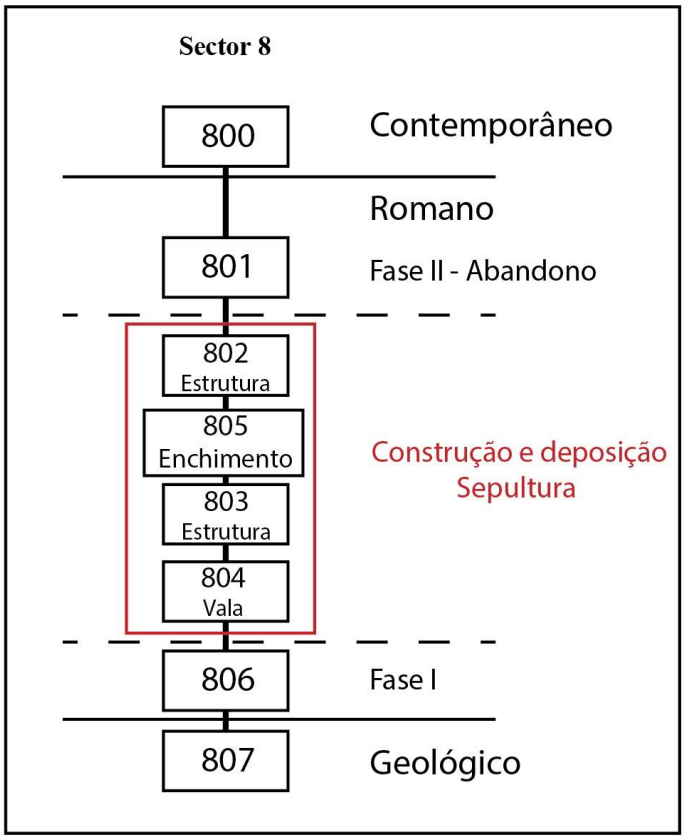
Matriz 5: Matriz estratigráfica do sector 5.



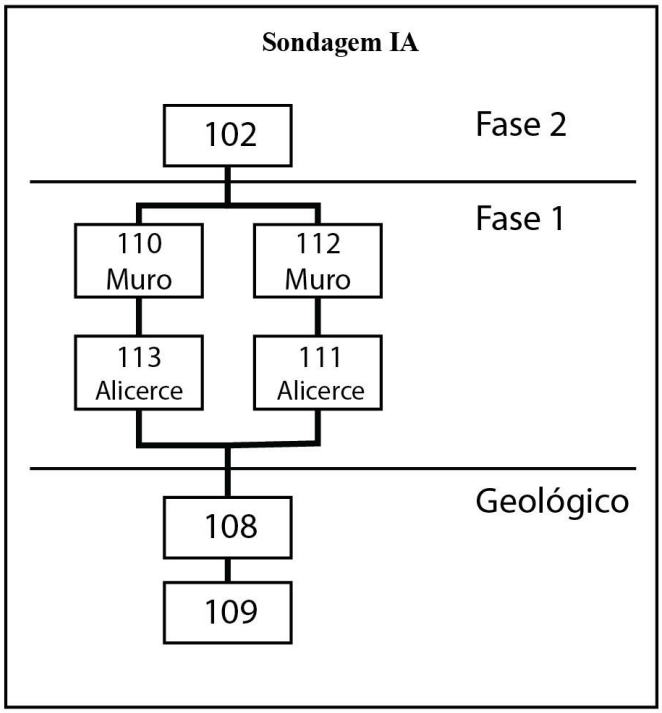
Matriz 6: Matriz estratigráfica dos sectores 6/9 (forno 3).



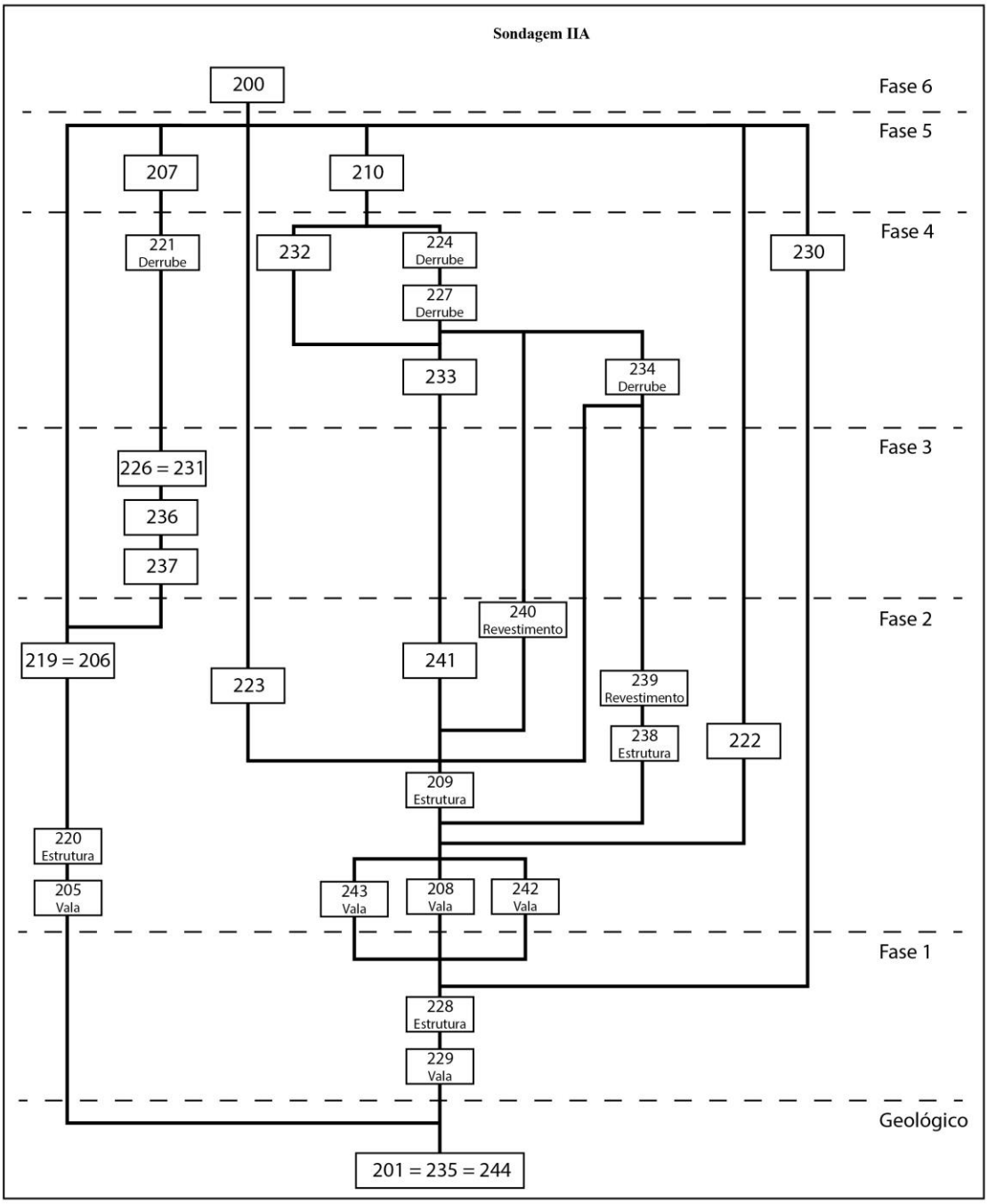
Matriz 7: Matriz estratigráfica do sector 7.



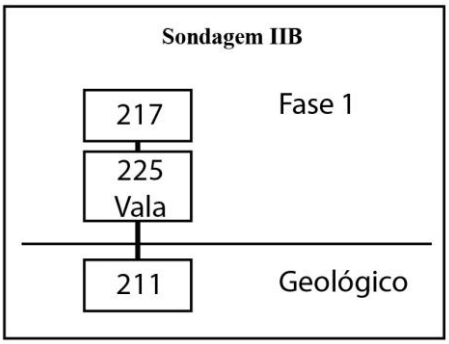
Matriz 8: Matriz estratigráfica do sector 8.



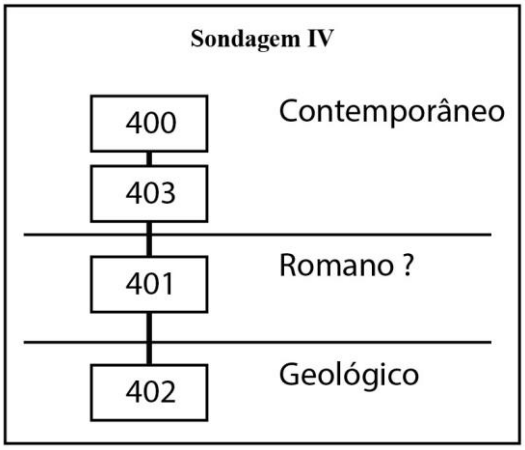
Matriz 9: Matriz estratigráfica da sondagem IA.



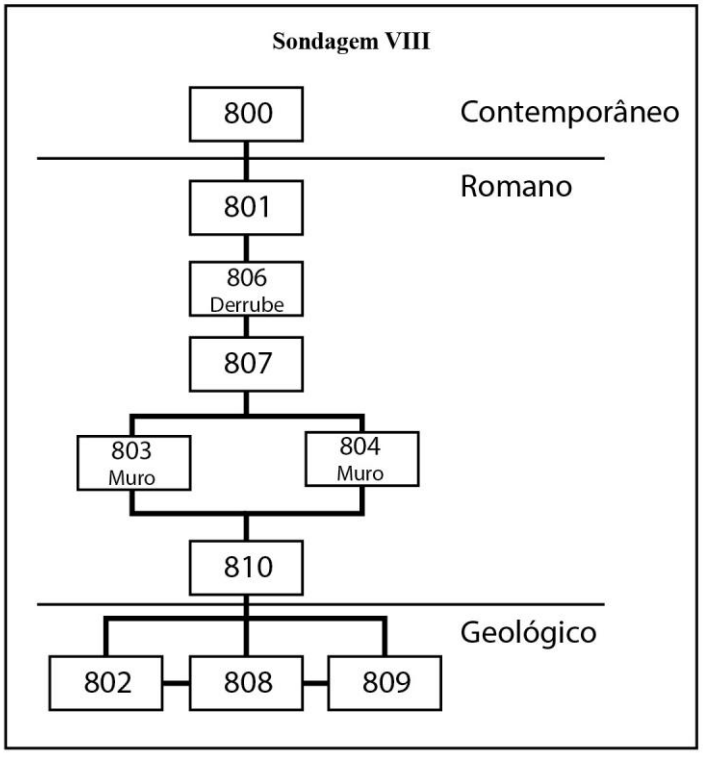
Matriz 10: Matriz estratigráfica da sondagem IIA.



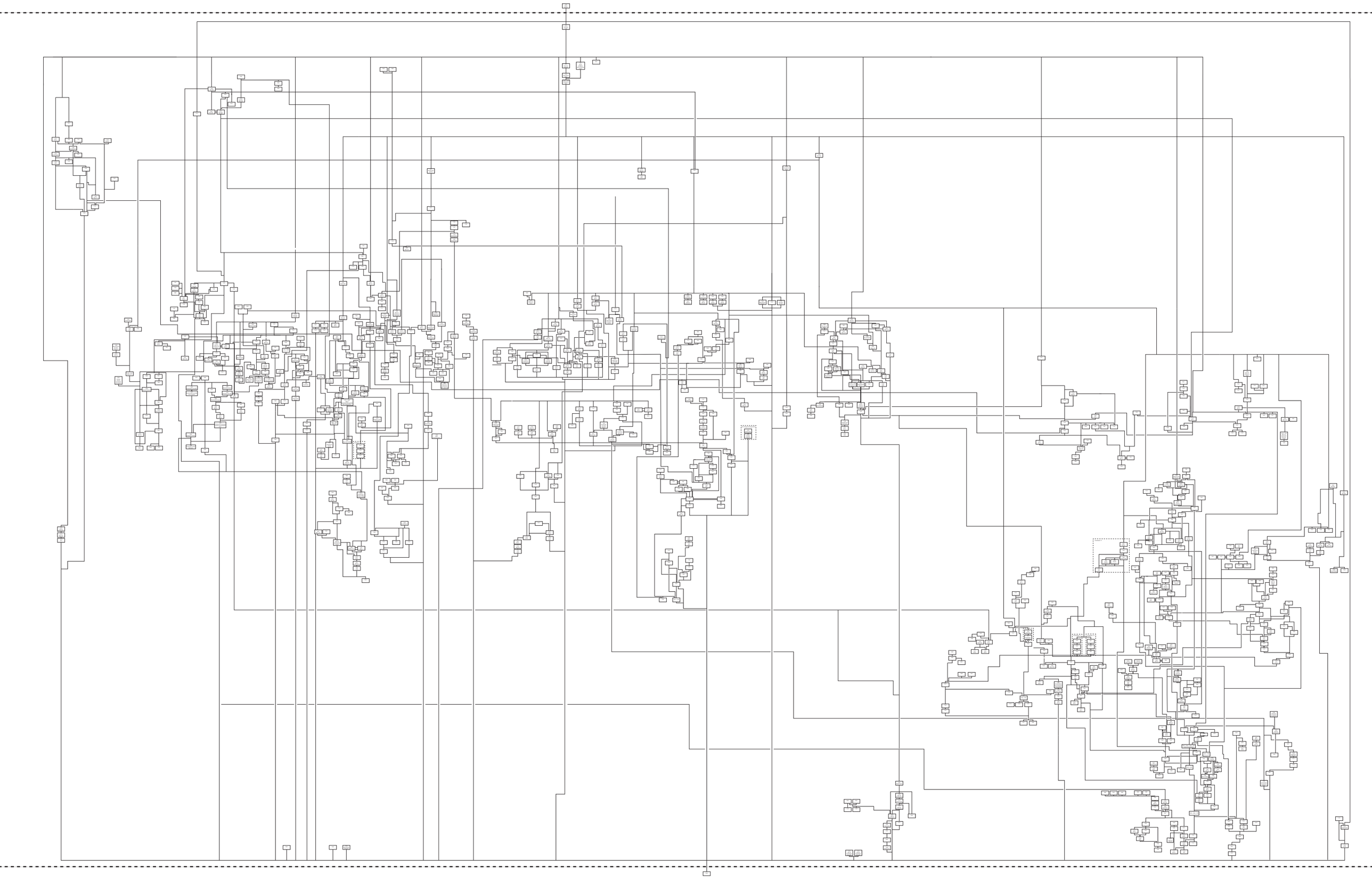
Matriz 11: Matriz estratigráfica da sondagem IIB.



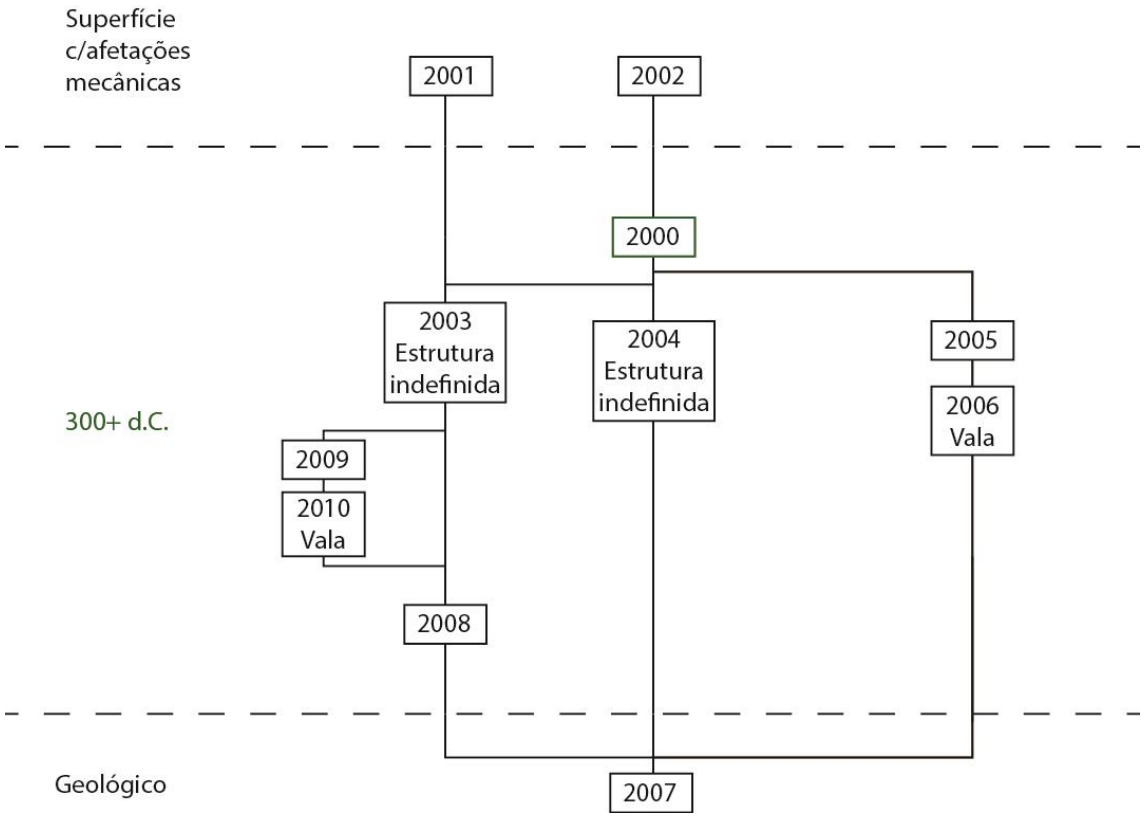
Matriz 12: Matriz estratigráfica da sondagem IV.



Matriz 13: Matriz estratigráfica da sondagem VIII.



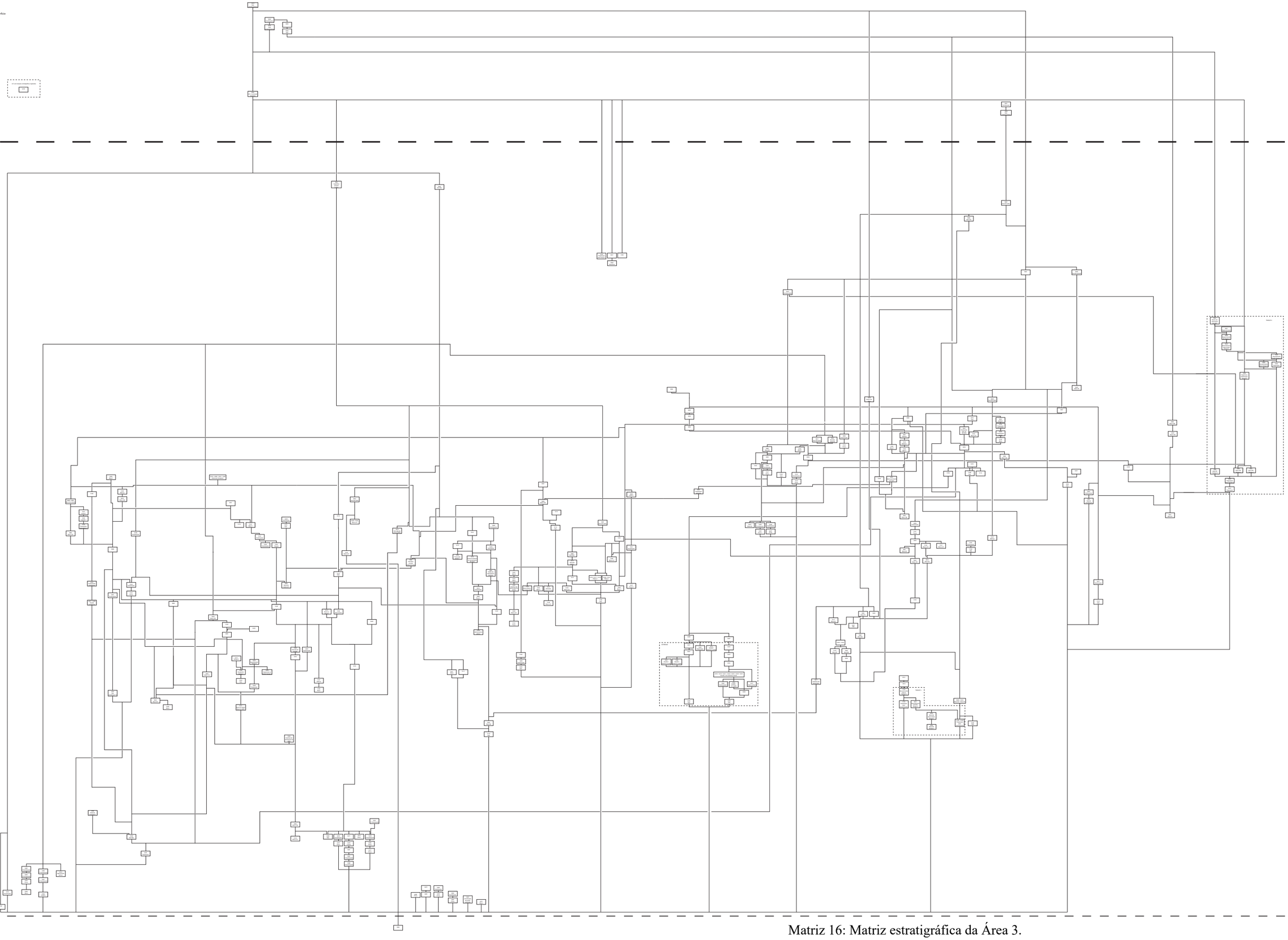
Matriz 14: Matriz estratigráfica da Área 1.



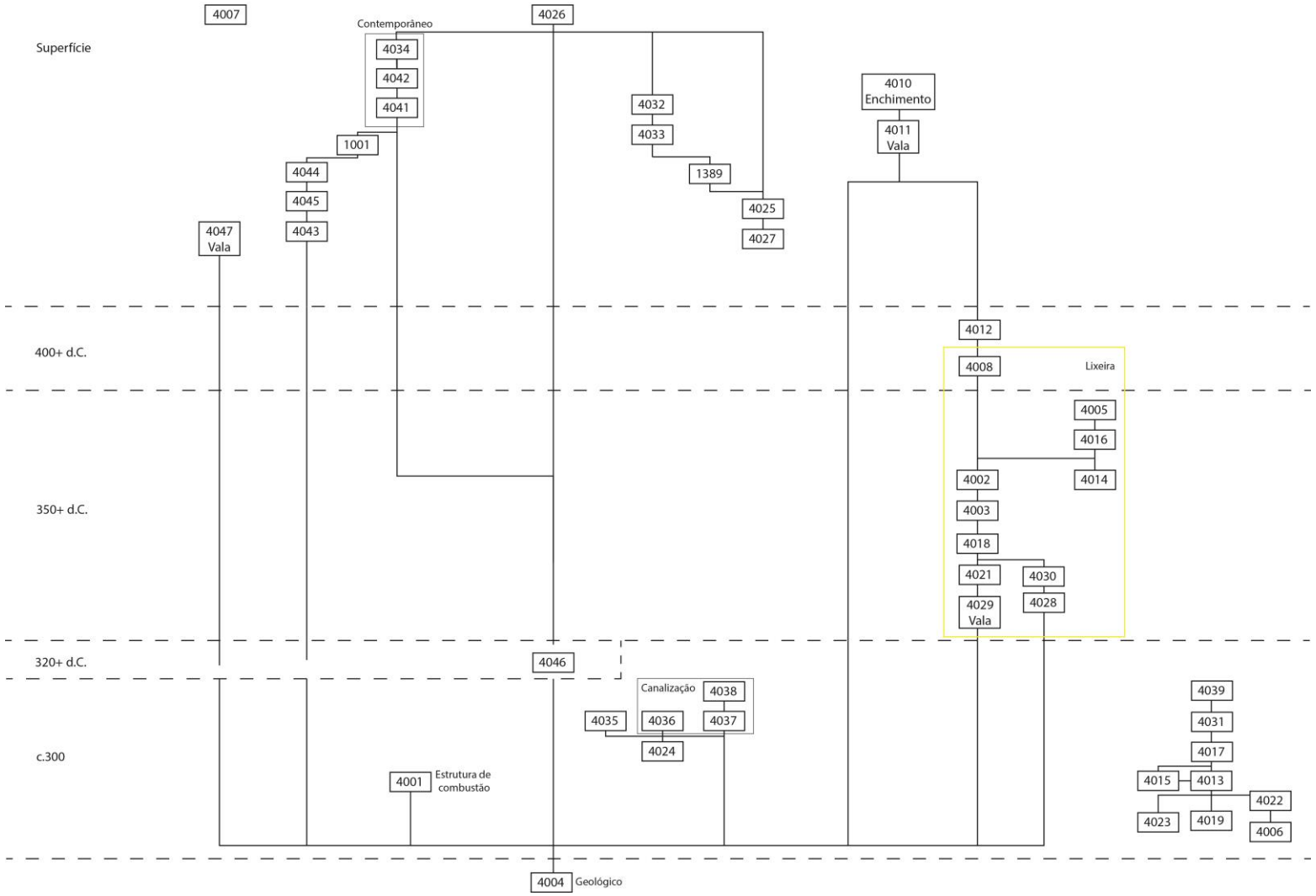
Matriz 15: Matriz estratigráfica da Área 2.

Superfície

Geológico



Matriz 16: Matriz estratigráfica da Área 3.



Matriz 17: Matriz estratigráfica da Área 4.

Anexo III

Material gráfico

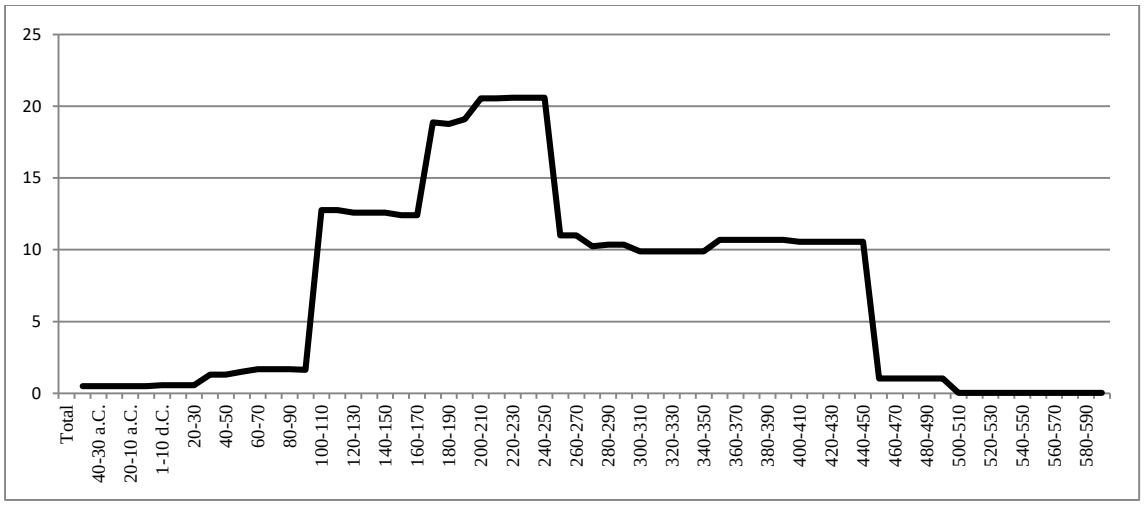


Gráfico 1: Evolução da média ponderada das importações anfóricas (NMI) nas Almoínhas, segundo os dados tipológicos.

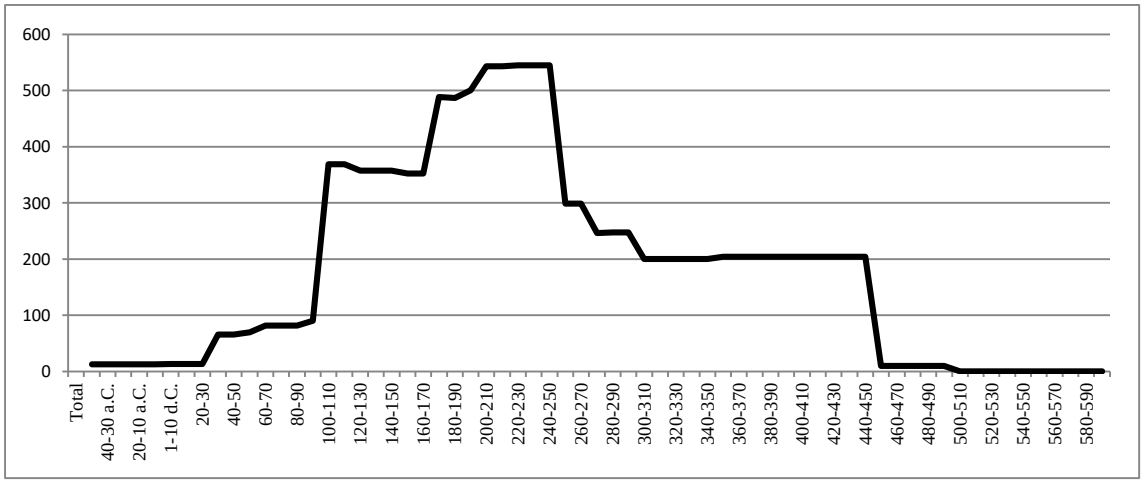


Gráfico 2: Evolução da média ponderada das importações anfóricas (litragem) nas Almoínhas, segundo os dados tipológicos.

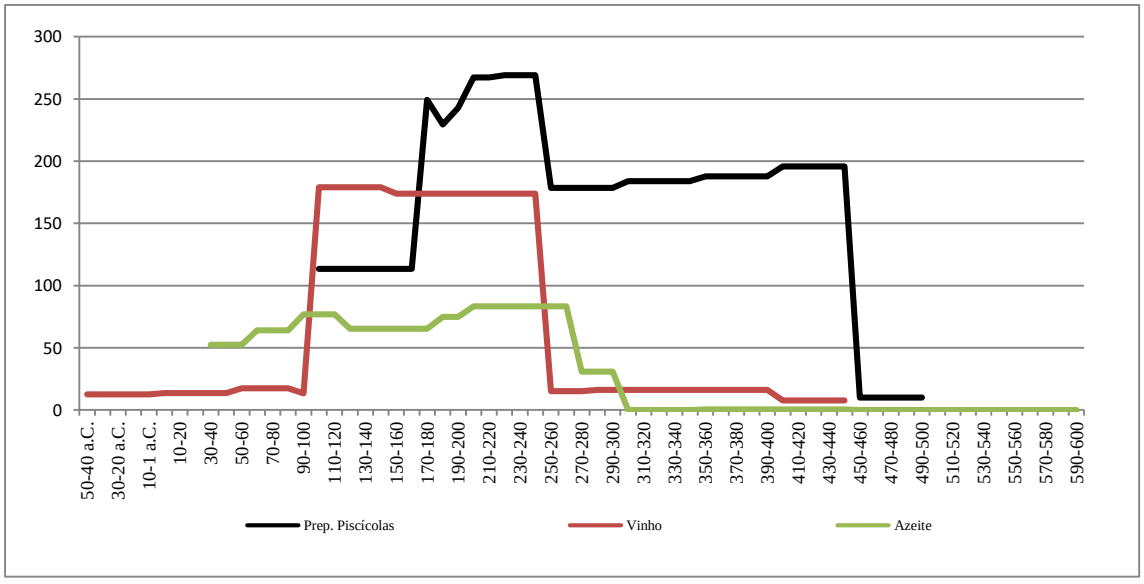


Gráfico 3: Evolução da média ponderada dos conteúdos anfóricas (litragem) nas Almoínhas, segundo os dados tipológicos.

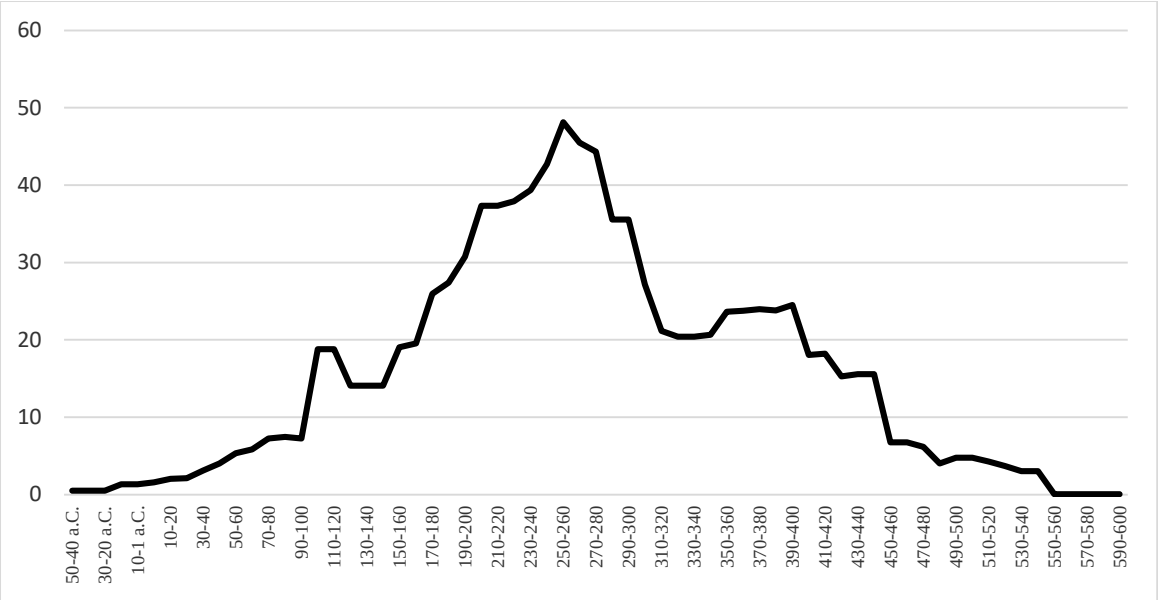


Gráfico 4: Evolução das importações de *Terra Sigillata*, CAC e ânforas segundo a média ponderada dos indivíduos por década.

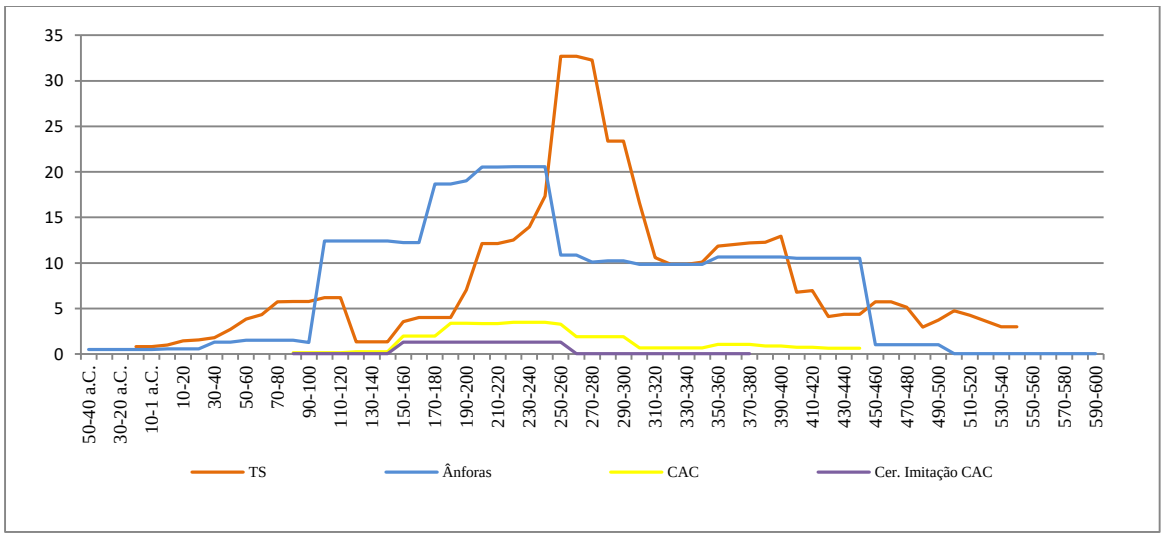


Gráfico 5: Evolução comparativa das curvas das médias ponderadas de *Terra Sigillata*, ânforas, CAC e imitações locais/regionais de CAC entre o século I a.C. e VI d.C. em Almoínhas.

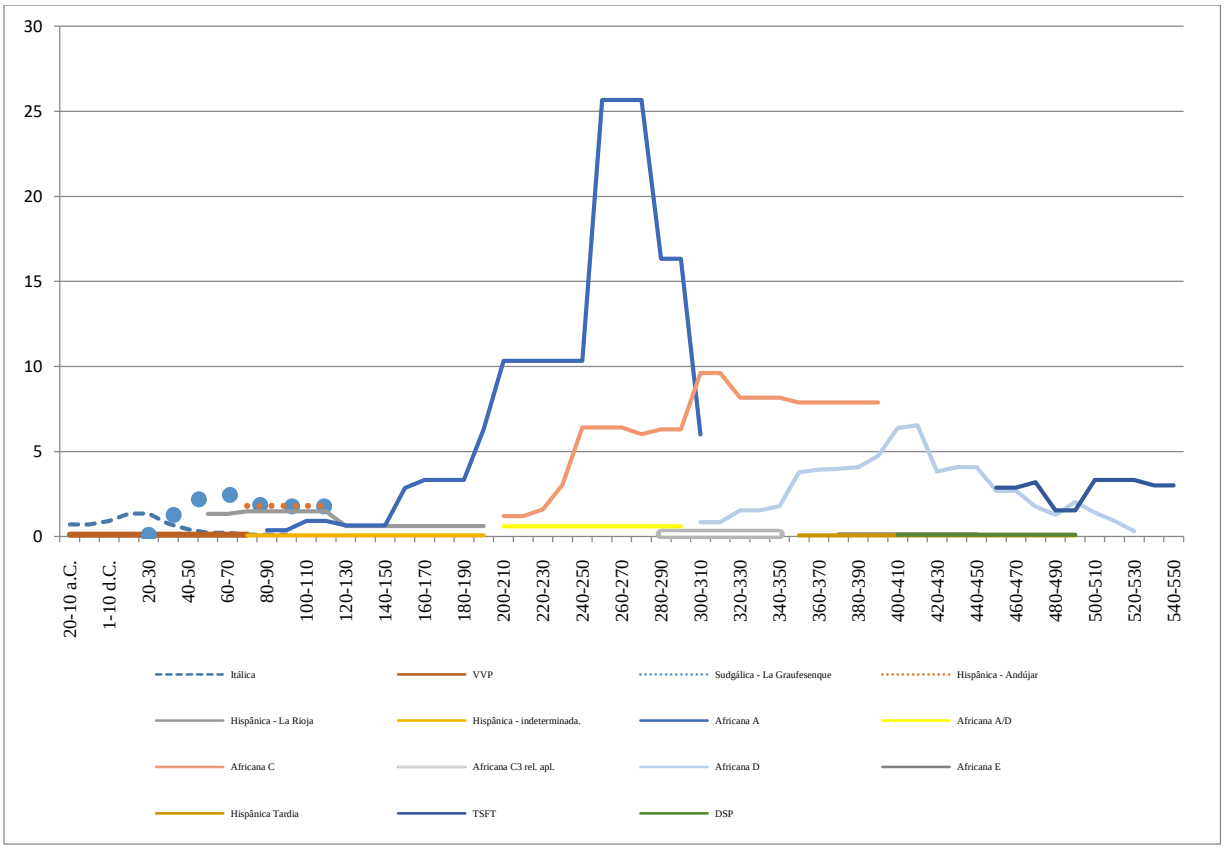


Gráfico 6: Evolução da importação de *terra sigillata* nas Almoínhas (dados de Quaresma, 2018, 2018-2019 e 2019).

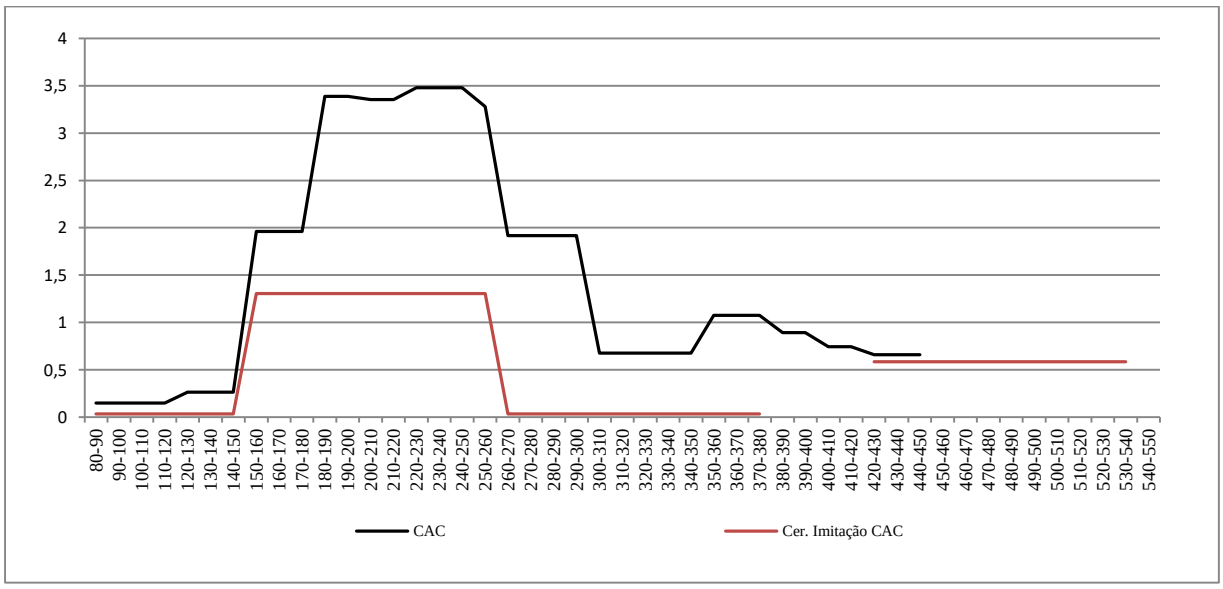


Gráfico 7: Evolução da curva de importação média de CAC e cerâmica local/regional de imitação de CAC em Almoínhas entre 80 d.C. e 550 d.C..

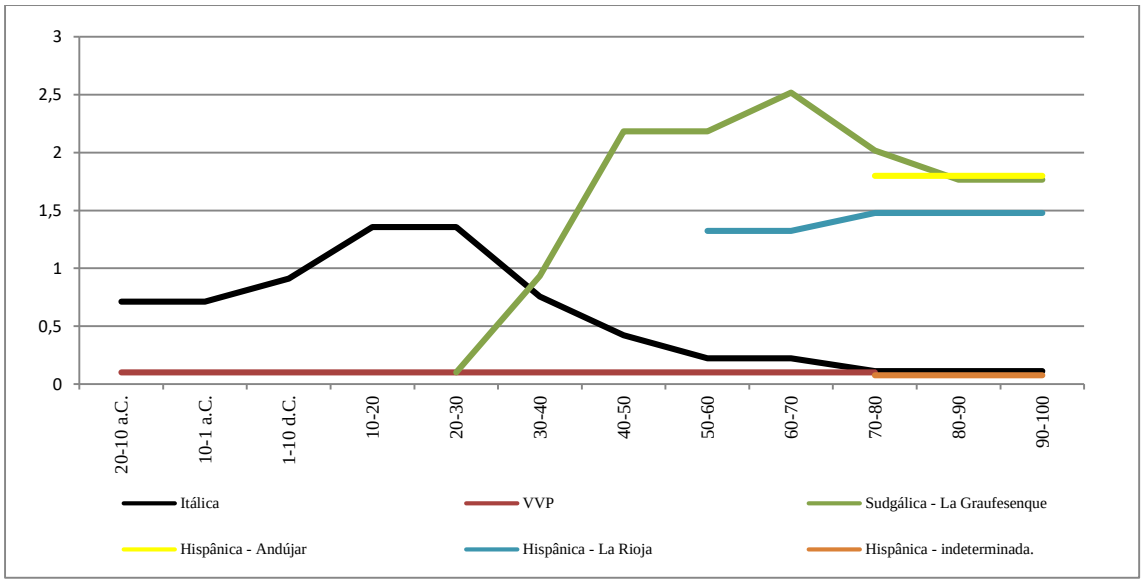


Gráfico 8: Evolução do consumo de *terra sigillata* e Verniz Vermelho Pompeiano (VVP) entre 20 a.C. e 100 d.C., segundo a média ponderada por década.

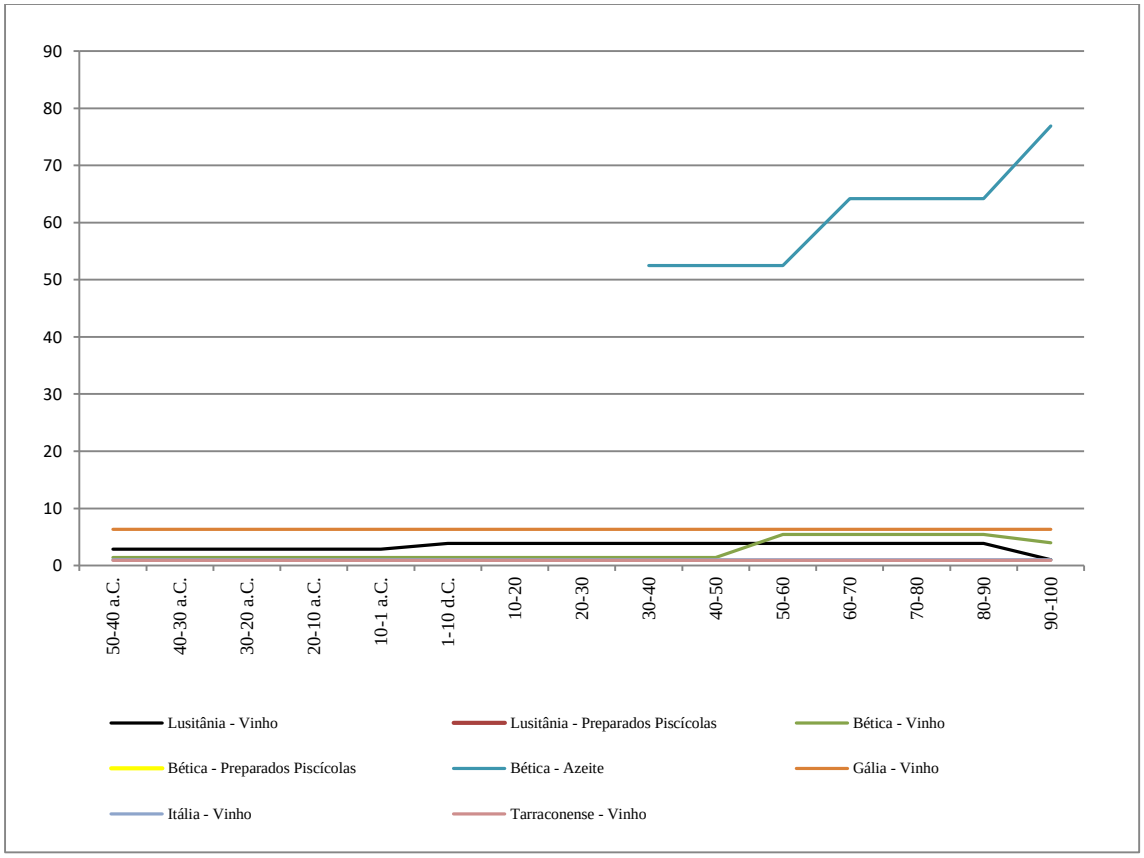


Gráfico 9: Evolução da curva de importação de conteúdos das ânforas até 100 d.C., segundo a média ponderada da litragem por década.

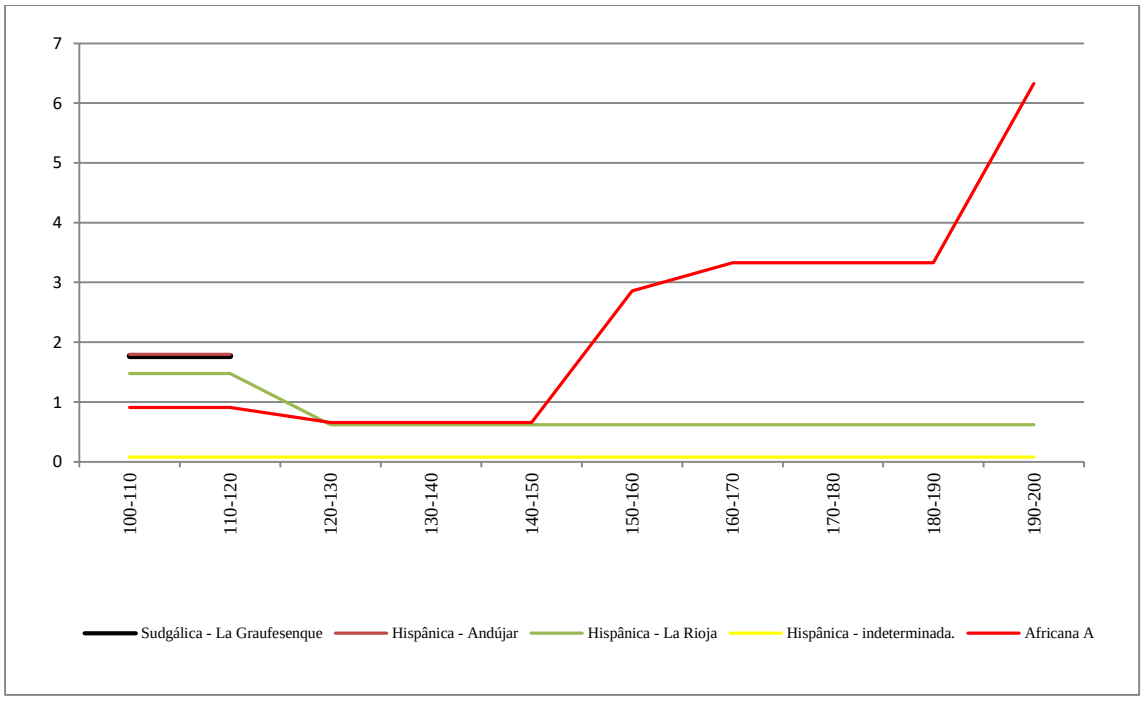


Gráfico 10: Evolução do consumo de *terra sigillata* no século II d.C. de acordo com a média ponderada por década.

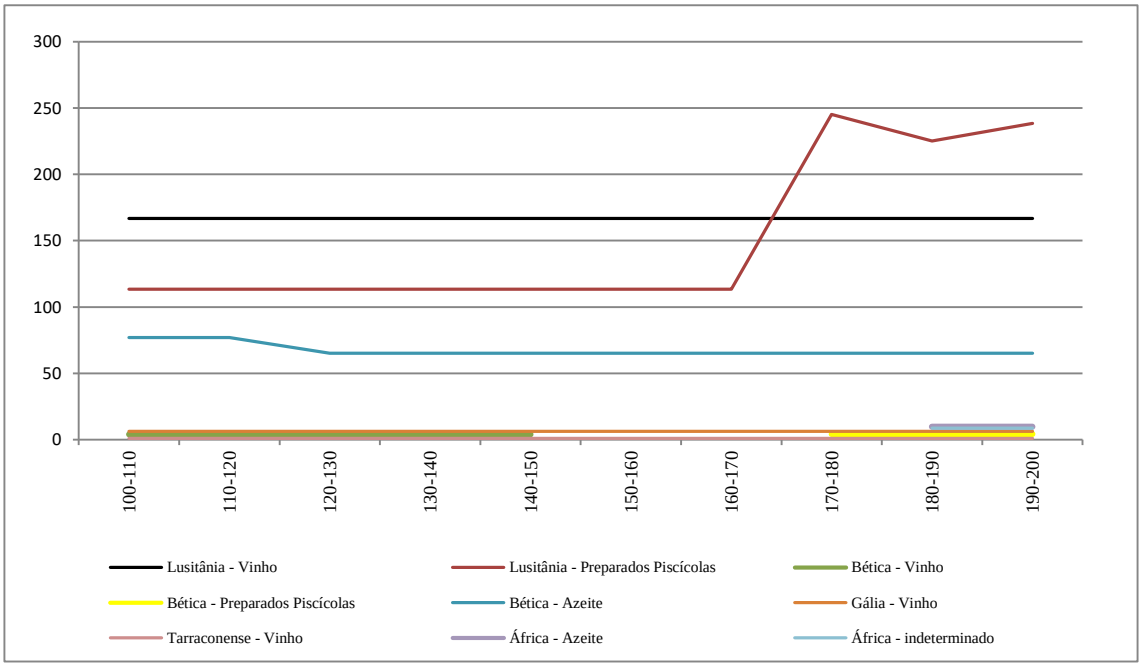


Gráfico 11: Evolução da curva de importação média de conteúdos anfóricos (litragem) durante o século II d.C.

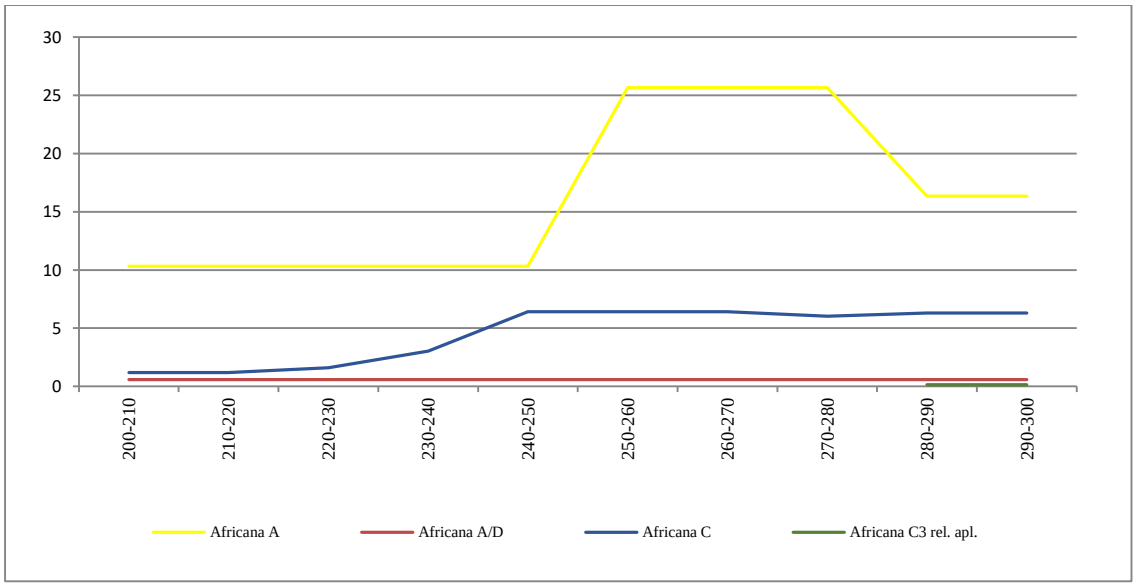


Gráfico 12: Evolução das curvas de importação de *terra sigillata* em Almoínhas no século III d.C. segundo a média ponderada.

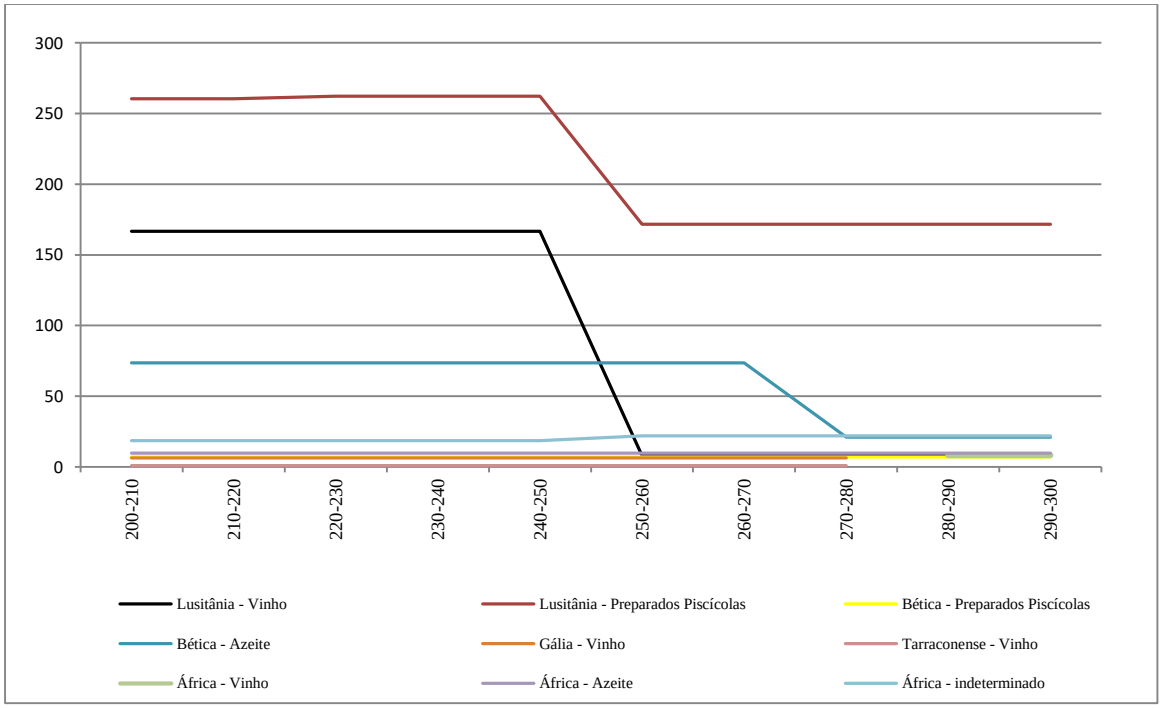


Gráfico 13: Evolução da curva de importações médias de conteúdos anfóricos (litragem) ao longo do século III d.C. em Almoínhas.

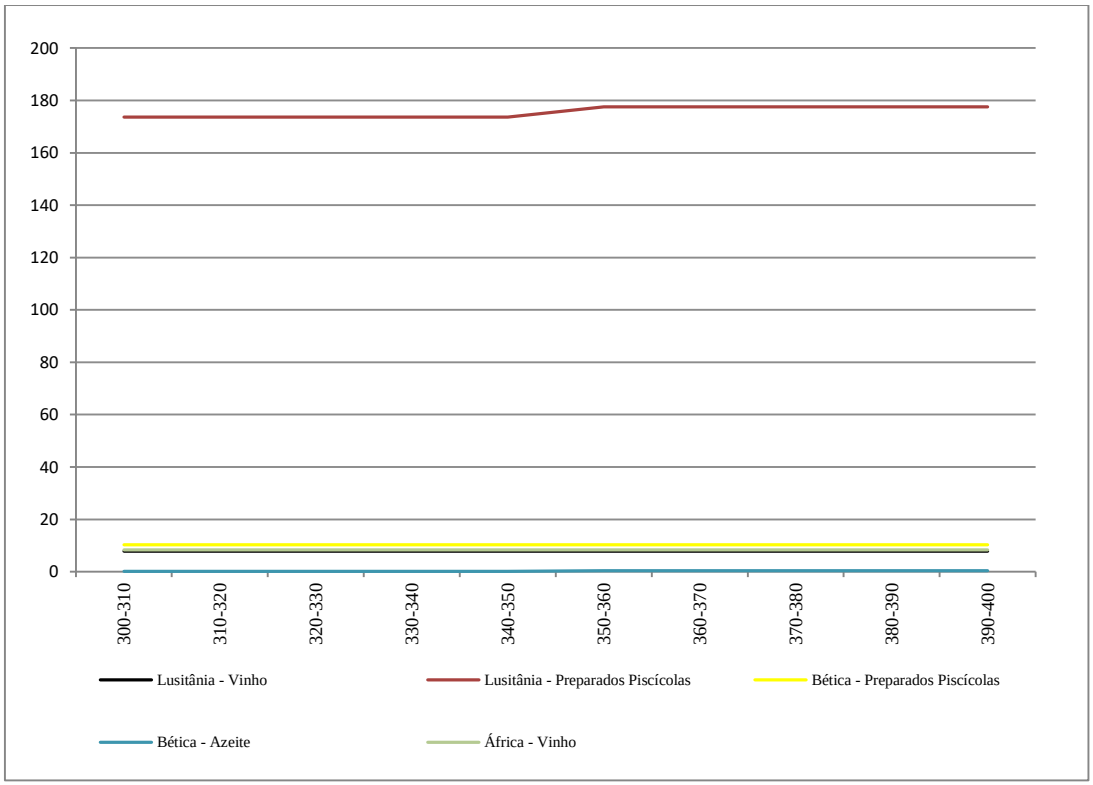


Gráfico 14: Evolução das curvas das médias ponderadas do consumo anfórico por conteúdo (litragem) no século IV d.C. em Almoínhas.

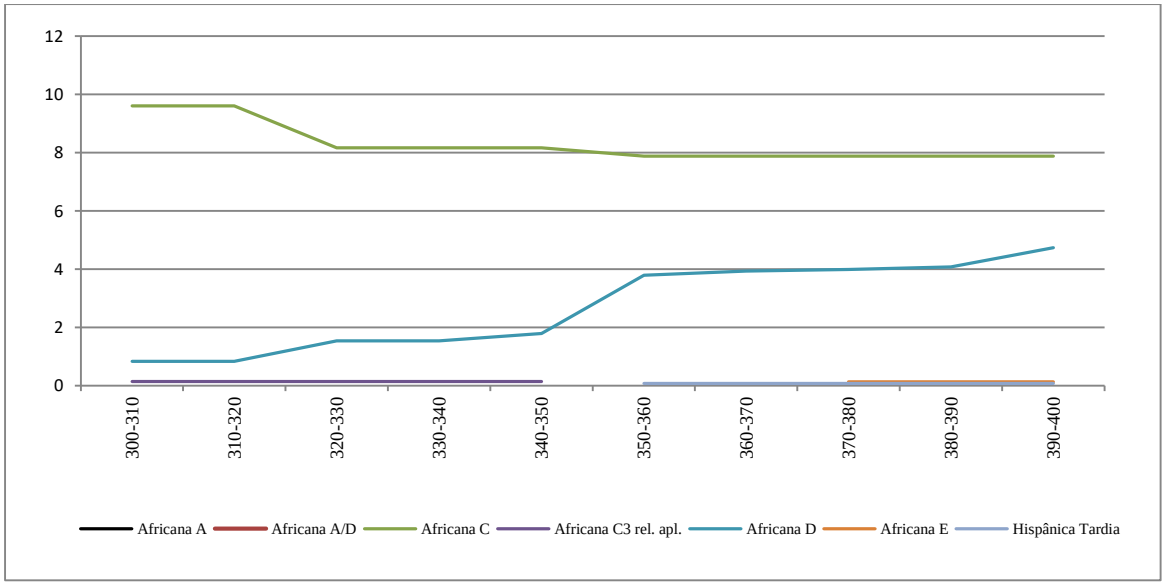


Gráfico 15: Evolução das importações de *terra sigillata* em Almoínhas no século IV d.C. segundo a média ponderada.

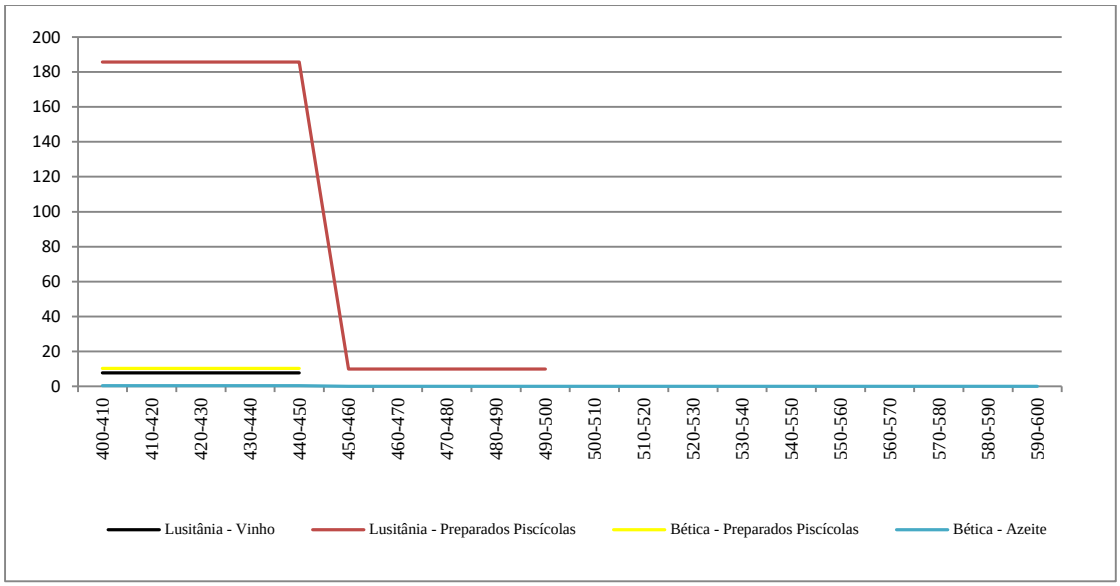


Gráfico 16: Evolução do consumo de bens alimentares em ânforas segundo a média ponderada (litragem) entre os séculos V e VI d.C. em Almoínhas.

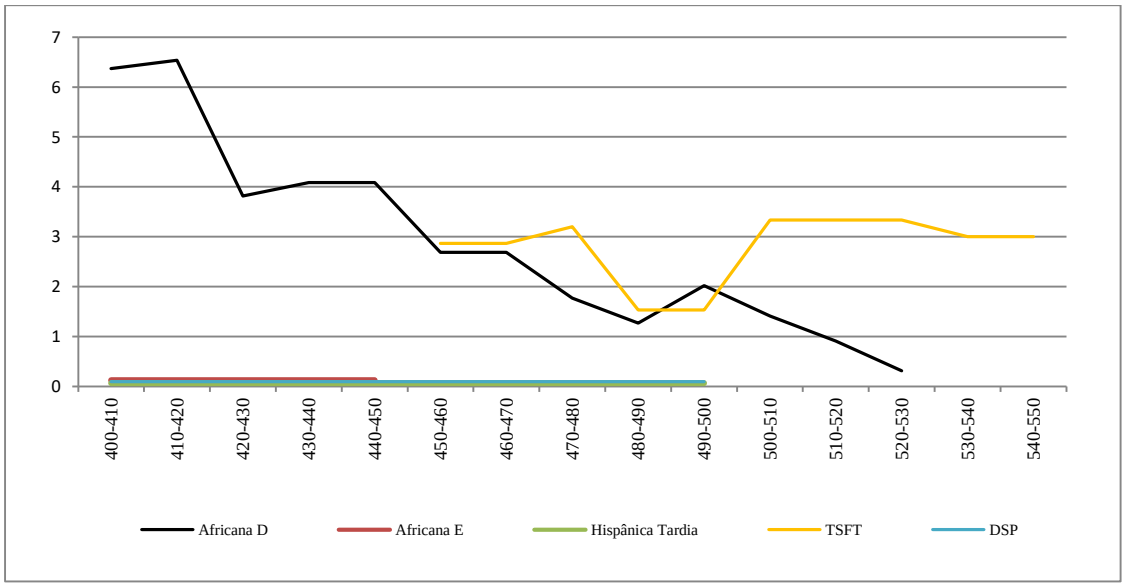


Gráfico 17: Evolução da importação média de *terra sigillata* em Almoínhas nos séculos V e VI d.C..

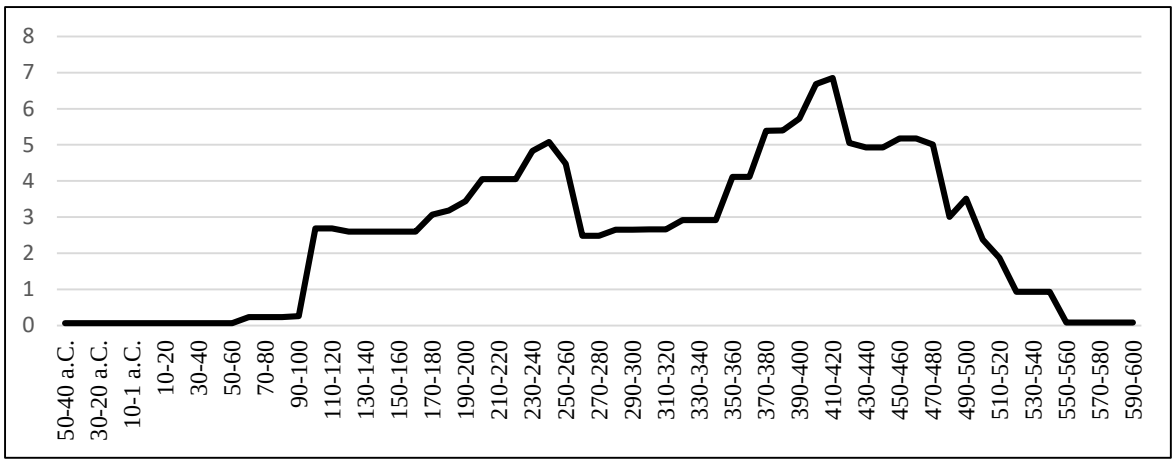


Gráfico 18: Curva de evolução da média ponderada das importações globais da *villa* de Frielas.

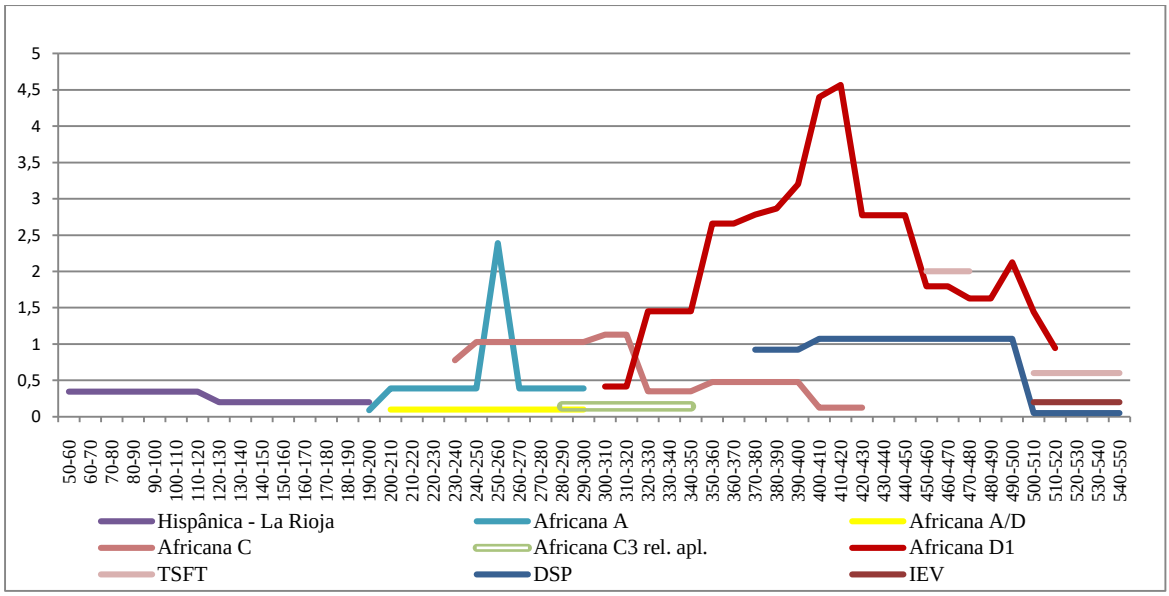


Gráfico 19: Evolução das importações médias de *terra sigillata* em Frielas (dados segundo Quaresma, 2017a).

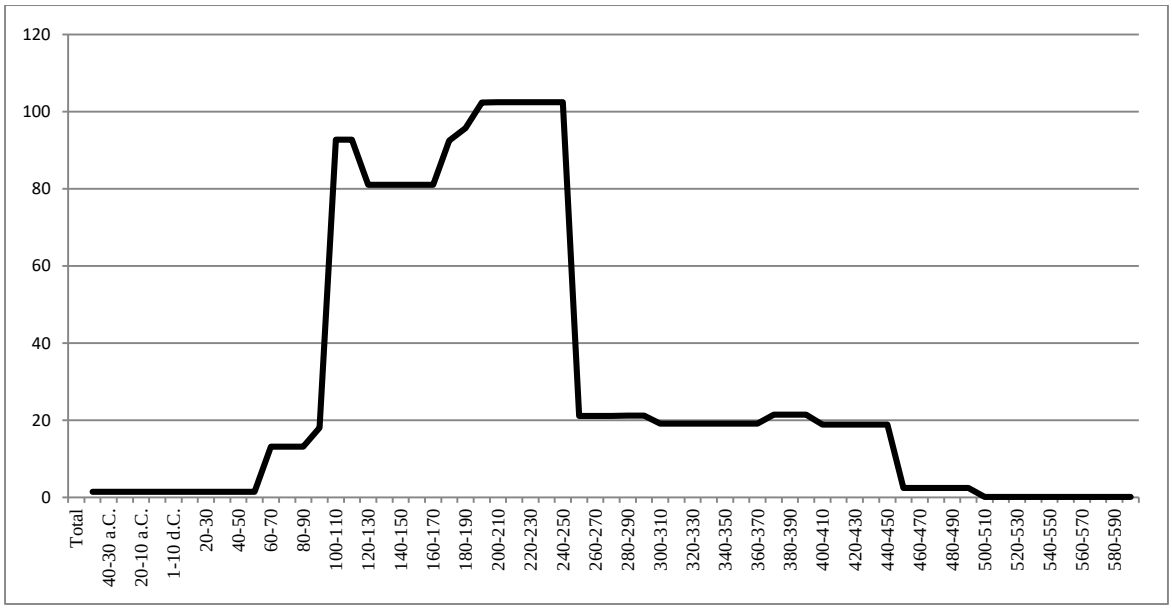


Gráfico 20: Evolução das importações anfóricas de Frielas (litragem) (dados de Policarpo, 2009 e inéditos).

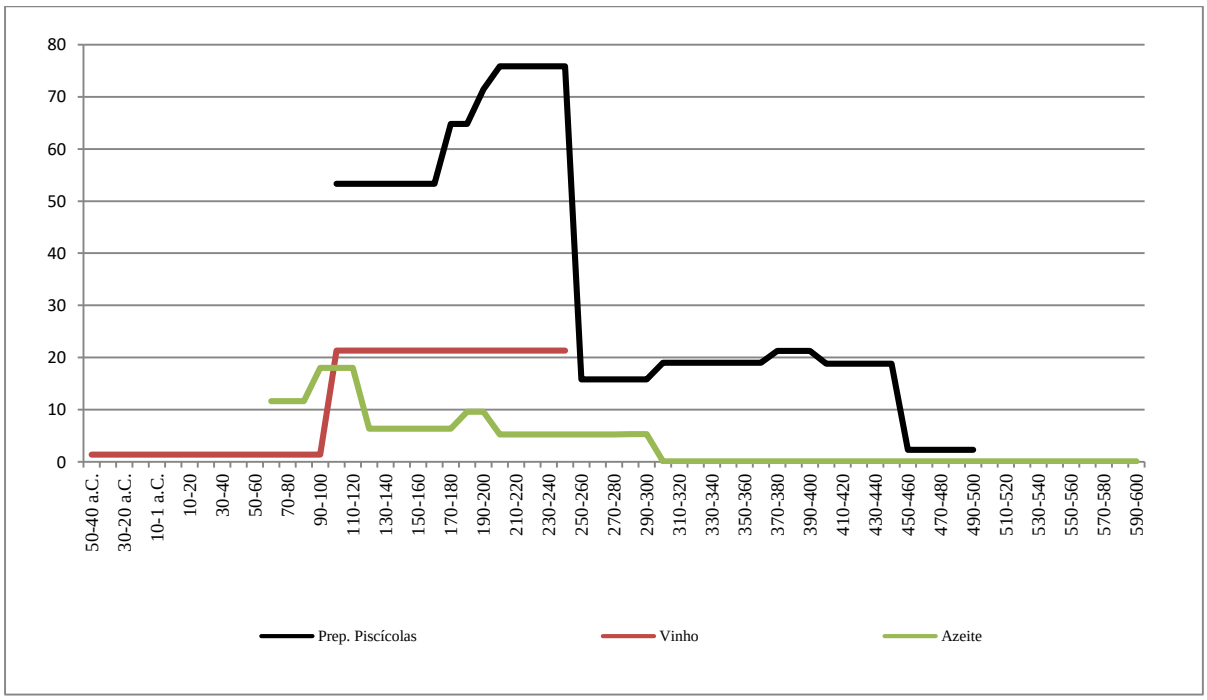


Gráfico 21: Evolução do consumo de bens alimentares em ânfora em Frielas, segundo a média ponderada de litros por década.

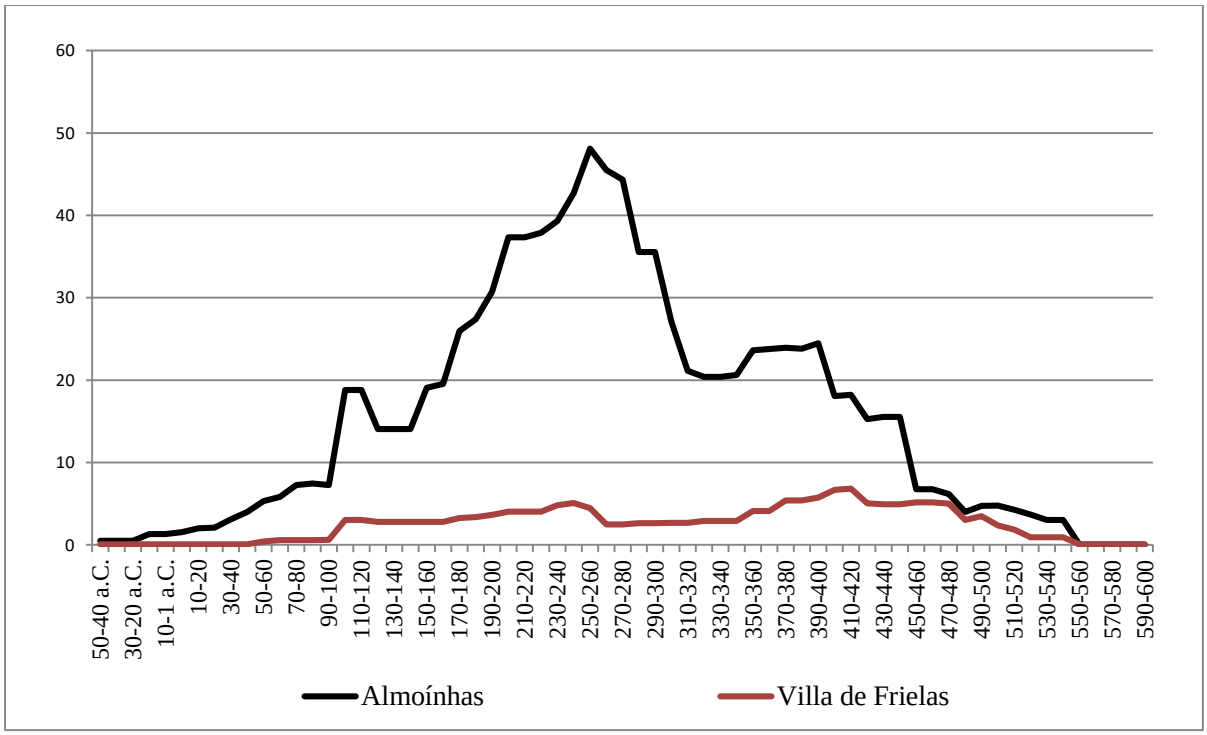


Gráfico 22: Comparação das curvas de importação totais entre Almoínhas e Frielas.

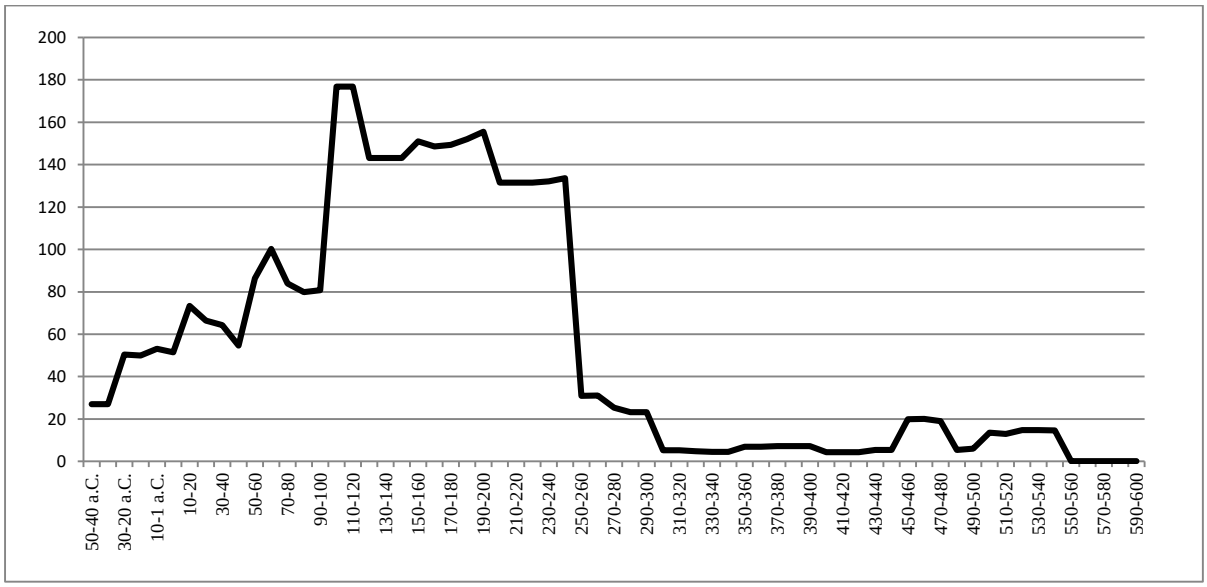


Gráfico 23: Evolução da curva total das importações em *Olisipo* (ânforas e *terra sigillata*).

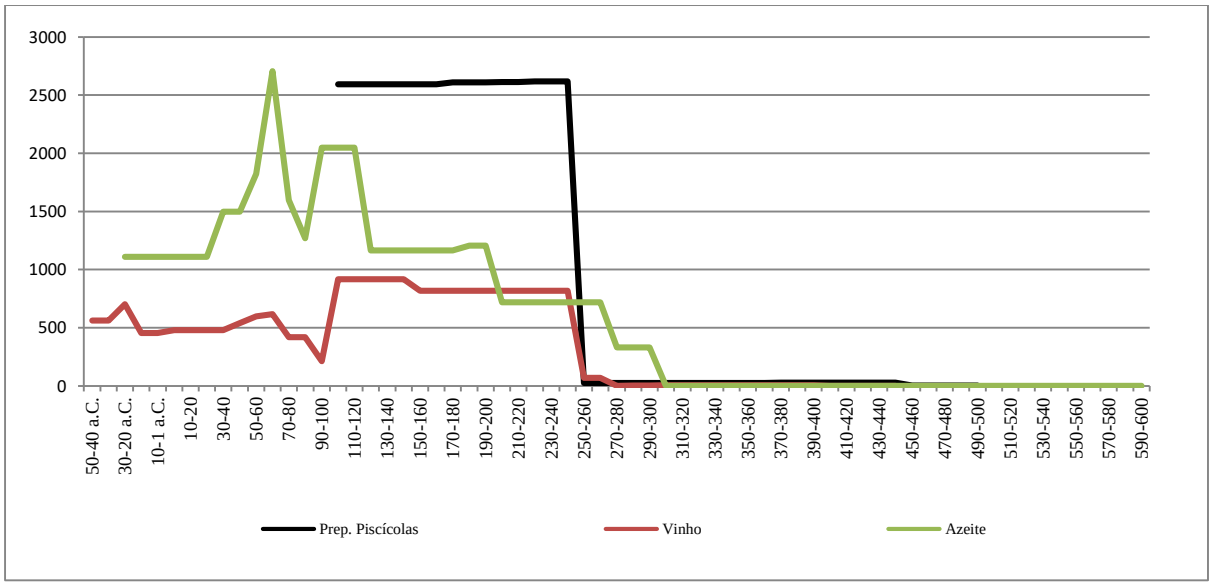


Gráfico 24*:* Evolução da média ponderada de consumo dos bens alimentares em ânfora (litragem) entre o século I a.C. e VI d.C. em *Olisipo* (segundo Filipe, 2019; Almeida e Filipe, 2013; Gomes, Ponce e Filipe, 2017; Pimenta, 2005; Amaro, Manso e Sepúlveda, 2013; Pinheiro, Santos e Rebelo, 2013; Quaresma et alli, 2017; Amaro e Sepúlveda, 2015; Quaresma, 2020b; Carvalhinhos, Mota e Miranda, 2017)

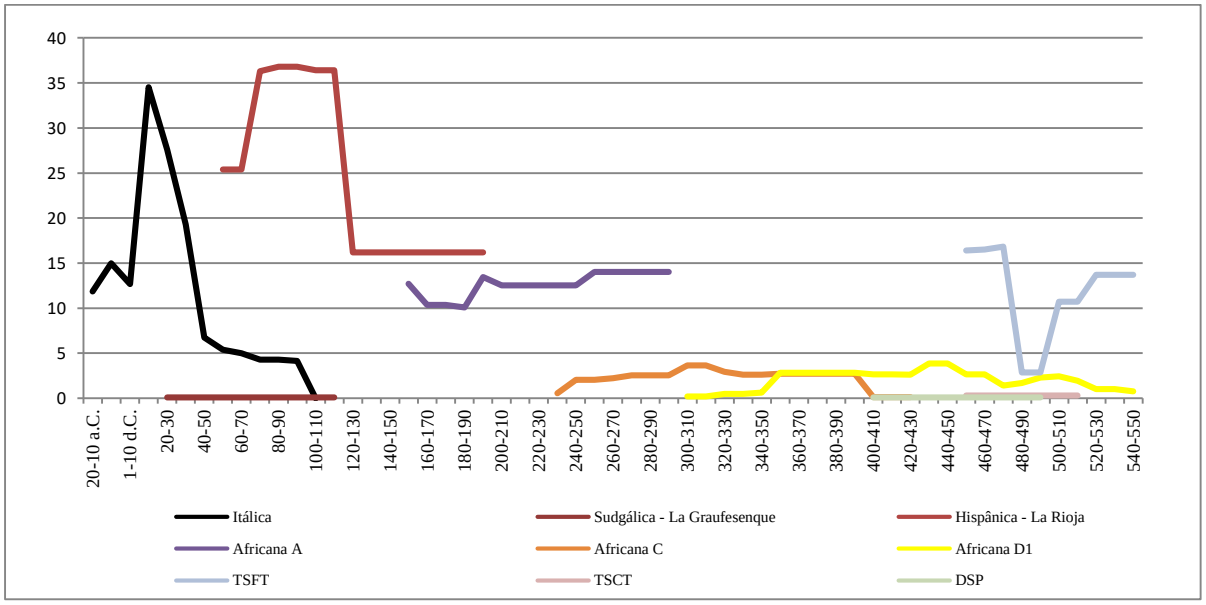


Gráfico 25: Evolução das importações de *terra sigillata* em *Olisipo* (segundo Santos, 2015; Amaro e Sepúlveda, 2015; Guimarães e Silva, 2017; Quaresma, 2020b; Quaresma e Silva, 2019; Bolila, 2011; Ribeiro, 2010; Cabaço, Sarrazola, Silva, Carvalho e Lourenço, 2017; Gaspar e Gomes, 2007; Gomes, Ponce e Filipe, 2017; Amaro, Manso e Sepúlveda, 2013; Casimiro e Silva, 2013; Sepúlveda, Vale, Sousa, Santos e Guerreiro, 2002; Filipe, 2011; Silva, 2018).

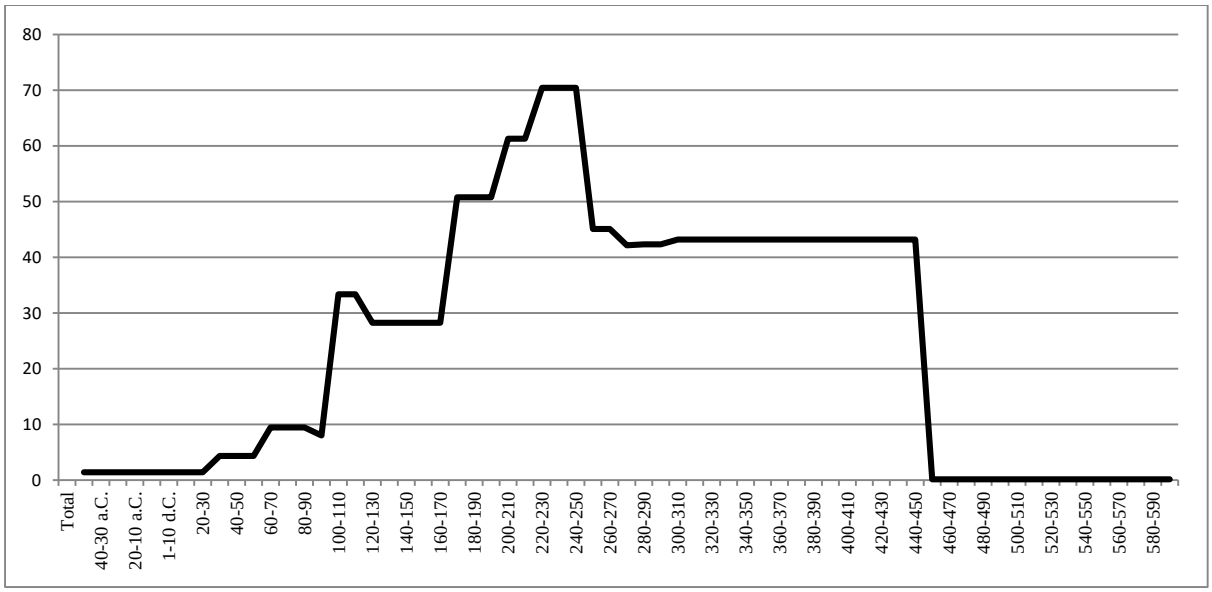


Gráfico 26*:* Evolução das importações anfóricas (litragem) na Quinta da Bolacha (segundo Quaresma, 2017c).

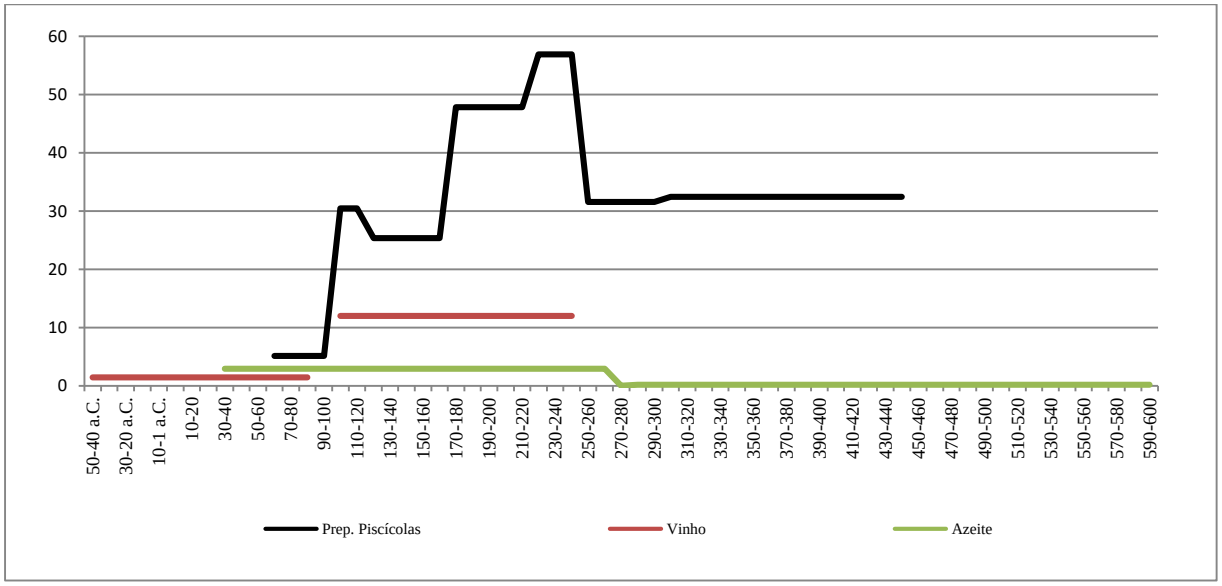


Gráfico 27: Evolução comparativa do consumo de bens alimentares em ânfora (litragem) na Quinta da Bolacha (segundo Quaresma, 2017c).

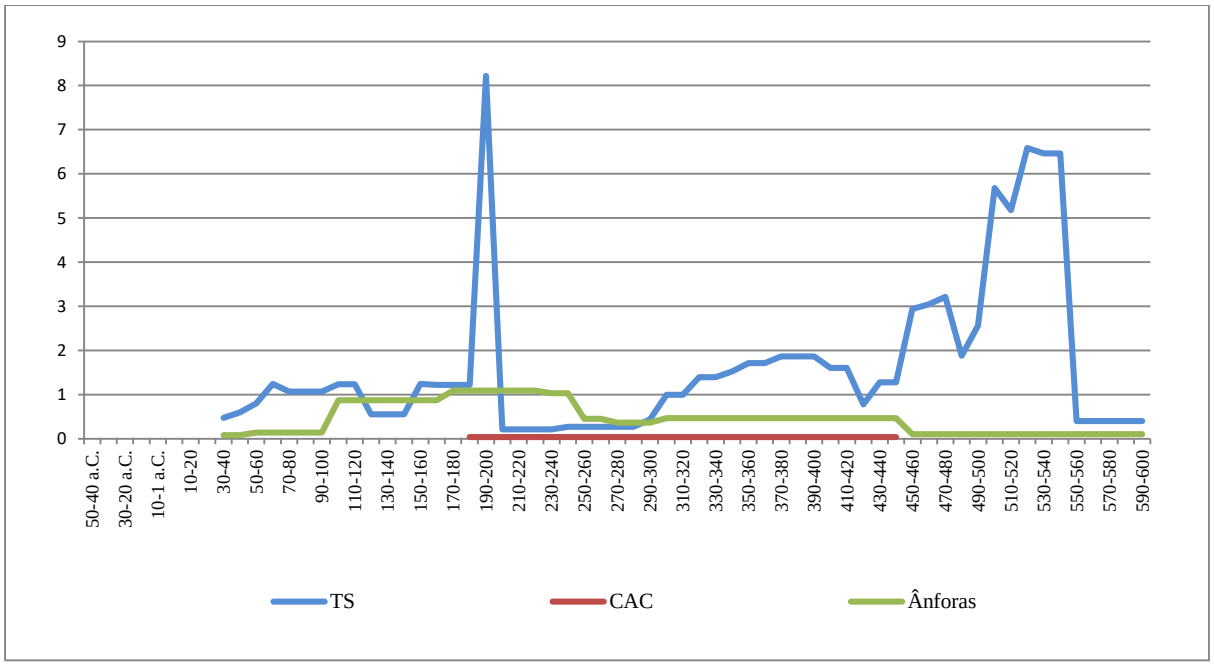


Gráfico 28*:* Evolução comparativa das curvas de consumo de *terra sigillata*, CAC e ânforas no sítio do Alto do Cidreira (segundo Sepúlveda, Bolila e Santos, 2014-2015; Cardoso, 2018).

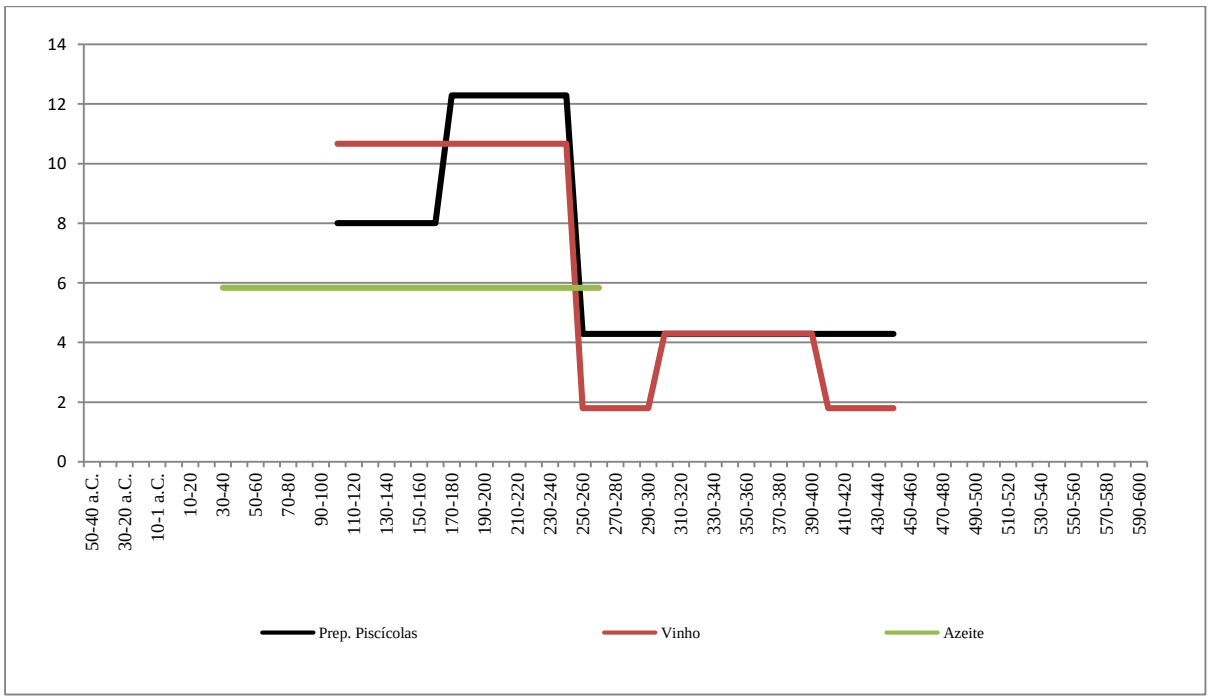


Gráfico 29: Evolução comparativa do consumo de bens alimentares em ânfora (litragem) no sítio do Alto do Cidreira (segundo Cardoso, 2018).

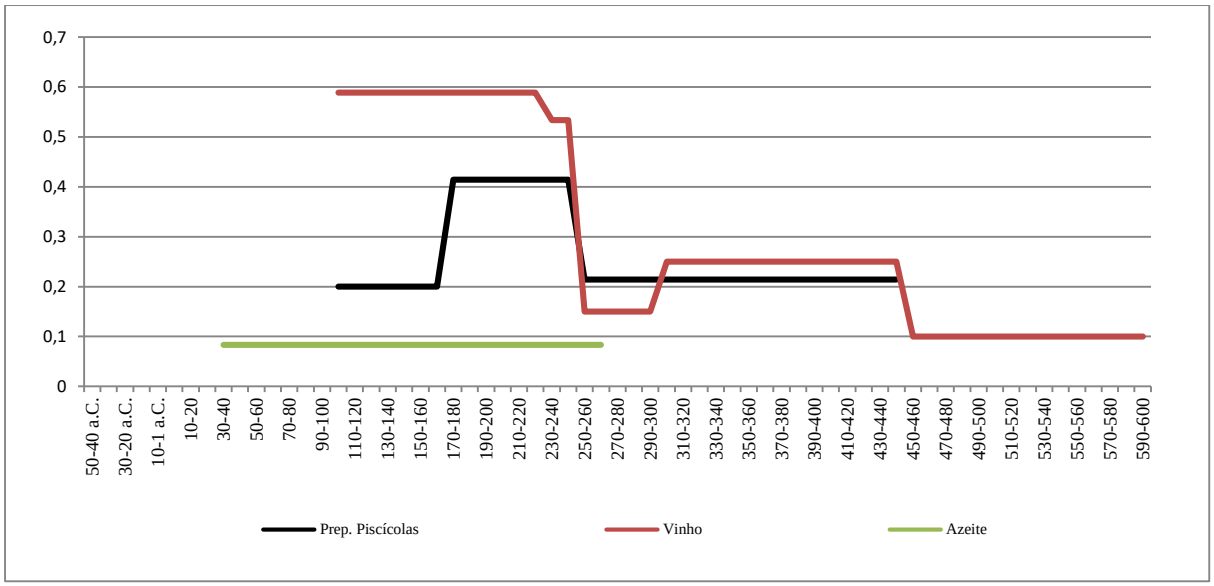


Gráfico 30: Evolução comparativa do consumo de bens alimentares em ânfora (indivíduos) no sítio do Alto do Cidreira (segundo Cardoso, 2018).

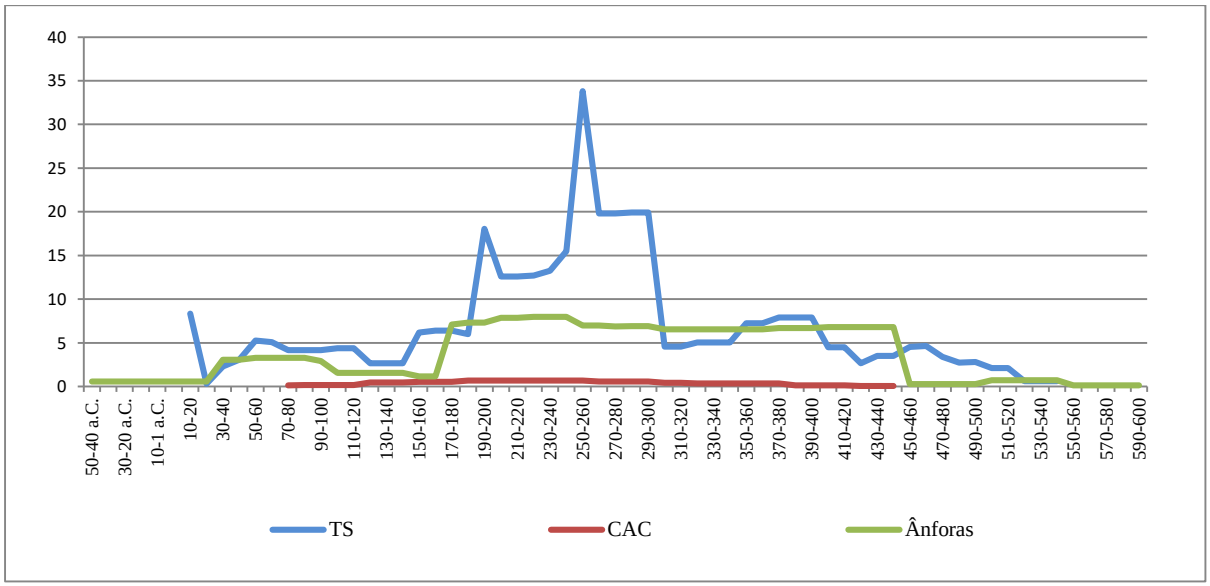


Gráfico 31: Evolução comparativa das curvas de consumo de terra sigillata, CAC e ânforas de Alter do Chão - Casa da Medusa (segundo Quaresma e António, 2017). As fases alto-imperiais não estão totalmente representadas, já que o espólio proveniente das U.E tardo-antigas não foi quantificado pelos autores do estudo.

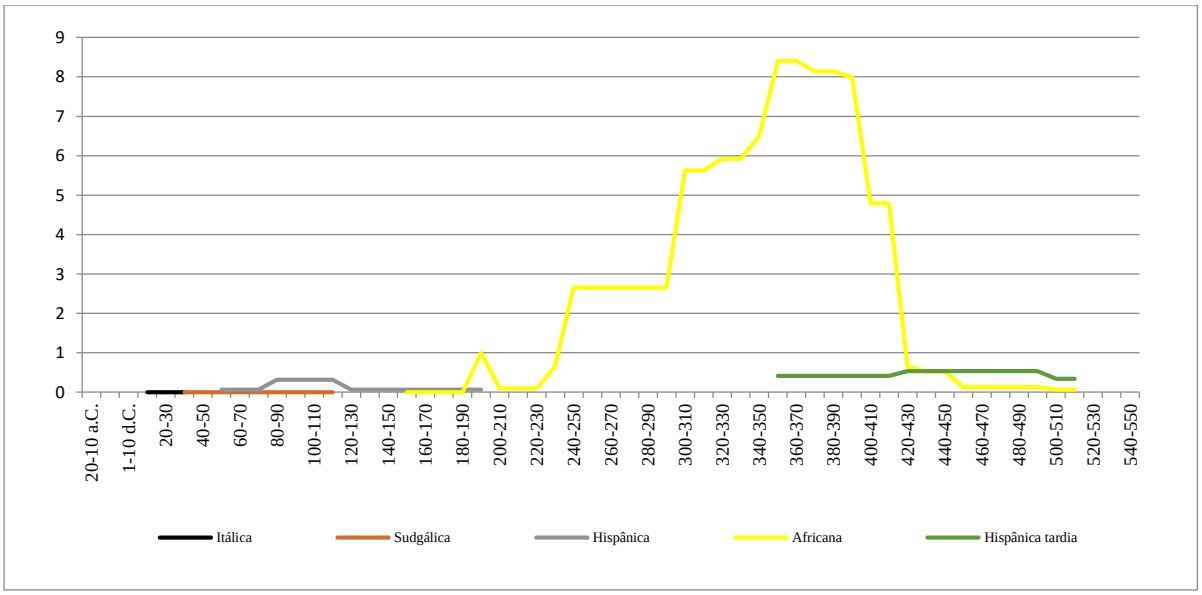


Gráfico 32: Evolução do consumo de *terra sigillata* em Alter do Chão (segundo Quaresma e António, 2017).

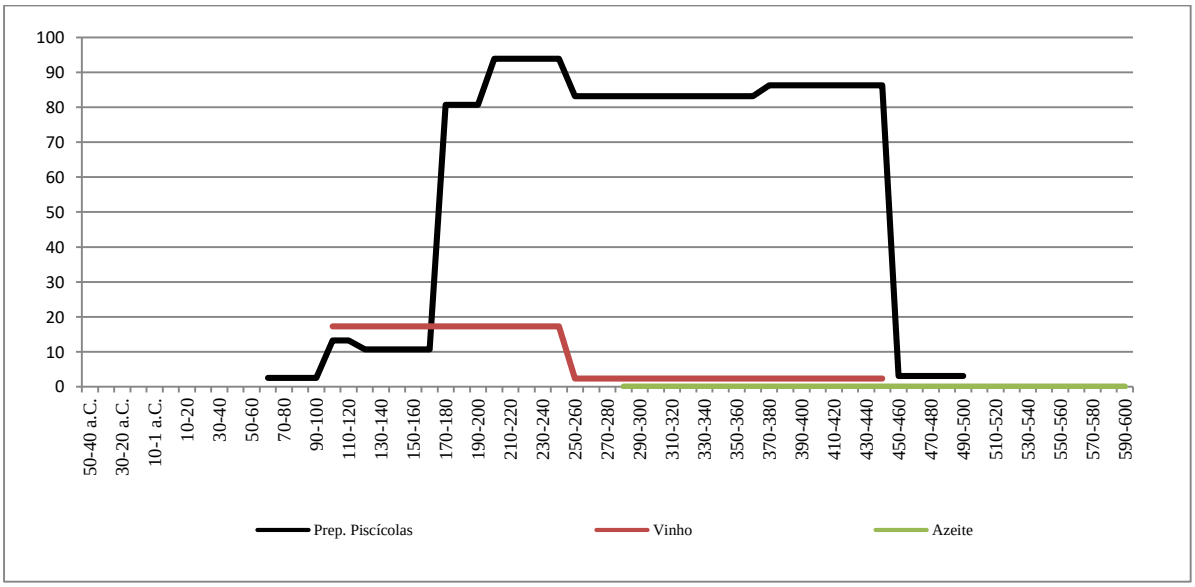


Gráfico 33: Evolução comparativa do consumo de bens alimentares em ânfora (litragem) em Alter do Chão (segundo Quaresma e António, 2017).

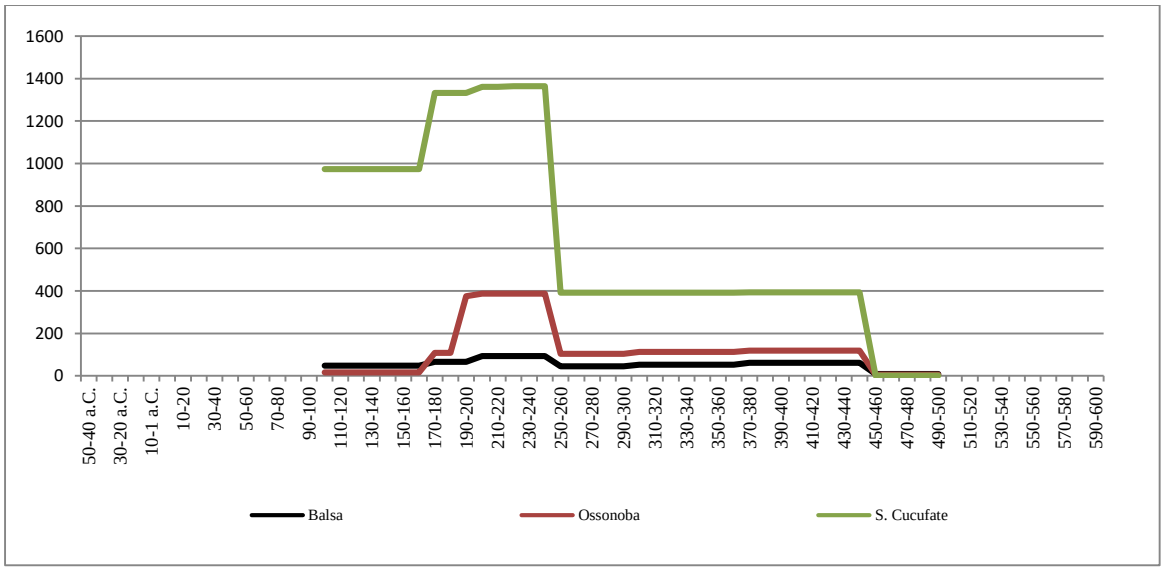


Gráfico 34: Evolução comparativa do consumo de preparados piscícolas (litragem) entre *Balsa*, *Ossonoba* e São Cucufate (segundo Viegas, 2011; Pinto e Lopes, 2006).

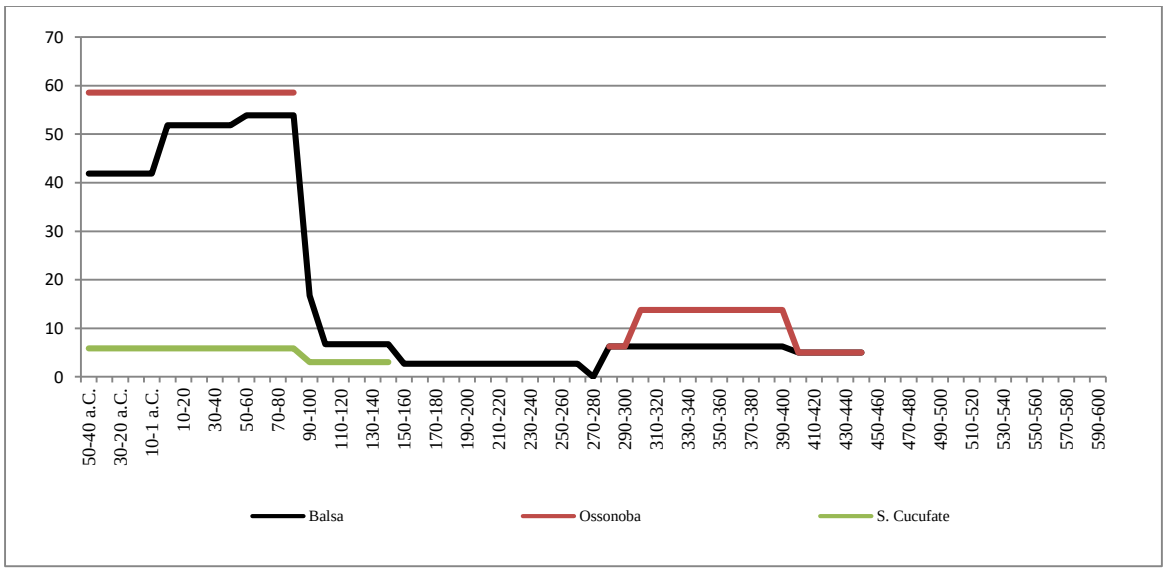


Gráfico 35: Evolução comparativa do consumo de produtos vinícolas (litragem) entre *Balsa*, *Ossonoba* e São Cucufate (segundo Viegas, 2011; Pinto e Lopes, 2006).

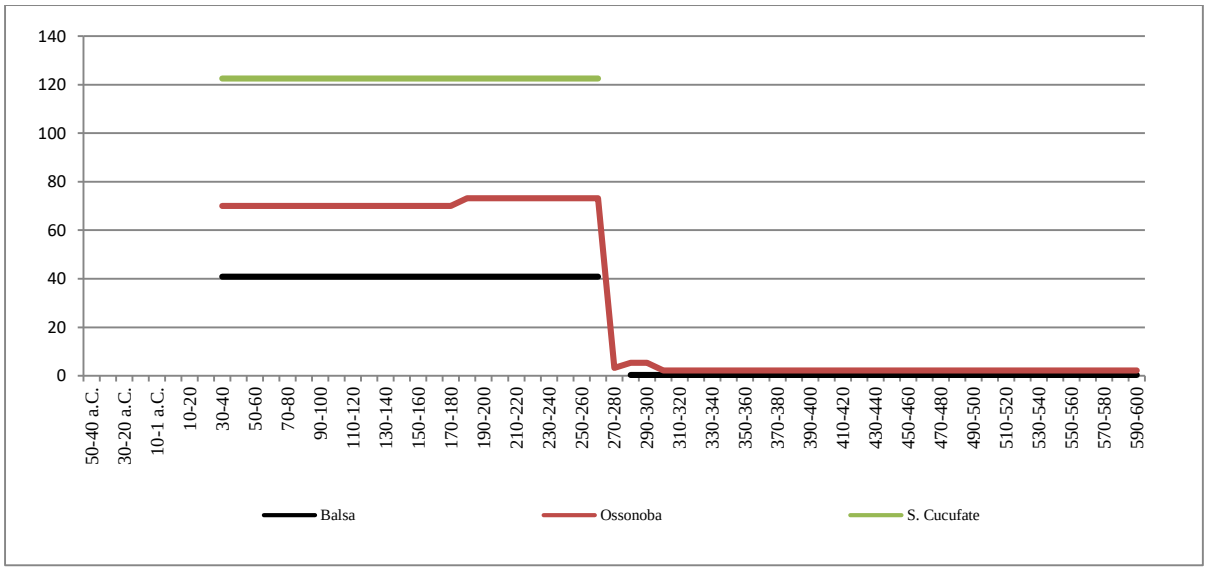


Gráfico 36 : Evolução comparativa do consumo de azeite (litragem) entre *Balsa*, *Ossonoba* e São Cucufate (segundo Viegas, 2011; Pinto e Lopes, 2006).

Anexo IV

Tabelas de Quantitativos gerais e por fase estratigráfica das Almoínhas

Origem	Tipo	NMI	% do total
Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	25	87,0%
	Keay XVI	4	
	Almagro 50/Keay XVI	1	
	Almagro 51A-B	12	
	Almagro 51C	173	
	Almagro 51C Tardia	12	
	Almagro 51C/Lusitana 10	2	
	Dressel 14	34	
	Dressel 14B	4	
	Dressel 14 Tardia	2	
	Lusitana 3	125	
	Lusitana 9	13	
	Lusitana 10	2	
	Sado 1	1	
	Sado 1A	1	
	Sado 1B	1	
	Haltern 70	2	
Lusitânia, Peniche	Dressel 14	1	0,2%
Lusitânia ?	Dressel 2-4	1	0,2%
Bética, Guadalquivir	Haltern 70	1	7,1%
	Dressel 20	18	
	Dressel 20 C	1	
	Dressel 20 D-E	2	
	Dressel 20 século III d.C.	3	
	Dressel 23	1	
	Almagro 51A-B	3	
	Almagro 50	3	
	Keay XVI	1	
	Keay XIII C-D = Dressel 23C-D	1	
Bética litoral	Almagro 51A-B	2	0,8%
	Dressel 28	2	
Bética, indeterminada	Keay XVI	1	0,2%
Granada	Almagro 51C ?	1	0,2%
Gália Narbonense	Gauloise 4	7	1,5%

Tarraconense	imitação Gauloise 4	1	0,2%
Itálica, tirreno	Dressel 2-4	1	0,2%
África	Africana I	3	2,1%
	Africana II A	1	
	Africana II A3	1	
	Africana IIB	1	
	Keay 25.1/ Africana IIIA	4	
Indeterminada	Afim Keay IB/Dressel 30	1	0,2%
Total		**476**	**100,0%**

Tabela 1: Quantitativos totais de indivíduos de ânforas das Almoínhas segundo a estratigrafia, não contabilizando os indivíduos indeterminados.

Origem	**Tipo**	**NMI**	**% do total**
Itálica	Consp. 18	1	1,5%
	Consp. 22	3	
	Consp. 23	1	
	Consp. 26.4?	1	
	Prato	1	
VVP	Vegas 15C/ Aguarod 6/ Luni 5	1	0,2%
Sudgálica - La Graufesenque	Drag. 15/17	3	3,6%
	Drag. 18	7	
	Drag. 24/25	2	
	Drag. 27	1	
	Drag. 27b	1	
	Drag. 35	1	
	Drag. 36	1	
	Prato	1	
Sudgálica - Marmoreada	Drag. 36	1	0,2%
Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	4	1,9%
	Drag. 27	1	
	Drag. 33	2	
	Drag. 37	1	
	Prato	1	
Hispânica - La Rioja	Drag. 15/17	3	3,4%
	Drag. 18	3	
	Drag. 27	4	
	Drag. 29 ou 37	1	
	Drag. 36	2	
	Pátera ?	1	

	Tigela	2	
Hispânica - Intermédia	Drag. 37?	1	0,2%
Africana A	Hayes 3C	1	40,3%
	Hayes 3C	1	
	Hayes 6	7	
	Hayes 6A	1	
	Hayes 6B	1	
	Hayes 6B ou C	1	
	Hayes 6C	1	
	Hayes 8A	1	
	Hayes 9A	2	
	Hayes 9B	2	
	Hayes 14	12	
	Hayes 14A	13	
	Hayes 14B	23	
	Hayes 14C	14	
	Hayes 15 var. precoce	28	
	Hayes 15	36	
	Hayes 16	20	
	Hayes 17	1	
	Hayes 27	6	
	Hayes 27 = L9a	7	
	Hayes 27 = L9a2	8	
	Hayes 44	6	
Africana A/D	Hayes 31	6	1,3%
Africana C	Hayes 44	12	26,9%
	Hayes 45	4	
	Hayes 45A	4	
	Hayes 45B	4	
	Hayes 45 ou 48	1	
	Hayes 48A	2	
	Hayes 50	21	
	Hayes 50A	33	
	Hayes 50A/B	35	
	Hayes 50B	10	
	Hayes 52	2	
Africana C3 relevos aplicados	Hayes 52B	1	0,2%
Africana D1	Hayes 56	1	13,7%
	Hayes 58B	10	
	Hayes 59	7	

	Hayes 59B	2	
	Hayes 61	2	
	Hayes 61A	4	
	Hayes 61A/B1	2	
	Hayes 61A/B3	4	
	Hayes 61A/B4	1	
	Hayes 67	3	
	Hayes 67A	2	
	Hayes 67B	5	
	Hayes 70	1	
	Hayes 70 ?	1	
	Hayes 70/71	1	
	Hayes 76	3	
	Hayes 81B	1	
	Hayes 87A	1	
	Hayes 91	5	
	Hayes 91A	1	
	Hayes 99A?	1	
	Estilo A ii	3	
	Estilo A ii-iii	2	
	Estilo A iii	1	
	Estilo C-D	1	
Africana D2	Estilo Aii	1	0,2%
Africana E	Hayes 68	1	0,2%
Hispânica Tardia	Palol 4	1	0,2%
TSFT	Hayes 3	12	5,9%
	Hayes 3C	5	
	Hayes 3E	2	
	Hayes 3F	7	
	Hayes 3F/G	2	
DSP	Rigoir 1	1	0,2%
Total		**476**	**100,0%**

Tabela 2: Quantitativos totais de indivíduos de *terra sigillata* das Almoínhas segundo a estratigrafia, não contabilizando os indivíduos indeterminados.

Origem	**Tipo**	**NMI**	**% do total**
Cerâmica Africana de Cozinha	H 23	2	71,1%
	H 23 A	1	
	H 23 B	3	
	H 181 B	1	
	H 181 D	4	
	H 182	2	
	H 182 A	1	

	H 182 B	1	
	H 182 C	3	
	H 182 D	1	
	H 195	10	
	H 196 A	13	
	H 196 B	2	
	H 197	7	
	OI, 261	1	
	OIII, 170	1	
	Fulford 5.1	1	
Cerâmica de imitação de CAC	H 196 A	13	28,9%
	H 196 B	1	
	H 23	1	
	Fulford 20.1	1	
	Fulford 20.6	6	
Total		**76**	**100%**

Tabela 3: Quantitativos totais de indivíduos cerâmica africana de cozinha e imitações das Almoínhas segundo a estratigrafia, não contabilizando os indivíduos indeterminados.

Fase de cerca de 100+ d.C.

Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Itálica	Conspectus 22	3	3	3	33%	-	-	
	Sudgálica	Drag. 18	1	1	1	11%	-	-	
	Sudgálica - Marmoreada	Drag. 36	1	1	1	11%	-	-	
	Hispânica - La Rioja	Drag. 18	1	1	1	11%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Hispânica - Andújar	Drag. 33	2	2	2	22%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Tsaf A	Ind.	2	1	1	11%	-	-	
Total			**12**	**9**					
Lucerna	Baetica	Volutas	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Vidro	Incolor verde-gelo	Perfil cerâmico	1	1	4	100%	-	-	

	Incolor verde	Ind.	2	1			-	-	
	Verde	Isings 38?	1	1			-	-	
	Verde opaco	Jarro ?	1	1			-	-	
Total			**5**	**4**					
Cerâmica Comum	*Baetica*	Jarro/Cântaro	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Ânforas	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	8	89%	40	14%	
		Dressel 14B	2	2			80	28%	
		Lusitana 3	5	5			100	34%	
		Ind.	6	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20C	1	1	1	11%	70	24%	
		Ind.	1	-			?	?	
Total			**16**	**9**					
Total geral			**30**	**20**					
Residualidade - 15%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 4: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 100+d.C. das Almoínhas.

Fase de 175+									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 24/25	1	1	1	25%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Hispânica - La Rioja	Drag. 27	1	1	2	50%	-	-	
		Tigela	1	1			-	-	
	Tsaf A	Ind.	3	1	1	25%	-	-	
Total			**7**	**4**					
Almofariz	*Baetica*	Bordo em martelo	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					

Ânforas	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14?	1	-	10	91%	?	-	
		Lusitana 3	3	3			60	22%	
		Almagro 51C	10	7			140	52%	
		Ind.	6	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	9%	70	26%	
Total			**21**	**11**					
Total geral			**29**	**16**					
Residualidade - 12,5%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 5: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 175+d.C. das Almoínhas.

Fase de 190/200+									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 27b	1	1	2	18%	-	-	
		Prato	2	1			-	-	
	Hispânica - La Rioja	Drag. 27	2	2	2	18%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Tsaf A	Hayes 14	2	2	6	55%	-	-	
		Hayes 14 A	2	2			-	-	
		Hayes 14 B	1	1			-	-	
		Hayes 14 C	1	1			-	-	
		Ind.	3	-			-	-	
	Tsaf C	Hayes 44	1	1	1	9%	-	-	
		Ind.	6	-			-	-	
Total			**22**	**11**					
Paredes Finas	*Baetica*	Mayet 36, 37 ou 38	1	1	2	100%	-	-	

	Augusta Emerita	Mayet 36	1	1			-	-	
Total			**2**	**2**					
Ânforas	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14 tardia	1	1	11	65%	40	8%	
		Lusitana 3	2	2			40	8%	
		Almagro 51C	8	6			120	23%	
		Almagro 50	2	2			44	8%	
		Almagro 50?	1	-			?	?	
		Almagro 50/ Keay XVI?	1	-			?	?	
		Ind.	20	-			?	?	
	Lusitânia ?	Dressel 2-4	1	1	1	6%	20	4%	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	5	-	3	18%	?	?	
		Dressel 20 D-E	2	2			140	27%	
		Dressel 20 século III d.C.	1	1			70	13%	
		Ind.	3	-			?	?	
	Bética Litoral	Dressel 28	1	1	1	6%	20	4%	
		Ind.	1	-			?	?	
	Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	6%	30	6%	
		Ind.	2	-			?	?	
	Bética, indeterminada	Ind.	1	1	1	6%	?	?	
Total			**53**	**17**					
Total geral			**77**	**30**					
Residualidade - 10%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 6: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 190/200+d.C. das Almoínhas.

Fase de 250+									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Ind.	1	1	1	50%	-	-	
	Tsaf A	Ind.	1	1	1	50%	-	-	
Total			**2**	**2**					

Ânforas	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	5	83%	20	22%	
		Almagro 51C	2	2			40	43%	
		Almagro 51C tardia	1	1			20	22%	
		Lusitana 9	1	1			12	13%	
		Ind.	1	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	17%	?	?	
Total			**7**	**6**					
Total geral			**9**	**8**					
Residualidade - 25%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 7: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 250+d.C. das Almoínhas.

Fase de 280+									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 36	1	1	1	33%	-	-	
	Hispânica - La Rioja	Ind.	1	1	1	33%	-	-	
	Tsaf A	Hayes 27= L9a2	1	1	1	33%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
Total			**4**	**3**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C Tardia	1	1	1	20%	20	14%	
		Ind.	4	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	20%	70	48%	
	Bética Litoral	Ind.	1	1	1	20%	?	?	
	Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	20%	30	21%	
	África	Keay 25.1	1	1	1	20%	25	17%	
Total			**9**	**5**					
Total geral			**13**	**8**					
Residualidade - 25%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 8: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 280+d.C. das Almoínhas.

Fase de 250-300 d.C.

Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 24/25	1	1	1	1%		-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Hispânica - La Rioja	Drag. 15/17	1	1	5	7%	-	-	
		Drag. 18	1	1			-	-	
		Drag. 27	1	1			-	-	
		Drag. 29 ou 37	1	1			-	-	
		Tigela	1	1			-	-	
		Ind.	2	-			-	-	
	Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	1	1	3	4%	-	-	
		Drag. 37	1	1			-	-	
		Prato	1	1			-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Hispânica intermédia	Drag. 37?	1	1	1	1%	-	-	
	Tsaf A	Hayes 6 A	1	1	49	68%	-	-	
		Hayes 6B	1	1			-	-	
		Hayes 9A	2	2			-	-	
		Hayes 9B	1	1			-	-	
		Hayes 14	2	2			-	-	
		Hayes 14, nº 4	1	1			-	-	
		Hayes 14 A	6	6			-	-	
		Hayes 14 B	6	6			-	-	
		Hayes 14 C	1	1			-	-	
		Hayes 15 var. precoce	7	7			-	-	
		Hayes 15	9	9			-	-	
		Hayes 16	7	7			-	-	
		Hayes 25?	1	-			-	-	
		Hayes 27	2	2			-	-	
		Hayes 27=L9a	1	1			-	-	
		Hayes 27=L9a2	2	2			-	-	
		Ind.	58	-			-	-	
	Tsaf C	Hayes 45A	1	1	13	18%	-	-	
		Hayes 50	1	1			-	-	
		Hayes 50 A	6	6			-	-	
		Hayes 50 A/B	5	5			-	-	
		Ind.	49	-			-	-	
Total			**184**	**72**					
Paredes Finas	*Baetica*	Mayet 37	1	1	1	50%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	

	L/R - Fabrico caulinítico	Potinho	1	1	1	50%	-	-	
Total			**3**	**2**					
CAC	Patine cinzenta	Hayes 195	4	4	10	77%	-	-	
		Hayes 196 A	2	2			-	-	
		Hayes 197	3	3			-	-	
		Sidi Jdidi 7 var. D/ Fulford 5.1	1	1			-	-	Poderá ser originário da Líbia
	Patine creme	Hayes 195	2	2	3	23%	-	-	
		Ostia III, 170	1	1			-	-	
	Indeterminada	Ind.	1	-	-	-	-	-	
Total			**14**	**13**					
Imitação de cerâmica africana de cozinha	L/R	Hayes 23	1	1	4	100%	-	-	
		Hayes 196 A	2	2			-	-	
		Hayes 196 B	1	1			-	-	
Total			**4**	**4**					
Imitação de engobe vermelho	Engobe	Hayes 27=L9a	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Almofariz	L/R	Ind.	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Lucerna	Itálica ?	Volutas ?	1	1	1	17%	-	-	
	Baetica ?	Dressel 30	1	1	2	33%	-	-	
		Disco	1	1			-	-	
	Hispania	Deneauve VII	1	1	1	17%	-	-	
	L/R	Disco	1	1	2	33%	-	-	
		Ind.	1	1			-	-	
Total			**6**	**6**					
Vidro	Azul	Isings 50	1	1	4	100%	-	-	
	Verde	Ind.	1	1			-	-	
	Verde-azul	Ind.	1	1			-	-	
	Branco	Unguentário / Isings 15?	1	1			-	-	
Total			**4**	**4**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	7	7	60	90%	280	16%	
		Dressel 14B	1	1			40	2%	
		Dressel 14 tardia	1	1			40	2%	
		Lusitana 3	43	33			660	37%	
		Almagro 51C	17	12			240	14%	

		Almagro 51C ou 50	1	-			?	?	
		Almagro 50	2	2			44	2%	
		Keay XVI	1	1			50	3%	
		Almagro 50 ou Dressel 14	1	-			?	?	
		Almagro 50?	1	-			?	?	
		Lusitana 9	3	3			36	2%	
		Lusitana 9?	1	-			?	?	
		Ind.	76	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	3	3	4	6%	210	12%	
		Dressel 20 século III d.C.	1	1			70	4%	
		Ind.	5	-			?	?	
	Bética Litoral	Keay XVI	1	1	1	1%	50	3%	
		Ind.	3	-			?	?	
	Bética, indeterminada	Ind.	1	1	1	1%	?	?	
	Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	1%	30	2%	
		Ind.	1	-			?	?	
	Itálica, costa tirrénica	Dressel 2-4	1	1	1	1%	20	1%	
	Indeterminada	Ind.	2	1	1	1%	?	?	
Total			**174**	**67**					
Total geral			**391**	**170**					
Residualidade - 20 a 29,4%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 9: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 250-300 d.C. das Almoínhas.

Fase de 300+									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 18	1	1	1	1%	-	-	
	Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	1	1	1	1%	-	-	
	Tsaf A	Hayes 14	3	3	29	41%	-	-	
		Hayes 14 B	3	3			-	-	
		Hayes 14 C	1	1			-	-	
		Hayes 15 var. precoce	5	5			-	-	
		Hayes 15	9	9			-	-	
		Hayes 16	2	2			-	-	
		Hayes 27=L9a	2	2			-	-	
		Hayes 27=L9a2	1	1			-	-	
		Hayes 44	3	3			-	-	

		Ind.	41	-			-	-	
	Tsaf A/D ?	Hayes 31	4	4	4	6%	-	-	
	Tsaf C	Hayes 44	3	3	32	45%	-	-	
		Hayes 50	10	8			-	-	
		Hayes 50 A	7	7			-	-	
		Hayes 50 A/B	14	13			-	-	
		Hayes 50B	1	1			-	-	
		Ind.	44	-			-	-	
	Tsaf D1	Hayes 58B	4	4	4	6%	-	-	
		Ind.	4	-			-	-	
Total			**163**	**71**					
CAC	Patine cinzenta	Hayes 182	1	1	2	100%	-	-	
		Hayes 182 D	1	1			-	-	
Total			**2**	**2**					
Cerâmica comum fina	Patine cinzenta -L/R	Potinho	2	1	3	100%	-	-	
	Polimento - L/R	Potinho	1	1			-	-	
	Baetica	Ind.	1	1			-	-	
Total			**4**	**3**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	5	4	37	82%	120	11%	
		Lusitana 3	14	12			240	22%	
		Lusitana 3?	1	-			?	?	
		Almagro 51C	25	17			340	32%	
		Almagro 51C ?	1	-			?	?	
		Almagro 50	3	2			44	4%	
		Keay XVI	2	2			100	9%	
		Almagro 50?	1	-			?	?	
		Lusitana 9 ?	1	-			?	?	
		Ind.	51	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	2	2	2	4%	140	13%	
		Dressel 20 ?	4	-			?	?	
		Ind.	4	-			?	?	
	Bética Litoral	Almagro 50	1	1	1	2%	22	2%	
		Ind.	4	-			?	?	
	Tarraconense	Ind.	1	1	1	2%	?	?	
	Itálica, costa adriática	Ind.	1	1	1	2%	?	?	
	África - Sulectum	Africana I	1	1	1	2%	39	4%	
	África, indeterminada	Keay 25.1/ Africana IIIA	1	1			25	2%	
		Ind.	5	-			?	?	
	Bética, indeterminada	Ind.	2	1	1	2%	?	?	

Total	**130**	**45**	
Total geral	**299**	**121**	
Residualidade - 22,3%			
Intrusibilidade - 0,8%			

Tabela 10: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 300+d.C. das Almoínhas.

Fase de 320+ d.C.									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Itálica	Consp. 26.4?	1	1	1	20%	-	-	
	Hispânica - La Rioja	Drag. 15/17	1	1	1	20%	-	-	
	Tsaf A	Hayes 15 var. precoce	1	1	1	20%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Tsaf C	Ind.	1	1	1	20%	-	-	
	Tsaf D1	Hayes 59	1	1	1	20%	-	-	
		Ind.	2	-			-	-	
Total			**8**	**5**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	2	67%	20	33%	
		Dressel 14	1	1			40	67%	
		Ind.	1	-			?	?	
	Bética Guadalquivir	Ind.	1	1	1	33%	?	?	
Total			**5**	**3**					
Total geral			**13**	**8**					
Residualidade - 50%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 11: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 320+d.C. das Almoínhas.

Fase de 350+									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Pátera ?	1	1	1	4%	-	-	
	Tsaf A	Hayes 3 C	1	1	13	46%	-	-	
		Hayes 6	1	1			-	-	
		Hayes 14 B	1	1			-	-	
		Hayes 15	5	5			-	-	
		Hayes 16	1	1			-	-	
		Hayes 27=L9a	2	2			-	-	
		Hayes 27=L9a2	2	2			-	-	
		Ind.	25	-			-	-	
	Tsaf C	Hayes 44	3	3	11	39%	-	-	
		Hayes 45 B	1	1			-	-	

		Hayes 45 ou 48	1	-			-	-	
		Hayes 50	1	1			-	-	
		Hayes 50 A	1	1			-	-	
		Hayes 50 A/B	4	4			-	-	
		Hayes 50B	5	1			-	-	
		Ind.	16	-			-	-	
	Luzente	Ind.	1	1	1	4%	-	-	
	Tsaf D1	Hayes 61	1	1	2	7%	-	-	
		Hayes 67	1	1			-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
Total			**75**	**28**					
Cerâmica de imitação de *sigillata*	L/R	Hayes 67 B	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
CAC	Patine cinzenta	Hayes 197	1	1	2	50%	-	-	
		Hayes 197 ?	1	-			-	-	
		Hayes 182	1	1			-	-	
	Patine Creme	Hayes 182 B	1	1	1	25%	-	-	
	Engobe	Hayes 181 D	1	1	1	25%	-	-	
	Indeterminada	Ind.	2	-	-	-	-	-	
Total			**7**	**4**					
Lucerna	L/R	Ind.	3	1	1	100%	-	-	
Total			**3**	**1**					
Vidro	Incolor	Ind.	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	3	3	40	83%	120	12%	
		Lusitana 3	33	17			340	35%	
		Almagro 51C ou Lusitana 3	3	-			?	?	
		Almagro 51C	23	13			260	27%	
		Almagro 50/ Keay XVI	1	1			?	?	
		Almagro 51C/ Lusitana 10	1	1			10	1%	
		Lusitana 10	1	1			10	1%	
		Almagro 51A-B	4	4			40	4%	
		Ind.	51	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	3	2	4	8%	140	14%	
		Dressel 23	1	1			3	0%	
		Almagro 51A-B	1	1			10	1%	
		Ind.	2	-			?	?	
	Bética Litoral	Almagro 50	1	1	1	2%	22	2%	
		Ind.	3	-			?	?	

	Granada ?	Almagro 51C ?	1	1	1	2%	?	?	
	África	Keay 25.1/ Africana IIIA	1	1	1	2%	25	3%	
	Bética, indeterminada	Dressel 28 ?	1	1	1	2%	?	?	
		Ind.	1	-			?	?	
Total			**135**	**48**					
Total geral			**222**	**83**					
Residualidade - 45,7%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 12: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 350+d.C. das Almoínhas.

Fase de 390/400+									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Itálica	Prato	1	1	1				
	Hispânica tardia ?	Ind.	1	1	1				
	Tsaf A	Hayes 3 ou 6	1	-	21				
		Hayes 6	2	2					
		Hayes 14 A	2	2					
		Hayes 14 C	3	3					
		Hayes 15 var. precoce	3	3					
		Hayes 15	5	5					
		Hayes 16	1	1					
		Hayes 27	2	2					
		Hayes 27=L9a	2	2					
		Hayes 44	1	1					
		Ind.	71	-					
	Tsaf A/D ?	Hayes 31	1	1	1				
	Tsaf C	Hayes 44	1	1	13				
		Hayes 45 B	1	1					
		Hayes 48 A	1	1					
		Hayes 50	2	2					
		Hayes 50 A	4	4					
		Hayes 50 A/B	3	3					
		Hayes 50 B	1	1					
		Ind.	43	-					
	Tsaf D1	Hayes 58 B	1	1	6				
		Hayes 61 A/B1	1	1					
		Hayes 61 A/B4	1	1					
		Hayes 67 B	3	3					
		Hayes 91 ?	1	-					
		Ind.	11	-					
	DSP	Rigoir 1	1	1	1				

Total			**171**	**44**					
IEV	Polimento	Hayes 61 A/B4	1	1					
Total			**1**	**1**					
CAC	Patine cinzenta	Hayes 23 A	1	1					
Total			**1**	**1**					
Cerâmica de imitação de sigillata	L/R	Hayes 61 A/B1	1	1	1				
Total			**1**	**1**					
Lucerna	L/R	Ind.	1	1	1				
Total			**1**	**1**					
Vidro	Azul	Prato ?	1	1	7				
		Ind.	1	-					
	Branco	Ind.	1	1					
	Verde claro	Ind.	2	1					
	Verde/azul	Ind.	1	1					
	Incolor verde oliva	Isings 116/ taça campanulada ampla	1	1					
	Incolor verde	Isings 116/ taça campanulada baixa	1	1					
		Isings 116/ taça campanulada alta	1	1					
Total			**9**	**7**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	3	3	29				
		Lusitana 3	20	11					
		Almagro 51C	17	13					
		Almagro 51C ?	1	-					
		Almagro 50	2	1					
		Keay XVI	1	1					
		Almagro 51A-B ?	1	-					
		Ind.	55	-					
	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1				
		Ind.	4	-					
	Bética Litoral	Ind.	5	1	1				
	África	Africana I	1	1	1				
		Ind.	2	-					
	Bética, indeterminada	Ind.	1	1	1				
Total			**114**	**33**					
Total geral			**298**	**88**					

Residualidade - 52,2%
Intrusibilidade - 0%

Tabela 13: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 390/400+d.C. das Almoínhas.

Fase de 425+ d.C.									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	1	1	1	11%	-	-	
	Tsaf A	Hayes 14 A	1	1	2	22%	-	-	
		Hayes 27=L9a2	1	1			-	-	
		Ind.	3	-			-	-	
	Tsaf C	Hayes 50A	1	1	1	11%	-	-	
		Ind.	8	-			-	-	
	Tsaf D1	Hayes 67	1	1	5	56%	-	-	
		Hayes 76	3	3			-	-	
		Hayes 81 B	1	1			-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
Total			**21**	**9**					
Lucerna	Hispania	Ind.	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Cerâmica comum	*Baetica*	Tigela	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Vidro	Incolor branco	Unguentário ?	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	5	5	8	80%	100	53%	
		Almagro 51C	3	3			60	32%	
		Ind.	13	-			?	?	
	Bética Litoral	Béltran 68?	1	1	1	10%	?	?	
	Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	10%	30	16%	
Total			**23**	**10**					
Total geral			**46**	**21**					
Residualidade - 52,4%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 14: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 425+d.C. das Almoínhas.

Fase de 450/460+									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14	1	1	5	42%	-	-	
		Hayes 14 C	1	1			-	-	

		Hayes 15 var. precoce	2	2			-	-	
		Hayes 15	1	1			-	-	
		Ind.	8	-			-	-	
	Tsaf C	Hayes 50 B	1	1	1	8%	-	-	
	Tsaf D1	Hayes 59 B	1	1	3	25%	-	-	
		Hayes 61 A	1	1			-	-	
		Hayes 87 A	1	1			-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	TSFT - fabrico 1	Hayes 3C	1	1	3	25%	-	-	
	TSFT - fabrico 2	Hayes 3C	1	1			-	-	
	TSFT	Hayes 3	1	1			-	-	
Total			**21**	**12**					
Vidro	Incolor	Ind.	3	1	3	100%	-	-	
	Verde oliva	Isings 116/ taça campanulada baixa	1	1			-	-	
		Isings 116/ taça campanulada funda	1	1			-	-	
Total			**5**	**3**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	2	2	18	82%	80	18%	
		Dressel 14 ?	1	-			?	?	
		Lusitana 3	3	3			60	13%	
		Almagro 51C	13	11			220	48%	
		Almagro 50	2	2			44	10%	
		Ind.	26	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	4	1	1	5%	?	?	
	Bética Litoral	Almagro 50	1	1	1	5%	22	5%	
		Ind.	1	-			?	?	
	África	Ind.	1	1	1	5%	?	?	
	Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	5%	30	7%	
Total			**55**	**22**					
Total geral			**81**	**37**					
Residualidade - 40,5%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 15: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 450/460+d.C. das Almoínhas.

Fase de 500+									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 18	4	4	6	4%	-	-	
		Drag. 18r	1	1			-	-	

		Drag. 35	1	1			-	-	
		Ind.	6	-			-	-	
	Hispânica - La Rioja	Drag. 36	2	2	2	1%	-	-	
		Ind.	2	-			-	-	
	Hispânica - Andújar	Drag. 27	1	1	1	1%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Hispânica tardia - Ebro ou Douro	Palol 4	1	1	1	1%	-	-	
	Tsaf A	Hayes 6	2	2	44	33%	-	-	
		Hayes 6 B ou C	1	1			-	-	
		Hayes 8 A	1	1			-	-	
		Hayes 9 B	1	1			-	-	
		Hayes 14	4	2			-	-	
		Hayes 14, nº 4	1	1			-	-	
		Hayes 14 A	2	2			-	-	
		Hayes 14 B	9	9			-	-	
		Hayes 14 C	6	6			-	-	
		Hayes 15 var. precoce	5	5			-	-	
		Hayes 15	4	4			-	-	
		Hayes 16	8	8			-	-	
		Hayes 17	1	1			-	-	
		Hayes 27	2	1			-	-	
		Ind.	110	-			-	-	
	Tsaf C	Hayes 44	3	3	36	27%	-	-	
		Hayes 45	4	4			-	-	
		Hayes 45 A	2	2			-	-	
		Hayes 45 B	1	1			-	-	
		Hayes 45 C?	1	-			-	-	
		Hayes 48 A	1	1			-	-	
		Hayes 50	5	4			-	-	
		Hayes 50 A	12	11			-	-	
		Hayes 50 A/B	6	6			-	-	
		Hayes 50 B	2	2			-	-	
		Hayes 52	2	2			-	-	
		Hayes 52?	1	-			-	-	
		Ind.	58	-			-		
	Tsaf C3 relevo aplicado	Hayes 52 B	1	1	1	1%	-	-	
	Tsaf D1	Hayes 56	1	1	30	22%	-	-	
		Hayes 58 B	3	3			-	-	
		Hayes 59	6	6			-	-	
		Hayes 59B	1	1			-	-	
		Hayes 61	1	1			-	-	
		Hayes 61 A	3	3			-	-	

		Hayes 61 A/B3	3	3			-	-	
		Hayes 67	2	1			-	-	
		Hayes 67A	1	1			-	-	
		Hayes 70	1	1			-	-	
		Hayes 70/71	1	1			-	-	
		Hayes 91	5	4			-	-	
		Estilo Aii	1	1			-	-	
		Estilo Aii-iii	2	2			-	-	
		Estilo C-D	1	1			-	-	
		Ind.	35	-			-	-	
	Tsaf D2	Estilo Aii	1	1	1	1%	-	-	
	Tsaf E?	Hayes 68?	1	1	1	1%	-	-	
	TSFT - fabrico 1	Hayes 3	2	2	12	9%	-	-	
		Hayes 3, variante pequena	1	1			-	-	
		Hayes 3 E	1	1			-	-	
		Hayes 3 F	1	1			-	-	
		Grupo III	1	1			-	-	
	TSFT - grupo 2	Hayes 3	1	1			-	-	
		Ind.	4	-			-	-	
	TSFT	Hayes 3 C	3	3			-	-	
		Hayes 3 F	2	2			-	-	
		Hayes 3	1	-			-	-	
Total			**361**	**135**					
Cerâmica de imitação de sigillata	L/R	Hayes 14 A	1	1	6	100%	-	-	
		Hayes 27=L9a	2	2			-	-	
		Hayes 3	1	1			-	-	
		Hayes 3 C	1	1			-	-	
		Estilo Aii	1	1			-	-	
Total			**6**	**6**					
CAC	Engobe	Hayes 181 D	3	3	4	12%	-	-	
		Hayes 23	4	1			-	-	
		Ind.	4	-			-	-	
	Patine cinzenta	Hayes 181 B	1	1	30	88%	-	-	
		Hayes 182 A	1	1			-	-	
		Hayes 182 C	3	3			-	-	
		Hayes 195	4	4			-	-	
		Hayes 196 A	11	11			-	-	
		Hayes 196 B	2	2			-	-	
		Hayes 197	5	3			-	-	
		Hayes 23	2	1			-	-	
		Hayes 23 B	3	3			-	-	
		Ostia I, 261	1	1			-	-	
	Indeterminada	Ind.	8	-	-	-	-	-	

Total			**52**	**34**					
Imitação de cerâmica africana de cozinha	L/R - pasta 1	Hayes 196 A	1	1	18	100%	-	-	
	L/R - pasta 2	Hayes 196 A	10	10			-	-	
	L/R - pasta 3	Fulford 20.6	6	6			-	-	
	L/R - pasta 4	Fulford 20.1	1	1			-	-	
Total			**18**	**18**					
Imitação de engobe vermelho	L/R - Engobe	Hayes 61 B1	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Almofariz	L/R	Vaz Pinto; Morais, 2007, 9ª série	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Lucerna	África, Zeugitânia	Atlante VIII A1a-b/A2a	1	1	2	25%	-	-	
		Atlante VIII A1c/A2b	1	1			-	-	
	Hispânica - fabrico 1c	Ind.	1	1	1	13%	-	-	
	L/R	Disco/Dressel 28	1	1	5	63%	-	-	
		Disco	1	1			-	-	
		Dressel 28?	1	1			-	-	
		Dressel 30?	1	1			-	-	
		Firmalampe	1	1			-	-	
		Ind.	2	-			-	-	
Total			**10**	**8**					
Cerâmica comum	Baetica	Pote	1	1	1	33%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	L/R	Estilo Ai-ii	2	2	2	67%	-	-	
Total			**4**	**3**					
Numisma	Bronze	Alexandre Severo - 223 d.C.	1	1	2	100%	-	-	
	Bronze - Oficina de Trier	Constantino I-307/308 d.C.	1	1			-	-	
Total			**2**	**2**					
Vidro	Azul opaco	Isings 97?	1	1	9	100%	-	-	
	Incolor	Ind.	1	1			-	-	
	Incolor opaco	Vidraça	2	1			-	-	
	Branco	Ind.	4	1			-	-	
	Verde	Isings 50	1	1			-	-	
		Ind.	2	-			-	-	
	Verde claro	Ind.	1	1			-	-	

	Verde escuro	Isings 50	1	1			-	-	
	Verde oliva	Isings 116/ taça campanulada ampla	2	2			-	-	
		Ind.	15	-			-	-	
Total			**30**	**9**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	7	6	119		240	8%	
		Lusitana 3	33	21			420	13%	
		Almagro 51C	100	62			1240	40%	
		Almagro 51C tardia	9	9			180	6%	
		Almagro 51C/ Lusitana 10	1	1			10	0%	
		Almagro 51C ?	2	-			?	?	
		Almagro 50	10	8			176	6%	
		Almagro 50/51C	1	-			?	?	
		Lusitana 9	6	6			72	2%	
		Lusitana 9 ?	2	-			?	?	
		Sado 1	1	1			40	1%	
		Sado 1B	1	1			40	1%	
		Almagro 51A-B	8	4			40	1%	
		Ind.	234	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Haltern 70	1	1	9		20	1%	
		Dressel 20	10	6			420	13%	
		Dressel 20 do século III d.C.	1	1			70	2%	
		Almagro 51A-B	1	1			10	0%	
		Ind.	30	-			?	?	
	Bética Litoral	Almagro 51A-B	1	1	1		10	0%	
		Almagro 50 ?	1	-			?	?	
		Ind.	8	-			?	?	
	Bética ou Tarraconense	Ind.	1	1	1		?	?	
	Itálica, costa tirrénica	Ind.	1	1	1		?	?	
	África - Nabeul	Africana II	1	1	3		50	2%	
	África - Bizacena	Keay 25.1 - transição entre IID e IIIA	1	1			25	1%	
	África, indeterminada	Africana II A3	1	1			60	2%	
		Ind.	1	-			?	?	
	Bética, indeterminada	Almagro 50?	1	1	1		?	?	
Total			**475**	**135**					
Total geral			**960**	**352**					
Residualidade - 64,3%									

Intrusibilidade - 0%

Tabela 16: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 500+d.C. das Almoínhas.

Fase de 525+ d.C.									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Itálica	Conspectus 18	1	1	1	4%	-	-	
	Sudgálica	Drag. 15/17	2	2	2	7%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Hispânica - La Rioja	Ind.	5	1	1	4%	-	-	
	Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	1	1	1	4%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
	Tsaf C	Hayes 50 A/B	1	1	1	4%	-	-	
		Ind.	4	-			-	-	
	Tsaf D1	Hayes 61 B1	1	1	9	32%	-	-	
		Hayes 67A	1	1			-	-	
		Hayes 67B	2	2			-	-	
		Hayes 70?	1	1			-	-	
		Hayes 91A	1	1			-	-	
		Hayes 99A?	1	1			-	-	
		Aii	1	1			-	-	
		Aiii	1	1			-	-	
		Ind.	11	-			-	-	
	TSFT	Hayes 3	6	6	7	25%	-	-	
		Hayes 3F	1	1			-	-	
	TSFT - fabrico 1	Hayes 3E	1	1	2	7%	-	-	
		Hayes 3F	1	1			-	-	
		Ind.	2	-			-	-	
	TSFT - fabrico 2	Hayes 3F	2	2	3	11%	-	-	
		Hayes 3F/G	1	1			-	-	
	TSFT - grupo 3	Hayes 3F/G	1	1	1	4%	-	-	
Total			**51**	**28**					
Cerâmica comum de imitação	L/R	Hayes 3E	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Almofariz	L/R	Bordo em martelo	2	2	2	100%	-	-	
Total			**2**	**2**					
Vidro	Incolor verde	Ind.	1	1	1	17%	-	-	
	Verde oliva	Isings 116/ taça campanulada	1	1	5	83%	-	-	

		Isings 116/ taça campanulada baixa	3	2				-	
		Isings 116/ taça campanulada ampla	2	2				-	
Total			**7**	**6**					
Numisma	Bronze	Alexandre Severo - 228 d.C.	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	5	2	14	74%	44	14%	
		Almagro 51C	12	7			140	46%	
		Almagro 51A-B	3	2			20	7%	
		Lusitana 3	6	2			40	13%	
		Lusitana 9	1	1			12	4%	
		Lusitana 9?	1	-			?	?	
		Ind.	37	-			?	?	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Almagro 51A-B	1	1	2	11%	10	3%	
		Dressel 20?	1	1			?	?	
	Bética Litoral	Almagro 51A-B	1	1	1	5%	10	3%	
	Tarraconense	Imitação Gauloise 4	1	1	1	5%	30	10%	
	África	Ind.	1	1	1	5%	?	?	
Total			**70**	**19**					
Total geral			**132**	**57**					
Residualidade - 50,8%									
Intrusibilidade - 0%									

Tabela 17: Tabela síntese dos materiais exumados na fase estratigráfica de 525+d.C. das Almoínhas.

Fase indeterminada									
Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total produção	% total NMI	Litragem total	% total da litragem	Observações
Terra Sigillata	Itálica	Consp. 23	1	1	1	2%	-	-	
	Sudgálica	Drag. 15/17	1	1	3	6%	-	-	
		Drag. 18	1	1			-	-	
		Drag. 27	1	1			-	-	
	Hispânica - La Rioja	Drag. 15/17	1	1	1	2%	-	-	
		Ind.	2	-			-	-	
	Tsaf A	Hayes 6	2	2	20	40%	-	-	
		Hayes 6C	1	1			-	-	
		Hayes 14 B	3	3			-	-	

		Hayes 14 C	1	1			-	-	
		Hayes 15 var. precoce	6	6			-	-	
		Hayes 15	2	2			-	-	
		Hayes 16	1	1			-	-	
		Hayes 27	1	1			-	-	
		Hayes 27=L9a2	1	1			-	-	
		Hayes 44	2	2			-	-	
		Ind.	32	-			-	-	
	Tsaf C	Hayes 44	1	1	19	38%	-	-	
		Hayes 45 ou 48	1	1			-	-	
		Hayes 45A	1	1			-	-	
		Hayes 45B	1	1			-	-	
		Hayes 50	5	5			-	-	
		Hayes 50A	3	3			-	-	
		Hayes 50 A/B	4	3			-	-	
		Hayes 50B	4	4			-	-	
		Ind.	31	-			-	-	
	Tsaf A/D ?	Hayes 31	1	1	1	2%	-	-	
	Tsaf D1	Hayes 58B	2	2	5	10%	-	-	
		Hayes 61 A/B3	1	1			-	-	
		Hayes 91	1	1			-	-	
		A (ii)	1	1			-	-	
		Ind.	6	-			-	-	
Total			**122**	**50**					
IEV	L/R - Engobe	Hayes 3C	1	1	2	100%	-	-	
		Hayes 15	1	1			-	-	
Total			**2**	**2**					
Paredes Finas	*Baetica*	Mayet 40?	1	1	1	100%	-	-	
		Ind.	1	-			-	-	
Total			**2**	**1**					
VVP	Campânia	Vegas 15C	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Cerâmica Comum	Baetica	Pequena bilha	1	1	1	100%	-	-	
Total			**1**	**1**					
Almofariz	*Baetica*	Bordo em martelo	2	2	2	100%	-	-	
Total			**2**	**2**					
Lucerna	*Augusta Emerita ou Baetica*	Disco/ Dressel 28	1	1	2	100%	-	-	
	L/R	Disco ?	1	1			-	-	
Total			**2**	**2**					

Vidro	Incolor	Ind.	4	1	5	100%	-	-	
	Incolor branco	Ind.	1	1			-	-	
	Incolor verde-gelo	Ind.	4	1			-	-	
	Verde-gelo	Ind.	1	1			-	-	
	Incolor verde	AR 72 ou 73 ou afim	1	1			-	-	
		Ind.	3	-			-	-	
Total			**14**	**5**					
Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Haltern 70	2	2	53	80%	40	2%	
		Dressel 14	9	8			320	19%	
		Lusitana 3	14	10			200	12%	
		Lusitana 3?	1	-			?	?	
		Almagro 51C	35	20			400	24%	
		Almagro 51C tardia	1	1			20	1%	
		Almagro 50	7	6			132	8%	
		Almagro 51C?	2	-			?	?	
		Sado 1A	1	1			40	2%	
		Lusitana 9	2	2			24	1%	
		Lusitana 10	1	1			10	1%	
		Almagro 51A-B	2	2			20	1%	
		Ind.	66	-			?	?	
	Lusitânia, Peniche ?	Dressel 14	1	1	1	2%	40	2%	
	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	5	2	2	3%	140	8%	
		Ind.	6	-			?	?	
	Bética Litoral	Dressel 28	1	1	2	3%	20	1%	
		Keay XIII C-D = Dressel 23C-D	1	1			3	0%	
		Dressel 28?	1	-			?	?	
		Ind.	2	-			?	?	
	Bética, indeterminada	Dressel 28?	1	-	1	2%	?	?	
		Keay XVI	1	1			50	3%	
		Ind.	2	-			?	?	
	Tarraconense	Ind.	1	1	1	2%	?	?	
	Gália Narbonense	Gauloise 4	3	2	2	3%	60	4%	
		Gauloise 4?	1	-			?	?	
		Ind.	6	-			?	?	
	África	Africana I	1	1	3	5%	39	2%	
		Africana IIA	1	1			60	4%	
		Africana IIB	1	1			50	3%	
		Ind.	1	-			?	?	

	Indeterminada	Afim Keay IB/Dressel 30	1	1	1	2%	?	?	
		Ind.	1	-			?	?	
Total			**181**	**66**					
Total geral			**327**	**130**					
Residualidade - ? %									
Intrusibilidade - ? %									

Tabela 18: Tabela síntese dos materiais exumados sem fase estratigráfica definida.

Ânforas da *villa* de Frielas				
Origem	Tipologia	NMI	NMI total	% NMI total
Lusitânia	Dressel 14	19	55	81%
	Dressel 14 Tardia	1		
	Lusitana 3	16		
	Almagro 50	4		
	Almagro 51C	11		
	Almagro 51A-B	3		
	Lusitana 10	1		
Bética, Vale do Guadalquivir	Haltern 70	1	5	7%
	Dressel 20 Flávia-Trajana	1		
	Dressel 20 Antonina	1		
	Dressel 20 parva do século III	1		
	Dressel 23	1		
Bética Litoral	Dressel 7-11?	1	5	7%
	Dressel 14	1		
	Keay XVI	2		
	Almagro 50	1		
África	Africana IB	1	2	3%
	Keay 35B	1		
Mediterrâneo Oriental	LRA 1	1	1	1%
Total		68	68	100%

Tabela 19: Quantificação total dos indivíduos de ânfora da *villa* de Frielas (dados de Policarpo, 2010; inéditos).

Anexo IX

Inventário

Intervenção	Número de Peça	Saco	Data	U.E	Sector	Sondagem	Estrutura	Ambiente	Quadricula	Fase	Área	Fragmento	Tipologia	Local de Produção	Cozedura	Engobe	Colagens
ERA	1	1	22/08/2006	1018+1484				8		+ 200 d.C	1	Fundo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		Cola com RO.23868. Não cola, mas pertence à nº 2. Foi considerado como um só individuo.
ERA	10	5	18/07/2006	3023				32		+ 500 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	100	48	02/06/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	101	48	02/06/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	102	49	19/06/2006	1018				6		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Dressel 20 sec III	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	103	49	19/06/2006	1018				6		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	104	49	19/06/2006	1018				6		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	105	50	23/08/2006	1357				62		250-300 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	106	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	107	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	108	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	109	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	11	5	18/07/2006	3023				32		+ 500 d.C.	3	Asa	Almagro 51A-B	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		

ERA	110	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	111	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	112	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	113	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	114	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	115	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	116	51	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	118	52	13/10/2005	2800		28						Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	119	53	29/09/2006	3320						+ 500 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	120	54	13/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	121	54	13/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	122	54	13/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	123	55	17/07/2006	1283						+ 425 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	124	56	28/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	125	57	06/06/2006	1018						+ 500 d.C.	3	Bordo com Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	126	59	05/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	127	59	05/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	128	59	05/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	129	59	05/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	13	6	11/05/2006	900	9					Superfície		Bojo (Colo)	Indeterminada	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	130	59	05/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	131	60	05/06/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	132	61	07/07/2006	1179				7		250-300 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	133	61	07/07/2006	1179				7		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	134	62	26/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	135	63	31/05/2006	3000						Superfície	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	136	63	31/05/2006	3000						Superfície	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	137	63	31/05/2006	3000						Superfície	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	138	64	07/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	14	7	19/04/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	141	64	07/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	142	65	13/08/2006	1205			Enchimento canalizaç	15		175+	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	143	66	07/08/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	144	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	145	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	146	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	147	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	148	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	149	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	15	7	19/04/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	150	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	151	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	152	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	153	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	154	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	155	37	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Fundo (Pé)	Gauloise 4	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	156	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	157	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	158	67	17/07/2006	3076						+ 460 d.C.	3	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	16	7	19/04/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	160	68	14/11/2005	807	8		2					Bordo	Almagro 51C	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	161	69	07/06/2006	1008				3		100+	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	162	70	30/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	163	70	30/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	164	70	30/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	165	71	12/07/2006	3034				14		100+	3	Arranque de Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	166	72	08/08/2006	4008						+ 400 d.C.	4	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	167	72	08/08/2006	4008						+ 400 d.C.	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	168	72	08/08/2006	4008						+ 400 d.C.	4	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	169	73	30/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	17	8	22/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	170	73	30/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	173	73	30/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	174	74	17/05/2006	902	9							Bordo	Dressel 14 atípica	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	175	75	04/07/2006	1079				3		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	176	75	04/07/2006	1079				3		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	177	75	04/07/2006	1079				3		250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	178	75	04/07/2006	1079				3		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 50?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	179	75	04/07/2006	1079				3		250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	18	9	09/08/2006	4008						+ 400 d.C.	4	Arranque de Asa	Almagro 51C?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	180	76	14/07/2006	3056				33		+ 500 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	181	77	01/06/2006	3000						Superfície	3	Bordo com Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	182	78	12/07/2006	1174				6		+ 425 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	183	78	12/07/2006	1174				6		+ 425 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	184	79	07/07/2006	1100						400+	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	185	80	31/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	186	80	31/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	187	80	31/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Indeterminada	Peniche (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	188	81	13/07/2006	1141				4		+ 350 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	189	82	20/10/2005	1100		11				400+		Asa	Gauloise 4	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	19	10	03/01/2006	226	IIA					+ 100 d.C.		Bojo (Colo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	190	83	12/07/2006	1266				8		175+	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	191	84	04/08/2006	4013						c. 300 d.C.	4	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	192	85	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	193	85	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	194	85	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	195	85	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	197	85	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	198	86	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	199	86	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	2	1	22/08/2006	1018				8		+ 500 d.C.	1	Bordo e Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	200	86	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	201	86	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	202	86	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	203	86	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	205	88	23/06/2006	1022				7		+ 400 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	206	89	01/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	207	89	01/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	208	90	19/01/2006	?		40/41?						Fundo (Pé)	Gauloise 4	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	209	90	19/01/2006	?		40/41?						Asa	Indeterminada	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	21	11	19/05/2006	1000						Superfície	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	210	91	20/06/2006	1030				8		c. 300 d.C.	1	Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	211	92	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	212	92	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		VAL. 214
ERA	213	92	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 51C?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	215	93	05/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		Com o frag nº 216. Mesmo saco
ERA	217	93	05/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Bordo	Haltern 70	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	218	94	09/06/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	219	95	31/08/2006	1018				72		+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	22	11	19/05/2006	1000						Superfície	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	220	96	23/08/2006	1370				62		250-300 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	221	97	13/07/2006	1241				4		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	222	98	20/06/2006	1018				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	223	98	20/06/2006	1018				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	224	99	01/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	225	100	21/06/2006	1028				8		400+	1	Bojo (Colo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	226	100	21/06/2006	1028				8		400+	1	Arranque de Asa	Almagro 51C?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	227	101	11/07/2006	1224				7		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	228	102	06/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	229	103	11/07/2006	3001-3029						+ 525 d.C.	3	Bordo com Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	230	104	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	231	105	18/05/2006									Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	232	105	18/05/2006									Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	233	105	18/05/2006									Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	234	106	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bojo (Colo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	235	107	13/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	236	108	31/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	237	109	20/12/2005	217	IIB					+ 175 d.C.		Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	238	110	04/07/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	239	111	28/08/2006	3285						250+	3	Asa	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	24	11	19/05/2006	1000						Superfície	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	240	111	28/08/2006	3285						250+	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	242	112	10/07/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	243	113	21/08/2006	604	6		Desmonte do forno					Bordo	Dressel 20C	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	244	114	19/07/2006	1313	2		canalização 11	8		250-300 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	245	115	02/06/2006	1038				9		+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	246	116	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	247	116	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	248	116	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	249	117	11/07/2006	3029						+ 525 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	25	11	19/05/2006	1000						Superfície	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	250	117	11/07/2006	3029						+ 525 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	251	118	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	252	119	31/08/2006	1438				73		190-200+	1	Bojo com arranque de asa	Almagro 50?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	254	120	30/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	255	120	30/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	256	121	25/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	257	121	20/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	258	122	19/07/2006	3000						Superfície	3	Bojo com arranque de asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	259	122	19/05/2006	3000						Superfície	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	26	11	19/05/2006	1000						Superfície	1	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	260	122	19/05/2006	3000						Superfície	3	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	261	122	19/05/2006	3000						Superfície	3	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	262	123	01/09/2006	4024						c. 300 d.C.	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	263	124	31/08/2006	1038				7		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	264	124	31/08/2006	1038				7		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	265	125	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	266	125	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	267	126	05/06/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	268	127	14/07/2006	1040				3		+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	269	127	14/07/2006	1040				3		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	27	12	20/07/2006	4007						Superfície	4	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	270	127	14/72/2006	1040				3		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	271	128	08/08/2006	1370				5		250-300 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	272	128	08/08/2006	1370				5		250-300 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 50	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		
ERA	273	129	03/07/2006	1129				6		425+	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	274	130	30/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	275	130	30/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	276	131	04/08/2006	1246				5		250-300 d.C.	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	277	132	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	278	133	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	279	133	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	28	12	20/07/2006	4007						Superfície	4	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	280	133	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	281	134	30/06/2006	1133				10		+ 350 d.C.	1	Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	282	135	08/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	283	135	09/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	284	135	09/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	285	136	14/07/2006	3056				33		+ 500 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	286	137	03/01/2006	1128				7		+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	287	137	03/01/2006	1128				7		+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	288	137	03/01/2006	1128				7		+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	289	138	26/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	29	13	05/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	290	138	26/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	291	138	26/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	
ERA	292	138	26/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	
ERA	293	138	26/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	
ERA	294	129	03/07/2006	1129				6		425+	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	
ERA	295	132	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	
ERA	296	139	04/08/2006	3129						+ 525 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	
ERA	297	140	28/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	
ERA	298	140	28/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	
ERA	299	141	12/05/2006		7 - sem afectação							Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	
ERA	3	2	06/07/2006	1161				10		100+	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)		
ERA	30	13	05/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	
ERA	300	141	12/05/2006		7 - sem afectação							Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	
ERA	302	143	10/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	
ERA	303	143	10/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	

ERA	304	143	10/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	305	143	10/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	306	144	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	307	145	03/07/2006	1128				7		+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C - variante Tardia/Lusitana 10	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	308	146	04/07/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Bordo e Asa	Sado 1	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	309	146	04/07/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	31	14	30/05/2006	1011						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	310	147	13/07/2006	1133				10		+ 350 d.C.	1	Arranque de Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	311	148	05/06/2006	3000						Superfície	3	Bordo	Sado 1A	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	313	150	24/05/2006	1011						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	314	151	03/07/2006	1128				7		+ 500 d.C.	1	Bojo (Colo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	316	152	29/06/2006	1134				11		250-300 d.C.	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	317	153	23/08/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	318	153	23/08/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	319	153	23/05/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	32	14	30/05/2006	1011						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	320	154	22/06/2006	1075				6		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		VAL. 321
ERA	322	154	22/06/2006	1075				6		+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	324	155	11/05/2006	304	3							Asa	DRESSEL 28?	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	325	155	11/05/2006	304	3							Arranque de Asa	Indeterminada	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	326	156	20/07/2006	3154				48		?	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	327	157	29/09/2006	3304						270-290+	3	Bojo com arranque de asa	Gauloise 4	Gália Narbonense (França)	Oxidante		VAL.328
ERA	33	14	30/05/2006	1011						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	330	159	29/05/2006	zona forno	6							Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	331	160	15/05/2006	900	9					Superfície		Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	332	161	22/06/2006	1049				11		?	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		VAL.333
ERA	334	162	26/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	336	163	04/08/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	337	164	06/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	338	164	06/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	339	164	06/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	34	14	30/05/2006	1011						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	340	164	06/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	341	164	06/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	342	164	06/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	343	165	08/08/2006	3053				34		250+	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	344	166	03/08/2006	3086						+ 460 d.C.	3	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	345	167	25/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	346	168	03/07/2006	1139				10		175+	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	347	169	08/07/2006	?				35			3	Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	348	169	08/07/2006	?				35			3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	349	170	09/06/2006	1029				8		400+	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	35	14	30/05/2006	1011						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	351	172	17/10/2006	700-701		7						Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	352	172	17/10/2006	700-701		7						Bordo com Arranque de Asa	Dressel 14 B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	353	173	18/07/2006	1230				18		190-200+	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	354	174	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	355	175	03/07/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	356	175	03/07/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	357	175	03/07/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	359	177	14/06/2006	1075				4		+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	36	15	02/10/2006	1588						?	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	360	178	21/06/2006	1018				10		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	361	178	21/06/2006	1018				10		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	362	179	31/05/2006	3000						Superfície	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	363	180	18/05/2006	Limpeza area							1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-		

															Oxidante		
ERA	364	181	07/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora		
ERA	365	182	03/07/2006	1021				8		+ 400 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	366	183	08/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	367	184	08/06/2006	superficie							4	Bordo com Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	368	184	08/06/2006	superficie							4	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	37	16	09/06/2006	1028				8		400+	1	Asa	Africana I	África	Oxidante		
ERA	371	186	04/07/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	372	186	04/07/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora		
ERA	373	187	31/05/2006	superficie								Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	374	188	01/09/2006	1038				72		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	375	188	01/09/2006	1038				72		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	376	189	16/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	377	190	30/06/2006	1018				2		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	378	191	05/07/2006	3017						+ 400 d.C.	3	Bordo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		

ERA	379	192	15/06/2006	1021				8		+ 400 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	38	16	09/06/2006	1028				8		400+	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	380	193	14/07/2006	1040				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	381	193	14/07/2006	1040				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	382	194	10/07/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	384	194	10/07/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	386	195	13/07/2006	3056				33		+ 500 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	387	196	26/06/2006	1027						+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	388	197	27/06/2006	1128				7		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	389	198	11/07/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	39	17	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	390	193	11/07/2006								3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	391	194	09/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Fundo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		VAL. 392
ERA	393	400	14/06/2006	1075				6		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	394	196	20/07/2006	3135				54		175+	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	396	198	09/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Fundo	Almagro 51C/50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	397	199	04/01/2006	231	IIA							Bordo	Dressel 2-4	Lusitânia?	Oxidante		
ERA	398	199	04/01/2006	231	IIA							Bordo	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora		
ERA	399	199	04/01/2006	231	IIA							Fundo (Pé)	Indeterminada	Bética (Espanha)	Redutora-Oxidante		
ERA	4	3	19/06/2006	1030				8		c. 300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	40	17	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	400	200	11/07/2003	1018				3		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	401	200	11/07/2003	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	402	201	18/07/2006	3067				39		+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	403	202	05/06/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	405	204	04/08/2006	1357				3		250-300 d.C.	1	Bojo com arranque de asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	406	205	05/05/2006	3135				54		175+	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	408	207	12/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Fundo (Pé)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	409	207	12/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	41	17	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	410	207	12/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bordo com Asa	Dressel 14 B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	411	207	12/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	412	207	12/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bordo com Asa	Lusitana 9?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	413	207	12/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Fundo (Pivot)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	414	208	02/08/2006	1249				23		100+	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	415	209	27/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	416	210	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	417	210	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	418	302	21/06/2006	1027				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	419	210	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	42	17	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	420	210	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	421	210	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	422	211	07/08/2006	4008						+ 400 d.C.	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		VAL 424
ERA	423	211	07/08/2006	4008						+ 400 d.C.	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	427	223	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	428	224	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	43	18	13/07/2006	3056						+ 500 d.C.	3	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	433	225	19/10/2005	1000-1001		10				Superfície		Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	438	226	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	439	226	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	44	18	13/07/2006	3056						+ 500 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	441	227	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bojo com arranque de asa	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	442	227	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	443	227	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	444	227	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	446	227	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	447	227	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	448	228	28/06/2006	1021				8		+ 400 d.C.	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-		

															Oxidante		
ERA	449	229	27/06/2006	1058				12		+ 425 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	45	19	17/07/2006	3053				34		250+	3	Bordo con Arranque de Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	450	230	02/08/2006	1302				36		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	452	230	02/08/2006	1302				36		250-300 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	453	231	25/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	454	232	31/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	455	232	31/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo e Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	457	232	31/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	458	232	31/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	459	233	12/07/2006	2005							2	Arranque de Asa	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	460	234	11/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	461	234	11/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Arranque de Asa	Almagro 51C/Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	462	234	11/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante-Redutora		
ERA	463	234	11/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	464	234	11/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	466	235	26/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo com Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	467	235	26/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	468	236	01/09/2006	1411						250-300 d.C.	1	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	469	237	31/08/2006	4026						Superfície	4	Arranque de Asa	Possivel Dressel 28	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	470	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	471	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	472	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	473	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Almagro 50?	Bética (Espanha)	Redutora-Oxidante		
ERA	475	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	476	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	477	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	478	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	479	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	48	20	25/10/2005	1100		11				400+		Bojo (Colo)	Gauloise 4	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	480	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	481	238	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	482	239	00/07/2006									Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	483	240	22/08/2006	1282				6		250-300 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	484	241	27/06/2006	1058						+ 425 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	485	241	27/06/2006	1058						+ 425 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	486	242	07/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	487	242	07/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	488	242	07/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	489	242	07/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		VAL.490
ERA	491	243	00/03/2006	superficie								Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	493	245	08/06/2006	1025						190-200+	1	Bordo	Dressel 14 tardia	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	494	246	03/11/2005	3702		37				?		Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	495	246	03/11/2005	3702		37				?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	496	246	03/11/2005	3702		37				?		Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	497	247	10/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		VAL.498
ERA	499	247	10/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	5	4	06/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	50	21	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	500	247	10/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	51	21	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	52	21	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	522	264	04/01/2006	231	IIA							Asa	Gauloise 4	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	524	266	27/06/2007	1018						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	526	266	27/62/2007	1018						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	527	267	12/07/2006	1261				7		250-300 d.C.	1	Bordo	Dressel 14 tardia	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	528	267	12/07/2006	1261				7		250-300 d.C.	1	Bojo (Colo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	529	268	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	53	21	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 51A-B	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	530	268	19/05/2006	1001				3		+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		VAL.[1018].660 - Ambiente 3
ERA	531	269	05/07/2006	1129				6		425+	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	532	270	29/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	533	271	07/08/2006	4008						+ 400 d.C.	4	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	534	272	06/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	536	274	06/07/2006	1223						350+	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	537		06/07/2006	3053						+ 350 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	538	275	26/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Dressel 23	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	539	275	26/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	54	22	21/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	543	278	23/05/2006	1000						Superfície	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	544	278	23/05/2006	1000						Superfície	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	545	278	23/05/2006	1000						Superfície	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	546	279	20/07/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	547	279	20/07/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	548	279	20/07/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	549	279	20/07/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	55	22	21/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	550	279	20/07/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Bojo com arranque de asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	551	279	20/07/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Amorfo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	554	280	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	555	280	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		VAL.556
ERA	559	281	16/12/2005	100	2	2 A	2	2				Bojo	Indeterminada	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	56	22	21/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	560	282	04/07/2006	1123				6		100+	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	561	283	08/08/2006	4008						+ 400 d.C.	4	Fundo (Pivot)	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	563	285	23/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	564	286	02/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	565	286	02/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	566	287	06/06/2006	1018				3		+ 500 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	567	288	19/07/2006	1226				36		250-300 d.C.	1	Bordo	Keay 16	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	568	288	19/07/2006	1226				36		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	569	288	19/07/2006	1226				36		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	57	23	14/10/2005	400	IV	4						Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	571	290	18/07/2006	2003							2	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	572	290	18/07/2006	2003							2	Bordo com Arranque de Asa	Keay 16	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	573	291	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	574	291	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	575	291	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	576	291	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	577	291	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Sado 1B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	578	292	28/06/2006	1100				6		400+	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	579	293	20/07/2006	1323				36		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	58	23	14/10/2005	400	IV	4						Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	580	294	18/07/2006	3050				35		280+	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	581	295	22/06/2006	1027				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	582	296	03/07/2006	3016						+ 400 d.C.	3	Bojo com arranque de asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora		
ERA	584	298	08/06/2006	1018				4		+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	585	299	11/07/2006	3001-3002						+ 525 d.C.	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	586	300	05/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	587	301	07/07/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	588	302	05/07/2006	1199				3		500+	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	589	303	12/07/2006	1134				11		250-300 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	59	24		Recolha sup								Arranque de Asa	Gauloise 4?	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	590	304	21/06/2006	1027				10		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	591	304	21/06/2006	1027				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	591A	304	21/06/2006	1027				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-		

															Oxidante		
ERA	591B	304	21/06/2006	1027				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	592	305	19/10/2005	900-9001		9				Superfície		Fundo (Pivot)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	593	306	30/05/2006	1011						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	594	307	21/06/2006	1038				9		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	595	307	21/06/2006	1038				9		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	596	308	02/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 50?	Bética (Litoral)	Redutora-Oxidante		
ERA	598	309	08/08/2006	3053				34		250+	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	599	310	01/09/2006	1464				64		250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	60	25	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	600	311	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	601	311	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	602	311	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 51A-B	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	603	311	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	604	312	12/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	605	312	12/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	607	312	12/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	608	313	05/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	609	313	05/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	61	25	24/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	610	314	05/07/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Fundo (Pé)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	611	315	21/06/2006	1018				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	612	315	21/06/2006	1018				10		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	613	315	21/06/2006	1018				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	614	315	21/06/2006	1018				10		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	615A	316	09/06/2006	1075				6		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	615B	316	09/06/2006	1075				6		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		
ERA	616	317	06/07/2006	1018				22		+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	617	318	14/06/2006	1021				7		+ 400 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	618	319	31/08/2006	1038				7		+ 500 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	622	320	11/07/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Gauloise 4	Tarraconense	Oxidante		
ERA	623	320	11/07/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	624	321	06/06/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	625	322	03/08/2006	4005						+ 320 d.C.	4	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	626	323	06/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bordo	Dressel 2-4	Itália, costa Tirrénica	Oxidante		
ERA	627	323	06/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	628	323	06/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Bordo com Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	629	323	06/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	630	323	06/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	631	324	19/07/2006	2007						250-300 d.C.	2	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	632	324	19/07/2006	2007						250-300 d.C.	2	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	633	324	19/07/2006	2007						250-300 d.C.	2	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	634	324	19/07/2006	2007						250-300 d.C.	2	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	635	325	20/06/2006	1018				10		+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	636	326	05/07/2006	3017						+ 400 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	637	326	05/07/2006	3017						+ 400 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	638	327	05/07/2006					6				Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	639	327	05/07/2006					6				Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	640	328	28/05/2006	902	9							Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	641	329	09/06/2006	1018				4		+ 500 d.C.	1	Bojo (Colo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	642	330	09/06/2006	1028				8		400+	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	643	331	19/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	644	331	19/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	646	333	02/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	647	334	29/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	648	335	25/05/2006	1011						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	649	336	06/07/2006	1223						+ 350 d.C.	1	Asa	Almagro 51A-B	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	65	29	11/05/2006	304	3							Bordo e Asa	Gauloise 4	Gália Narbonense (França)	Oxidante		

ERA	650	337	23/08/2006	1018				9		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	651	337	23/08/2006	1018				9		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	652	338	04/07/2006	1139				10		175+	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	653	339	03/08/2006	1356				23		100+	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	654	340	21/06/2006	1089				8		175+	1	Fundo (Pé)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	655	401	28/03/2006	4001	Rua H2			4630,05		c. 300 d.C.	4	Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	656	401	28/03/2006	4001	Rua H2			4630,05		c. 300 d.C.	4	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	657	401	28/03/2006	4001	Rua H2			4630,05		c. 300 d.C.	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	658	401	28/03/2006	4001	Rua H2			4630,05		c. 300 d.C.	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	66	30	06/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	661	344	09/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Bordo e Asa	Lusitana 9?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	662	344	09/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	663	345	25/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	664	346	05/07/2006	1064						?	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	665	347	18/05/2006								1	Bordo com	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

												Arranque de Asa					
ERA	666	347	18/05/2006								1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	667	348	14/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	668	349	10/07/2006	2000						250-300 d.C.	2	Asa	Indeterminada	Bética (Espanha)	Oxidante		
ERA	669	340	12/07/2006	1087			desmonte estrutura	8		175+	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	67	30	06/06/2006	1015						+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	670	341	07/11/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	672	341	07/11/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo	Africana II A3	África	Redutora-Oxidante		
ERA	673	342	08/06/2006	1018				4		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	674	343	22/06/2006	3001			definiçao 3013			+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	675	344	14/07/2006	1283				6		+ 425 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	676	402	12/07/2006	3029						+ 525 d.C.	3	Bordo	Indeterminada	África	Oxidante		
ERA	677	346	02/08/2006	4008						+ 400 d.C.	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	678	347	09/06/2006					3			1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	679	348	05/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	68	31	07/06/2006	1018				6		+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		

ERA	680	348	05/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	681	348	05/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	682	348	05/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	683	348	05/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	684	348	05/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	685	349	13/05/2006	3085				43		250+	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	686	350	14/11/2005	900/901		9						Bordo com Asa e Bojo	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	687	351	14/11/2005	801								Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	688	352	28/09/2006	1669				76/81		?	1	Perfil Completo	Indeterminada	Indeterminado	Oxidante		VAL.[1669].92
ERA	69	32	08/06/2006	1023				3		250-300	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		VAL.312 [1023]- Saco 149
ERA	691	355	09/06/2006	1075				6		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	694	356	05/07/2006	1175				7		250-300 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	695	356	05/07/2006	1175				7		250-300 d.C.	1	Fundo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	696	356	05/07/2006	1175				7		250-300 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	697	357	13/09/2006	1566				9		350+	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	698	358	25/02/2006	Nível de Sup	Escadaria							Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	699	359	08/09/2006	1043						250-300	1	Arranque de Asa	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	70	32	08/06/2006	1023				3		250-300	1	Fundo (Pé)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	700	360	04/08/2006	3158						190+	3	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	701	361	16/08/2006	3208						190+	3	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	702	362	04/08/2006	1357				3		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	703	356A	30/08/2006	4018			Enterramento			320+	4	Fundo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	71	33	19/06/2009	1021				8		+ 400 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	72	34	17/07/2006	1153						250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	73	34	17/07/2006	1153						250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	74	34	17/07/2006	1153						250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante-Redutora		
ERA	76	36	21/06/2006	1038				9		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	77	36	21/06/2006	1038				9		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	78	36	21/06/2006	1038				9		+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	79	36	21/06/2006	1038				9		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	8	4	06/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	80	37	03/06/2006	1134				11		250-300 d.C.	1	Bordo com Asa e Colo	Gauloise 4	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	81	38	23/06/2006	1052			2	11		+ 425 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	82	38	23/06/2006	1052			2	11		+ 425 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	84	38	23/06/2006	1052			2	11		+ 425 d.C.	1	Asa	Gauloise 4	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	85	39	15/12/2005	200	2					+ 100 d.C.		Arranque de Asa	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	86	40	29/11/2006	217		2				+ 100 d.C.		Bordo	Dressel 20C	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	87	41	03/07/2006	1133				10		+ 350 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	88	42	20/07/2008	1323				36		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	89	42	20/07/2008	1323				36		250-300 d.C.	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	9	4	06/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51A-B	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	90	43	30/06/2006	1118				2		?	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	91	43	30/06/2006	1118				2		?	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	93	45	11/11/2005	801	8							Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	95	46	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	96	46	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	97	46	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	98	46	07/06/2006	1018				5		+ 500 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	99	48	02/06/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO. 17383			2	V							Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO. 25946		22/08/2006	1343				53		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO. 27770		19/09/2006	4046							4	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10008			?	V				Sond. 1	?		Bordo	Keay 16	Bética (Espanha)	Oxidante		
CML	RO.10013			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10050			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	Indeterminado	Oxidante		
CML	RO.10140			2	V				T17			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.1016			Superfície						?		Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.1017			Superfície						?		Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.1018			Superfície						?		Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.1022			Superfície						?		Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.1025			Superfície						?		Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 10	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10255			?	?		Ver Prospeção		?	?		Bordo	Africana IIB	África	Oxidante		
CML	RO.10335			2	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.10344			2	V				T17			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.10357			2B	IV				M22			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10364			2B	IV				M22			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10372			2B	IV				M22			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.10396			?	V				Sond. 1	?		Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10427			2	V				S16			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10428			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10463			2	V				S16			Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10535			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10537			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10569			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.1062			Superfície						?		Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.10639			2	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10718			2	V				S16			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10743			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.10758			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10790			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10792			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.10897			2	V				T17			Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.11028			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.11032			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.11071			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.11089			2	V				T17			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	Sim	
CML	RO.11101			2	V				T17			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.11120			2	V				T17			Bojo	Indeterminada	África	Oxidante	Sim	
CML	RO.11151			2	V				T17			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.11282			2 Banq	V		Desmonte Banq.		S16			Bojo (Fundo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.11289			2 Banq	V		Desmonte Banq		S16			Bojo	Indeterminada	Bética (Espanha)	Oxidante		

CML	RO.11293			2 Banq	V		Desmonte Banq.		S16			Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		RO.11306
CML	RO.11311			2 Banq	V		Desmonte Banq.		S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante-Redutora		
CML	RO.11486			2 Banq	V		Desmonte Banq.		S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.11497			2 Banq	V		Desmonte Banq		S16			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.11527			2 Base	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.11579			2 Base	V				T 17			Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		RO.11577+11566+11567
CML	RO.11602			2 base	V				T 17			Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12111			4	V				U17			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12117			4	V				U17			Bordo com Arranque de Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.1212			1B/C		1			G2			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.12155			4	V				U17			Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12247			4 base	V				T14			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12430			3	V				T17			Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12432			3	V				T17			Bordo	Keay 25.1	África	Oxidante		RO.13316+14849+10641+10640+10637
CML	RO.1260			1B/C		1			G2			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-		

															Oxidante		
CML	RO.12608			4 base	V				T14			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12616			4 base	V				T14			Bojo	Indeterminada	África	Oxidante-Redutora	Sim	
CML	RO.12624			4 base	V				T14			Fundo (Pivot)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12634			4 base	V				T14			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.12668			4	V				U17			Bojo com arranque de asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		RO.13339-13344,13346+14892+1691+16333+16860-16862+16864+16865+16867-16871+16873-16878+16880+16882+16884-16886+16890-16892+16897+16899-16902+16904-16907+16909-16914+16917+16920+16921+16983+17424+17435+19638
CML	RO.12681			4	V				U17			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	Sim	
CML	RO.12695			4	V				U17			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12710			4	V				U17			Bojo	Indeterminada	Tarraconense	Oxidante		
CML	RO.12768			4	V				U17			Bojo	Indeterminada	Tarraconense	Oxidante		
CML	RO.12791			4 base	V				T17			Bordo com Asa e Colo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12795			4/6	V				T17			Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

CML	RO.12875			4	V				U17			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12894			4	V				U17			Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12900			2	V				S16			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.12919			4	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.12926			4	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	Sim	
CML	RO.13030			4	V				T17			Fundo (Pé)	Lusitana 3?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.13032			4	V				T17			Bojo	Indeterminada	Tarraconense	Oxidante		
CML	RO.13076			4	V				T17			Asa	Africana I	África - Sullecthum	Oxidante		RO.9042
CML	RO.13217			2	V				R19			Bojo	Indeterminada	Bética Litoral (Espanha)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.13302			4	V				U17			Bojo	Indeterminada	África	Oxidante-Redutora		
CML	RO.13319			4	V				U17			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.13401			2	V				T17			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante-Redutora		
CML	RO.13402			2	V				T17			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.13429			3	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.13440			3	V				T17			Bordo com	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-	Sim	

												Arranque de Asa			Oxidante		
CML	RO.13473			3	V				T17			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.13490			4	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.13500			4	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.13515			4	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.13531			4	V				T17			Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.13797			?	V				S16?	?		Bojo (Ombro)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	Sim	
CML	RO.13904			4 base	V				U17			Bojo	Indeterminada	África	Oxidante-Redutora		
CML	RO.13973			4 base	V				U17			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.13975			4 base	V				U17			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.13976			4 base	V				U17			Bojo	Indeterminada	África	Oxidante	Sim	
CML	RO.14116			3	V				U17			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.14132			2	V				U17			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.14153			4	V				U17			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.14163			3	V				T17			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.142			Superfície						?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.14204			3	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.14208			3	V				T17			Bojo	Indeterminada	Indeterminado	Redutora-Oxidante		
CML	RO.14216			3	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.14260			3	V				T17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.14272			4 base	V				T 17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.143			Superfície						?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.1432			1C		1			G2			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.144			Superfície						?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.14496			4	V				U17			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.14556			3	V				T17			Bordo	DRESSEL 28?	Indeterminado	Oxidante		
CML	RO.14558			3	V				T17			Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.14703			3	V				U17			Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxi-Red-Oxi		
CML	RO.14731			2	V				U17			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.14844			4	V				U17			Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.15018			4	V				S18			Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.15081			4	V				S18			Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.15239			2	V				R19			Bojo	Indeterminada	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		
CML	RO.15243			2	V				R19			Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.15245			2	V				R19			Asa	Indeterminada	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		
CML	RO.15255			2	V				R19			Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.15307			5	V				U18			Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.15331			5	V				U18			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.15349			5	V				U18			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.15350			5	V				U18			Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.15606			3	V				S18			Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.15607			3	V				S18			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.15788			4	V				U17			Bojo com arranque de asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.15803			5	V				U18			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.15805			5	V				U18			Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.15916			5	V				U18			Bojo com arranque de asa	Almagro 51C?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.15918			5	V				U18			Asa	Indeterminada	África	Oxidante	Sim	
CML	RO.15969			5	V				U18			Bordo	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.15982			5	V				U18			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.16127			?	V				U17	?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.16161			?	V				S19	?		Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.16439			4	V				U17			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.16523			3	V				S18			Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.16701			4	V				U17			Fundo (Pé)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.16714			4	V				U17			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.16722			4	V				U17			Asa	Indeterminada	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		
CML	RO.1675			1C		1			G2			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.1677			1C		1			G2			Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.16789			5 base	V				S18			Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.16840			?	IV				?	?		Bordo	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.16857			?	V				?	?		Fundo (Pivot)	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.16926			?	V				S16	?		Bojo	Indeterminada	Tarraconense	Oxidante		
CML	RO.16944			3	V				U18			Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.16953			3	V				U18			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.16992			2	V				T18			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.16993			2	V				T18			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.17039			3	V				U18			Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.1705			1C		1			G2			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.17057			5	V				U18			Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.17058			5	V				U18			Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.17142			3	V				S18			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.17194			5	V				U18			Bojo	Indeterminada	África	Oxidante	Sim	
CML	RO.17331			5	V				U18			Bordo	Almagro 50	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		
CML	RO.17342			5	V				U18			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.17389			2	V				S19			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.17401			?	V				S18	?		Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.17439			4	V				U17			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	Sim	
CML	RO.17446			4	V				U17			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.17920			4	V				T17			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.18028			4	V				T17			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.18074			2	V				R19			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.18219			2	V				R19			Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.18300			2	V				R19			Bojo	Indeterminada	África	Oxidante	Sim	
CML	RO.18302			2	V				R19			Bojo	Indeterminada	Bética Litoral (Espanha)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.18318			2	V				R19			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.18421			3	V				S18			Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.18673			5	V				S18			Bordo	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.18675			5	V				S18			Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.18738			4	V				T17			Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.18749			?	V				U17	?		Bordo	Indeterminada	Bética (Espanha)	Oxidante		
CML	RO.18753			?	V				U17	?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-		

															Oxidante		
CML	RO.18900			5	V				U18			Bordo com Arranque de Asa	Keay 16	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.19007			3	V				S18			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.19012			3	V				S18			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.19196			5	V				U18			Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.1938			1D		1			G2			Fundo (Pivot)	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		RO.2054+1952
CML	RO.1939			1D		1			G2			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.1941			1D		1			G2			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.19418			5	V				U18			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.19462			5 Base	V				U19			Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.19706			2	IV				M25			Bojo	Indeterminada	Bética (Espanha)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.19707			2	IV				M25			Bojo	Indeterminada	Bética (Espanha)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.19767			2	IV				L25			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.19769			2	IV				M24			Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.19797			2 Base	IV				L25			Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Redutora-		

															Oxidante		
CML	RO.19809			2 Base	IV				L25			Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.19925			4	IV				J22			Bojo	Dressel 20	Bética (Litoral)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.20106			2	IV				M25			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.20120			2	IV				M25			Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.203			1A		1			G2			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.20731			2	IV				J22			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.20910			3	IV				J25			Arranque de Asa	Dressel 20	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		
CML	RO.2117			1D		1			G2			Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.21433			6	IV				J22			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.21439			2	IV				K23/24			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.21583			?	IV				?	?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.21584			?	IV				?	?		Bojo	Indeterminada	Bética (Espanha)	Oxidante		
CML	RO.21602			Superficie						?		Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22054		15/09/2006	1544				72		250-300 d.C.	AL ARE 1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22057		15/09/2006	1544				72		250-300 d.C.	AL. ARE 1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	RO.22101		22/09/2006	1637				91		190-200+	1	Bojo	Dressel 20?	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	RO.22108		22/05/2006	1000						Superfície	1	Fundo (Pivot)	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		RO.22109-22112
ERA	RO.22259		12/07/2006	3029						+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22263		12/07/2006	3029						+ 525 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		RO.22261
ERA	RO.22264		12/07/2006	3029						+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		RO.22267
ERA	RO.22266		12/07/2006	3029						+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22290			3017						+ 400 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22310			SEM EU				LIMPEZA			4	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22383			1043						250-300	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22429		18/07/2006	1301				53		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	RO.22436			4018						320+	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22555			1544				91		250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22585			1566				85		350+	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22586			1566				85		350+	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22592		15/09/2006	1566				85		350+	AL AR1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		RO.22601

ERA	RO.22595		15/09/2006	1566				85		350+	AL AR1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		RO.22600+22593+22596
ERA	RO.22627		28/09/2006	1581/1635				70/71		?	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22638		13/07/2006	1240				6		250-300 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22649		22/06/2006	1027						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Espanha)	Oxidante		
ERA	RO.22659		28/08/2006	4021						c. 300	4	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22666		28/08/2006	4021						c. 300	4	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22667		25/08/2006	4018						320+	4	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C - variante Tardia/Lusitana 10	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22668		26/09/2006	1568						190-200+	Alarg 1	Asa	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	RO.22670		29/08/2006	4021						c. 300	4	Fundo	Lusitana 9?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	Sim	
ERA	RO.22676		29/08/2006	4021						c. 300	4	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22681		30/08/2006	4018						320+	4	Bordo	Dressel 20	Bética (Litoral)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22684		30/08/2006	4018						320+	4	Asa	Dressel 20 / 23	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	RO.22685		30/08/2006	4018						320+	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22687		30/08/2006	4018						320+	4	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22688		30/08/2006	4018						320+	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	RO.22692		31/08/2006	4018						320+	4	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22694		31/08/2006	4018						320+	4	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22696		31/08/2006	4018						320+	4	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22704		29/09/2006	1636 e 1568				71/70		190-200+	1	Bordo com Arranque de Asa	Dressel 28	Bética (Espanha)	Oxidante		
ERA	RO.22709		00/00/2006	4018						320+	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22710		00/00/2006	4018						320+	4	Asa	Dressel 20	Bética (Litoral)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22714		00/00/2006	4018						320+	4	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22716			4018						320+	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22720			4018						320+	4	Bordo	Almagro50/ Keay 16	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22721		00/00/2006	4018						320+	4	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22724			4018						320+	4	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22727		28/08/2006	4021						c. 300	4	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22728		28/08/2006	4021						c. 300	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22731		28/08/2006	4021						c. 300	4	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	RO.22735		28/08/2006	4021						c. 300	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22741		28/08/2006	4021						c. 300	4	Bordo	Almagro 51A-B	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22750			217		2						Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22787		22/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22788		22/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22789		22/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22807		22/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22808		22/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.22907		25/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bojo (Fundo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22915		25/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22929		25/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22976		25/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22981		07/07/2006	1179				7		250-300 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.22983		07/07/2006	1179				7		250-300 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	RO.22984		07/07/2006	1179				7		250-300 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.23024		01/09/2006	1030				8		c. 300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23090		01/09/2006	1030				8		c. 300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23094		29/08/2006	4021						c. 300	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.23096		29/08/2006	4021						c. 300	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.23098		28/08/2006	4021						c. 300	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.23100		29/02/2006	4021						c. 300	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23104		29/02/2006	4021						c. 300	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23115		28/08/2006	1423				18		?	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23117		28/08/2006	1423				18		?	1	Bojo (Colo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23141		24/03/2006	3089				58		+ 460 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23147		24/03/2006	3089				58		+ 460 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23166		25/08/2006	4018						320+	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23239		28/08/2006	3089				57		+ 460 d.C.	3	Asa	Almagro 50	Bética (Espanha)	Oxidante		
ERA	RO.23245		19/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	RO.23283		08/06/2006	1023				3		250-300	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23284		08/06/2006	1023				3		250-300	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23328		28/06/2006	3021						Contemp.	3	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.23339		29/09/2006	1636				71		190-200+	1	Bojo com arranque de asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23357		28/08/2006	4018						320+	4	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23360		28/08/2006	4018						320+	4	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23372		25/08/2006	4018						320+	4	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23386			4018						320+	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora		
ERA	RO.23412		30/08/2006	4018						320+	4	Asa	Dressel 14?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.23416			4018						320+	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23420		30/08/2006	4018						320+	4	Asa	Almagro 51C?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23424			4018						320+	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23463		28/08/2006	4018						320+	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23485		25/08/2006	4018				1		320+	4	Bojo com arranque de asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	RO.23486		25/08/2006	4018				1		320+	4	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23492		25/08/2006	4018						320+	4	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23515		25/08/2006	4018						320+	4	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23518		25/08/2006	4018						320+	4	Asa	Almagro 51C/Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23522		25/08/2006	4018						320+	4	Asa	Almagro 51C/Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23523		25/08/2006	4018						320+	4	Asa	Almagro 51C/Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23524		25/08/2006	4018						320+	4	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23527		28/08/2006	4018						320+	4	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23536		25/82/2006	4018						320+	4	Bojo com arranque de asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23550		25/08/2006	4018						320+	4	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23557		25/08/2006	4018						320+	4	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23559		25/08/2006	4018						320+	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23562		25/08/2006	4018						320+	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23566		25/08/2006	4018						320+	4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23598		10/11/2005	3716		XXXVII				?		Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	RO.23923		05/09/2006	1464				69		250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.23956		06/09/2006	1464				69		250-300 d.C.	1	Fundo	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23958		24/08/2006	SUP.				62		?	1	Asa	Dressel 14?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.23974			1400				68		175+	AL. AR1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.23977		22/08/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.24160			1476				74/75		250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		RO.24161+24162+24165+24166+24167
ERA	RO.24185		05/09/2006	4034							4	Asa	DRESSEL 28?	Bética (Espanha)	Oxidante		
ERA	RO.24337		06/09/2006	1030				8		c. 300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		ASSOCIA A 24338 A 24379
ERA	RO.24381			1370				62		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.24400			1370				62		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Indeterminado	Oxidante-Redutora		
ERA	RO.24426		06/09/2006	1493				70		250-300 d.C.	AL. AREA 1	Bojo	Indeterminada	Indeterminado	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.24442		11/08/2006	1370				62		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.24462		21/08/2006	1370				62		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.24466		21/08/2006	1370				62		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.24555		29/08/2006	3029				58		+ 525 d.C.	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	RO.24644		30/05/2006	1402				70		250-300 d.C.		Fundo (Pivot)	Almagro 50 ou Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.24656		29/08/2006	Recolha Supe						?	Alarg. 1/4	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)			
ERA	RO.24658		29/08/2006	Recolha sup						?	alarg 1/4	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.24662		29/08/2006	3291						100-175+	3	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.24674		20/09/2006	3179			Muro 87	14		100+	3	Fundo (Pivot)	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	RO.24704		01/09/2006	1464				69		250-300 d.C.	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.24736		24/08/2006	1400				68		175+		Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora		
ERA	RO.24923		21/08/2006	4012							4	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.24924		21/08/2006	4012							4	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.24944		21/08/2006	3028						+ 500 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	RO.24945		21/08/2006	3028						+ 500 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	RO.24957			1282				6		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25140		21/08/2006	4012							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25141		21/08/2006	4012							4	Bojo	Indeterminada	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		
ERA	RO.25160		21/08/2006	4012							4	Bojo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	RO.25314			Sem EU								Bojo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		

ERA	RO.25345			Sem EU								Bojo	Indeterminada	Ebusitana (baleares)	Oxidante		
ERA	RO.25348			Sem EU								Bojo	Indeterminada	Bética Litoral (Espanha)	Oxidante		
ERA	RO.25676		20/09/2006	3304						270-290+	3	Arranque de Asa	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	RO.25677		20/09/2006	3304						270-290+	3	Bordo	Keay 25.1	África	Oxidante		
ERA	RO.25707		07/09/2006	1566	Alargamento da área			9		350+	1	Bordo	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25718		20/09/2006	1503			Canalização 15	72		250-300 d.C.	1	Bojo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.25736		20/09/2006	3304						270-290+	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25778		04/07/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.25789		20/09/2006	3304						270-290+	3	Bordo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25791		20/09/2006	3304						270-290+	3	Bordo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	RO.25826		20/09/2006		GERAL					?		Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.25834		13/09/2006	1476				74/75		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25836		13/09/2006	1476				74/75		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Espanha)	Oxidante		
ERA	RO.25903		25/08/2006	3135				57		175+	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25925		24/08/2006	1370				62		250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25928		24/08/2006	3135				59		175+	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	RO.25936		21/08/2006	3072						+ 500 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25941		21/08/2006	3028						+ 500 d.C.	3	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.25950		22/08/2006	1343				53		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Gália?	Oxidante		
ERA	RO.25995		22/08/2006	1282						250-300 d.C.		Fundo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.25998		22/08/2006	1282				6		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
	RO.26000			Sem EU								Bojo (Fundo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
	RO.26066			Sem EU								Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
	RO.26143			Sem EU								Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
	RO.26166			Sem EU								Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.26757		30/06/2006	1128				7		+ 500 d.C.		Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante-Redutora		
ERA	RO.26778			1675				81/76		190-200+	1	Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.27121		13/07/2006	3029						+ 525 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.27137		12/07/2006	3034				14		100+	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.27139		12/07/2006	3034				14		100+	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	RO.27156		12/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante	
ERA	RO.27345		20/09/2006	1627				90		190-200+	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante	
ERA	RO.27346		20/09/2006	1627				90		190-200+	1	Bojo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante	
ERA	RO.27347		20/09/2006	1627				90		190-200+	1	Bojo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante	
ERA	RO.27348		20/09/2006	1627				90		190-200+	1	Bordo	Dressel 20D-E	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante	
ERA	RO.27350		20/09/2006	1627				90		190-200+	1	Asa	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante	
ERA	RO.27351		20/09/2006	1627				90		190-200+	1	Bordo	Dressel 20D-E	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante	
ERA	RO.27352		20/09/2006	1627				90		190-200+	1	Bojo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante	
CML	RO.275			Superfície						?		Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora	
ERA	RO.27770		14/09/2006	4046							4	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	
ERA	RO.27782		13/09/2006	1043				6/5		250-300	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante	
ERA	RO.27797		27/09/2006	1675			Fossa	81/76		190-200+	1	Bojo (Fundo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	
ERA	RO.27804		27/09/2006	4046							4	Bordo	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante	

ERA	RO.27991		09/08/2006	1370				5		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.28063		09/08/2006	1370				5		250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.28067		09/08/2006	1370				5		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.28108		09/08/2006	4008							4	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.28224		14/09/2006	4046						c. 300 d.C.	4	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	RO.28248		14/09/2006	4046						c. 300 d.C.	4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.28394		26/09/2006	1600/1679				81/76		190-200+	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.28400		27/09/2006							?	1	Bordo	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.28421		20/07/2006	3052						+ 500 d.C.	3	Bojo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.464			1A		1			G2			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		RO.1338+1996+2052+2053+2055+2056+2162+2171+2266+2419
CML	RO.475			Superfície						?		Bordo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.494			Superfície						?		Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.495			Superfície						?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.497			Superfície						?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.5007			2		1			G2			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.5079			2	II	Limp Corte			J35			Bojo (Fundo)	Almagro 50?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.51			Superfície						?		Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.52			Superfície						?		Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.53			Superfície						?		Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.5432			1	II				Q29			Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
CML	RO.5433			1	II		CANTO NORTE DO MURO		Q29			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		RO.5434 A 5439
CML	RO.5550			2	II				V33			Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.57			Superfície						?		Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.573			Superfície						?		Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.58			Superfície						?		Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.59			Superfície						?		Bordo	Africana IIA	África	Oxidante	Sim	
CML	RO.60			Superfície						?		Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.606			1A/B		1			G2			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.607			1A/B		1			G2			Fundo (Pivot)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.6078			2	II				V33			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.6347			1C	II				B50			Bordo	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.6982			2	II				F36			Bordo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
CML	RO.7166			1	II				B34			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.735			Superfície						?		Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.7779			1	V				Sond. 1			Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.7831			1	V				Sond. 1			Bojo (Fundo)	Dressel 14?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.7957			1	V				Sond. 1			Bordo	Dressel 14 B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.7988			1	V				Sond. 1			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.7989			1	V				Sond. 1			Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.7994			1	V				Sond. 1			Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.7995			1	V				Sond. 1			Bordo	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8050			1	V				Sond. 1			Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		RO.9211
CML	RO.8090			2	VI				Sond. 2			Bordo	Keay 25.1	África	Oxidante		

CML	RO.811			Superfície						?		Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.8185			2	VI				Sond. 2			Bordo com Arranque de Asa	Indeterminada	Indeterminado	Oxidante		
CML	RO.821?			1A		1			I2			Arranque de Asa	Almagro 50	Bética (Litoral)	Oxidante		
CML	RO.8213			1/2	V				Sond. 1			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8215			1/2	V				Sond. 1			Bordo	Dressel 23C-D/Keay XIII C-D	Bética (Litoral)	Oxidante		
CML	RO.8218			1/2	V				Sond. 1			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.8223			1/2	V				Sond. 1			Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8240			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.8243			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8262			?	V				Sond. 1	?		Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8375			?	V				Sond. 1	?		Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8392			?	V				Sond. 1	?		Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8443			?	V				Sond. 1	?		Bojo (Ombro)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.860											Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8647			2	VI				Sond. 2			Asa	Keay 16	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.870			PROSPEÇÃO						?		Asa	Africana 1	África	Oxidante	Sim	
CML	RO.873			Superfície						?		Bojo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.8818			?	VI				?	?		Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.8841			2	VI				Sond. 2A			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8862			2	VI				Sond. 2A			Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.8882			2	VI				Sond. 2A			Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.900			Superfície						?		Bordo	Haltern 70	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9028			2	VI				Sond. 2A			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9198			?	V				Sond. 1	?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9199			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9203			?	V				Sond. 1	?		Fundo (Pivot)	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9204			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
CML	RO.9209			?	V				Sond. 1	?		Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9210			?	V				Sond. 1	?		Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9212			?	V				Sond. 1	?		Asa	Almagro 51C?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9213			?	V				Sond. 1	?		Asa	Almagro 51C?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-		

															Oxidante		
CML	RO.9214			2	V				C			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9215			2	V				C			Fundo (Pivot)	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9216			2	V				C			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Red-Oxi-Red		
CML	RO.9217			2	V				C			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9218			2	V				C			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.9234			?	V				Sond. 1	?		Fundo (Pivot)	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9236			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9237			?	V				Sond. 1	?		Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.9238			?	V				Sond. 1	?		Fundo (Pivot)	Almagro 51C tardia/51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9241			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Lusitana 3?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9242			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.9247			?	V				Sond. 1	?		Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9248			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9253			2B	IV				B			Fundo (Pivot)	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		

CML	RO.9256			2B	IV				B			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9257			2	V				E			Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9258			2	V				F			Bordo com Arranque de Asa	Keay 16	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9259			2	V				E			Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9261			2	V				E			Arranque de Asa	Almagro 51A-B?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9262			2	V				E			Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9263			2	V				E			Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.9264			2	V				F			Fundo (Pivot)	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9265			2	V				F			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.9268			2	V				F			Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9270			2 base	V				E			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9271			2	V				E			Asa	Almagro 50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9272			2	V				C			Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9273			2	V				C			Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9300			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

CML	RO.9302			?	V				Sond. 1	?		Bojo	Indeterminada	África	Oxidante	Sim	
CML	RO.934			PROSPEÇÃO						?		Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9476			1A	IV				M22			Asa	Almagro 51C?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.973			PROSPEÇÃO						?		Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.9742			?	V				Sond. 1	?		Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.991			PROSPEÇÃO						?		Arranque de Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
CML	RO.9948			2	V				S16			Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
CML	RO.9992			?	V				Sond. 1	?		Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		RO.9711
ERA	s/numero	120	30/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 236A	236	01/09/2006	1411						250-300 d.C.		Bojo	Almagro 51C/50	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 363A	363	08/08/2006	1522						250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 364A	364	08/09/2006	1445	Alargamento da área			72		250-300 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora		
ERA	Saco 365A	365	12/07/2006	1246				4		250-300 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 365B	365	12/07/2006	1246				4		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 366A	366	08/09/2006	1043			desmonte muro			250-300	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	Saco 367A	367	07/09/2006	4046						c. 300 d.C.	4	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 368A	368	15/09/2006	1473				75		250-300 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 369A	369	10/07/2006	1224				7		250-300 d.C.	1	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 369B	369	10/07/2006	1224				7		250-300 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 9	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 369C	369	10/07/2006	1224				7		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 369D	369	10/07/2006	1224				7		250-300 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 370A	370	05/09/2006	1473				75		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 370B	370	05/09/2006	1473				75		250-300 d.C.	1	Bojo com arranque de asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 371A	371	05/09/2006	1484				8		190-200+	1	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 372A	372	07/09/2006	Sup.				53 ou 75			1	Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 373A	373	05/09/2006	1484				8		190-200+	1	Bojo (Fundo)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 374A	374	19/07/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 374B	374	19/07/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	Saco 374C	374	19/07/2006	4002						+ 320 d.C.	4	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 375A	375	04/08/2006	1301				53		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 376A	376	07/08/2006	3173				39		?	3	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		VAL. 63, saco 27
ERA	Saco 378A	378	12/09/2006	1544				72		250-300 d.C.	1	Asa	Dressel 20 sec III	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 378B	378	12/09/2006	1544				72		250-300 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 378C	378	12/09/2006	1544				72		250-300 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 378D	378	12/09/2006	1544				72		250-300 d.C.	1	Fundo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 379A	379	08/09/2006	Achado sup							1	Bojo (Colo)	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 380A	380	11/09/2006	1502				9		175+	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 380B	380	11/09/2006	1502				9		175+	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 381A	381	11/09/2006	1570				70		Contemp.	1	Fundo (Pivot)	Indeterminada	Bética?	Oxidante		
ERA	Saco 382A	382	05/09/2006	1473				75		250-300 d.C.	1	Bordo com Arranque de Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 383A	383	23/06/2006	1022				7		+ 400 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 384A	384	14/07/2006	3033						?	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	Saco 385A	385	27/01/2006	1128				7		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 386A	386	10/11/2005	801		8				?		Bojo	Almagro 50/Keay16?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 386B	386	10/11/2005	801		8				?		Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	Saco 387A	387	05/09/2006	1030				8		c. 300 d.C.	1	Bojo (Colo)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 388A	388	07/11/2005	3507		35				?		Bordo com Arranque de Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 388B	388	07/11/2005	3507		35				?		Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 389A	389	08/11/2005	401						?		Asa	Dressel 14/ Peniche?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 390A	390	11/07/2006	1174				6		+ 425 d.C.	1	Bojo	Beltrán 68?	Bética (Litoral)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 391A	391	01/06/2006	3001						+ 525 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 392A	392	08/06/2006	1023				3		250-300	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 392B	392	08/06/2006	1023				3		250-300	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 392C	392	08/06/2006	1023				3		250-300	1	Bojo (Fundo)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 392D	392	08/06/2006	1023				3		250-300	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 393A	393	18/07/2006	3056				33/40		+ 500 d.C.	3	Fundo (Pivot)	Almagro 51C (tardia)	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		RO 28386+28387

ERA	Saco 394A	394		SEM ETIQUETA								Bojo com arranque de asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 395A	395	08/09/2006	1493				70		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxi-Red-Oxi		
ERA	Saco 396A	396	18/07/2006	1079				3		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 397A	397	22/08/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 397B	397	22/08/2006	1018						+ 500 d.C.	1	Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 398A	398	14/11/2005	807		VIII	Comp 2					Bojo	Indeterminada	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	Saco 399A	399	05/09/2006	1480				8		?	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 403A	403	02/10/2006	1657				67		190-200+	1	Bojo	Dressel 20 sec III	Bética (Guadalquivir)	Redutora	Sim	
ERA	Saco 404A	404	08/08/2006	4004							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 405A	405	28/08/2006	3276						100-175+	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 406A	406		4012							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 407A	407		3029				44		+ 525 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 408A	408		1129				6		425+	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 409A	409		1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 410A	410		3056				33		+ 500 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	Saco 411A	411		3000						Superfície	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 412A	412		1018				3		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 413A	413		1079				3		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 414A	414		1246				4		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 415A	415		3135				59		175+	3	Bojo	Dressel 14?	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 416A	416		1636				71		190-200+	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 417A	417		3001						+ 525 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 418A	418		1040				3		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 419A	419		200	2	iia						Bojo	Indeterminada	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	Saco 420a	420		1018				3		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 420b	420		1018				3		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 421A	421		1128				7		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 422A	422		1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 422B	422		1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 423A	423		1153				3		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	Saco 424A	424		1659				94		190-200+	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 425A	425		1546				70		?	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 425B	425		1546				70		?	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 426A	426		3001						+ 525 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 427A	427		1203			canalização	37		100+	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 428A	428		?							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 429A	429		3001						+ 525 d.C.	3	Bojo	Dressel 20?	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 430A	430		1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 431A	431		3076						+ 460 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	África	Oxidante		
ERA	Saco 431B	431		3076						+ 460 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 431C	431		3076						+ 460 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 432A	432		1018				3		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 433A	433		1261				8		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 434A	434		3013			muro 92	19/32a 34		100+	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 435A	435		1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	Saco 436A	436		1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 437A	437		1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 438A	438		3033						?	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 439A	439		1052				11		+ 425 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 440A	440		600		6		sond mec				Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 441A	441		3050				35		270-290+	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 442A	442		1038				9		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 443A	443		3001						+ 525 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 444A	444		210	IIA							Bojo	Indeterminada	Gália Narbonense (França)	Oxidante		
ERA	Saco 445A	445		3134				30		+ 40 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 446A	446		1075				6		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	Saco 447A	447		1018				3		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 448A	448		3001						+ 525 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 449A	449		1018				8		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 450A	450		1015						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

ERA	Saco 450B	450		1015						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 451A	451		1484				8		190-200+	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 452A	452		3086				46		+ 460 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 453A	453		1018				10		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 454A	454		3000						Superfície	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 455A	455		2000						250-300 d.C.	2	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 455B	455		2000						250-300 d.C.	2	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 456A	456		1027				10		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 456B	456		1027				10		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Itália, costa Tirrénica	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 457A	457		1018				5		+ 500 d.C.	1	Bojo	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 458A	458		3033				3		?	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 459A	459		1259+1261				8		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 460A	460		3015						+ 400 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 461A	461		1030				8		c. 300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 462A	462		1030				8		c. 300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	Saco 463A	463		1018						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 464A	464		1018				4		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 465A	465		1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 466a	466		1018				3		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	Saco 466b	466		1018				3		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 467A	467		1001						+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 468A	468		1047				4		250-300	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 469A	469		4031							4	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 470A	470		1464				64		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 471A	471		4026							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 471B	471		4026							4	Bojo	Indeterminada	Bética (Litoral)	Oxidante		
ERA	Saco 472A	472		3024						+ 500 d.C.	3	Bojo	Dressel 20	Bética (Guadalquivir)	Oxidante		
ERA	Saco 473A	473		1401				69		?	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 474A	474		1075				6		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 475A	475		1018				10		+ 500 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	Saco 476A	476		1323				36		250-300 d.C.	1	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 477A	477		1015						+ 500 d.C.	1	Arranque de Asa	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 478A	478		1343				53		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 479A	479		3087				41		?	3	Asa	Dressel 14	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 480A	480	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 480B	480	19/05/2006	1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 481A	481		4001						?	4	Fundo (Pivot)	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 482A	482		1021				8		+ 400 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 483A	483		1266				8		175+	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 484A	484	02/08/2006	1079						250-300 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 485A	485		3053				34		250+	3	Asa	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 486A	486		1001						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51A-B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 487A	487	17/07/2006	1283				6		+ 425 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 488A	488		3000						Superfície	3	Fundo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 489A	489		superficie							4	Fundo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 490A	490	02/10/2006	desmon comp			desmontecomparti men				4	Bordo	Dressel 14 B	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	Saco 491A	491	05/09/2006	1445				72		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 491B	491	05/09/2006	1445				72		250-300 d.C.	1	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 492A	492		4000/4001							4	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 493A	493		1015						+ 500 d.C.	1	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 494A	494		1015/1018				5		+ 500 d.C.	1	Bojo	Africana I	África - Nabeul	Oxidante	Sim	
ERA	Saco 495A	495	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bordo	Africana IIIA/Keay 25.1 - transição de IID	África - Bizacena	Oxidante		
ERA	Saco 495B	495	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	África	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 495C	495	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 495D	495	06/07/2006	3024						+ 500 d.C.	3	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 496A	496	01/11/2006	7001		VII?	Talude N e O rua B	prox area3		?		Bordo	Haltern 70	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 497A	497	09/06/2006	1018				3		+ 500 d.C	1	Bojo	Indeterminada	Bética (Guadalquivir)	Redutora-Oxidante		
ERA	Saco 498A	498	03/07/2006	1128				7		+ 500 d.C.	1	Asa	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	Saco 499A	499	03/08/2006	1241				53		250-300 d.C.	1	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:22			4005							4	Fundo	Almagro 51C/Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	LMM:26			4021							4	Fundo (Pé)	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:41			4002							4	Fundo (Pivot)	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	LMM:58			4008							4	Fundo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:71			4018							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:260			4005							4	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:276			4008							4	Bordo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:347			4002							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	LMM:348			4002							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:349			4002							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	LMM:350			4002							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	LMM:351			4002							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	LMM:352			4002							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	LMM:353			4002							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	LMM:354			4002							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		

ERA	LMM:355			4002							4	Bojo	Indeterminada	Bética?	Oxidante		
ERA	LMM:429			4002							4	Bordo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:452			4021							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:454			4018							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:459			4018							4	Fundo	Almagro 51C	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	LMM:464			4018							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:483			4016							4	Fundo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:484			4016							4	Fundo	Lusitana 3	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	LMM:485			4016							4	Asa	Indeterminada	Bética?	Oxidante		
ERA	RO.27864			4008							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Oxidante		
ERA	RO.27893			4008							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.27895			4008							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		
ERA	RO.27939			4008							4	Bojo	Indeterminada	Complexo Tejo-Sado (Portugal)	Redutora-Oxidante		

Anexo V

Tabelas de quantificação de espólio por unidade estratigráfica

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
100 - Sondagem IIA	Ânfora	Gália Narbonense	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
200 - Sector II	Ânfora	Bética litoral	Ind.	1	1	1	50%	?		
		Gália Narbonense	Ind.	1	1	1	50%	?		
TOTAL				2	2	2	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
210 - Sondagem IIA	Ânfora	Gália Narbonense	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				2	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
226 - Sondagem IIA	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
217	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 24/25	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	1				-		
	Almofariz	*Baetica*	Bordo em martelo	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	50%	20		
			Ind.	1	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	50%	70		
TOTAL				6	4	4	100%	90		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
231 - Sondagem IIA	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	1	25%	22		
		Bética Litoral	Ind.	1	1	1	25%	?		
		Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	25%	30		
			Ind.	2	-			?		
		Lusitânia ?	Dressel 2-4	1	1	1	25%	20		

TOTAL				6	4	4	100%	72		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
233 - Sondagem IIA	Terra Sigillata	Sudgálica - marmoreada	Drag. 36	1	1	1	100%	-	Decoração a barbotina	
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
304 - Sector 3	Ânfora	Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	50%	30		
			Ind.	1	-			?		
		Bética Litoral	Dressel 28?	1	1	1	50%	?		
TOTAL				3	2	2	100%	30		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
310	Almofariz	*Baetica*	Bordo em martelo	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

400 - Sondagem 4	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				2	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
401 - Sondagem 4	Ânfora	Lusitânia (Peniche?)	Dressel 14	1	1	1	100%	40		
TOTAL				1	1	1	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
600 - Sondagem 6	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	-		
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
604 - Desmonte do Forno	Ânfora	Bética, Guadalquivir	Dressel 20C	1	1	1	100%	70		
TOTAL				1	1	1	100%	70		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

606	Vidro	Verde claro	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
700/701 - Sondagem VII	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14B	1	1	1	100%	40		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				2	1	1	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
801 - Sondagem VIII	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	1	33%	20		
			Almagro 50/Keay XVI ?	1	-			?		
		Bética, Indeterminada	Ind.	1	1	1	33%	?		
TOTAL				4	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
807 - Sondagem VIII, compartimento 2	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	50%	20		
		Gália Narbonense	Ind.	1	1	1	50%	?		

TOTAL	2	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
900	Vidro	Incolor	Ind.	3	1	3	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Incolor verde-azul	Ind.	4	1			-		
		Verde-gelo	Ind.	1	1			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51A-B	1	1	1	50%	10		
		Gália Narbonense	Ind.	1	1	1	50%	?		
TOTAL				10	5	5	100%	10		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
900-901, sector 9, superficie	Almofariz	*Baetica litoral*	Bordo em martelo	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 18	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	1	100%	22	A ânfora Almagro 50 encontra-se completa quase na sua totalidade.	
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				4	3	3	100%	22		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
902, sector 9	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51A-B	1	1	1	100%	10		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				2	1	1	100%	10		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1000/1001 - Sondagem X	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1000	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 6C	1	1	1	100%	-		
			Ind.	1	-			-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	2	100%	20		
			Almagro 50	2	1			22		
			Ind.	5	-			?		
TOTAL				11	3	3	100%	42		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1001	Almofariz	L/R	Vaz Pinto; Morais, 2007, 9ª série	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	CAC	Engobe	Hayes 181D	1	1	6	33%	-		
			Hayes 23	4	1			-		
		Patine cinzenta	Hayes 195	1	1		67%			
			Hayes 196A	2	2					
			Hayes 197	1	1			-		
		Indeterminada	Ind.	4	-		-	-		
	CC imitação	L/R	Hayes 14A	1	1	4	100%	-		
			Hayes 27= L9a	1	1			-		
			Hayes 3	1	1			-		
			Hayes 3C	1	1			-		
	IEV	L/R - Engobe	Hayes 61 B1	1	1	1	100%	-		
	Lucernas	África, Zeugitânia	Atlante VIII A1a-b/A2a	1	1	1	33%	-	Menorah?	
		L/R	Disco/ Dressel 28	1	1	1	33%	-	Grinalda na orla	
			Firmalampe	1	1	1	33%	-		
	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 36	1	1	1	3%	-		
			Ind.	1	-			-		
		Sudgálica	Drag. 18	1	1	1	3%	-		
			Ind.	1	-			-		
		TSHT - Douro ou Ebro	Palol 4	1	1	1	3%	-		

		TSFT - fabrico 1	Grupo III	1	1	1	3%	-	motivo 73	
		TSFT	Hayes 3 C	1	1	3	8%	-		
			Hayes 3F	2	2			-		
		Tsaf D1	Hayes 56	1	1	13	36%	-		
			Hayes 58B	1	1			-		
			Hayes 59	2	2			-		
			Hayes 61	1	1			-		
			Hayes 61A	1	1			-		
			Hayes 61 B3	3	3			-		
			Hayes 70	1	1			-		
			Hayes 91	3	2			-		
			Estilo C-D	1	1			-	Decoração inédita, afim de Mackensen tipo 250.	
			Ind.	6	-			-		
		Tsaf A	Hayes 8A	1	1	9	25%	-		
			Hayes 14A, nº4	1	1			-		
			Hayes 14B	1	1			-		
			Hayes 15 var. precoce	2	2			-		
			Hayes 16	1	1			-		
			Hayes 17	1	1			-		
			Hayes 27	2	1			-		
			Hayes 6B ou 6C	1	1			-		
			Ind.	31	-			-		
		Tsaf C	Hayes 50	3	3	6	17%	-		
			Hayes 50A	2	2			-		

			Hayes 50B	1	1			-		
			Hayes 52?	1	-			-		
			Ind.	16	-			-		
		Tsaf C3 rel aplicado	Hayes 52B	1	1	1	3%	-	peixe	
	Vidro	Branco	Ind.	4	1	3	100%	-		
		Verde	Ind.	1	1			-		
		Verde-oliva	Ind.	9	1			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	36	90%	40	Variante atípica	
			Almagro 50	3	2			44		
			Almagro 51A-B	3	1			10		
			Almagro 51C	36	22			440		
			Almagro 51C Tardia	3	3			30		
			Almagro 51C?	2	-			?		
			Lusitana 3	8	5			100		
			Lusitana 9	1	1			12		
			Sado 1B	1	1			40		
			Ind.	78	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	2	1	1	3%	70		
			Ind.	1	-			?		
		Bética Litoral	Almagro 50?	1	1	1	3%	?		
	Numisma	Bronze	Alexandre Severo - 223 d.C.	1	1	1	100%	-		
TOTAL				271	93	93	100%	786		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1008 - Ambiente 3	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1011	Terra Sigillata	Tsaf D	Estilo Aii	1	1	1	100%	-	Motivo de rosetas.	
	Vidro	Verde	Ind.	1	1	2	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Verde oliva claro	Ind.	3	1			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	3	3	4	100%	60		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Ind.	4	-			?		
TOTAL				13	7	7	100%	80		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1015	CIS	L/R	Estilo Aii	1	1	1	100%	-	Folhas de palma - motivo 2	Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 18r	1	1	5	20%	-		
			Ind.	1	-			-		

		Hispânica - La Rioja	Ind.	1	1		20%	-		
		Hispânica - Andújar	Ind.	1	1		20%	-		
		Tsaf A	Ind.	1	1		20%	-		
		Tsaf C	Hayes 48A	1	1		20%	-		
	Cerâmica comum	LR	Estilo Ai-ii	2	2	2	100%	-	Motivos de rosetas	
	Vidro	Verde oliva	Ind.	2	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51A-B	1	1	10	91%	10		
			Almagro 51C	6	3			60		
			Almagro 51C tardia	2	2			20		
			Almagro 50/51C	1	-			?		
			Dressel 14	1	1			40		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Lusitana 9	2	2			24		
			Lusitana 9?	1	-			?		
			Ind.	15	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Haltern 70	1	1	1	9%	20		
			Ind.	2	-			?		
TOTAL				44	20	20	100%	194		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1015/1018	Ânfora	África - Nabeul	Africana Grande	1	1	1	100%	?		

TOTAL	1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1017 - Ambiente 6	Vidro	Verde oliva	Isings 116/ taça campanulada ampla	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1018	CAC	Engobe	Hayes 181D	2	2	2	10%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	4	-			-		
		Patine cinzenta	Hayes 195	3	3	19	90%	-		
			Hayes 196A	9	9			-		
			Hayes 196B	1	1			-		
			Hayes 197	4	2			-		
			Hayes 23	2	1			-		
			Hayes 23B	3	3			-		
	Cer. imitação CAC	L/R - pasta 1	Hayes 196A	1	1	18	100%	-		
		L/R - pasta 2	Hayes 196A	10	10			-		
		L/R - pasta 3	Fulford 20.6	6	6			-		
		L/R - pasta 4	Fulford 20.1	1	1			-		
	Cer. Comum	*Baetica*	Ind.	1	1	1	100%	-		

	Cer. Comum imitação	L/R	Hayes 27=L9a	1	1	1	100%	-		
	Lucernas	África, Zeugitânia	Atlante VIII A1c/A2b	1	1	1	25%	-		
		Hispania, fabrico 1c	Ind.	1	1	1	25%	-		
		L/R	Dressel 30?	1	1	2	50%	-		
			Disco	1	1			-	grinalda na orla; banda de tracejado entre orla e disco. Larga moldura.	
			Ind.	2	-			-		
	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 18	1	1	1	3%	-		
			Ind.	1	-			-		
		Tsaf A	Hayes 14	3	1	23	62%	-		
			Hayes 14A	2	2			-		
			Hayes 14B	6	6			-		
			Hayes 14C	5	5			-		
			Hayes 15	2	2			-		
			Hayes 15 var. precoce	2	2			-		
			Hayes 16	3	3			-		
			Hayes 6	1	1			-		
			Hayes 9B	1	1			-		
			Ind.	57	-			-		
		Tsaf C	Hayes 44	2	2	8	22%	-		
			Hayes 45	1	1			-		
			Hayes 45B	1	1			-		

			Hayes 50A	5	4			-		
			Ind.	28	-			-		
		Tsaf D1	Hayes 58B	1	1	4	11%	-		
			Hayes 59	1	1			-		
			Hayes 61A	1	1			-		
			Hayes 70/71	1	1			-		
			Ind.	17	-			-		
		Tsaf D2	Estilo Aii	1	1	1	3%	-	Circulo concêntrico - motivo 28	
	Vidro	Azul opaco	Isings 97?	1	1	6	100%	-		
		Incolor	Ind.	2	1			-		
		Incolor opaco	Vidraça	2	1			-		
		Verde	Isings 50	1	1			-		
			Ind.	1	-			-		
		Verde claro	Ind.	1	1			-		
		Verde escuro	Isings 50	1	1			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	9	100%	22		
			Almagro 51C	5	4			80		
			Lusitana 3	6	3			60		
			Dressel 14	1	1			40		
			Ind.	7	-			?		
1018 - Ambiente 2	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	1	100%	22		
1018 - Ambiente 3	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15	1	1	1	100%	-		
			Ind.	1	-			-		
		Tsaf D	Ind.	1	1	1	100%	-		
	CAC	Patine cinzenta	Hayes 181B	1	1	5	100%	-		
			Hayes 182 A	1	1			-		

			Hayes 182 C	3	3			-		
		Indeterminada	Ind.	4	-	-		-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	5	2	4	67%	40		
			Lusitana 3	3	2			40		
			Ind.	46	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	17%	70		
			Ind.	2	-			?		
		Bética Litoral	Ind.	3	1	1	17%	?		
1018 - Ambiente 4	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 6	1	1	1	100%	-		
	CAC	Patine cinzenta	Ostia I, 261	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
			Ind.	9	-			?		
1018 - Ambiente 5	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	2	1	10	83%	22		
			Almagro 51A-B	3	1			10		
			Almagro 51C	11	5			100		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Keay LXXVIII/ Sado 1	1	1			40		
			Dressel 14	1	1			40		
			Ind.	6	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	8%	70		
			Ind.	1	-			-		
		Bética Litoral	Almagro 51A-B	1	1	1	8%	10		

1018 - Ambiente 6	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C Tardia	1	1	1	50%	10		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20 século III d.C.	1	1	1	50%	70		
			Ind.	1	-			?		
		Bética ou Tarraconense?	Ind.	1	-	-	0%	?		
1018+1484 - Ambiente 8	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20	Bojo de ânfora em [1018] cola com o fundo em [1484]	
			Ind.	7	-			?		
1018 - Ambiente 9	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
1018 - Ambiente 10	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	4	100%	22		
			Almagro 51C	4	2			40		
			Dressel 14	1	1			40		
			Ind.	13	-			?		
1018 - Ambiente 22	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
1018 - Ambiente 72	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				374	136	136	100%	948		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1021 - Ambiente 7	Cer. Comum imitação	L/R	Hayes 61A/B1	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019

	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14C	1	1	1	25%	-		
		Tsaf C	Hayes 50A/B	1	1	2	50%	-		
			Hayes 50B	1	1			-		
			Ind.	2	-			-		
		Tsaf D1	Ind.	1	1	1	25%	-		
	Vidro	Incolor verde oliva	Isings 116/taça campanulada ampla	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
1021 - Ambiente 8	Terra Sigillata	Tsaf C	Hayes 50	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	3	3	4	100%	60		
			Dressel 14	1	1			40		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				15	12	12	100%	120		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1022 - Ambiente 7	Ânfora	Lusitânia	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				2	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1023 - Ambiente 3	CAC		Hayes 195	4	4	8	63%	-		

		Patine cinzenta	Hayes 197	1	1			-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Patine creme	Hayes 195	2	2		38%	-		
			Ostia III, 170	1	1			-		
	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14B	2	2	5	83%	-		
			Hayes 16	1	1			-		
			Hayes 27 =L9a2	2	2			-		
			Ind.	14	-			-		
		Tsaf C	Ind.	12	1	1	17%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	7	100%	20		
			Lusitana 3	4	3			60		
			Dressel 14	1	1			40		
			Ind.	24	-			?		
TOTAL				69	19	21	100%	120		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1025	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14 Tardia	1	1	1	100%	40		
TOTAL				1	1	1	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1027 - Ambiente 10	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019

	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	4	67%	22		
			Almagro 51C	1	1			20		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Dressel 14	2	1			40		
			Ind.	4	-			?		
		Bética	Ind.	1	1	1	17%	?		
		Itálica, Costa Tirrénica	Ind.	1	1	1	17%	?		
TOTAL				12	7	7	100%	102		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1028 - Ambiente 8	Terra Sigillata	Tsaf D	Hayes 67B	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia	Lusitana 3	1	1	1	50%	20		
			Almagro 51C?	1	-			?		
			Ind.	2	-			?		
		África	Africana I	1	1	1	50%	39		
TOTAL				6	3	3	100%	59		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1029 - Ambiente 8	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	1	100%	40		

TOTAL				2	2	2	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1030 - Ambiente 8	Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	1	1	4	25%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf A	Hayes 14B	1	1		25%	-		
		Tsaf D1	Hayes 58B	2	2		50%	-	2 sulcos	
	CAC	Patine Cinzenta	Hayes 182	1	1	2	100%	-		
			Hayes 182D	1	1			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	2	1	1	50%	20		
			Ind.	17	-			?		
		Itálica, Costa Adriática	Ind.	1	1	1	50%	?		
TOTAL				26	8	8	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1033	Vidro	Incolor	Ind.	1	1	2	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Incolor verde	Ind.	1	1			-		
TOTAL				2	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

1035	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	2	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				2	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1036	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15 var. precoce	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1038 - Ambiente 7	Cerâmica comum	*Baetica*	Pote	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	50%	-		
		Tsaf C	Hayes 50	2	1	1	50%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	2	100%	20		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Ind.	1	-			?		
1038 - Ambiente 9	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	3	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf C	Ind.	1	1	1	50%	-		

	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	7	2	2	100%	40		
			Ind.	4	-			?		
1038 - Ambiente 72	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	2	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				27	11	11	100%	80		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1040	CAC	Patine cinzenta	Hayes 196B	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14B	1	1	4	80%	-		
			Hayes 16	3	3			-		
			Ind.	8	-			-		
		Tsaf C	Ind.	4	1	1	20%	-		
1040 - Ambiente 3	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14B	1	1	3	18%	-		
			Hayes 15 var. precoce	1	1			-		
			Hayes 16	1	1					
			Ind.	5	-			-		
		Tsaf C	Hayes 50A/B	6	6	13	76%	-		
			Hayes 50A	3	3			-		
			Hayes 45	2	2			-		
			Hayes 45A	2	2			-		
			Ind.	4	-			-		

		Tsaf D1	Hayes 91	1	1	1	6%	-	Roleta no fundo	
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	3	100%	20		
			Lusitana 3	4	2			40		
			Ind.	13	-			?		
1040 - Ambiente 4	Terra Sigillata	Tsaf C	Hayes 44	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				62	27	27	100%	60		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1043 - Desmonte de muro - Ambientes 5/6	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	1	-			-		
		Tsaf C	Ind.	19	1	1	50%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	2	67%	20		
			Dressel 14	1	1			40		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	33%	70		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				25	5	5	100%	130		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1047 - Pavimento de lajes	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 29 ou 37	1	1	1	50%	-	Decoração imperceptível	

		Hispânica - Andújar	Prato	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
1047 - Ambiente 4	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				3	3	3	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1049 - Ambiente 11	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1052 - Ambiente 11	Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	1	1	1	33%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf A	Ind.	1	1	1	33%	-		
		Tsaf C	Hayes 50A	1	1	1	33%	-		
			Ind.	4	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	7	1	1	50%	?		
		Gália, Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	50%	30		
TOTAL				15	5	5	100%	30		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1058 - Ambiente 12	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Vidro	Incolor branco	Unguentário?	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				4	3	3	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1053 - Ambiente 11	Terra Sigillata	Tsaf D1	Hayes 67	1	1	4	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 76	3	3			-		
TOTAL				4	4	4	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1064	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

1075 - Ambiente 4	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
1075 - Ambiente 6	Terra Sigillata	Tsaf D1	Hayes 58B	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		TSFT - Grupo 1	Hayes 3E	1	1	1	50%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	2	67%	20		
			Lusitana 3	2	1			20		
			Ind.	2	-			?		
		Bética Litoral	Ind.	2	1	1	33%	?		
TOTAL				10	6	6	100%	60		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1079 - Ambiente 3	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	3	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	CAC	Patine Cinzenta	Hayes 196A	1	1	1	33%	-		
		Imitação L/R	Hayes 196A	1	1	2	67%	-		
			Hayes 196B	1	1			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	5	1	1	100%	20		
			Almagro 50?	1	-			?		
			Ind.	8	-			?		
	Vidro	Azul	Isings 50	1	1	3	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Verde	Ind.	1	1			-		
		Verde-Azul	Ind.	1	1			-		

TOTAL	23	8	8	100%	20	

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1085 - Desmonte - Ambiente 6	DSP	Languedoc	Rigoir 1	1	1	1	100%	-		
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1087 - Desmonte estrutura - Ambiente 8	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1089 - Ambiente 8	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1100 - Ambiente 6	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14A	1	1	2	67%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 27	1	1			-		
			Ind.	2	-			-		

		Tsaf C	Hayes 50A	1	1	1	33%	-		
			Ind.	5	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
	Vidro	Azul	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				13	5	5	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1100 - Sondagem 11	Ânfora	Gália Narbonense	Gauloise 4	2	1	1	100%	30		
TOTAL				2	1	1	100%	30		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1106 - Ambiente 9	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1118 - Ambiente 2	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	1	100%	20		
TOTAL				2	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1123 - Ambiente 6	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
	Vidro	Incolor verde	Ind.	1	1	2	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Verde opaco	Jarro?	1	1			-		
TOTAL				3	3	3	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1126 - Ambiente 6?	Terra Sigillata	Tsaf D1	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1128 - Ambiente 7	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14C	1	1	2	40%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 15	1	1			-		
		Tsaf C	Hayes 50A	1	1	1	20%	-		
			Ind.	2				-		
		Tsaf D1	Ind.	2	1	1	20%	-		
		TSFT - Grupo 1	Hayes 3F	1	1	1	20%	-		

	Lucerna	L/R	Dressel 28?	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	5	3	5	100%	60		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Almagro 51C/Lusitana 10	1	1			10		
			Ind.	4	-			?		
TOTAL				20	11	11	100%	90		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1129 - Ambiente 6	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14A	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	3	3	3	100%	60		
			Ind.	4	-			?		
TOTAL				8	4	4	100%	60		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1133 - Ambiente 10	Cerâmica comum de imitação	L/R	Hayes 67B	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51A-B	1	1	3	100%	10		
			Almagro 51C	1	1			20		

			Dressel 14	1	1			40		
TOTAL				5	5	5	100%	70		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1134 - Ambiente 11	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf C	Hayes 50A/B	1	1	1	50%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	2	67%	20		
			Dressel 14	1	1			40		
		Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	33%	30		
TOTAL				5	5	5	100%	90		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1139 - Ambiente 10	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	1	100%	20		
TOTAL				2	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1141 - Ambiente 4	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20	Patine cinzenta no exterior	
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1153 - Ambiente 3	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15 var. precoce	1	1	2	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 27	1	1			-		
	CAC	Patine Cinzenta	Hayes 196A	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	4	1	1	100%	?		
1153 - Ambiente 62	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
1153	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14A	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	9				-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
			Ind.	2	-			?		
TOTAL				21	7	7	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1161 - Ambiente 10	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1174 - Ambiente 6	Cerâmica comum	*Baetica*	Tigela	1	1	1	100%	-	Engobe vermelho	Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Lucerna	Hispania	Ind.	1	1	1	100%	-	Grupo 1c	
	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 27=L9a2	1	1	1	33%	-		
			Ind.	2	-			-		
		Tsaf C	Ind.	3	1	1	33%	-		
		Tsaf D1	Ind.	1	1	1	33%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	50%	20		
			Ind.	1	-			?		
		Bética Litoral	Béltran 68?	1	1	1	50%	?		
TOTAL				12	7	7	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1175=1226 - Ambiente 36	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
1175=1226 - Ambiente 7	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	2	100%	20		
			Almagro 51C	2	1			20		
TOTAL				5	4	4	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1179 - Ambiente 7	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	50%	20		
			Dressel 14	1	1			40		
			Ind.	2	-			?		
		Bética Litoral	Ind.	1	1	1	50%	?		
TOTAL				5	3	2	100%	60		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1199 - Ambiente 3	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1203 - Ambiente 37 - Canalização	Vidro	Incolor verde-gelo	Perfil cerâmico	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	3	1	1	100%	?		
TOTAL				4	2	2	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

1205 - Ambiente 15 - Enchimento canalização	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1211 - Ambiente 29	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 27	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf C	Hayes 50A	1	1	1	50%	-		
			Ind.	3	-			-		
TOTAL				5	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1223	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	50%	20		
			Ind.	1	-			?		
		Bética, Guadalquivir	Almagro 51A-B	1	1	1	50%	10		
TOTAL				3	2	2	100%	30		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1224 - Ambiente 7	Lucerna	Itálica ?	Volutas ?	1	1	1	100%	-	Duas caneluras na asa e decoração de folhagem na orla.	Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019

	Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Drag. 37	1	1	1	33%	-	Estilo de círculos.	
		Tsaf A	Hayes 15	3	3	3	100%	-		
			Ind.	2	-			-		
	CAC	Indeterminada	Ind.	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	3	100%	20		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Lusitana 9	1	1			12		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				12	9	9	100%	52		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1226 - Ambiente 36	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	50%	20		
			Ind.	1	-			?		
		Bética Litoral	Keay XVI	1	1	1	50%	50		
TOTAL				3	2	2	100%	70		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1228 - Ambiente 18	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1230 - Ambiente 18	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				2	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1233 - Ambiente 11	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1240 - Ambiente 6	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14	1	1	2	67%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 15	1	1			-		
			Ind.	3	-			-		
		Tsaf C	Hayes 50A	1	1	1	33%	-		
			Ind.	1	-			-		
	Vidro	Branco	Unguentário/ Isings 15?	1	1	1	100%	-	Bordo dobrado.	

	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				9	5	5	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1241 - Ambiente 4	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 24/25	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	1	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
1241 - Ambiente 53	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				4	3	3	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1246 - Ambiente 4	CAC	Patine cinzenta	Hayes 197	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	1	100%	20		
			Ind.	4	-			?		
1246 - Ambiente 5	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14C	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019

	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	1	100%	40		
TOTAL				9	4	4	100%	60		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1249 - Ambiente 23	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1256 - Ambiente 10	Vidro	Verde	Isings 38?	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1257 - Ambiente 37	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14C	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1259+1261 - Ambiente 8	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	-		
TOTAL				2	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1261 - Ambiente 7/8	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14 Tardia	1	1	1	100%	40		
			Ind.	2	-			?		
TOTAL				3	1	1	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1266 - Ambiente 8	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				2	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1281 - Ambiente 53	Paredes Finas	*Baetica*	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Tigela	1	1	1	100%	-		
TOTAL				2	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1282 - Ambiente 6	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14A	1	1	1	33%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 25?	1	-			-		
			Ind.	1	-			-		
		Tsaf C	Hayes 50A	1	1	2	67%	-		
			Hayes 50 A/B	1	1			-		
			Ind.	3	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	2	2	2	100%	40		
			Ind.	1	-			-		
TOTAL				11	5	5	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1283 - Ambiente 6	Terra Sigillata	Tsaf D1	Hayes 81B	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	3	100%	20		
			Lusitana 3	2	2			40		
TOTAL				4	4	4	100%	60		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

1284 - Ambiente 8	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15 var. precoce	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	2	-			-		
TOTAL				3	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1292 - Ambiente 6	Vidro	Incolor branco	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1301 - Ambiente 53	Lucerna	Hispania	Deneauve 7	1	1	1	50%	-	Grupo 2a	Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		L/R	Ind.	1	1	1	50%	-		
	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	2	1	1	100%	-		
	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	100%	70		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				6	4	4	100%	70		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

1302 - Ambiente 36	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				2	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1312 - Ambiente 50	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1313 - Ambiente 8	Terra Sigillata	Tsaf C	Hayes 50A	2	2	2	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	2	-			-		
1313 - Ambiente 8 - Canalização 11	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				5	3	3	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1314 - Ambiente 3	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1323 - Ambiente 36	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	3	100%	20		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Dressel 14	1	1			40		
			Ind.	3	-			?		
TOTAL				6	3	3	100%	80		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1343 - Ambiente 53	Imitação de engobe vermelho	Engobe	Hayes 27=L9a	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	CAC	Patine Cinzenta	Hayes 197	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
			Ind.	1	-			?		
		Gália Narbonense ?	Ind.	1	-	-	0%	?		
TOTAL				5	3	3	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1356 - Ambiente 23	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		

TOTAL	1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1357 - Ambiente 3	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	2	100%	20		
			Dressel 14	1	1			40		
1357 - Ambiente 62	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				4	4	4	100%	80		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1358 - Ambiente 62	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	33%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf C	Hayes 50A/B	1	1	1	33%	-		
			Ind.	1	-			-		
		Hispânica - La Rioja	Ind.	1	1	1	33%	-		
TOTAL				4	3	3	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1361 - Ambiente 8	Lucerna	*Baetica?*	Dressel 30	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019

TOTAL	1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1369 - Ambiente 53	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15	1	1	6	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 15 var. precoce	1	1			-		
			Hayes 16	4	4			-		
			Ind.	1	-			-		
TOTAL				7	6	6	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1370 - Ambiente 5	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14A	1	1	6	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 14B	2	2			-		
			Hayes 15 var. precoce	1	1			-		
			Hayes 16	2	2			-		
			Ind.	5	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	4	100%	22		
			Almagro 51C	1	1			20		
			Lusitana 3	3	2			40		
1370 - Ambiente 62	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14A	1	1	2	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 15 var. precoce	1	1			-	Notched rim.	
	Ânfora		Lusitana 3	2	1	1	50%	20		

		Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	3	-			?		
		Bética litoral	Ind.	1	1	1	50%	?		
		Indeterminada	Ind.	1	-	-	0%	?		
TOTAL				25	14	14	100%	102		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1400 - Ambiente 68	Cerâmica comum	*Baetica litoral*	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	1	100%	20		
TOTAL				3	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1401 - Ambiente 69	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	3	1	1	100%	?		
TOTAL				3	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

1402 - Ambiente 70	Imitação de cerâmica africana de cozinha	L/R - pasta 1	Hayes 196A	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 27	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50 ou Dressel 14	1	1	1	100%	?		
TOTAL				3	3	3	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1411	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	1	100%	22		
			Almagro 51C/50	1	-			?		
TOTAL				2	1	1	100%	22		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1423 - Ambiente 18	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				2	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

1435 - Ambiente 18	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14A	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1436 - Ambiente 18	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	2	1	1	100%	-		
		Tsaf D	Hayes 67B	1	1	1	100%	-		
			Ind.	1	-			-		
TOTAL				4	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1438 - Ambiente 73	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50?	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1445 - Ambiente 72	Lucerna	L/R	Disco	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14, nº4	1	1	1	50%	-		
		Tsaf C	Ind.	2	1	1	50%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	3	100%	20		
			Lusitana 3	2	2			40		

TOTAL	7	6	6	100%	60		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1454 - Ambiente 76	Terra Sigillata	Tsaf C	Hayes 44	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1464 - Ambiente 64	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
			Ind.	1	-			?		
1464 - Ambiente 69	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	3	100%	20		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Lusitana 9	1	1			12		
TOTAL				6	5	5	100%	72		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1465 - Ambiente 70	Paredes Finas	*Baetica*	Mayet 37	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 18	1	1	1	100%	-		

TOTAL	2	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1473 - Ambiente 75	Lucerna	*Baetica?*	Disco	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14A	2	2	5	100%	-		
			Hayes 14B	1	1			-		
			Hayes 15	1	1			-		
			Hayes 6A	1	1			-		
			Ind.	2	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	3	1	1	100%	20		
			Ind.	2	-			?		
TOTAL				13	7	7	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1476 - Ambiente 74/75 - Desmonte de estrutura	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	50%	20		
			Ind.	1	-			?		
		Bética	Ind.	1	1	1	50%	?		
TOTAL				3	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1480 - Ambiente 8	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1484 - Ambiente 8	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	2	100%	20		
			Ind.	4	-			?		
TOTAL				6	1	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1493 - Ambiente 70	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
		Indeterminada	Ind.	1	-	-	0%	?		
TOTAL				2	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1502 - Ambiente 9	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	3	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				5	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

1503 - Ambiente 72 - Canalização 15	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	100%	70	Desmonte da canalização	
TOTAL				1	1	1	100%	70		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1522	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1537 - Ambiente 72	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf C	Hayes 50A/B	1	1	1	50%	-		
TOTAL				2	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1544 - Ambiente 72	Cerâmica imitação de CAC	L/R	Hayes 23	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	3	75%	20		
			Lusitana 3	2	2			40		
			Ind.	1	-			?		

		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20 do século III d.C.	1	1	1	25%	70		
1544 - Ambiente 91	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				8	6	6	100%	150		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1546 - Ambiente 70	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	50%	?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	2	1	1	50%	?		
TOTAL				3	2	2	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1561/1587 - Enchimento canalização 15	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1566 - Ambiente 9	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	2	100%	20		
			Almagro 51A-B	1	1			10		

1566 - Ambiente 85	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15	1	1	1	100%	-		
			Ind.	1	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
			Ind.	3	-			?		
TOTAL				8	4	4	100%	50		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1568	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1570 - Ambiente 70 - Muro recente	Terra Sigillata	Itálica	Conspectus 23	1	1	1	25%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Sudgálica	Drag. 15/17	1	1	1	25%	-		
	Ânfora	Bética, Indeterminada	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				3	3	3	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

1581/1635 - Ambiente 70/71 - Enchimento de canalização	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1587 - Ambiente 72	Terra Sigillata	Hispânica intermédia	Drag. 37?	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1588	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1590 - Ambiente 80	Paredes Finas	*Augusta Emerita*	Mayet 37	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1591 - Ambiente 80	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 27	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1600/1679 - Ambiente 81/76	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1621 - Ambiente 72	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf C	Ind.	1	1	1	50%	-		
TOTAL				2	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1627 - Ambiente 90	Ânfora		Dressel 20 D-E	2	2	2	100%	140		

		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	4	-	-		-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	1	-	-		-		
TOTAL				7	2	2	100%	140		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1636 - Ambiente 71	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	8	1	1	100%	?		
TOTAL				8	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1636 + 1568 - Ambiente 70/71	Ânfora	Bética Litoral	Dressel 28	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1636=1659 - Ambiente 71	Paredes Finas	*Baetica*	Mayet 36, 37 ou 38	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 27b	1	1	1	100%	-		
			Prato	1	-			-		
TOTAL				3	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1637 - Ambiente 91	Terra Sigillata	Sudgálica	Prato	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20?	1	1	1	100%	?		
TOTAL				2	2	2	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1650 - Ambiente 79	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 27	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf C	Ind.	1	1	1	50%	-		
TOTAL				2	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1657 - Ambiente 67	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14	1	1	1	1000%	-		
	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20 do século III d.C.	1	1	1	100%	70		
TOTAL				2	2	2	100%	70		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1659 - Ambiente 94	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1669 - Ambiente 76/81	Ânfora	Indeterminada	Afim Keay IB/ Dressel 30	1	1	1	100%	?	Perfil completo	
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
1675 - Ambiente 76/81 - Fossa	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	1	100%	22		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				1	1	1	100%	22		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
2000	Almofariz	L/R	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14B	1	1	5	71%	-		
			Hayes 15 var. precoce	1	1			-		

			Hayes 15	1	1			-		
			Hayes 6B	1	1			-		
			Hayes 27=L9a	1	1			-		
			Ind.	6	-			-		
		Tsaf C	Hayes 45A	1	1	2	29%	-		
			Hayes 50A	1	1			-		
			Ind.	3	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	3	1	5	63%	20		
			Lusitana 3	3	2			40		
			Dressel 14B	1	1			40		
			Lusitana 9	1	1			12		
			Lusitana 9?	1	-			?		
			Ind.	11	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	13%	?		
		Bética, Indeterminada	Ind.	1	1	1	13%	?		
		Itálica, Costa Tirrénica	Dressel 2-4	1	1	1	13%	20		
2000 - sobre a estrutura 2003	Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	1	1	1	20%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	1	-			-		
		Hispânica - La Rioja	Ind.	1	1	1	20%	-		
		Tsaf A	Hayes 9A	2	2	2	40%	-		
		Tsaf C	Hayes 50A/B	1	1	1	20%	-		
TOTAL				46	21	21	100%	132		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
2003	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Keay XVI	1	1	1	100%	50		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				2	1	1	100%	50		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
2004	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 15/17	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
2005	Ânfora	Bética, Guadalquivir	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
2007	Terra Sigillata	Tsaf C	Hayes 50A/B	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora		Almagro 51C	2	2	3	100%	40		

		Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1			20		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				5	4	4	100%	60		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
2009	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 9B	1	1	1	50%	-		
			Ind.	2	-			-		
		Tsaf C	Hayes 50	1	1	1	50%	-		
			Ind.	1	-			-		
	Paredes Finas	Caulinítico	Potinho	1	1	1	100%	-		
TOTAL				6	3	3	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
2800 - Sondagem XXVIII	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?	Com material de construção contemporâneo	
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3000	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 27	1	1	1	20%	-		
		Hispânica - La Rioja	Drag. 15/17?	1	1	1	20%	-	Perfil anormal.	
			Ind.	1	-			-		

		Tsaf A	Hayes 6	1	1	2	40%	-		
			Hayes 15 var. precoce	1	1			-		
			Ind.	5	-			-		
		Tsaf D1	Hayes 91	1	1	1	20%	-		
	Vidro	Incolor	Ind.	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	3	1	5	100%	20		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Dressel 14	1	1			40		
			Lusitana 9	1	1			12		
			Keay LXXVIII = Sado 1A	1	1			40		
			Ind.	6	-			?		
TOTAL				25	11	11	100%	132		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3001	Almofariz	L/R	Bordo em martelo	2	2	2	100%	-	Parede interna lisa.	Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Cerâmica comum de imitação	L/R	Hayes 3E	1	1	1	100%	-		
	Terra Sigillata	Itálica	Conspectus 18	1	1	1	5%	-		
		Sudgálica	Drag. 15/17	1	1	1	5%	-		
			Ind.	1	-			-		
		Hispânica - La Rioja	Ind.	5	1	1	5%	-		

		Hispânica - Andújar	Ind.	1	1	1	5%	-		
		Tsaf C	Ind.	3	1	1	5%	-		
		Tsaf D1	Hayes 67A	1	1	7	33%	-		
			Hayes 67B	2	2			-		
			Hayes 70?	1	1			-		
			Hayes 99A?	1	1			-		
			Aii	1	1			-		
			Aiii	1	1			-	Crescentes (motivo 73) e círculos concêntricos denteados (motivo 37).	
			Ind.	6	-			-		
		TSFT	Hayes 3	6	6	9	43%	-		
			Hayes 3F	1	1					
			Hayes 3F - grupo 1	1	1			-		
			Hayes 3F - grupo 2	1	1			-		
	Vidro	Incolor verde	Ind.	1	1	1	17%	-		
		Verde oliva	Isings 116/ taça campanulada	1	1	5	83%	-		
			Isings 116/ taça campanulada baixa	3	2			-		
			Isings 116/ taça campanulada ampla	2	2			-		

	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	5	2	11	73%	44		
			Almagro 51A-B	2	1			10		
			Almagro 51C	9	5			100		
			Lusitana 3	6	2			40		
			Lusitana 9	1	1			12		
			Ind.	31	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Almagro 51A-B	1	1	2	13%	10		
			Dressel 20?	1	1			?		
		Bética Litoral	Almagro 51A-B	1	1	1	7%	10		
		Tarraconense	Imitação Gauloise 4	1	1	1	7%	30		
TOTAL				102	45	45	100%	256		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3001/3002	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3001/3029	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51A-B	1	1	1	100%	10		
TOTAL				1	1	1	100%	10		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3003 - Ambiente 30	Terra Sigillata	Tsaf D1	Hayes 61A/B4	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3013 - Ambientes 19/32/33/34 - Muro 92	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3014	Terra Sigillata	Tsaf D1	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3015 - Ambiente 19	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf D1	Hayes 61 A/B1	1	1	1	50%	-		

			Ind.	-	-					
	Vidro	Incolor Verde	Isings 116/ taça campanulada baixa	1	1	2	100%	-		
			Isings 116/ taça campanulada alta	1	1			-		
	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				6	5	5	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3016	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3017	Lucerna	L/R	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	50%	20		
			Ind.	2	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	50%	?		
TOTAL				5	3	3	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3021	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	1	100%	22		
TOTAL				1	1	1	100%	22		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3023 - Ambiente 32	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 18	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 9	1	1	1	50%	12		
		Bética, Guadalquivir	Almagro 51A-B	1	1	1	50%	10		
TOTAL				3	3	3	100%	22		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3024 - Ambiente 32/35 - 460+ d.C.	Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Drag. 27	1	1	1	5%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	1	-			-		
		Hispânica - La Rioja	Drag. 36	1	1	1	5%	-		
		Sudgálica	Drag. 18	1	1	2	10%	-		
			Drag. 35	1	1			-		

			Ind.	3	-			-	
		Tsaf C	Hayes 45	1	1	4	20%	-	
			Hayes 45C?	1	-			-	
			Hayes 50A	1	1			-	
			Hayes 52	2	2			-	
		Tsaf D1	Hayes 59	3	3	7	35%	-	
			Hayes 61A	1	1			-	
			Hayes 67	2	1			-	
			Hayes 67A	1	1			-	
			Hayes 91	1	1			-	
			Ind.	1	-			-	
		Tsaf E?	Hayes 68?	1	1	1	5%	-	Roleta no fundo.
		TSFT	Hayes 3C	1	2	2	10%	-	
			Hayes 3	1	-			-	
		TSFT - grupo 1	Hayes 3	1	1	1	5%	-	
		TSFT - grupo 2	Hayes 3	1	1	1	5%	-	
	Vidro	Verde oliva	Isings 116/taça campanulada ampla	1	1	1	100%	-	Fios brancos.
			Ind.	1	-			-	
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51A-B	1	1	10	67%	10	
			Almagro 51C	7	5			100	
			Almagro 51 Tardia	1	1			20	
			Lusitana 3	3	1			20	
			Lusitana 9	2	2			24	

			Lusitana 9?	1	-			?		
			Ind.	12	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	4	1	1	7%	70		
		Bética, Indeterminada	Almagro 50?	1	-	-	0%	?		
		África	Africana II A3	1	1	2	13%	60	Com gradino.	
			Ind.	1	-			?		
		África - Bizacena	Keay 25.1/ Africana IIIA de transição entre IID e IIIA	1	1			25	Bonifay, 2004: 117	
	Numisma	Bronze - Oficina de Trier	Constantino I- 307/308 d.C.	1	1	1	100%	-		
TOTAL				65	35	34	100%	329		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3026+3027 - Enchimento de canalização	Terra Sigillata	Tsaf C	Hayes 50A/B	1	1	1	25%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	1	-			-		
		Tsaf D1	Ind.	4	1	1	25%	-		
		TSFT - grupo 1	Hayes 3E	1	1	1	25%	-		
			Ind.	2	-			-		
		TSFT - grupo 3	Hayes 3F/G	1	1	1	25%	-	Patina creme no bordo.	
TOTAL				10	4	4	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3027? - 1º enchimento de fossa identificada	Terra Sigillata	TSFT - fabrico 1	Hayes 3	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3028 - Desmonte do Muro	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	50%	20		
		Bética Litoral	Ind.	2	1	1	50%	?		
TOTAL				3	2	2	100%	2		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3028+3320 - Muro	Terra Sigillata	Tsaf C	Hayes 50B	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		TSFT - fabrico 2	Ind.	4	1	1	50%	-		
	Ânfora	Bética, Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	100%	70		
TOTAL				6	3	3	100%	70		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

3029 - Ambiente 3	Terra Sigillata	Tsaf D1	Hayes 61 B1	1	1	2	75%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 91A	1	1			-		
		TSFT - fabrico 2	Hayes 3F	1	1	1	25%	-		
TOTAL				3	3	3	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3029 - Ambiente 44	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				2	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3029 - Ambiente 60	Terra Sigillata	TSFT - fabrico 2	Hayes 3F/G	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3029	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 15/17	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51A-B	1	1	2	75%	10		
			Almagro 51C	2	1			20		
			Lusitana 9?	1	-			?		

			Ind.	4	-			?		
		África	Ind.	1	1	1	25%	?	Tipo Hammamet 3 ou Spatheia?	
	Numisma	Bronze	Alexandre Severo - 228 d.C.	1	1	1	100%	-		
TOTAL				11	5	5	100%	30		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3033	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	3	1	1	100%	?		
TOTAL				3	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3034 - Ambiente 14	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	1	100%	40		
			Ind.	2	-			?		
TOTAL				3	1	1	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3048 - Ambiente 35	Terra Sigillata	TSFT - fabrico 1	Hayes 3	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019

TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3050 - Ambiente 35	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C Tardia	1	1	1	100%	20		
			Ind.	2	-			?		
TOTAL				3	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3052	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	2	1	1	33%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf D1	Estilo Aii-iii	2	2	2	67%	-		
	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	100%	70	Fabrico depurado, talvez do século III d.C.	
TOTAL				5	4	4	100%	70		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3053 - Ambiente 34	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	3	100%	20		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Lusitana 9	1	1			12		

			Ind.	1	-			?		
TOTAL				5	4	4	100%	52		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3056	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
			Ind.	1	-			?		
3056 - Ambiente 33	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	2	100%	22		
			Almagro 51C	1	1			20		
			Ind.	10	-			?		
3056 - Ambiente 33/40	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C Tardia	1	1	1	100%	20		
3056 - Ambiente 45	Terra Sigillata	Tsaf D1	Hayes 59B	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	8	-			-		
		TSFT - grupo 1	Hayes 3, variante pequena	1	1	1	50%	-		
TOTAL				26	7	7	100%	82		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3059 - Ambiente 32	Terra Sigillata	Itálica	Conspectus 22	1	1	1	33%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Hispânica - La Rioja	Drag. 18	1	1	1	33%	-		
		Hispânica - Andújar	Ind.	1	1	1	33%	-		

TOTAL				3	3	3	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3067 - Ambiente 39	Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf D1	Ind.	1	1	1	50%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				3	3	3	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3070 - Muro 104 - Ambiente 41/42	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Ind.	1	1	1	100%	-		
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3071	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 18	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

3072	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C Tardia	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3076	Terra Sigillata	Tsaf D1	Hayes 59B	1	1	2	67%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 61A	1	1			-		
		TSFT - fabrico 2	Hayes 3C	1	1	1	33%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	7	5	5	56%	100		
			Ind.	13	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	3	1	1	11%	?		
		Bética Litoral	Ind.	1	1	1	11%	?		
		Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	11%	30		
		África	Ind.	1	1	1	11%	?		
TOTAL				29	12	12	100%	130		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3085 - Ambiente 43	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3086 - Ambiente 46	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				3	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3087 - Ambiente 41	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	1	100%	40		
TOTAL				1	1	1	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3088	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 27=L9a2	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

3089 - Ambiente 57	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Bética Litoral	Almagro 50	1	1	1	100%	22		
3089	Terra Sigillata	Tsaf D	Hayes 87A	1	1	1	100%	-		
3089 - Ambiente 58	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				5	4	4	100%	22		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3093	Terra Sigillata	Itálica	Conspectus 22	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3098 - Ambiente 39	Terra Sigillata	Itálica	Conspectus 22	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

3116	Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Drag. 33	2	2	2	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				2	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3126 - Ambiente 30	Lucerna	*Baetica*	Volutas	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3129 - Ambiente 60	Vidro	Incolor	Ind.	3	1	1	25%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Verde oliva	Isings 116/ taça campanulada baixa	1	1	2	75%	-		
			Isings 116/ taça campanulada funda	1	1			-	Incisões	
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				6	4	4	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

3134 - Ambiente 30	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				2	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3135 - Ambiente 54	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	1	100%	20		
3135 - Ambiente 57	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
3135 - Ambiente 59	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 27	1	1	2	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Tigela	1	1			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14?	1	1	-	100%	?		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				7	5	4	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3140	Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

3150 - Ambiente 35	Terra Sigillata	Sudgálica	Drag. 36	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf A	Ind.	1	1	1	50%	-		
TOTAL				2	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3154 - Ambiente 48	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3158 - Ambiente 35	Terra Sigillata	Hispânica - Andújar	Drag. 15/17	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf A	Ind.	5	1	1	50%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				7	3	3	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3177 - Ambiente 39	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14B	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3179 - Ambiente 14 - Desmonte Muro 87	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3205 - Ambiente 41	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3208	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3240 - Ambiente 14	Cerâmica comum	*Baetica*	Jarro/Cântaro	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019

TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3251	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Ind.	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf A	Hayes 14A	1	1	1	50%	-		
TOTAL				2	2	2	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3252	Terra Sigillata	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3257 - Ambiente 39	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

3276	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3282 - Ambiente 45	Terra Sigillata	Tsaf D1	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3285	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C Tardia	1	1	1	50%	20		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	50%	?		
TOTAL				2	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3291	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3293	Vidro	Verde claro	Ind.	1	1	1	100%	-		
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3304 - Desmonte de Muro	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	20%	?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	20%	70		
		Bética, Litoral	Ind.	1	1	1	20%	?		
		Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	20%	30		
		África	Keay 25.1	1	1	1	20%	25		
TOTAL				6	5	5	100%	125		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3507 - Sondagem XXXV	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	1	100%	20		
TOTAL				3	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3514 - Sondagem XXXV	Terra Sigillata	Tsaf C	Hayes 50B	1	1	1	100%	-		
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3604 - Sondagem XXXVI	Terra Sigillata	Tsaf D1	Hayes 67	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3702 - Sondagem XXXVII	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				2	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
3716 - Sondagem XXXVII	Cerâmica africana de cozinha	Engobe	Hayes 181D	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019

	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				2	2	2	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4000 - Sondagens XXXVI e XXXVII	Terra Sigillata	Tsaf D	Hayes 61	1	1	1	100%	-		
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4000/4001	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4001	Terra Sigillata	Tsaf D1	Hayes 58B	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
			Ind.	3	-			?		
TOTAL				5	2	2	100%	20		

U.E.	Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4002	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	3	33%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf C	Hayes 44	1	1		33%	-		
			Ind.	1				-		
		Luzente	Ind.	1	1		33%	-		
	Ânfora	Lusitânia - Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	5	83%	40		
			Almagro 51C	2	1			20		
			Lusitana 3	5	3			60		
			Ind.	15	-			?		
		Bética, indeterminada	Ind.	1	1	1	17%	?		
TOTAL				28	9	9	100%	120		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4004	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				2	1	1	100%	?		

U.E.	Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4005	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Ind.	1	1	3	33%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf A	Hayes 27=L9a	1	1		33%	-		
		Tsaf C	Hayes 50A/B	1	1		33%	-		
			Ind.	1				-		

	Ânfora	Lusitânia - Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	2	100%	20		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Almagro 51C/ Lusitana 3	1	-			?		
TOTAL				7	5	5	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4007	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15 var. precoce	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Ind.	1	-			-		
		Tsaf D1	Hayes 58B	1	1	1	50%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	50%	20		
		Bética, Guadalquivir	Ind.	1	1	1	50%	?		
TOTAL				5	4	4	100%	20		

U.E.	Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4008	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 6	1	1	3	60%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 15 var. precoce	1	1			-		
			Hayes 27	1	1			-		
			Hayes 27=L9a	1				-		
			Ind.	15	-			-		
		Tsaf C	Hayes 50A	1	1	1	20%	-		

			Ind.	2	-			-		
		Tsaf D1	Ind.	2	1	1	20%	-		
	IEV	Polimento	Hayes 61A/B4	1	1	1	100%	-		
	Vidro	Azul	Prato ?	1	1	4	100%	-		
		Branco	Ind.	1	1			-		
		Verde claro	Ind.	2	1			-		
		Verde/azul	Ind.	1	1			-		
	Ânfora	Lusitânia - Tejo/Sado	Lusitana 3	4	2	4	100%	40		
			Almagro 51C	1	1			20		
			Dressel 14	1	1			40		
			Ind.	4	-			?		
TOTAL				40	14	14	100%	100		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4012	Cerâmica comum de imitação	L/R	Hayes 61A	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Itálica	Prato	1	1	1	33%	-		
		Tsaf A	Hayes 14C	1	1	1	33%	-		
			Ind.	1				-		
		Tsaf C	Ind.	1	1	1	33%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	33%	20		
			Ind.	3	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	33%	70		
		Bética Litoral	Ind.	1	1	1	33%	?		

TOTAL	11	7	7	100%	90	

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4013	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Drag. 18	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf A	Ind.	1	1	1	50%	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				3	3	3	100%	?		

U.E.	Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4016	Cerâmica comum	L/R	Ind.	1	1	1	100%	-		
	Ânfora	Lusitânia - Tejo/Sado	Lusitana 3	2	2	4	50%	40		
		Indeterminada	Ind.	2	2		50%	?		
TOTAL				5	5	5	100%	40		

U.E.	Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4018	Cerâmica africana de cozinha	Zeugitânia	Hayes 197	1	1	1	100%	-		
	Lucerna	L/R	Ind.	3	1	1	100%	-		

	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja?	Pátera ?	1	1	1	13%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf A	Hayes 14B	1	1	4	50%	-		
			Hayes 15	1	1			-		
			Hayes 27=L9a	1	1			-		
			Hayes 27=L9a2	1	1			-		
			Ind.	12	-			-		
		Tsaf C	Hayes 50	1	-	3	38%	-		
			Hayes 50A/B	3	3			-		
			Ind.	3	-			-		
	Ânfora	Lusitânia - Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	17	77%	40		
			Almagro 51C	9	4			80		
			Lusitana 3	21	9			180		
			Almagro 50/ Keay XVI	1	1			22		
			Almagro 51C/ Lusitana 3	2	1			20		
			Lusitana 10	1	1			10		
			Ind.	15	-			?		
		Bética, vale do Guadalquivir	Dressel 20	3	2	3	14%	140		
			Dressel 23	1	1			3		
		Bética litoral	Almagro 50	1	1	1	5%	22		
			Ind.	1	-			?		
		Granada ?	Almagro 51C ?	1	1	1	5%	?		
TOTAL				85	32	32	100%	517		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4019	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL				1	1	1	100%	-		

U.E.	Categoria	Produção	Forma	Nº de fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4021	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 15	1	1	6	33%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 16	1	1			-		
		Tsaf C	Hayes 44	1	1		33%	-		
			Hayes 50A/B	1	1			-		
		Tsaf D1	Hayes 58	1	1		33%	-		
			Hayes 58B	1	1			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	3	2	7	88%	40		
			Almagro 51C	4	2			40		
			Lusitana 9?	1	1			?		
			Almagro 50	1	1			22		
			Ind.	20	-			?		
			Almagro 51A-B	1	1			10		
		África ?	Ind.	1	1	1	13%	?		
TOTAL				37	14	14	100%	112		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia

4024	Terra Sigillata	Tsaf A	Hayes 14B	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL				2	2	2	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4026	Terra Sigillata	Hispânica - La Rioja	Ind.	1	1	1	33%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Tsaf A	Hayes 6	1	1	1	33%	-		
			Ind.	2	1			-		
		Tsaf D1	Hayes 61A/B3	1	1	1	33%	-		
	Ânforas	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	50%	?		
		Bética Litoral	Dressel 28	1	1	1	50%	20		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				9	6	5	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4031	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20?	4	1	1	100%	?		
TOTAL				4	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4034	Ânfora	Bética, Indeterminada	Dressel 28?	1	1	1	100%	?		
TOTAL				1	1	1	100%	?		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4045	Lucerna	L/R	Disco?	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	2	1	1	50%	-		
		Tsaf D1	Ind.	3	1	1	50%	-		
TOTAL				6	3	3	100%	-		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
4046	Terra Sigillata	Itálica	Consp. 26.4?	1	1	1	20%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Hispânica - La Rioja	Drag. 15/17	1	1	1	20%	-		
		Tsaf A	Hayes 15 var. precoce	1	1	1	20%	-		
			Ind.	1	-			-		
		Tsaf C	Ind.	1	1	1	20%	-		
		Tsaf D1	Hayes 59	1	1	1	20%	-		
			Ind.	2	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	1	2	67%	20		
			Dressel 14	1	1			40		

			Ind.	1	-			?		
		Bética Guadalquivir	Ind.	1	1	1	33%	?		
TOTAL				13	8	8	100%	60		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
7001 - Talude Norte e Oeste da Rua B, junto à área 3	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Haltern 70	1	1	1	100%	20		
TOTAL				1	1	1	100%	20		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Nível de Superfície - Ambiente 53 ou 75	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
Nível de Superfície - Ambiente 62	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	1	100%	40		
Nível de Superfície - Geral	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	3	1	4	67%	20		
			Almagro 51C Tardia	1	1			20		
			Dressel 14	1	1			40		
			Lusitana 3	1	1			20		
			Ind.	2	-			-		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	3	1	1	17%	70		

		Gália Narbonense	Gauloise 4?	1	1	1	17%	?		
TOTAL				14	8	8	100%	230		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Desmonte compartimento da Área 4	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14B	1	1	1	100%	40		
TOTAL				1	1	1	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Sem U.E.	Paredes Finas	*Baetica*	Ind.	1	1	1	100%	-	Área 4	
	Terra Sigillata	Tsaf A	Ind.	1	1	1	50%	-		
		Tsaf D	A (ii)	1	1	1	50%	-		
			Ind.	-	-			-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	7	70%	20	Limpeza da Área 1	
			Almagro 51C	1	1			20	Limpeza da Área 4	
			Almagro 51C	2	2			40		
			Almagro 51C Tardia	1	1			20		
			Lusitana 3	3	1			20		
			Dressel 14	1	1			40		
			Ind.	10	-			?		

		Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20/23	1	1	1	10%	?		
		Ebusitana	Ind.	1	1	1	10%	?		
		Gália Narbonense	Gauloise 4	1	1	1	10%	30		
			Ind.	1	-			?		
TOTAL				23	10	10	100%	190		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Zona do Forno, sector 6	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	1	100%	40		
TOTAL				1	1	1	100%	40		

U.E.	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Sector 7, sem afectação	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
TOTAL				2	1	1	100%	?		

Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
I	1	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Hayes 6	1	1	3	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
				Hayes 15	1	1			-		
				Hayes 44	1	1			-		

				Ind.	9	-			-		
			Tsaf A/D?	Hayes 31	1	1	1	17%	-		
			Tsaf C	Hayes 50	1	1	1	17%	-		
				Ind.	3	-			-		
			Tsaf D1	Hayes 67B	1	1	1	17%	-		
				Ind.	2	-			-		
	2	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Hayes 15 var. precoce	1	1	2	67%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
				Hayes 27=L9a	1	1			-		
				Ind.	2	-			-		
			Tsaf A/D?	Hayes 31	1	1	1	33%	-		
TOTAL					25	9	9	100%	-		

Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
II	1	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Ind.	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Tsaf D1	Ind.	1	1	1	50%	-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	3	1	1	100%	?		
	1C	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	1	100%	22		
	2	*Terra Sigillata*	Tsaf C	Ind.	1	1	1	50%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Tsaf D1	Ind.	1	1	1	50%	-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50?	1	-	1	50%	?		
				Almagro 51C	1	1			20		

				Ind.	1	-			?		
			Bética, Indeterminada	Ind.	1	1	1	50%	?		
TOTAL					12	8	8	100%	42		

Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
IV	1	*Terra Sigillata*	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
	1A	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C?	1	1	1	100%	?		
	2	*Terra Sigillata*	Tsaf C	Hayes 50 A/B	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
				Ind.	5	-			-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	3	3	3	60%	60		
				Ind.	1	-			?		
			Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	2	1	1	20%	?		
			Bética Litoral	Ind.	1	1	1	20%	?		
	2 Base	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Dressel 14	1	1	1	50%	40		
			Bética Litoral	Ind.	1	1	1	50%	?		
	2B	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	4	1	1	50%	?		
			Bética, Indeterminada	Ind.	1	1	1	50%	?		

	3	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	100%	70		
	4	*Terra Sigillata*	Tsaf C	Ind.	2	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	1	1	1	100%	70		
	6	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	1	1	1	100%	?		
	Sem camada	*Terra Sigillata*	Tsaf C	Ind.	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL					28	17	16	100%	240		

Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
V	1	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Hayes 14	1	1	5	63%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
				Hayes 14C	1	1			-		
				Hayes 15 var. precoce	2	2			-		
				Hayes 15	1	1			-		
				Ind.	6	-			-		
			Tsaf C	Hayes 50B	1	1	1	13%	-		
			Tsaf D1	Ind.	1	1	1	13%	-		
			TSFT	Hayes 3	1	1	1	13%	-		

		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	4	80%	20		
				Lusitana 3	1	1			20		
				Dressel 14	1	1			40		
				Dressel 14B	1	1			40		
				Dressel 14?	1	-			?		
				Ind.	2	-			?		
			Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	20%	?		
	1/2	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	2	67%	20		
				Lusitana 3	1	1			20		
				Ind.	1	-			?		
			Bética Litoral	Keay XIII C-D = Dressel 23C-D	1	1	1	33%	3		
	2	*Terra Sigillata*	Hispânica Tardia?	Ind.	1	1	1	5%	-		
			Tsaf A	Hayes 14A	1	1	10	53%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
				Hayes 14C	1	1			-		
				Hayes 15 var. precoce	2	2			-		
				Hayes 15	4	4			-		
				Hayes 16	1	1			-		
				Hayes 27=L9a	1	1			-		
				Hayes 3 ou 6	1	-			-		
				Ind.	42	-			-		
			Tsaf C	Hayes 44	1	1	7	37%	-		

				Hayes 45B	1	1			-		
				Hayes 48A	1	1			-		
				Hayes 50A	2	2			-		
				Hayes 50 A/B	2	2			-		
				Ind.	27	-			-		
			Tsaf D1	Hayes 58B	1	1			-		
				Hayes 91?	1	-	1	5%	-		
				Ind.	1	-			-		
		CAC	Patine Cinzenta	Hayes 23A	1	1	1	100%	-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	2	1			22		
				Keay XVI	1	1			50		
				Almagro 51A-B?	1	-	12	80%	?		
				Almagro 51C	9	5			100		
				Lusitana 3	13	5			100		
				Ind.	32	-			?		
			Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	7%	?		
			Bética Litoral	Ind.	4	1	1	7%	?		
			Bética, Indeterminada	Ind.	1	-	-	0%	?		
			África	Ind.	2	1	1	7%	?		
	2 Base	CAC	Patine Cinzenta	Hayes 197?	1	1	1	100%	-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	50%	20		

			Ind.	2	-			?		
		Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	50%	?		
2/4	Paredes Finas	Bética?	Mayet XL?	1	1	1	100%	-		
3	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Hayes 3C	1	1	6	55%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
			Hayes 6	1	1			-		
			Hayes 15	2	2			-		
			Hayes 16	1	1			-		
			Hayes 27=L9a2	1	1			-		
			Ind.	9	-			-		
		Tsaf C	Hayes 44	2	2	4	36%	-		
			Hayes 45	1	1			-		
			Hayes 45 ou 48	1	-			-		
			Hayes 50A	1	1			-		
			Ind.	16	-			-		
		Tsaf D1	Ind.	1	1	1	9%	-		
	CAC	Patine Cinzenta	Hayes 182	1	1	1	50%	-		
		Patine Creme	Hayes 182B	1	1	1	50%	-		
		Indeterminada	Ind.	2	-	-	-	-		
	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51A-B	1	1	6	75%	10		
			Almagro 51C	6	2			40		
			Almagro 51C Tardia/ Lusitana 10	1	1			10		

				Lusitana 3	4	2			40		
				Ind.	13	-			?		
			Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	13%	?		
			África	Keay 25.1/ Africana IIIA	1	1	1	13%	25	Com fragmentos nas camadas 4 e 4 Base	
			Indeterminada	Dressel 28?	1	-	-	0%	?		
				Ind.	1	-			?		
	4	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Hayes 14	2	1	11	31%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
				Hayes 14C	1	1			-		
				Hayes 15 var. precoce	2	2			-		
				Hayes 15	3	3			-		
				Hayes 16	2	2			-		
				Hayes 27=L9a	1	1			-		
				Hayes 27=L9a2	1	1			-		
				Ind.	20	-			-		
			Tsaf A/D?	Hayes 31	2	2	2	6%	-		
			Tsaf C	Hayes 44	2	2	22	61%	-		
				Hayes 50	8	6			-		
				Hayes 50A	5	5			-		
				Hayes 50 A/B	9	9			-		
				Ind.	28	-			-		
			Tsaf D1	Ind.	2	1	1	3%	-		
		CAC	Patine Cinzenta	Hayes 197	2	2	3	100%	-		

				Ostia I, 261	1	1			-		
			Indeterminada	Ind.	1	-			-		
		Cerâmica Comum Fina	Patine Cinzenta - L/R	Potinho	2	1	2	100%	-		
			Polimento - L/R	Potinho	1	1			-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	11	5	10	67%	100		
				Lusitana 3	6	4			80		
				Lusitana 3?	1	-			?		
				Dressel 14	1	1			40		
				Ind.	14	-			?		
			Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	7%	?		
			Bética Litoral	Ind.	1	1	1	7%	?		
			Tarraconense	Ind.	3	1	1	7%	?		
			África	Ind.	1	1	1	7%	?		
			África - *Sulectum*	Africana I	1	1	1	7%	39		
	4 Base	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Ind.	1	1	1	100%	-		
		CAC	Indeterminada	Ind.	1	1	1	100%	-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	5	4	5	83%	80		
				Almagro 51C	1	1			20		
				Ind.	4	-			?		
			África	Ind.	2	1	1	17%	?		

	4/6	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
	5	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Hayes 14B	1	1	11	55%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
				Hayes 15 var. precoce	2	2			-		
				Hayes 15	5	5			-		
				Hayes 44	3	3			-		
				Ind.	17	-			-		
			Tsaf A/D?	Hayes 31	1	1	1	5%	-		
			Tsaf C	Hayes 44	1	1	7	35%	-		
				Hayes 50	2	2			-		
				Hayes 50A	2	2			-		
				Hayes 50A/B	3	2			-		
				Ind.	7	-			-		
			Tsaf D1	Hayes 58B	1	1	1	5%	-		
		Cerâmica Comum Fina	*Baetica*	Ind.	1	1	1	100%	-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	2	1	8	73%	22		
				Keay XVI	1	1			50		
				Almagro 51C	5	3			60		
				Almagro 51C?	1	-			?		
				Lusitana 3	2	1			20		
				Lusitana 9?	1	-			?		
				Dressel 14	3	2			80		
				Ind.	3	-			?		

			Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	9%	?		
			Bética Litoral	Almagro 50	1	1	1	9%	22		
			África	Ind.	2	1	1	9%	?		
	5 Base	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Hayes 14	1	1	2	100%	-		
				Hayes 15	1	1			-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	2	2	3	100%	40		
				Lusitana 3	1	1			20		
				Ind.	1	-			?		
	Sem Camada	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Hayes 14B	3	3	15	44%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
				Hayes 14C	1	1			-		
				Hayes 15 var. precoce	4	4			-		
				Hayes 15	2	2			-		
				Hayes 16	1	1			-		
				Hayes 27	1	1			-		
				Hayes 27=L9a2	1	1			-		
				Hayes 44	2	2			-		
				Ind.	18	-			-		
			Tsaf A/D?	Hayes 31	1	1	1	3%	-		
			Tsaf C	Hayes 44	1	1	17	50%	-		
				Hayes 45 ou 48	1	1			-		
				Hayes 45A	1	1			-		
				Hayes 45B	1	1			-		
				Hayes 50	5	5			-		
				Hayes 50A	2	2			-		
				Hayes 50 A/B	3	2			-		

				Hayes 50B	4	4			-		
				Ind.	28	-			-		
			Tsaf D1	Hayes 58B	1	1	1	3%	-		
				Ind.	2	-			-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	3	3	8	67%	66		
				Almagro 51C	5	2			40		
				Almagro 51C?	2	-			?		
				Lusitana 3	6	3			60		
				Lusitana 3?	1	-			?		
				Ind.	15	-			?		
			Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	8%	?		
			Bética, Indeterminada	Keay XVI	1	1	1	8%	50		
				Ind.	1	-			?		
			Tarraconense	Ind.	1	1	1	8%	?		
			África	Ind.	1	1	1	8%	?		
			Indeterminada	Ind.	1	-	-	0%	?		
TOTAL					605	224	224	100%	1489		

Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
VI - Sondagem II	2	*Terra Sigillata*	Tsaf C	Hayes 50A/B	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
				Ind.	1	-			-		
		Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Keay XVI	1	1	2	50%	50		

				Almagro 51C	1	1			20		
				Ind.	2	-			?		
			Bética Litoral	Ind.	1	1	1	25%	?		
			África, indeterminada	Keay 25.1/ Africana IIIA	1	1	1	25%	25		
	Sem Camada	Ânfora	Bética, Vale do Guadalquivir	Ind.	1	1	1	100%	?		
TOTAL					9	6	6	100%	95		

Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Prospeção	Sem Camada	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	2	50%	20		
				Dressel 14	1	1			40		
				Ind.	1	-			?		
			África	Africana I	1	1	2	50%	39		
				Africana IIB	1	1			50		
TOTAL					5	4	4	100%	149		

Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Sondagem 1	1A	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	2	100%	22		
				Almagro 51C	1	1			20		
				Ind.	1	-			?		
	1A/B	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
				Ind.	1	-			?		

	1B/C	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Ind.	2	1	1	100%	?		
	1C	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	1	1	1	100%	20		
				Ind.	3	-			?		
	1D	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 50	1	1	3	100%	22		
				Almagro 51C	1	1			20		
				Lusitana 3	1	1			20		
				Ind.	1	-			?		
	2	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Lusitana 3	1	1	1	100%	20		
TOTAL					16	9	9	100%	164		

Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Superfície	Sem Camada	Ânfora	Lusitânia, Tejo/Sado	Almagro 51C	12	6	11	85%	120		
				Lusitana 9	1	1			12		
				Lusitana 10	1	1			10		
				Dressel 14	3	2			80		
				Haltern 70	1	1			20		
				Ind.	6	-			?		
			Bética, Vale do Guadalquivir	Dressel 20	2	1	1	8%	70		
			África	Africana IIA	1	1	1	8%	50		
TOTAL					27	13	13	100%	362		

Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Sepultura 1	-	*Terra Sigillata*	Tsaf C	Hayes 50A	1	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
		Lucerna	*Augusta Emerita ou Baetica*	Disco/Dressel 28	1	1	1	100%	-		
		IEV	L/R - Engobe	Hayes 3C	1	1	2	100%	-		
				Hayes 15	1	1			-		
		Vidro	Incolor esverdeado	AR 72 ou 73 ou afim	1	1	1	100%	-		
		Cerâmica Comum	*Baetica*	Pequena bilha	1	1	1	100%	-		
TOTAL					6	6	6	100%	-		

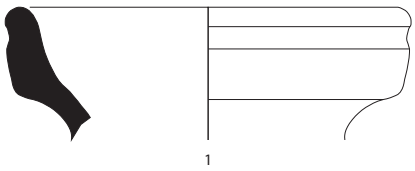
Sector	Camada	Tipologia	Origem	Forma	Nº fragmentos	NMI	NMI total tipologia	% total	Litragem total por forma	Observações	Bibliografia
Sem informação	Sem camada	*Terra Sigillata*	Tsaf A	Ind.	2	1	1	100%	-		Quaresma, 2018; 2018-2019 e 2019
TOTAL					2	1	1	100%	-		

Anexo VI

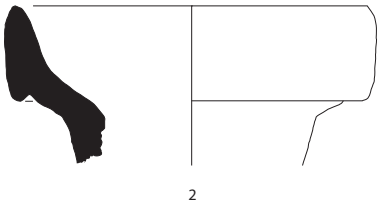
Estampas

Estampa I

Fase de 100+ d.C.

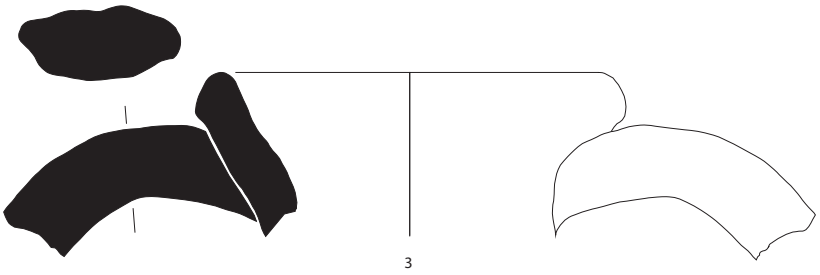


1

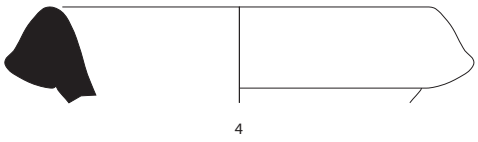


2

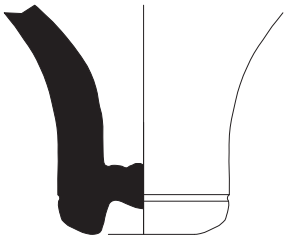
Fase de 175+ d.C.



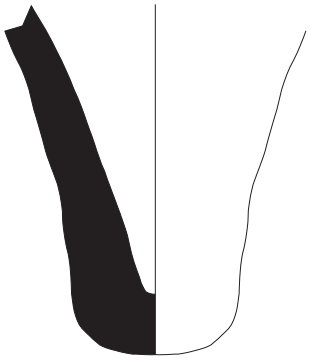
3



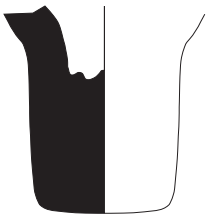
4



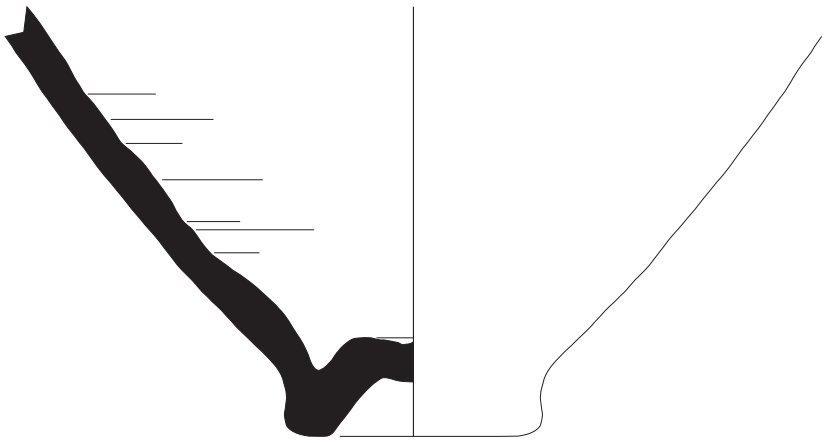
5



6



7



8

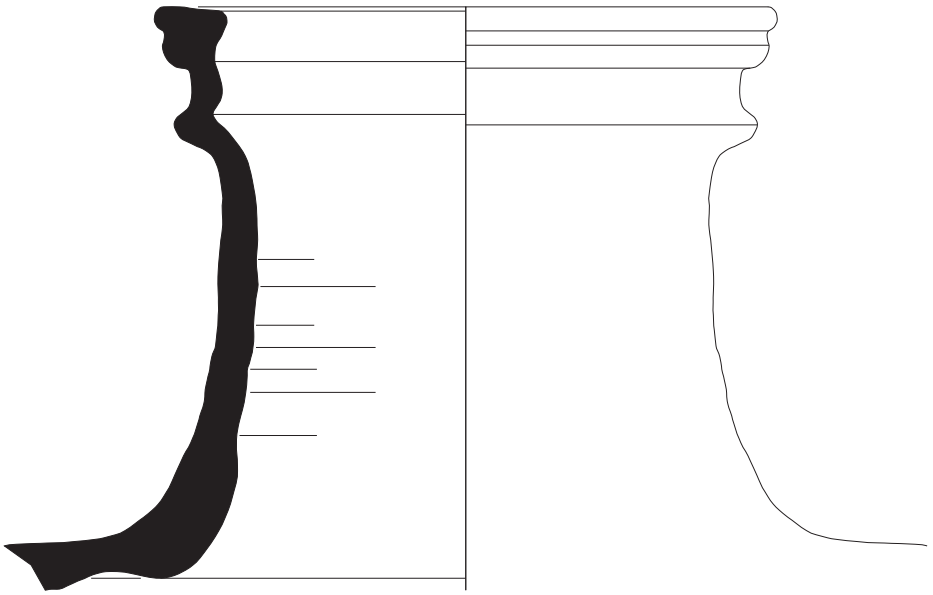


9



Estampa II

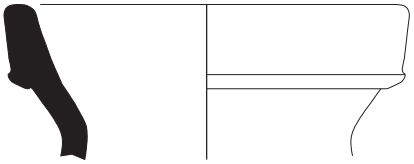
Fase de 190/200+ d.C.



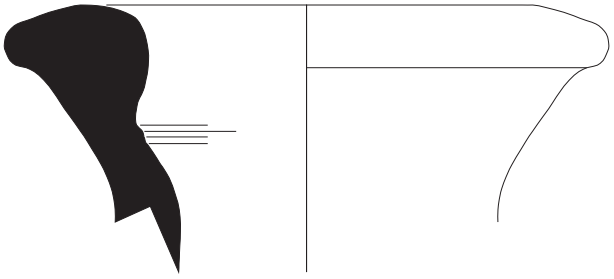
10



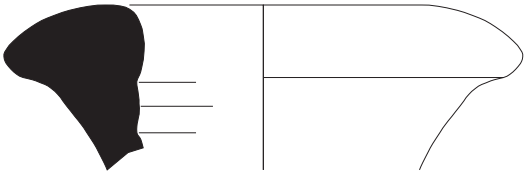
11



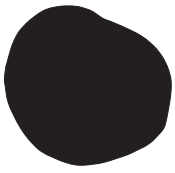
12



13



14

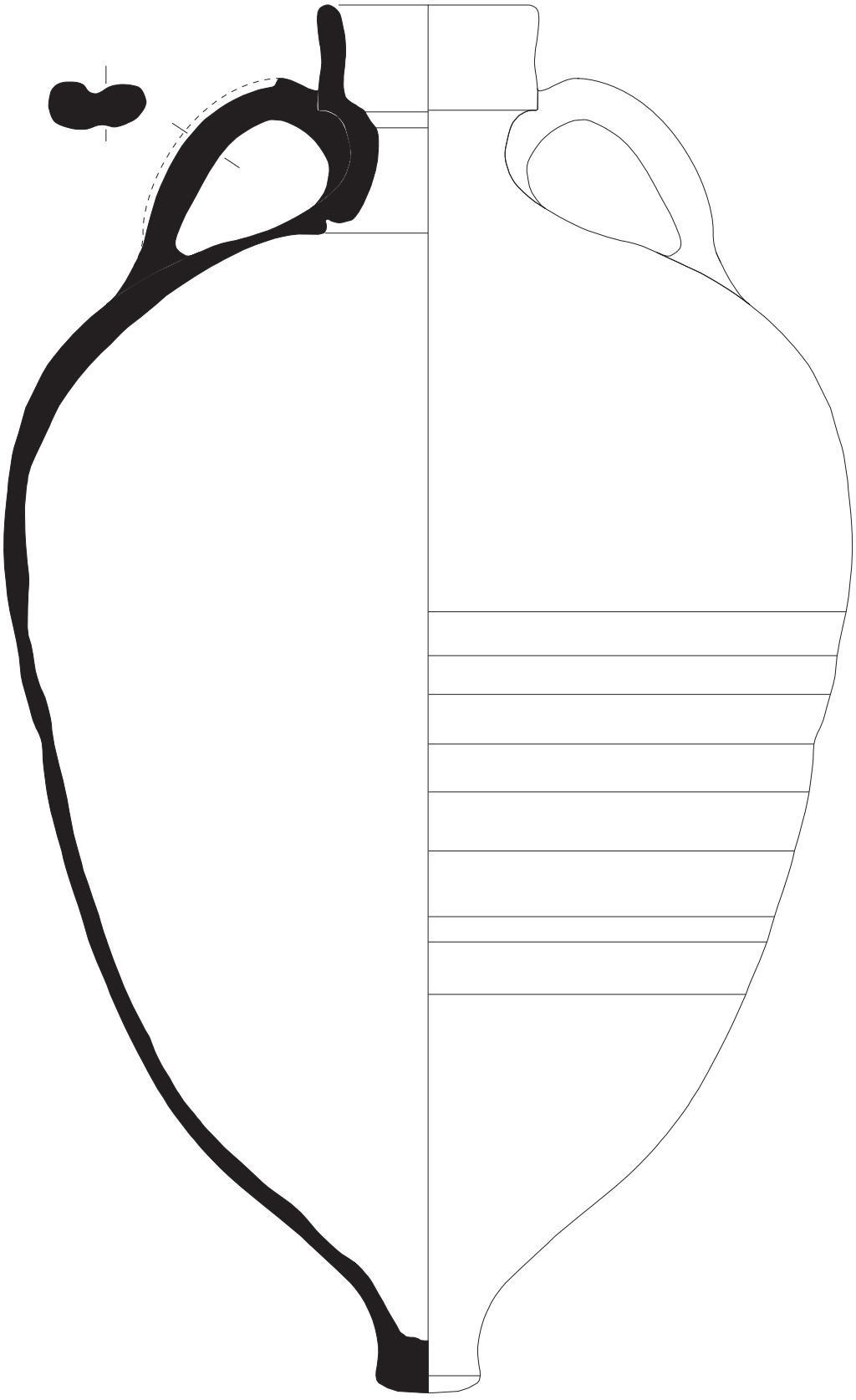


15



Estampa III

Fase do século II ou III d.C.

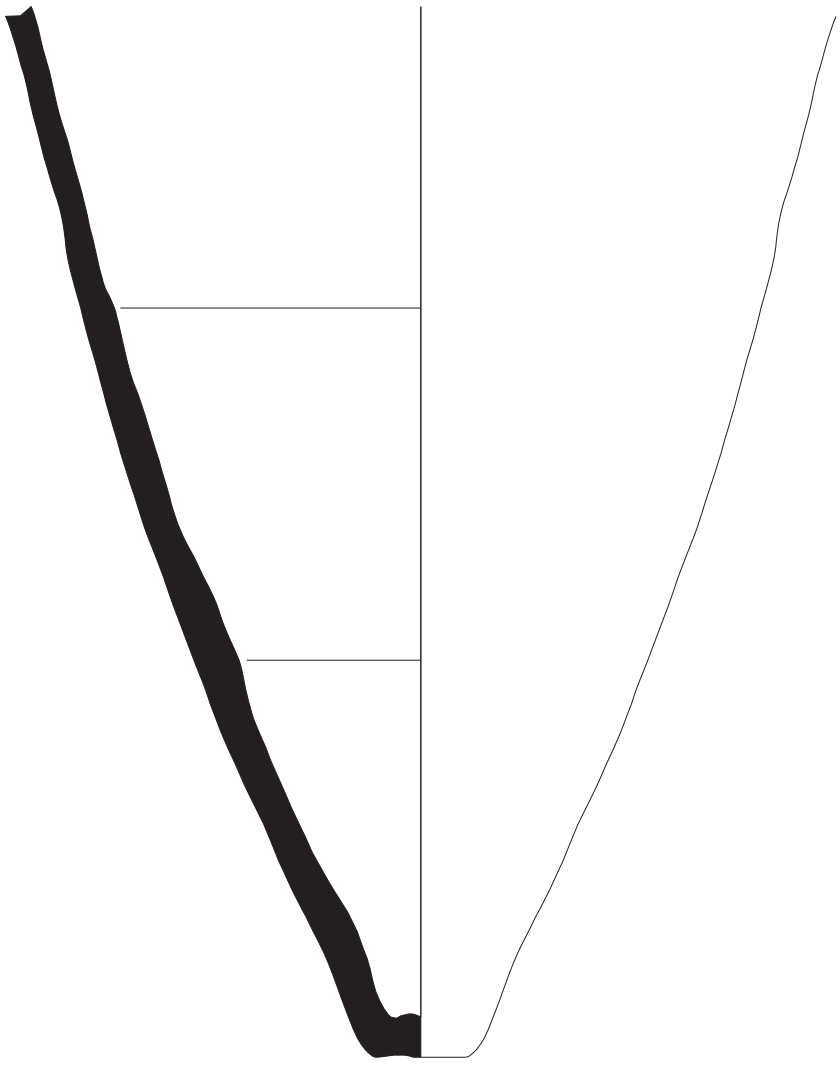


16

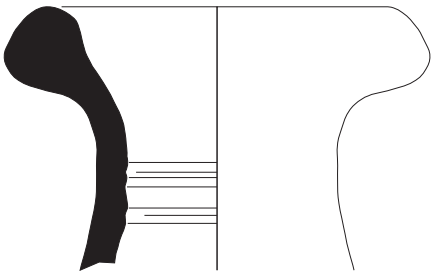
0 10 cm

Estampa IV

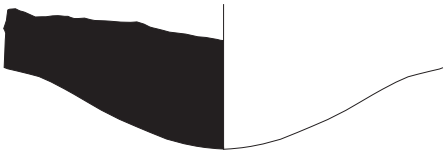
Fase de 250+ d.C.



17

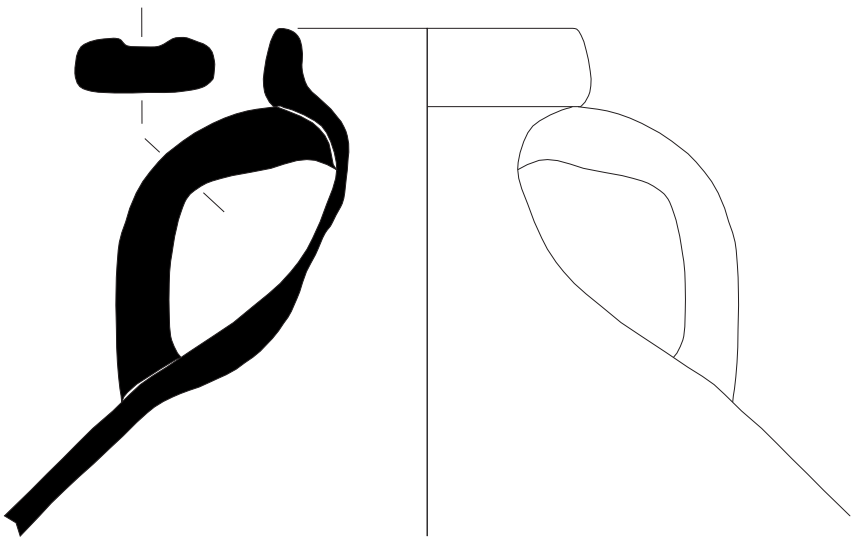


18

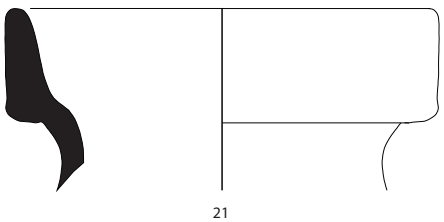


19

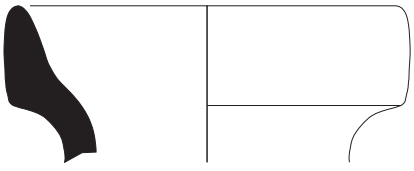
Fase de 250-300 d.C.



20



21

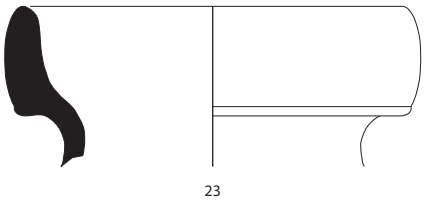


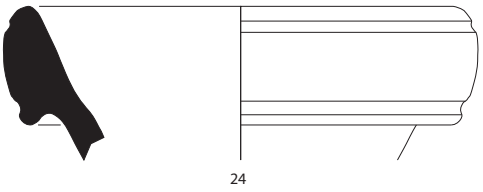
22

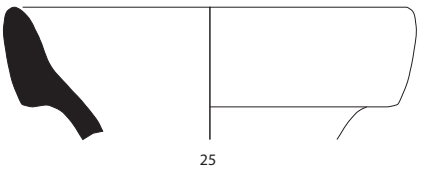


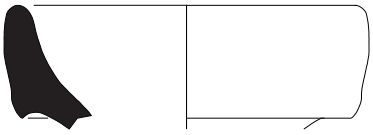
Estampa V

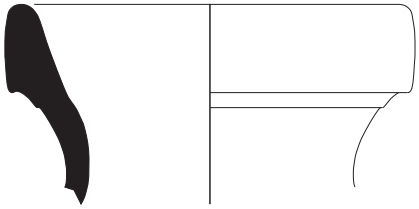
Fase de 250-300 d.C.

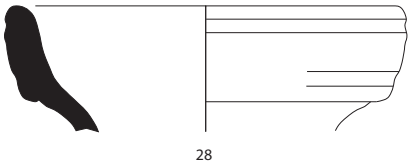

23

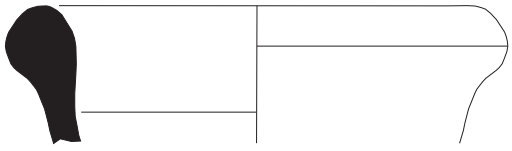

24

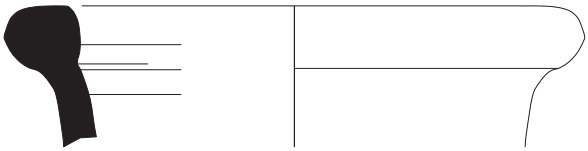

25

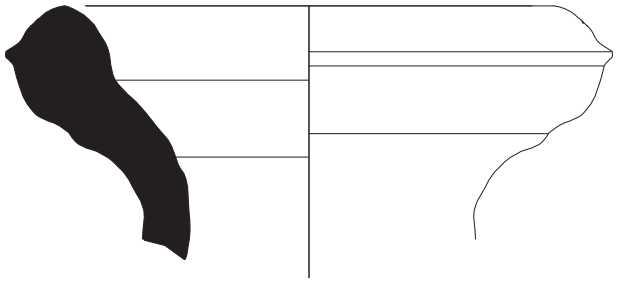

26

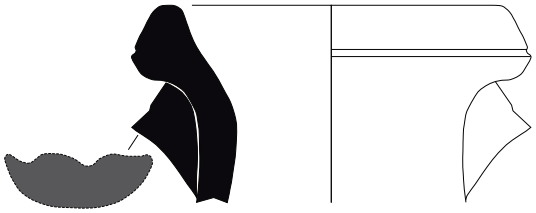

27

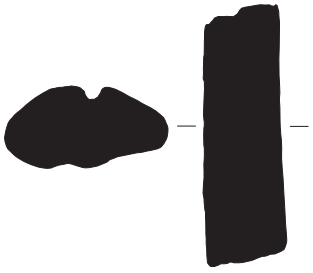

28

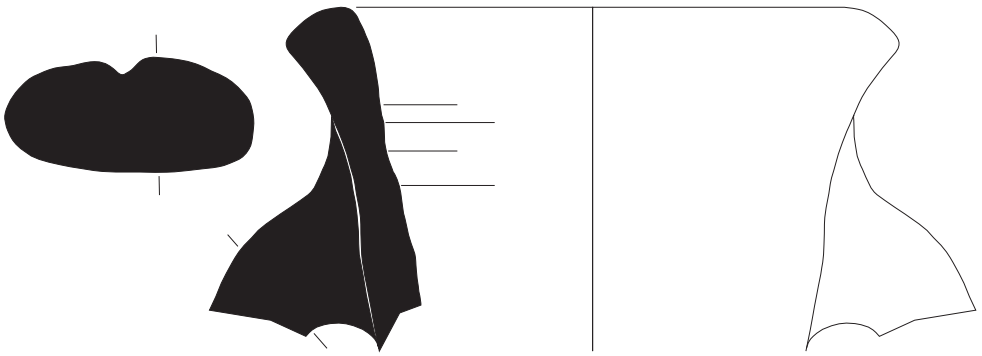

29


30

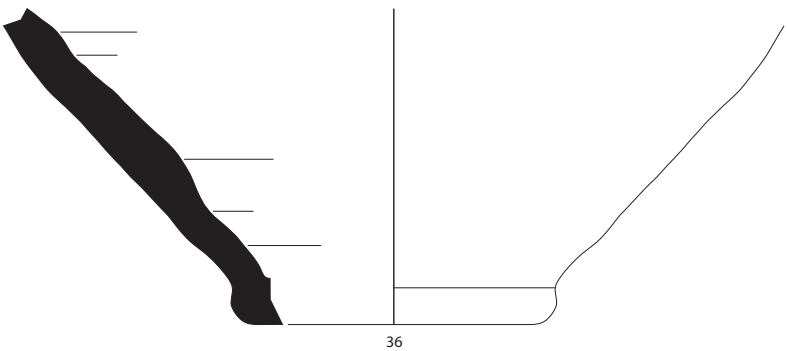

31


32


33


34

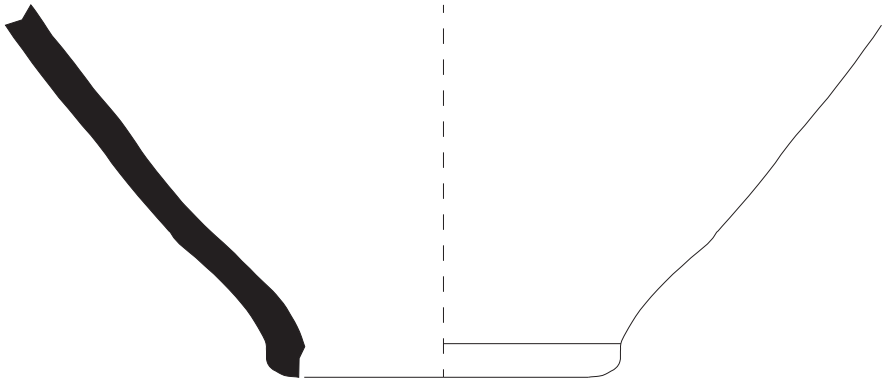

35

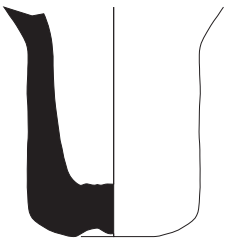

36



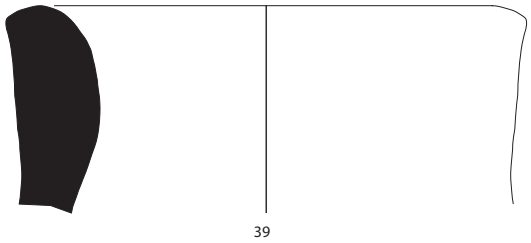
Estampa VI

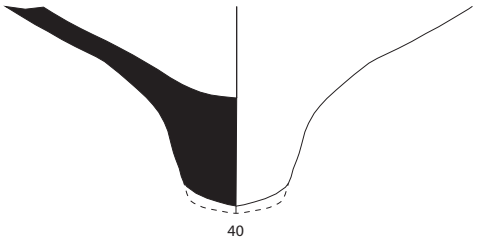
Fase de 250-300 d.C.



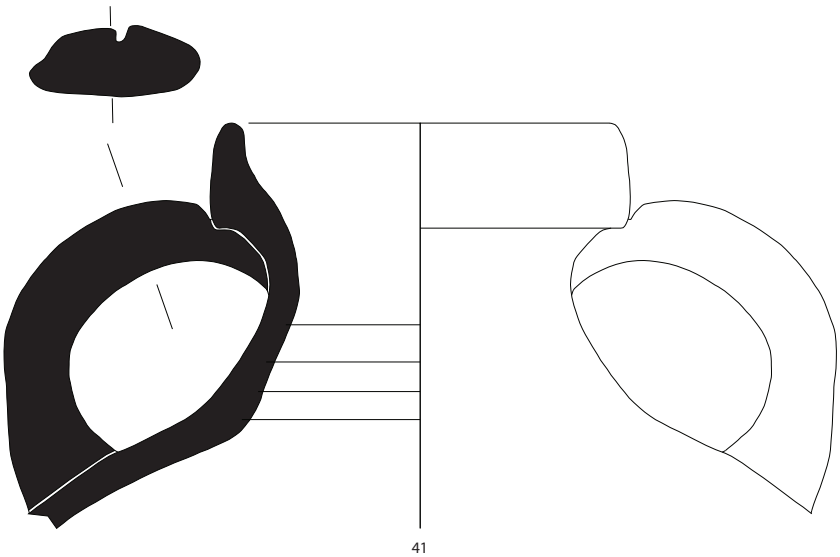


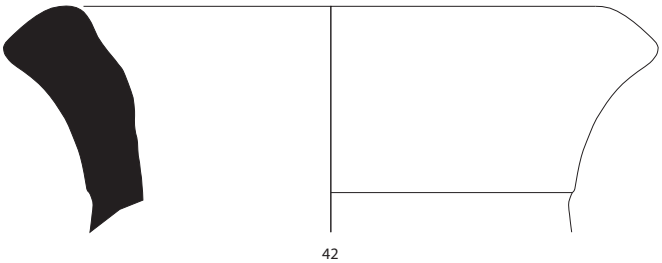
Fase de 280+ d.C.



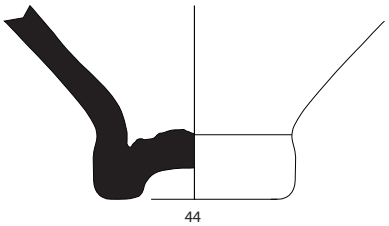


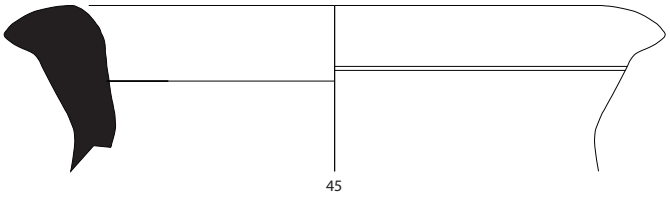
Fase de 300+ d.C.







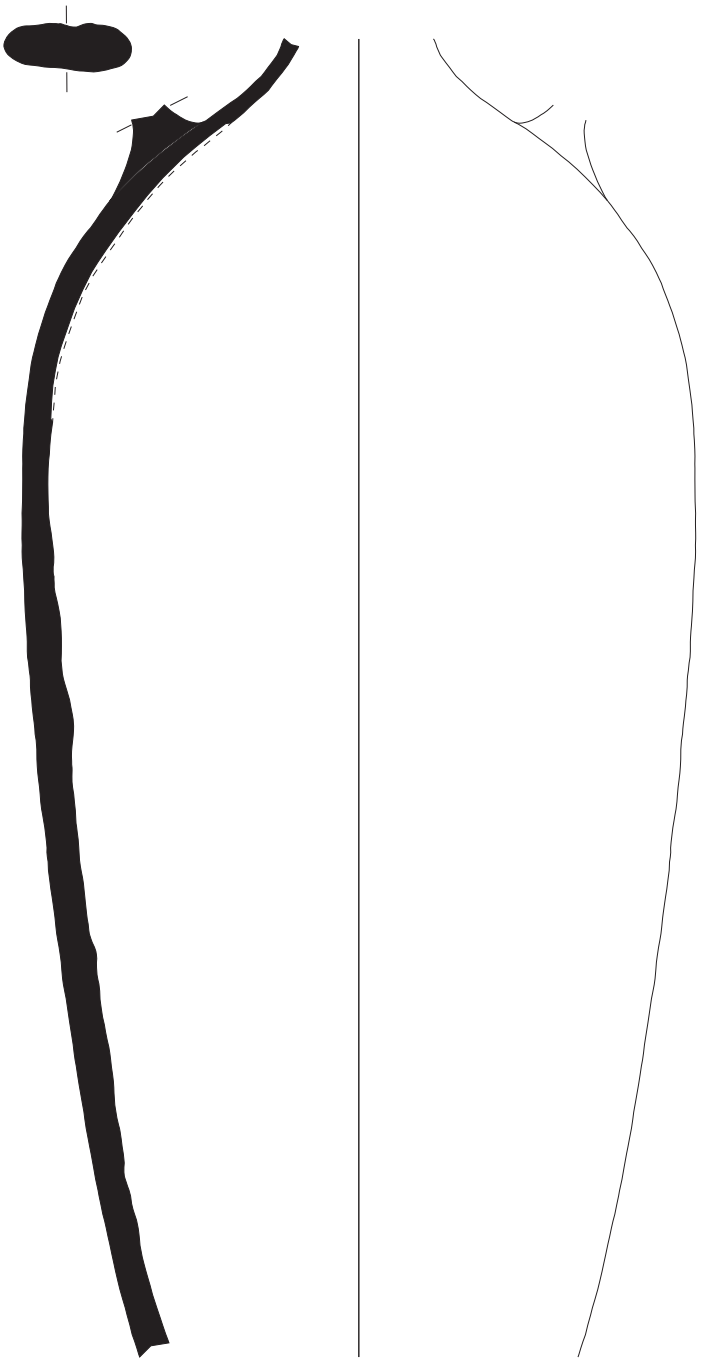






Estampa VII

Fase de 300+ d.C.

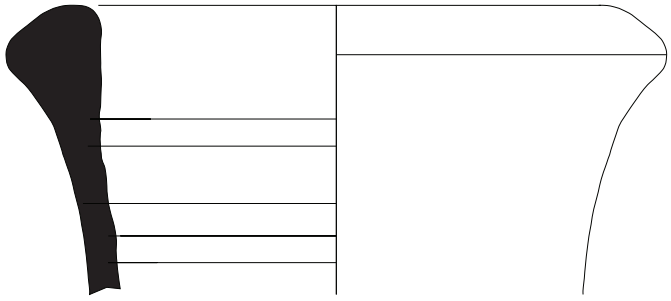


46

0 10 cm

Estampa VIII

Fase de 320+ d.C.

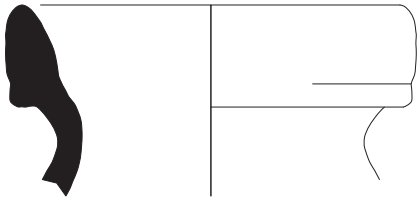


47

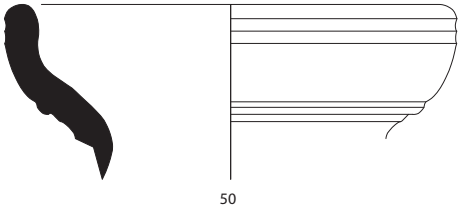
Fase de 350+ d.C.



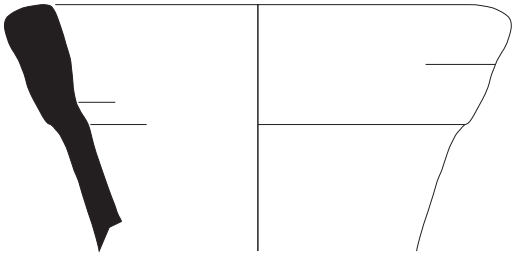
48



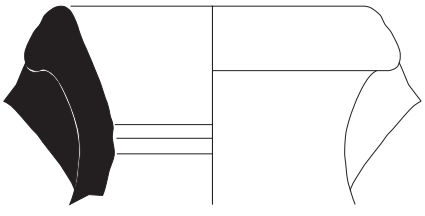
49



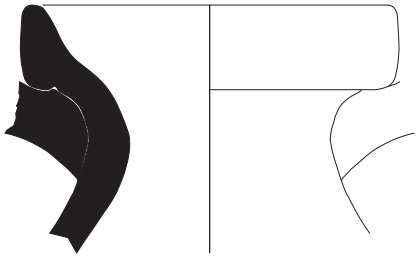
50



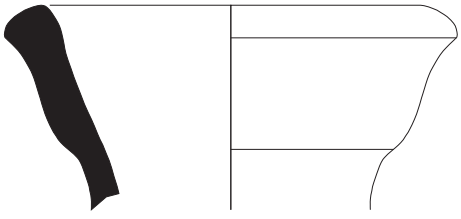
51



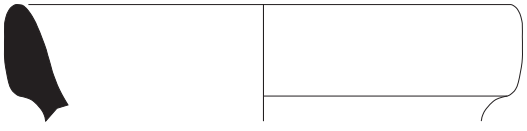
52



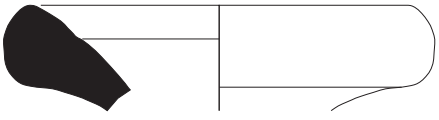
53



54



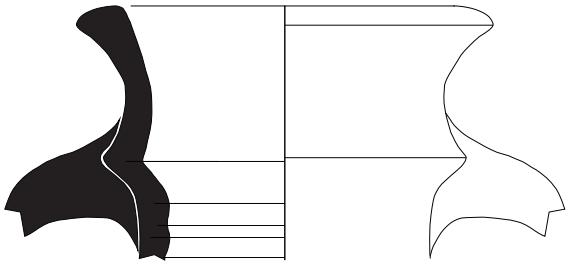
55



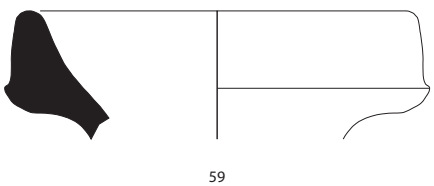
56



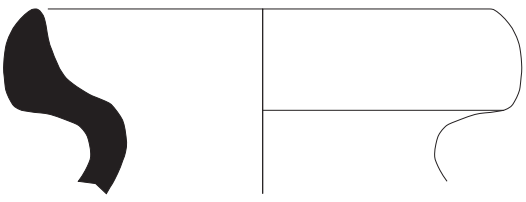
57



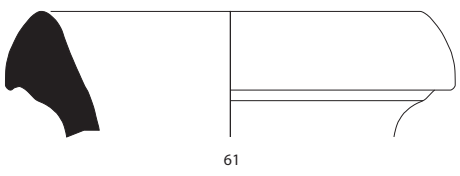
58



59



60

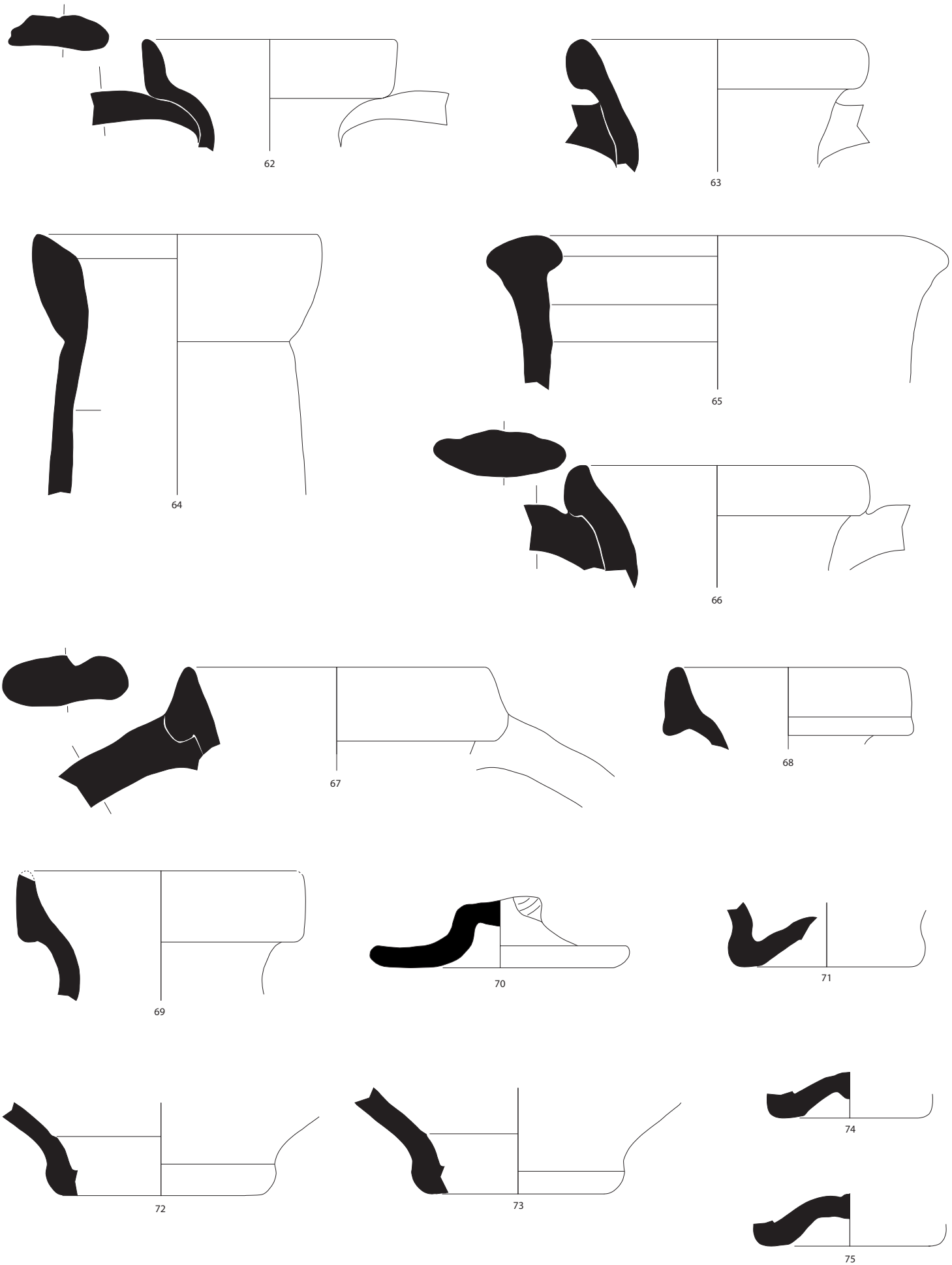


61



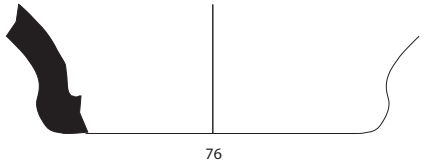
Estampa IX

Fase de 350+ d.C.



Estampa X

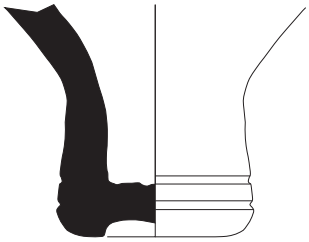
Fase de 350+ d.C.



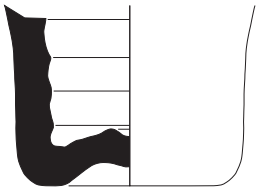
76



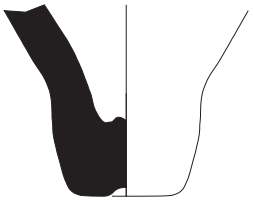
77



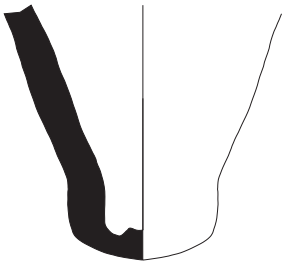
78



79



80



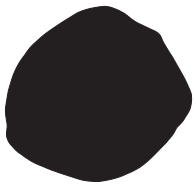
81



82

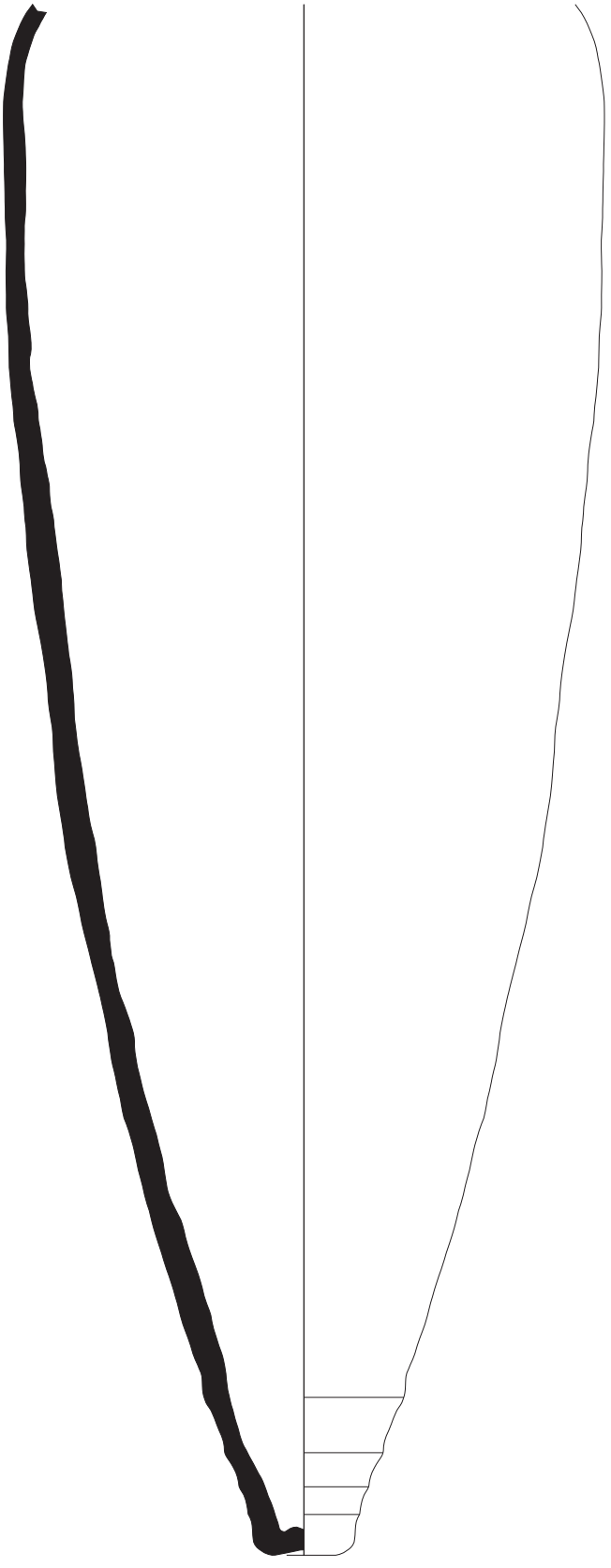


83



84



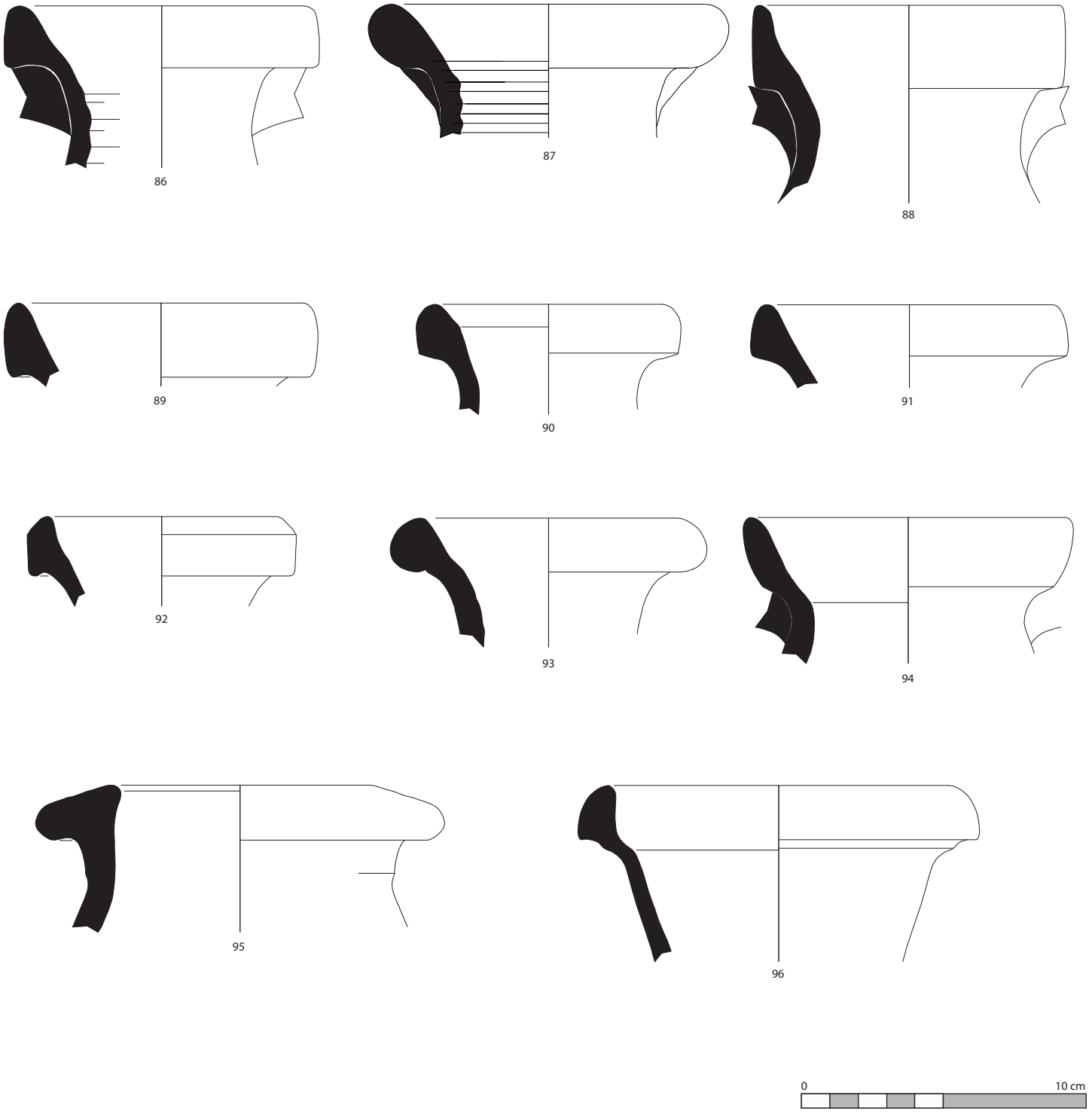


85



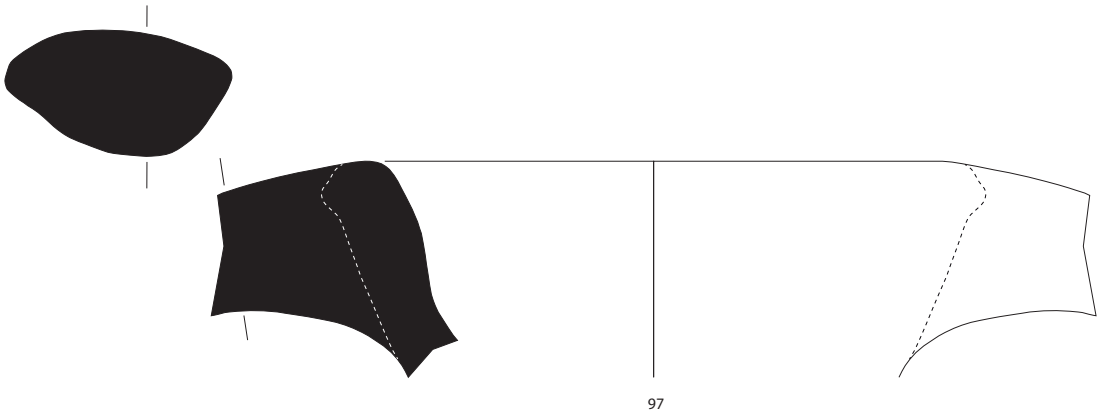
Estampa XI

Fase de 400+ d.C.

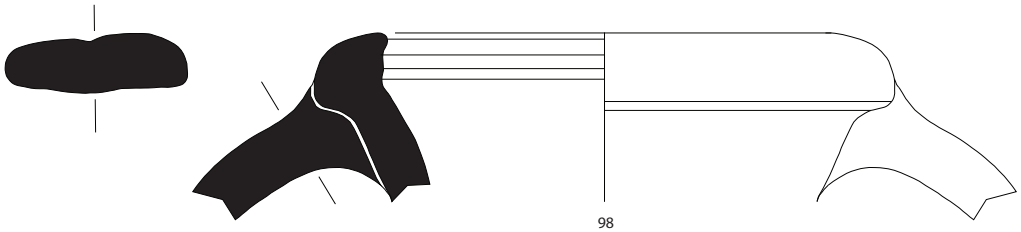


Estampa XII

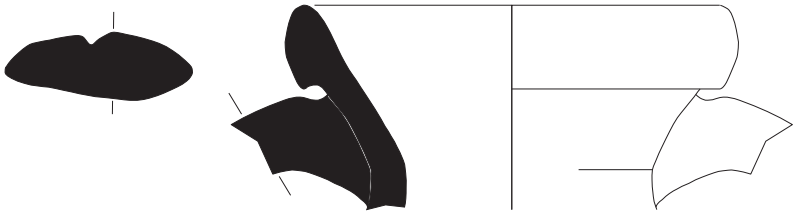
Fase de 400+ d.C.



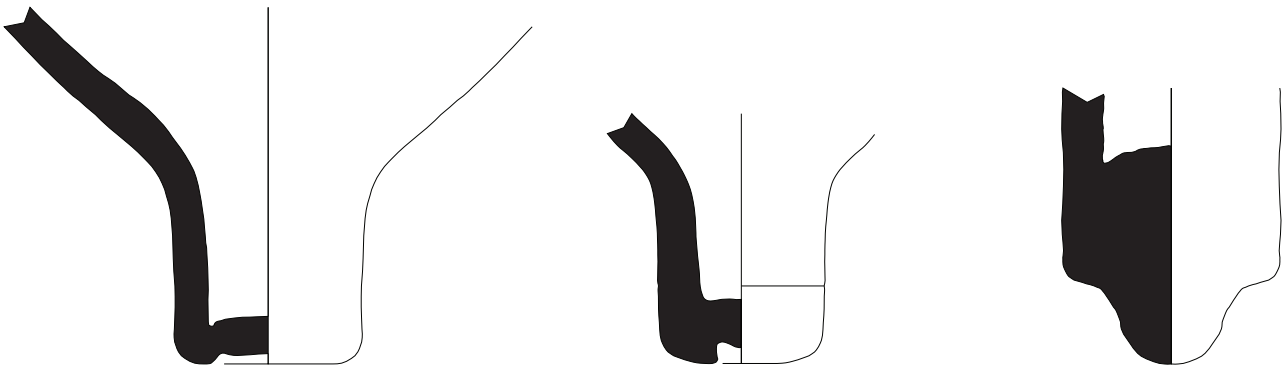
97



98

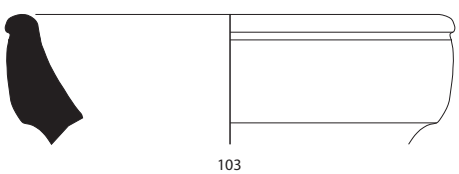


99

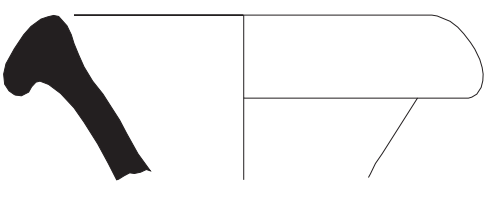


100 101 102

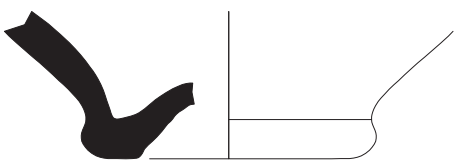
Fase de 425+ d.C.



103



104

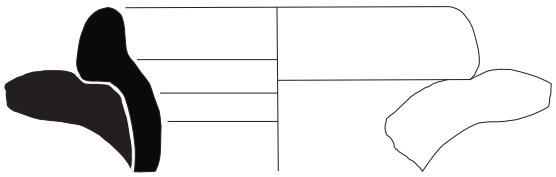


105

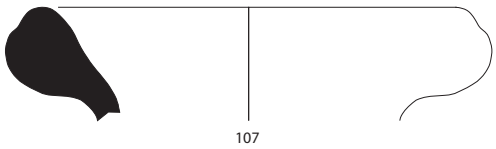


Estampa XIII

Fase de 450+ d.C.

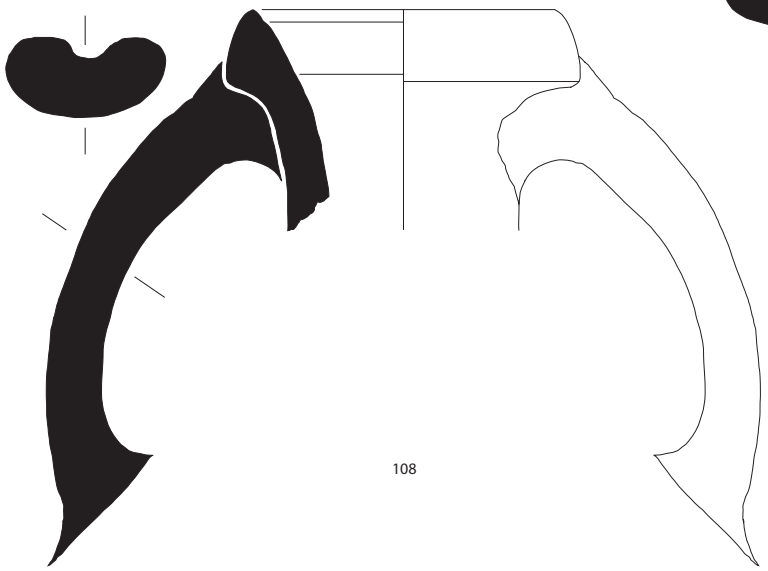


106

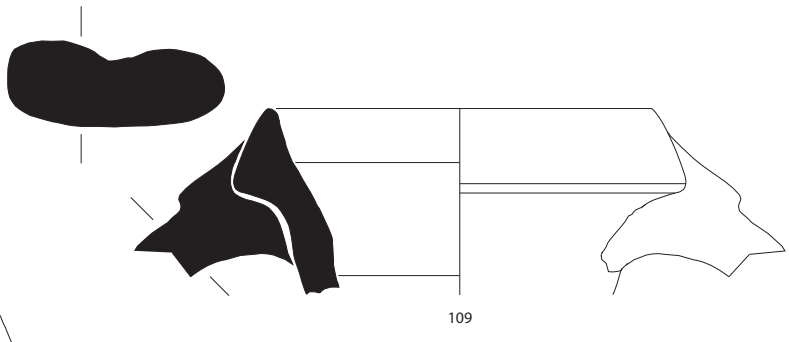


107

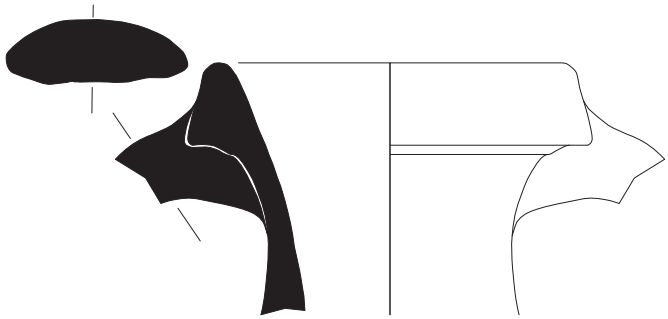
Fase de 500+ d.C.



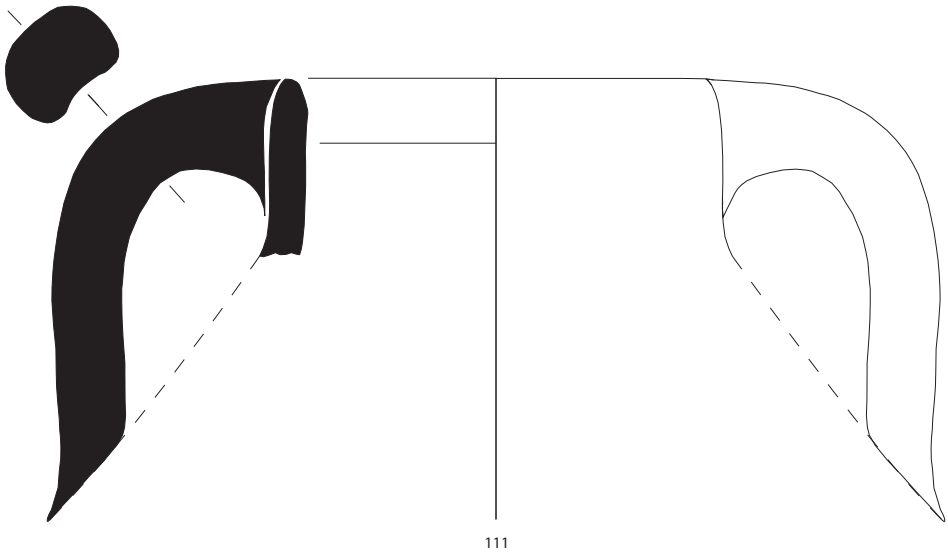
108



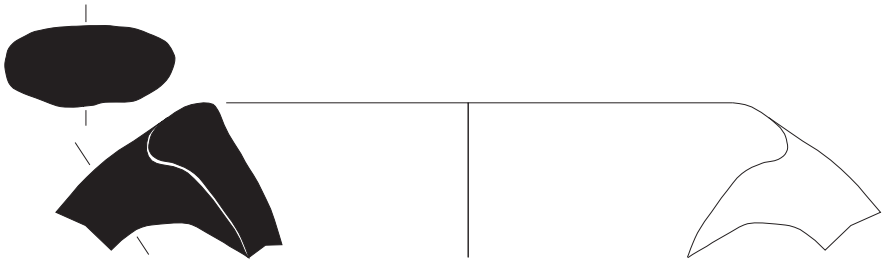
109



110



111

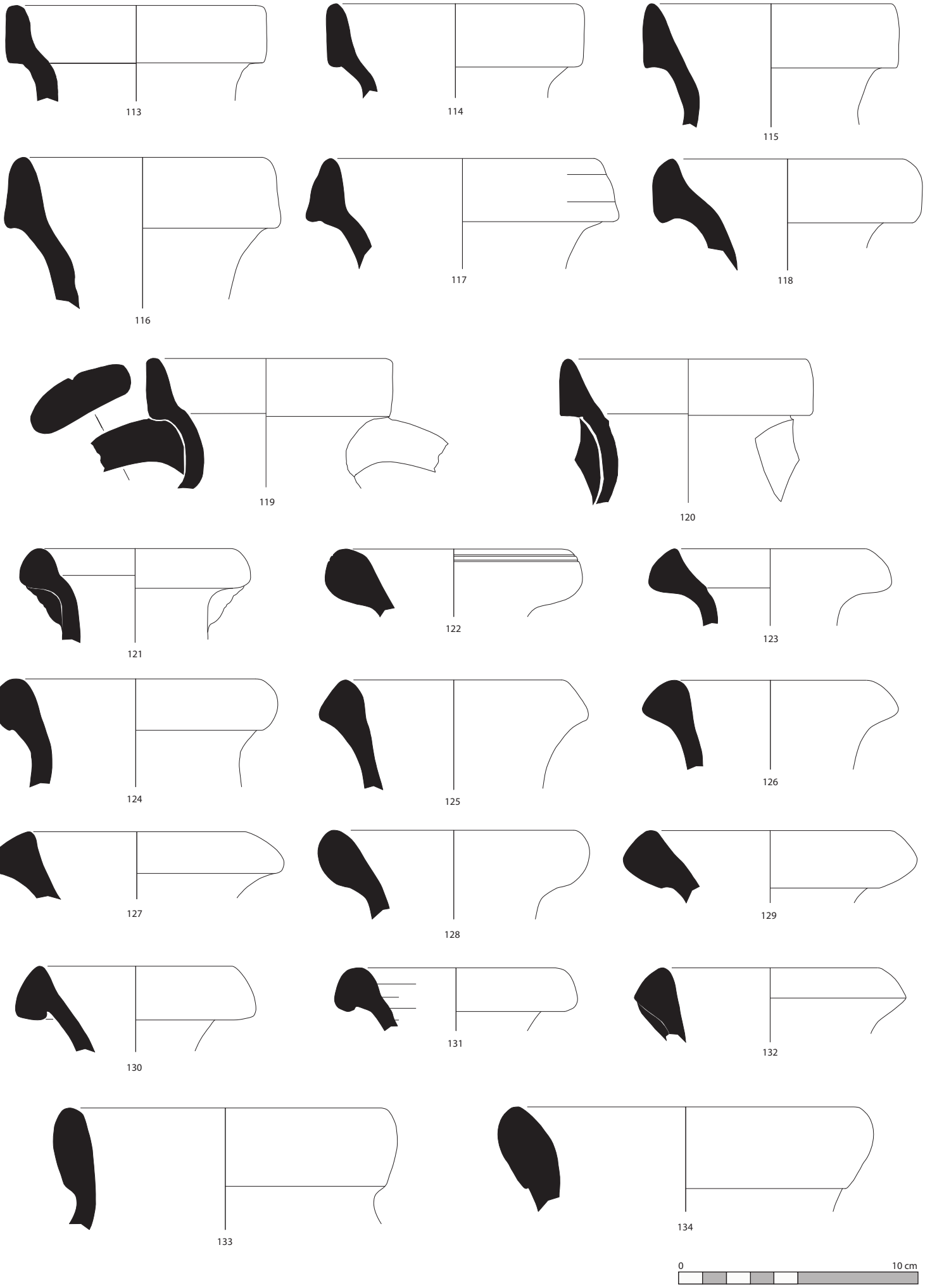


112



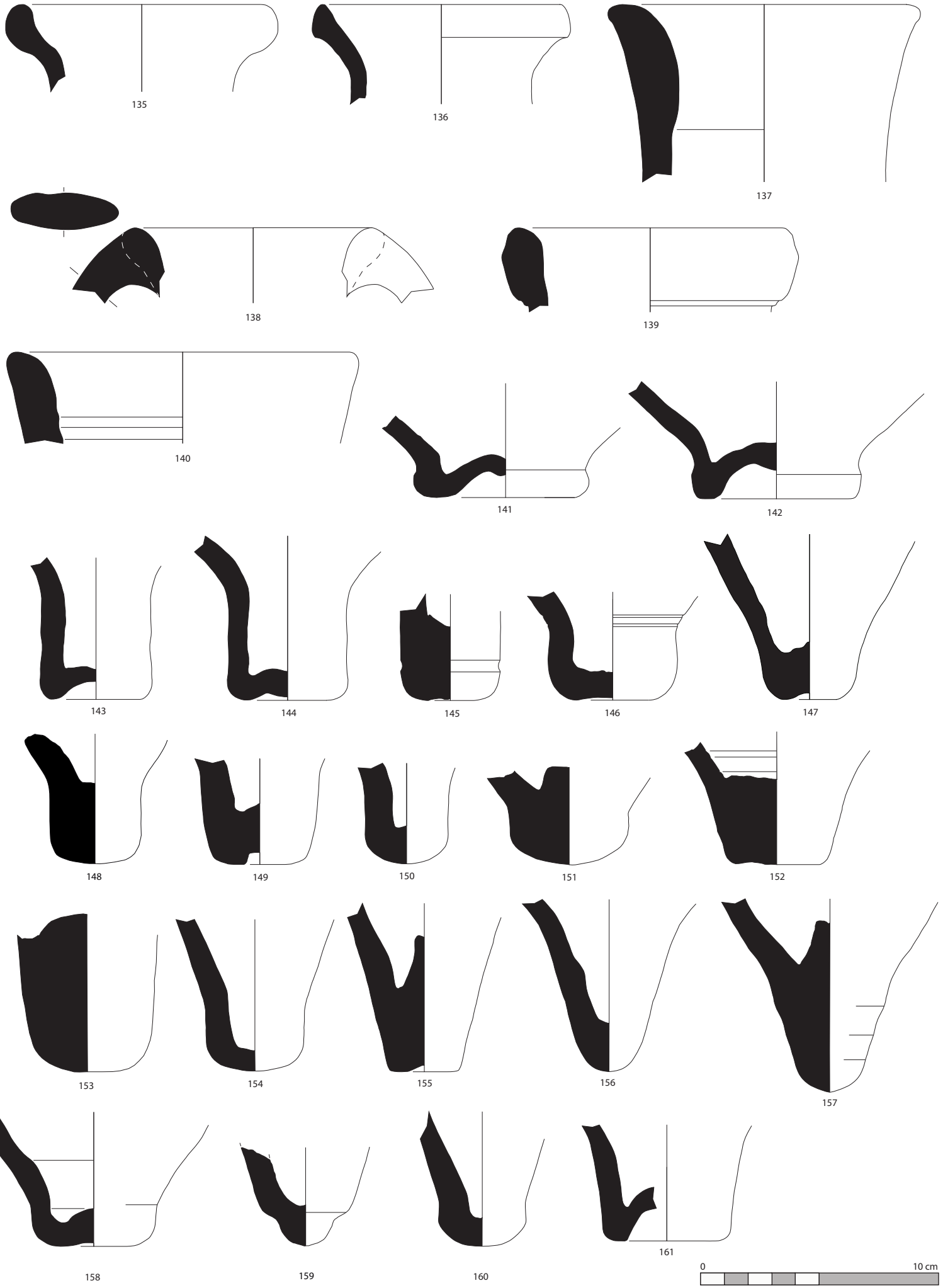
Estampa XIV

Fase de 500+ d.C.



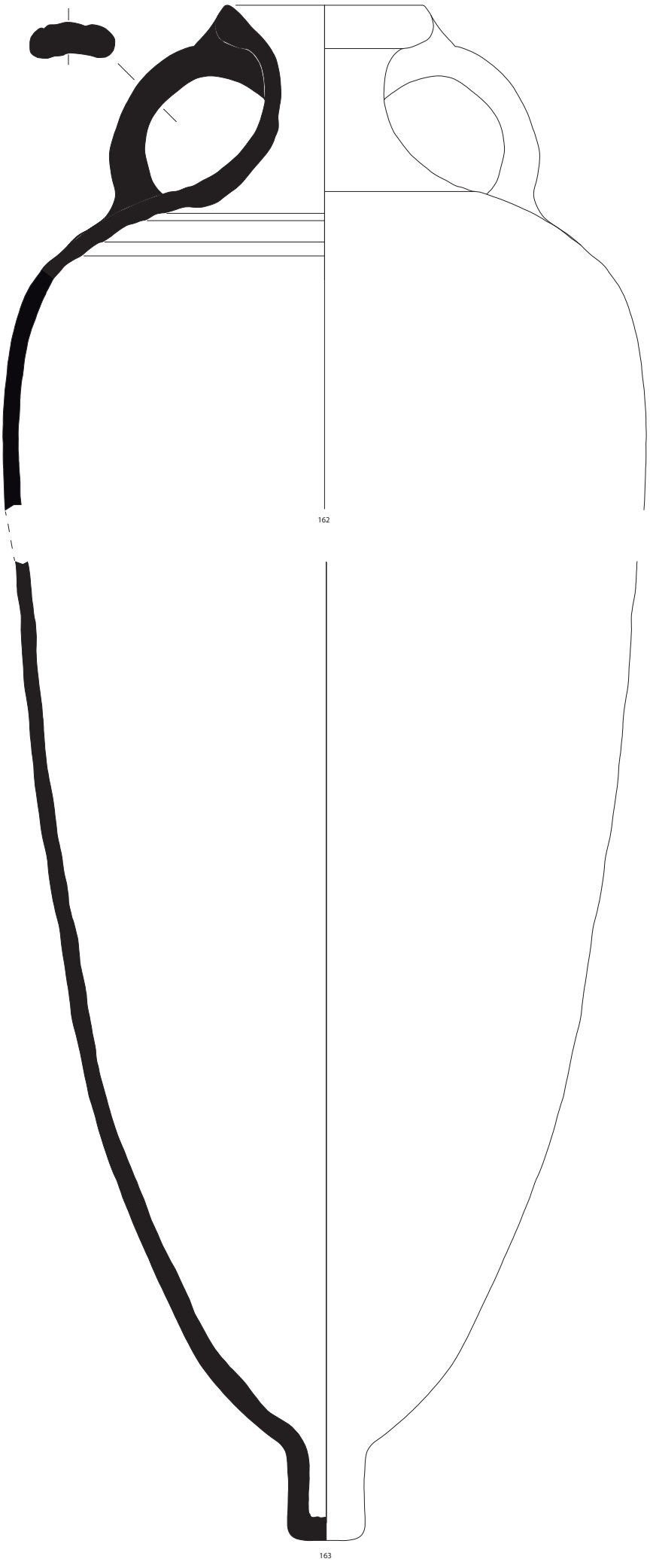
Estampa XV

Fase de 500+ d.C.



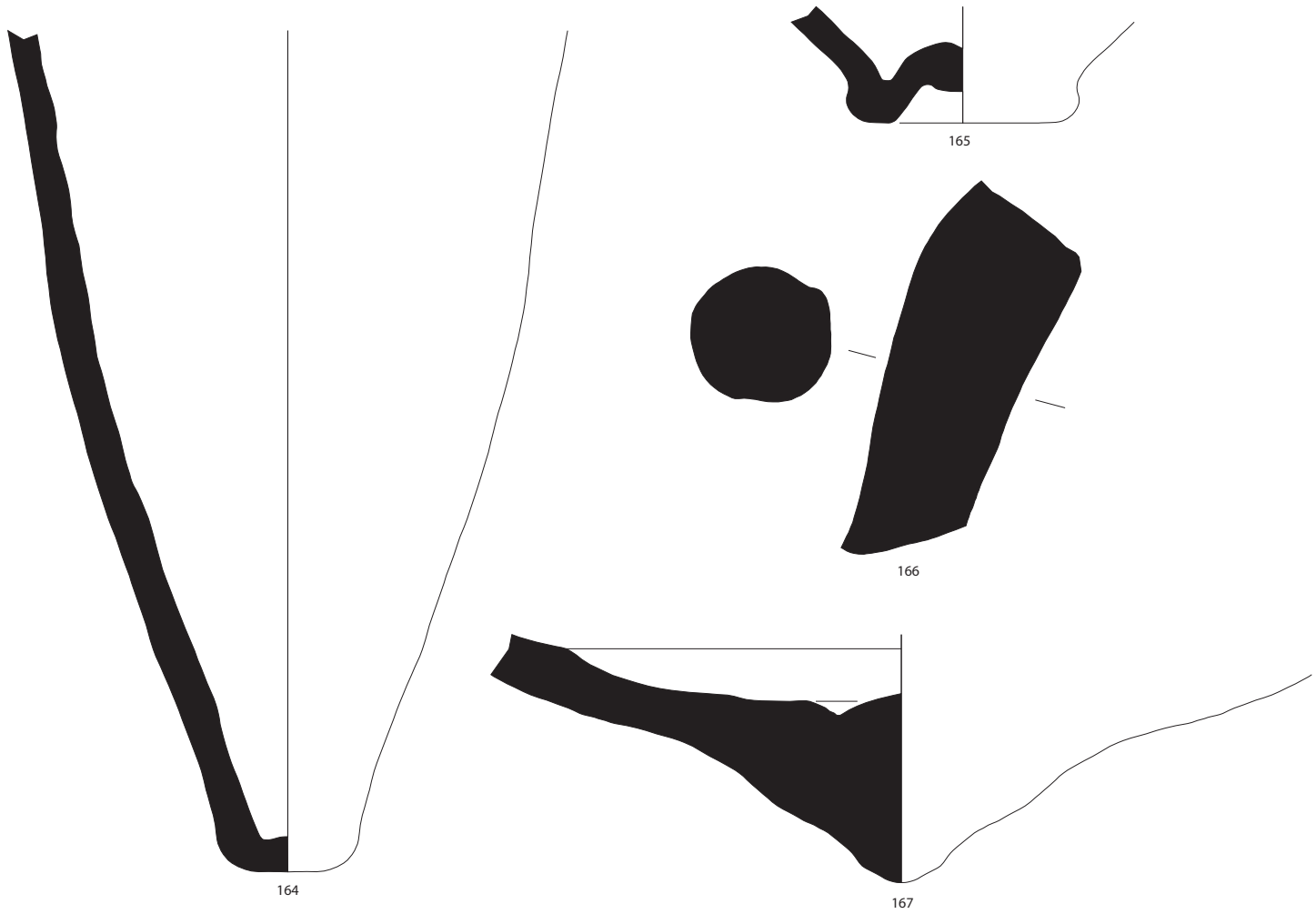
Estampa XVI

Fase de 500+ d.C.

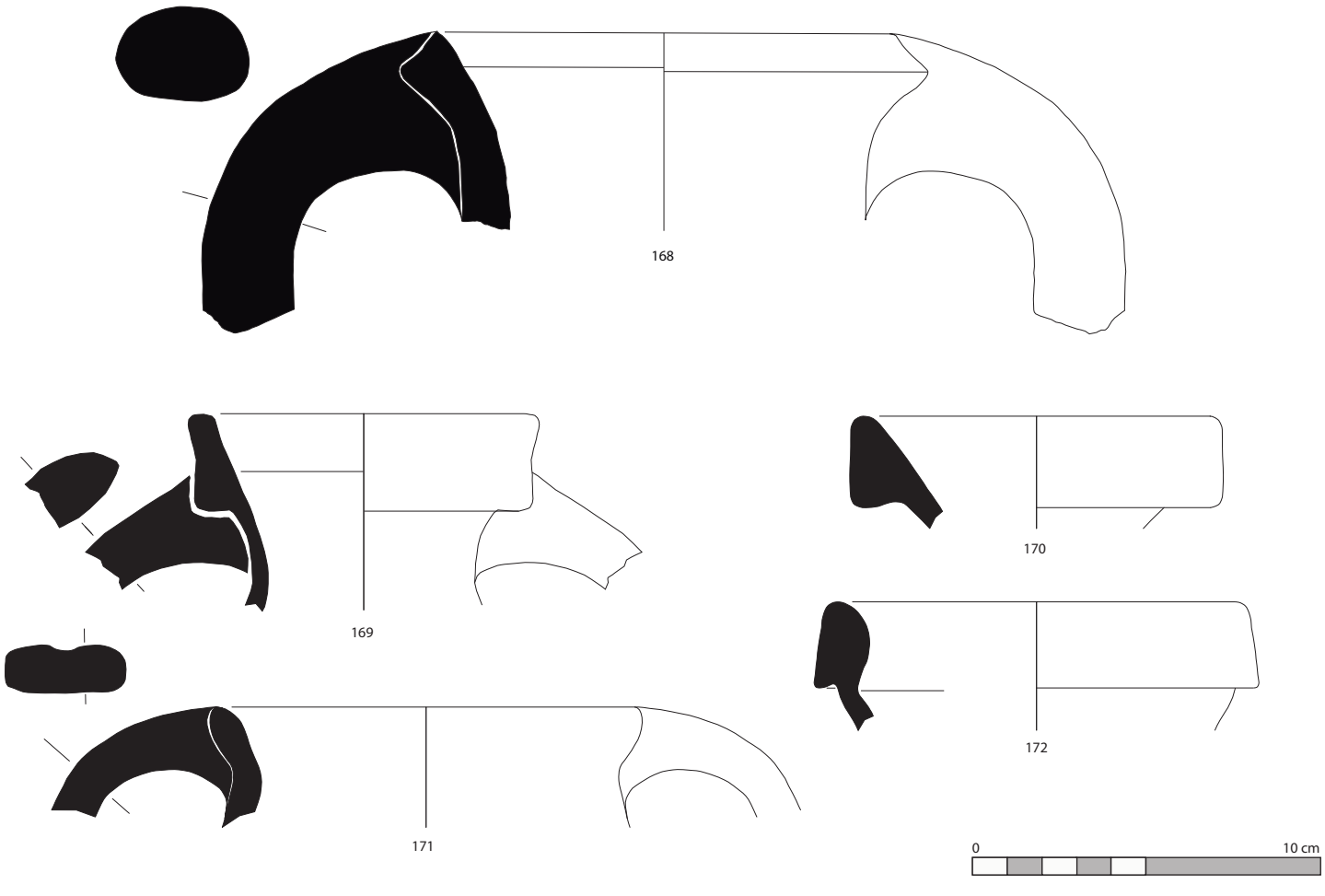


Estampa XVII

Fase de 500+ d.C.

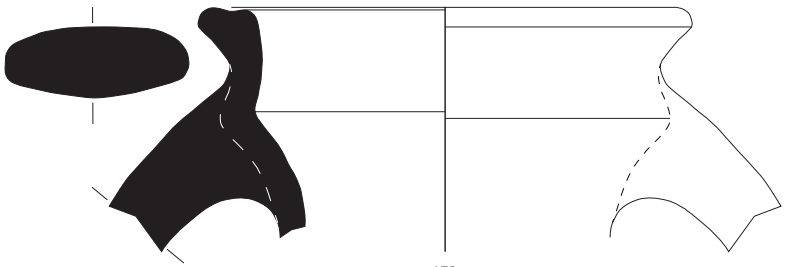


Fase de 525+ d.C.

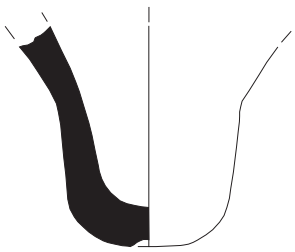


Estampa XVIII

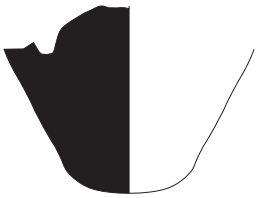
Fase de 525+ d.C.



173



174



175

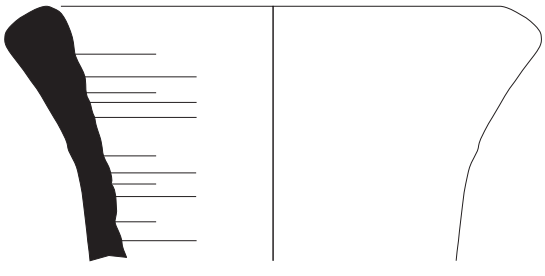


176

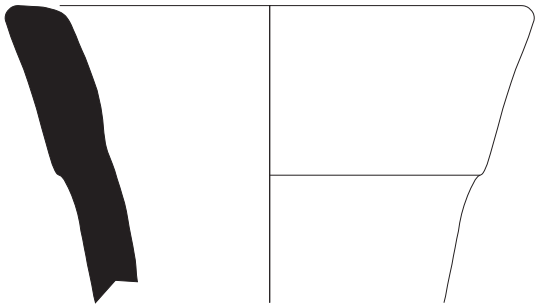


177

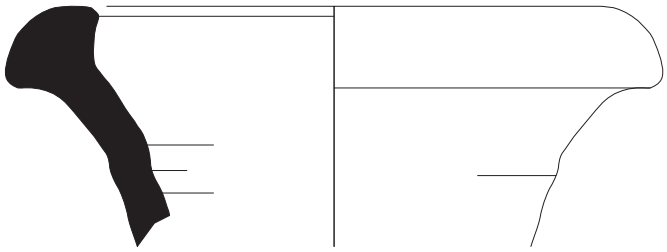
Sem fase cronológica



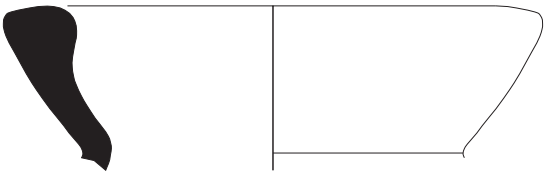
178



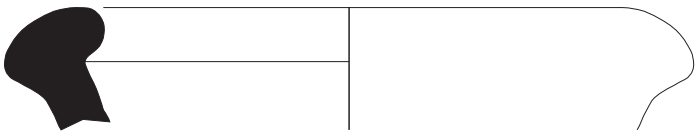
179



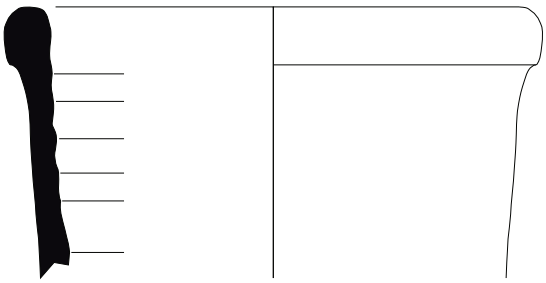
180



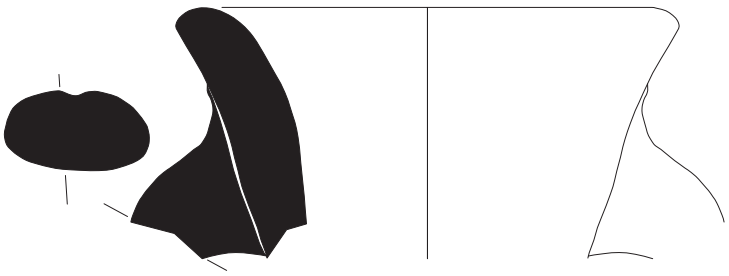
181



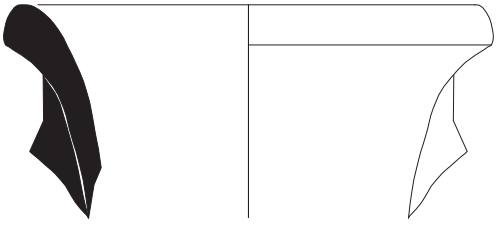
182



183



184

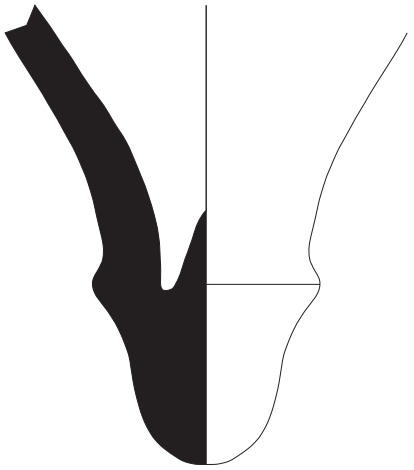


185

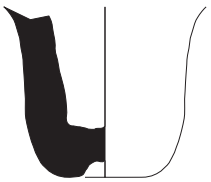


Estampa XIX

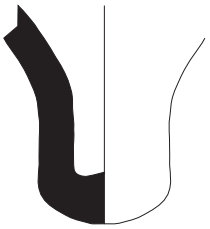
Sem fase cronológica



186



187



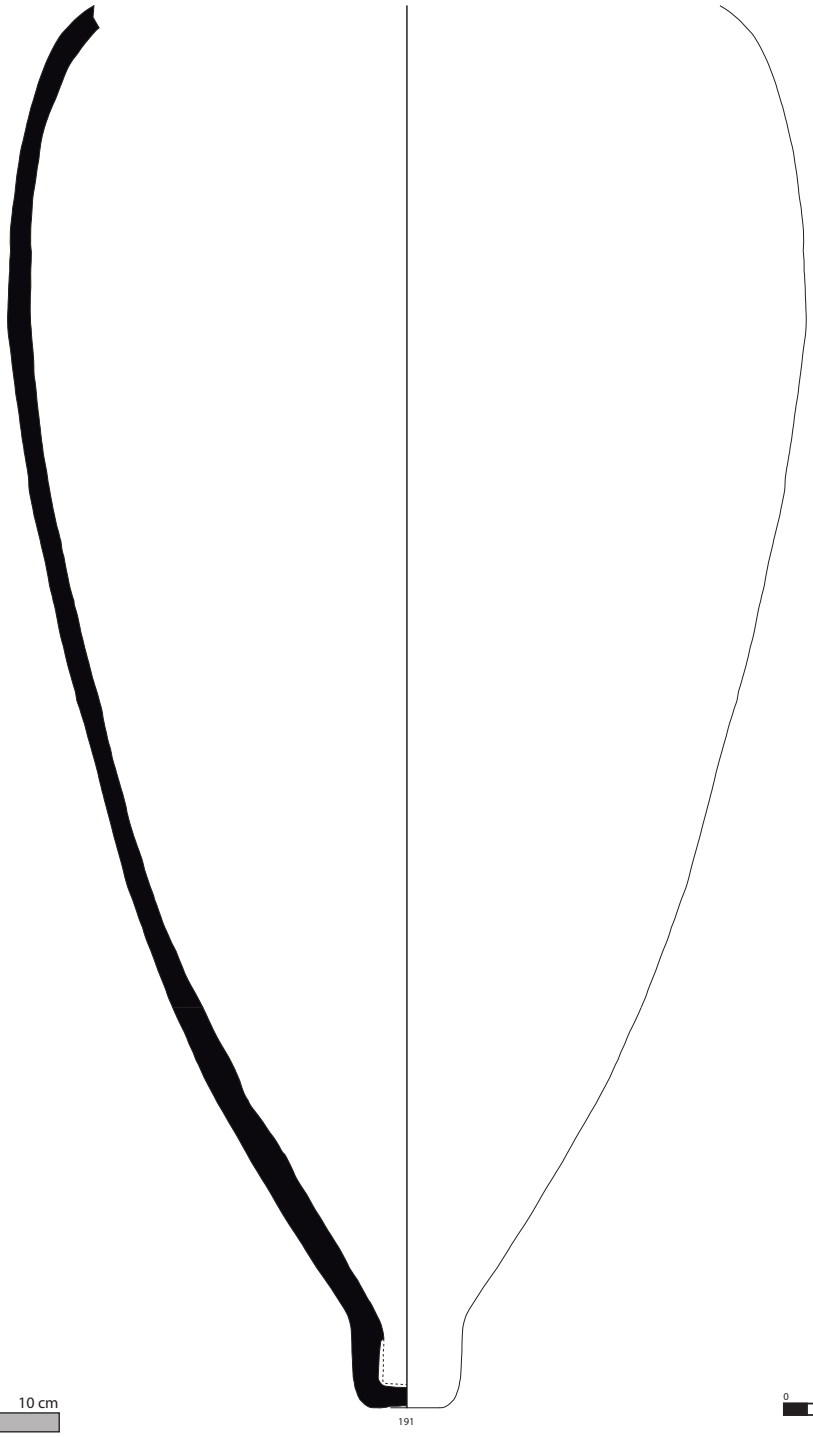
188



189



190



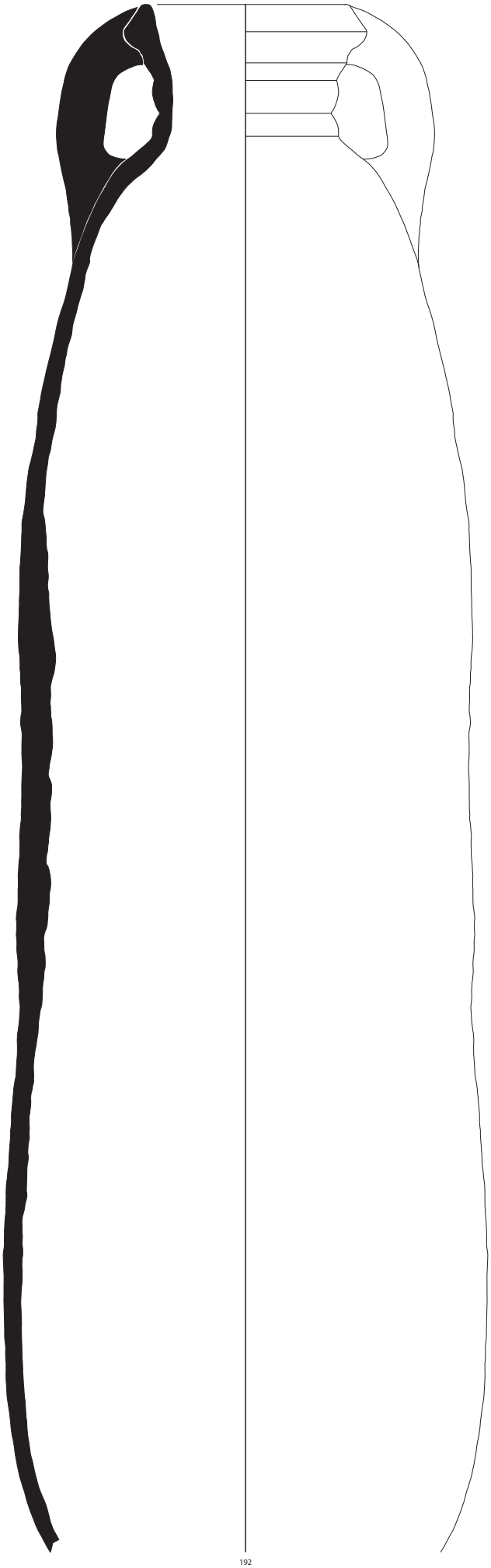
191





Estampa XX

Sem fase cronológica



192

0 10 cm

Legenda:

1 – Lusitana 3, nº de inventário – 3, [1161];

2 – Lusitana 3, nº de inventário – 161, [1008];

3 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 346, [1139];

4 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.24736, [1400];

5 – Almagro 51C, nº de inventário – 654, [1089];

6 – Almagro 51C, nº de inventário – 237, [217];

7 – Almagro 51C, nº de inventário – 394, [3135];

8 – Lusitana 3, nº de inventário – 669, [1087];

9 – Lusitana 3, nº de inventário – Saco 483A, [1266];

10 – Dressel 28 bética, nº de inventário – RO.22703 + 22704 + 22705 + 23301 + 23302 + 23341 + 23340 + 23342, [1568/1636];

11 –Dressel 14 tardia lusitana, nº de inventário – 493, [1025];

12 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.28394, [1600/1675];

13 – Dressel 20 D-E bética, nº de inventário – RO.27351, [1627];

14 – Dressel 20 D-E bética, nº de inventário – RO.27348, [1627];

15 – Dressel 20 bética, nº de inventário – RO.27350, [1627];

16 – Afim Keay IB/Dressel 30 de origem indeterminada, nº de inventário – 688, [1669];

17 – Almagro 51C, nº de inventário – 685, [3085];

18 – Almagro 51C, nº de inventário – 343, [3053];

19 – Dressel 20 bética, nº de inventário – 537, [3053];

20 – Gauloise 4, nº de inventário – 80, [1134];

21 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.22054, [1544];

22 – Lusitana 3, nº de inventário – 579, [1323];

23 – Lusitana 3, nº de inventário – 244, [1313];

24 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.28067, [1370];

25 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.25998 + 25999, [1282];

26 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.24442, [1370];

27 – Lusitana 3, nº de inventário – Saco 491A, [1445];

28 – Lusitana 3, nº de inventário – 569, [1226];

29 – Dressel 2-4 itálica da costa tirrénica, nº de inventário – 626, [2000];

30 – Dressel 14 tardia lusitana, nº de inventário – 527, [1261];

31 – Keay XVI bética, nº de inventário – 567, [1226];

32 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 694, [1175];

33 – Dressel 14 lusitana, nº de inventário – 276, [1246];

34 – Dressel 14B lusitana, nº de inventário – 410, [2000];

35 – Lusitana 9, nº de inventário – RO. 23956, [1464];

36 – Lusitana 3, nº de inventário – 69 + 312, [1023];

37 – Lusitana 3, nº de inventário – Saco 499A, [1241];

38 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.24704, [1464];

39 – Keay 25.1/Africana IIIA, nº de inventário – RO.25677, [3304];

40 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 580, [3050];

41 – Lusitana 3, nº de inventário – RO. 12791, sector V, camada 4 base;

42 – Almagro 50 bética, nº de inventário – RO.17331, sector V, camada 5;

43 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.16714, sector V, camada 4;

44 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.16701, sector V, camada 4;

45 – Keay 25.1/Africana IIIA, nº de inventário – RO.8090, sector VI, camada 2;

46 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.12668 + 13339 a 13344 + 13346 + 14892 + 16291 + 16333+16860 + 16862 + 16864 + 16865 + 16867 a 16871 + 16873 a 16878 + 16880 + 16882 + 16884 + 16886 + 16890 + 16892 + 16897 + 16899 + 16902 +

16904 + 16907 + 16909 + 16914 + 16917 + 16920 + 16921 + 16983 + 17424 + 17435 + 19638, sector V, camada 4;

47 – Dressel 14 lusitana, nº de inventário – RO.27804, [4046];

48 – Lusitana 3, nº de inventário – 188, [1141];

49 – Lusitana 3, nº de inventário – 14, [4002];

50 – Lusitana 3, nº de inventário – 15, [4002];

51 – Almagro 51A-B lusitana, nº de inventário – RO.25707, [1566];

52 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO. 23360, [4018];

53 – Lusitana 3, nº de inventário – RO. 22727, [4021];

54 – Almagro 51A-B bética, nº de inventário – RO.22741, [4021];

55 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.23392, [4018];

56 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.22731, [4021];

57 – Almagro 51C/ Lusitana 10, nº de inventário – RO.22667, [4018];

58 – Almagro 51A-B lusitana, nº de inventário – 640, [902];

59 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.23463, [4018];

60 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.22728, [4021];

61 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – LMM 260, [4005];

62 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.22696, [4018];

63 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.13440, sector V, camada 3;

64 – Keay 25.1/Africana IIIA, nº de inventário – RO.12432, sector V, camada 3;

65 – Dressel 14 lusitana, variante atípica, nº de inventário – 174, [902];

66 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.23486, [4018];

67 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.22714, [4018];

68 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.22688, [4018];

69 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.23566 [4018];

70 – Opérculo, fabrico local/regional, nº de inventário – 159, [807];

71 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.23550, [4018];

72 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.22721, [4018];

73 – Lusitana 3, nº de inventário – LMM26, [4021];

74 – Lusitana 3, nº de inventário – LMM484, [4016];

75 – Lusitana 3, nº de inventário – LMM483, [4016];

76 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.23550 + 23565, [4018];

77 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.23372, [4018];

78 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.12430, sector V, camada 3;

79 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.22693+22694, [4018];

80 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.22659, [4021];

81 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.22665+22666, [4021];

82 – Dressel 14 lusitana, nº de inventário – RO.23412, [4018];

83 – Dressel 20 ou 23 bética, nº de inventário – RO.22684, [4018];

84 – Dressel 20 bética, nº de inventário – RO.22710-4018-D20

85 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 703, [4018-enterramento infantil];

86 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.18318, sector V, camada 2;

87 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.13402, sector V, camada 2;

88 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.9272, sector V, camada 2;

89 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.9273, sector V, camada 2;

90 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 365, [1021];

91 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 642, [1028];

92 – Almagro 51C? lusitana, nº de inventário – 404, [4008];

93 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 71, [1021];

94 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.28108+28109, [4008];

95 – Keay XIII C-D bética, nº de inventário – RO.8215, sector V, camada 1/2;

96 – Almagro 51C? lusitana, nº de inventário – 617, [1021];

97 – Keay XVI lusitana, nº de inventário – RO.9258, sector V, camada 2;

98 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.8223, sector V, camada 1/2;

99 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.8263, sector V, camada 2;

100 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.15243, sector V, camada 2;

101 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.22290, [3017];

102 – Dressel 14 lusitana, nº de inventário – 561, [4008];

103 – Lusitana 3, nº de inventário – Saco 487A, [1283];

104 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 449, [1058];

105 – Lusitana 3, nº de inventário – 273, [1129];

106 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 151, [3076];

107 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.8050+9211, sector V, camada 1;

108 – Almagro 51C tardia/ Lusitana 10, nº de inventário – 307, [1128];

109 – Almagro 50 lusitana, nº de inventário – 534, [1018];

110 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 99, [1018];

111 – Sado 1 = Keay LXXVIII, nº de inventário – 308, [1018];

112 – Almagro 50 lusitana, nº de inventário – 180, [3056];

113 – Lusitana 3, nº de inventário – 267, [1018];

114 – Lusitana 3, nº de inventário – 124, [1018];

115 – Lusitana 3, nº de inventário – 566, [1018];

116 – Lusitana 3, nº de inventário – RO.27156, [3024];

117 – Lusitana 3, nº de inventário – 663, [1001];

118 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 100, [1018];

119 – Lusitana 3, nº de inventário – 125, [1018];

120 – Lusitana 3, nº de inventário – 268, [1040];

121 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 593, [1011];

122 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 453, [1001];

123 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 215+216, [1015];

124 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – RO.26757, [1128];

125 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 254, [1001],

126 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – Saco 493A, [1015];

127 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 497 + 498, [3024];

128 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 530 + 660, [1001/1018];

129 – Almagro 50 lusitana, nº de inventário – 17, [1001];

130 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 499, [3024];

131 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 616, [1018];

132 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 345, [1001];

133 – Sado 1 B = Keay LXXVIII, nº de inventário – 577, [1001];

134 –Forma indeterminada lusitana, nº de inventário – 187, [1001];

135 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 584, [1018];

136 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 245, [1038];

137 – Keay 25.1/Africana IIIA, nº de inventário – Saco 495A, [3024];

138 – Lusitana 9, nº de inventário – 304, [3024];

139 – Africana II A3, nº de inventário – 672, [3024];

140 – Haltern 70 bética, nº de inventário – 217, [1015];

141 – Lusitana 3, nº de inventário – 269, [1040];

142 – Lusitana 3, nº de inventário – 563, [1001];

143 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 594, [1038];

144 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 41, [1001];

145 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 595, [1038];

146 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 66, [1015];

147 – Almagro 51C tardia lusitana, nº de inventário – 134, [1001];

148 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 360, [1018];

149 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 67, [1015];

150 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 228, [1018];

151 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 96, [1018];

152 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 95, [1018];

153 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 97, [1018];

154 – Almagro 51C tardia lusitana, nº de inventário – 366, [1015];

155 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 588, [1199];

156 – Almagro 51A-B lusitana, nº de inventário – 98, [1018];

157 – Almagro 51A-B lusitana, nº de inventário – 306, [1001];

158 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 371, [1018];

159 – Dressel 14 lusitana, nº de inventário – 361, [1018];

160 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 364, [1015];

161 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 42, [1001];

162 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 2, [1018];

163 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 1 + RO.25429 a 25489 + RO.25492 a RO.25533 + RO23863, [1018/1484]

164 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – Saco 393A, [3056];

165 – Lusitana 3, nº de inventário – 131, [1018];

166 – Dressel 20 bética, nº de inventário – 169, [1001];

167 – Dressel 20 bética, nº de inventário – 119, [3320];

168 – Almagro 50 lusitana, nº de inventário – 238, [3001];

169 – Lusitana 3, nº de inventário – 54, [3001];

170 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 585, [3001/3002];

171 – Lusitana 9, nº de inventário – 466, [3001];

172 –Forma indeterminada, fabrico africano?, nº de inventário – 676, [3029];

173 – Almagro 51A-B lusitana, nº de inventário – 229, [3001/3029];

174 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 56, [3001];

175 – Almagro 51A-B lusitana, nº de inventário – 586, [3001];

176 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 610, [3001];

177 – Lusitana 3, nº de inventário – 207, [3001];

178 – Dressel 14B lusitana, nº de inventário – Saco 490, desmonte da estrutura da Área 4;

179 – Haltern 70 lusitana, nº de inventário – Saco 496A, [7001];

180 – Almagro 50 lusitana, nº de inventário – 398, [231];

181 – Sado 1A = Keay LXXVIII, nº de inventário – 311, [3000];

182 – Dressel 14 lusitana, variante atípica, nº de inventário – RO. 28400, depósito afectado com a abertura das valas para instalação de água e gás;

183 – Dressel 2-4 lusitana, nº de inventário – 397, [231];

184 – Dressel 14B lusitana, nº de inventário – 352, [700/701];

185 – Gauloise 4?, nº de inventário –65, [304];

186 – Almagro 50 lusitana, nº de inventário – RO.22108 + 22112, [1000];

187 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – Saco 481, [4001] entre sondagens 36 e 37;

188 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – Saco 388, [3507];

189 – Dressel 14 lusitana, nº de inventário – 231, sem unidade estratigráfica;

190 – Dressel 14 lusitana, nº de inventário – 330, zona envolvente do forno 3;

191 – Almagro 51C lusitana, nº de inventário – 687, [801];

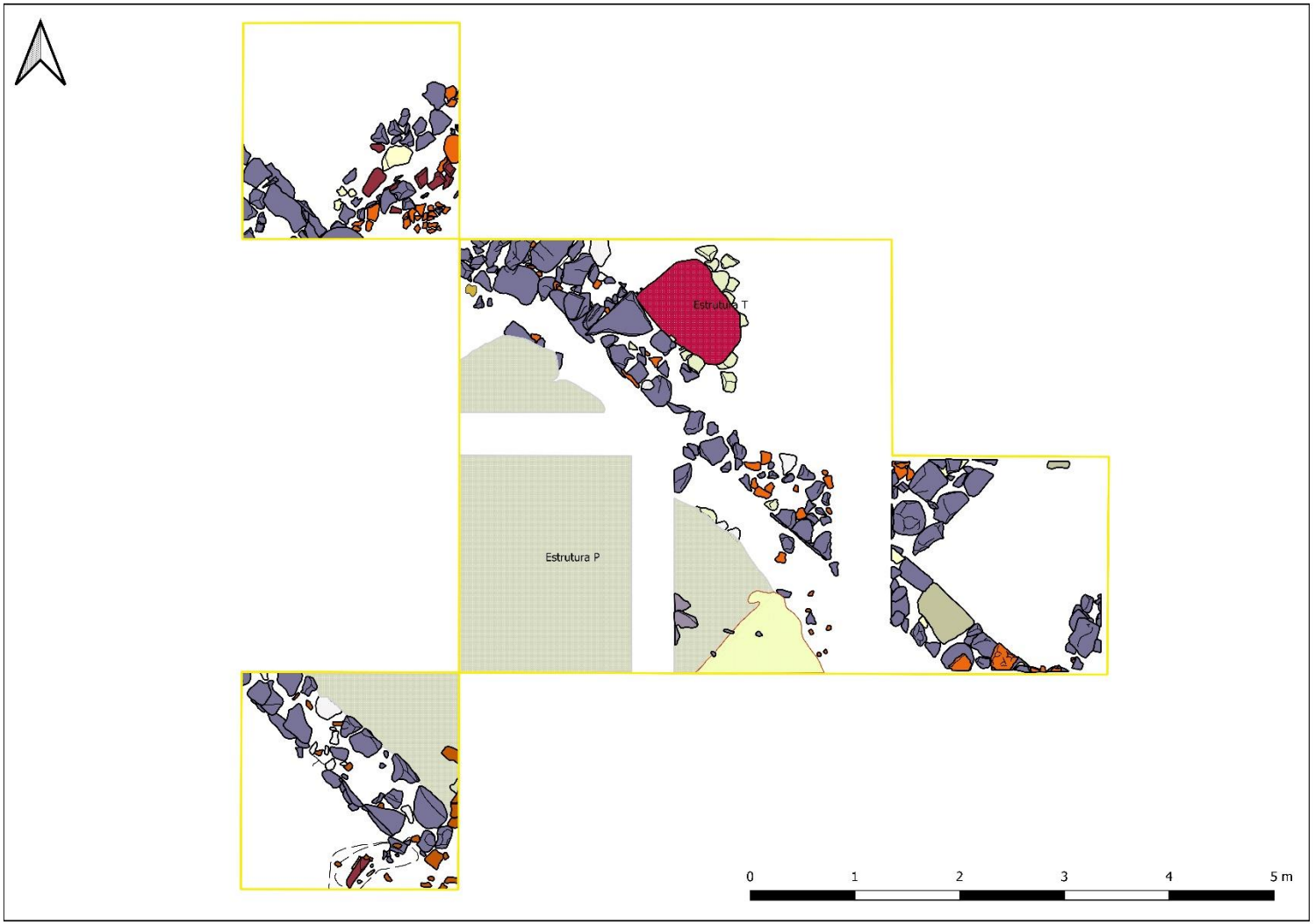
192 – Almagro 50 lusitana, nº de inventário – 686, [900/901].

Anexo VII

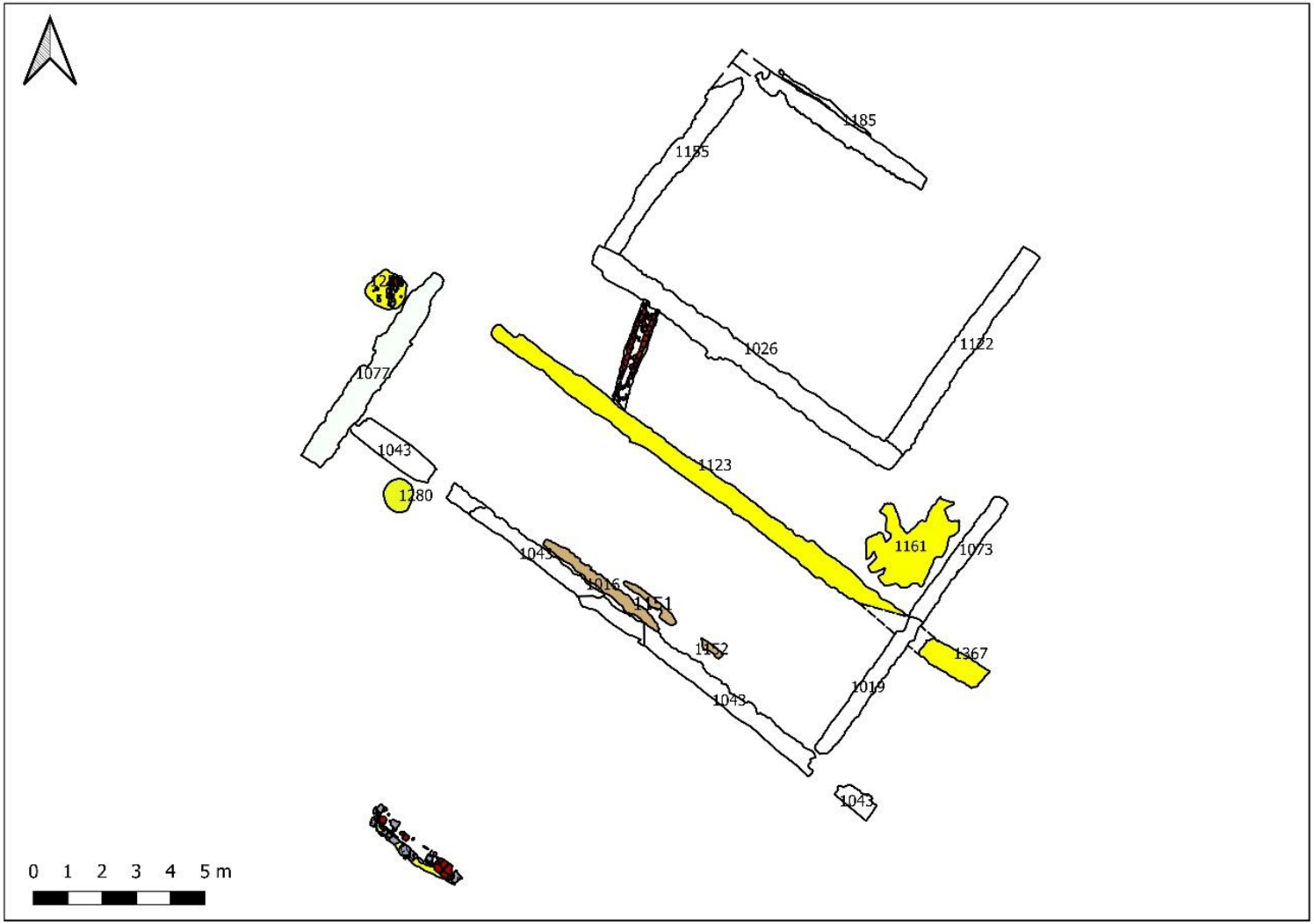
Plantas



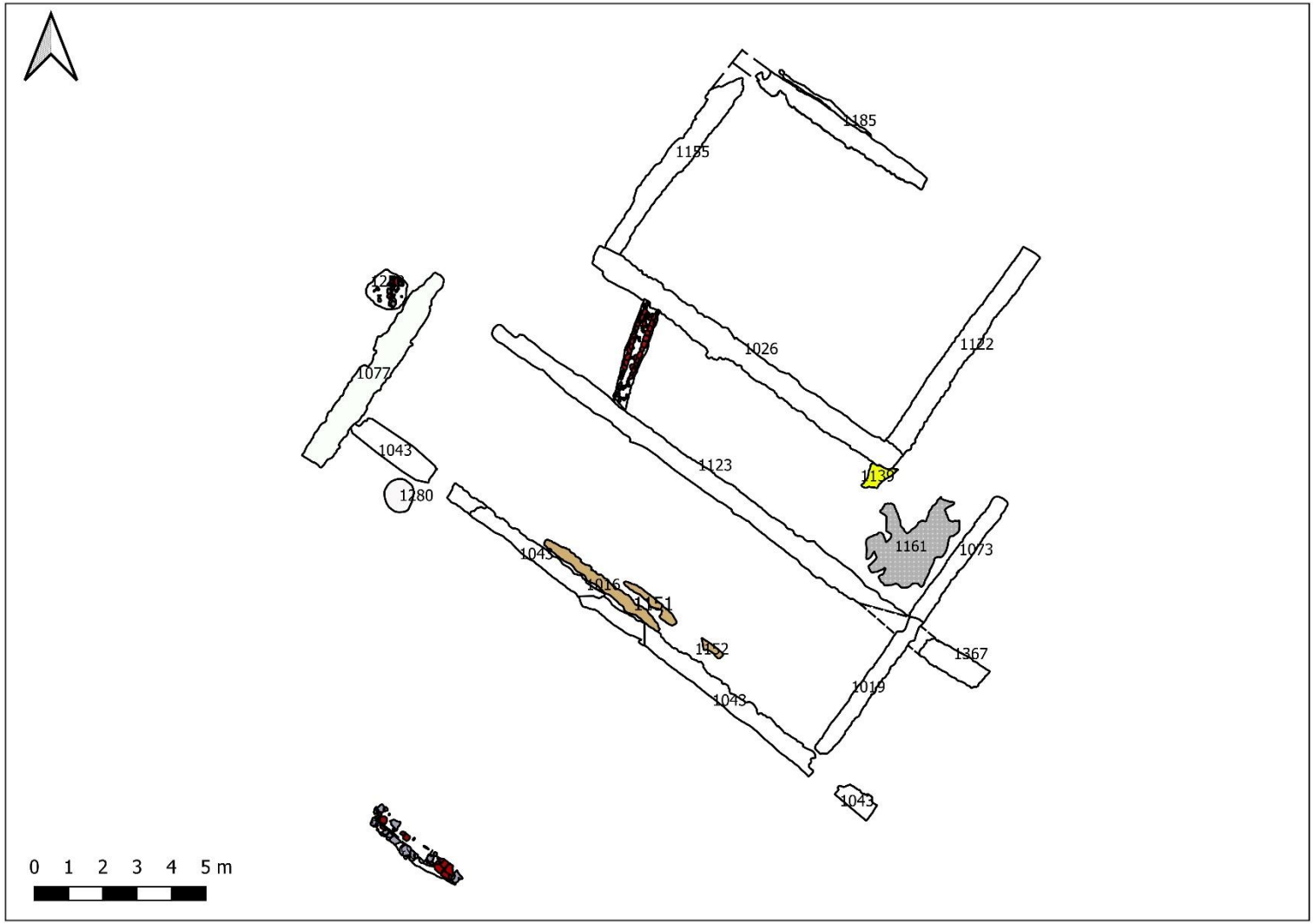
Planta 1: Planta geral dos vestígios arqueológicos exumados nas Almoínhas (segundo dados do MML e ERA-Arqueologia).



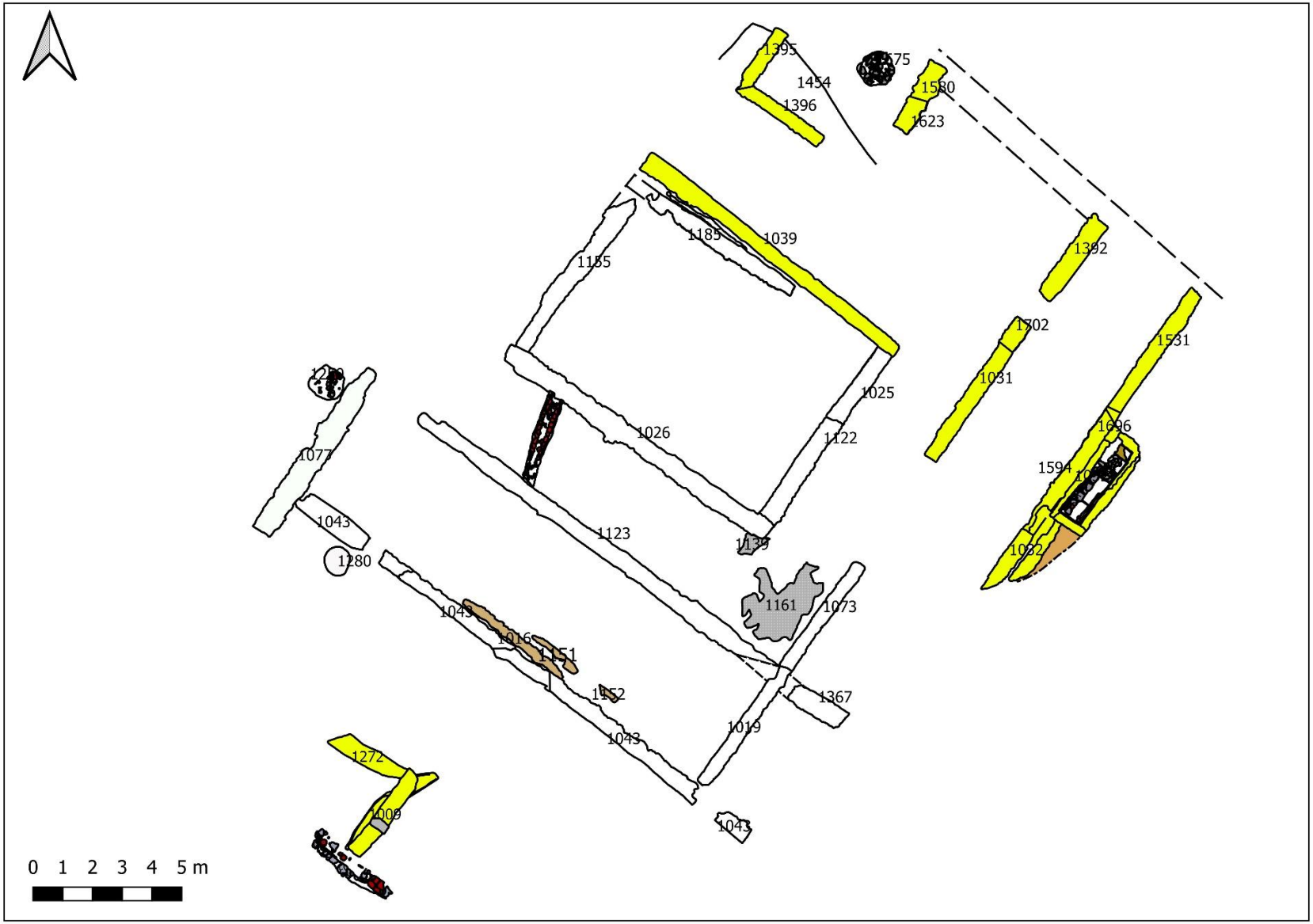
Planta 2: Vestígios arqueológicos exumados pelas intervenções do MML no sector IV



Planta 3: Planta da fase de 100+ (a amarelo) e edificado proposto para o inicio do século II da Área 1.



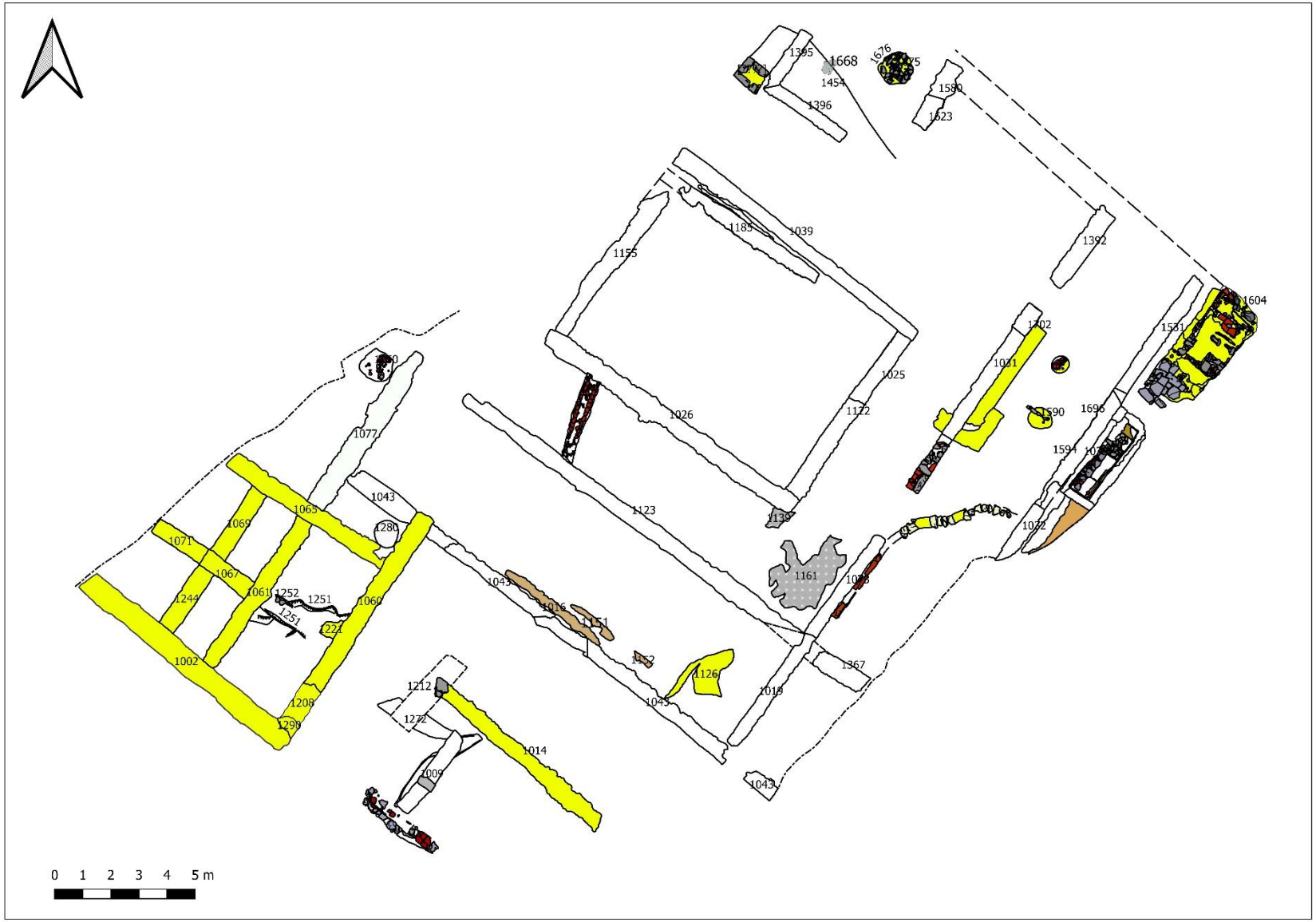
Planta 4: Planta proposta a área na fase de 175+ d.C. na Área 1. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



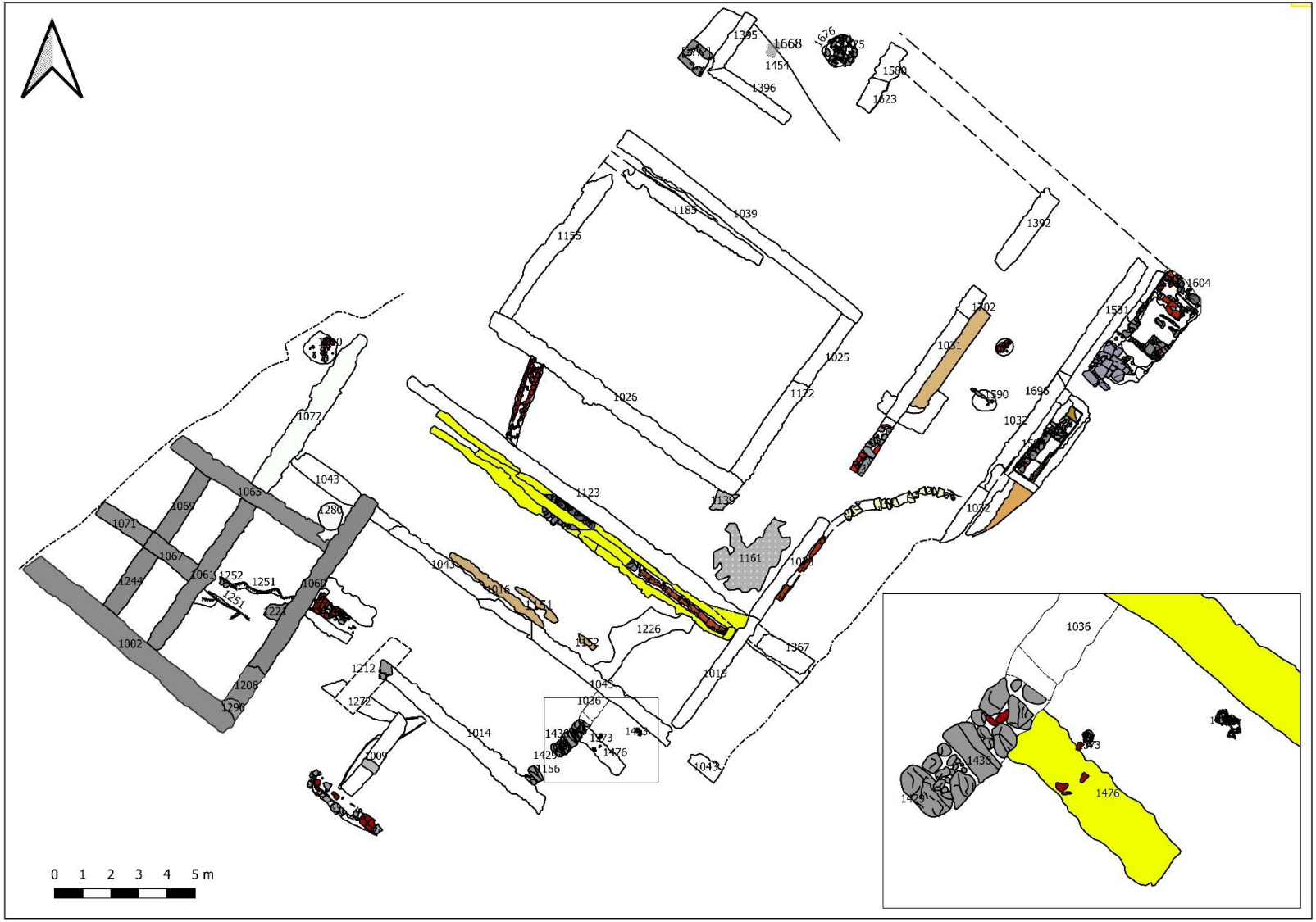
Planta 5: Planta da Área 3 proposta para a fase de 190/200+ d.C. da Área 1. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



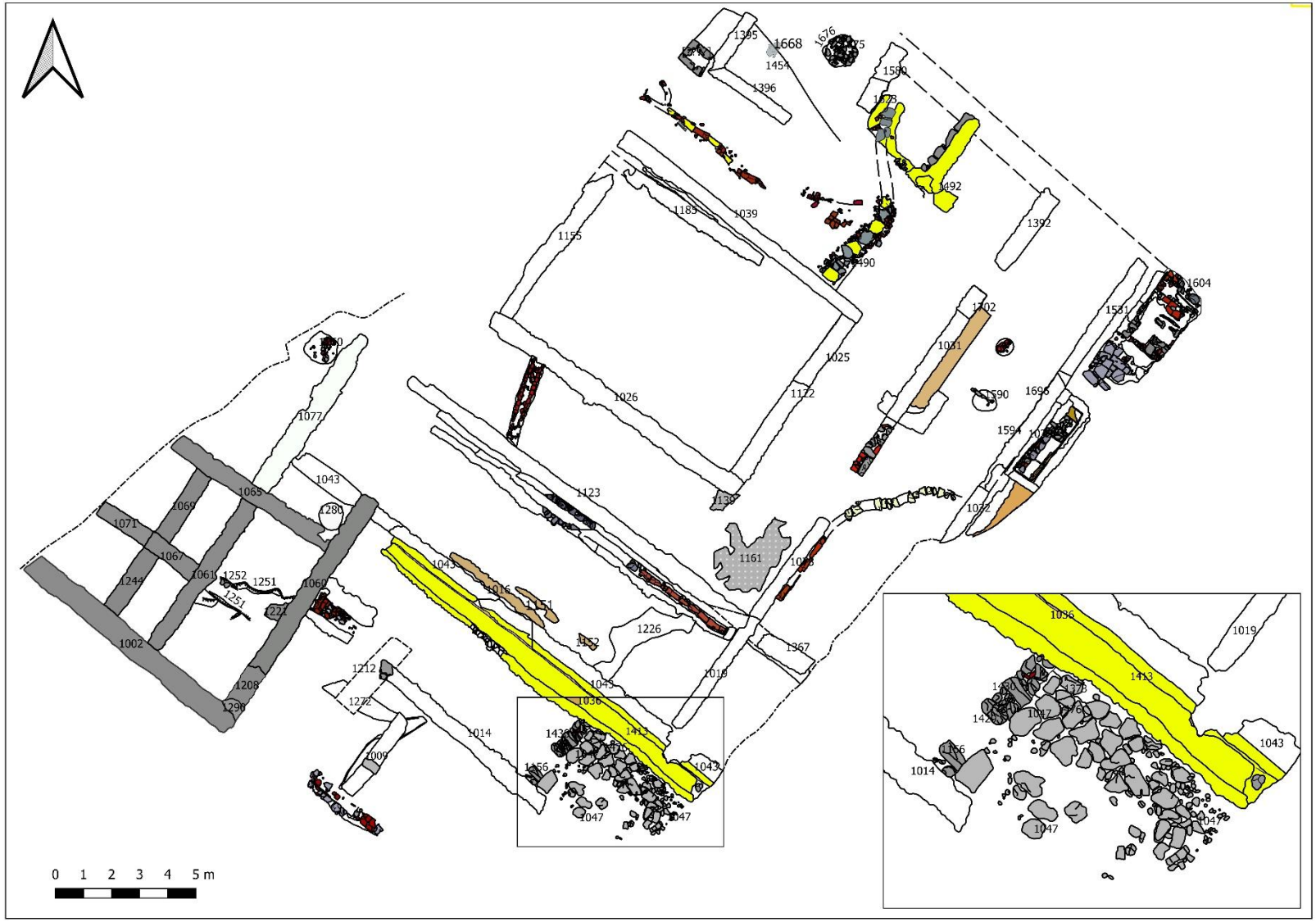
Planta 6: Planta de pormenor do tanque 2 da Área 1, com representação das sub-compartimenções posteriores na 1ª metade do século III d.C..



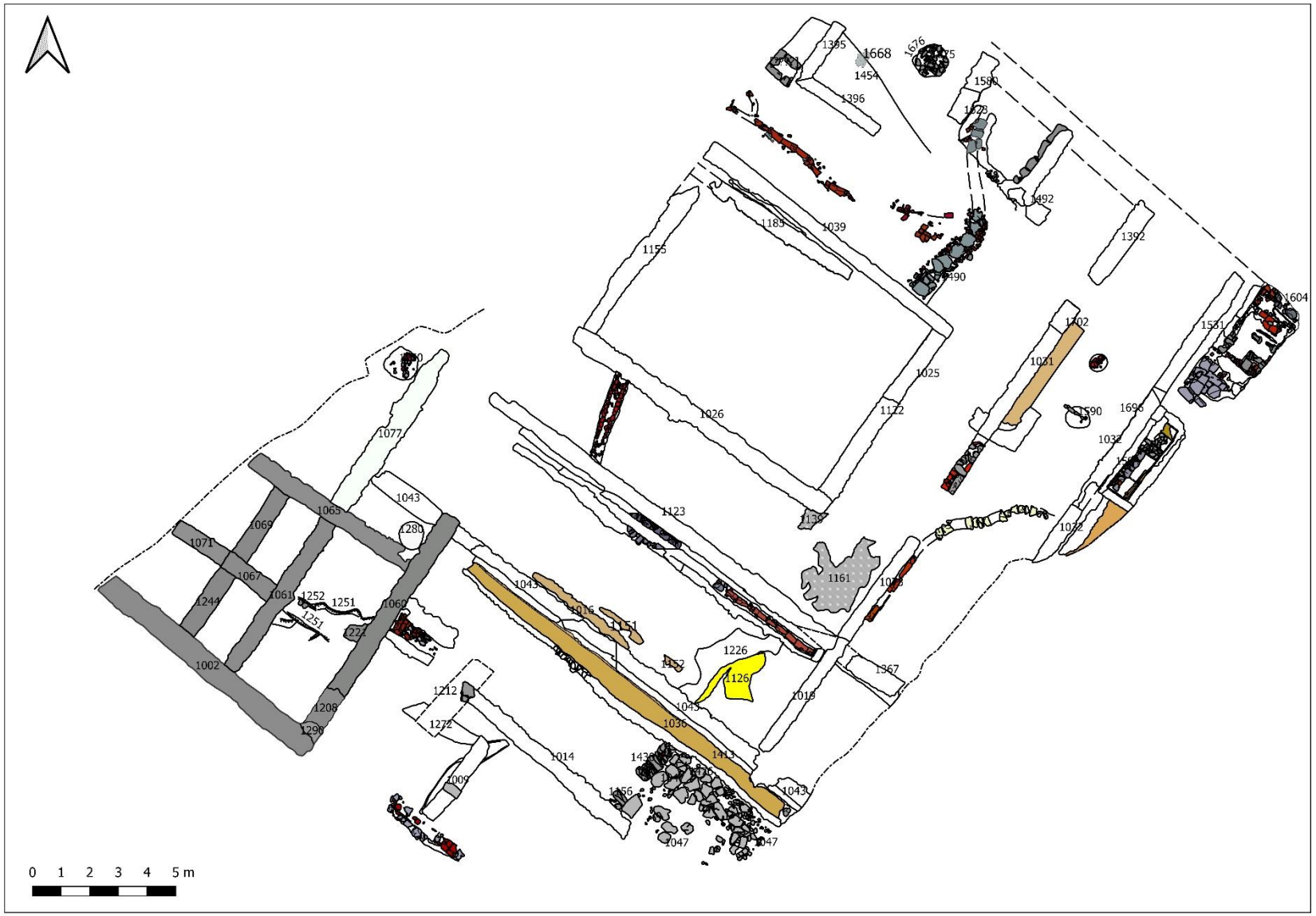
Planta 7: Planta proposta para a evolução entre os séculos II e III d.C. na Área 1. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



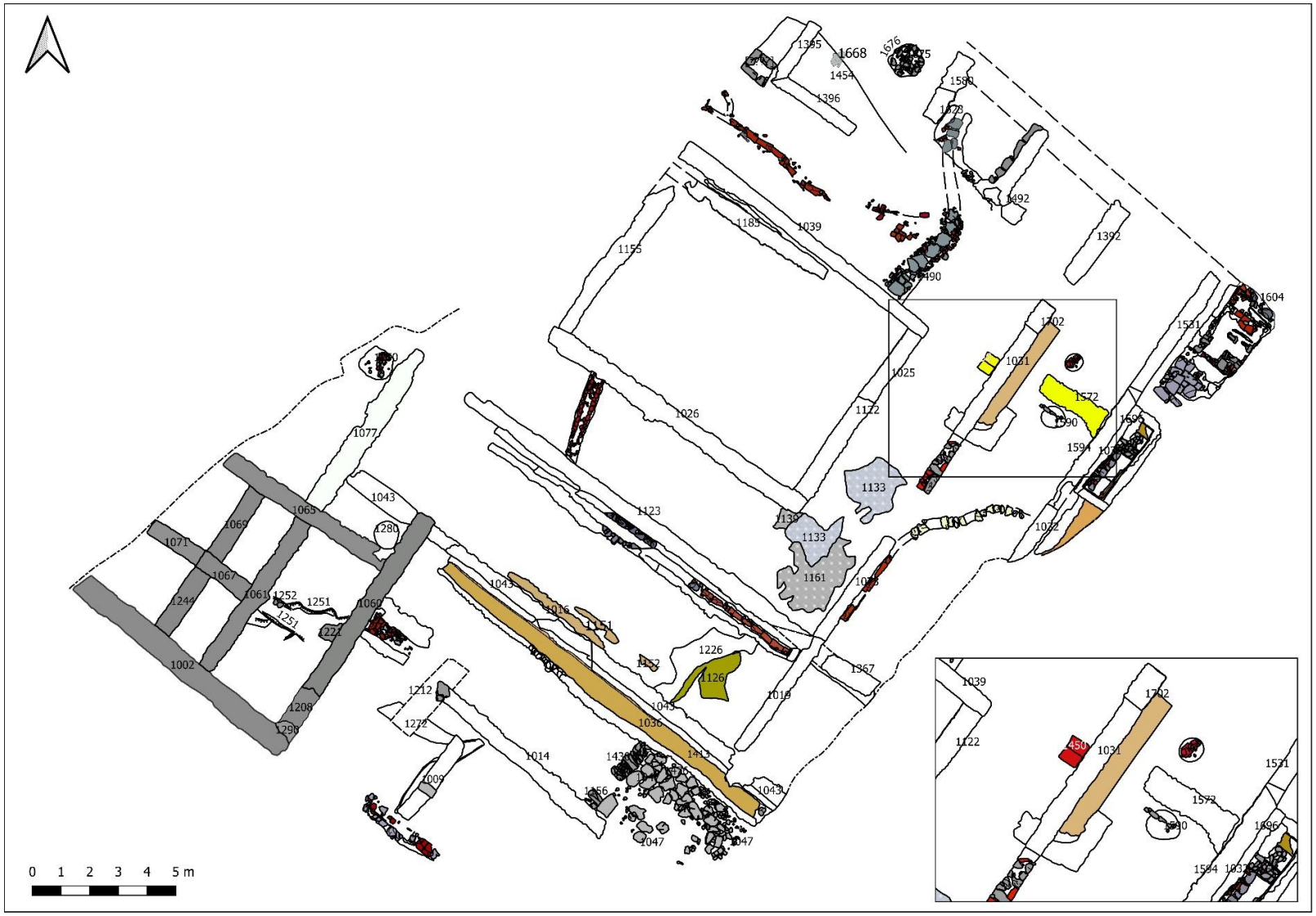
Planta 8: Planta proposta para a primeira fase de edificado do século III da Área 1, possivelmente ainda de 225-250 d.C.. Canto inferior direito – pormenor do compartimento com enterramentos. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



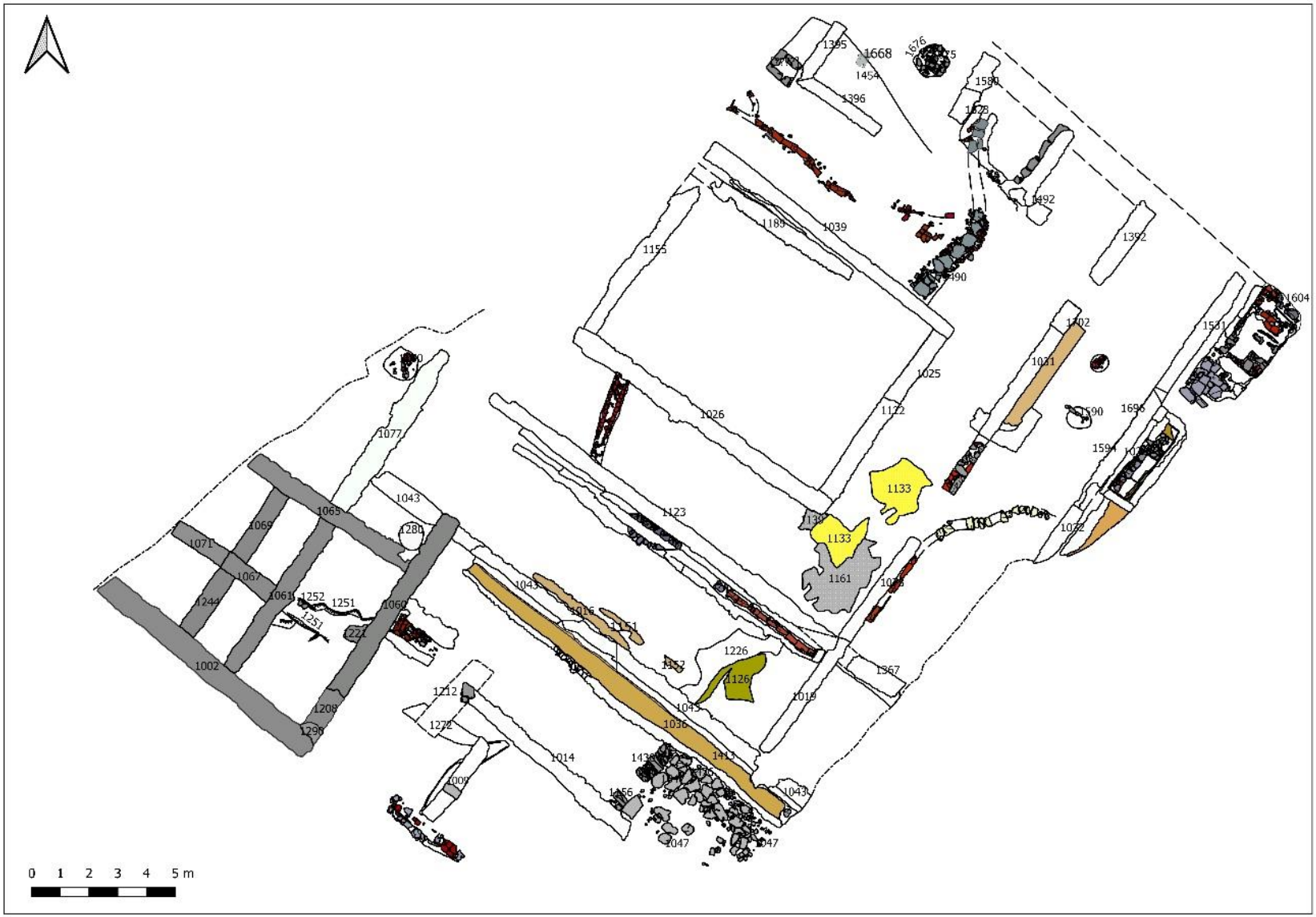
Planta 9: Planta proposta para a segunda fase de 250-300 d.C. da Área 1. Canto inferior direito - pormenor da nova configuração do compartimento a sul com o canal em *opus* e piso [1047]. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



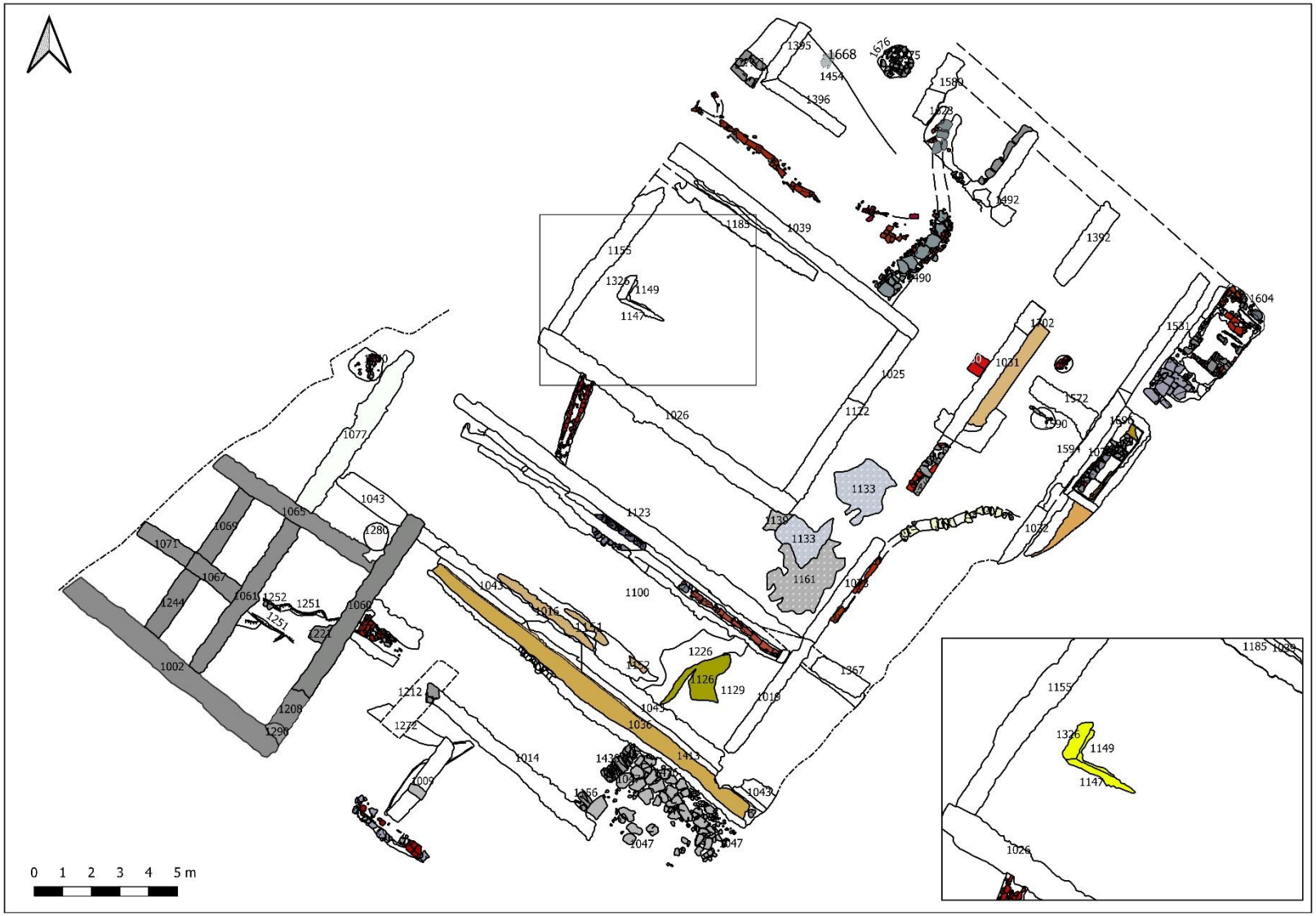
Planta 10: Planta proposta para a fase de 300+ d.C. para a Área 1. A amarelo encontra-se a única U.E. registada em planta para este momento.



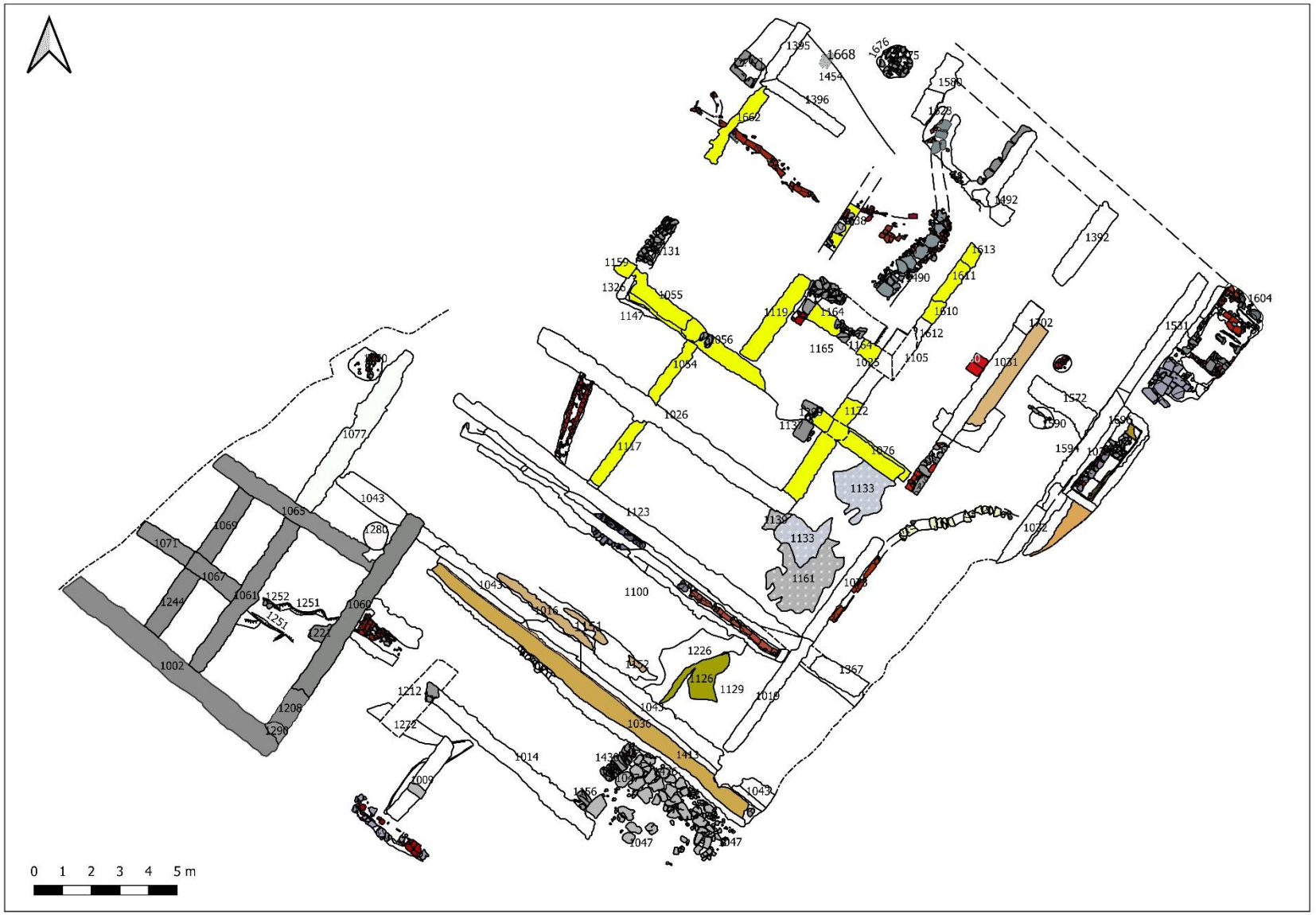
Planta 11: Proposta da evolução da planta entre 350+ e o século V d.C. da Área 1. Canto inferior direito - pormenor da lareira [1450] e do muro [1572]. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



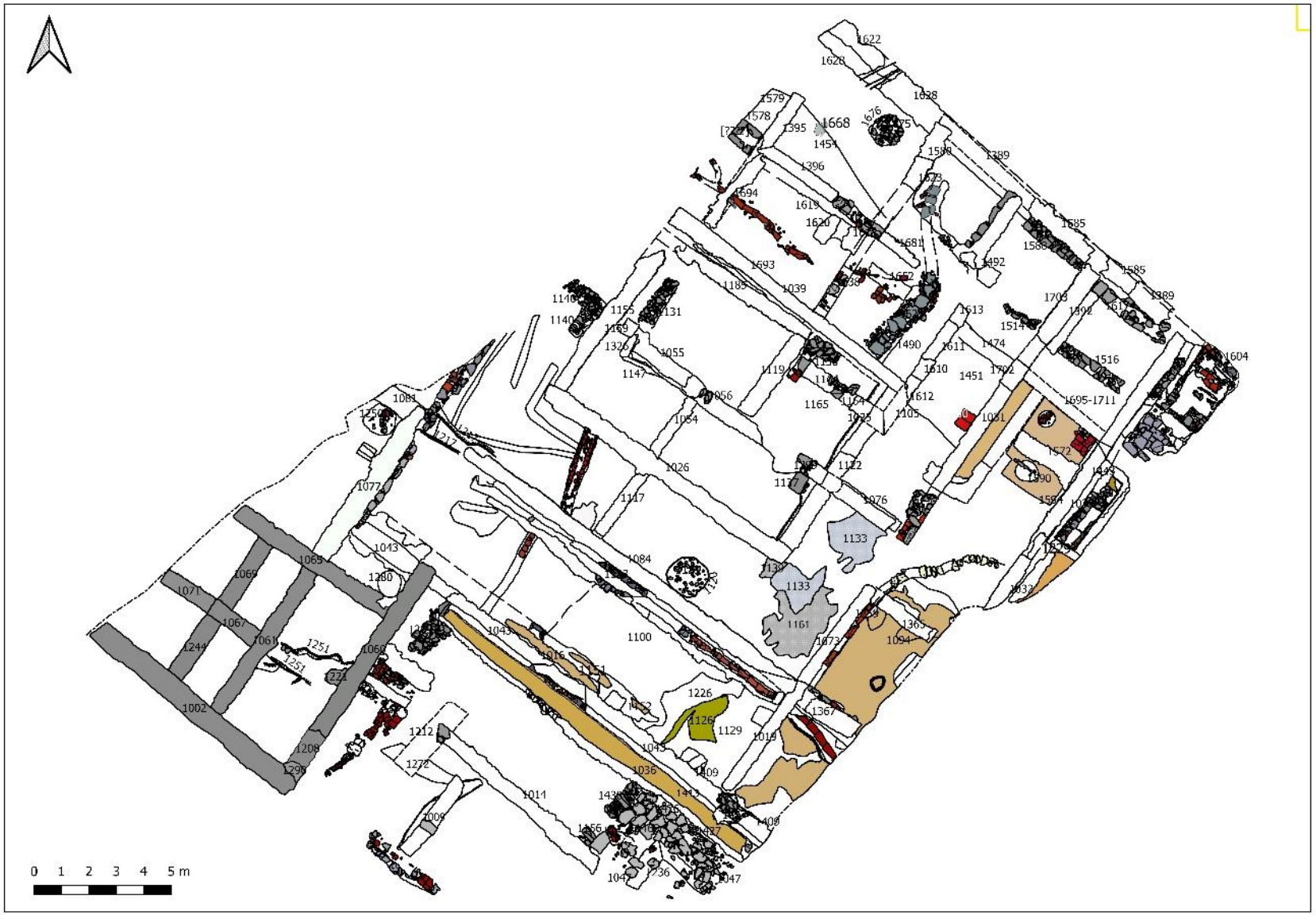
Planta 12: Planta proposta para a fase de 350+ d.C. da Área 1. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



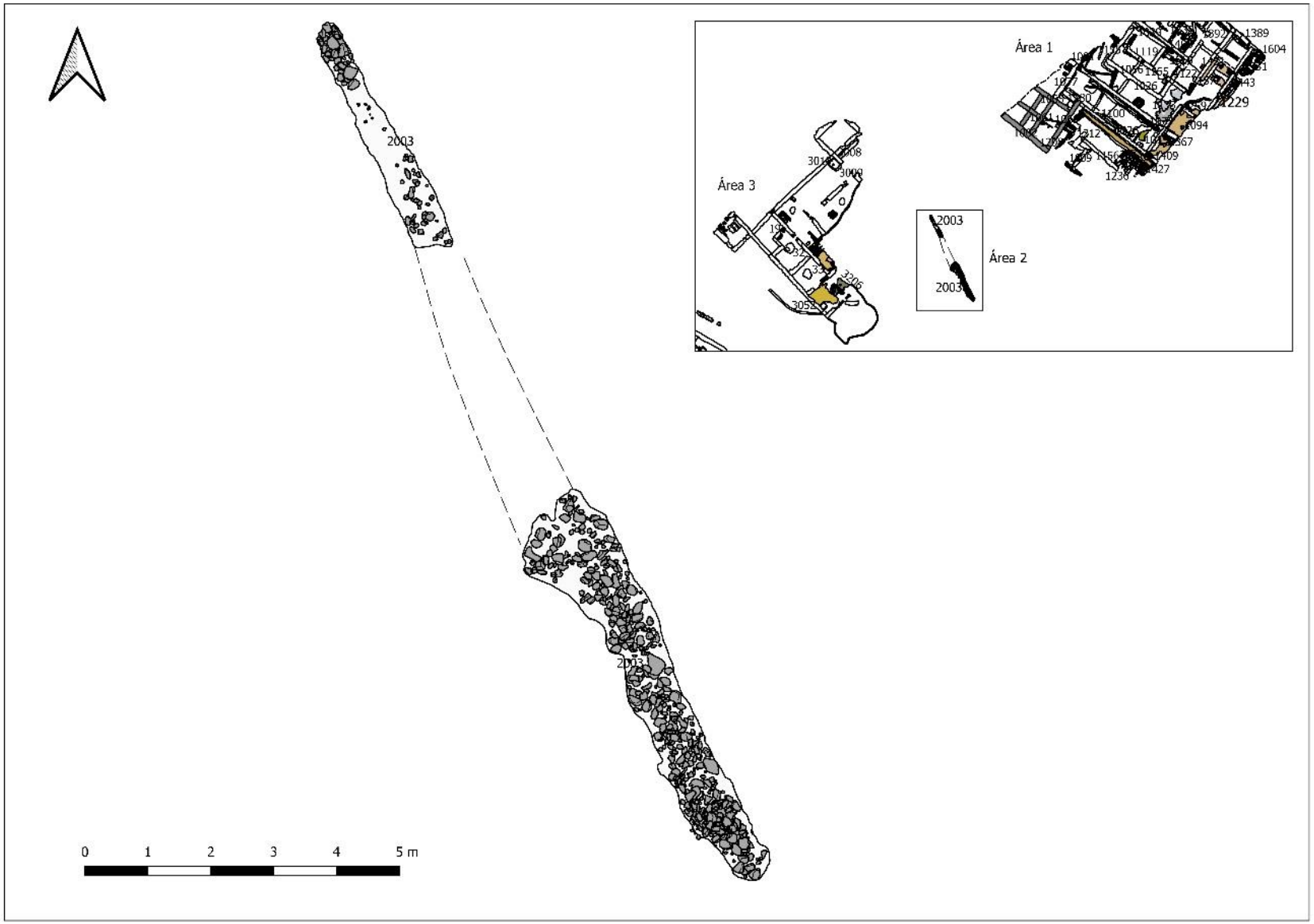
Planta 13: Planta proposta para a primeira fase de 425+ d.C. da Área 1 (alterações estão a amarelo). Canto inferior direito - pormenor dos vestígios restantes do tanque 1 após a destruição efectuada pela fase 2 de 425+ d.C..



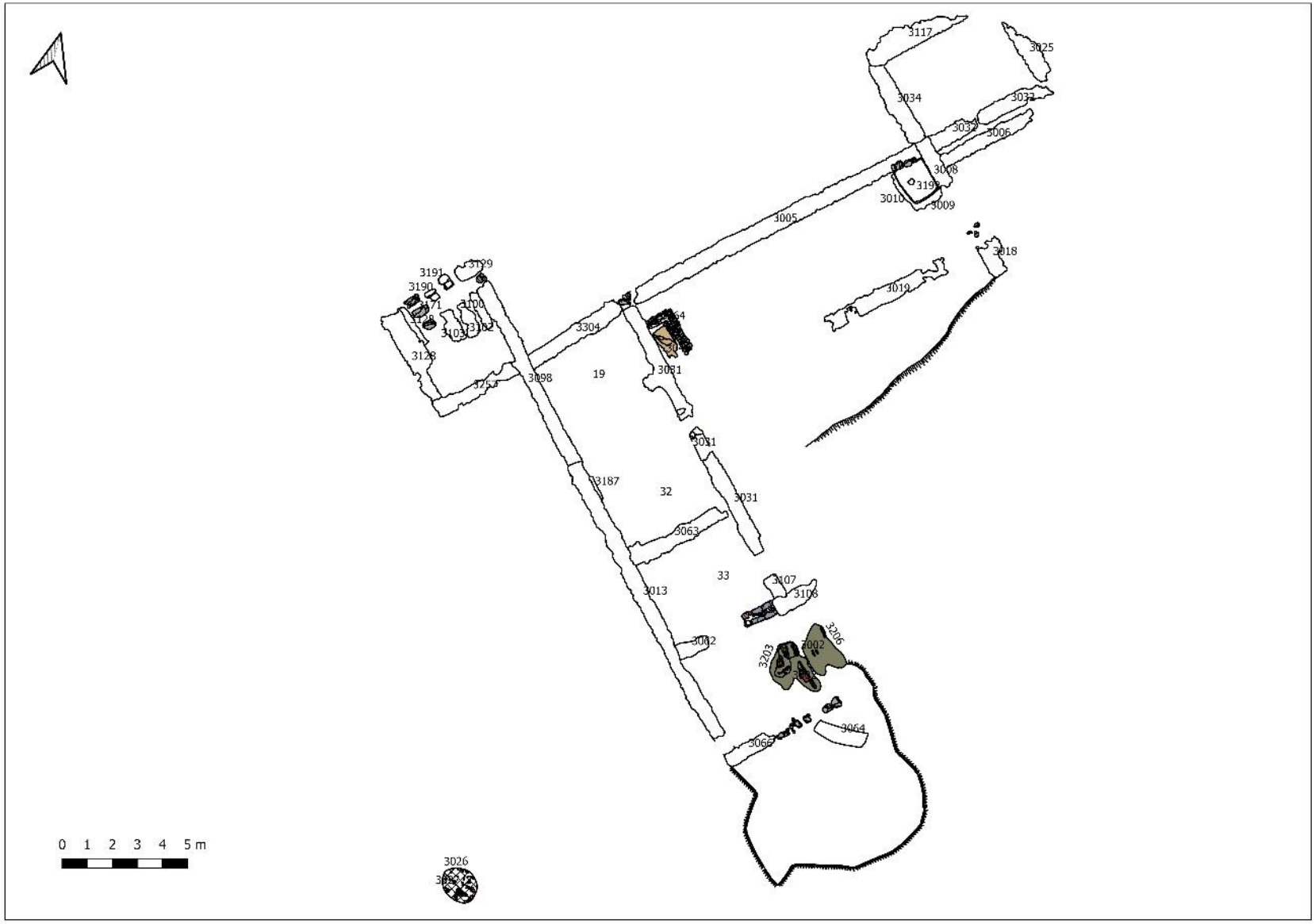
Planta 14: Planta proposta para a segunda fase de 425+ d.C. da Área 1. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



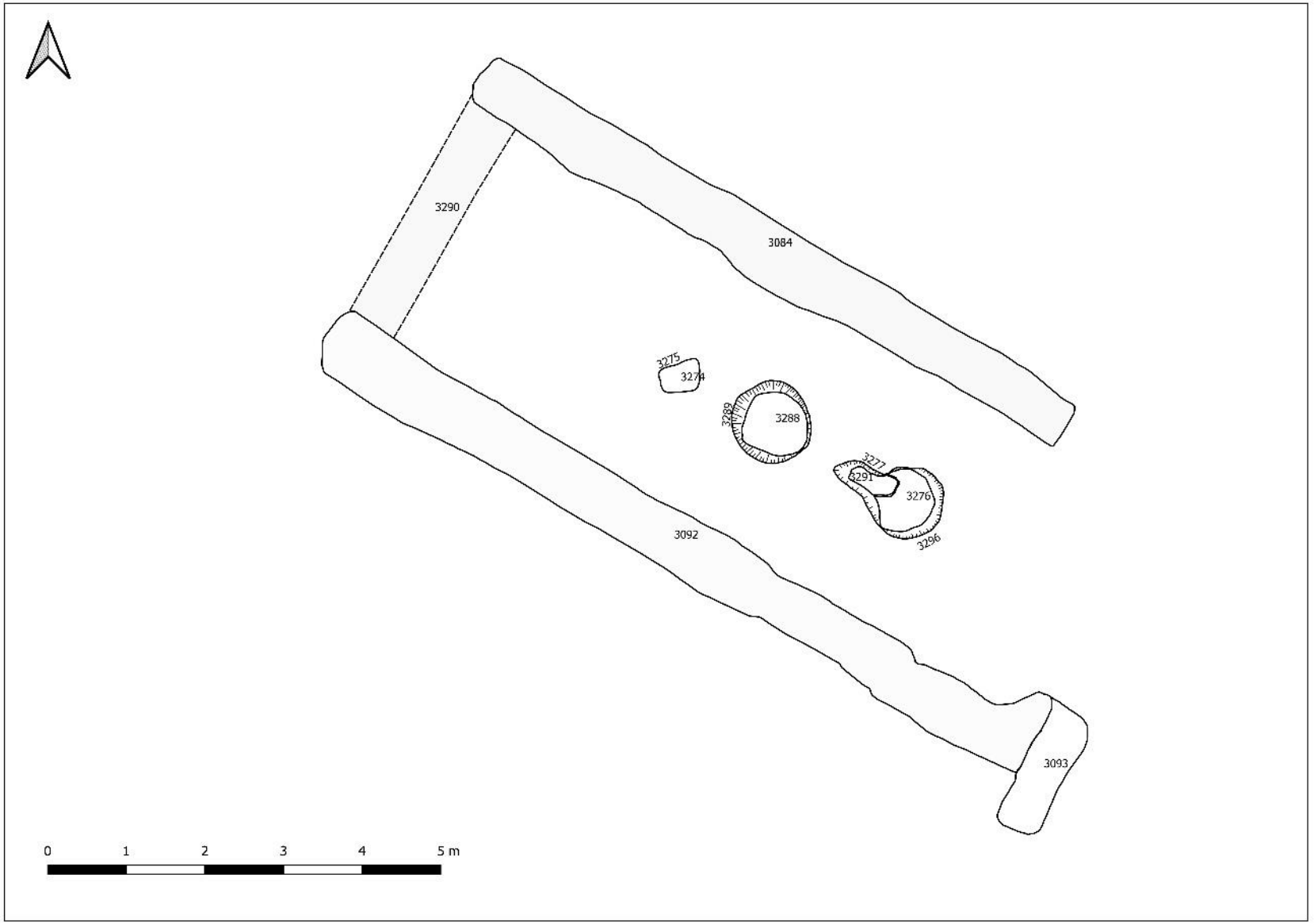
Planta 15: Planta existente na fase de 500+ d.C., com a totalidade das realidades arqueológicas exumadas na Área 1 cobertas pela fase de abandono.



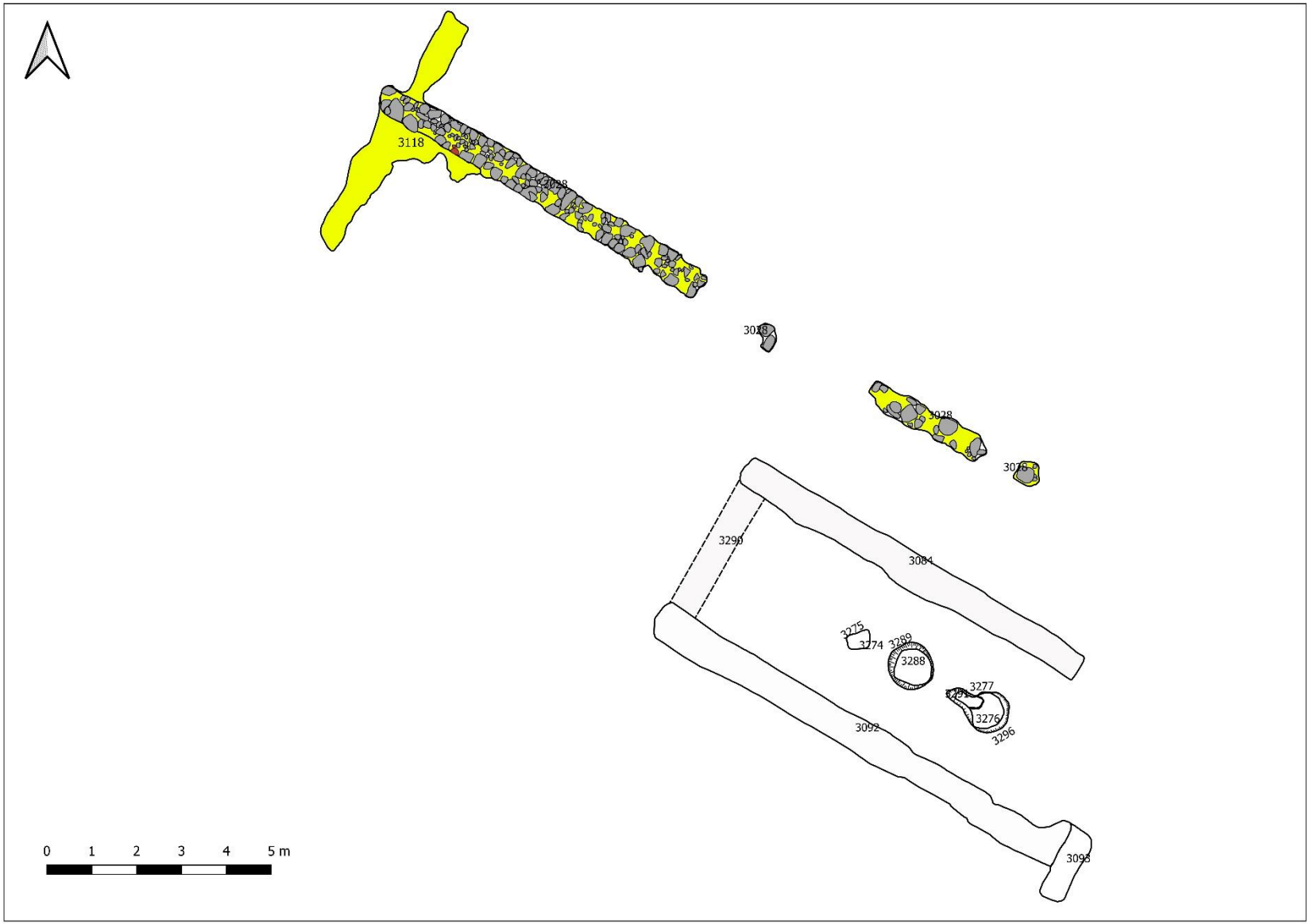
Planta 16: Planta dos vestígios exumados pela ERA-Arqueologia na intervenção da área 2.



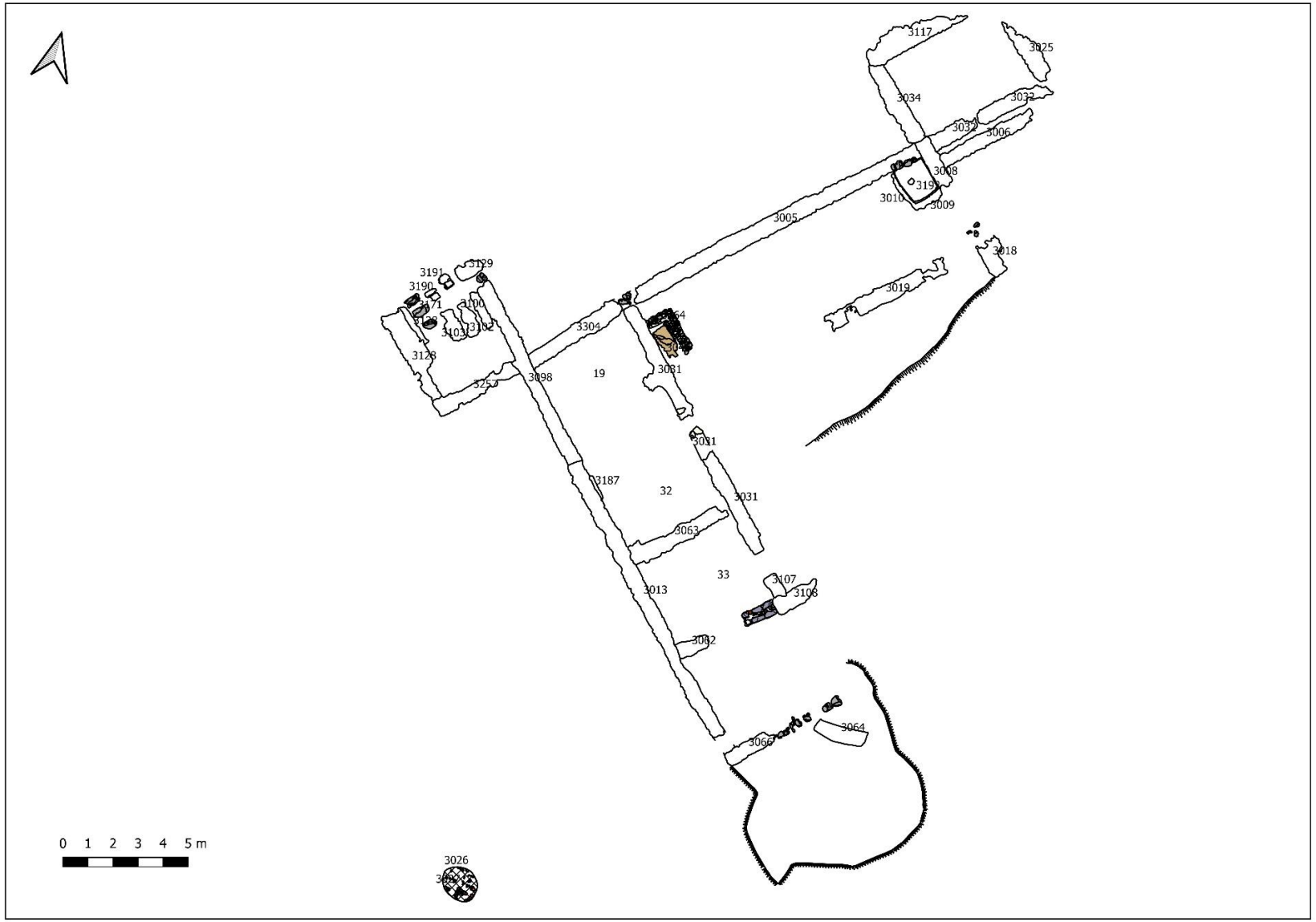
Planta 17: Planta proposta para a fase de 100+ do núcleo Norte da área 3.



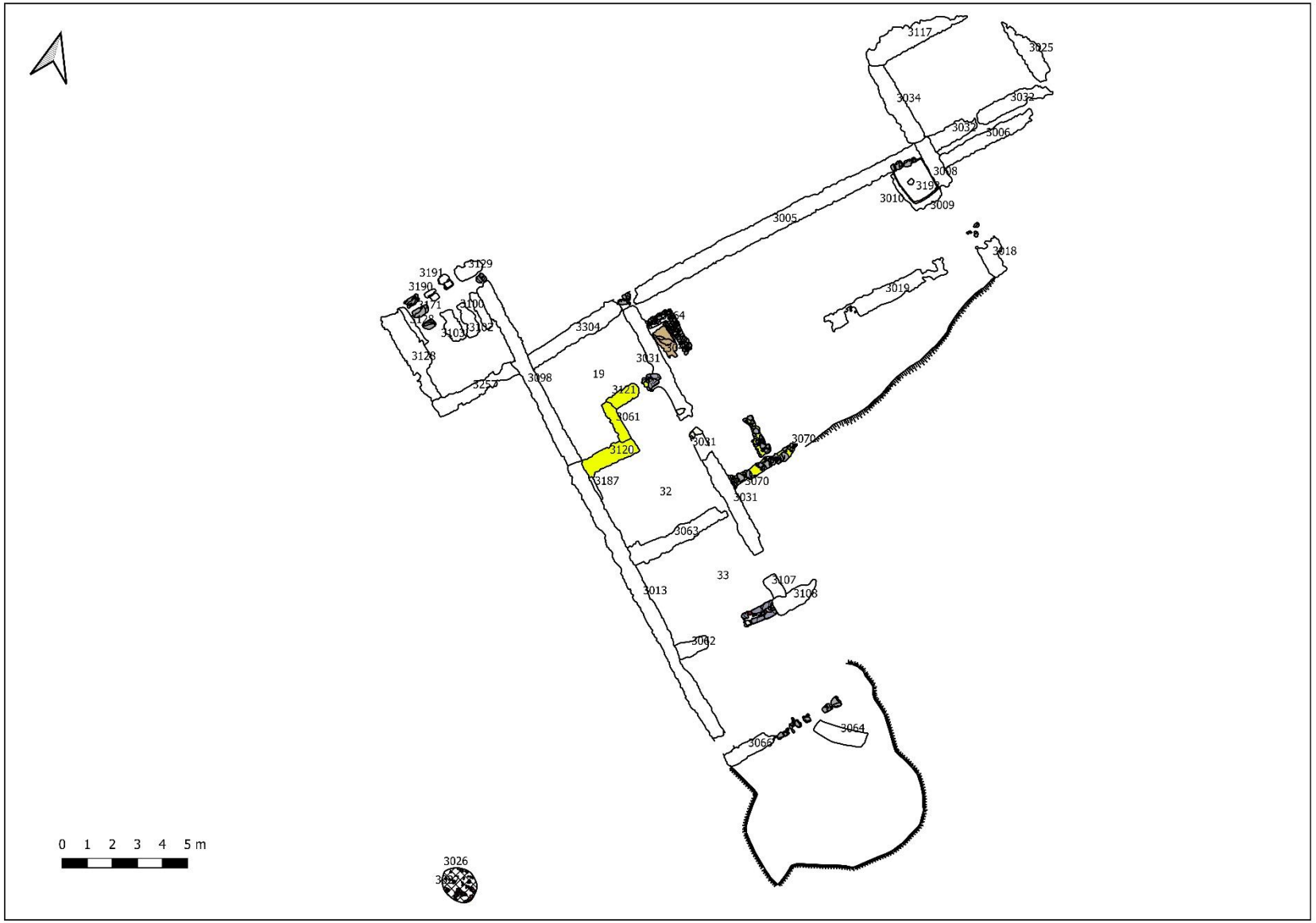
Planta 18: Planta da fase de 100+ do núcleo Sul da área 3.



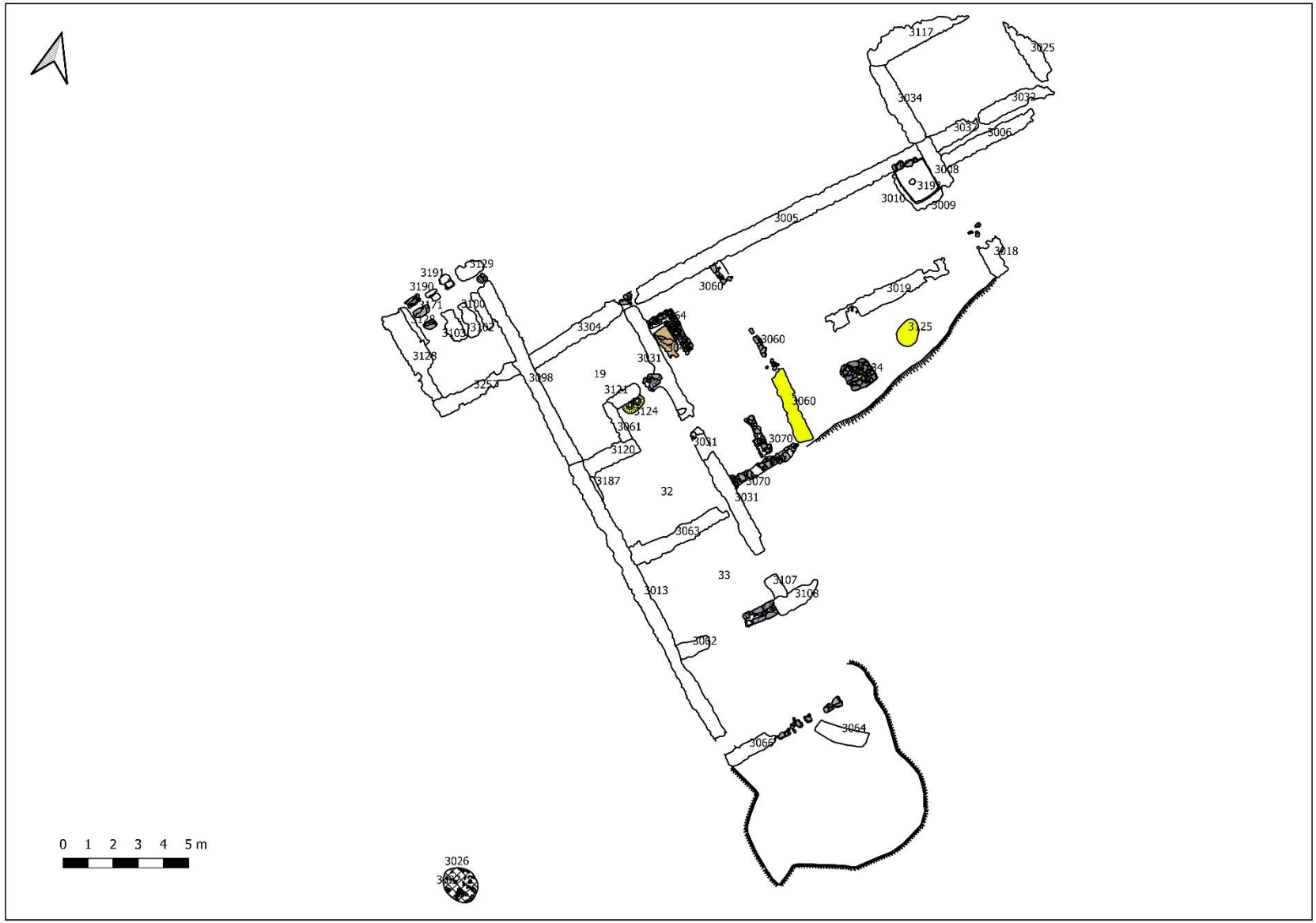
Planta 19: Proposta do fase de cerca de 175+ d.C. para o núcleo Sul da Área 3. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



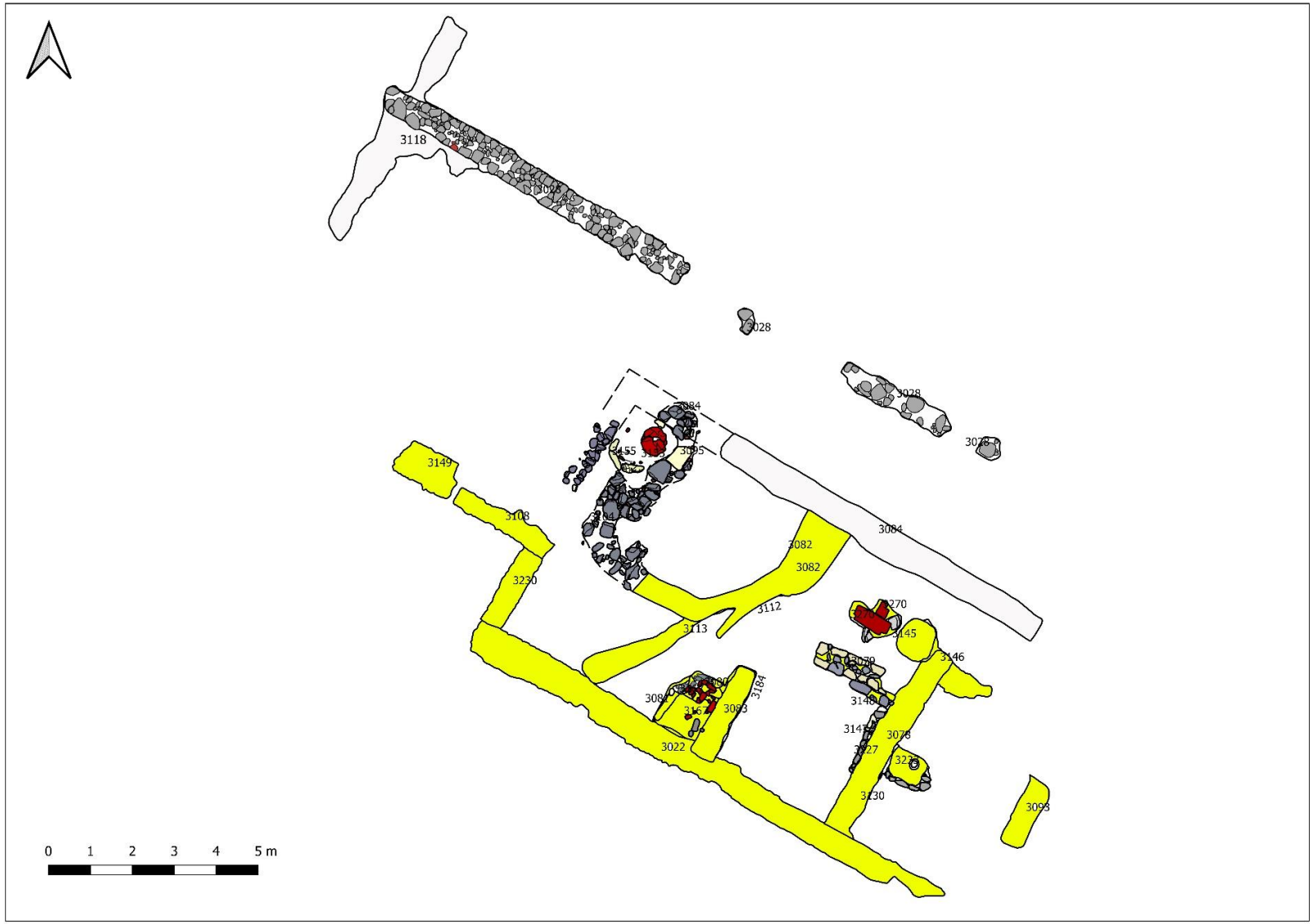
Planta 20: Proposta para a fase de 190+ do núcleo Norte da Área 3.



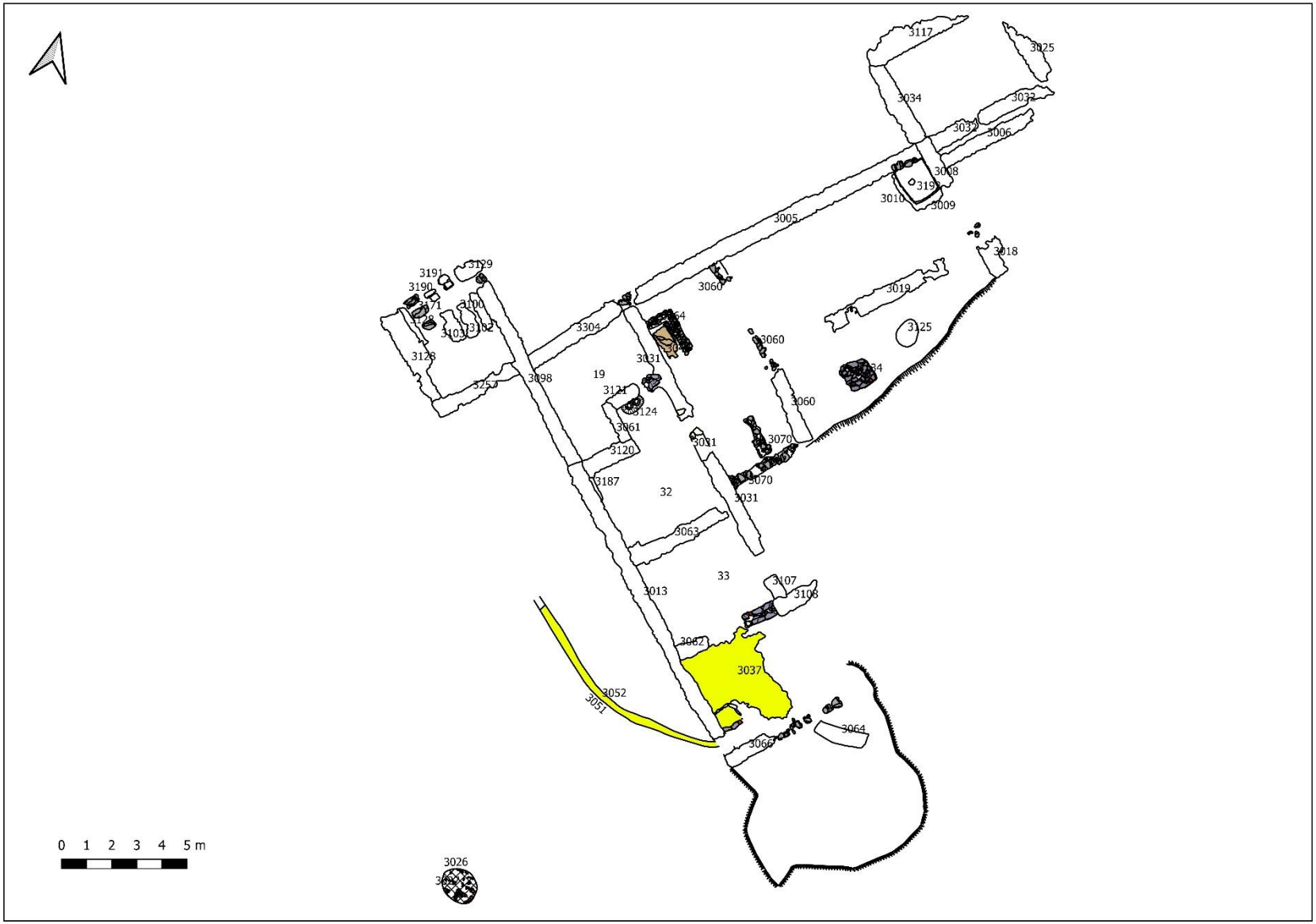
Planta 21: Proposta da planta do núcleo Norte da área 3 em 280+ d.C.. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



Planta 22: Proposta da planta da fase de 400+ do núcleo Norte da área 3. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



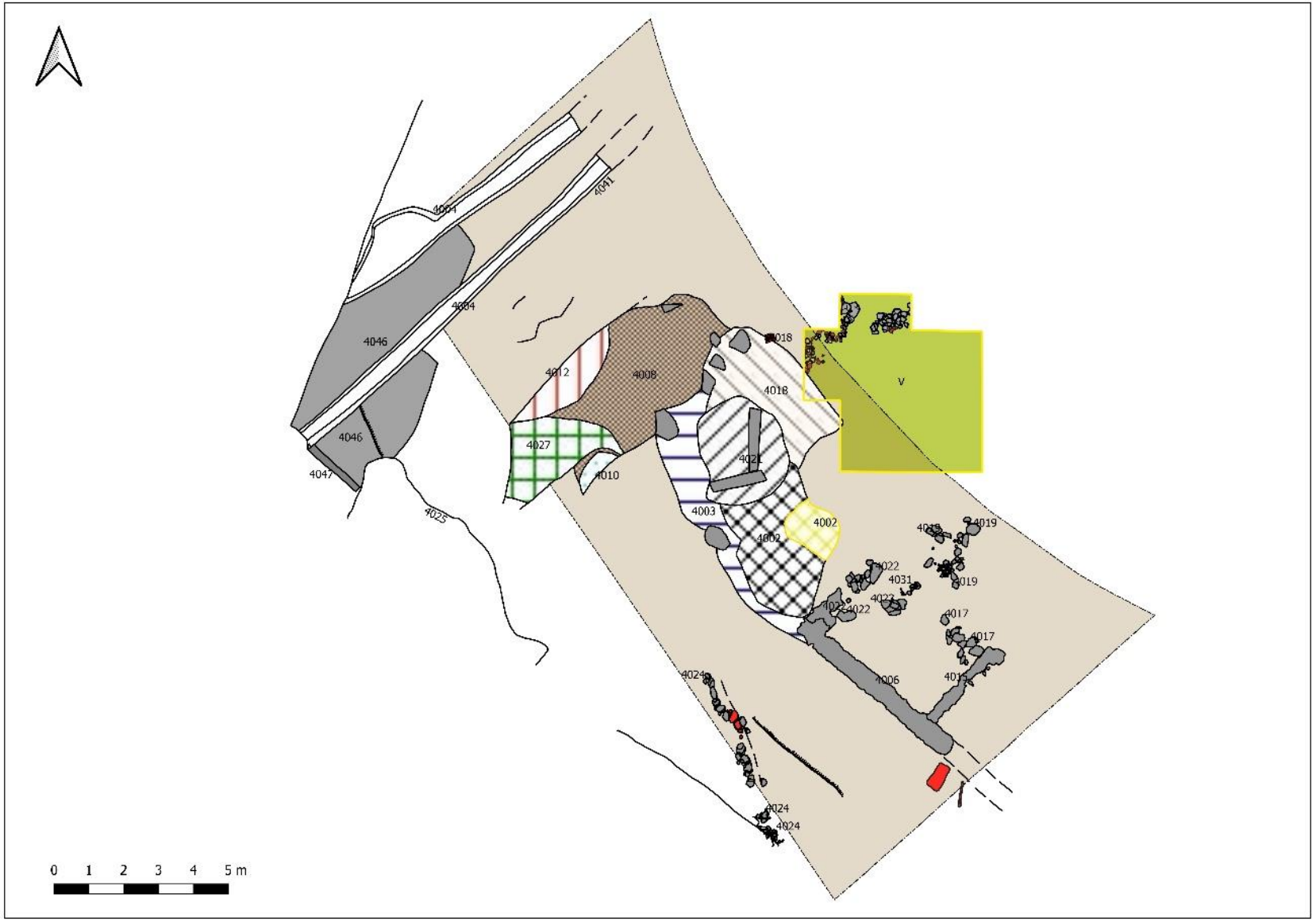
Planta 23: Proposta para a planta do núcleo Sul da Área 3 em 460+ d.C., talvez associada a uma funcionalidade habitacional. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



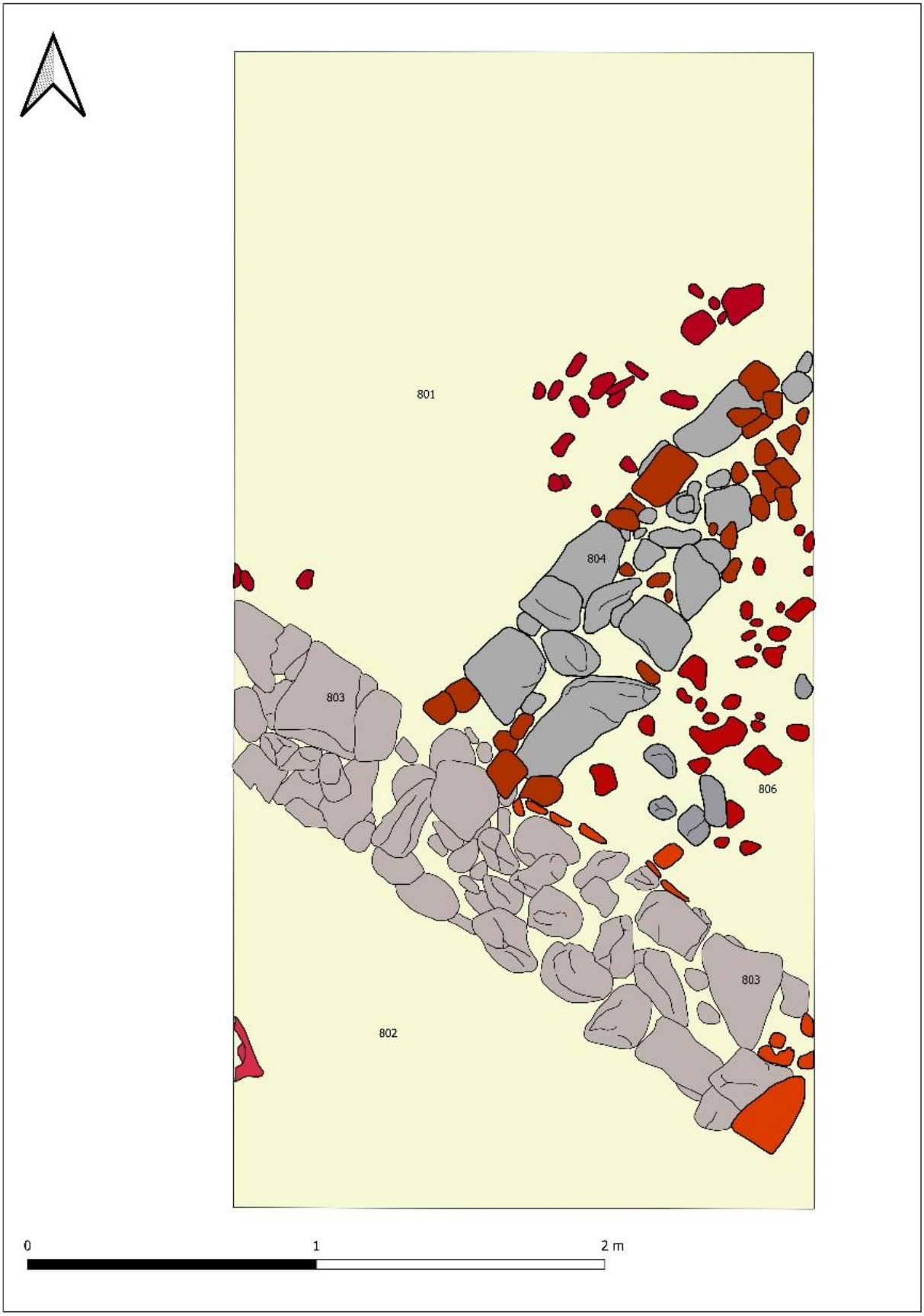
Planta 24: Proposta da fase de 500+ do núcleo Norte da Área 3. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



Planta 25: Proposta para a planta existente em 525+ d.C. no núcleo Norte da Área 3. A amarelo estão os vestígios atribuíveis a esta fase.



Planta 26: Evidências arqueológicas exumadas na Área 4 (ERA) e Sector V (MML).



Planta 27: Planta da sondagem VIII das intervenções da ERA-arqueologia.

Anexo VIII

Grupos de fabrico das ânforas das Almoínhas

Fabrico	Variante	Origem proposta
A	1.1	Lusitânia, Tejo/Sado
	1.2.1	
	1.2.2	
	1.3	
	1.4	Lusitânia, Sines?
B	1.1	Bética, vale do Guadalquivir
	1.2	
	1.3	
	2.1	Bética, costa de Málaga
	2.2	Bética, fachada litoral
	2.3	
C	-	Gália Narbonense
D	-	Itália, costa tirrénica
E	-	Tarraconense
F	1	África - *Neapolis*
	2	África - *Sullecthum*
	3	África
G	-	Ebusitana
H	-	Indeterminada

Tabela 1: Quadro síntese dos grupos de fabrico das ânforas das Almoínhas.

Fabrico: A 1.1



Origem proposta:

Lusitânia, vales do Tejo/Sado

Descrição:

Pasta compacta com fractura regular, por vezes com uma textura folheácea. Fabrico depurado com ENP geralmente de pequena dimensão, sobretudo quartzo hialino e moscovite (muito pequena dimensão), com a ocasional presença de chamota. Não é incomum que este fabrico tenha vácuos alongados de pequena dimensão em média quantidade. Tonalidade laranja, podendo por vezes ser bastante forte, aproximando-se de uma cor vermelha.

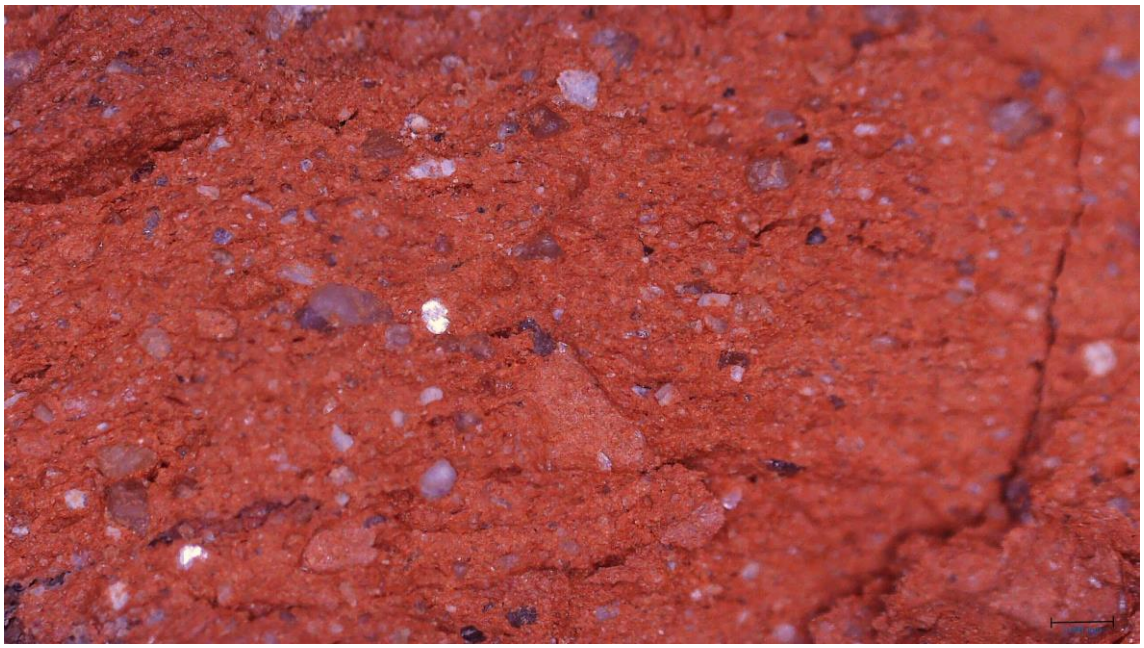
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Almagro 51C, Lusitana 3 e Almagro 50

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

RO. 28063

Fabrico: A 1.2.1



Origem proposta:

Lusitânia, vales do Tejo/Sado

Descrição:

Pasta medianamente compacta com fractura irregular. Fabrico medianamente depurado com bastantes ENP de média dimensão e alguns de grande dimensão, sobretudo quartzo hialino e ferruginoso, com a presença também, em pequena quantidade, de moscovite. Tonalidade alaranjada, podendo por vezes adquirir uma coloração creme/acastanhada em função de cozeduras mais irregulares.

Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Todas as tipologias lusitanas, com excepção da Sado 1 = Keay LXXVIII

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

701

Fabrico: A 1.2.2



Origem proposta:

Lusitânia, vales do Tejo/Sado, talvez sendo Sado montante(?)

Descrição:

Pasta pouco compacta com fractura irregular. Fabrico pouco depurado com bastantes ENP de média/grande dimensão, sobretudo quartzo hialino e ferruginoso, podendo ter em alguns casos quartzo eólico bem como em pequena quantidade leitoso, com a presença também, em média quantidade, de moscovite. A par disto surgem com alguma frequência inclusões de chamota. Tonalidade castanha derivada de uma cozedura semi-redutora.

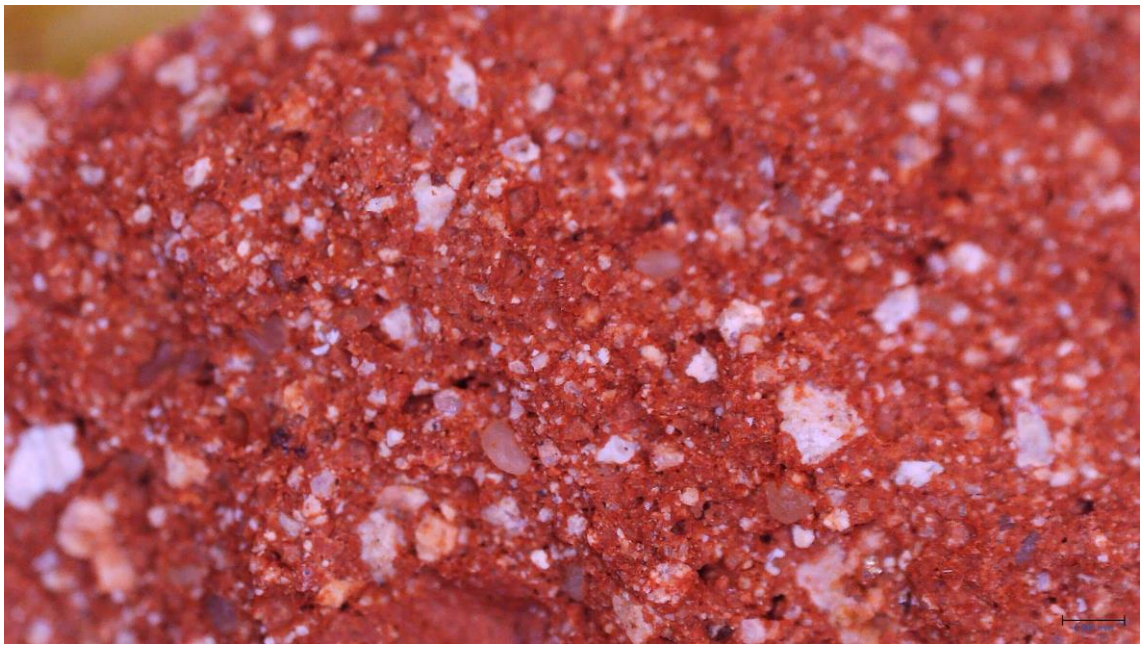
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Todas as tipologias lusitanas, ainda que geralmente afecta às variantes mais tardias

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

RO.27804

Fabrico: A 1.3



Origem proposta:

Lusitânia, vales do Tejo/Sado

Descrição:

Pasta medianamente compacta com fractura irregular. Fabrico pouco depurado com bastantes ENP de média/grande dimensão, visíveis a olho nu, sobretudo quartzo leitoso e rara moscovite. Tonalidade vermelha.

Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Indeterminado, Dressel 14

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

638

Fabrico: A 1.4



Origem proposta:

Lusitânia, Sines?

Descrição:

Pasta medianamente compacta com fractura regular. Fabrico medianamente depurado com bastantes ENP de média dimensão, sobretudo quartzo hialino, com a presença em pequena quantidade, de mica dourada e de elementos metamórficos. Tonalidade acastanhada.

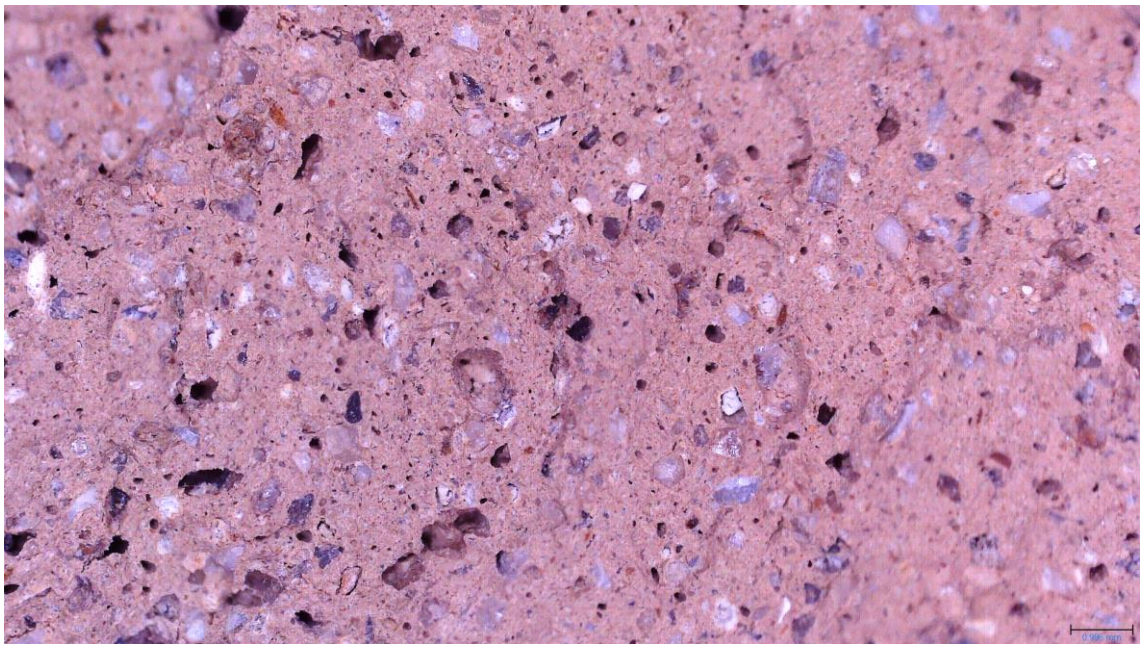
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Possível Almagro 51C tardia

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

580

Fabrico: B 1.1



Origem proposta:

Bética, vale do Guadalquivir

Descrição:

Pasta com fractura irregular. Fabrico varia entre pouco e medianamente depurado com bastantes ENP e vácuos de média dimensão, sobretudo quartzo leitoso e hialino, bem como elementos metamórficos. Tonalidade geralmente creme, podendo por vezes adquirir um tom mais esverdeado, tendo cozeduras oxidantes.

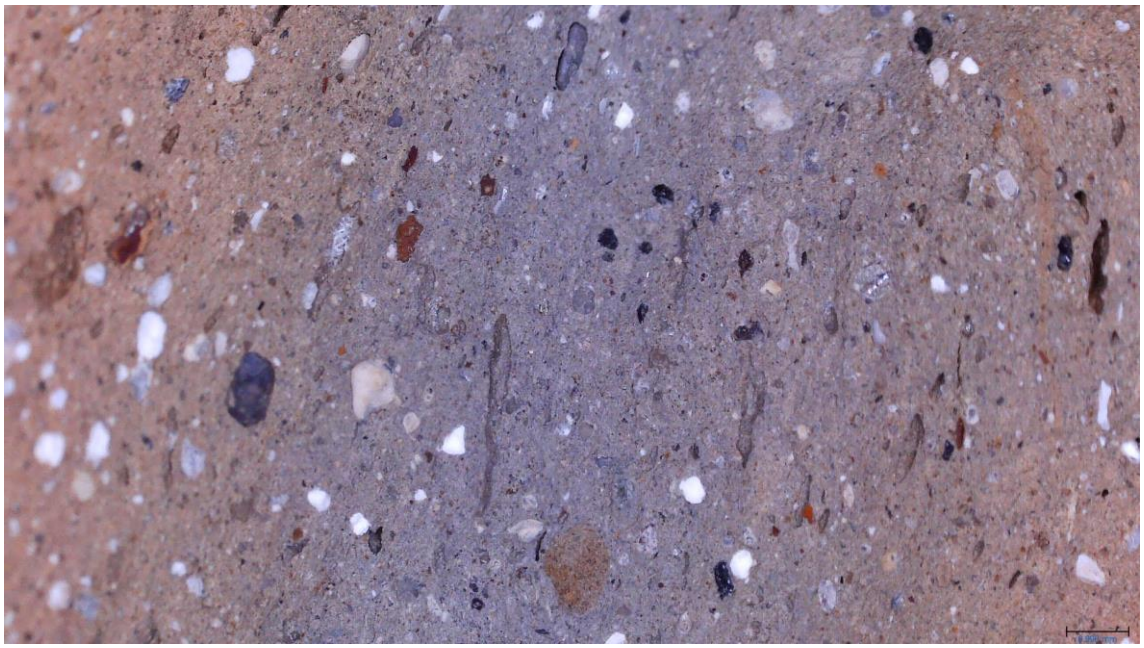
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Dressel 20, Dressel 23, Almagro 51A-B

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

169

Fabrico: B 1.2



Origem proposta:

Bética, vale do Guadalquivir

Descrição:

Pasta com fractura tendencialmente regular, sendo bastante resistente. Fabrico varia entre medianamente e bastante depurado com ENP de pequena/média dimensão, sobretudo quartzo leitoso e elementos metamórficos, podendo existir um ocasional vácuo alongado de pequena dimensão. Tonalidade creme, tendo cozeduras geralmente do tipo redutor-oxidante, ocorrendo alguns casos em que é totalmente redutor.

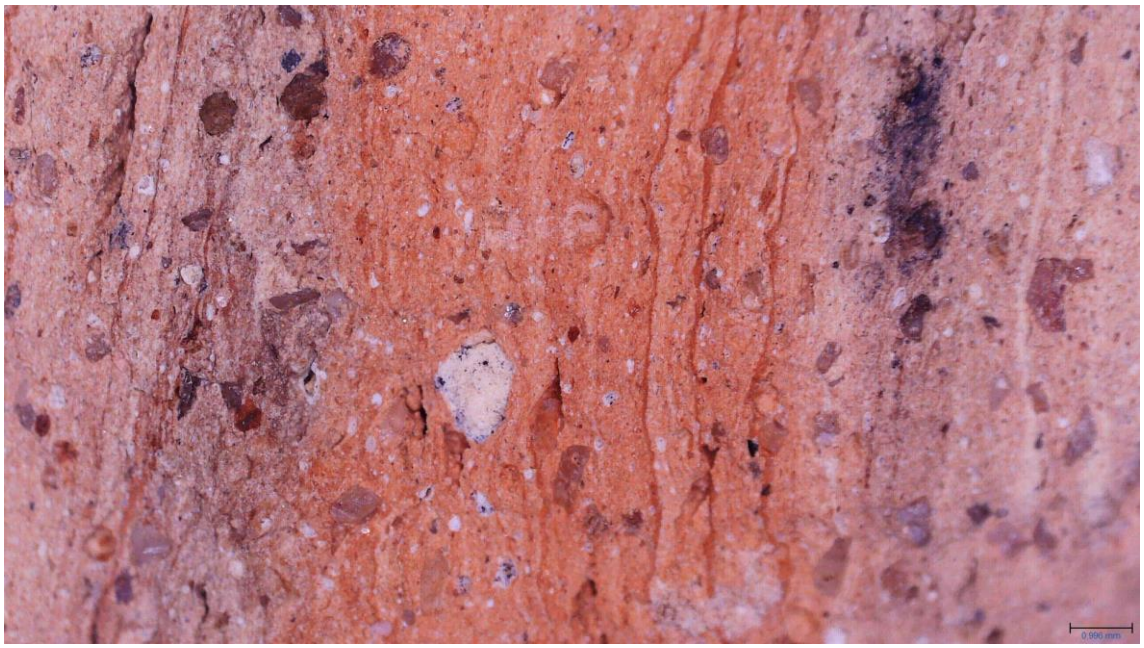
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Dressel 20

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

RO. 27351

Fabrico: B 1.3



Origem proposta:

Bética, vale do Guadalquivir

Descrição:

Pasta com fractura tendencialmente regular, sendo bastante resistente. Fabrico medianamente depurado com bastante ENP de pequena dimensão e ocasionais ENP de grande dimensão, com algum quartzo, chamota e elementos metamórficos. Tonalidade creme, tendo cozedura redutora, e um aspecto de pasta folheácea..

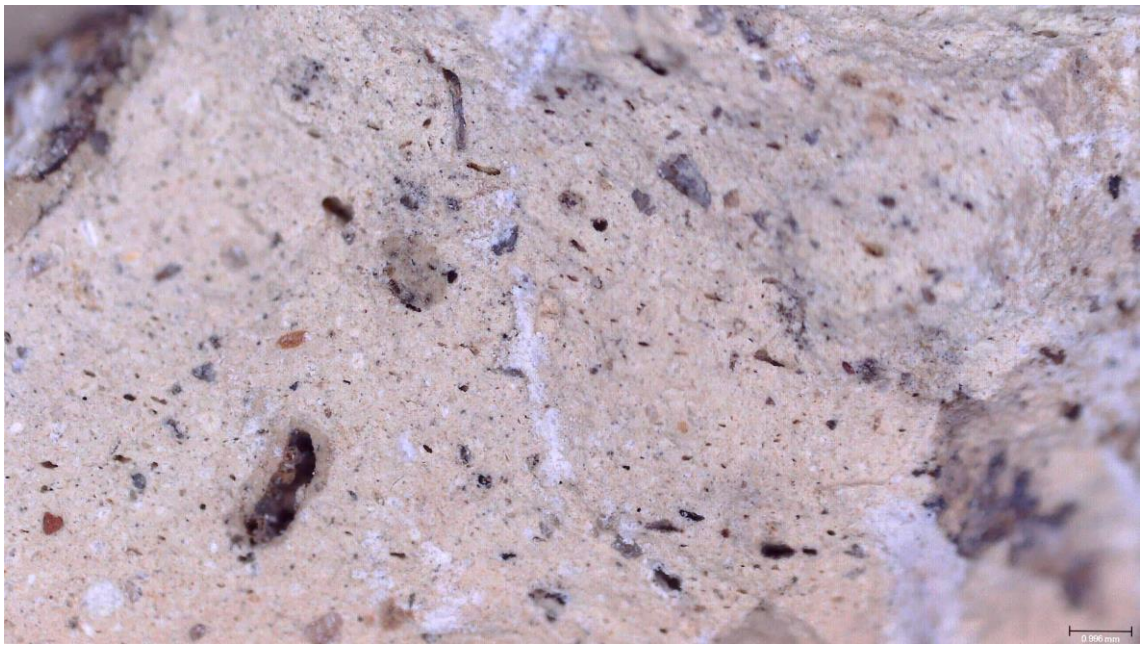
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Dressel 20

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

RO. 27346

Fabrico: B 2.1



Origem proposta:

Bética, fachada litoral

Descrição:

Pasta dura com fractura tendencialmente regular. Fabrico medianamente depurado com ENP de média dimensão, com pouco quartzo leitoso e alguns elementos metamórficos, bem como vácuos de pequena dimensão. Tonalidade creme, por vezes podendo adquirir uma cor esverdeada, com cozeduras oxidantes.

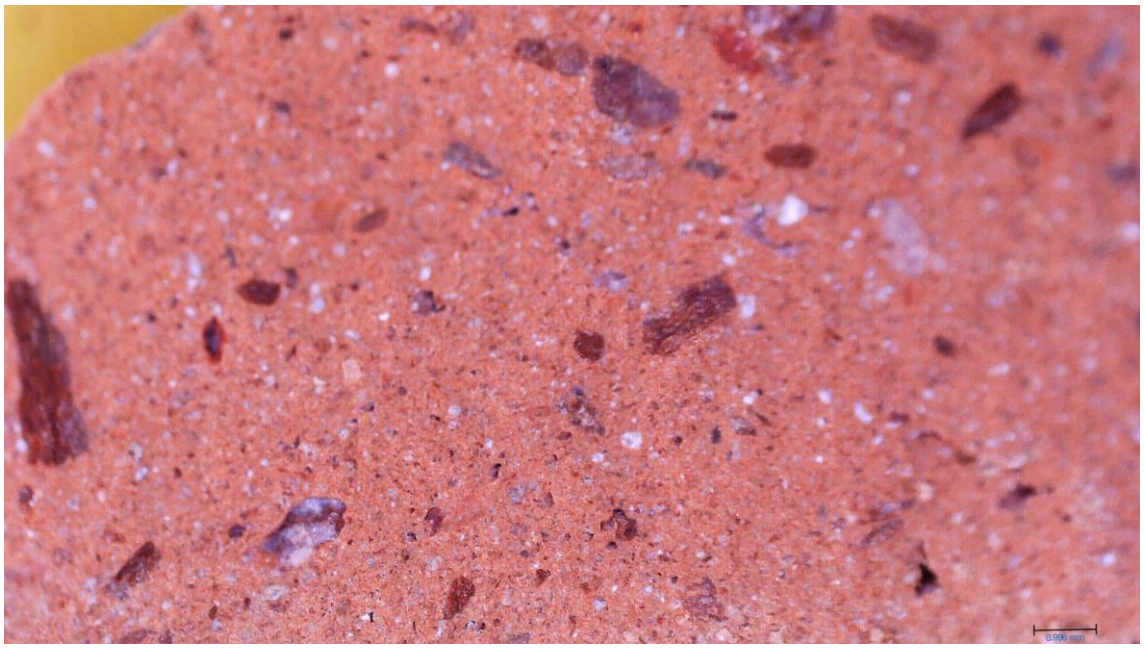
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Dressel 28

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

RO.22704

Fabrico: B 2.2



Origem proposta:

Bética, costa de Málaga

Descrição:

Pasta com alguma resistência e fractura regular. Fabrico medianamente depurado com ENP de pequena e grande dimensão em média quantidade, sobretudo quartzo (rosa?) e elementos ferrosos e moscovite, existindo raros vácuos de pequena dimensão. Tonalidade laranja, com superfície creme sem acabamento aparente, tendo uma cozedura oxidante.

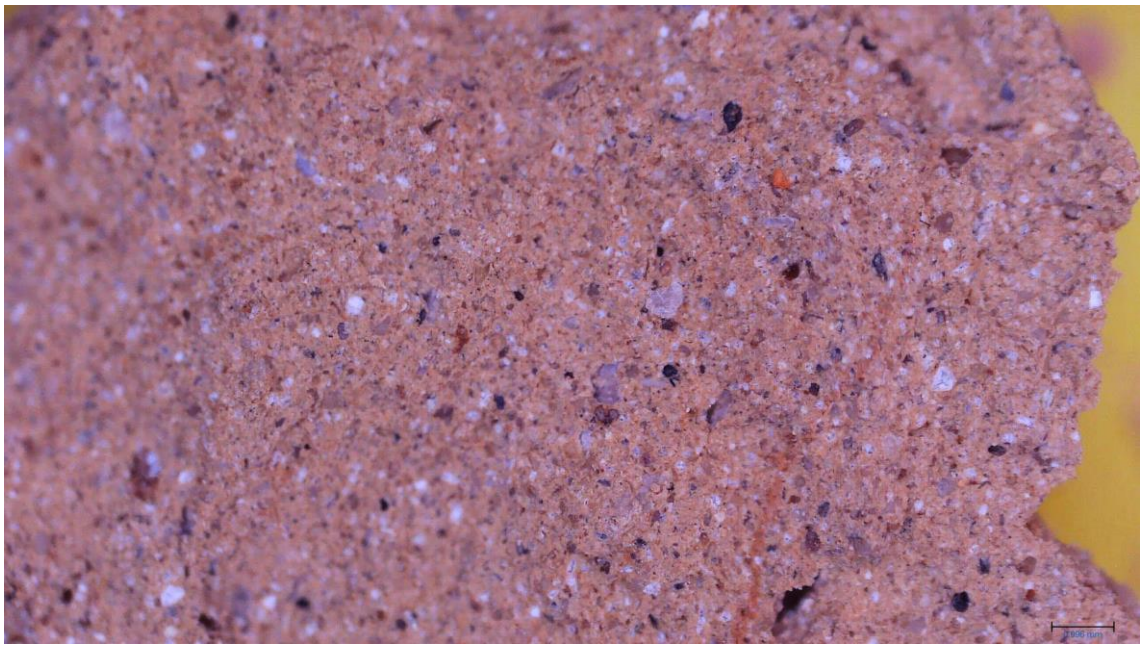
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Keay XIII C-D, possível Almagro 51C

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

RO.8215

Fabrico: B 2.3



Origem proposta:

Bética, fachada litoral (sectores mais orientais?)

Descrição:

Pasta de baixa dureza, com fractura irregular e superfície geralmente áspera ao toque. Fabrico pouco depurado com ENP de pequena dimensão, sobretudo elementos quartzíticos e metamórficos. Tonalidade creme/acastanhada, tendo cozeduras geralmente do tipo oxidante.

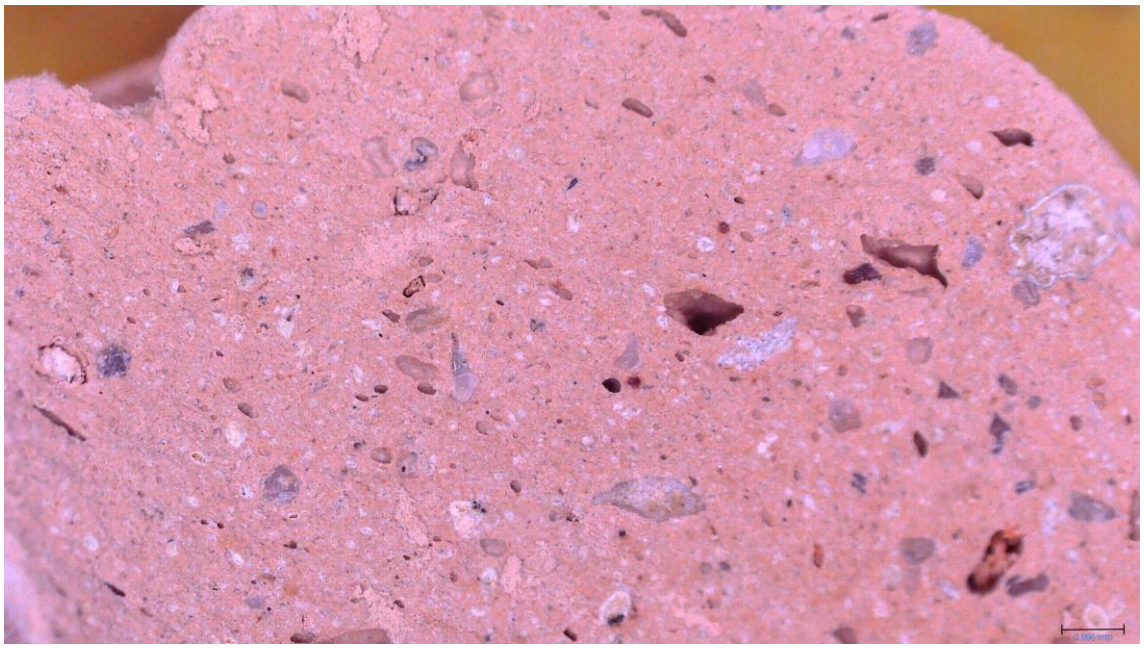
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Almagro 50, Keay XVI, Almagro 51A-B, Almagro 51C

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

272

Fabrico: C



Origem proposta:

Gália Narbonense

Descrição:

Pasta dura com fractura regular, mas de superfície fina ao toque. Fabrico medianamente depurado com, com elementos quartzíticos e calcários, bem como alguns vácuos de pequena (alguma quantidade) e média/grande dimensão (pouco frequentes). Tonalidade creme, tendo sempre uma cozedura oxidante.

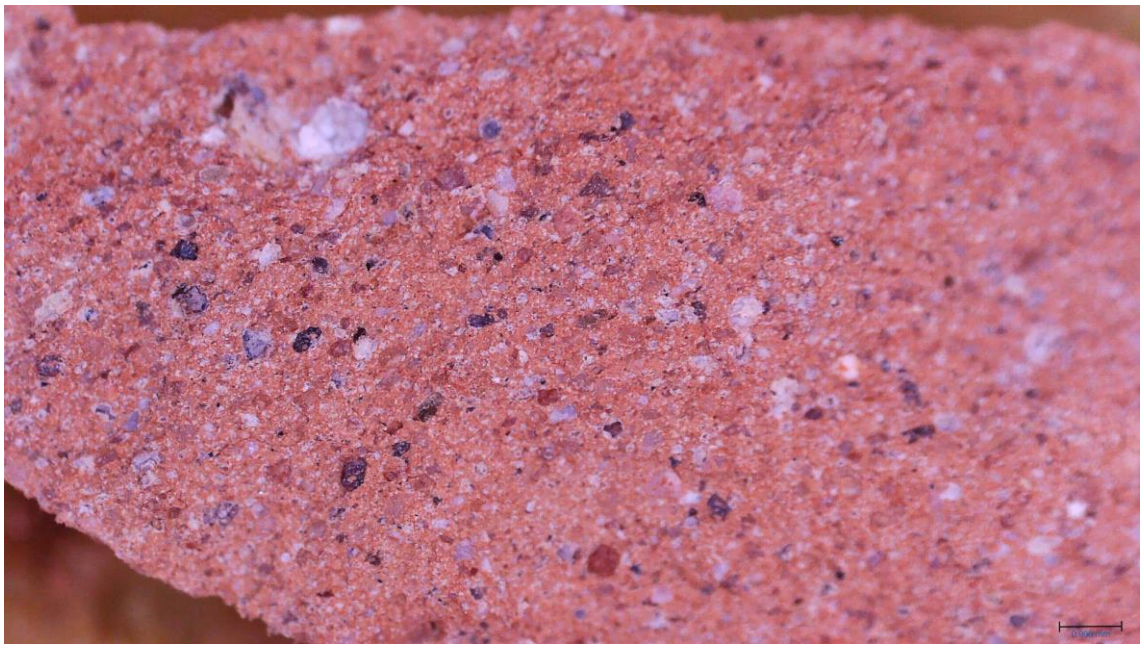
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Gauloise 4

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

65

Fabrico: D



Origem proposta:

Itália, costa tirrénica

Descrição:

Pasta pouco compacta com fractura irregular. Fabrico pouco depurado com bastantes ENP de média dimensão, sobretudo quartzo hialino e piroxenas, com a presença também de alguns elementos metamórficos. Tonalidade rosada escura, com um engobe branco/creme na superfície externa.

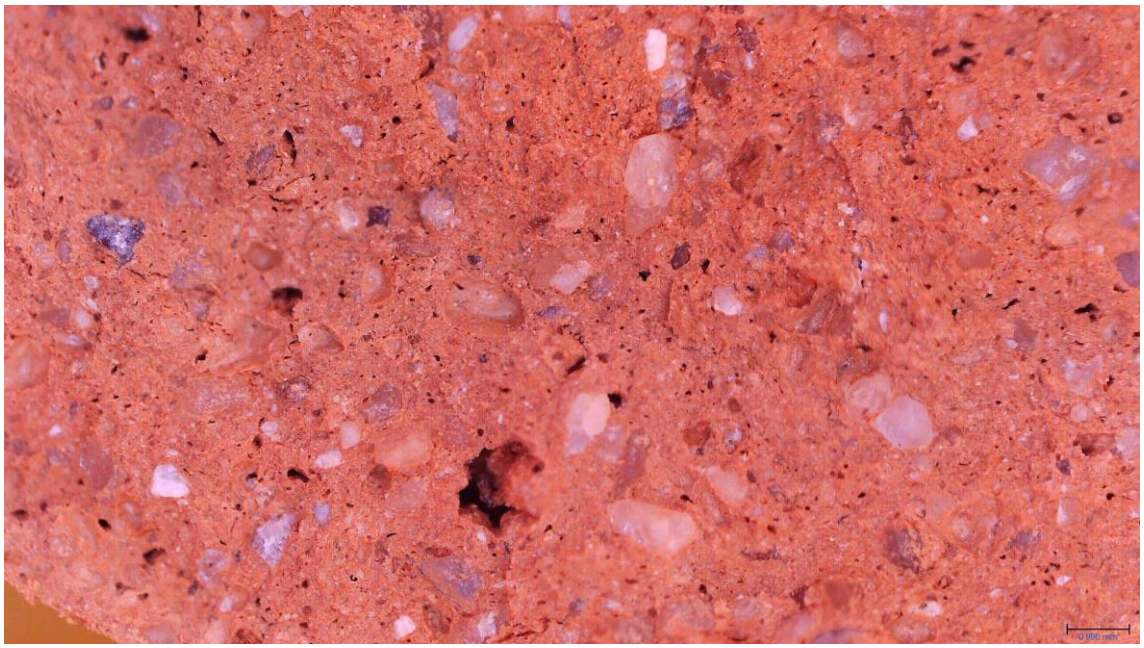
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Dressel 2-4

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

626

Fabrico: E



Origem proposta:

Tarraconense

Descrição:

Pasta pouco consistente de coloração laranja/avermelhada. Fabrico rico em quartzo hialino, pouco depurado com ENP de pequena a média/grande dimensão. Surgem também vácuos, em média quantidade, geralmente de pequena dimensão.

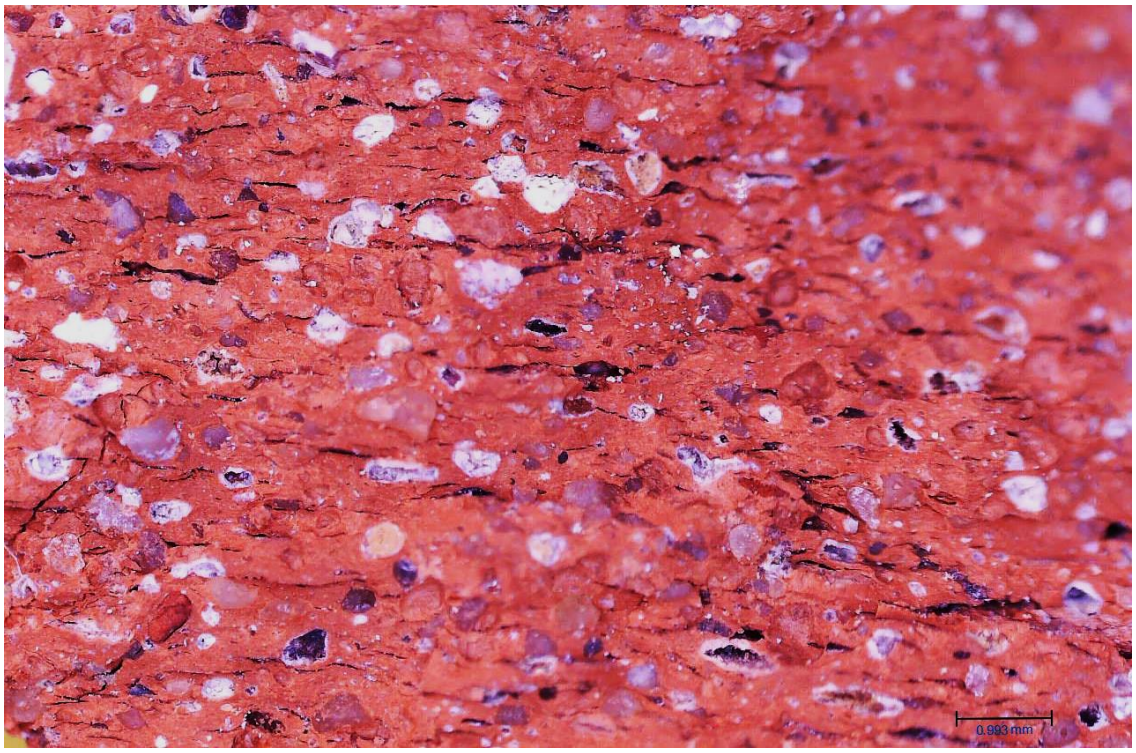
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Gauloise 4 *similis*, indeterminada

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

622

Fabrico: F 1



Origem proposta:

África - *Nabeul*

Descrição:

Pasta de elevada dureza, com fractura ligeiramente irregular. Fabrico medianamente depurado com ENP de pequena dimensão, com algum quartzo, feldspato, calcite e ocasionais vácuos, bem como elementos de difícil identificação macroscópica. Tonalidade avermelhada, com um engobe branco na superfície externa.

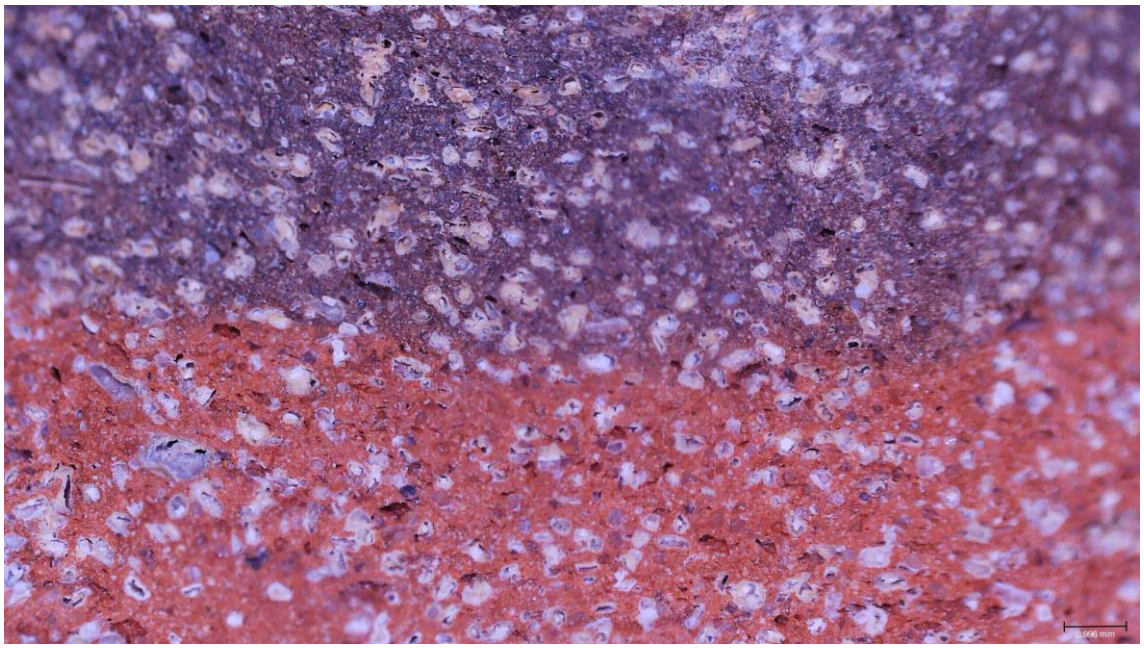
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Africana I

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

Saco nº 494A

Fabrico: F 2



Origem proposta:

África - *Sullecthum*

Descrição:

Pasta com alguma resistência e fractura tendencialmente regular. Fabrico pouco depurado com bastantes ENP de média dimensão, visíveis a olho, identificando-se sobretudo quartzo e elementos calcários, tais como microfósseis (veja-se o fabrico descrito para esta região em Capelli, 2015: 247). Pasta bicolor com tonalidade vermelha e cinzenta, tendo um final de cozedura redutor. Aparenta ter um ténue engobe branco na superfície externa.

Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Africana I

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

RO. 13076

Fabrico: F 3



Origem proposta:

África

Descrição:

Pasta resistente com fractura regular. Fabrico depurado com ENP de pequena dimensão, identificando-se algum quartzo leitoso, raros microfósseis, e vácuos alongados de pequena e média dimensão com relativa frequência. É possível que muito raramente surja chamota. Pasta de tonalidade laranja de cozedura oxidante.

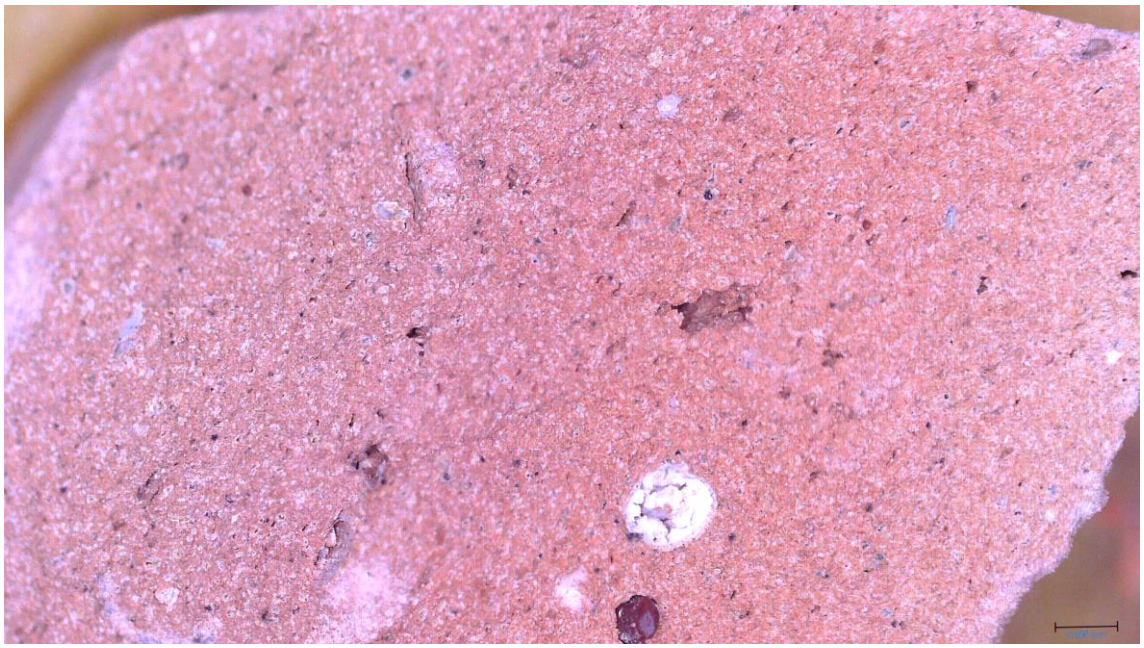
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Todas as tipologias africanas identificadas

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

37

Fabrico: G



Origem proposta:

Ebusitana

Descrição:

Pasta de elevada dureza, com fractura regular e pasta fina ao toque. Fabrico muito pouco depurado com bastantes ENP de muito pequena dimensão, maioritariamente invisíveis a olho nu, sendo de difícil caracterização macroscópica dada a dimensão. Contém ocasionais quartzos hialinos, elementos ferrosos e microfósseis(?), bem como alguns vácuos de pequena dimensão. Tonalidade creme, com cozedura oxidante.

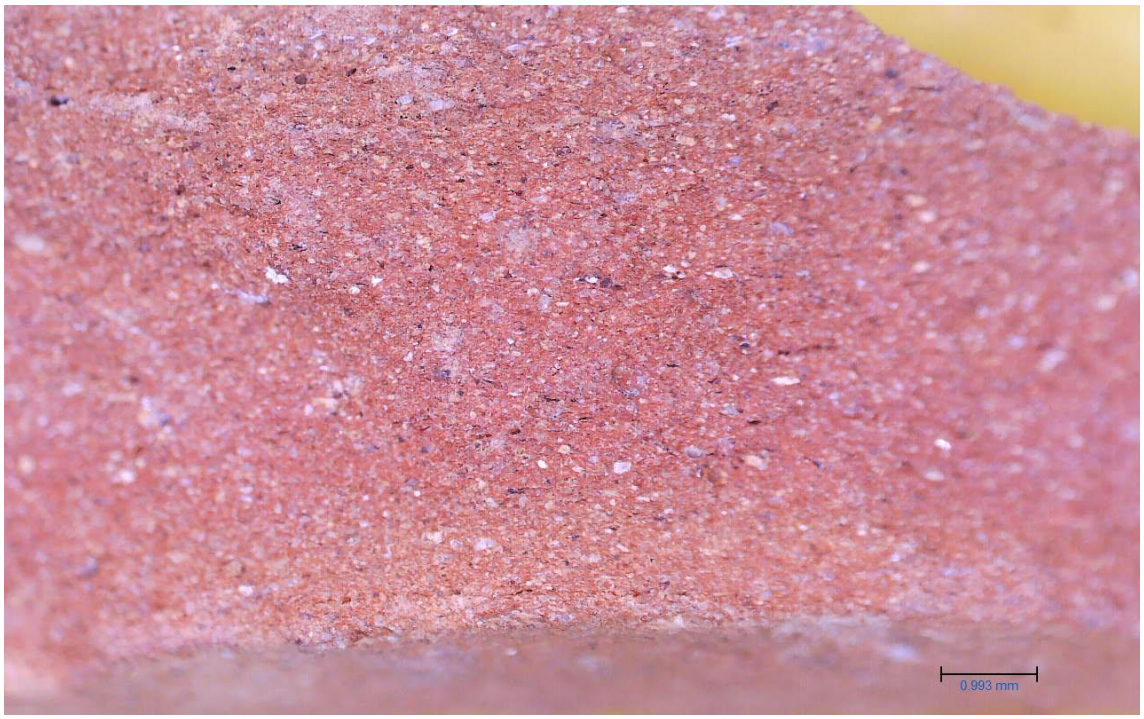
Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Indeterminada

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

RO. 25345

Fabrico: H



Origem proposta:

Indeterminada

Descrição:

Pasta com fractura regular. Fabrico pouco depurado com ENP de muito pequena dimensão, visíveis sobretudo macroscopicamente, com grande quantidade de moscovite, algum quartzo e alguns elementos indeterminados, podendo existir um raro vácuo pequena dimensão. Tonalidade avermelhada, com cozedura oxidante, tendo um engobe creme na superfície externa.

Tipos de ânforas afectos a esta produção recolhidos em Almoínhas:

Afim Keay IB / Dressel 30

Nº de inventário da ânfora com amostra em foto:

688